

**MARCO ANTÔNIO NAVARRO DA SILVA**

**OS SELOS DO *REICH*:**

**A FILATELIA COMO FORMA DE DIFUSÃO DA CULTURA  
POLÍTICA NACIONAL-SOCIALISTA (1933-1945)**

**BELO HORIZONTE**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – FAFICH**

**2014**

**MARCO ANTÔNIO NAVARRO DA SILVA**

**OS SELOS DO *REICH*:**  
**A FILATELIA COMO FORMA DE DIFUSÃO DA CULTURA**  
**POLÍTICA NACIONAL-SOCIALISTA (1933-1945)**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Histórias da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.**

**Linha de Pesquisa: História e Culturas Políticas**

**Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Patto Sá Motta**

**BELO HORIZONTE**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – FAFICH**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**2014**

907.2 Silva, Marco Antônio Navarro da  
S586s Os selos do Reich [manuscrito] : a filatelia como forma de  
2014 difusão da cultura política nacional-socialista (1933-1945) /  
Marco Antônio Navarro da Silva. - 2014.  
353 f. : il.  
Orientador: Rodrigo Patto Sá Motta.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

1.História - Teses. 2. Filatelia – Teses. 3.Cultura política – Teses. 4.Nazismo - Teses. 5.Selos postais - Teses. I. Motta, Rodrigo Patto Sá. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PÓS-GRADUAÇÃO  
historiaufmg

Dissertação defendida pelo aluno **Marco Antônio Navarro da Silva** em **28 de abril de 2014** e **aprovada**, pela banca examinadora constituída pelos(as) professores(as):

Prof. Dr. Rodrigo Patto Sa Motta (UFMG) - Orientador

Profa. Dra. Lúcia Grinberg (UNIRIO)

Prof. Dr. Élcio Cornelsen (UFMG)

*“Duas coisas são infinitas: o universo e a estupidez humana. Mas, no que respeita ao universo, ainda não adquiri a certeza absoluta.”*

(Albert Einstein)

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho, em especial:

Ao Professor Rodrigo Patto Sá Motta pelo apoio, dedicação e confiança;

Ao Programa de Pós-Graduação em História da UFMG (PPGH-UFMG), na pessoa do Professor José Newton Coelho Meneses, por terem disponibilizado todos os recursos ao seu alcance para a realização deste trabalho;

Aos amigos e colegas, em particular à Marco Aurélio Gomes Veado pelo auxílio.

Aos meus filhos, Raissa e Pedro, e minha esposa Renata, pelo apoio e paciência.

## RESUMO

O presente trabalho consiste numa investigação acerca da importância que os selos emitidos na Alemanha entre 1933 e 1944 tiveram na política de difusão das ideias nacional-socialistas. Para este empreendimento, foi realizada uma pesquisa em uma coleção particular que envolve um conjunto de 490 (quatrocentos e noventa) selos/blocos emitidos na Alemanha durante o período citado.

Nessa pesquisa, foi feita uma análise iconográfica dos selos/blocos e de sua relação com a política nazista na Alemanha. Em vários momentos, outros contextos históricos são abordados na dissertação a fim de se situar historicamente os alicerces da política nacional-socialista e também para que haja uma elucidação acerca do sentido de representações que se encontram nos selos e que remetem a períodos anteriores ao governo de Hitler.

Assim, em vários momentos, outros contextos históricos são abordados na dissertação a fim de se situar historicamente os alicerces da política nacional-socialista e também para que haja uma elucidação acerca do sentido de representações que se encontram nos selos e que remetem a períodos anteriores ao governo de Hitler.

Num aspecto geral, apresenta a busca pelas causas, motivos, e circunstâncias do apoio político de boa parte da população alemã que conferiu a legitimidade e os meios humanos necessários para a condução das políticas do governo hitlerista, lançando mão de um recurso teórico que se mostra bastante adequado ao tipo de reflexão histórica, o conceito de cultura política.

Deste modo, guiado por pressupostos teórico-metodológicos da área de História e Sociologia, dentre outras, foi possível verificar nos selos postais nazistas, do período correspondente à Segunda Guerra Mundial, a contribuição para a propagação da cultura política nacional-socialista. Foram explorados, ainda, os valores conceituais históricos e seus aspectos simbólicos. Finalmente, a revisão bibliográfica permitiu compreender as características socioculturais da Alemanha no período após a Primeira Guerra Mundial, base para a produção, distribuição e circulação desses artefatos, além da determinação de seus subsídios distintivos.

Palavras-chave: Coleção Filatélica. Cultura Política. Ideologia. Filatelia Temática. Nacional-Socialismo. Nazismo. Selos Postais. Segunda Guerra Mundial. Propaganda Político-Ideológica.

### **ABSTRACT:**

The present work consists in an investigation about the importance of the stamps printed in Germany between 1933 and 1944 as well as on the policy of dissemination of the ideas during the National Socialists era. For this effort, a search has been made in a private collection with 490 (four hundred and ninety) stamps which were printed in Germany during the above-mentioned period.

Besides, an accurate stamps iconographic analysis has been either made in order to find out their relationship with the Nazi policy in Germany. In other moments a several historical contexts were also discussed in order to historically situate the foundations of National Socialist policy and to provide an elucidation about the sense of representations found in those specific kind of stamps that refer to periods prior to Hitler's Government.

In a general manner, it aims to go after the main causes, motives and circumstances that justify the political support of German population to Hitler's policy as well as its legitimacy hence providing all the necessary human resources for such Hitler's behavior and his conduct to manipulating people through Government's policies, thanks to a theoretical resource which were quite adequate to the type of historical reflection according to the concept of political culture.

Thus, guided by some theoretical-methodological assumptions in the area of History and Sociology, among others, it was possible to check out on the Nazi postage stamps according to its corresponding period during World War II, which has widely contributed to the spread of the National Socialist ideology. Yet, it has been searched the historical and conceptual values regarding the symbolic aspects of such a study.

Finally, the reviewed literature one was allowed to understanding the socio-cultural characteristics of Germany in the period post-World War I, which has become the basis for the stamps production, distribution and circulation, as well as the determination of their distinctive subsidies.

**Key-words:** Philatelic Collection. Political Culture. Ideology. Thematic Philately. National Socialism. Nazism. Postage Stamps. The Second World War. Political-Ideological Propaganda.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
Capítulo 1 O SELO POSTAL COMO FONTE HISTÓRICA: USOS E METODOLOGIA	24
Capítulo 2 A CULTURA POLÍTICA <i>NATIONALSOZIALISTISCHE</i> (NACIONAL-SOCIALISTA)	49
2.1 CULTURA POLÍTICA: CONCEITO E PROBLEMATIZAÇÕES	49
2.2 A PROPAGANDA NAZISTA: IMAGEM, IMAGINÁRIO E OUTRAS REPRESENTAÇÕES	59
Capítulo 3 OS SELOS DO REICH: INTRODUÇÃO AO CAPÍTULO	71
3.1 OS SELOS DO REICH – Selos	75
3.2 OS SELOS DO REICH – Simbologia Geral - Águia, Suástica, Saudação	83
3.3 OS SELOS DO REICH – Adolf Hitler	111
3.4 OS SELOS DO REICH – Arquitetura e Arte	136
3.5 OS SELOS DO REICH – Corpo e Esportes	180
3.6 OS SELOS DO REICH – Grande <i>Derby</i>	195
3.7 OS SELOS DO REICH – Mãe Alemanha	207
3.8 OS SELOS DO REICH – Meios de Transporte e Tecnologia	220
3.9 OS SELOS DO REICH – Militarismo e o Mito do Herói	246
3.10 OS SELOS DO REICH – Música e Poesia	283
3.11 OS SELOS DO REICH – Personalidades Germânicas	296
3.12 OS SELOS DO REICH – Trabalho	309
CONSIDERAÇÕES FINAIS	331
FONTES	335
BIBLIOGRAFIA	336

## INTRODUÇÃO

A filatelia<sup>1</sup> é um passatempo que tem fascinado muitas pessoas em várias partes do mundo, desde o século XIX. Ser filatelista<sup>2</sup>, em síntese, não quer dizer apenas possuir em suas mãos um punhado de selos postais<sup>3</sup>. Ao se debruçar especificamente sobre seu objeto, o colecionador não o faz com a simples intenção de possuí-lo e enquadrá-lo dentro de um catálogo de referência, tampouco pretende que fique guardado em alguma prateleira ou gaveta: ao guardar os selos, o colecionador empreende um verdadeiro estudo desses artigos e os organiza em uma coleção que pode ser enquadrada como geral ou temática. Uma coleção temática apresenta suas peculiaridades, pois o filatelista dedicou tempo e dinheiro para organizá-la dentro de uma lógica estabelecida já no início do século XX e reuniu também informações sobre os selos do tema escolhido. Isso contribui para despertar a curiosidade da sociedade em geral e pode transformar a coleção numa fonte importante de pesquisa.

---

<sup>1</sup> Filatelia – arte e ciência de colecionar selos postais. O termo filatelia, proveniente do francês *philatélie*, originou-se de um neologismo a partir de duas palavras gregas: *philos* (“amigo” ou “que tem afinidade por”) e *atáleia* (“isenção de taxas” ou “impostos”), surgindo com os primeiros selos postais. In: DICIONÁRIO Filatélico. *Associação Brasileira de Filatelia Temática – ABRAFITE*, São Paulo. Disponível em: <<http://www.abrafite.com.br/dicionario.htm>>. Acesso em: 22 nov. 2012.

<sup>2</sup> Filatelista – o colecionador de selos. Pessoa que coleciona metodicamente selos postais e peças filatélicas. Idem, Ibidem.

<sup>3</sup> Selo Postal – espécie de etiqueta de papel, adesiva ou não, representativa de um valor e destinada ao pagamento do porte da correspondência enviada via correios. Idem, Ibidem.

Desde o surgimento dos selos postais modernos na Inglaterra, em maio de 1840, milhares de peças filatélicas vêm circulando por todo o mundo. Boa parte destas emissões, na condição de selos novos<sup>4</sup>, vai parar em coleções onde são conservadas como quando emitidas, convertendo-se em testemunhas históricas permanentes das transformações sociais. As imagens e os textos contidos nos selos são documentos que preservam a história da humanidade.

Dentre as diversas temáticas<sup>5</sup> abordadas pela filatelia mundial, qualquer que tenha sido sua importância ou época, desde personagens históricos ou avanços tecnológicos, ou mesmo a chegada do homem à Lua, nenhum fato foi ou continua a ser alvo de tantas manifestações filatélicas e com tamanha assiduidade como a Segunda Guerra Mundial. As estampas produzidas durante esse período são particularmente significativas na medida em que várias emissões filatélicas dos mais diferentes países foram utilizadas ostensivamente como meio de divulgação de propaganda político-ideológica. Os selos desse período, portanto, constituem um importante material para uma análise dos embates que marcaram o momento da Segunda Guerra Mundial.

Foi neste contexto que elegemos como objeto de nossa análise os selos e blocos emitidos pela Alemanha Nacional-Socialista para os mais diversos usos<sup>6</sup>, entre os anos de 1933 a 1945. Nosso marco temporal apresenta como ponto inicial a ascensão de Adolf Hitler ao poder e a consequente construção de um aparato de propaganda político-ideológica, como instrumento de legitimação do projeto nacionalista, racista e antisemita, que o Nacional-Socialismo pretendia empreender, fundamentado na necessidade de unir os povos de língua e cultura germânica no que seria a Grande Alemanha. O ponto final de nossa pesquisa é a derrota da Alemanha e o consequente encerramento da Segunda Grande Guerra.

Ao analisar o selo tendo em vista o contexto histórico em que foi emitido, o historiador, à semelhança do que faz o filatelista, busca, por meio das estampas, desvendar acontecimentos políticos e aspectos sociais e culturais de uma determinada época. Nesse sentido, essas duas atividades se aproximam em função da curiosidade e do interesse que ambas apresentam pelo acontecimento histórico e suas repercussões.

---

<sup>4</sup> Selo Novo – peça em perfeito estado de conservação, sem qualquer sinal de utilização postal, ou seja, que não foi carimbado, não circulou. Idem, Ibidem.

<sup>5</sup> Filatelia Temática – é a parte da Filatelia na qual a coleção tem por finalidade contar uma história, analisando um tema específico ou mesmo defendendo uma tese. Idem, Ibidem.

<sup>6</sup> Os selos nazistas foram classificados como: selos comemorativos, selos regulares, selos para jornal, selos aéreos, selos de serviço e selos para franquia militar; enquanto que os blocos foram emitidos com a finalidade comemorativa. As peculiaridades destes serão apresentadas no decurso deste trabalho.

As expressões gráficas presentes nos selos emitidos no período correspondente ao Terceiro *Reich* são extremamente ricas em informações. O simbolismo presente nos selos e blocos nazistas, além de historicamente interessantes, constituem uma amostra de como era construída a propaganda nazista: por meio deles, podemos reconhecer uma parte importante do discurso político-ideológico elaborado pela doutrina nacional-socialista. Os selos oferecem ao pesquisador que se volta para a análise do discurso visual do nazismo diferentes possibilidades de trabalho de interpretação.

As práticas totalitárias do regime nazista incluíram a filatelia como forma de divulgação de sua propaganda político-ideológica, o que ajudou na difusão das ideias nacional-socialistas pelo mundo. A partir de 1933, dirigentes alemães conhecedores do potencial publicitário inerente às peças filatélicas, atribuíram um papel de destaque a estas emissões na divulgação de imagens que representassem a Alemanha nazista, internamente e no exterior, numa época em que grandes mudanças político-sociais se faziam presentes.

Inicialmente, foram realizadas emissões de selos<sup>7</sup> e blocos comemorativos<sup>8</sup> com a intenção de excitar o nacionalismo já existente e justificar a superioridade da raça ariana e sua ascendência sobre todos os outros povos. Foram abordados temas como: cultura, meios de transporte, militarismo, trabalho, dentre outros. Um exemplo do emprego da filatelia pelos nazistas para a divulgação de sua propaganda político-ideológica foi a utilização do folclore alemão e austríaco, por meio de representações de motivos culturais como suas vestimentas características, o que remetia a um imaginário comum aos povos de origem germânica.

Para elaborar uma lista deste material, foram utilizados os próprios selos acondicionados em um classificador<sup>9</sup> e a consulta sistemática aos tradicionais catálogos filatélicos<sup>10</sup> existentes, como o alemão *Michel Briefmarken-Katalog*, publicado desde 1910, e o francês *Yvert & Tellier*, impresso desde 1896<sup>11</sup>. Ambos foram consultados para a construção desta dissertação, porém foi deste último que se extraiu mais informações utilizadas para a identificação dos selos.

---

<sup>7</sup> Ver nota anterior.

<sup>8</sup> Bloco Comemorativo – emitido com a intenção de comemorar acontecimentos ou fatos significativos, homenagear personagens de destaque, exaltar eventos relacionados à história, à cultura e às tradições de um país, circulando por tempo limitado. DICIONÁRIO Filatélico, Ibidem.

<sup>9</sup> Classificador – livro de folhas grossas (papelão ou similar), revestido com papel branco ou preto, com tiras transparentes, onde se colocam os selos com o auxílio de pinça. Existem diversos tipos, desde o pequeno, de bolso, até os de grande porte. Os classificadores são úteis para a conservação do selo e facilitam sua ordenação, classificação e separação. Não confundir com Álbum. Idem, Ibidem.

<sup>10</sup> Catálogo Filatélico – é uma espécie de guia que contém a listagem de todos os selos em ordem de país, datas, emissões, valores, tiragens, etc., constituindo uma das principais fontes de referência para o filatelista. O primeiro catálogo surgiu na França no ano de 1861. Idem, Ibidem.

<sup>11</sup> *Yvert et Tellier: Cent ans d'histoire*. Amiens: Yvert et Tellier, 1996.

O motivo que nos levou a estudar a iconografia presente nas emissões filatélicas nazistas foi, inicialmente, o interesse em averiguarmos o contexto histórico do qual se originaram, para posteriormente avaliarmos sua contribuição para a divulgação da cultura política nacional-socialista. Tal abordagem possui grande relevância quando se tem em vista a influência mundial dos valores nazistas no contexto em foco. Além disso, trata-se de um estudo pouco frequente na Filatelia, área em que predominam os trabalhos referentes à cor, a denteação<sup>12</sup>, a filigrana<sup>13</sup> ou a variedade<sup>14</sup> presentes nos exemplares.

Dada a importância histórica do tema, pretendemos lançar um pouco de luz sobre uma lacuna referente à análise da filatelia nazista. Com isso, buscamos atender tanto aos colecionadores de selos quanto oferecer uma contribuição historiográfica aos estudiosos deste período. Dessa forma, iremos associar um capítulo específico da história postal<sup>15</sup> alemã ao seu contexto mundial. A análise deste material se destina a tratar de uma considerável fonte de conhecimento, até então pouco explorada, e que foi utilizada como meio de difusão da ideologia nazista por todo o mundo.

Buscamos identificar e analisar as formas iconográficas utilizadas e ou representadas pela filatelia nacional-socialista, bem como temas políticos, ideológicos, históricos, sociais e culturais, alinhados em torno da figura do *Führer* (Líder) máximo do regime.

Considerando que os selos ajudaram a divulgar ideias, valores e representações da cultura nazista que perduraram por um considerável período de tempo, um fenômeno tão profundo que deixou marcas que persistem até os nossos dias, é importante, nesta introdução, a abordagem de um dos conceitos que norteiam nossa caminhada, o conceito de “Cultura Política”. Em nossa pesquisa, este conceito será uma categoria para analisarmos a representação de um grupo restrito (no sentido de um povo) e heterogêneo (no sentido social) de indivíduos que se reuniram em torno do princípio nacional-socialista, possuindo normas e valores duráveis que passaram a ter significado para um número cada vez maior de pessoas, refletindo em seus sentimentos, modos de agir e de pensar, em seu relacionamento com o outro e na maneira como viam o mundo que os cercava. A definição de cultura política será analisada detalhadamente no capítulo 2.

---

<sup>12</sup> Denteação – Medida do número de picotes, em cada margem do selo. A denteação é obtida com o uso do odontômetro. DICIONÁRIO Filatélico, Ibidem.

<sup>13</sup> Filigrana – marca presente no papel utilizado para a confecção dos selos, sendo visível somente quando os mesmos são examinados contra a luz ou com auxílio do filigranoscópio e de benzina retificada. Atualmente não é mais usada, sendo substituída pela “fosforescência” do papel. Também chamada marca d'água. Idem, Ibidem.

<sup>14</sup> Variedade – selo que apresenta alguma característica que o distingue em relação ao selo tipo, originada na impressão. Idem, Ibidem.

<sup>15</sup> História Postal – uma coleção de História Postal é um conjunto de documentos ou objetos postais que foram transportados por um serviço postal oficial, local ou privado. Idem, Ibidem.

Ao associarmos a arena filatélica com o discurso científico, percebemos os selos postais como fontes primárias de informação, ou seja, um documento original que transmite conhecimentos sobre os “outros” e sobre nós mesmos, especificamente neste que é considerado um dos períodos históricos mais conturbados. Considerando as peculiaridades dessa fonte, bem como sua materialidade, os selos aqui abordados serão tratados como um objeto a ser estudado.

Como já demarcado, nossa análise se inicia em 1933, ano no qual Adolf Hitler prestou juramento oficial e assumiu o posto de *Reichskanzler* (Chanceler) na Câmara do *Reichstag* (Parlamento da Alemanha)<sup>16</sup>, sendo nomeado pelo então presidente, Hindenburg<sup>17</sup>. A ascensão de Hitler ao posto de Chanceler foi a concretização dos planos nazistas de chegar ao poder pelas vias legais e não pela força, decisão adotada após o fracassado *Putsch* da Cervejaria. Apoiado pelo *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* – NSDAP (Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães ou Partido Nazista), em 1934, após a morte de Hindenburg ocorreu a coroação de sua busca pelo domínio político na Alemanha, quando avocou a presidência, o que resultou no título de “Líder”<sup>18</sup>. A partir de então, surge o *Drittes Deutsches Reich* (Terceiro Império Alemão), que duraria mil anos, mas que terminou com a rendição alemã em maio de 1945 e o fim da Segunda Guerra Mundial. Este conflito bélico de grandes proporções gerou uma Europa estruturalmente devastada e com um balanço de, segundo Haywood<sup>19</sup>, mais de 50 milhões de mortos ou, citando Kinder et al.<sup>20</sup>, mais de 55

---

<sup>16</sup> Adolf Hitler foi nomeado Chanceler no dia 30 de janeiro de 1933, diante de centenas de simpatizantes nazistas, através de um ato legal do presidente Hindenburg que, por uma destas ironias da história, havia sido apoiado nas eleições de 1932 pelos partidos de centro por ser a única alternativa viável ao próprio Hitler, não prevendo que este seria o fim da República de Weimar.

<sup>17</sup> Paul Ludwig Hans Anton von Beneckendorff und von Hindenburg (1847-1934) – marechal de campo prussiano-alemão, estadista e político. Lutou na Primeira Guerra Mundial e, posteriormente, eleito o segundo presidente da Alemanha, exercendo seu mandato entre 1925 e 1934.

<sup>18</sup> A Constituição de Weimar (1919) estabelecia a divisão do poder executivo, sendo: o Presidente do *Reich*, eleito por toda a nação alemã (Artigo 41) e, assim, o representante “supremo” da Alemanha e que, devido ao grande poder centralizado em suas mãos, era oficiosamente chamado de “substituto do imperador” ou “imperador-substituto”; e o governo (administração interna) do *Reich*, composto pelo Chanceler do *Reich* e, a seu pedido, os ministros de *Reich*, nomeados e demitidos pelo presidente (Artigo 53). Eram meros funcionários do Estado possuindo pouca autonomia, pois suas decisões deveriam ser aprovadas pelo presidente do *Reich* (Artigo 55). No caso do presidente não estar disponível ou ter seu mandato interrompido prematuramente, caberia ao chanceler substituí-lo brevemente ou até serem realizadas novas eleições (Artigo 51). Apesar da ascensão nazista ao poder a Constituição de Weimar vigorou até o ano de 1945. Disponível em: <[http://www.zum.de/psm/weimar/weimar\\_vve.php](http://www.zum.de/psm/weimar/weimar_vve.php)>. Acesso em: 08 out. 2013.

<sup>19</sup> HAYWOOD, John. Colônia: Könnemann, 2001.

<sup>20</sup> KINDER, Hermann, HILGEMANN, Werner & MENZE, Ernest A. *The Anchor Atlas of World History: From the French Revolution to the American Bicentennial*. 1978. v. 2.

milhões de vidas humanas perdidas, existindo estimativas que ultrapassam os 70 milhões mortos<sup>21</sup>.

As observações aqui registradas não buscam justificar a existência do regime político de caráter totalitário arquitetado por Adolf Hitler e seus asseclas, muito menos tornar aceitável o apoio que esta ideologia recebeu de todas as camadas sociais. Procuramos, entretanto, compreender o modo como os “Selos do *Reich*” contribuíram para a difusão da propaganda política e ideológica do Estado nacional-socialista, o qual reuniu em sua volta uma grande quantidade de simpatizantes da causa nazista, fazendo com que acreditassem realmente na possibilidade de criação de uma *Großdeutschland*<sup>22</sup> (Grande Alemanha)<sup>23</sup>.

Alguns questionamentos orientaram nossa pesquisa. A partir deles buscamos construir um olhar acerca deste período que abrisse novas possibilidades de análise da realidade alemã. Estas perguntas serão abordadas nos capítulos que se seguem, os quais nos permitirão entender um pouco mais a respeito da força que a propaganda filatélica nazista exerceu em seu tempo e o fascínio que ainda continua a exercer.

Como dissemos anteriormente, as fontes primárias utilizadas nesta pesquisa foram os selos e blocos emitidos na Alemanha Nacional-Socialista no período de 1933 a 1945. Contudo, para contribuir para o correto entendimento por parte dos leitores que não possuem conhecimento dos termos utilizados no colecionismo de selos, muitas vezes desconhecidos no ambiente acadêmico, quando se fizer necessária a explicação desta terminologia filatélica, será consultado o DICIONÁRIO FILATÉLICO da Associação Brasileira de Filatelia Temática – ABRAFITE<sup>24</sup>, sendo oportunamente apresentados conceitos básicos na forma de notas de rodapé.

---

<sup>21</sup> Devido aos diferentes métodos empregados para a mensuração do número de mortos na 2ª Guerra Mundial, existem divergências nas fontes acadêmicas quanto a estas estimativas. Disponível em: <<http://necrometrics.com/20c5m.htm>>. Acesso em: 09 ago. 2012.

<sup>22</sup> *Großdeutschland* – o conceito de Grande Alemanha está intimamente ligado ao de *Lebensraum* (espaço vital), podendo ser apresentado como a criação de um estado-nação com as dimensões necessárias para acomodar “todos os povos de língua germânica”. Discurso recorrente no ideário nazista, já vinha sendo defendido desde o século XIX, com a difusão da ideia de uma Alemanha unificada. Nas discussões que precederam a formação do Império Alemão em 1871, o ponto central girava em torno dos debates sobre quais Estados deveriam integrar o reino alemão. Membros da Confederação Germânica do Norte defendiam sua unificação com a Prússia e a Áustria – então parte do Império Austro-Húngaro, do qual não queria se separar –, constituindo a *Großdeutsche Lösung* (Grande solução alemã). O outro lado defendia a retirada do Império Austríaco do projeto, pois, a inclusão da Hungria entrava em contradição com as ideias de um Estado Nacional alemão, surgindo a *Kleindeutsche Lösung* (Pequena Solução Alemã), que prevaleceu em 1871.

<sup>23</sup> O primeiro dos 25 itens da base da plataforma de ação política e econômica nazista, pregava a reunião de todos os alemães na Grande Alemanha, com o objetivo de assegurar, preservar e ampliar sua integridade racial.

<sup>24</sup> ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE FILATELIA TEMÁTICA – ABRAFITE. *Dicionário Filatélico*. São Paulo. Disponível em: <<http://www.abrafite.com.br/dicionario1.htm>>. Acesso em: 09 ago. 2012.

Na construção do nosso argumento, algumas obras e autores constituem referência central. Em primeiro lugar, elencamos a obra “A invenção das tradições”<sup>25</sup>. Nela, Hobsbawm & Ranger defendem que, como reflexo das profundas e rápidas transformações sociais do século XIX, nesse período, foram criadas várias tradições. Embora este fenômeno tenha ocorrido em todo o mundo, na Europa ele materializou-se com uma frequência excepcional no período de 30 a 40 anos antes da Primeira Guerra Mundial. Outro autor de importância crucial para nossa pesquisa é o russo Poliakov<sup>26</sup>, que analisa a questão do mito ariano sob uma ótica de longa duração, descrevendo a construção de genealogia nacional distinta, assimilada e conduzida pelos “sábios” europeus desde a Idade Média, e que se tornaram as bases do arianismo. O historiador destaca a influência dos “antigos mitos de origem” europeus que, combinado com as teorias “científicas” raciais do século XIX, compuseram o sustentáculo ideológico para o surgimento do excludente e segregacionista mito ariano, presente no discurso nacional-socialista. Em terceiro lugar, trabalhamos também com a obra de Pennick<sup>27</sup>, para o qual o Nazismo, longe de ser apenas uma “doutrina política”, fora uma deliberada tentativa de se criar a “raça superior”, mensagem que, como será visto, estava vivamente presente nas representações filatélicas da época.

Em quarto lugar, abordaremos em nossa discussão o trabalho de Paxton, que remonta as origens do fascismo, na Itália no ano de 1919, recuperando o seu conceito original e delineando seu intrincado percurso histórico. Como o autor bem explicita no decorrer de seu trabalho, não devemos examinar isoladamente o líder para compreender o fascismo, mas sim examinar “as interações entre o Líder e a Nação e entre o Partido e a sociedade civil”<sup>28</sup>, o apresentando como uma das grandes inovações políticas do século XX, que se fundamentou em um complexo e eficiente sistema de propaganda que motivou um sentimento de pertencimento a uma “comunidade imaginada”, indispensável para sua condição de movimento de massas, além de configurá-lo como uma forma revolucionária. Paxton defende ainda que, apesar de existirem distinções, não podemos diferenciar radicalmente o regime italiano e o regime alemão, pois fazem parte de um mesmo fenômeno, caracterizado por ser um movimento extremamente popular de luta contra a esquerda e contra o individualismo liberal. Finalmente, Lacou-Labarthe & Nancy que apontaram “a natureza própria” do

---

<sup>25</sup> HOBBSAWM, Eric J.; RANGER, Terence (Orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 271.

<sup>26</sup> POLIAKOV, Léon. *O mito ariano: ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos*. São Paulo: Editora Perspectiva: USP, 1974. (Estudos, 34).

<sup>27</sup> PENNICK, Nigel. *As ciências secretas de Hitler*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.

<sup>28</sup> PAXTON, Robert Owen. *A Anatomia do Fascismo*. Tradução de Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p.23.



fascismo ocorrido na Alemanha, ou nacional-socialismo, descrevendo-o como um fenômeno exclusivamente alemão e que abarca em seu seio o racismo como ideologia<sup>29</sup>, analisando o seu devir.

Os autores acima foram referência central, mas, naturalmente, não serão os únicos abordados. Em nossas discussões conceituais, teceremos considerações relacionadas à simbologia nazista da perfeição física, do racismo, do antissemitismo e do ódio dirigido a outras minorias. Analisaremos também a forma como parte dos nazistas se apropriou de vários símbolos já utilizados por civilizações antigas no intuito de justificar um imperialismo partidário e defensor do uso da força bélica. Serão ainda abordados temas relacionados à disciplina, à educação, à moral, ao nacionalismo exaltado e ao trabalho, e conceitos como o de *Lebensraum* (espaço vital), “isto é, obter, ou conquistar, se necessário fosse, mais terras para colonização alemã no leste da Europa, incluindo a Rússia”<sup>30</sup>.

Conceitos como os apontados acima perpassam a ideologia do enfraquecimento da raça causada pela diversidade étnica e linguística ocasionada pelos considerados *lebensunwertes Leben* (Vida indigna da vida; Vidas que não merecem ser vividas)<sup>31</sup>, presente nos escritos de intelectuais e artistas alemães, então amplamente difundidos, como nos cartazes de propaganda antissemitas.

Para compreender melhor o lugar dos selos na cultura nazista é importante considerar o uso que fizeram da “propaganda de massa”, grande aliada do Terceiro *Reich*, que adquiriu importância crucial durante a Segunda Guerra Mundial com a divulgação e aperfeiçoamento dos métodos já utilizados na Primeira Guerra Mundial, principalmente os audiovisuais, como programas de rádio, cartazes e panfletos. Os selos fizeram parte dos esforços da propaganda nazista, cuja intenção era massificar sua influência política, social, ideológica e cultural, obtendo legitimidade apoiada na aceitação por grande número de pessoas que sentiam afinidade com suas ideias, dentro e fora da nação alemã. Neste contexto, podemos citar como exemplo de propaganda de massa a publicação da *Reichsflaggengesetz* (Lei da Bandeira do *Reich*)<sup>32</sup>. Por meio dela, o emblema nacional alemão foi alterado e a suástica, variação de um

<sup>29</sup> LACOUÉ-LABARTHE, Philippe; NANCY, Jean-Luc. *O mito nazista*. São Paulo: Iluminuras, 2002. p. 27.

<sup>30</sup> LUKACS, John. *O Hitler da História*. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 101.

<sup>31</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. O nazismo e a produção da guerra. In: *Revista USP*, São Paulo, n. 26, jun./jul./ago. 1995.

<sup>32</sup> A *Reichsflaggengesetz* (Lei da Bandeira do *Reich*), juntamente com a *Reichsbürgergesetz* (Lei da Cidadania do *Reich*) e a *Gesetz zum Schutze des deutschen Blutes und der deutschen Ehre* (Lei da Proteção do Sangue e Honra Alemães), fazem parte das *Nürnberger Gesetze* (Leis de Nuremberg), elaboradas por Adolf Hitler e membros do Partido Nacional Socialista Alemão dos Trabalhadores, por ocasião do Sétimo Congresso Anual do Partido em Nuremberg, adotadas a partir do dia 15 de setembro de 1935.

símbolo de presença anterior em várias culturas, dentre elas civilizações como a chinesa, egípcia, grega, romana e celta, para citar apenas algumas, ao lado de outras figuras já existentes como símbolo de sortilégio, passou então a ser utilizada pelos nazistas como símbolo oficial da nação alemã, condensando em sua figura sua ideologia.

Nas nossas pesquisas iniciais não foram encontradas obras relacionadas à filatelia alemã que respondessem as perguntas que se farão presentes neste estudo. Existem trabalhos sobre as insígnias, os cartazes de propaganda, o rádio, o cinema e a catalogação destes selos, mas nenhum estudo que tenha se proposto a analisar o conteúdo político da filatelia alemã nacional-socialista. Na filatelia predominam as obras voltadas para o caráter colecionista, e há poucas dedicadas ao estudo crítico, científico.

As emissões filatélicas aqui representadas foram utilizadas como fontes primárias, compondo o acervo representativo da estratégia colocada em prática para a divulgação dos valores ideológicos preestabelecidos pelo Estado nazista e difundidos junto as seus interlocutores. Neste aspecto, o selo representa um meio de comunicação, um texto a ser lido, com uma linguagem específica a cada um dos participantes deste diálogo, transmissor de mensagens que serão assimiladas de acordo com a vivência e o interesse de cada um.

A iconologia constitui parte de nossas referências teóricas. Por meio dela, é possível examinar o significado político, social e ideológico das imagens utilizadas e analisar como os nacional-socialistas se apropriaram de algumas simbologias que já existiam e como conseguiram transformá-las e utilizá-las em benefício próprio. Intenciona-se, ainda, enfatizar a importância das ideias socioculturais especificamente nazistas, como da busca da perfeição e da ideologia da superioridade da raça ariana, reiteradas de forma duradoura e obrigatória, associando-as a fatos ocorridos à época em que foram emitidos e refletidos nestas impressões, essenciais para a compreensão das representações simbólicas. Além do culto aos valores neoclássicos e a apologia ao arianismo citadas, abordaremos a mensagem semântica transmitida pelos selos, que devido ao seu tamanho reduzido é pouco utilizada, mas ainda possível de ser encontrada nos exemplares filatélicos, de fácil identificação por parte de seus adeptos, por já estarem presentes em outras formas de mídia utilizadas pela máquina de propaganda nazista, como os cartazes, o cinema, o rádio, etc. Isso pode ser observado nas sinopses dos capítulos que compõem este trabalho, e que serão detalhadamente analisadas em momento oportuno.

Assim, a filatelia em seus aspectos históricos, artísticos e testemunhais, contribui para o conhecimento histórico na medida em que possibilita entrever as particularidades de uma época, fornecida através da análise de sua iconografia. A metodologia científica que

sempre tem balizado os trabalhos acadêmicos também se aplica à filatelia uma vez que sua prática implica uma metodologia adequada. Deste modo, os selos objeto deste estudo apresentam estampas que fazem referência a símbolos nazistas, a idolatria à figura do líder – dentre outros temas –, analisados através de um estudo iconográfico, abordando o controverso ideário e representações presentes nos selos emitidos sob a orientação do então chanceler alemão Adolf Hitler. O estudo permitirá constatar que os selos postais, assim como outras mídias utilizadas na época, difundiram informações teóricas e técnicas e contribuíram para a difusão de uma cultura política organizada, através de uma propaganda político-ideológica eficiente.

A primeira parte de nosso estudo, nomeada “*Os selos postais como fonte histórica: usos e metodologia*” dedica-se à abordagem do surgimento dos selos postais e sua evolução no mundo. Os selos foram criados com o objetivo de autenticar essencialmente as correspondências oficiais. Durante a Idade Média foi desenvolvida uma rede de correios estatal e privada, ampliada ao longo dos séculos e que assumiu, no século XIX, as características que perduram até os dias atuais.

Nesta parte, levantaremos a etimologia do termo “selo” e a evolução de seu significado. Além disso, trataremos das causas do surgimento e aperfeiçoamento do sistema de correios, dos primeiros selos adesivos como são conhecidos e o contexto social no qual estavam inseridos. Em seguida, abordaremos primeiramente sua influência no sistema postal brasileiro e, posteriormente, no alemão. Discutiremos, também, o selo como elemento capaz de expressar relações de poder e sua inserção num contexto de desenvolvimento tecnológico e transformação social.

Além dos selos e blocos, alguns catálogos especializados fazem parte do nosso *corpus* documental. Publicados em diversas línguas, estes catálogos trazem os dados do “nascimento” do selo e são utilizados para identificação de cada documento filatélico, além de servirem como parâmetro internacional relacionado ao valor monetário de cada selo e suas variedades, caso existam. O primeiro contato com nossas fontes foi feito por meio de catálogos filatélicos, como o alemão *Michel Briefmarken-Katalog*<sup>33</sup> e o francês *Yvert & Tellier*<sup>34</sup>, sendo este último o adotado como a principal referência para a construção desta dissertação. O catálogo *Michel* nos ajudará na complementação das informações sobre os

---

<sup>33</sup> MICHEL Briefmarken-Katalog Deutschland 1987/88. Munique: Schwaneberger Verlag, 1987.

<sup>34</sup> YVERT ET TELLIER. *Catalogue de Timbres-Poste*. Cent Septième Année: Tome III – Europe de L'Ouest (1ª Partie Allemagne à Grèce) - 2003. Laval, France: IMAYE, 2002.

selos postais emitidos pela Alemanha e, também, para discernir quaisquer dúvidas que porventura possam surgir<sup>35</sup>. Como as características identificadoras dos selos postais não se alteram com o passar do tempo, somente os preços pagos para sua aquisição variam anualmente, foi utilizado para a confecção deste trabalho o *Yvert et Tellier* emitido no ano de 2002.

Tomando por ponto de partida as questões suscitadas e a problematização das fontes, embasados no quadro teórico que será o alicerce do exame histórico aqui proposto, e na tentativa de levantarmos os detalhes existentes nos selos, a mensagem explícita e, sobretudo, a mensagem subjetiva presente nas representações ou frases impressas em cada peça filatélica, devemos pensar num conceito mais amplo que o de ideologia. Neste ensejo, recorreremos ao auxílio de um recurso teórico já abordado anteriormente e que abrange um conjunto diversificado de elementos que contribuíram para o surgimento de uma situação particular, a concepção do termo “Cultura Política”, cujo conceito, de grande importância para o embasamento teórico do trabalho, será especificado na primeira parte do segundo capítulo. Intitulado “*A cultura política nationalsozialistisch (nacional-socialista)*”, traz como primeira seção, o item “*Cultura política: conceito e problematizações*”. Nesta seção introdutória do segundo capítulo, pretende-se analisar o debate gerado por esta categoria conceitual, que traz à tona perspectivas e opiniões que ajudam na elaboração de uma análise profunda do legado deixado pelos nazistas na política, na sociedade e na cultura alemã nas décadas de 1930 e 1940, e que perdura até nossos dias. A constatação de que, inclusive nesta cultura política, a filatelia foi utilizada como uma das formas de difusão da propaganda política nacional-socialista torna o tema ainda mais interessante.

Para compreendermos o significado de cultura política, é necessário que previamente se faça uma discussão acerca do conceito de cultura. Deste modo, na passagem do século XVIII para o XIX a palavra germânica *Kultur* era empregada para designar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto o vocábulo francês *Civilization* dizia respeito especialmente às relações materiais de um povo. Foi Edward Tylor quem primeiro englobou os dois significados em uma só expressão, no termo inglês “*Culture*, que ‘tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como

---

<sup>35</sup> Os países de língua germânica e os países do leste europeu se utilizam mais do catálogo de selos *Michel*. Assim como nos países de língua inglesa é utilizado o catálogo de selos *Scott*. O catálogo de selos *Yvert & Tellier* é geralmente utilizado pelos colecionadores que falam línguas latinas, o que o justifica como referência para esta obra.

membro de uma sociedade”<sup>36</sup>, colocando-o em oposição à consideração de que seria transmitida por mecanismos biológicos.

A segunda seção do capítulo 2, intitulada “*A propaganda nazista: imagem, imaginário e outras representações*” destina-se à problematização e delimitação dos instrumentos teóricos que compõem o sustentáculo de nossa análise dos selos postais alemães.

Partindo do pressuposto de que as imagens são construídas sobre as informações motivadas por experiências visuais anteriores, elas nem sempre retratam algo concreto, mas se apresentam como uma representação possível do objeto externo que a motivou<sup>37</sup>.

Neste sentido,

Representação e imagens não são meramente formas de expressão para divulgação de informações, ou representações naturais, mas são, acima de tudo, textos especialmente construídos que revelam as nossas relações com a sociedade e com o que a sociedade representa<sup>38</sup>.

A representação é a interpretação que fazemos do real, numa tentativa de captar o que só existe a partir dos símbolos que nós atribuímos à realidade percebida<sup>39</sup>. Para Jung:

O que chamamos símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós. [...]

Assim, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem têm um aspecto “inconsciente” mais amplo, que nunca é precisamente definido ou de todo explicado. E nem podemos ter esperanças de defini-la ou explicá-la. Quando a mente explora um símbolo, é conduzida a ideias que estão fora do alcance da nossa razão<sup>40</sup>.

---

<sup>36</sup> LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: Um Conceito Antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1997. p. 25.

<sup>37</sup> LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana S. *O que é imaginário*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2003. (Coleção Primeiros Passos, 309). p. 10.

<sup>38</sup> DIONISIO, Ângela Paiva. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A.M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, R.S. (Org.). *Gêneros Textuais: reflexão e ensino*. União da Vitória: Kaygange, 2005.

<sup>39</sup> LURKER, Manfred. *Dicionário de Simbologia*. Tradução de Mário Krauss e Vera Barkow. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 338.

<sup>40</sup> JUNG, Carl Gustav (Org.). *O Homem e seus Símbolos*. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1967. p. 20-21.

Deste modo, “o símbolo é sinal visível de uma realidade invisível”<sup>41</sup>. Ele é convencionalizado pela cultura<sup>42</sup>, situa-se na essência de uma sociedade, ultrapassa o seu referencial apresentando o objeto sob outro olhar. Agindo por meio de estímulos afetivos, consegue estimular ações, mobilizar toda coletividade em torno de normas próprias. Devido à sua eficácia e amplitude, os símbolos ainda são frequentemente empregados pelos ditadores na tentativa de guiar as massas, sendo utilizados como meio de gerar sentimentos de pertencimento e, simultaneamente, explorar as emoções das multidões, principalmente, através da criação de ritos e rituais.

O rito apresenta na sua “teatralização”, as ações, as emoções, os anseios e as transformações mais importantes vividas pelas pessoas e percebidas por meio de seus símbolos. Ele possui a propriedade de transportar o indivíduo a um estado místico, etéreo. Assim, os símbolos, às vezes podem tomar a forma de ritos, ou seja, de ações reais simbólicas, que proporcionam ao indivíduo uma sensação, muitas vezes seja artificial, de realização de suas pretensões. Segundo Alfred Rosenberg, cofundador do NSDAP e um dos principais ideólogos nazistas:

A vida de uma raça, de um povo, não é uma filosofia com desenvolvimento lógico, nem mesmo um processo que se desenrola em termos de direito natural. É a formação de uma síntese mística, de uma atividade da alma, que não pode ser explicada pela dedução racional nem se fazer inteligível através de análises de causa e efeito<sup>43</sup>.

O mito, por sua vez, é um reflexo da história e da vida social do indivíduo, caracteriza-se por pertencer à coletividade e se relaciona com as experiências cotidianas. Segundo Freud é o sonho coletivo produzido pelos indivíduos. Ele justifica, inspira e mantém a essência de um grupo, de uma sociedade ou um povo. Segundo Tchakhotine<sup>44</sup>: “Enquanto o

---

<sup>41</sup> LURKER, Ibidem. p. 656.

<sup>42</sup> PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. 5.ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005. (Estudos, nº 46). p. 76.

<sup>43</sup> ROSENBERG, Alfred. *The life of a race, of a people, is not a philosophically logical development, nor even a process which unfolds in terms of natural law*. In: \_\_\_\_\_. *The Myth of the 20th Century*. Disponível em: <[http://www.whitehonor.com/alfred\\_rosenberg\\_the\\_myth\\_of\\_the\\_twentieth\\_century.pdf](http://www.whitehonor.com/alfred_rosenberg_the_myth_of_the_twentieth_century.pdf)>. Acesso em: 10 out. 2012. p. 27.

<sup>44</sup> Sergei Stepanovich Tchakhotine ou Tschachotin (1883 - 1973) – cientista russo, estudou zoologia e biofísica. Com base na teoria dos reflexos condicionados de Ivan Petrovich Pavlov (ver mais detalhes na página 61), com quem trabalhou, estudou os diferentes mecanismos de criação de reflexos condicionados através da propaganda política. Foi considerado um dos criadores da moderna propaganda e um dos principais teóricos da psicologia das massas do século XX.

rito subsiste na vida social, o mito tem também a possibilidade de durar e de exercer seu poder sobre os homens, mas, cai em desuso, se o rito é abandonado”<sup>45</sup>.

Em seguida, no mesmo capítulo, faremos o levantamento de algumas questões pertinentes à cultura política nacional-socialista e sua aceitação, não somente na Alemanha, mas em outros locais da Europa e ao redor do mundo, com a constituição de um diálogo entre as fontes empregadas, as especificidades de sua criação e o seu uso como forma de autoafirmação do poder vigente. Almejamos demonstrar a importância do selo postal para a política hitlerista, além de indicar possíveis mensagens que as estampas veiculavam ao observador, sendo ela, uma mensagem iconográfica, isto é, os temas ou assuntos presentes no selo, e uma mensagem iconológica, subjetiva tanto para o emissor quanto para o receptor, do significado presente em cada representação iconográfica, nos diversos níveis de compreensão detalhados por Panofsky<sup>46</sup> e Burke<sup>47</sup>.

O próximo passo será a realização de um delicado procedimento de análise e interpretação da provável mensagem transmitida pelos selos ao seu público-alvo, ou seja, o que está implícito na figura, no desenho, no símbolo, na imagem estampada e transmitida. É importante ressaltar que não temos, nesta análise, a pretensão de esgotar a pluralidade de interpretações que o tema proporciona.

A esta tarefa será dedicado o terceiro capítulo “*Os selos do Reich*”. Nele, iremos concretizar a análise descritiva e a interpretação iconológica dos exemplares postais alemães. Para tal análise foram utilizadas como fontes iconográficas 490 selos e blocos inseridos em 147 emissões postais, realizadas pela Alemanha no período de 1933 a 1945. Estes selos e blocos foram divididos em doze temas ou subcapítulos, partindo-se de uma proposta de categorização que levou em conta as informações simbólicas organizadas de acordo com um recorte temático que levou em conta a iconografia apresentada em cada exemplar. Imagens confeccionadas por uns poucos artistas, que faziam parte de uma elite, que compunha uma parcela muito importante da base de sustentação do Terceiro *Reich* e da propaganda nacional-socialista.

Assim, a partir dos subcapítulos, os selos que apresentam elementos pictóricos comuns serão analisados nos temas pré-estabelecidos pelo autor. Não priorizamos, aqui, uma

---

<sup>45</sup> TCHAKHOTINE, Serge. *A mistificação das massas pela propaganda política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. p. 279.

<sup>46</sup> PANOFSKY, Ibidem.

<sup>47</sup> BURKE, Ibidem. p. 20-21.

divisão cronológica rígida, o que deixaria o capítulo repetitivo. Mas procuramos manter os selos numa relação direta com a seção em que foi inserido.

Cada parte apresentará sua peculiaridade que servirá de base para a identificação iconográfica original das diversas emissões realizadas. Todavia, alguns conceitos só farão sentido se recuperados em outras passagens, ou se associados a uma mensagem já apresentada e que se julgue ser de grande relevância sua repetição a fim de ilustrar da ideia original deste trabalho vindo a adquirir um sentido mais amplo.

Uma conclusão preliminar a que podemos chegar é a de que esta obra, dedicada ao estudo dos selos postais e de suas emissões é o resultado de um sério estudo dos documentos gráficos disponíveis por parte dos filatelistas, podendo ser considerados como uma apropriação de determinado momento histórico, e cuja análise, dependendo do local e do tempo, pode variar. Assim, os selos e blocos adotados que apresentam como tema a Alemanha nazista, assim como outras fontes de informação disponíveis, constituem um repertório amplo e complexo de imagens que chegaram intactos ao presente.



## Capítulo 1 O SELO COMO FONTE HISTÓRICA: USOS E METODOLOGIA

Selos são pequenas estampilhas adesivas, geralmente de papel, utilizadas para comprovar o franqueamento de objetos postais ou o pagamento de prestação de serviços postais. Eles são ilustrados com motivos de cunho artístico e cultural alusivos a temas específicos, razão pela qual se tornam peças de colecionamento muito procuradas e de alto valor agregado. Para ser reconhecido internacionalmente, todo selo emitido precisa ter o seu Edital, uma espécie de “Certidão de Nascimento” em que estão detalhadas todas as características da emissão<sup>48</sup>.

Desde os tempos mais antigos, a necessidade de comunicação manifestou-se entre a espécie humana seja por meio da fala, de sinais, ou ainda com algum registro material, como no caso das pinturas rupestres e, posteriormente, com o nascimento da escrita, inicialmente feita com inscrições esculpidas em pedra, depois em argila e em rolos de papiro.

Os primeiros selos provavelmente se originaram da utilização de símbolos de identificação pessoal ou coletiva já existentes, confeccionados em cerâmica ou pedra, com os mais diversos motivos. Como medida de segurança, as peças eram presas ao pescoço por uma tira de couro, sendo frequentemente pressionadas na argila ou na cera, onde era gravada sua imagem.

O próprio sistema postal surgiu da necessidade de se possuir um aparato de comunicação eficiente que envolvesse o envio de documentos e mercadorias diversos entre um remetente e um destinatário, próximos ou afastados. Na Idade Média, já existia uma rede dedicada à transmissão de cartas sendo que a Igreja, os exércitos e os comerciantes possuíam seus próprios sistemas postais e quem não se enquadrasse nestas classes e tivesse a intenção de enviar uma correspondência, tinha que utilizar os serviços de mensageiros, de viajantes ou de escravos. Neste mesmo período, os selos utilizados eram chancelas (carimbos) circulares

---

<sup>48</sup> EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS (ECT). Disponível em: <<http://blog.correios.com.br/filatelia/filatelia/selos-principais-conceitos/>>. Acesso em: 12 mar. 2012.

destinadas à autenticação dos documentos. Era comum a utilização dos motivos heráldicos presentes nos brasões nobiliárquicos para a identificação da pessoa, da instituição ou da cidade emissora, uso que atingiu seu auge durante o período do Renascimento, quando o *snignet* (sinete, selo, chancela)<sup>49</sup> saiu dos altos círculos do poder, representado pela nobreza e pela Igreja e passou a ser utilizado em transações comerciais e legais. Estes selos geralmente apresentavam no centro, um motivo ornamental nitidamente simbólico, destinado a preencher espaços vazios então existentes e, na sua borda circular, inscrições<sup>50</sup>. O mais conhecido anel-sinete é o *Anulus Piscatoris* (Anel do Pescador)<sup>51</sup>, símbolo oficial do poder do bispo de Roma desde o primeiro milênio, usado pela primeira vez como um sinete para selar documentos pessoais em 1265 e, posteriormente, selar documentos oficiais assinados pelo pontífice, perdurando esta tradição até 1842, quando foi substituído por um carimbo. Segundo Hobsbawm & Ranger (1984), o selo postal é “a forma mais universal de simbolismo público, além do dinheiro”<sup>52</sup>.

No século XIII, inicialmente na Itália e depois por toda Europa, foi oficialmente estabelecido um aparelho privado, regular e confiável, destinado exclusivamente à entrega de correspondências, concorrente dos sistemas públicos então existentes e considerados de qualidade inferior ao particular<sup>53</sup>. Com a Revolução Industrial, foi coroado todo um processo baseado em grandes mudanças tecnológicas, econômicas e sociais que vinha se desenvolvendo desde a Idade Média, dentre elas o aprimoramento do capitalismo e o surgimento da burguesia. Neste período de transformações, uma série de tradições foram inventadas e institucionalizadas como se pertencessem a um passado remoto, com o objetivo de legitimar valores e comportamentos que se pretendiam institucionalizar<sup>54</sup>. Nas palavras de Azevedo et al.:

<sup>49</sup> A própria Bíblia católica, no livro do Gênesis 42:42, faz referência ao uso dos sinetes: “E Faraó tirou da mão o seu anel-sinete e pô-lo na mão de José, vestiu-o de traje de linho fino, e lhe pôs ao pescoço um colar de ouro”.

<sup>50</sup> LURKER, Manfred. *Dicionário de Simbologia*. Tradução de Mário Krauss e Vera Barkow. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 636.

<sup>51</sup> O Anel do Pescador é destruído após a morte do Papa para o qual foi cunhado, em uma cerimônia solene, com o objetivo de se evitar a proliferação de documentos falsos durante a *Sede Vacante* (Trono vazio). Quando ocorre a renúncia papal, como no caso de Bento XVI, o relevo do anel é raspado. Disponível em: <[http://www.vatican.va/news\\_services/liturgy/2013/documents/ns\\_lit\\_doc\\_20130319\\_anello-pescatore-bergoglio\\_en.html](http://www.vatican.va/news_services/liturgy/2013/documents/ns_lit_doc_20130319_anello-pescatore-bergoglio_en.html)>. Acesso em: 10 out. 2013.

<sup>52</sup> HOBBSAWM, Eric J.; RANGER, Terence. (Orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

<sup>53</sup> AZEVEDO et al., *Ibidem*.

<sup>54</sup> Compendiando Hobsbawm & Ranger, as tradições inventadas desde a Revolução Industrial podem ser acomodadas em três categorias superpostas: 1) as que estabelecem identidade ou simbolizam a coesão social; 2) as que estabelecem ou legitimam tradições “políticas” adotadas por instituições e 3) aquelas cuja finalidade é a socialização do indivíduo, com a persistente repetição de ideias, conjuntos de valores e regras comportamentais preestabelecidas. In: HOBBSAWM, E. J.; RANGER, T. (Orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

O controle dos Correios e sua eficiência sempre foram partes importantes do Poder. De início ligados à estratégia militar e posteriormente também movimentando os negócios e aumentando as riquezas, os serviços postais existem há muitos séculos [...] <sup>55</sup>

A história dos selos postais adesivos <sup>56</sup> utilizados nos dias de hoje iniciou quando um simples, mas revolucionário sistema de gerenciamento postal foi idealizado. Por meio desse sistema, o remetente pagaria antecipadamente pelo transporte de sua correspondência. À época em que foi criado, já existia um departamento de correios organizado, mas que arcava com muitas perdas. O novo processo proporcionou o incremento das transações comerciais, gerando um aumento significativo no volume de correspondências <sup>57</sup> e no lucro das agências postais.

No modelo anterior, adotado por vários países, a taxa de envio da correspondência era pós-paga, ou seja, quem arcava com os custos do envio era o destinatário. Tal prática trazia graves problemas, pois o preço dependia do peso, da distância, do número de folhas de papel e nem sempre o destinatário estava disposto a receber a correspondência e arcar com seus custos. Além disso, como forma de burlar o sistema, muitas vezes o remetente e o destinatário se utilizavam de subterfúgios para gravar e decifrar uma mensagem sem precisar receber a carta, empregando sinais previamente combinados e colocados nas partes externas da correspondência, a qual possuía em seu interior apenas uma folha de papel em branco. Os carteiros, já sabendo deste estratagema, evitavam ao máximo mostrar o envelope ao destinatário, pois isto acarretava a prejuízos as empresas transportadoras <sup>58</sup>, refletindo na quantidade, qualidade ou interesse do setor privado em prestar este tipo de serviço, pois, quando a carta não era recebida, a agência devolvia a correspondência ao remetente que poderia reaproveitar a folha nela contida.

No ano de 1837, Rowland Hill <sup>59</sup> publicou um trabalho intitulado: *Post Office Reform: its importance and practicability* (Reforma dos Correios: sua importância e

---

<sup>55</sup> AZEVEDO, Luiz Antônio Duff; FEVEREIRO, José Luís de Sampayo Torres; VICTOR, Mônica Lofgren. *Selos, viagens & envelopes: selos comemorativos do Brasil de 1900 a 1942: um capítulo da história postal brasileira*. São Paulo: L.A.D. Azevedo, 2001.

<sup>56</sup> Importante observarmos o fato de que todos os selos postais são filatéticos, sendo errônea a expressão “selo filatélico”, comumente empregada em alguns meios.

<sup>57</sup> AZEVEDO et al., Ibidem.

<sup>58</sup> ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DE SANTA CATARINA. Disponível em: <<http://www.afsc.org.br/boletins/boletim59/boletim59.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

<sup>59</sup> Rowland Hill (1795 - 1879) - professor, diretor de escola e inventor que no período vitoriano mudou a face do serviço postal britânico e mundial.

aplicabilidade)<sup>60</sup> em que sugeria alterações no sistema postal inglês, apresentando-o ao Chanceler do Tesouro. Nele, defendia a necessidade de pré-impressão de selos adesivos<sup>61</sup> e de envelopes, sendo aqueles utilizados como comprovantes do pagamento antecipado da taxa devida aos correios. Os selos deveriam ser obliterados<sup>62</sup> com o emprego de um carimbo que indicaria o lugar de expedição da correspondência, não podendo ser inseridos novamente no sistema postal.

Nesse ponto devemos realizar uma ressalva. Como afirmam Almeida & Vasquez:

Vale ressaltar que o pagamento antecipado da taxa postal não era uma novidade, e são conhecidas experiências nesse sentido desde o século XVII. A legislação brasileira, por exemplo, oferecia ao mandatário da carta a opção pelo pagamento antecipado do valor da taxa quando fosse seu desejo isentar o destinatário da despesa, de acordo com o estabelecido no artigo 61 do Decreto de 5 de março de 1829. Nesse caso, as cartas eram assinaladas pela palavra “franca” escrita manualmente na face principal<sup>63</sup>.



**Figura 01 – O Primeiro Selo lançado em 1840 na Inglaterra.**  
Fonte: World Stamp News<sup>64</sup>.

Após três anos de discussão no Parlamento inglês e com algumas alterações, a Lei de Reforma Postal foi aprovada no dia 06 de maio de 1840, tornando a Inglaterra o primeiro país no mundo a fazer circular o selo postal adesivo como conhecemos hoje. A partir daí, tornou-se mais eficaz o envio de correspondência e a remessa de encomendas para qualquer ponto do país: o selo, colado na carta de modo bem visível passou a ter a função de confirmar o pagamento do serviço postal por parte do remetente. Uma vez postada a carta, recebia um

<sup>60</sup> ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DE SANTA CATARINA, Ibidem.

<sup>61</sup> Selo Adesivo – um pedaço de papel grande o suficiente para conter uma estampa e coberto na parte de trás com uma goma adesiva.

<sup>62</sup> Obliteração – marca oriunda da aplicação de um carimbo no selo, evitando-se, desta forma que seja novamente utilizado postalmente.

<sup>63</sup> ALMEIDA, Cícero Antônio F. de; VASQUEZ, Pedro Karp. *Selos postais do Brasil*. São Paulo: Metalivros, 2003. p. 21.

<sup>64</sup> WORLD STAMP NEWS. Disponível em: <<http://www.worldstampnews.com/2010/05/the-penny-black-is-170-years-old-1840-2010/>>. Acesso em: 19 out. 2012.

carimbo que o invalidava para que ele não fosse reutilizado. Somava-se a estas alterações o fato de sua utilização não ser restrita às fronteiras do país. O próprio Hill<sup>65</sup> foi nomeado para supervisionar a implantação do novo sistema que propiciou um aumento imediato no número das postagens no Reino Unido, tendo sido sugerida a instalação de caixas de correio nas residências para agilizar a entrega das correspondências.

O novo selo apresentava estampado em sua face a efígie da Rainha Vitória (figura 01) sobre um fundo preto, inspirado em esboços realizados pelo próprio Hill. Inicialmente nomeado *Penny Postage*, passou a ser conhecido, posteriormente, como *Penny Black* numa alusão direta a sua cor. Esta estampa estabeleceu uma tendência seguida por outras nações no início das emissões de selos postais quando eram utilizadas unicamente alegorias relacionadas aos chefes de Estado ou aos brasões nobiliárquicos mesclada com o valor da postagem vigente. Até o final do século XIX poucas exceções existiram, os selos, em geral, apresentavam pouca diversidade iconográfica.

Inserido neste contexto de grandes transformações mundiais, o Brasil foi o segundo país a emitir seus selos postais adesivos para ampla circulação. Vários personagens...

[...] vinculados ao império estavam engajadas em elaborar uma estampa que representasse, satisfatoriamente, o Império. Eram funcionários ou encarregados de instituições vinculadas ao império, como por exemplo: a Casa da Moeda, a Diretoria Geral dos Correios do Império, Secretaria de Estado do Império etc...

Podemos afirmar que, nesse sentido, um pequeno Brasil impele um grande Brasil por meio das estampas impressas nos selos postais. Essa prática de exercer o poder, seja ele político ou econômico, não começou com os selos e nem com eles terminou. Um seleto grupo de pessoas cultas e elitizadas centralizava as suas ideologias e visavam uma unidade política<sup>66</sup>.

Nosso primeiro selo adesivo foi emitido no ano de 1843, na reforma ocorrida durante o reinado de D. Pedro II e conduzida por Candido Joze de Araujo Vianna [grafia da época], o

<sup>65</sup> Do ano de 1846 até sua aposentadoria em 1864, Hill ocupou um cargo executivo dos correios e, por suas contribuições à coroa britânica, no ano de 1860 foi condecorado pela própria Rainha Vitória com o posto de Sir Rowland Hill. In: THE VICTORIAN WEB. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org/technology/letters/hill.html>>. Acesso em: 13 nov. 2012.

<sup>66</sup> GOMES, Isaltina Maria de A. Mello; SALCEDO, Diego Andres. A comunicação pública da ciência por meio dos selos postais: o caso do Brasil no século XX. In: *Revista de Estudios para el Desarrollo Social de la Comunicación* - Redes.Com, n°7, 2013. Disponível em: <<http://www.revista-redes.com/index.php/revista-redes/article/download/247/234>>. Acesso em: 02 jul. 2013.

Marquês de Sapucaí<sup>67</sup>. Os “*Olhos de Boi*” (figura 02) foram impressos em três valores (em cifras), com as respectivas tiragens: 1.148.994 no valor de 30 réis, 1.502.142 selos no valor de 60 réis e 349.182 no valor de 90 réis. Num exame das coleções e catálogos, pode-se observar que, entre os anos de 1843 e 1866, os selos postais adesivos emitidos no Brasil não seguiam o padrão técnico-científico internacional, que utilizava a efígie de soberanos e de brasões e escudos de armas. É curioso notar que as emissões brasileiras desse período não fizeram nenhuma alusão à figura do imperador. Aqui foi utilizado apenas um padrão contendo cifras, além de sua terminologia ser alusiva a animais: “Olho de Boi”, “Olho de Cabra” e “Olho de Gato”. Somente em 1866, foram emitidos selos que continham a efígie de Dom Pedro II. Além disso, eles eram confeccionados sem picotagem, o que tornava necessário o uso de navalhas ou tesouras para destacá-los da folha.



**Figura 02 – Selos de 30, 60 e 90 réis emitido em 1843 pelo Brasil.**  
 Fonte: <http://www.girafamania.com.br/index/correios-selos.htm>

Na Europa, após a queda de Napoleão Bonaparte, em 1814 reuniu-se o Congresso de Viena no qual foi fundada a *Deutscher Bund* (Confederação Germânica), composta pela associação dos 39 Estados alemães na Europa Central em substituição ao anterior *Heiliges Römisches Reich* (Sacro Império Romano), com o objetivo de coordenar as economias destes países que possuíam em comum, a língua germânica. Na Confederação Germânica, muitos Estados formadores ainda possuíam a própria moeda e um sistema postal organizado de modo específico. Devido ao sucesso inglês, os estados germânicos trataram de seguir seu exemplo, introduzindo seus próprios selos postais. No dia 1º de novembro de 1849, aderindo ao padrão filatélico das cifras (caracteres numéricos), foi lançado pelo Reino da *Bayern* (Baviera ou Bavária), terceiro maior membro da Confederação, o exemplar considerado o primeiro selo postal emitido pela Alemanha (figura 03).

<sup>67</sup> Candido Joze de Araujo Vianna (1793 – 1875) - foi um político brasileiro, tendo ocupado, entre os anos de 1840 a 1875, os cargos de ministro da fazenda e ministro da justiça, conselheiro de estado, deputado geral, presidente de província e senador, eleito pela província de Minas Gerais.

Este selo foi impresso na cor preto-acinzentada, apresentando o valor facial de *EIN KREUZER* (um cruzado) e, assim como os espécimes brasileiros, também destoava do contexto filatélico internacional ao apresentar apenas o valor facial em algarismo indo-arábico, neste caso, também por extenso, além do nome do Estado emissor.



Figura 03 – Primeiro Selo alemão emitido em 1849.  
Fonte: Michel Briefmarken-Katalog<sup>68</sup>.

O próximo Reino a emitir seus próprios selos postais foi a Saxônia, em 1º de julho de 1850, os quais exibiam os tradicionais brasões nobiliárquicos estampados o que, além de terem por objetivo dificultar sua falsificação, começaram a ser utilizados como propaganda e comunicação estatal<sup>69</sup>, sendo seguido pelos Reinos de Hannover e da Prússia<sup>70</sup>. Estes primeiros selos tinham a característica de só poderem circular dentro das fronteiras do Estado emissor. Posteriormente, devido ao efeito complicador desta regulamentação e a necessidade de padronização, foi implantado um Distrito Postal no norte da Alemanha.

Como pudemos observar, o selo postal é uma estampilha destinada ao franqueamento de correspondências, podendo, também, ser objeto de colecionamento<sup>71</sup>. A partir do momento em que faz o registro de acontecimentos, costumes e celebrações, símbolos e tradições ele se transforma num documento temático, contribuindo para a recuperação da memória individual ou coletiva.

Implantado num complexo sistema de comunicação social, carrega uma gama muito grande de informações e devido às suas características dimensionais, serve de suporte para a circulação da mensagem que se deseja transmitir, contribuindo para que ela chegue ao público alvo, circulando nacional ou internacionalmente. Segundo Ferreira:

<sup>68</sup> MICHEL Briefmarken-Katalog Deutschland 1987/88. Munique: Schwaneberger Verlag, 1987.

<sup>69</sup> GOMES & SALCEDO, *Ibidem*.

<sup>70</sup> YVERT ET TELLIER. *Catalogue de Timbres-Poste. Cent Septième Année. Tome III – Europe de L'Ouest (1ª Partie Allemagne à Grèce)*. 2003. Laval, France: IMAYE, 2002.

<sup>71</sup> EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS (ECT). Disponível em: <<http://www.correios.com.br/produtosaz/produto.cfm?id=B35B2555-B8B0-3CEB-BCFDE18795FA774A>>. Acesso em: 20 jun. 2013.

Num sentido lato, todo o selo é um documento histórico e a filatelia<sup>72</sup>, ramo do conhecimento que tem por objecto o estudo dos selos postais e/ou, paralelamente o estudo de todas as formas de franquia utilizadas na circulação postal, será obviamente uma ciência auxiliar da História<sup>73</sup>.

Nesse sentido, podemos citar o religioso belga Frans de Troyer<sup>74</sup> que, ao trabalhar a temática religiosa como recurso paradidático, percebeu o potencial dos selos como instrumento auxiliar no processo de ensino e levou-os para sala de aula com o objetivo de estimular o interesse e a reflexão de seus alunos. Assim, podemos afirmar que o selo é um meio capaz de transportar mais informação por centímetro quadrado do que muitos outros meios de propaganda presentes no mercado. Por isso, podem ser tratados como fontes de pesquisa e como objetos de grande valor para a construção do conhecimento histórico. Um observador desavisado pode não se dar conta da riqueza de informações contida num selo. Mas um olhar mais acurado é capaz de enxergar na estampa de tamanho reduzido, todo um conteúdo político e ideológico que ela contém. Os selos são “documentos vivos”. Citando novamente Ferreira, este registrou que...

[...] o selo é um dos símbolos da soberania de um Estado, é natural admitirmos que ele evidencie igualmente o seu regime político, sobretudo quando, por motivos históricos esse regime se modificou. Natural é, portanto, que uma monarquia que se torna república, não continue a gravar nos seus selos a efígie do seu monarca reinante. Ou então que, pelo menos, essa evidência seja anulada pelos meios gráficos disponíveis. [...]

Os selos são assim um espelho dos mais perturbantes acontecimentos da História, sobretudo quando deles resultam modificações na estrutura política dos próprios Estados, tal como irá acontecer em todos aqueles territórios que alcançaram a sua independência rejeitando a tutela político-administrativa das potências colonizadoras, inaugurando assim um novo ciclo, que irá enriquecer a filatelia, e prestar um auxílio decisivo na interpretação da História<sup>75</sup>.

<sup>72</sup> Aqui abordamos a FILATELIA exclusivamente como a arte e ciência de colecionar selos postais; existindo a CARIMBOLOGIA ou marcofilia que é o ramo da Filatelia dedicado ao estudo dos carimbos postais e a CARTOFILIA conhecida como a arte de colecionar cartões-postais; dentre outros. In: DICIONÁRIO Filatélico. *Associação Brasileira de Filatelia Temática* – ABRAFITE, São Paulo. Disponível em: <<http://www.abrafite.com.br/dicionario.htm>>. Acesso em: 21 out. 2012.

<sup>73</sup> FERREIRA, Luis Eugénio. *Um Certo Olhar pela Filatelia*. 2 ed. Edições Húmus, 2006. Disponível em: <[http://www.fep.up.pt/docentes/cpimenta/lazer/html/ebook/bfd002\\_p.pdf](http://www.fep.up.pt/docentes/cpimenta/lazer/html/ebook/bfd002_p.pdf)>. Acesso em: 21 jun. 2013.

<sup>74</sup> Frans de Troyer (1914 -1977) - abade belga e também professor secundário de religião, considerado o patrono da Filatelia Temática.

<sup>75</sup> FERREIRA, Ibidem. pp. 25, 27.



Um exemplo disso são as independências coloniais e a formação dos últimos Estados nacionais europeus: no cenário mundial, esses eventos fizeram com que as emissões filatélicas expandissem em quantidade e qualidade. Normalmente, um dos primeiros atos dos governos republicanos recém-implantados com o fim de registrar sua autonomia era por meio dos selos. Como afirmou Le Goff:

A comemoração apropria-se de novos instrumentos de suporte: moedas, medalhas, selos de correio multiplicam-se. A partir de meados do século XIX, aproximadamente, uma nova vaga de estatuária, uma nova civilização da inscrição (monumentos, placas de paredes, placas comemorativas nas casas dos mortos ilustres) submerge as nações europeias. [...] O desenvolvimento do turismo dá um impulso notável ao comércio de souvenirs. Ao mesmo tempo, o movimento científico, destinado a fornecer à memória coletiva das nações monumentos de lembrança, acelera-se<sup>76</sup>.

Partindo do pressuposto de que os selos postais aqui estudados foram documentos produzidos por um Estado totalitário, que se legitimava através da propaganda político-ideológica repassada sistematicamente a seu público interfronteiriço e, ao mesmo tempo, ao público extrafronteiras; estão inclusos num extenso e eficiente aparato logístico estatal de distribuição, o que facilitava sua difusão. Além disso, há o fator econômico: quando o cidadão, com o intuito de postar sua carta, é obrigado a comprá-los, ele gera receita para o Estado. Finalmente, devemos considerar sua relevante função social ao ligar as pessoas através de suas cartas; além de suas características peculiares, estes selos são passíveis de uma minuciosa análise.

Assim como as colônias que se tornaram independentes, desde o primeiro momento de sua “independência” administrativa, Adolf Hitler estabeleceu um padrão a ser seguido, inclusive pelas emissões filatélicas, vendo...

[...] o selo postal comemorativo como um texto de divulgação das tradições e da identidade nacional, em constata diálogo com outras textualidades, como as cerimônias, a documentação oficial do Estado, currículos escolares, cédulas, moedas, cartões-postais, fotografias, discursos políticos, a construção de monumentos, edificações, etc...<sup>77</sup>

Numa exaltação à temática germânica, presente em uma iconografia específica nos selos e na busca por resgatar fatos e acontecimentos, personalidades relevantes ao ideário nacional-socialista e ariano, um minucioso trabalho de propaganda político-ideológica

<sup>76</sup> LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: UNICAMP, 2006. p. 458.

<sup>77</sup> GOMES & SALCEDO, *Ibidem*.

começou a ser realizado desde 1933 e aprimorado no decurso da Segunda Guerra Mundial. Nesse sentido, cabe observar que, além dos selos anuais em homenagem ao aniversário do *Führer*, seguido dos selos que fazem referência à iconografia nazista, como a suástica e a águia imperial, foram realizadas muitas emissões voltadas para a divulgação de eventos promovidos pelo NSDAP, como os destinados a conclamar a participação popular nos *Reichsparteitage* (Comícios do Partido) realizados em Nuremberg, além de anunciar encontros menores, como os organizados pela *Nationalsozialistischer Reichsbund für Leibesübungen* – NSRL (Liga Nacional de Socialista do Reich para Educação Física), em Breslau (atual Wrocław, na Polônia).

Atualmente, com a disponibilização de novas tecnologias, as informações sobre os selos podem ser obtidas por meio de várias fontes, virtuais ou impressas, em sites particulares ou nos oficiais das empresas de correios de cada país emissor, como no caso do Brasil, e nos catálogos especializados, como no nosso caso.

Como especificado na Introdução, para atingir os nossos objetivos foram adotados como fontes primárias, juntamente com os selos e blocos, alguns catálogos especializados. Publicados em diversas línguas, estes catálogos trazem os dados do “nascimento” do selo e são utilizados para identificação de cada documento filatélico, além de servirem como parâmetro internacional relacionado ao valor monetário de cada selo e suas variedades<sup>78</sup>, caso existam. Os critérios estabelecidos para a leitura dos catálogos filatélicos foram os seguintes:

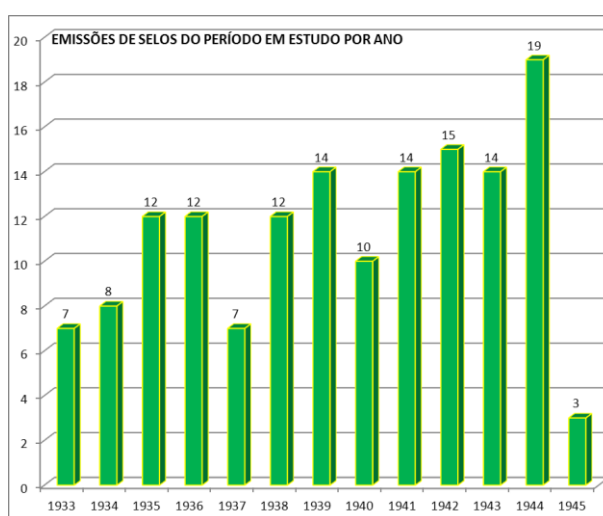
1. Seleção apenas dos selos e blocos postais emitidos pelos nacional-socialistas na Alemanha;
2. Análise de todos os selos e blocos postais emitidos a partir de 1933 até 1945;
3. Exclusão da leitura de todos os outros tipos de documentos filatélicos relacionados nos catálogos;
4. Análise prévia das informações iconográficas impressas nos selos e blocos postais, e exame que relacione as imagens com o elemento verbal contido nestas emissões;
5. Quando existentes, apresentação dos títulos temáticos atribuídos pelo catálogo, cujos responsáveis são seus editores, com o objetivo de complementar a experiência visual.
6. Análise iconológica do simbolismo presente nos selos e blocos postais no contexto do nacional-socialismo.

---

<sup>78</sup> Variedade – selo que apresenta alguma característica que o distingue em relação ao selo tipo, originada na impressão. In: DICIONÁRIO Filatélico, Ibidem.

O emprego desses critérios iniciais para a leitura dos selos resultou na identificação dos exemplares postais, associando-os ao catálogo *Yvert et Tellier* e, quando necessário, com a complementação das informações com o catálogo *Michel*.

Levando-se em conta os selos presentes nas séries<sup>79</sup> temáticas e nos blocos comemorativos agrupados como uma única emissão<sup>80</sup>, o volume de documentos filatélicos emitidos pela Alemanha nazista, entre 1933 e 1945, que compõem nossa amostra perfaz um total de 147 (cento e quarenta e sete) lançamentos (gráfico 01).



**Gráfico 01 – Emissões de selos do período em estudo por ano.**  
**Fonte: Dados coligidos pelo Autor.**

Os dados contidos no Gráfico 01 nos permitem afirmar que no ano de 1935 temos o incremento da produção filatélica na Alemanha nazista, que se mantém em 1936, e um retrocesso no ano de 1937. No ano anterior à eclosão da Segunda Guerra Mundial, em 1938, a emissão de selos nacional-socialistas simplesmente dobrou de tamanho, se comparado ao ano anterior e permaneceu no mesmo patamar no ano de 1939. Outro ponto que não nos passa despercebido foi o aumento das emissões, também no ano de 1944 que, a nosso ver, ocorreu pelo mesmo motivo, correspondendo os dois momentos a períodos nos quais os nazistas mais precisavam do apoio por parte da população alemã na preparação do esforço de guerra, mas por razões diferentes. O primeiro, entre 1935 e 1938, corresponde a um contexto de euforia, de crescimento econômico e social, quando ocorreu de forma progressiva o deslocamento

<sup>79</sup> Série – termo que corresponde ao lançamento de dois ou mais selos idênticos ou não, emitidos separados ou em conjuntos, mas sempre apresentando valores faciais distintos. Idem, *Ibidem*.

<sup>80</sup> Para efeito da estatística e evitar discrepâncias, no primeiro gráfico, as séries emitidas pertencentes aos tipos: selos comemorativos, selos regulares, selos para postagem aérea, selos para jornais, selos de serviço e selos para franquia militar, foram adicionadas como se fosse uma única emissão e somados em “SELOS”.

generalizado da produção industrial para a preparação bélica para a guerra que estava por vir. O segundo é referente a um momento de retrocesso, da virada da guerra em desfavor dos alemães e seus aliados, com a canalização de todos os recursos humanos e materiais para o esforço de guerra, na tentativa de salvar o máximo possível da Alemanha frente à investida russa em seu território.

No segundo momento, mesmo possuindo suas próprias peculiaridades, há certa estabilidade na quantidade de emissões, com uma leve tendência ascendente, quebrada somente em 1937 e 1940, de modo que continua a ocorrer a difusão do discurso político-ideológico pelo Estado nazista para a sociedade “ariana” e para todas as outras nações. Por sua vez, no ano de 1945 ocorre uma queda vertiginosa da emissão de selos nazistas, apenas quatro espécimes filatéticos foram emitidos, o que é bastante lógico, visto que a razão para esta queda é a rendição da Alemanha, no dia 8 de maio deste ano, assinada pelo almirante-alemão Karl Dönitz, desde 1943 comandante-em-chefe da marinha alemã, declarado por Adolf Hitler em seu testamento político, seu sucessor<sup>81</sup>.

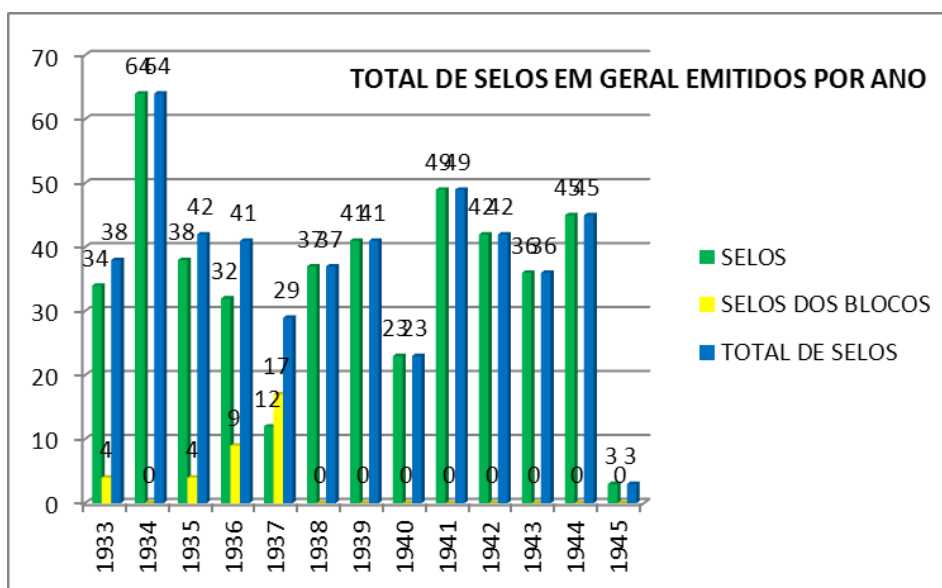


Gráfico 02 – Emissões dos selos em geral emitidos por ano. Fonte: Dados coligidos pelo Autor.

Se quisermos ir mais fundo na questão quantitativa, se desmembrarmos as séries e os blocos de selos, os números alcançam cifras ainda maiores. Foram 490 selos emitidos, distribuídos em: 456 selos em geral, mais 34 selos dos blocos (gráfico 02), correspondendo respectivamente à 93,06% e 6,94% de selos no total. Destes 490 exemplares pesquisados: 320

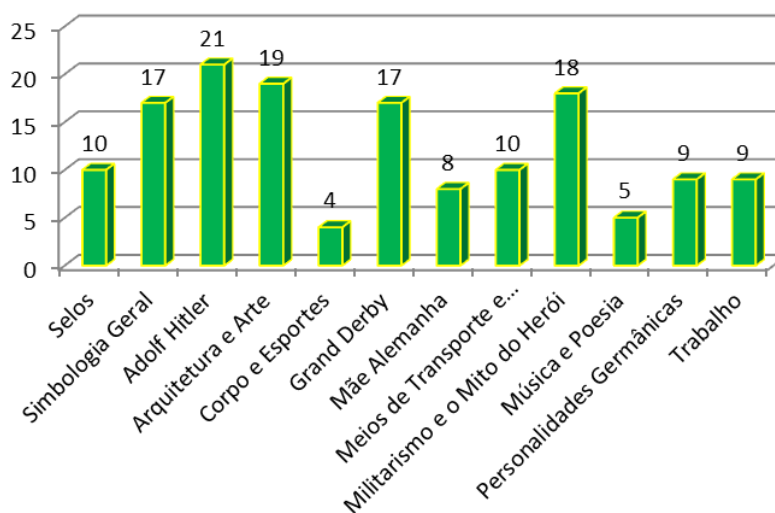
<sup>81</sup> GOLDENSOHN, Leon. *As Entrevistas de Nuremberg: conversas de um psiquiatra com os réus e as testemunhas*. Organização e introdução de Robert Gallately. Tradução de Ivo Korytowski. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 37.

se compõem de emissões exclusivamente de selos comemorativos (65,30% das emissões), 62 de selos regulares ou ordinários (12,65%), 02 de selos para jornais (0,41%), 22 de selos para postagem aérea (4,49%), 34 de blocos comemorativos (6,94%), 46 de selos de serviço (9,39%) e 04 de selos destinados à franquia militar (0,82%).

Nossas peças filatélicas foram elaboradas, em sua grande maioria, com a utilização de uma única cor em cada selo (monocromático em tons diferentes), características de muitas emissões postais ao redor do mundo, como o Brasil, entre 1900 e 1967<sup>82</sup>. A exemplo dos selos apresentados na Figura 02, esta particularidade se mantém por todo o período, sendo raras as peças com grande variedade cromática.

Notemos que o resultado estatístico por ano muda (em relação ao gráfico 01) quando consideramos separadamente os selos em geral e os selos constantes nos blocos. Contudo, para nosso trabalho, o importante são os lançamentos realizados e não a quantidade de selos emitidos pelos nacional-socialistas.

### SELOS DO 3º REICH POR TEMAS



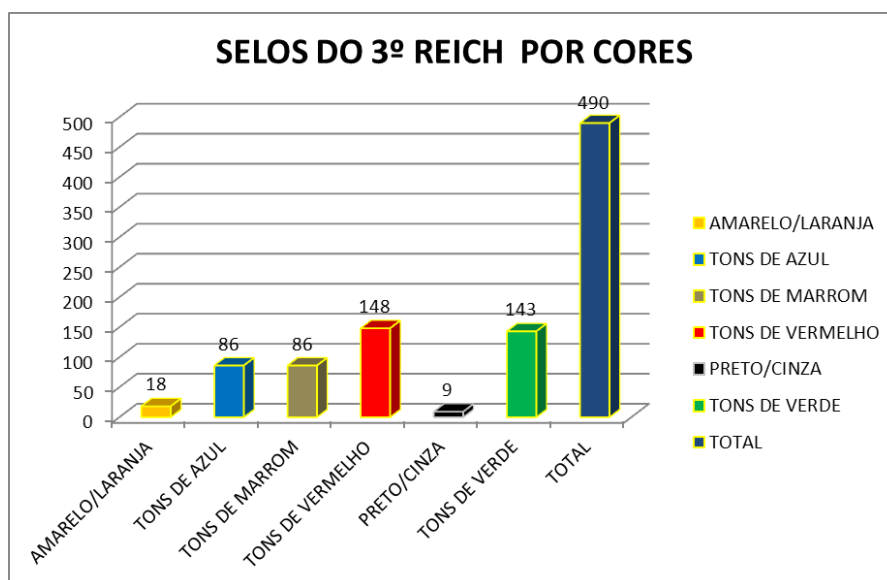
**Gráfico 03 – Relação entre os selos e os 12 temas abordados.**  
**Fonte: Dados coligidos pelo Autor.**

Estes selos postais e blocos comemorativos apresentam um padrão utilizado por todo o período estudado. Seu conteúdo iconográfico trata de divulgar uma ideologia específica. Para aprofundar a nossa análise, simultaneamente aos esforços de quantificação dos selos, trabalhamos num esforço de separação das imagens contidas no material filatélico analisado

<sup>82</sup> MEYER, Peter; MEYER, Holf Harald. *Guia de Preços dos Selos do Brasil: de 1843 a 2004*. 55. ed, São Paulo: Editora RHM Ltda., 2005.

em temas, o que resultou em um total de 12 (doze) temáticas distintas<sup>83</sup>, sendo elas: Selos; Simbologia Geral; Adolf Hitler; Arquitetura e Arte; Corpo e Esportes; Grand Derby; Mãe Alemanha; Meios de Transporte e Tecnologia; Militarismo e o Mito do Herói; Música e Poesia; Personalidades Germânicas e Trabalho. Deste modo, o Gráfico 03 apresenta as emissões filatélicas já alocadas dentro de cada tema instituído, de responsabilidade do autor, levando-se em conta, exclusivamente, a iconografia presente no selo e, em casos isolados, relacionados ao título recebido pelo selo, os quais serão identificados a seu tempo.

Quantitativamente, infelizmente não logramos êxito em conseguir uma fonte fidedigna quanto ao número de exemplares impressos em cada ocasião, além de não ser conhecida a quantidade de várias emissões. De qualquer modo, não era objetivo deste trabalho pesquisar a circulação e a recepção dos selos.



**Gráfico 04 – Relação entre os selos e as cores. Fonte: Dados coligidos pelo Autor.**

A título de ilustração, foram realizados levantamentos para identificação das cores presentes nas emissões dos selos estudados. Foram identificadas 06 (seis) cores predominantes em cada um dos 490 selos examinados, sendo elas: AMARELO/LARANJA, TONS DE AZUL, TONS DE MARROM, TONS DE VERMELHO, PRETO/CINZA e TONS DE VERDE. Após o referido levantamento, pudemos observar que as cores mais utilizadas foram os tons de vermelho, seguidos pelos tons de verde. Os tons de azul e marrom dividem o terceiro lugar, seguidos pelo amarelo/laranja e preto/cinza (gráfico 04). Os selos apresentam tonalidades fortes e vibrantes. Os artistas lançaram mão de sua superposição com a

<sup>83</sup> Vários critérios objetivos, como as imagens, e muitos mais subjetivos, foram utilizados para a distribuição de selos em 13 (treze) temas, sendo de responsabilidade do autor esta análise.

simbologia oficial nazista e transformaram motivos pouco expressivos e que, a primeira vista, não possuíam qualquer representatividade em algo significativo. Isso auxiliou o receptor na percepção das informações e, conseqüentemente, contribuiu para compor a estratégia de comunicação adotada pelo nacional-socialismo, reflexo de um regime autoritário que desejava passar a ideia de legítimo, vigoroso e confiável.

O primeiro caráter simbólico das cores é sua universalidade, “não só na geografia, mas também em todos os níveis do ser e do conhecimento, cosmológico, psicológico, místico etc.”<sup>84</sup> Dependendo da cultura analisada, sua interpretação pode variar, mas sempre complementando ou confirmando um elemento simbólico. Partindo para a depuração do significado das cores devemos ter em mente que elas representam uma percepção visual gerada pela ação de um feixe de fótons sobre células particularizadas da retina, que conduzem a informação pré-processada no nervo óptico para o sistema nervoso. Em outras palavras, as cores são o resultado da decomposição da luz e seus significados, que chegam a influenciar a condição psicológica das pessoas, são extremamente subjetivos e podem variar de acordo com os grupos culturais. Transportando-as para a iconografia, a cor obtida subtrativamente<sup>85</sup> ou cor pigmento assume significado próprio e transmite ao observador mensagens que são capazes de superar os limites normais da percepção e de serem utilizadas de acordo com normas específicas em várias instituições. Simbolicamente, as sete cores do arco-íris “foram postas em correspondência com as sete notas musicais, os sete céus, os sete planetas, os sete dias da semana etc.”<sup>86</sup>

A cor dourada<sup>87</sup> desde os tempos mais antigos fora associada ao Sol e sua luminosidade (presente na iconografia nazista); às divindades. No cristianismo, após o II Concílio de Nicéia<sup>88</sup>, aparece cobrindo o fundo das pinturas, representando a luz de Deus, de quem provém a pura luz divina que ilumina as trevas.

O azul por sua associação com o céu e o mar representa o infinito, “alturas iluminadas e profundezas obscuras”<sup>89</sup>. É utilizado em várias religiões como indicação do

---

<sup>84</sup> LURKER, *Ibidem*. p. 275.

<sup>85</sup> Sistema Subtrativo das Cores ou CMYK – sua sigla deriva da abreviação de Ciano (Cyan), Magenta (Magenta), Amarelo (Yellow) e Preto (Black). O preto, representado pela letra K, é obtido com a associação das três primeiras cores, mas este processo não reproduz fielmente os tons mais escuros, sendo necessária a adição do preto “puro” para esta finalidade. O Sistema funciona devido à absorção de luz, onde as cores por nós visualizadas virem da parte da luz que não é absorvida.

<sup>86</sup> LURKER, *Ibidem*.

<sup>87</sup> No nosso caso projetaremos a análise para o amarelo – o ar e o laranja – o fogo.

<sup>88</sup> Realizado durante o papado do Papa Adriano I, entre 24 de setembro a 23 de outubro do ano de 787 em Nicéia (na atual Turquia). O II Concílio de Nicéia regulamentou a questão da veneração às imagens (ícones) e condenou os iconoclastas.

<sup>89</sup> LURKER, *Ibidem*. p. 66.

divino. No cristianismo é firmada como a cor própria de Deus; “em poemas alemães medievais, a Sra. Staete – personificação da *Stetigkeit* (continuidade) e da constância – veste uma roupa azul”, designando também a cor do manto sagrado de Wotan (na Edda). Como símbolo da lealdade e da fidelidade, também no cristianismo, aparecia na cor da pele das pessoas personificando a santidade recebida de Deus. No nacional-socialismo o azul assume o significado de luto, “da desgraça [...], da mentira e do mal”<sup>90</sup>.

O marrom (castanho) representa a terra, aparecendo na iconografia como um lembrete ao homem de sua condição humana e que deve ser, assim como Jesus Cristo o foi, sempre humilde<sup>91</sup>: “Pois tu és pó, e ao pó retornarás” [Gênesis 3:19]. No período medieval simbolizava o luto e passou a ser utilizado nas vestes de várias ordens religiosas para demonstrar sua renúncia ao mundo material. “A cor principal do nacional-socialismo era, desde 1925, o marrom forte, ligado à terra: era a cor do uniforme das SA [*Sturmabteilung*, Divisões de Assalto] dos líderes políticos e da Juventude Hitlerista; a central do partido de Hitler, em Munique, era a ‘casa marrom’”<sup>92</sup>.

O vermelho simboliza o fogo ou “a dimensão horizontal, mais clara a oriente, mais escura a ocidente”<sup>93</sup>. Das cores, foi a que mais cedo adquiriu um “sentido simbólico, muitas vezes associado a ideias mágicas”<sup>94</sup>. Está associado diretamente à Cristo, simboliza o amor, pois o “Filho do Homem” por seu grande amor à humanidade ofereceu o próprio sangue como sacrifício. Associa-se também aos mártires que deram seu sangue em defesa de sua fé. Fora do contexto religioso, pode significar a conquista, a paixão e a liderança, além de virilidade, força, masculinidade e dinamismo. Em especial, o vermelho foi usado como símbolo tanto pelos comunistas como pelos nacional-socialistas, segundo o próprio *Führer* a cor foi escolhida “porque é a mais provocativa e deveria provocar nossos adversários a mais ou menos levar-nos, através deles, ao conhecimento e à lembrança”<sup>95</sup>. Sua intenção era...

[...] captar e redirecionar o significado evocado pela cor vermelha na propaganda comunista para o nacional-socialismo, que passou a usar a mesma cor em uma estratégia de substituição de estímulos. Não por coincidência, o próprio nome do partido é um agregado de dois termos relativamente distantes politicamente: o nacionalismo, típico da direita, e o socialismo, um movimento de esquerda. A ideia era, portanto, criar uma opção intermediária que pudesse atrair o maior número possível de

<sup>90</sup> Idem, Ibidem.

<sup>91</sup> A palavra humildade provém do radical latino *humus* = “terra”.

<sup>92</sup> LURKER, Ibidem. p. 670.

<sup>93</sup> Idem, Ibidem. p. 275.

<sup>94</sup> Idem, Ibidem. p. 747.

<sup>95</sup> HITLER, Adolf. *Minha luta - Mein Kampf*. São Paulo: Centauro, 2001.



simpatizantes das outras tendências políticas através da adoção ou, no mínimo, da menção superficial às ideias dos movimentos adversários<sup>96</sup>.

O preto, ou ausência de todas as cores, representa o vazio, o caos, o terror, a terra e, em oposição ao branco ou o intemporal, também o tempo. Em determinadas ideologias políticas, como a nazifascista e algumas sociedades secretas, simboliza a morte<sup>97</sup>. No cristianismo, ligada à própria morte, a cor preta simboliza a ausência da luz divina, o fim da vida eterna, ao contrário da cor branca, ou a soma de todas as cores, que representa a luz, a pureza da alma. No início do cristianismo, o preto representava a nova vida alcançada e conquistada através do batismo e, posteriormente, passou a estar ligada à ressurreição de Jesus. Fora do contexto religioso, a cor preta pode ser sinônima de poder e honra. Em algumas sociedades, pode “indicar o sobrenatural, espíritos e fantasmas, os mortos e os antepassados”<sup>98</sup>. “[...] o preto era a cor dos uniformes das tropas de elite de Hitler, a ‘Schultz-Staffel’ (SS). A cor sóbria, sinistra, era de início uma expressão da prontidão para a morte – como, na sua época, entre os hussardos negros<sup>99</sup> – tornando-se, posteriormente, um aviso de morte para os inimigos políticos”<sup>100</sup>. “*A luz do corpo (o Adão do teu ser) é de cor cinza fumê tendendo para o negro*”<sup>101</sup>.

O verde simboliza a água, nas sociedades primitivas sempre esteve associado aos ciclos da natureza, ao renascimento da vida na terra após cada inverno, religiosamente simbolizando a esperança, a perseverança e a renovação espiritual. Portanto, as únicas cores que reconhecidamente poderiam ser utilizadas nas pinturas dos ícones religiosos seriam o dourado, o azul, o marrom, o vermelho e o preto, inclusos a esta relação o branco – símbolo da castidade e o roxo (violeta) – o ar.

Neste ponto podemos concordar com a afirmação de Lurker no sentido de que a utilização das cores não é algo casual, mas algo característico e que “a ideologia de movimentos nazifascistas encontrou seu registro em símbolos de cores e de imagens. A

<sup>96</sup> LUZ, Enrique. “*O Eterno Judeu*”: Anti-Semitismo e Antibolchevismo nos Cartazes de Propaganda Política Nacional-Socialista (1919-1945). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História, UFMG, Belo Horizonte, 2006. p. 71.

<sup>97</sup> LURKER, Ibidem. p. 565.

<sup>98</sup> Idem, Ibidem. p. 94.

<sup>99</sup> Soldados que, na França e na Alemanha, compunham a cavalaria ligeira e cujos armamentos pessoais eram compostos por um sabre, uma carabina e duas pistolas.

<sup>100</sup> LURKER, Ibidem. p. 565.

<sup>101</sup> Idem, Ibidem. 279.

uniformização comum nas cores do partido caracteriza os correligionários e serve como multiplicador ótico em paradas e convenções do partido”<sup>102</sup>.

Assim como as cores, os selos apresentam um estilo artístico próprio originado no movimento denominado *Art Nouveau* (Arte Nova), surgido no final do século XIX. Em pleno processo de aceleração da industrialização que propiciou na Europa o surgimento de uma arte voltada para a indústria e a produção em massa, este movimento influenciou a arquitetura e as artes decorativas, numa valorização do acelerado ritmo da vida moderna e das rápidas mudanças sociais. A *Art Nouveau* foi ainda uma das influências da posterior *Art Déco* abreviação de *Art Décoratif* (Arte Decorativa), presente na escultura e arquitetura nazista. Esta combinação, indústria e arte, foi um campo fértil para a concepção de cartazes e propaganda voltada para os produtos das grandes corporações.

Refletindo mundialmente nas artes gráficas, a *Art Nouveau* inspirou o *Plakatstil* (Estilo de Cartaz), que se utilizava de poucas e vivas cores, e tipografia em negrito para passar sua mensagem, e sua outra derivação alemã chamada *Sachplakat*<sup>103</sup> (Pôster Objeto). Esta se caracteriza pela omissão de ornamentos e enfeites considerados exagerados e pela elevação da simplicidade ao mais alto nível, sendo permitido apenas linhas alongadas. O “Estilo de Cartaz” casava perfeitamente com a simbologia nacional-socialista que, por sua referência pictórica simples e comunicação persuasiva, influenciou diretamente a escolha dos “desenhistas-industriais” para a confecção dos selos. Isso pode ser facilmente confirmado se observarmos as gravuras, aquarelas e pinturas presentes em exposições realizadas por toda a Alemanha à época, incluindo estes *designers* gráficos que, além da produção dos cartazes de propaganda para as indústrias, se empenharam paralelamente na produção de cartazes para a propaganda política nazista. Por meio da alternância de tonalidades, num contraste de luz e sombras e jogando com a percepção de primeiro e segundo plano, esses artistas buscavam transmitir um sentimento de sobriedade a estas obras de arte. Processo que, para os selos nazistas, fazia parte do que de agora em diante chamaremos de “processo criativo da destruição”.

O elemento visual era dominante, apoiado pelo elemento verbal e tendo por objetivo passar uma mensagem otimista sobre o regime. Com o tempo e a perícia do profissional, esta técnica passou a fazer parte dos cartazes para o esforço de guerra do regime nazista. A

---

<sup>102</sup> Idem, Ibidem. p. 670.

<sup>103</sup> O *Sachplakat* por sua simplicidade é considerado ainda mais preciso e conciso do que o *Plakatstil*, por utilizar apenas o objeto e a tipografia em negrito.

exemplo de Ludwig Hohlwein que “desenhou cartazes para o NSDAP, Bem-estar do Povo nazistas, o Fundo de Socorro de Inverno, a Força de Defesa Antiaérea, e para os Jogos Olímpicos de 1936”<sup>104</sup> (figura 04).



**Figura 04 – Cartazes encomendados pelo NSDAP à Ludwig Hohlwein.**

Fonte: <http://www.iconofgraphics.com/>

Uma característica interessante de nossa amostragem diz respeito à questão de gênero. Nenhuma personalidade feminina concreta foi diretamente homenageada pela iconografia nazista. Da mesma maneira, não era usual que se fizesse menção às mulheres que contribuíram de alguma forma para o Estado nazista. No entanto, a presença de figuras femininas, como uma representação abstrata, é forte e em geral representa a encarnação das virtudes mais caras ao ideário nazista. No material analisado, por exemplo, a nação alemã é personificada na figura de uma mulher.

Um exemplo do sucesso feminino num cenário dominado pelos homens foi o caso da aviadora Hanna Reitsch (1912 – 1979)<sup>105</sup>, primeira mulher a cruzar os Alpes em um planador e única mulher a fazer parte do grupo de pilotos alemães que esteve no Rio de Janeiro, no ano de 1934, participando de competições e realizando exibições aéreas, detentora de vários recordes, alguns que perduram até os dias de hoje, que apesar de suas realizações como exímia piloto de testes da Alemanha nazista não foi homenageada na filatelia nazista.

Característica marcante com relação às personalidades homenageadas pela filatelia nacional-socialista, encontramos indivíduos de origem austríaca. A presença deles contribuía para fortalecer o discurso nazista que visava legitimar a criação da Grande Alemanha, formada pela união de todos os povos de origem germânica. Outra característica marcante do

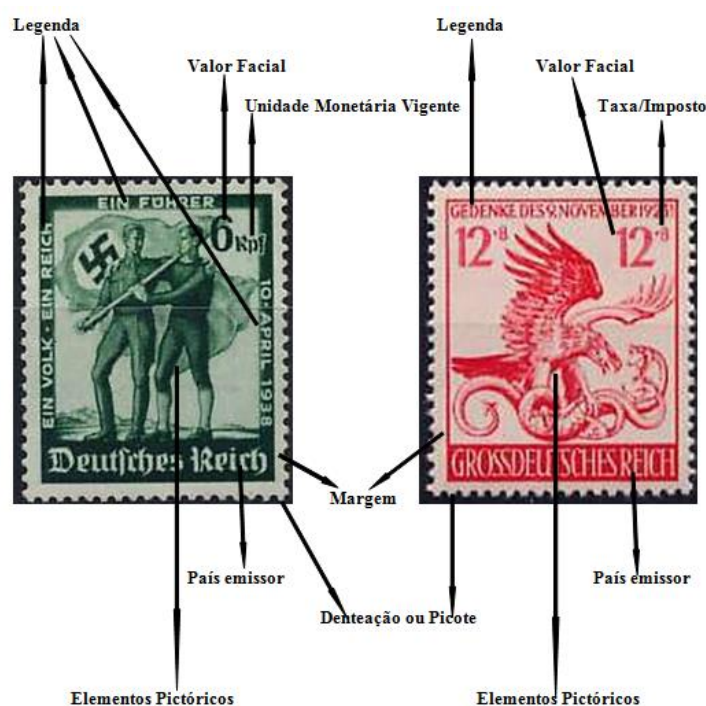
<sup>104</sup> “[...] designed posters for the NSDAP, the Nazi People's Welfare, the Winter Relief Fund, the air raid, and for the 1936 Olympic Games”. Disponível em: <<http://www.iconofgraphics.com/Ludwig-Hohlwein/>>. Acesso em: 11 out. 2013.

<sup>105</sup> REITSCH, Hanna. *The Sky My Kingdom: Memoirs of the Famous German World War II Test Pilot*. Drexel Hill, Pa: Casemate Publishers, 2009.

pangermanismo são as emissões relacionadas aos monumentos históricos, que apresentam exemplares representativos construídos em regiões povoadas por povos de origem germânica na Alemanha, Áustria, Polônia e Tchecoslováquia. Essas emissões contribuem para disseminar um sentimento de exaltação nacionalista entre os mais tradicionalistas adeptos destas ideias e para o estabelecimento de uma identidade única.

Assim, o governo do *Führer* se utilizou da filatelia para ampliar a veiculação de sua propaganda político-ideológica, quando as instituições estatais se voltaram para os motivos característicos do discurso oficial do regime totalitário nazista, contribuindo para a legitimação do poder nas mãos dos nacional-socialistas.

Com o objetivo de indicar os elementos constitutivos de um selo, apresentamos a seguir, dois exemplares que serão analisados no momento devido (figura 05), de acordo com suas especificidades.



**Figura 05 – Elementos constitutivos de um selo. Fonte: Autor.**

Os elementos verbais e visuais fazem parte do plano de expressão<sup>106</sup>, ou seja, eles se combinam para a formação da imagem, ou ainda, do elemento filatélico estudado e a linguagem utilizada nos selos para a transmissão das mensagens. Assim, os elementos verbo-visuais (imagens associadas aos textos) presentes nos nossos selos/blocos estudados se complementam para que haja uma correta circulação dos significados que se deseja passar.

<sup>106</sup> PIETROFORTE, Antônio Vicente. *Semiótica visual: os percursos do olhar*. São Paulo: Contexto, 2004.

Empregando estes conceitos em nossos objetos de estudo e observando a Figura 05, podemos notar que a estrutura básica de um selo postal é composta por várias representações verbo-visuais, dentre elas: Ano da Emissão; Denteação ou Picote; Elementos Pictóricos; Legenda ou Texto; Margem; Nome do País Emissor; Taxa ou Imposto; Valor Facial; Unidade Monetária Vigente; Nome do Artista; os quais podem estar total ou parcialmente presentes na peça filatélica. Todos estes elementos, dentro do contexto em que aparecem, podem ser considerados referenciais de valor, espaço e tempo.

Os Elementos Pictóricos normalmente abordam um único tema, podendo ser acompanhados por uma legenda ou por um texto, geralmente curto, impresso em letras de tamanho e formato variado, responsável por orientar e limitar a interpretação da imagem por parte do receptor.

O Valor Facial determina o valor pecuniário a ser pago pelo selo, referente ao seu franqueamento. Subjetivamente, o valor apresentado na estampa do selo pode apresentar uma carga simbólica importante, pois, postagem internacional implica em valor de franqueamento alto que, por sua vez, significa que o comprador deve possuir um poder aquisitivo também elevado ou despende mais esforços no sentido de adquiri-los. De qualquer maneira, são selos que proporcionam a circulação internacional da mensagem do Estado emissor.

Como podemos observar nas diferenças entre os dois selos apresentados, por circularem por determinado período de tempo e espaço, a informação sobre a Unidade Monetária Vigente nem sempre aparece representada, para o usuário, a moeda em que ele é comercializado já é conhecida. Além de uma estreita relação com a questão do espaço, a Unidade Monetária Vigente representa decisões do país emissor, afirmando sua posição como ator no cenário político-econômico internacional.

Acompanhando ou não o Valor Facial existe a Taxa ou Imposto, como podemos observar no selo à esquerda. Geralmente recolhida pelo Estado e destinada a subsidiar algum gasto específico<sup>107</sup> como, por exemplo, as séries destinadas ao *Winterhilfswerk*<sup>108</sup> (Obra de Assistência de Inverno), que tinham como objetivo ajudar as famílias alemãs neste período, com ajuda tanto monetárias como em materiais (carvão, alimentos, etc...).

---

<sup>107</sup> MACKAY, James. *Philatelic Terms Illustrated*. 4 ed. London: Stanley Gibbons, 2003. (Stamp Collecting Series).

<sup>108</sup> A *Winterhilfswerk* foi uma fundação pública criada na época do nacional-socialismo destinada a recolher doações materiais e financeiras diretamente ou através outras organizações, como a *Nationalsozialistische Volkswohlfahrt – NSV* (Bem-estar do Povo Nacional-socialista), fundada em 03 de maio de 1933, poucos meses após a chegada dos nazistas ao poder, com o objetivo de amparar os milhões de desempregados e suas famílias. Investiam milhões em propaganda.

Usualmente, pois também não é a regra, nos limites da margem podem ser encontradas informações como: nomes de lugares, nomes de pessoas, nome do artista ou dos artistas responsáveis pelo desenho da estampa. As datas presentes nos selos também devem ser observadas com atenção, pois nem sempre dizem respeito ao ano no qual o selo foi emitido, muitas vezes se referem à data do fato ocorrido e ao qual o selo faz alusão.

Podemos destacar outra diferença específica que encontraremos nos selos que serão analisados, a alteração do nome do país emissor. O termo utilizado para se referir ao país emissor, para além da designação de um espaço geográfico delimitado, expressa a afirmação internacional de soberania do Estado conquistada pela força. Como podemos observar no exemplar da esquerda, aparece a inscrição: *DEUTSCHES REICH* (Império Alemão), enquanto no da direita aparece à inscrição: *GROSSDEUTSCHES REICH* (Grande Império Alemão)<sup>109</sup>. Esta segunda inscrição é verificada nos selos emitidos a partir de 1º de outubro de 1943, devido ao fato deste ano ter sido um divisor de águas na guerra, quando ocorreram fatos importantes, como:

1. 02 de fevereiro 1943 – Vitória soviética em Stalingrado;
2. 13 de maio de 1943 – As forças alemãs (*Afrika Korps*) e italianas no norte da África se rendem aos Aliados;
3. 05 de julho de 1943 – Os alemães iniciam a maior batalha de blindados já ocorrida na História, em Kursk, na União Soviética. Mas, uma semana depois, já debilitados, são surpreendidos pelos soviéticos, que iniciam uma contra ofensiva;
4. 10 de julho de 1943 – Tropas Aliadas dos EUA e Inglaterra desembarcam na Sicília, Itália, colocando em execução a Operação Husky.
5. 25 de julho de 1943 – Benito Mussolini é deposto e preso por ordem do rei italiano;
6. 03 de setembro – A Itália firma o armistício com os Aliados. Hitler ordena a invasão do território e o desarmamento do Exército italiano;
7. 08 de setembro de 1943 – A Itália se rende incondicionalmente às Forças aliadas. Os alemães estabelecem um regime fascista que abrange de Roma ao norte da Itália sob o controle de Mussolini, então liberto da prisão por tropas de elite alemãs;
8. 09 de setembro de 1943 – As Tropas Aliadas norte-americanas e britânicas desembarcam nas praias de Salerno, próximas à Nápoles.

---

<sup>109</sup> Foram utilizadas as seguintes denominações como nomes oficiais do Estado nazista: *Deutsches Reich* (*Reich* Alemão), de 1933 a 1943, e *Großdeutsches Reich* (*Grande Reich* Alemão), de 1943 a 1945.

Neste contexto, caracterizado pelo enfraquecimento das forças alemãs nas frentes de batalha e pela guinada da guerra a favor dos aliados, o Estado nazista necessitava levantar a moral de seu povo, demonstrando que todos se encontravam unidos sob uma só bandeira, para, com isso, conseguir o apoio da população às decisões de Hitler e à guerra na qual estavam inseridos. Foi para compensar, simbolicamente, as perdas sofridas que Hitler determinou a mudança de nome para Grande Império Alemão.

Retornando a nossa análise, podemos definir o selo postal como “[...] um artefato intencionalmente criado, que desempenha funções além de sua função administrativa. [...] existe uma intenção [ao criá-lo]. Esse fato não elimina, em hipótese alguma, a fruição estética do artefato”<sup>110</sup>. Ao contrário, esta assume a função de induzir, tanto no emissor quanto no receptor, a mensagem específica originária de um aparelho institucional, se transformando num meio de comunicação de massa, transmitindo, ao mesmo tempo, uma mensagem semântica e uma mensagem estética.

A mensagem semântica ou denotativa é então empregada no seu sentido real, próprio, não figurado, transmitido especificamente pelos textos e pelas palavras presentes no material filatélico em geral. A mensagem estética ou conotativa é transmitida subjetivamente pela imagem, muitas vezes ela não se refere diretamente ao fato ou objeto que deseja abordar, age de modo figurado, metafórico, baseando-se na existência de um conhecimento preexistente de seu significado, anterior ao seu uso na propaganda e arraigado no subconsciente de todos os atores sociais.

Um exemplo da cíclica utilização da mensagem semântica e estética nos temas levantados nas emissões de selos postais recolhidas e selecionadas durante nossa pesquisa é o emprego da simbologia que ficou associada ao nacional-socialismo, principalmente a suástica, que por si só apresenta um discurso particular, único, hoje com conotações negativas, mas universal. A suástica representou a encarnação de conceitos amplamente assimilados pelos alemães, como o de raça superior, de pertencimento a uma nação maior, que extrapolasse as definidas por convenções nação e território. Essas ideias, naquele contexto, eram capazes de ativar sentimentos de exaltação à pátria, de ódio ao comunismo e aos judeus e de esperança na concretização do “*Reich* de mil anos”. Tais sentimentos, capazes de gerar fortes emoções nos receptores, estavam regularmente presentes nos discursos dos nacional-socialistas que, para se

---

<sup>110</sup> GOMES & SALCEDO, *Ibidem*. p. 109.

comunicar se utilizaram de toda uma teatralização baseada numa estética de cores e contornos próprios.

Utilizaremos como método norteador de nossa pesquisa a proposta de Panofsky<sup>111</sup> para a análise de obras de arte, aplicando-a a filatelia. Assim, numa primeira etapa, baseada numa experiência social e cultural, iremos elaborar uma exposição do significado primário ou natural, pautado na percepção das figuras ou motivos presentes nos selos. Na segunda etapa, será realizada a análise iconográfica<sup>112</sup>, chamada também de significado secundário ou convencional da figura, tal análise exige noções mais profundas que as utilizadas na etapa anterior e a utilização de um conhecimento mais amplo que aborde conceitos que englobem, no nosso caso, imagem, história, símbolo e fantasia, que podem ser encontrados nas fontes bibliográficas disponíveis sobre o período aos quais os selos se referem.

Sobrepondo-se às duas anteriores, chegamos à terceira e última etapa, quando realizaremos a análise do significado intrínseco ou conteúdo, ou análise iconológica<sup>113</sup>, que vai mais além da simples descrição e procura descobrir o significado simbólico do tema exposto nas peças filatélicas, sendo “[...] apreendido pela determinação daqueles princípios subjacentes que revelam a atitude básica da uma nação, de um período, classe social, crença religiosa ou filosófica – qualificados por uma personagem e condensados numa obra”<sup>114</sup>.

No entanto, não devemos nos esquecer da afirmação de Burke de que qualquer imagem [gravuras, pinturas e fotografias] pode ser utilizada como fonte documental histórico-cultural de sociedades<sup>115</sup>. Numa apresentação de aspectos tais como identidades, ideologias e mentalidades, que extrapolam o próprio texto, Peter Burke, contudo, nos alerta sobre os perigos de formarmos visões estereotipadas do “outro”; da possibilidade das imagens produzirem uma falsa representação da realidade social se não analisadas num contexto sócio-político-cultural amplo, que leve em conta a conjuntura na qual fora criada. Assim, o autor conclui que se devem evitar os conceitos simplistas, os anacronismos e as idiosincrasias. Deste modo, Burke propõe uma associação entre a semiótica e o pós-estruturalismo, dizendo acreditar numa “terceira via”, e nela:

---

<sup>111</sup> PANOFSKY, Erwin. *Significado nas Artes Visuais*. Tradução de Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009. (Coleção Debates, nº 99). p. 50-53.

<sup>112</sup> *Iconografia é o ramo da história da arte que trata do tema ou mensagem das obras de arte em contraposição à sua forma*. Cf. PANOFSKY, Ibidem. p. 47.

<sup>113</sup> *Iconologia, portanto, é um método de interpretação que advém da síntese mais que da análise*. Cf. PANOFSKY, Ibidem. p. 54.

<sup>114</sup> Idem, Ibidem. p. 52.

<sup>115</sup> BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. São Paulo: EDUSC, 2004. p. 20-21.



Em vez de descrever imagens como confiáveis ou não confiáveis, adeptos da terceira via estão preocupados com graus ou formas de confiabilidade com confiabilidade para propósitos diferentes. Eles rejeitam a simples oposição entre a visão da imagem como “espelho” ou “fotografia instantânea”, por um lado, e a visão da imagem como nada mais do que um sistema de signos ou convenções, por outro. Eles alegam que no caso das imagens – como no caso do texto – as convenções filtram informações sobre o mundo exterior mas não excluem. [...] <sup>116</sup>

Então, se os selos e blocos comemorativos são artigos elaborados por um regime totalitário, balizado por uma ideologia dominante, faz-se necessária a análise da cultura política nacional-socialista e de sua propaganda política.

---

<sup>116</sup> Idem, *Ibidem*. p. 233.

## Capítulo 2 A CULTURA POLÍTICA *NATIONALSOZIALISTISCH* (NACIONAL-SOCIALISTA)

### 2.1 CULTURA POLÍTICA: CONCEITO E PROBLEMATIZAÇÕES

A natureza dos homens é a mesma, são os hábitos que os mantêm separados.

Confúcio

Não há dúvida de que o interesse pelo tema nazismo se mantém pelo mundo desde a derrota do movimento nacional-socialista no século passado, visto a quantidade de publicações que o analisam sob os mais diferentes aspectos, dentre os quais destacamos a arquitetura, os cartazes publicitários e o cinema. Dentre os instrumentos oficiais de divulgação da propaganda político-ideológica nacional-socialista, a filatelia, sem sombra de dúvidas, pode ser considerada um dos principais. No entanto, sobre este tema várias perguntas ainda se fazem presentes, pese os trabalhos de análise das outras formas de representações nazistas acima referidas, realizados por estudiosos.

Antes de entrarmos nas considerações filatélicas propriamente ditas, por meio das quais discutiremos fatores que teriam contribuído para a expansão da cultura nacional-socialista, escolhemos conduzir o trabalho tomando como referência o conceito de cultura política<sup>117</sup>, por entendermos que este é mais abrangente que o conceito de ideologia.

O debate gerado por esta perspectiva de análise traz à tona pontos-de-vista e aspectos que ajudam na elaboração de um estudo profundo acerca da constituição de uma cultura política nazista na Alemanha durante as décadas de 1920 a 1940, cujas consequências estão

---

<sup>117</sup> Cf. RÉMOND. *Por uma História Política*; BERSTEIN. *A cultura política*; KUSCHNIR; CARNEIRO. As dimensões subjetivas da política.

até hoje presentes, seja para reafirmá-lo, como nos recentes movimentos neonazistas, seja para negá-lo como, por exemplo, na sensação de incômodo e constrangimento que é comum o Holocausto provocar em alemães. Inclusa nesta cultura política, está a filatelia, utilizada como uma das formas de difusão da propaganda nacional-socialista.

Para compreendermos o significado de cultura política, precisamos inicialmente retomar o conceito de cultura. Deste modo, na passagem do século XVIII para o XIX a palavra germânica *Kultur* era empregada para designar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto o vocábulo francês *Civilization* dizia respeito especialmente às relações materiais de um povo. Foi Edward Burnett Tylor quem primeiro englobou os dois significados em uma só expressão, no termo inglês “*Culture*, que ‘tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade’”<sup>118</sup>, colocando-o em oposição à consideração de que seria transmitida por mecanismos biológicos.

Para Motta, a definição de cultura “seria o conjunto complexo construído pela linguagem, comportamento, valores, crenças, representações e tradições partilhados por determinado grupo humano e que lhe confere uma identidade”<sup>119</sup>. Por suas peculiaridades, este conceito permite uma abordagem mais precisa do “fenômeno das representações mentais, além de respeitar as particularidades existentes entre os grupos ou dentro deles, evitando assim as generalizações abusivas”<sup>120</sup>.

Dando sequência ao seu raciocínio, a cultura política se caracteriza como “um conjunto de normas valores, atitudes, crenças, linguagens e imaginário, partilhados por determinado grupo, e tendo como objeto fenômenos políticos”<sup>121</sup>. Este conceito, assim, torna possível uma compreensão da política no nível subjetivo, no nível do “inconsciente, das representações, do comportamento e dos valores”<sup>122</sup>.

Citando Martín-Barbero:

Se falar de cultura política significa levar em conta as formas de intervenção das linguagens e culturas na constituição dos atores e do sistema político, pensar a política a partir da comunicação significa pôr em primeiro plano

---

<sup>118</sup> LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um Conceito Antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1997. p. 25.

<sup>119</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A história política e o conceito de cultura política. In: *Anais do X Encontro Regional de História: Minas, Trezentos Anos: um balanço historiográfico*. Mariana: UFOP, 1996. p. 93.

<sup>120</sup> Idem, *Ibidem*. p. 94

<sup>121</sup> Idem, *Ibidem*. p. 95.

<sup>122</sup> Idem, *Ibidem*. p. 93.

os ingredientes simbólicos e imaginários presentes nos processos de formação do poder. [...]

Então, mais do que objetos de políticas, a comunicação e a cultura constituem hoje um campo primordial de batalha política: o estratégico cenário que exige que a política recupere sua dimensão simbólica — sua capacidade de representar o vínculo entre os cidadãos, o sentimento de pertencer a uma comunidade — para enfrentar a erosão da ordem coletiva<sup>123</sup>.

Assim, para empreendermos uma análise acerca da constituição de uma cultura política nazista, é necessário retroceder ao ano de 1919, data anterior ao nosso marco temporal, por ter sido quando Adolf Hitler se filiou ao então denominado *Deutsche Arbeiterpartei* – DAP (Partido dos Trabalhadores Alemães), colocando em prática suas ideias para chegar ao poder supremo e formar sua “Grande Alemanha”.

É importante analisar como as complexas mudanças decorrentes da evolução do próprio Partido dos Trabalhadores Alemão, são fundamentais para se entender a ascensão de Adolf Hitler e a legitimação de seu poder pelo povo alemão, decorrente de uma propaganda político-ideológica voltada para a criação do consenso, a exemplo do mito ariano<sup>124</sup>. Trata-se de analisar a relação entre aquilo que não foi um “simples acidente histórico”<sup>125</sup>, a ascensão do nazismo ao poder, com o que foi uma das maiores tragédias mundiais, a Segunda Grande Guerra.

Como a existência de culturas políticas mais consistentes demanda certa duração no tempo<sup>126</sup>, o objetivo de retrocedermos até o ano de 1919<sup>127</sup>, diz respeito à necessidade de se visitar os registros dos eventos que sucederam à ascensão de Adolf Hitler para que sejam apresentados e organizados numa sequência cronológica de ocorrências. Com isso, pretendemos compreender a ação de dominação realizada pelo então restrito grupo político do DAP, posteriormente renomeado *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* – NSDAP (Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães). Além disso, buscaremos examinar como este grupo se apropriou de valores culturais, sociais e políticos presentes no conjunto de

<sup>123</sup> MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Prefácio de Néstor García Canclini; Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. pp. 14-15.

<sup>124</sup> POLIAKOV, Léon. *O mito ariano: ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos*. São Paulo: Editora Perspectiva: USP, 1974. (Coleção Estudos, nº 34).

<sup>125</sup> LACOUÉ-LABARTHE, Philippe; NANCY, Jean-Luc. *O mito nazista*. São Paulo: Iluminuras, 2002. p. 64.

<sup>126</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Culturas Políticas na História: novos estudos*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009. Para a definição do conceito de tempo histórico de longa duração ver BRAUDEL. *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II e Escritos sobre a História*.

<sup>127</sup> Lembremos que a ideologia nazista se nutriu de discursos nascidos no século XIX, como o pangermanismo, movimento político-ideológico que defendia a união dos povos de origem germânica numa única nação, que ganhou força dentro da Alemanha gerando um grande sentimento nacionalista.

manifestações sociais, artísticas, linguísticas e comportamentais, mitos e ritos existentes na cultura que caracterizava os povos de origem germânica, com o objetivo de solidificar um conjunto de princípios que serviram de base a um sistema doutrinário e ideológico singular, o qual, associado ao uso da violência e da força, implantou um regime político no qual os cidadãos teriam seus direitos políticos e individuais cerceados por um Estado totalitário.

Aqui é importante nos atermos ao conceito de “regime totalitário”. Segundo Arendt:

No corpo político do governo totalitário, o lugar das leis positivas é tomado pelo terror total, que se destina a converter em realidade a lei do movimento da história ou da natureza. [...] O terror torna-se total quando independe de toda oposição; reina supremo quando ninguém mais lhe barra o caminho. Se a legalidade é a essência do governo não-tirânico e a ilegalidade é a essência da tirania, então o terror é a essência do domínio totalitário.

O terror é a realização da lei do movimento. O seu principal objetivo é tornar possível à força da natureza ou da história propagar-se livremente por toda a humanidade sem o estorvo de qualquer ação humana espontânea. Como tal, o terror procura “estabilizar” os homens a fim de liberar as forças da natureza ou da história. Esse movimento seleciona os inimigos da humanidade contra os quais se desencadeia o terror, e não pode permitir que qualquer ação livre, de oposição ou de simpatia, interfira com a eliminação do “inimigo objetivo” da História ou da Natureza, da classe ou da raça<sup>128</sup>.

Deste modo, buscamos alargar a maneira como é visto o movimento nacional-socialista, anteriormente entendido como uma doutrina política e ideológica de caráter totalitário, nacionalista e expansionista, que exerceu sua autoridade e influência através da força. Não pretendemos desconsiderar essas definições, antes, buscamos ir além e percebê-lo também como um movimento voltado às manifestações artísticas e culturais, por meio das quais se desenvolveu um eficiente sistema de circulação de significados, que refletiram na geração de consenso, na criação de uma nova estética e no controle social, seja através do medo e do terror ou da conquista da adesão da população. A mesma sociedade que passou a ver cada dia mais distante a possibilidade de retornar a um sistema democrático de governo e encontrar uma passagem que possibilitasse seu retorno ao contexto de estabilidade social e política que apresentava anteriormente.

Guardadas as devidas proporções, não se pretende fazer uma distinção entre o período anterior e posterior à posse de Adolf Hitler como chanceler, por se entender que o segundo é o complemento do primeiro, que as ideias defendidas já se faziam presentes entre a população alemã que passou a ver suas angústias e aflições refletidas nas palavras proferidas pelo “cabo austríaco” em seus discursos inflamados. Tal perspectiva pode ser inferida, se

<sup>128</sup> ARENDT, Hannah. *As Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

observada a ascensão de Adolf Hitler dentro do Partido dos Trabalhadores Alemães e do próprio Partido na Alemanha.

A partir deste ponto, em nosso trabalho, utilizaremos o termo “propaganda nazista” para referir-nos a propaganda psicológica utilizada pelo Estado nazista, caracterizado fundamentalmente pelo uso da violência, pela existência de um partido único e pela personificação do poder na figura do “Líder” (*Führer*). Esta mesma propaganda nazista foi um dos instrumentos utilizados para a propagação da mensagem político-ideológica nacional-socialista e suas práticas difundidas nas mais diferentes esferas da sociedade, tais como: escolas, igrejas, famílias e sindicatos.

Para Lenharo:

Os pressupostos ideológicos dos nazistas e a prática arbitrária do poder levaram-nos inevitavelmente a desenvolver uma moralidade que contradizia a que apregoavam. Na realidade, tudo o que os nazistas atribuem à condição humana deixa claro que a moralidade exigida era vista apenas e exclusivamente como um mecanismo de poder. Eles não precisariam respeitar aquilo que as massas alemãs respeitavam; melhor dizendo, a moral exaltada existia somente para ser praticada pelas massas como instrumento de sua própria dominação<sup>129</sup>.

Adolf Hitler já vinha utilizando a propaganda com o intuito de conquistar a adesão da sociedade alemã à ideologia nacional-socialista que, longe de ser apenas uma “doutrina política”, foi uma deliberada tentativa de se implementar uma política eugênica baseada na supremacia da raça ariana.

Em 1924, foi encerrado o julgamento de Adolf Hitler pelo seu envolvimento no *Putsch* (Golpe)<sup>130</sup> da Cervejaria. Após realizar sua própria defesa e receber a pena mínima, ele aproveitou a estadia na prisão para elaborar e esclarecer suas ideias. Tal esforço levou-o a se debruçar “febrilmente sobre o manuscrito de *Mein Kampf* (Minha luta)”<sup>131</sup>.

Para Hitler, o objetivo principal da propaganda era convencer as massas, cuja lentidão de entendimento exige que lhes seja dado tempo para absorver a informação. Por isso, só a repetição constante poderá ter sucesso em imprimir uma ideia em suas mentes.

Escrito sob a forma de um tratado acerca dos problemas sociais e políticos que afligiam o país, o livro sintetizava sua ira contra os comunistas e seu preconceito contra os

<sup>129</sup> LENHARO, Alcir. *Nazismo: “O triunfo da vontade”*. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2001. p. 64

<sup>130</sup> *Putsch* - palavra alemã para a aquisição forçada de um governo, um golpe de Estado.

<sup>131</sup> FEST, Ibidem.

judeus. Segundo Adolf Hitler, estas eram as duas forças demoníacas e destrutivas que estavam por trás de todos os problemas pelos quais a Europa passava. Inimigos paradigmáticos, ou seja, inimigos utilizados como um padrão, modelo ou exemplo a não ser seguido, que foram erigidos por uma narrativa que se apropriou e consolidou uma memória já existente que serviu de justificativa para ações futuras. Para ele era preciso não apenas conhecer as ameaças à Alemanha, mas, acima de tudo, atuar repressivamente para extirpá-las, assim como agiu dentro do próprio partido.

A própria *Dolchstoßlegende* (Lenda da Punhalada pelas Costas)<sup>132</sup> que remonta ao depoimento dado pelo então marechal-de-campo Paul von Hindenburg, em 18 de novembro de 1919, perante a Comissão Parlamentar de Inquérito encarregada de apontar os responsáveis pela derrota alemã na Primeira Grande Guerra, defendeu a teoria de que foram os movimentos revolucionários existentes na Alemanha, forças que faziam campanha contra a guerra, que teriam “apunhalado” o Exército pelas costas. O Exército, dessa maneira, era eximido de qualquer responsabilidade pela derrota, uma vez que fora traído pelos inimigos internos (socialistas e judeus), no próprio país<sup>133</sup>.

Após o depoimento de von Hindenburg, o mito tomou tamanha dimensão que em poucos meses tornou-se um pilar da ideologia nacional-conservadora alemã, fornecendo aos membros da...

[...] linha-dura da direita alemã uma causa, um inimigo e acima de tudo uma rica sementeira de queixas reais da qual poderia colher apoio. Um arengueiro bávaro, especialmente, aproveitou a ocasião para lançar-se a si mesmo e a seu Partido Nacional-socialista no cenário nacional<sup>134</sup>.

A escalada de Adolf Hitler ao governo é de fundamental importância para a compreensão das mudanças ocorridas na Alemanha pós 1933. Além disso, evidenciam a antes apenas aparente predisposição por parte do *Führer* de lidar com questões complicadas não através da diplomacia, mas de uma forma beligerante, por meio de um controle jurídico, político e social dotados de extrema rigidez. Apropriando-se da lenda da punhalada pelas costas e, através de discursos inflamados e da propaganda nazista, conseguiu atingir uma parcela considerável da população que não queria aceitar a derrota alemã. Assim, a

---

<sup>132</sup> LOUREIRO, Isabel. *A Revolução Alemã* (1918-1923). São Paulo: Editora UNESP, 2005. (Revoluções do Século 20). p. 114-115.

<sup>133</sup> Idem. *Ibidem*.

<sup>134</sup> LEVENSON, Thomas. *Einstein em Berlim*. Tradução de Sérgio Duarte. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda., 2003. p. 329.

propaganda nazista foi empregada tanto para difundir um modo de vida, quanto para divulgar crenças e ideias religiosas, políticas e ideológicas, como o “mito do ariano puro”.

O regime ditatorial nazista, assim como todos os regimes totalitários, situava-se acima da legalidade, nele, reinava absoluta uma tirania jurídico-legal, que transmitia uma fachada de legitimidade ao sistema fazendo de seu governo uma extensão do terror e da insegurança, sem os quais seria impossível mantê-lo<sup>135</sup>.

O controle das informações por parte de diversas instituições dentro e fora do Estado, associado à utilização sistêmica da propaganda nazista, através dos meios de comunicação em massa disponíveis à época (rádio, cinema, imprensa, cartazes e a filatelia), extrapolava a imprescindível necessidade de se alimentar um complexo aparelho de tomada de decisões, buscando conhecer e controlar a esfera particular da vida de todos os cidadãos. Para isto, utilizava-se amplamente da vigília e delação, por parte de colaboradores “espontâneos” ou remunerados, no combate aos inimigos que vinham “apunhalando” a nação alemã pelas costas desde a Primeira Grande Guerra.

Somente com o controle social absoluto por parte do Estado poderia ocorrer à legitimação de um Estado de exclusão. Com o intuito de minimizar as atividades de oposição internas e externas, o governo nazista estruturou seu sistema repressivo de modo rígido, para cumprirem atividades típicas de regimes totalitários, atuando em todos os níveis e aspectos da sociedade alemã, criando, e ou reformulando organismos próprios e treinando pessoal especializado no campo da censura e das atividades artístico-culturais, da elaboração da propaganda política e da repressão *tout court* através de uma polícia política. Este controle foi inicialmente colocado em prática dentro do próprio partido. Com sua chegada ao poder, deveria ser realizado em nível nacional, numa tentativa de abolir qualquer limitação ao poder estatal que teria poderes inclusive de interferir na esfera de liberdades individuais. Ao mesmo tempo, por meio da propaganda nazista, transmitia-se uma imagem de legalidade.

Para atingir tal objetivo<sup>136</sup>, o NSDAP já possuía as *Sturmabteilung* (Divisões de Assalto)<sup>137</sup>, também conhecida como SA e as *Schutzstaffel* (Tropas de Proteção) ou SS. Posteriormente, contou com a *Geheime Staatspolizei* ou Gestapo (Polícia Secreta do Estado), vinculada ao *Reichssicherheitshauptamt* - RSHA (Escritório Central de Segurança do *Reich*),

<sup>135</sup> FREITAS, Ana Paula Nazaré de. Imagens do Nazismo. Ensaio sobre uma política cultural totalitária. In: *IX Encontro de Pós-Graduação e Pesquisa Universidade de Fortaleza*, Fortaleza, 19 e 20 out. 2009.

<sup>136</sup> Item 25 das diretrizes-base do NSDAP, lançados em 1920: criação de uma forte autoridade central o Reich.

<sup>137</sup> A palavra *Sturmabteilung* é um substantivo derivado da junção de *Sturm* (1- vento forte, ventania. 2- tempestade, temporal, tormenta, borrasca. 3- ataque, assalto) e *Abteilung* (divisão, seção, departamento, setor, repartição), sendo traduzida literalmente como “Seção Tormenta”. Na literatura pertinente, esta milícia paramilitar nazista, ficou conhecida como “Divisões de Assalto”, designação estritamente militar.



órgão responsável pelo controle das polícias, dentre outras. Estas instituições disseminavam uma atmosfera permanente de incerteza e transmitiam uma contínua sensação de vigilância por parte do Estado, realizando prisões arbitrárias, tortura, assassinato político e deliberado de pessoas motivado por diferenças raciais, étnicas, etc. Outro exemplo foram os *Einsatzgruppen* (Forças-Tarefa, Esquadrões de Ações Especiais ou Grupos de Intervenção), subdivisões da SS, criados para atuar nos territórios ocupados com objetivo único de exterminar as minorias étnicas, como: judeus, *partisans*<sup>138</sup>, ciganos, homossexuais, deficientes físicos e inimigos políticos do *Reich*.

Para Krieck, um dos mais relevantes filósofos nacional-socialistas:

O valor da personalidade dum homem assenta não na sua singularidade e afastamento, mas sim na medida e na amplitude com que o indivíduo apreende o todo vital, o representa a si mesmo e se acomoda a ele, ou, noutros termos, na energia da sua determinação e da sua própria responsabilidade<sup>139</sup>.

Esta rigidez de princípios, desde o início, foi uma das blindagens utilizadas pelo totalitarismo político nazista. O “espírito corporativo” que visava alcançar o maior número possível de indivíduos foi um dos recursos utilizados responsáveis pela aceitação, por grande parte da população, de todo aparato ideológico nazista, composto por um “sistema punitivo” extremamente eficaz. Assim, qualquer um que, por repúdio ao meio social vigente, provocasse uma tensão social, acionaria um dos vários sistemas de controle e coerção do Estado. A punição ao transgressor dependeria da categoria do delito e era utilizada de forma a otimizar as relações sociais e o controle da realidade: poderia ser a prisão, o interrogatório, chegando até mesmo à morte.

A cultura política nacional-socialista deve ser percebida igualmente como um “conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas partilhadas por determinado grupo humano, que expressa uma identidade coletiva e fornece leituras comuns do passado, assim como fornece inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro”<sup>140</sup>. Este conceito sugere a existência de adesão por parte do cidadão comum, gerando um conjunto de caracteres particulares, ou seja, uma identidade coletiva, indo além do conceito de ideologia e da coerção. A abordagem desta e de outras questões destaca a pertinência da

<sup>138</sup> O termo *partisans* se refere aos movimentos de resistência ocorridos nos países ocupados pela Alemanha nazista durante a Segunda Guerra Mundial.

<sup>139</sup> BRITO. António José de. *O pensamento de Ernst Krieck*. Disponível em: <<http://www.causanacional.net/index.php?itemid=394>>. Acesso em: 08 jan. 2013.

<sup>140</sup> MOTTA, Ibidem. p. 21

cultura política que, como mencionado anteriormente, por ser abrangente, não propicia uma explicação única a respeito dos fatos, mas, devido à complexidade dos atores sociais envolvidos, propicia uma explicação plausível a respeito de seus atos. A cultura política nazista construiu uma linguagem política própria com o objetivo de estabelecer um discurso hegemônico, cuidadosamente construído e estrategicamente defendido “e de um vocabulário de símbolos, ritos, gestos e representações visuais [aqui incluídos os selos postais] que confluem para uma mesma visão de mundo a ser partilhada”<sup>141</sup>.

Pretendemos, nesta pesquisa, nos dedicar à apreciação, análise e compreensão de um conjunto complexo de fatores históricos que fizeram parte do imaginário nacional-socialista. Neste conjunto, destacamos o tratamento ideológico adotado que serviu como um “falseamento da realidade” e o “comprometimento” com o regime ditatorial nazista que possibilitou a qualquer pessoa, dentro ou fora do governo, se sentir parte integrante de um sistema que se transformou no “norte” a ser seguido por toda uma nação.

A propaganda nazista construída e as mídias utilizadas para sua divulgação foram de imprescindível importância para a divulgação da mensagem nacional-socialista à sociedade alemã. Tornaram-se as balizas mestras de uma conduta social e política ímpar, que deveriam ser seguidas por todos os arianos para o engrandecimento do *Reich*.

Segundo Tchakhotine:

Na política, essa tendência para o uso de símbolos, tem um grande valor. Aqui tratamos dos movimentos de massa. É evidente que um movimento político de nossos dias só tem possibilidade de sucesso se suas ideias são dotadas por um número considerável de pessoas que delas se apoderam por um processo de assimilação e, além disso, quando são compreendidas e sustentadas, de maneira unânime, pela grande maioria dos adeptos desse movimento. Se essas condições estão presentes ao espírito, logo se compreende que um tal movimento político só pode obter rápido sucesso se tem uma maneira – por assim dizer estenográfica – de exprimir suas ideias, um simbolismo próprio; poderá, então, ser aceito, de forma rápida e uniforme, por um grande número de pessoas<sup>142</sup>.

Desta maneira, compreender este processo, através da análise da filatelia nazista no período, significa constatar a presença de valores, tradições, práticas e representações políticas e sociais que constituem a cultura política do nacional-socialismo, capaz de mobilizar o imaginário popular, a memória coletiva, as emoções humanas, as expectativas do

<sup>141</sup> DUTRA, Eliana R. de Freitas. História e Culturas Políticas: Definições, usos, genealogias. In: *VARIA HISTORIA*, nº 28, dez. 2002. p. 24-25.

<sup>142</sup> TCHAKHOTINE, Serge. *A mistificação das massas pela propaganda política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. p. 137-138.

presente e suas aspirações de futuro presentes na face dos selos. As culturas políticas podem ser difundidas e transmitidas “a partir de múltiplos canais. Dentre eles a filatelia. No que toca a mídia<sup>143</sup>, ele [Berstein] nos lembra, ela operaria difundindo temas, modelos, argumentos, criando um clima cultural que conduziria à aceitação da recepção da mensagem política correspondente”<sup>144</sup>.

Assim, pretende-se identificar a simbologia estampada na filatelia e sua utilização no processo de difusão da cultura política nazista, abordando sua utilização como meio de propaganda político-ideológica, além de compreender como valores, tradições, práticas e representações políticas, culturais e sociais apropriadas pelo nazismo foram representados iconograficamente nos selos do *Reich*.

---

<sup>143</sup> Aqui estão inclusos os selos postais, como representação de uma mídia impressa utilizada para a difusão da cultura política nazista.

<sup>144</sup> DUTRA, Ibidem. p. 27.

## Capítulo 2.2 A PROPAGANDA NAZISTA: IMAGEM, IMAGINÁRIO E OUTRAS REPRESENTAÇÕES

O poder estabelecido unicamente sobre a força ou sobre a violência não controlada teria uma existência constantemente ameaçada; o poder exposto debaixo da iluminação exclusiva da razão teria pouca credibilidade. Ele não consegue manter-se nem pelo domínio brutal e nem pela justificação racional. Ele só se realiza e se conserva pela transposição, pela produção de imagens, pela manipulação de símbolos e sua organização em um quadro cerimonial. Estas operações se ajustam de modos variáveis, combináveis, de apresentação da sociedade e de legitimação das posições do governo. [...] Logo o passado coletivo, elaborado em uma tradição, em costumes, é a origem da legitimação. É uma reserva de imagens, de símbolos, de modelos de ação; permite empregar uma história idealizada, construída e reconstruída segundo suas necessidades, a serviço do poder presente. Este gere e assegura seus privilégios colocando em cena uma herança<sup>145</sup>.

Prosseguindo com nosso estudo apresentaremos algumas considerações teóricas que envolvem conceitos imprescindíveis para nossa análise e são referentes às definições de termos como símbolo, rito, mito, etc. Além disso, fazem parte da compreensão da ideia de propaganda política nacional-socialista que buscamos desenvolver em nossa pesquisa, utilizada como forma de difusão da cultura política nacional-socialista através dos selos postais.

Partindo do pressuposto de que as imagens são construídas sobre as informações motivadas por experiências visuais anteriores, elas nem sempre retratam algo concreto, mas se

---

<sup>145</sup> BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Tradução de Luiz Tupy Caldas de Moura. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1982. (Coleção Pensamento Político, nº 46). p. 7.

apresentam como uma representação possível do objeto externo que a motivou<sup>146</sup>, podendo ser compreendidas como “textos especialmente construídos que revelam as nossas relações com a sociedade e com o que a sociedade representa”<sup>147</sup>.

A representação é a interpretação que fazemos do real, numa tentativa de captar o que só existe a partir dos símbolos que nós atribuímos à realidade percebida<sup>148</sup>. O símbolo, na concepção original do sentido do termo grego *Symbolon*, era considerado um sinal de reconhecimento, mas com Jung assume novo significado, assumindo a forma de um termo, um nome ou mesmo uma imagem familiar, mas implicando alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato, conduzindo a “ideias que estão fora do alcance da nossa razão”<sup>149</sup>.

Deste modo, “o símbolo é sinal visível de uma realidade invisível”<sup>150</sup>. Ele é convencionalizado pela cultura<sup>151</sup>, se situando na essência de uma sociedade, ultrapassa o seu referencial apresentando o objeto sob outro olhar. Agindo por meio de estímulos afetivos, consegue estimular ações, mobilizar toda coletividade em torno de normas próprias. Devido à sua eficácia e amplitude, os símbolos ainda são frequentemente empregados pelos ditadores na tentativa de guiar as massas e como meio de gerar sentimentos de pertencimento e, simultaneamente, explorar as emoções das multidões, principalmente, através da criação de ritos e rituais.

O rito é um modo de se realizar uma cerimônia aceita pela sua tradição, extremamente múltiplo em símbolos. Segundo Hobsbawn & Ranger, o fenômeno da “invenção das tradições” ocorreu em todo o mundo, mas na Europa, no período que precedeu a Primeira Guerra Mundial<sup>152</sup>, ele ocorreu de forma oficial e oficiosa,

[...] sendo as invenções oficiais – que podem ser chamadas de “políticas” – surgidas acima de tudo em estados ou movimentos sociais e políticos organizados, ou criadas por eles; e as não-oficiais – que podem ser denominadas “sociais” – principalmente geradas por grupos sociais sem

<sup>146</sup> LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana S. *O que é imaginário*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2003. (Coleção Primeiros Passos, 309). p. 10.

<sup>147</sup> DIONISIO, Ângela Paiva. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A.M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, R.S. (Org.). *Gêneros Textuais: reflexão e ensino*. União da Vitória: Kaygangue, 2005.

<sup>148</sup> LURKER, Manfred. *Dicionário de Simbologia*. Tradução de Mário Krauss e Vera Barkow. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 338.

<sup>149</sup> JUNG, Carl Gustav (Org.). *O Homem e seus Símbolos*. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1967. p. 20-21.

<sup>150</sup> LURKER, Ibidem. p. 656.

<sup>151</sup> PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. 5.ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005. (Estudos, nº 46). p. 76.

<sup>152</sup> HOBBSAWM, Eric J.; RANGER, Terence. (Orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 271.

organização formal, ou por aqueles cujos objetivos não eram específica ou conscientemente políticos, como os clubes e grêmios, tivessem eles ou não também funções políticas<sup>153</sup>.

Assim, o rito pode ser considerado como a recapitulação e imitação de um acontecimento ancestral que serve para sua memorização. *Os novos feriados, cerimônias, heróis e símbolos oficiais públicos*<sup>154</sup>, na sua “teatralização”, no culto, se transformam em rituais que concentram as ações, as emoções, os anseios e as transformações mais importantes vividas pelas pessoas, sendo amplamente percebidas nos símbolos contidos nestes ritos. Ele possui a propriedade de transportar o indivíduo a um estado místico, etéreo. Por isso, os símbolos, às vezes podem tomar a forma de ritos, ou seja, de ações reais simbólicas, que proporcionam ao indivíduo uma sensação, muitas vezes artificial, de realização de suas pretensões.

“O mito é uma interpretação de significado da realidade por meio da imagem, tornando esta realidade compreensível, [...] por meio de apelo a um mundo imaginário de seres divinos e semidivinos”<sup>155</sup>. Subjetivamente, ele é um reflexo da história e da vida social do indivíduo e caracteriza-se por pertencer à coletividade e por se relacionar com as experiências cotidianas. Segundo Freud é o sonho coletivo produzido pelos indivíduos<sup>156</sup>. Ele justifica, inspira e mantém a unidade de um grupo, de uma sociedade ou um povo. Segundo Tchakhotine: “Enquanto o rito subsiste na vida social, o mito tem também a possibilidade de durar e de exercer seu poder sobre os homens, mas, cai em desuso, se o rito é abandonado”<sup>157</sup>.

Psicologicamente, os símbolos foram utilizados pelos nazistas como estímulos para acelerar o processo de assimilação de novos ritos pela sociedade alemã. Ivan Petrovich Pavlov<sup>158</sup>, através de sua teoria dos reflexos condicionados, estabeleceu “um esboço fisiológico que poderia servir de base à análise ulterior de toda a complexidade do mundo

---

<sup>153</sup> Ibidem, Ibidem.

<sup>154</sup> Idem, Ibidem. p. 272.

<sup>155</sup> LURKER, Ibidem. p. 447.

<sup>156</sup> LAPLANTINE et al., Ibidem. p. 20.

<sup>157</sup> TCHAKHOTINE, Serge. *A mistificação das massas pela propaganda política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. p. 279.

<sup>158</sup> A teoria dos reflexos condicionados de Pavlov se baseou numa experiência na qual se um cão é alimentado ele saliva, sendo um reflexo “inato ou absoluto”. Num segundo momento, se associarmos esta alimentação a uma “excitação sonora”, uma buzina, por repetidas vezes, ao acionarmos apenas a buzina o cão passará a salivar, tendo sido estabelecido um “reflexo condicionado”. Mas, para que o reflexo condicionado se mantenha, é necessário que seja periodicamente reforçado. O alimento é o fator absoluto e o som é o fator condicionante. Cf. TCHAKHOTINE. *A mistificação das massas pela propaganda política*. p. 19-20.

subjetivo do Homem”<sup>159</sup>, com isso, abriu o caminho para perspectivas de estudos que consideram as “razões fisiológicas” como um fator fundamental no domínio social e político.

Os próprios russos viram as possibilidades de uso dos estudos de Pavlov, tendo sido o Estado o maior incentivador de suas pesquisas. Eles colocariam as ideias de Pavlov em prática durante o “Verão Negro” [agosto] de 1942, como os russos o chamaram, quando os alemães reiniciaram sua marcha rumo ao leste, originalmente com a pretensão de chegar até Moscou, mas posteriormente alterado por Hitler, que mudou o foco de seu ataque para Stalingrado e as indústrias ali implantadas, além da região do Cáucaso, localizado entre a Europa e a Ásia, com seus campos petrolíferos, áreas de importância estratégica e militar. O Sexto Exército Alemão, comandado pelo General Friedrich Paulus, foi incumbido de marchar na frente da nova ofensiva em direção à Stalingrado, durante a qual,

[...] para tentar deter o constante avanço dos tanques alemães, os russos começam a utilizar medidas desesperadas, cães. Até agora, as peles desses animais eram usadas para fazer botas.

Os russos, apressadamente utilizaram o método baseado no trabalho do famoso cientista Pavlov e seus reflexos condicionados. Os cães são mantidos famintos e treinados para procurar alimento sob um veículo com esteira. Explosivos acionados a controle remoto são presos a eles, e soltos no último minuto quando um tanque alemão se aproxima<sup>160</sup>.

Pavlov foi capaz de construir e quebrar padrões de comportamento em cães. O que não poderia ser alcançado se empregado em pessoas? A propaganda política passou a utilizar sistemas de condicionamento semelhantes aos utilizados nos experimentos de Pavlov, se valendo de sinais verbais, visuais, sonoros e assim por diante. Nas palavras de Domenach:

Descoberta formidável, decisiva para os modernos engenheiros da propaganda: o homem médio é um ser essencialmente influenciável; tornou-se possível sugerir-lhe opiniões por ele consideradas pessoais, “mudar-lhes as ideias” no sentido próprio, e por que não tentar em matéria política o que é viável do ponto de vista comercial?<sup>161</sup>.

Segundo Diehl<sup>162</sup> os nacionais-socialistas se aproveitaram de todos os recursos disponíveis para manipular as massas, contudo, não foram utilizados processos como os de

<sup>159</sup> TCHAKHOTINE, Ibidem. p. 18.

<sup>160</sup> REDESCOBRINDO a Segunda Guerra: Momentos decisivos. National Geographic Channel. DVD, cor. Narração realizada aos 0:09’:30”, da parte 4 do documentário.

<sup>161</sup> DOMENACH, Jean Marie. *A Propaganda Política*. 1955. pg. 24. Disponível em: <<http://solpoliticos.files.wordpress.com/2010/03/apropagandapoliticasolpoliticos.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2012.

<sup>162</sup> DIEHL, Paula. *Propaganda e persuasão na Alemanha nazista*. São Paulo: Annablume, 1996.

lavagem cerebral ou hipnose coletiva propriamente dita. Podemos exemplificar este fato numa passagem citada por Capelato, na qual:

A importância dos meios de comunicação para a propaganda política já fora salientada por Assis Chateaubriand, que em 1935 criticou Vargas pela incapacidade de utilizá-los de forma eficiente. Mencionando o exemplo da Alemanha nazista, Chateaubriand comentou que nesse país “a técnica de propaganda obtém resultados [que na visão de Chateaubriand poderiam ser comparados] até a hipnose coletiva (...). O número de heréticos se torna cada vez mais reduzido porque o esforço de sugestão coletiva é desempenhado pelas três armas poderosas de combate da técnica material de propaganda: o jornalismo, o rádio e o cinema (...)”<sup>163</sup>.

Neste caso e em muitos outros, símbolos, construções e saudações foram empregados pela propaganda nazista para passar uma ideia de elevada autoestima alemã, a qual se encontrava abalada desde o fim da Primeira Grande Guerra. Pretendia-se, com isso, transformar a derrota num estímulo à política expansionista nazista. Se a manipulação das massas pela propaganda por governos ditatoriais é de fácil visualização, tanto pela prática em si, quanto pelos resultados alcançados, os nazistas se utilizaram do monopólio dos meios de comunicação tanto para difundir um modo de vida, o “mito do ariano puro”, quanto para divulgar crenças e ideias religiosas, políticas e ideológicas.

A propaganda serviu para a ampliação do alcance de suas ações, possibilitando a imposição de projetos políticos que atendem aos interesses de grupos específicos apresentando-se mascarados de projetos de interesse nacional, pois requerem o apoio coletivo para sua realização. O Estado nazista muito se inspirou também na simbologia utilizada pelo fascismo italiano e pelos comunistas<sup>164</sup>, acrescentando novos significados ao adaptá-la a realidade alemã<sup>165</sup>.

Tchakhotine, discípulo de Pavlov, ao analisar a propaganda política fascista, coloca como Mussolini e, no caso aqui apresentado, como Hitler obteve sucesso na manutenção da ordem social e na legitimação de seu poder.

Para legitimar suas conquistas, os ditadores sustentaram, seguidamente, que elas eram efetuadas, quase sempre, pacificamente, ou, pelo menos, sem emprego de violência física. Isso não é verdade senão na aparência: a

<sup>163</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999. p. 170.

<sup>164</sup> TCHAKHOTINE, Ibidem. p. 261.

<sup>165</sup> LACOUÉ-LABARTHE, Philippe & NANCY, Jean-Luc. *O mito nazista*. São Paulo: Iluminuras, 2002. p. 12.



ausência da guerra não impede o emprego de uma violência não menos real, é a violência psíquica<sup>166</sup>.

Como esta violência psíquica foi realizada? Seguindo o raciocínio de Tchakhotine, pode-se concluir que ela se deu por meio de estímulos externos, tais como o comício político, a mobilização do exército alemão, o desfile de armas bélicas. Tais situações funcionariam como “fatores absolutos”, gerando um alto grau de excitação entre seus participantes, provocando respostas emotivas que posteriormente seriam invocadas por símbolos que, assim como o som, funcionariam como “fatores condicionantes”. Os mecanismos psíquicos humanos somente fixam os símbolos aos quais ficamos expostos de forma sistêmica e contínua. Essa continuidade provoca experiências de vida que determinam a conduta do ser humano por meio das emoções provocadas. Por isto a repetição é de extrema importância. Segundo Domenach: “O Partido e o Chefe estavam presentes em toda parte: nas ruas, nas fábricas e até dentro das casas, nas paredes dos quartos. Jornais, cinema e rádio repetiam incessantemente a mesma coisa”<sup>167</sup>.

Na sequência, Tchakhotine classificou os símbolos como: “gráficos” (o fúscio fascista, a cruz gamada nazista); “sonoros” (o grito nazista: *Heil Hitler!* (Viva Hitler! – Vida longa a Hitler!); seus hinos e canções; e suas ameaças veladas); e “plásticos” (movimentos corporais treinados por Hitler e encenados durante seus longos discursos; a permanência de um braço levantado no ar durante um longo período de tempo). Os gestos ou movimentos de expressão “possuem frequentemente significado próprio na religião, na magia e nos costumes”<sup>168</sup>, e, uma vez que adquirem grande significado para os observadores começam a ser reproduzidos cotidianamente. No caso do nosso estudo, as posições e os movimentos das mãos realizados por Adolf Hitler se tornaram parte inseparável na cultura nacional-socialista.

Então, podemos observar que Hitler se utilizava de símbolos gráficos, sonoros e plásticos, agindo:

Por meio de discursos inflamados, despidos de todo entrave, atraía para si a atenção; atacava violentamente o governo republicano, criticava, injuriava, proferia ameaças inauditas: “As cabeças vão rolar”, “a noite das longas facas”, o documento de Boxheim [documento que continha em detalhes a política de terror dos nazistas, caso chegassem ao poder<sup>169</sup>] tais eram as ameaças da propaganda nazista que tinha e que devia ter uma enorme

<sup>166</sup> TCHAKHOTINE, Ibidem.

<sup>167</sup> DOMENACH, Ibidem. p. 50.

<sup>168</sup> LURKER, Ibidem. p. 289.

<sup>169</sup> SCHULTZE, Mary. *O Vaticano e a União Europeia*. p. 49. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/88807869/4/Capitulo-4>>. Acesso em: 04 jan. 2013.

influência sobre as massas; isso, por duas razões: em primeiro lugar, essas massas, tornadas facilmente excitáveis pela miséria material, prestavam atenção a todas as críticas; em segundo lugar, o fato de que a propaganda se fazia impunemente, despertava a convicção de que os poderes repressivos e os meios de defesa do Estado estavam inteiramente paralisados e que não se podia esperar, daquele lado, o feliz desfecho para uma situação insuportável. Hitler e seus adeptos, reunidos ao som do tambor, faziam uma coisa que devia reforçar enormemente o efeito de suas palavras. Serviam-se da propaganda simbólica e empregava, com esse fim, um símbolo muito simples do ponto de vista gráfico, a cruz gamada, que desenhavam por toda parte e em grande quantidade. Exatamente porque era de tão fácil reprodução, foi copiada aos milhões e serviu de sinal excitante, fazendo nascer nas massas uma certa reação nervosa, que nos é familiar, agora que conhecemos as experiências e as conclusões de Pavlov, a respeito da criação dos reflexos condicionados<sup>170</sup>.

O discurso nazista fazia uso de sugestões subjetivas, veladas e aterrorizantes para abordar as camadas mais baixas da sociedade e se utilizava amplamente da repetição. Junto com essas práticas, estava a promessa de unificação e fortalecimento nacional da Alemanha, que retomaria seu lugar de destaque no cenário europeu e internacional. Como podemos observar nas palavras de Capelato, ao afirmar que:

Os nazistas acreditavam nos modernos métodos de comunicação de massa e, segundo Hannah Arendt [...], muito aprenderam com a propaganda comercial norte-americana. Mas a propaganda política tinha características particulares: uso de insinuações indiretas, veladas e ameaçadoras; simplificação das ideias para atingir as massas incultas; apelo emocional; repetições; promessas de benefícios materiais ao povo (emprego, aumento de salários, barateamento dos gêneros alimentícios de primeira necessidade); promessas de unificação e fortalecimento nacional<sup>171</sup>.

Eles se aproveitavam de ritos antigos para reatualizar suas crenças, para dar a elas uma sensação de duração eterna. Assim como o Império alemão de Bismarck, os nacional-socialistas foram capazes de...

[...] associar elementos tirados de um Império Alemão anterior, aos mitos e símbolos de um nacionalismo liberal popular entre as classes médias, e ao prosseguimento da dinastia da monarquia prussiana, da qual na década de 1860, metade dos habitantes da Alemanha de Bismarck eram súditos<sup>172</sup>.

Deste modo,

<sup>170</sup> TCHAKHOTINE, Ibidem. p. 261-262.

<sup>171</sup> CAPELATO, Ibidem. p. 167-178.

<sup>172</sup> HOBSBAWM & RANGER, Ibidem. p. 275.

A invenção das tradições [...] do Império Alemão associa-se, portanto, antes de mais nada, à era de Guilherme II. Seus objetivos eram primordialmente duplos: estabelecer a continuidade entre o Primeiro e o Segundo Império Alemão, ou, de modo mais geral, estabelecer o novo Império como realização das aspirações nacionais seculares do povo alemão; e enfatizar as experiências históricas específicas que ligavam a Prússia ao restante da Alemanha na construção do novo Império, em 1871. Ambas as metas, por sua vez, exigiam a convergência da história prussiana e alemã, coisa a que se dedicaram por algum tempo os historiadores imperiais patriotas [...]<sup>173</sup>

Para a historicidade nacional-socialista, o Sacro Império Romano-Germânico, que durou de 962 a 1806, era considerado o Primeiro *Reich* (Império) alemão. Em 1871, Otto von Bismarck, estadista conhecido como o Chanceler de Ferro, estabeleceu o Segundo *Reich*, um novo Império e durou até a derrota da Alemanha na Primeira Grande Guerra, em 1918. Hitler anunciou em 1933 o início do Terceiro Reich. O primeiro durou 844 anos, o segundo durou apenas 47. O glorioso Terceiro *Reich*, segundo o *Führer*, duraria, no mínimo, mil anos. No entanto, o Império de mil anos se revelou o mais curto de todos os *Reichs*. Como as demais promessas de Hitler, foi reduzido a escombros depois de pouco mais de dez anos de existência. Segundo Martín-Barbero:

A travessia dos imaginários permite compreender melhor o que a concepção romântica do popular nos impede de pensar, e o que tem feito até hoje quase sempre aliada e componente ideológico das políticas conservadoras. Em primeiro lugar a mistificação na relação povo-Nação. Pensado como “alma” ou matriz, o povo se converte em entidade não analisável socialmente, não trespassável pelas divisões e pelos conflitos, uma entidade abaixo ou acima do movimento do social. O povo-Nação dos românticos conforma uma “comunidade orgânica”, isto é, constituída por laços biológicos, telúricos, por laços naturais, quer dizer, sem história, como seriam a raça e a geografia. Analisando a persistência dessa concepção na cultura política dos populismos, García Canclini assim resume a operação de mistificação: “os conflitos em meio dos quais se formaram as tradições nacionais são esquecidos ou narrados lendariamente como simples trâmites arcaicos para configurar instituições e relações sociais que garantam de uma vez por todas a essência da Nação”<sup>174</sup>.

Mas as pessoas não reagem da mesma forma às sugestões que lhe são impostas. Cada indivíduo apresenta sua própria leitura das “ritualidades”. Esta multiplicidade de interpretações está ligada à condição social e à aspiração pessoal, reflexo do grau e da qualidade da educação que cada indivíduo recebeu, dos saberes acumulados em sua

<sup>173</sup> Ibidem, Ibidem. p. 282.

<sup>174</sup> MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Prefácio de Néstor García Canclini; Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. p. 39.

memória individual e coletiva e de sua experiência. Não era a Alemanha o país que possuía o maior número de orquestras sinfônicas *per capita*, publicava a maior quantidade de livros e desenvolvia uma indústria cinematográfica com produções de primeira qualidade?<sup>175</sup>

Deste modo, a propaganda nazista não operava tão-somente no nível do reflexo condicionado, do imaginário, da simbologia, na maneira do indivíduo se comportar, na sua reação e interação com o meio no qual está inserido e do seu juízo de valores. Atuava também na esfera da consciência e da ação, por meio de projetos e interesses claros e racionais<sup>176</sup>, que tinham por objetivo convencer o cidadão a fazer parte do movimento político<sup>177</sup>. O próprio Hitler e seu partido político chegaram ao poder de forma democrática, através de eleições regulares, apoiado por “um povo culto e pessoas sensatas”<sup>178</sup>, e utilizou-se da propaganda para atingir seus objetivos, não da repressão e violência explícita. Assim, a opinião pública, muito mais que uma política repressora, contribuiu de maneira crucial para que o regime conquistasse legitimidade. Nas palavras de Vitkine: “Isto coloca de maneira tanto mais forte a questão da responsabilidade do povo alemão na chegada de Hitler ao poder e de seu conhecimento das intenções hitlerianas”<sup>179</sup>. Voltaremos a esta questão posteriormente, durante a análise dos selos.

Assim, segundo Tchakhotine, existiriam as pessoas que se submetiam às sugestões e aquelas que resistiriam às sugestões, logo, deveriam existir dois tipos de propaganda a ser empregadas:

[...] uma dirigida aos 10%, as pessoas bastante seguras de si para resistir à sugestão brutal, a outra, aos 90%, aos passivos ou hesitantes, que tinham seus mecanismos psíquicos acessíveis à sugestão emocional e marcadamente edificada sobre a pulção nº 1, combativa: a ameaça, proferida de tempo em tempo, como fator absoluto, reevocada por sinais e símbolos difundidos a granel e atuando como fator condicionante, desencadeava reação de medo, que se materializava sob a forma de votos favoráveis aos que pronunciavam essa ameaça e as espalhavam por toda parte, por meio de signos<sup>180</sup>.

Se levarmos em consideração que todo sinal linguístico possui sua simbologia, Hitler se serviu de toda linguagem simbólica disponível “de maneira lógica e consequente e obteve

<sup>175</sup> WHITE, D. M. *Cultura de massa: as artes populares nos Estados Unidos*. São Paulo: Cultrix, 1973.

<sup>176</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A história política e o conceito de cultura política. In: *Anais do X Encontro Regional de História: Minas, Trezentos Anos: um balanço historiográfico*. Mariana, 1996. p. 84.

<sup>177</sup> TCHAKHOTINE, Ibidem. p. 349.

<sup>178</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. O nazismo e a produção da guerra. In: *Revista USP*, São Paulo, n. 26, jun./ago. 1995.

<sup>179</sup> VITKINE, Antoine. *Mein Kampf: A história do livro*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010. p. 50.

<sup>180</sup> TCHAKHOTINE, Ibidem. p. 353.

tanto mais vantagem quanto seus adversários não tinham a menor compreensão do que se passava”<sup>181</sup>; deixando-o atuar tranquilamente. Ao operar deste modo e utilizar todos os meios de comunicação de massa disponíveis para a divulgação da propaganda nazista, Hitler conseguiu alcançar um de seus objetivos primordiais: atrair partidários através de um processo constante de conversão das massas<sup>182</sup>.

A propaganda apresenta-se como importante estratégia para o exercício do poder, sobretudo em regimes autoritários em que o Estado exerce controle sobre os meios de comunicação e conseqüentemente, sobre o conteúdo das mensagens transmitidas. Isso torna possível o bloqueio a qualquer ação contrária à ideologia oficial, ora por meio da censura, ora por meio da repressão, uma vez que o poder político possui o monopólio da força física e da força simbólica.

Segundo Balandier, “o poder potencializado da mídia, torna ainda mais forte o processo de teatralização do poder político”<sup>183</sup>, o que contribui para a manutenção da ordem social. Mas, do mesmo modo como os nazistas se serviam da propaganda, esta também poderia ser utilizada como meio de manifestação contrária.

Desde o início, o Estado nacional-socialista tentou controlar os meios de comunicação de massa por meio de uma forte censura sobre a imprensa, o teatro, a música, o cinema, a literatura, as artes e o rádio. Com isso, pretendia-se concretizar a doutrinação no plano das ideias, na tentativa de estabelecer o consenso da população diante da ideologia nazista. E o poder potencializado dos meios de comunicação de massa tornou ainda mais forte o processo de teatralização ou ritualização, do poder político.

Um exemplo da eficiência das ações desprendidas pelos nacional-socialistas na questão do controle dos meios de comunicação pode ser observado em outros regimes ditatoriais, como no Brasil onde...

[...] em 1934, o governo já havia criado o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, de onde surgiria o DIP [Departamento de Imprensa e Propaganda]. Esse Departamento tinha franca inspiração na Câmara da Cultura do Reich<sup>184</sup> criada por Goebbels, e seu objetivo era “vincular os meios de comunicação de massa à fiscalização do Poder Executivo” [...]<sup>185</sup>

<sup>181</sup> Idem, Ibidem. p. 139.

<sup>182</sup> DOMENACH, Ibidem. p.23.

<sup>183</sup> BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Brasília. Ed. Universidade de Brasília. 1982. p.42.

<sup>184</sup> A Câmara de Cultura do Reich, formada pelas Câmaras de Música, de Imprensa, de Filmes, de Teatro, de Literatura, de Belas Artes e de Rádio do Reich, foi criada em setembro de 1933, com o objetivo de controlar e supervisionar todas as formas de manifestação cultural alemãs.

<sup>185</sup> DIETRICH, Ana Maria. *Caça às Suásticas: O Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Fapesp, 2007. pp. 34-35.

Ação anterior, destinada ao contínuo aperfeiçoar do controle do Estado sobre os meios de comunicação de massa, em 13 de março de 1933, foi oficialmente criado o *Reichsministerium für Volksaufklärung und Propaganda* (Ministério do Reich para Esclarecimento Popular e Propaganda). Dirigido pelo *Reichspropagandaleiter* (Chefe/Líder de Propaganda do Império) Joseph Goebbels, foi o órgão onde foi centralizada a direção de toda propaganda do Estado totalitário nazista, com a incumbência de controlar, executar e analisar o grau de eficiência da propaganda adotada. Além disso, era o responsável por orientar as futuras campanhas de propaganda política. Provido de amplos poderes, intervinha no cotidiano da sociedade alemã, manipulando e vigiando a população, disseminando a “lógica” da suspeição, atuando em diferentes frentes para a concretização do projeto de construção de uma identidade comum entre os povos de origem germânica.

A Instituição foi a responsável por ampliar o controle do Estado sobre os meios de comunicação, através de um “processo de ‘nazificação’ das atividades artísticas e culturais alemãs, que representou uma suposta ‘depuração’ da arte e a consequente destruição das instituições culturais da República de Weimar”<sup>186</sup>. Segundo Balandier, este controle total é uma das principais características “das sociedades totalitárias onde a definição política – isto é, a submissão de todos e de tudo ao Estado – leva a função unificadora do poder ao seu mais alto grau”<sup>187</sup>.

Assim, através de Goebbels, o regime ditatorial nazista se apropriou dos meios de comunicação de massa, os que não puderam ser cooptados para seus fins político-ideológicos ou foram fechados ou tiveram suas diretorias substituídas. Essas ações demonstram a importância que o próprio Adolf Hitler dava a estes recursos, utilizando-os para difundir sua propaganda política. Em seu livro *Mein Kampf* (Minha Luta)<sup>188</sup> Hitler expôs várias vezes seu pensamento sobre o tema da propaganda de massa. Segundo Lenharo:

Há pelo menos dois pontos que merecem ser ressaltados, por sua importância: o primeiro diz respeito à própria visão de Hitler sobre o que veicular, levando em conta o que ele pensava sobre as condições médias do receptor a ser atingido. O segundo ponto diz respeito à técnica mesmo, que chegou a níveis impressionantes de aproveitamento, tanto na etapa de preparação para o poder, quanto após sua conquista.

Hitler considerava que a propaganda sempre deveria ser popular, dirigida às massas, desenvolvida de modo a levar em conta um nível de compreensão

<sup>186</sup> PEREIRA, Wagner Pinheiro. Cinema e Propaganda Política no Fascismo, Nazismo, Salazarismo e Franquismo. In: *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 38, p. 101-131, 2003. Editora UFPR.

<sup>187</sup> Idem, *Ibidem*, 1982. p. 8.

<sup>188</sup> HITLER, Adolf. *Minha luta - Mein Kampf*. São Paulo: Centauro, 2001.

dos mais baixos. “As grandes massas”, dizia ele, “têm uma capacidade de recepção muito limitada, uma inteligência modesta, uma memória fraca”. Por isso mesmo, a propaganda deveria restringir-se a pouquíssimos pontos, repetidos incessantemente. Se eram muitos os inimigos a serem atacados, para não dispersar o ódio das massas seria preciso mostrar que eles pertenciam à mesma categoria, não ficando assim individualizado o adversário.

O essencial da propaganda era atingir o coração das grandes massas, compreender seu mundo maniqueísta, representar seus sentimentos. A massa seria como as mulheres, cuja sensibilidade não captaria os argumentos de natureza abstrata, mas seria tocada por uma “vaga e sentimental nostalgia por algo forte que as complete”.

Tudo interessa no jogo da propaganda: mentiras, calúnias; para mentir, que seja grande a mentira, pois assim sendo, “nem passará pela cabeça das pessoas ser possível arquitetar uma tão profunda falsificação da verdade”. A partir dessas considerações, os nazistas darão à propaganda um tratamento de longo alcance, do qual nem a produção artística escapará, como veremos a seguir<sup>189</sup>.

Neste contexto, a “ausência” de qualquer espécie de crítica ao regime, a predileção por musicais e comédias, diálogos rasos e conformistas, além de uma narrativa clássica, foram algumas das características presentes na propaganda durante esta época. O fornecimento de “informações seletivas”, mantendo a população na ignorância, foi outro meio utilizado pelos nazistas para formar massas que se prestassem facilmente à sugestão<sup>190</sup>. A Revista Veja publicou em 2005 uma edição especial *on line* sobre a Segunda Guerra Mundial na qual, na seção Perfil, apresentava Goebbels pelo título de o “cérebro do Reich”. Segundo a revista, “Arquiteto da imagem messiânica de Hitler, Joseph Goebbels direciona seu talento para a política expansionista e antisemita do Führer – mestre da propaganda arrebanha o apoio da população para nova batalha na Europa”<sup>191</sup>.

Como ressaltou o próprio Goebbels:

Que jamais a chama brilhante do entusiasmo se apague. Esta chama dá luz e calor à criatividade política de propaganda. Esta arte se levanta das profundezas da nação na busca de suas raízes e para encontrar seu poder retorna de novo às profundezas. Pode ser que o poder baseado nas armas dê certo, entretanto, é melhor e mais gratificante vencer o coração da nação e mantê-lo<sup>192</sup>.

<sup>189</sup> LENHARO, Alcir. *Nazismo: “O triunfo da vontade”*. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2001. p. 47-48.

<sup>190</sup> TCHAKHOTINE, Ibidem. p. 38.

<sup>191</sup> VEJA. São Paulo, Editora Abril, Série Especial: II Guerra Mundial, set. 1939. Disponível em <[http://veja.abril.com.br/especiais\\_online/segunda\\_guerra/edicao001/perfil.shtml](http://veja.abril.com.br/especiais_online/segunda_guerra/edicao001/perfil.shtml)>. Acesso em: 09 jun. 2009.

<sup>192</sup> TRIUMPH DES WILLENS (O Triunfo da Vontade). Direção: Leni Riefenstahl. Intérpretes: Adolf Hitler, Joseph Goebbels, Hermann Göring, Rudolf Hess, Heinrich Himmler. Alemanha, 1935. 114 min. Discurso proferido aos 0:30:58” do filme.

### Capítulo 3 OS SELOS DO *REICH*: INTRODUÇÃO AO CAPÍTULO

Antes de prosseguirmos em nossa dissertação julgamos ser importante nos atermos ao significado da terminologia referente ao *Reich* (Império) germânico que, devido a sua importância na ideologia nazista, apresentaram estreita vinculação com o processo educacional alemão, consideradas como o sustentáculo da cultura alemã e perpetuadora da identidade cultural entre os povos de origem germânica e seus descendentes.

A história do *Erstes Reich* (Primeiro Império) se iniciou no natal do ano 800 quando, com as bênçãos da Igreja Católica Apostólica Romana, o regente franco Carlos Magno foi coroado, sendo considerado o primeiro Sacro Imperador Roma. No ano de 962, Otto I é o primeiro alemão coroado imperador e, provavelmente devido à influência cultural germânica, com o tempo passou a ser chamado de *Heiliges Römisches Reich Deutscher Nation* (Sacro Império Romano da Nação Alemã ou *Heiliges Römisches Reich* (Sacro Império Romano-Germânico)<sup>193</sup>, terminando em 1806 com a abdicação de Francisco II, Imperador do Sacro Império Romano-Germânico, em decorrência das derrotas austríacas nas Guerras Napoleônicas e de fundação da *Rheinbund* (Confederação do Reno ou Liga Renana) por Napoleão Bonaparte, passando a ser chamado de Francisco I da Áustria.

O *Zweites Reich* (Segundo Império) nasceu com a unificação da Alemanha, realizada em 1871 por Bismarck, e a proclamação do rei Guilherme I da Prússia como imperador, e se encerrou com o final da Primeira Guerra Mundial em 1918. Aqui fazemos uma ressalva, pois o fim do *Deutsches Kaiserreich* (Império Alemão), com a criação da República de Weimar e

---

<sup>193</sup> O nome Sacro Império Romano-Germânico tem origem nas aspirações dos governantes medievais que se autodenominavam perpetuadores das tradições do antigo Império Romano, aliando este discurso com a crença cristã da predestinação, que legitimada sua soberania na santa vontade de Deus.



a eleição de Hindenburg para presidente, não significou o rompimento com as velhas tradições nobiliárquicas imperiais.

O termo *Drittes Reich* (Terceiro Império) ou o “*Reich* dos Mil Anos” diz respeito ao período entre 1933, ano no qual Adolf Hitler chegou ao poder na Alemanha e iniciou a instalação de seu regime fascista e 1945, com o término da Segunda Guerra Mundial e sua morte. No discurso nacional-socialista, os três *Reichs* ocupavam lugar de destaque, numa narrativa histórica que reforçava o projeto da Grande Alemanha. Assim, representações do I, II e III Reich apareciam com frequência nos selos do regime de exceção. O uso do termo Terceiro *Reich* foi introduzido por Dietrich Eckart (1868-1923), jornalista e editor alemão, precoce defensor do *Deutsche Arbeiterpartei* – DAP (Partido dos Trabalhadores Alemães) e das ideias de Adolf Hitler, que para cunhá-lo se baseou na obra de Arthur Moeller van den Bruck<sup>194</sup>, intitulada *Das Dritte Reich*. Este termo permaneceu em uso mesmo após 1945.

Nas estampas filatélicas, o Primeiro Reich era evocado por meio da figura de Frederico o Grande<sup>195</sup>, Hindenburg representava o Segundo Reich e, para ilustrar o Terceiro *Reich*, a face do próprio Hitler figurava nos selos. Esta tríade histórica legitimava o caráter nacionalista e militar do Terceiro *Reich*, analisados a frente.

Como se pode perceber, a Segunda Guerra Mundial, e mais especificamente a doutrina nazista foi extremamente eficiente na invenção e propagação de imagens, na criação de mitos e na sedimentação de símbolos no imaginário coletivo ocidental e, principalmente, na Alemanha. Ao alcançarem o poder, os nacionais-socialistas se aproveitaram de todos os recursos disponíveis para manusear a massa<sup>196</sup> em função de seus objetivos políticos. Nesse contexto, a propaganda serviu como um instrumento para expandir a doutrina nazista numa “sociedade cheia de descontentamentos, [...] um ideal revolucionário que tem por base a comunidade racial germânica”<sup>197</sup>. Empenharam-se na criação de um “homem novo”, em clara oposição a aqueles que apontavam como corruptores da raça ariana: judeus e bolchevistas, dentre outros.

Assim, “o signo, difundido pela propaganda, penetra em toda parte (cantinas, lojas, escolas, lares, lazer). Não se permite o refúgio ou isolamento na vida privada. A cena pública

---

<sup>194</sup> Arthur Moeller van den Bruck (1876-1925) – historiador de arte, filósofo político e publicitário nacionalista alemão. Ele foi um dos representantes da chamada “revolução conservadora”, que surgiu durante a República de Weimar, caracterizada por ideias antiliberais, antidemocráticas e anti-igualitárias.

<sup>195</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no subcapítulo 3.9 OS SELOS DO REICH - Militarismo e o Mito do Herói.

<sup>196</sup> DIEHL, Paula. *Propaganda e persuasão na Alemanha nazista*. São Paulo: Annablume, 1996.

<sup>197</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. O nazismo e a produção da guerra. In: *Revista USP*, São Paulo, n. 26, jun./ago. 1995. p. 86.

se impõe sobre todos”<sup>198</sup>. Dentre a simbologia ligada ao nacional-socialismo, sem dúvida os que tiveram maior força e apelo foram a cruz suástica e a própria figura de Adolf Hitler. Deste modo, o presente capítulo tem por objetivo descrever e expor estas e outras representações presentes nos selos, ligando-os ao contexto no qual foram impressos e que transformaram a filatelia num espaço de atuação destacada, na qual procuravam manter uma troca de informações com seus “alvos” dentro e fora da Alemanha.

Abordaremos como as emissões filatélicas, incluídas em diferentes realidades, tinham amplo alcance nas mais diversas classes sociais, ajudando na estruturação de um tipo de propaganda que era parte constitutiva do contexto fascista ou autoritário na Alemanha do início dos anos de 1930. Esta propaganda filatélica foi um dos meios de difusão em massa da ideologia nazista vigente, uma forma do Estado se fazer presente para além de suas fronteiras. Assim como os panfletos e os programas de rádio, a propaganda estampada nos selos postais já vinha sendo utilizada no período anterior à guerra, tanto pelos nazistas quanto pelos aliados, para defesa de suas respectivas ideologias numa verdadeira guerra psicológica<sup>199</sup>.

A propaganda filatélica foi uma das mais arrojadas e eficientes da época, transformou-se num símbolo de poder e, nos territórios ocupados, representava a presença militar alemã e marcou toda uma época. Os próprios Aliados desprenderam pessoal, tempo e material para a falsificação de alguns dos selos nazistas, alterando suas características, como forma de depreciação do inimigo.

Esta análise das imagens movimenta questões teóricas e metodológicas muito específicas. Uma das dificuldades teóricas no estudo de representações iconográficas é saber se a representação visual apresentada corresponde ou não à realidade<sup>200</sup> e, caso positivo, mensurar a força com que as imagens associadas e este meio de comunicação impactaram sua época. Apoiando nosso exame na iconografia utilizada para a elaboração destas peças filatélicas, aferiremos a veracidade das informações transmitidas com suas grandes tiragens e que, assim como o rádio, certamente, nenhuma outra forma de propaganda conseguiu alcançar. Sua mensagem era recebida por tantas pessoas quanto o número de receptores que manuseassem uma correspondência oficial, gerando uma circulação da informação muitas vezes superior ao da emissão dos selos, que ajudaram na construção das representações visuais de uma identidade nacional-socialista.

---

<sup>198</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>199</sup> BRANT, Joseph E. *Segredos da Guerra Psicológica: Reminiscências da Segunda Guerra Mundial*. Editora Difusora Cultural, 1967. Edição Ridendo Castigat Mores. (Versão para e-Book). Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/guerrap.html>>. Acesso em: 10 fev. 2012.

<sup>200</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Jango e o golpe de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

Para facilitar o exame iconológico foram utilizadas como fontes iconográficas os 490 selos e blocos inseridos em 147 emissões postais, realizadas pela Alemanha e no período acima referido. Estes selos e blocos foram divididos em 12 (doze) temas ou subcapítulos, partindo-se de uma proposta de categorização que levou em conta as informações simbólicas organizadas de acordo com um recorte temático que se baseou na iconografia apresentada em cada exemplar, a saber: Selos; Simbologia Geral; Adolf Hitler; Arquitetura e Arte; Corpo e Esportes; Grand Derby; Mãe Alemanha; Meios de Transporte e Tecnologia; Militarismo e o Mito do Herói; Música e Poesia; Personalidades Germânicas e Trabalho. Imagens confeccionadas por uns poucos artistas que faziam parte de uma elite que compunha uma parcela muito importante da base de sustentação do Terceiro *Reich* e da propaganda nacional-socialista. Em função da ausência de fontes disponíveis, não abordaremos detalhadamente sobre estes profissionais, apenas iremos considerar a contribuição daqueles que para nós se destacaram no “processo criativo da destruição”. O objetivo desta forma de organização é agrupar a iconografia para se evitar a repetição de argumentos e recursos discursivos, sem nos afastarmos da especificidade de cada selo ou bloco, numa tentativa de extrapolar seu significado implícito e explícito...

Pois não devemos esquecer que seria ingênuo fazermos uma “leitura” de tais emblemas apenas por intermédio da estética que veiculam – portanto, o dito – e desconsiderarmos a visão de mundo na qual estavam arraigados o não-dito, o racismo, a discriminação, a exclusão do Outro<sup>201</sup>.

Cada parte apresentará sua peculiaridade que servirá de base para a identificação iconográfica original das diversas emissões realizadas. Todavia, alguns conceitos só farão sentido se recuperados em outras passagens, ou se associados a uma mensagem já apresentada e que se julgue ser de grande relevância sua repetição a fim de ilustrar a ideia original deste trabalho vindo a adquirir um sentido mais amplo.

---

<sup>201</sup> CORNELSEN, Élcio Loureiro. Olímpia a serviço de Germânia: a recepção da arte e da tradição olímpica da Grécia antiga no contexto dos Jogos Olímpicos de Berlim. In: *Clássica* - Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, São Paulo, v. 19.2, jul./dez. 2006. p. 220.

### 3.1 OS SELOS DO *REICH* – Selos

Os primeiros correios da Europa surgiram no século XV. Segundo a *Deutsche Postgeschichte* (História Postal Alemã), na Alemanha a maioria dos Estados usavam os serviços da rede postal administrado pela *Das Fürstenhaus Thurn und Taxis*<sup>202</sup> (a Casa Princesca de Thurn e Taxis)<sup>203</sup>, que manteve o monopólio desse serviço em várias regiões da Europa até junho de 1867. Cada um dos Estados alemães, que viriam posteriormente a constituir o Império Alemão, afirmava sua soberania por meio de emissões postais com características particulares, fato que perdurou até que a unificação alemã em 1871.

O conjunto de selos que constitui nosso corpus documental inclui remanescentes do final do período da República de Weimar, em 1933, até a queda do Terceiro Reich, em 1945. Foi com a Constituição de Weimar, de 11 de agosto de 1919, que foram criadas as bases legais para a união dos Postos de *deutsche Post- und Telegraphenwesen* (Correios e Telégrafos Alemães), cuja administração passou, em 1º de abril de 1920, para o *Reich*. Com o final da Primeira Guerra Mundial, o sistema postal alemão apresentava muitas falhas, suas agências eram em número limitado e foram reduzidas ainda mais nos anos de inflação em função da crise econômica. Isso significou o declínio em todos os ramos postais como no envio cartas, encomendas e jornais.

---

<sup>202</sup> *Das Fürstenhaus Thurn und Taxis* – derivam da família lombarda Tasso que por volta do ano de 1500 alteraram seu sobrenome para *Thurn und Taxis*, fato ratificado em 1650 por Fernando III (1608-1657), arquiduque da Áustria da Casa de Habsburgo e imperador do Sacro Império Romano-Germânico desde 1637. Em 1695, a família recebeu o título de *Regni princeps imperii* (príncipe imperial), concedido por Leopoldo I da Áustria ou Leopoldo de Habsburgo (1640-1705).

<sup>203</sup> WHALEY, Joachim. *Germany and the Holy Roman Empire: Volume II: The Peace of Westphalia to the Dissolution of the Reich, 1648-1806*. Oxford University Press, 2011.

Os anos de 1922 e 1923 foram decisivos, a ocupação do Ruhr<sup>204</sup> afetou ainda mais a decadente economia alemã. No entanto, foi neste momento difícil que foram implantadas medidas como a criação dos *Postversuchsabteilungen* (Departamentos de Teste dos Correios) e a adoção de veículos para o transporte e a entrega de correspondências tanto dentro da Alemanha quanto em outros países. Essas duas atividades haviam sido drasticamente reduzidas durante a Grande Guerra. No período entre-guerras, o quadro se agravou, pois as penalidades impostas pelo Tratado de Versalhes levaram à perda o cabo submarino, que fazia a comunicação com os países ultramarinos e, principalmente, com as colônias e à perda do controle de grande parte dos navios mercantes, que compunham a base do transporte internacional de carga, de passageiros e do serviço postal germânico antes da guerra e que foram passados para mãos estrangeiras.

Em 30 de janeiro de 1933, com a *Machtergreifung* (Tomada de Poder) pelos NSDAP, também *Machtübernahme* (Transmissão de Poder) ou *Machtübergabe* (Entrega de Poder)<sup>205</sup> ocorreu a transferência da “soberania de governo” para o Terceiro *Reich*, bem como a posterior conversão da democracia até então existente na República de Weimar para a ditadura dos nacional-socialistas. Neste dia Adolf Hitler foi empossado por Paul von Hindenburg como novo chanceler da Alemanha e passou a influir diretamente nas questões do *Reichspostministerium* (Ministério Postal do *Reich*). Os selos começaram a ser utilizados como forma de transmitir a mensagem político-ideológica do partido que, por meio deles, chegava a todos os segmentos do povo alemão na Alemanha e no estrangeiro e os convocava a se unirem em torno de uma *Deutschtum* (Germanidade) e do amor à nação. “Os ‘filhos do exterior’ deveriam enxergar com orgulho a nova Alemanha, livre e resistente”<sup>206</sup>, deste modo teriam a incumbência de difundir...

[...] entre alemães e estrangeiros a verdade e compreensão sobre nosso movimento e sobre nossa pátria, de despertar e exortar a nossa germanidade, proclamando sempre de novo a união indestrutível, condicionada pelo sangue, com a nossa pátria e o nosso povo.

---

<sup>204</sup> A ocupação do Ruhr foi iniciada em 1923, quando tropas francesas e belgas entraram na região com o intuito de assumirem a região, conforme estabelecido pelo Tratado de Versalhes, como compensação financeira aos Aliados após a derrota do Império Alemão na Primeira Guerra Mundial.

<sup>205</sup> O termo *Machtergreifung* (Tomada de Poder) foi um jargão utilizado pelos nazistas no sentido de conferir à transferência de poder governamental ocorrida um *status* de Revolução; *Machtübernahme* (Transmissão de Poder) é utilizado por alguns escritores do nazismo em oposição ao primeiro termo; e *Machtübergabe* (Entrega de Poder) é utilizado pelos críticos do nazismo, que descrevem o ocorrido como a entrega de poder governamental para os Nacional-Socialistas, e não uma revolução que culminou com a “tomada de poder”.

<sup>206</sup> DIETRICH, Ana Maria. Caça às Suásticas: O Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Fapesp, 2007. p. 297.

O movimento nacional-socialista é apresentado como uma luz na história da Alemanha, que teria se tornado mais e mais clara, e que então, como o “sol na manhã”, iluminava o despertar da liberdade alemã. [...]

E mesmo assim, na maior miséria, no mais negro desespero e na aflição, brilha há treze anos uma luz; primeiro uma luzinha que gradualmente foi ficando cada vez mais clara, que cresceu e se firmou, para brilhar hoje como o sol da manhã do despertar alemão, iluminando a liberdade alemã. E esse o movimento nacional-socialista de Adolf Hitler<sup>207</sup>.

Com efeito, no dia 23 de junho de 1935, foram emitidas peças filatélicas com a finalidade de promover a *Osteuropäische Briefmarken-Ausstellung* – OSTROPA (Exposição Filatélica do Leste Europeu) em Königsberg, na Prússia Oriental (figura 06).

SELO	VALOR	ESTAMPA
535	3 Pfg.	Castelo de Allenstein sobre um esboço de mapa da Prússia Oriental
536	6 Pfg.	Memorial de Tannenberg sobre uma águia <sup>208</sup>
537	12 Pfg.	Castelo de Königsberg sobre um escudo Prússia Oriental
538	25 Pfg.	Castelo de Heilsberg sobre o que se parece com uma folha
BLOCO		
03	1,70 Reichmarks	Selos impressos numa folha com filigrana OSTROPA 1935



Figura 06 – Selo nº 535 ao Selo nº 538 e Bloco nº 03 – OSTROPA 1935

Fonte: Acervo do Autor.

A OSTROPA foi o evento filatélico internacional no qual o Terceiro *Reich* fez sua estreia. Foi realizada entre os dias 23 de junho e 03 de julho de 1935, no Castelo de Königsberg, uma das construções mais importantes da cidade de Königsberg, fundada pelos Cavaleiros Teutônicos em 1255 e capital da Prússia Oriental após 1772. O comércio no porto báltico de Königsberg se desenvolveu, transformando a cidade num importante centro cultural alemão.

<sup>207</sup> Idem, Ibidem. p. 297-298.

<sup>208</sup> O monumento remete à lembrança dos cerca de 20.000 soldados alemães que perderam suas vidas na Batalha de Tannenberg, ocorrida entre 26 e 30 de Agosto de 1914, na Primeira Guerra Mundial. In: GOODSPEED, Donald James. *Ludendorff: Soldado: Ditador: Revolucionário*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1968.

O bloco nº 03 foi colocado à venda em 23 de junho de 1935, primeiro dia da exposição filatélica. Era fornecido no ato da compra de um bilhete de entrada para a exposição, no valor de 1,70 *Reichmarks*. Apresenta a filigrana<sup>209</sup> *OSTROPA - 1935* na parte superior e inferior e sua coloração se deve ao fato de terem utilizado uma goma a base de ácido sulfúrico que, com o passar do tempo, fazia com que o papel adquirisse uma coloração castanho escuro e eventualmente se deteriorasse. Muitos exemplares que chegaram à nossa época foram lavados<sup>210</sup> para a retirada da goma ácida a fim de preservá-los. Por este motivo, são considerados raros, ainda mais os que sobreviveram com goma original.

Outro exemplo da investida nazista em difundir sua ideologia através da filatelia foram dois *Zeitungsmarken* (Selos para Jornal), lançados em 1º de novembro de 1939 (figura 07), os únicos emitidos pelo Terceiro *Reich*. Os selos apresentam o desenho estilizado de um *Bote mit Zeitung über dem Globus* (Mensageiro com Jornal sobre o Globo). Podemos inferir que a representação apresenta uma simbologia parecida à da águia sobrevoando o globo terrestre<sup>211</sup>.



Figura 07 – Selo para Jornal nº 01 - 5 Pfg. e Selo para Jornal nº02 - 10 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

A filatelia conseguiu especial atenção do nacional-socialismo. Ênfase particular também foi dada às comemorações do *TAG DER BRIEFMARK* (Dia do Selo), quando foram lançadas estampas em comemoração a data e em homenagem aos filatelistas.

<sup>209</sup> Filigrana - Marca do papel inserida quando da confecção do selo, sendo visível somente quando os mesmos são examinados contra a luz ou com auxílio do filigranoscópio e de benzina retificada. Atualmente não é mais usada, sendo substituída pela "fosforescência" do papel. Também chamada marca d'água. In: DICIONÁRIO Filatélico. Associação Brasileira de Filatelia Temática – ABRAFITE, São Paulo. Disponível em: <<http://www.abrafite.com.br/dicionario.htm>>. Acesso em: 21 out. 2012.

<sup>210</sup> Selo Lavado – Selo submetido a processo de lavagem, por imersão em água ou produto químico. Idem, Ibidem.

<sup>211</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.2 OS SELOS DO REICH - Simbologia Geral: Águia, Suástica, Saudação...

O exemplar abaixo, emitido no dia 12 de janeiro de 1941, em comemoração ao *TAG DER BRIEFMARK 1941* (Dia do Selo 1941 - figura 08), apresenta estampada a figura de um *Postillion* (Pilotos de postilhão), mensageiros que anunciavam sua chegada às cidades tocando uma trompa de chifre ou metal, instrumento que se tornou símbolo dos correios por toda a Europa. Este selo foi destinado aos filatelistas para ser usado em cartões postais para a obtenção de carimbos comemorativos.



**Figura 08 – Selo Comemorativo nº 686 - 6 Pfg. + 24 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.**

As diligências muitas vezes eram destinadas ao transporte de passageiros e, eventualmente, aos sacos com correspondência quando eram contratadas pelos correios<sup>212</sup>. O serviço de correio a cavalo teve origem no feudalismo e, com sua decadência, foram surgindo novos serviços postais. No século XIX, o transporte passou a ser feito também por carruagens, chamadas de Diligências Postais.

O termo *Postillion* inicialmente designava um cavaleiro ou cocheiro que montava um cavalo “líder” especialmente treinado para orientar os demais animais atrelados à diligência ou carruagem (figura 13). A entrega de cartas era coisa muito incerta, devido às constantes investidas de bandidos e, também, aos acidentes. Posteriormente, o termo *Postillion* passou a designar também os mensageiros que faziam as entregas das correspondências. Este personagem reaparece novamente em duas emissões de 1942. A primeira em 15 de outubro de 1942, em razão do 1º Congresso Postal Europeu (figura 09), apresentando:

SELO	VALOR	ESTAMPA
744	3 Pfg. + 7 Pfg.	Um <i>Postillion</i> e um mapa da Europa
745	6 Pfg. + 14 Pfg.	Um <i>Postillion</i> a cavalo e um globo
746	12 Pfg. + 38 Pfg.	Um <i>Postillion</i> a cavalo

<sup>212</sup> ROGERS, Fairman. *A manual of coaching*. Philadelphia: JB Lippincott Company, 1900. p. 278-282.





Figura 09 – Selo nº 744 ao Selo nº 746  
Fonte: Acervo do Autor.

E no dia 19 de outubro de 1942 foram reemitidos para a divulgação do Encerramento do referido Congresso Postal Europeu, idêntica à emissão anterior, mas apresentando como diferencial a sobrecarga com a data: *19.Okt.1942* (figura 10).

SELO	VALOR	ESTAMPA
746 A	3 Pfg. + 7 Pfg.	Um <i>Postillion</i> e um mapa da Europa
746 B	6 Pfg. + 14 Pfg.	Um <i>Postillion</i> a cavalo e um globo
746 C	12 Pfg. + 38 Pfg.	Um <i>Postillion</i> a cavalo



Figura 10 – Selos nº 746 A, B e C  
Fonte: Acervo do Autor.

Observemos que em todas as três emissões o *Postillion* aparece tocando sua trompa de metal. O *Posthorn* (Chifre dos correios) é um instrumento musical que geralmente apresentava uma forma circular ou com a tubulação enrolada com três voltas. Anteriormente feitos com chifres de animais, a partir do século XV, passaram a ser confeccionados em metal. Sua origem remonta à Antiguidade, quando foi inicialmente usado por pastores para conduzir seus rebanhos e para assustar animais; em rituais para afugentar os maus espíritos e, posteriormente, para fins militares com toques específicos que comunicavam as ordens de manobra para os exércitos no campo de batalha.

Dos séculos XVI a XIX passou a ser utilizado pelos *Postilions* e condutores de carruagens dos serviços postais que, por possuírem horários apertados, viajavam em alta velocidade e terem prioridade de tráfego na maioria dos países europeus, tocavam o instrumento como forma de alertar outros viajantes e carruagens de sua presença antes mesmo que pudessem ser visto, obrigando-os a saírem da estrada para sua passagem. Além disso, anunciavam a partida e a chegada de sua diligência nas cidades. O instrumento ainda é usado como o logotipo dos serviços de correio nacional em muitos países.

O selo abaixo foi emitido em 02 de outubro de 1944 para comemorar o Dia do Selo (figura 11). Retrata um chifre postal e uma carta. Reparemos a inscrição: *GROSSDEUTSCHES REICH* (Grande Império Alemão).



Figura 11 – Selo Comemorativo nº 815 - 6 Pfg. + 24 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

Também os filatelistas foram homenageados em 11 de janeiro de 1942 (figura 12), com a emissão comemorativa do *TAG DER BRIEFMARK 1942* (Dia do Selo 1942). O selo retrata um colecionador de selos trabalhando em seu álbum.



Figura 12 – Selo Comemorativo nº 735  
6 Pfg. + 24 Pfg.



Figura 13 – Selo Comemorativo nº 747  
6 Pfg. + 24 Pfg.

Fonte: Acervo do Autor.

O selo nº 747 foi emitido no dia 10 de janeiro de 1943, para celebrar o Dia do Selo de 1943 (figura 13). Representa uma antiga diligência postal, desenvolvida para os correios alemães e utilizada até o início do século XX, com o intuito de transportar malotes postais e,

ao mesmo tempo, passageiros pagantes. Hobsbawm comenta em sua obra sobre a importância da introdução deste tipo de transporte para os correios, explicando que...

[...] o sistema de carruagens postais ou diligências, instituído na segunda metade do século XVIII, expandiu-se consideravelmente entre o final das guerras napoleônicas e o surgimento da ferrovia, proporcionando não só uma relativa velocidade – o serviço postal de Paris a Strasburgo levava 36 horas em 1836 – como também regularidade<sup>213</sup>.

Com relação ao *Tag der Briefmark*, a ideia de um dia dedicado aos selos nos remete à figura de Hans von Rudolphi<sup>214</sup> e foi comemorada, pela primeira vez, em dezembro de 1935, na Áustria. Neste dia deveriam ser realizadas atividades de divulgação da filatelia com ênfase na importância dos selos para o serviço postal e para o público em geral, através da realização de exposições, da emissão de selos especiais e outras atividades. Como forma de promoção político-ideológica no âmbito internacional, na Alemanha, o dia do selo foi comemorado pela primeira vez em 07 de janeiro de 1936, 52º aniversário do nascimento de Heinrich von Stephan<sup>215</sup>. Mas, como podemos observar nas figuras acima, o *Deutsche Reichspost* emitiu no ano de 1941 o primeiro selo próprio para divulgação e comemoração da data (figura 08), realizando sucessivas emissões (figura 12 e figura 13) até 1944 (figura 11). As três primeiras emissões foram realizadas no mês de janeiro e a de 1944, em outubro.

---

<sup>213</sup> HOBBSAWM, Eric J. *A Era das Revoluções: Europa 1789-1848*. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005. p. 26.

<sup>214</sup> Hans von Rudolphi (1884-1944) - filatelista alemão e militar de carreira, chegou ao posto de major. Foi o idealizador do Dia do Selo.

<sup>215</sup> Ernst Heinrich Wilhelm Stephan (1831-1897) - *Generalpostdirektor des Deutschen Reichs* (Diretor-geral dos Correios do Império Alemão), que reorganizou o serviço postal alemão. Foi fundamental na fundação da União Postal Universal, em 1874, e em 1877 introduziu o telefone para a Alemanha. Por sua vez, a União Postal Universal – UPU foi fundada com o objetivo de regular a cooperação internacional postal e o tráfego postal no âmbito internacional. Atualmente, abarca cerca de 190 países e regiões autônomas.

### Capítulo 3.2 OS SELOS DO *REICH* – Simbologia Geral: Águia, Suástica, Saudação...

As imagens da propaganda, artísticas ou não, encontram-se divididas de forma simples e linear; [...] [para que o tema seja] trabalhado exaustivamente<sup>216</sup>.

É inegável que os governos se aproveitam de simbologias preexistentes para legitimar seu poder. Mas, esta simbologia não deve ser analisada apenas relacionando-a ao poder estabelecido, pois, por já ter sido utilizada em outros contextos, foram agregados novos valores à sua representatividade à época de seu uso e, à medida que foram sendo revisitados, mais significados somaram-se aos já absorvidos anteriormente, de maneira que novos sentidos são incorporados ao símbolo. Conhecedores desta “metodologia evolutiva”, em que ocorre a assimilação de novos significados simbólicos por um objeto, os governos adaptam antigas...

[...] ocasiões rituais elaboradas a que se associavam atividades de propaganda e uma ampla participação do povo [...] [fazendo] do governante o foco da unidade de seus povos ou seu povo, o representante simbólico da glória e grandeza nacional, de todo o seu passado e continuidade num presente em transformação<sup>217</sup>.

Deste mesmo modo, não podemos avaliar o alcance de símbolos presentes numa realidade social tomando-os isoladamente: é preciso colocá-los num contexto sociocultural amplo, que engloba grupo social, classe social e tradições culturais que se desenvolveram ao

---

<sup>216</sup> LENHARO, Alcir. *Nazismo: “O triunfo da vontade”*. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2001. p. 64.

<sup>217</sup> HOBBSAWM, Eric J.; RANGER, Terence. (Orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 290.

longo do tempo e que extrapolam suas funções sociais. Os símbolos devem ser considerados como algo que está no interior deste fenômeno, que é essencial para sua existência.

Em nosso trabalho, a análise da filatelia como difusora da propaganda política nacional-socialista requer outras considerações prévias capazes de demonstrar, ainda que em linhas gerais, a utilização do material filatélico aqui apresentado na formação de uma identidade cultural caracteristicamente nazista na Alemanha e difundida pelo mundo. Neste ponto julgamos ser pertinente a abordagem de conceitos como o de identidade cultural, o qual apresenta uma estreita conexão com o tema cultura política. Segundo Coelho:

O conceito de identidade cultural, noção-chave em muitas políticas culturais, aponta para um sistema de representação (elementos de simbolização e procedimentos de encenação desses elementos) das relações entre os indivíduos e os grupos e entre estes e seu território de reprodução e produção, seu meio, seu espaço e seu tempo. No núcleo duro da identidade cultural - aquele que menos se desbasta através dos tempos, mesmo nas situações de distanciamento do território original – aparecem a tradição oral (língua, língua sagrada, língua sagrada secreta, narrativas, canções), a religião (mitos e ritos coletivos, de que são exemplos as peregrinações ou a absorção de drogas sagradas) e comportamentos coletivos formalizados. Como extensões desse núcleo duro, surgem os ritos profanos (carnaval, manifestações folclóricas diversas), comportamentos informalmente ritualizados (ir à praia, frequentar espetáculos esportivos) e as diversas manifestações artísticas<sup>218</sup>.

Podemos associar à definição de identidade cultural a ideia já discutida de símbolo<sup>219</sup> ou “sinal visível de uma realidade invisível”<sup>220</sup>, e associá-los a novos conceitos, como o de símbolo vivo ou aquele que...

[...] se apresenta, para um observador, como a expressão melhor e mais plena possível do pressentido e ainda não consciente. O símbolo vivo formula um fator essencialmente inconsciente; quanto mais difundido este fator, tanto mais geral o efeito do símbolo, pois faz vibrar no indivíduo a corda correspondente. Uma vez que o símbolo, de um lado, é a melhor expressão possível e insuperável do que ainda é desconhecido para um indivíduo, grupo ou época determinada, ele deve provir do que existe de mais diferenciado e complexo na atmosfera espiritual desse tempo. O símbolo vivo deve conter em si o que é comum a um extenso grupo humano para poder sobre ele atuar. Jamais poderá ser algo muito diferenciado e inefável,

<sup>218</sup> COELHO, Teixeira. *Dicionário Crítico de Política Cultural*. São Paulo: Editora Iluminuras, 1997.

<sup>219</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Capítulo 2.2 A PROPAGANDA NAZISTA - IMAGEM, IMAGINÁRIO E OUTRAS REPRESENTAÇÕES.

<sup>220</sup> LURKER, Manfred. *Dicionário de Simbologia*. Tradução de Mário Krauss e Vera Barkow. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 656.

porque neste caso seu sentido somente será passível de captação por uma minoria; [...] <sup>221</sup>.

Expresso segundo formas que se modificam de acordo com as condições históricas e que ultrapassam os limites da percepção puramente formal, o símbolo vivo é facilmente compreendido pela sociedade que os utiliza, podendo produzir uma reação de afinidade ou aversão, dependendo da experiência anterior com o símbolo. Para fazer sentido ao maior número possível de pessoas, deve ser algo simples e descritível, ser tão primitivo ou primordial quanto possível para que sua onipresença (portanto, seu valor de símbolo) esteja desprovida de ambiguidade, sendo erguido, cultuado e reverenciado conforme as conveniências do momento. Deste modo...

Enquanto um símbolo for vivo, é a melhor expressão de alguma coisa. E só é vivo enquanto pleno de significado. Uma vez dele extraído seu sentido, isto é, encontrada aquela expressão que formula melhor a coisa procurada, esperada ou pressentida, o símbolo está morto, passa a ter apenas significado histórico. Para a política cultural, é com toda evidência fundamental saber se os símbolos com que lida ou promove são vivos ou mortos <sup>222</sup>.

Em 1921, depois do estabelecimento da figura do futuro *Führer* como o líder do partido foi preciso trabalhar sua imagem de maneira a legitimar sua liderança entre a população alemã. Isso seria feito por meio de signos capazes de alcançar o imaginário coletivo alemão, formados por representações compostas pela combinação de cores, textos e imagens que iriam remeter o observador às figuras de Hitler e do NSDAP. Com isso, pretendia-se enraizar estes símbolos num sistema de representações em âmbito nacional.

Por sua simplicidade, as insígnias utilizadas pelos nazistas demonstravam muito mais do que a sua ingênua aparência deixava transparecer, funcionavam como símbolos vivos, como elementos unificadores que purificavam e explicavam acontecimentos visíveis, tornando-os bem claros, perceptivos e compreensíveis na sua totalidade, colocavam seu significado acima da “vontade consciente” desta sociedade. Sua iconografia específica passou a representar contextos e conceitos precursores de um significado maior que, pela simples observação e identificação deste símbolo, enviava aos observadores todo um conjunto de valores e normas sociais que poderiam ter significado positivo ou negativo ao seu observador, mas fazendo-o identificar os motivos exatos que o conduziram a tal conclusão, mesmo que os

---

<sup>221</sup> COELHO, Ibidem.

<sup>222</sup> Idem, Ibidem.

atributos significativos do ícone não tenham sido utilizados propositalmente. Estes ícones foram difundidos...

Em *meetings* [reuniões] organizados por todo o país, [quando] oradores formados pelo partido popularizaram temas e *slogans* de fácil assimilação. As águias, as bandeiras, a cruz gamada de fundo vermelho e branco, os cantos e hinos, os uniformes marrons, as paradas das SAs desfilando em colunas em ordem impecável ao som de fanfarras e à luz de tochas, os *Seig Heil* ou *Heil Hitler* repetidos em coro pela multidão não só assegurava a coesão das massas, impressionando os indecisos e aterrorizando os adversários, mas também suscitavam êxtase e devotamento<sup>223</sup>.

Deste modo, os símbolos nacional-socialistas escolhidos para serem analisados neste subcapítulo foram significativamente: 1) a *águia*, ligada à encarnação, substituição ou como mensageiro da mais alta divindade e do fogo celeste (o sol); 2) a *suástica*, indicação de um movimento de rotação em torno de um centro (também o sol)<sup>224</sup> e 3) a *saudação nazista*, demonstrada por meio de gesto(s) e/ou palavra(s), inicialmente sinônimo de cortesia e respeito e que aos poucos foi se transformando num modo de submissão e de exclusão social. Em nossa abordagem acerca da simbologia presente nos selos, observamos que os dois primeiros aparecem de forma sistêmica e não só neste subtema, e o terceiro uma única vez, mas devido à sua importância para o regime nazista decidimos abordá-lo nesta parte.

Assim, avaliaremos estes símbolos representativos do Terceiro *Reich* por meio de uma descrição do conteúdo iconográfico presente no material filatélico que demonstra características fundamentais de uma sociedade, de uma nação, de crenças religiosas ou filosóficas, caracterizadas por uma personalidade específica e condensadas em seus significados, deixando transparecer características emocionais, atributos e valores intrínsecos. Este subcapítulo servirá de embasamento teórico para os subsequentes. Portanto, no decorrer desta dissertação a consulta a ele poderá ser útil.

Adolf Hitler desde o início apresentava em seus discursos suas aspirações de dominação mundial. Sob sua liderança, o *Deutsche Arbeiterpartei* – DAP (Partido dos Trabalhadores Alemães), adquiriu verdadeiro *status* político de modo que, para evidenciar a

<sup>223</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999. p. 167-178.

<sup>224</sup> Podemos observar que o simbolismo do sol, que por sua diversidade é tão rico quanto difícil de abranger, aparece ligado a estes símbolos. Se não como representação do próprio deus, ele é, para muitas culturas, uma “manifestação da divindade”. In: CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2009. p. 836.

nova condição, teve seu nome alterado para *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* – NSDAP (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães). Neste processo o uso de símbolos externos foi contínuo e sistemático.

O primeiro ícone a ser analisado é a *águia*, o “símbolo do céu, do sol e do poder divino”<sup>225</sup>, presente na mitologia de várias civilizações sua imagem e suas qualidades sempre foram associadas à ideia de um “escolhido” ou à realeza. Entre os romanos seu voo sereno simbolizava a elevação da alma do imperador morto. Como símbolo imperial, é anterior à própria Roma. Porém, foi justamente neste período que o uso do símbolo da “rainha das aves” como insígnia militar foi o mais emblemático, com reflexos em representações posteriores, como nos brasões<sup>226</sup>, em bandeiras, escudos e estandartes identificadores de vários governos. Um exemplo disso é o governo prussiano que, desde sua origem como Estado da Ordem Teutônica<sup>227</sup>, apresentava uma águia bicéfala como insígnia. Essa águia também fora utilizada pelos antigos imperadores bizantinos numa clara alusão à lenda de Carlos Magno, “segundo a qual duas águias sobrevoaram a casa no nascimento [...] como prenúncio do seu domínio futuro sobre dois continentes”<sup>228</sup>. Numa segunda análise, a duplicidade de cabeças na águia eleva ao máximo os valores simbolizados pelo animal<sup>229</sup> indicando que, mesmo dividido em Império do Ocidente e Império do Oriente, estes ainda faziam parte de um mesmo corpo<sup>230</sup>, do Sacro Império Romano-Germânico.

Representada na cor preta, despontando sobre um fundo branco, muitas cidades imperiais, como Frankfurt e Nuremberg, demonstravam sua associação ao império pela inclusão da águia no selo representativo da cidade<sup>231</sup>. O cristianismo a considera símbolo da percepção e da contemplação, relacionando-a a figura de São João Evangelista, discípulo de Jesus, que na tradição cristã “se elevou até às alturas” ao dedicar o seu Evangelho à comprovação da natureza divina de Cristo Jesus. Também o próprio Cristo aparece na iconografia cristã no medievo representado como uma águia simbolizando a divina ascensão do “rei dos reis” aos céus.

---

<sup>225</sup> LURKER, Ibidem. p. 7.

<sup>226</sup> Brasão – conjunto de ornamentos interiores e exteriores que constituem as principais insígnias de um Estado, de uma Corporação, de uma autoridade civil ou eclesiástica ou de uma família nobre. In: PEREYRA, Alejandro de Armengol y de. *Heráldica*. 2. ed. rev. y ampl. Barcelona: Editorial Labor, 1947. (Colección Labor). p. 39.

<sup>227</sup> A Ordem Teutônica surgiu por volta de 1200 d.C. Em 1410, a águia imperial já aparecia no brasão de armas do Grão-Mestre da Ordem Teutônica.

<sup>228</sup> A águia bicéfala foi conduzida à Europa por mercadores e cruzados, aparecendo pela primeira vez como effígie em moedas durante a dinastia dos Hohenstaufen. In: LURKER, Ibidem. p. 8.

<sup>229</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 26.

<sup>230</sup> PEREYRA, Ibidem. p. 89.

<sup>231</sup> LURKER, Ibidem. p. 636.



Na filatelia nazista a alegoria da águia, símbolo de destaque no conjunto de representações nazista, foi frequentemente revisitada, surgindo estilizada de várias formas. A primeira emissão de selos nazistas em que esta imagem aparece ocorreu no dia 21 de janeiro de 1934, numa série composta de onze selos aéreos<sup>232</sup> (figura 14) e destinada ao pagamento do porte aéreo. Nessa primeira remessa, nove estampas tinham a figura da águia, uma vinha ilustrada com a efígie de Otto Lilienthal (1848-1896), considerado o “Pai do voo de planador” e a outra com a figura do Comandante Ferdinand von Zeppelin (1838-1917), militar, fabricante de aeronaves e fundador da companhia de dirigíveis que ainda hoje leva seu nome. Em todos os selos, está presente a representação de uma suástica (os nazistas) estampada como um “sol nascente” despontando por detrás do globo terrestre, a águia aparece como a única ave que transmite a ideia de energia, coragem e entusiasmo. Os selos variam apenas em cor e no valor facial<sup>233</sup>, sendo eles:

Nº 43 – 5 Pfg. <sup>234</sup>	Nº 44 – 10 Pfg.	Nº 45 – 15 Pfg.
Nº 46 – 20 Pfg.	Nº 47 – 25 Pfg.	Nº 48 – 40 Pfg.
Nº 49 – 50 Pfg.	Nº 50 – 80 Pfg.	Nº 51 – 100 Pfg.
Nº 52 – 2 RM		Nº 53 – 3 RM.



Figura 14 – Selos Aéreos do nº 43 ao selo nº 53.

Fonte: Acervo do Autor.

A esfera ou globo, considerada pelos antigos como a mais perfeita forma geométrica, é outro elemento que sempre esteve presente na simbologia dos Estados europeus. Exemplo

<sup>232</sup> Selo Aéreo – selo destinado à correspondência por via aérea. No Brasil, os primeiros foram emitidos em 1927. In: DICIONÁRIO Filatélico. *Associação Brasileira de Filatelia Temática – ABRAFITE*, São Paulo. Disponível em: <<http://www.abrafite.com.br/dicionario.htm>>. Acesso em: 22 nov. 2012.

<sup>233</sup> Valor Facial – valor da taxa postal do selo, impresso no mesmo. In: DICIONÁRIO Filatélico. *Associação Brasileira de Filatelia Temática – ABRAFITE*, São Paulo. Disponível em: <<http://www.abrafite.com.br/dicionario.htm>>. Acesso em: 21 out. 2012.

<sup>234</sup> As palavras: *Pfennig* ou *Pfennig* (Pfg.) derivam do alemão antigo: *Pfenning*, que em português significa moeda.

disso é a esfera armilar<sup>235</sup>, símbolo do poder político e econômico de Portugal à época do Expansionismo. Nela, o planeta Terra ocupava a posição central, conforme a representação ptolomaica do cosmos. A esfera armilar passou a representar no cristianismo a perfeição e a totalidade<sup>236</sup> do Universo e de Deus, traduzindo sua perfeição, sua força e sua expansão. Em outras palavras, o globo representa o poder ilimitado<sup>237</sup>, o poder divino.

Como representação do “trono do Deus Pai ou Cristo, a esfera é sinal da soberania mundial, assim como o globo mantido nas mãos, que a partir do século XI também servia a reis e imperadores como sinal de soberania”<sup>238</sup>. Atrás desta figura aparece o sol “símbolo da ressurreição e da imortalidade”<sup>239</sup> e “o princípio e o fim de toda manifestação”<sup>240</sup> de vida. “O sol, assim como o fogo, simboliza o poder de iluminar e aquecer. Quem dele está distante permanece nas trevas e no frio, podendo ser levado ao aniquilamento e à morte”<sup>241</sup>. A luz que dele irradia “é o conhecimento intelectual o próprio Sol é a Inteligência cósmica [...]”<sup>242</sup>, em contraposição a lua “representa o conhecimento intuitivo, imediato”<sup>243</sup>.

Partindo do contexto da época, a presença dessas imagens, suástica, águia e sol, num único selo simbolizava o nascimento do novo império alemão iluminando a tudo e a todos. A águia de asas abertas em primeiro plano (a Alemanha), planando à frente deste globo, expressava a intenção nazista de ratificar ao observador a concretização da escalada de Hitler rumo ao poder e o início de seu projeto de dominação total, que encerrava em si a certeza inalterável da subjugação do mundo sob a proteção da Alemanha. Se comparado a uma religião, a águia nazista voando em frente ao globo terrestre, atrás do qual desponta a suástica-sol com múltiplos raios luminosos espalhando a luz pelo mundo associaria o regime aos poderes do próprio Espírito Santo.

A iconografia da águia planando acima das possibilidades dos simples mortais, amplamente utilizada em outras mídias, além de representar todas as propriedades sublimes defendidas por Hitler, também nos remete à questão da unificação de todos os germânicos

---

<sup>235</sup> A esfera armilar ou com anéis é um instrumento astronômico utilizado em navegação, sendo uma representação reduzida do cosmos. Símbolo do poder marítimo, político e econômico de Portugal, no período das grandes navegações, e utilizada ainda hoje em vários símbolos lusitanos.

<sup>236</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, *Ibidem*. p. 388.

<sup>237</sup> *Idem*, *Ibidem*. p. 472.

<sup>238</sup> LURKER, *Ibidem*. p. 234-235.

<sup>239</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, *Ibidem*. p. 836.

<sup>240</sup> *Idem*, *Ibidem*.

<sup>241</sup> DIETRICH, Ana Maria. *Caça às Suásticas: O Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Fapesp, 2007. p. 291. (História da Repressão e da Resistência, nº 2).

<sup>242</sup> O termo intelectual se refere à capacidade humana de agir sobre diferentes categorias do conhecimento através de construções lógicas.

<sup>243</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, *Ibidem*. p. 837.

numa Grande Alemanha. O espírito altivo da águia representava a superioridade da raça ariana, acima dos demais povos, principalmente dos judeus, comunistas, pacifistas e liberais, considerados inferiores e responsáveis pelo declínio político, ético e moral da Alemanha no pós-Grande Guerra.

Outro exemplo desta representação está presente nos selos comemorativos nº 545 e 546 (figura 15), ambos apresentam a mesma iconografia, mas com cores e valores diferentes, emitidos no dia 30 de agosto de 1935, em comemoração à 7ª *Reichsparteitage des Deutschen Volkes* (7ª Convenção Nacional Partidária do Povo Alemão). Depois de 1933, este foi o nome dado aos comícios realizados na primeira quinzena de setembro em Nuremberg e que duravam geralmente oito dias. Acima da águia nazista apareceu a inscrição: *Reichsparteitage der N.S.D.A.P. Nürnberg 1935* (Convenção Nacional do NSDAP Nuremberg 1935).

O 7º *Reichsparteitage des Deutschen Volkes*, também chamado de *Reichsparteitag der Freiheit* (Convenção Nacional Partidária da Liberdade), fazia referência à reintrodução do serviço militar e “libertação” da Alemanha do então opressor Tratado de Versalhes. O encontro foi registrado pela cineasta Leni Riefenstahl e deu origem ao documentário chamado *Tag der Freiheit: Unsere Wehrmacht* (O Dia da Liberdade: Nossas Forças Armadas). Esse registro satisfazia os anseios da *Wehrmacht* (Forças Armadas da Alemanha), excluídas das filmagens do filme *Triumph des Willens* (Triunfo da Vontade), que estreou em 28 de março de 1935.



Figura 15 – Selo nº 545 – 6 Pfg. e Selo nº 546 – 12 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

Os selos mostram uma grande e majestosa águia nazista sobre a cidade de Nuremberg, segurando com suas garras a suástica envolta por um círculo (ou guirlanda) composto por folhas de louro. Com as asas abertas tocando a abóboda celeste, protege a cidade como que num abraço simbólico, demonstrando o valor e a predileção nazista por esta localidade. Aqui está presente a própria simbologia da cidade na qual “segundo o pensamento medieval, o homem é um peregrino entre duas cidades: a vida é uma passagem da Cidade de

baixo [a corrompida República de Weimar] à de cima [o Terceiro Reich]”<sup>244</sup>, ambas associadas a mulheres e mães.

Na Antiguidade romana, várias eram as coroas com que se presenteavam, sendo a principal, oferecida como recompensa militar. A coroa de louros, sempre presente envolta da suástica, é um símbolo de soberania e, em alguns casos, da perfeição, sempre ligada à figura dos vencedores e seus feitos. “A coroa é uma promessa de vida imortal, a exemplo da vida dos deuses”<sup>245</sup>, assim como o louro “como planta sempre verde”<sup>246</sup> para os gregos<sup>247</sup>. Ainda na mitologia grega as folhas de carvalho eram consagradas a Zeus, enquanto que as folhas de louro a Apolo<sup>248</sup>, significando “também as condições espirituais da vitória a sabedoria unida ao heroísmo”<sup>249</sup>. Mas, nem sempre as folhas de louro foram utilizadas na iconografia alemã, pois, segundo Hobsbawn & Ranger:

O carvalho tem ligações com o folclore, o nacionalismo e os valores militares teuto-germânicos – ainda lembrados nas folhas de carvalho que assinalavam a mais alta classe de ornamento militar antes de Hitler: um equivalente alemão adequado dos louros latinos<sup>250</sup>.

Nas palavras de Kershaw: “‘Carvalhos-Hitler’ e ‘Tílias-Hitler’, árvores cujo antigo simbolismo pagão lhes dava significado especial para os nacionalistas *Völkisch* e praticantes de cultos nórdicos, foram plantados em vilas e aldeias de toda Alemanha”<sup>251</sup>.

Com uma pequena variação na estampa encontramos os dois selos comemorativos abaixo, emitidos no dia 04 de abril de 1939, em homenagem ao 2º *Reichsberufswettkampf* (Concurso Profissional ou Competição Vocacional) um dos experimentos mais curiosos da política educativa do Terceiro *Reich* (figura 16). Com um discurso de proteção e estímulo à juventude trabalhadora o *Reichsberufswettkampf* era promovido pela *Deutsche Arbeitsfront* - DAF (Frente do Trabalho) com coparticipação da *Hitlerjugend* - HJ (Juventude Hitlerista) e da *Nationalsozialistischer Deutscher Studentenbund* - NSDStB ou NSD-*Studentenbund* (Liga Nacional-Socialista dos Estudantes Alemães)<sup>252</sup>. A competição contemplava três ou quatro

<sup>244</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 239.

<sup>245</sup> Idem, Ibidem. p. 289.

<sup>246</sup> LURKER, Ibidem. p. 400.

<sup>247</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 561.

<sup>248</sup> Idem, Ibidem. p. 290.

<sup>249</sup> Idem, Ibidem. p. 561.

<sup>250</sup> HOBSBAWM & RANGER, Ibidem. p. 285.

<sup>251</sup> KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 324.

<sup>252</sup> KATER, Michael H. The Reich Vocational Contest and Students of Higher Learning in Nazi Germany. In: *Central European History*, Cambridge University Press, v. 7, nº 3, sep. 1974. pp. 225-261.

áreas temáticas: prática profissional, teoria de formação, formação ideológica e economia doméstica para meninas. Cabia ao jovem escolher em qual das categorias concorrer. Para esta finalidade promoviam...

ESPECIALIZAÇÃO TÉCNICA, CONCURSOS PROFISSIONAIS DE TODOS OS TRABALHADORES, COMPETIÇÃO DAS EMPRÊSAS ALEMÃS NAS REALIZAÇÕES SOCIAIS E NA CAPACIDADE PRODUTORA.

[Assim] Na nova Alemanha são dadas a cada pessoa que trabalha ocasiões inúmeras para aperfeiçoar teórica e praticamente os seus conhecimentos profissionais. – Numa concorrência do trabalho, voluntária e leal, milhões de trabalhadores, mestre, oficiais e aprendizes, provam anualmente os seus grandes conhecimentos profissionais e os progressos do seu aperfeiçoamento especializado, feito durante um ano. – Do mesmo modo, as comunidades de trabalho estão todos os anos reunidas voluntariamente na “competição entre as emprêsas alemãs”, para, depois de terem cumprido com todas as exigências da Frente do Trabalho, conquistar o título de honra concedido pessoalmente pelo Fuehrer: “Emprêsa modelo nacional-socialista”<sup>253</sup>.

O *Reichsberufswettkampf* representava para a Frente Alemã de Trabalho uma oportunidade de unificar o nível de escolaridade dos participantes e avaliar os centros de educação. A Frente exercia grande pressão sobre as “empresas” que apresentavam desempenho abaixo da média na competição que, em casos extremos, tiveram revogadas sua *Ausbildungserlaubnis* (Autorização de treinamento).



Figura 16 – Selo n° 630 – 6 Pfg. e Selo n° 631 – 12 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

Na série, o círculo (coroa ou guirlanda) de louros aparece por detrás da águia. Esta por sua vez se encontra sobre um *Siegerplakette* (Distintivo), composto por uma engrenagem, círculo designativo do lugar de cada um dentro do harmonioso motor social e produtivo da nação, e um losango com a suástica ao centro, símbolos do *Reichsberufswettkampf*<sup>254</sup>. O

<sup>253</sup> *A Alemanha Social*. São Paulo: Empresa Editora Aurora Alemã Ltda., 1941. p. 44-45.

<sup>254</sup> *Reichsberufswettkampf* – foi uma tentativa da *Deutsche Arbeitsfront* (Frente Alemã de Trabalho) de unificar e verificar o nível de escolaridade dos participantes.

losango como representado nas insígnias nazistas possivelmente simbolizava as quatro regiões do mundo e, se associado ao círculo, no nosso caso às engrenagens, “pertencem aos motivos simbólicos das imagens medievais da *Majesta Domini*<sup>255</sup> [Glória do Senhor]”<sup>256</sup>. A coroa por “sua forma circular indica a perfeição e a participação da natureza celeste, de que o círculo é o símbolo”<sup>257</sup>. Ela também indica que seu portador está investido de uma realeza, um poder, uma força superior.

Outro exemplo da utilização da águia nazista foi emitido no dia 26 de janeiro de 1943, dedicado às comemorações do 10º Aniversário da “Tomada do Poder” pelo Partido Nacional-Socialista (figura 17). Fazendo alusão a este acontecimento, na parte superior do selo aparece a inscrição: *30.JANUAR.1933* ✧ *30.JANUAR.1943* (30 de janeiro de 1933 ✧ 30 de janeiro de 1943) “sustentada” por duas colunas<sup>258</sup> que podem ser associadas tanto ao simbolismo solar como ao poder e à nobreza<sup>259</sup>.



Figura 17 – Selo nº 761 - 54 Pfg. + 96 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor

O selo retrata o Portão de Brandenburgo e, acima deste, desponta a águia estilizada e a suástica, emblemas do nazismo. Há também a presença das tropas nazistas que marcham por entre suas colunas, numa clara alusão às tropas de Napoleão Bonaparte quando chegaram a Berlim, em outubro de 1806, passando através do portão e comemorando a vitória. Os franceses foram os primeiros a realizar este “rito” de vitória, seguido pelos prussianos em 1848. No caso nazista, os soldados em desfile representavam as delirantes hordas das *Sturmabteilungen* – SA (Divisões de Assalto)<sup>260</sup> que, por determinação de Adolf Hitler,

<sup>255</sup> *Majestas Domini* (em alemão: *Herrlichkeit des Herrn*) – representação popular no período medieval, na qual Jesus Cristo aparecia sentado em seu trono rodeado por quatro seres alados.

<sup>256</sup> LURKER, Ibidem. p. 339-340.

<sup>257</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 289.

<sup>258</sup> Ver mais detalhes na análise da figura 21 deste subcapítulo.

<sup>259</sup> LURKER, Ibidem. p. 143.

<sup>260</sup> KERSHAW, Ibidem. p. 291.

marcharam através do portão celebrando sua chegada ao poder em janeiro de 1933 e o início da construção de um novo Estado. Ao todo, mais de 20 mil membros das SA atenderam ao seu chamado naquela noite, sendo acompanhados por uma multidão de observadores. Neste sentido, o próprio transpor do portão, “símbolo da delimitação e da passagem entre dois campos diferentes”<sup>261</sup>, representa um ritual de passagem, de um mundo atrasado e caótico para outro, onde a sociedade alemã apareceria restaurada em todo seu esplendor e glória. E não apresenta apenas a passagem entre o conhecido e o desconhecido, a imagem também possui “um valor dinâmico, psicológico; pois não somente indica uma passagem, mas convida a atravessá-la”<sup>262</sup>.

Na tradição cristã, a porta representa o próprio Cristo. Numa passagem do Novo Testamento:

Tornou, pois, Jesus a dizer-lhes: Em verdade, em verdade vos digo que eu sou a porta das ovelhas. Todos quantos vieram antes de mim são ladrões e salteadores; mas as ovelhas não os ouviram. Eu sou a porta; se alguém entrar por mim, salvar-se-á, e entrará, e sairá, e achará pastagens. (Jo 10: 7-9)

É interessante frisarmos que, por determinação do rei Frederico Guilherme III, foram acrescentados à escultura presente no topo do portão a Quadriga<sup>263</sup>, “espécie de carruagem de rodas de que os antigos se serviam no combate, nos jogos e nas cerimônias públicas, a qual se atrelavam quatro cavalos”<sup>264</sup> e a águia prussiana com suas asas abertas, pousada sobre um círculo de louros com uma cruz de ferro ao centro – idêntica às representações utilizadas pelos nazistas –, alteração que na época modificou o significado da simbologia da escultura, passando de alegoria representativa da “Paz” para da “Vitória”.

A simbologia da águia se repetiu na filatelia por todo o período nazista, como podemos observar nos selos abaixo discriminados.

Este selo (figura 18) foi emitido em 26 de janeiro de 1943, destinado aos filatelistas, sendo adquirido com uma obliteração<sup>265</sup> especial. A águia nazista aparece em cima do *Wertziffer* (valor numérico) do selo. A sobretaxa foi revertida em benefício do Trabalho da

<sup>261</sup> LURKER, Ibidem. p. 560.

<sup>262</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 734-735.

<sup>263</sup> O “carro”, como trono dos deuses, sempre possuiu grande representatividade entre os germanos. Era frequentemente associado tanto ao mito quanto ao culto da deusa Nerthus (a mãe terra, representação da fertilidade da terra cultivada), que possuía um carro puxado por duas vacas.

<sup>264</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 192.

<sup>265</sup> Obliteração – Marca oriunda da aplicação de um carimbo no selo, evitando-se, desta forma que seja novamente utilizado postalmente. In: DICIONÁRIO Filatélico. Ibidem.

Ajuda de Inverno. Os selos destinados à Franquia Militar (figura 19 e figura 20) foram emitidos respectivamente em: 10 de Julho de 1942 e 20 de outubro de 1944.



Figura 18 – Selo n° 762 - 3 Pfg. + 2 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor



Figura 19 – Selo Franquia Militar n° 02.



Figura 20 – Selo Franquia Militar n° 03.

Fonte: Acervo do Autor.

A inscrição na parte superior significava: *ZULASSUNGSMARKE* (Marca de homologação), utilizada para distinguir o envio de *colis postaux* (encomendas postais) destinadas às tropas. A iconografia utilizada nos dois foi a mesma, diferindo na cor e no tamanho, sendo o segundo em formato menor. O picote dos dois selos também apresenta uma diferença, no primeiro foi empregado um *roulette*<sup>266</sup> para separação dos selos, ao invés da tradicional perfuração uniforme, presente no segundo. Reparem as cornetas nos quatro cantos, um dos símbolos do sistema postal europeu<sup>267</sup>. As forças armadas do 3º Reich possuíam muitas variações da águia nazista, sendo a *Brustadler* (Águia de peito), largamente utilizada nos uniformes dos soldados alemães.

Seguindo este mesmo sistema de emissões, no dia 26 de janeiro de 1938, foi lançado um conjunto especial de selos de serviço composto por onze exemplares impressos em papel

<sup>266</sup> *Roulette* – pequeno disco de aço denteado unido a um punho e utilizado para fazer fileiras de pontos, fendas ou perfurações, em gravuras ou em folhas de selos postais.

<sup>267</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.1 OS SELOS DO REICH – Selos.



com marca d'água (filigrana)<sup>268</sup> suástica. A série foi utilizada pelos escritórios do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães nas suas correspondências oficiais, e apresentava na sua iconografia a águia estilizada sobre a suástica apoiada a uma coluna ou pilastra (figura 21), símbolo do Estado no período do império romano. Tal representação consiste numa clara referência à coluna sagrada das casas em algumas culturas antigas que, dentro de uma cosmologia, representava o *axis mundi* (centro do mundo, pilar do mundo). Entre os celtas o principal símbolo de adoração era um mastro de madeira que representava o eixo celeste. “Ideais sobre a existência de uma coluna cósmica são encontradas também entre os antigos germanos (Irminsul<sup>269</sup> dos saxões) [...]”<sup>270</sup>, e neste sentido, a própria águia com o símbolo nazista representaria o céu suportado pelas colunas, muitas vezes expressão de poder e nobreza<sup>271</sup>. A coluna delimita uma fronteira de proteção, estes limites não deveriam ser ultrapassados pelo ser humano, pois a partir dali Deus não mais exercia seus poderes. Mas “ultrapassar estes limites, no entanto, é a ambição dos príncipes”<sup>272</sup>. Os imperadores romanos utilizavam esta denominação, derivada de *princeps*, *primum caput*, o primeiro<sup>273</sup>.

Nº 105 – 1 Pfg.	Nº 106 – 3 Pfg.	Nº 107 – 4 Pfg.
Nº 108 – 5 Pfg.	Nº 109 – 6 Pfg.	Nº 110 – 8 Pfg.
Nº 111 – 12 Pfg.	Nº 112 – 16 Pfg.	Nº 113 – 24 Pfg.
Nº 114 – 30 Pfg.		Nº 115 – 40 Pfg.



Figura 21 – Selo Serviço de nº 105 ao selo nº 115. Fonte: Acervo do Autor.

Nº 116 – 1 Pfg.	Nº 117 – 3 Pfg.	Nº 118 – 4 Pfg.
Nº 119 – 5 Pfg.	Nº 120 – 6 Pfg.	Nº 121 – 8 Pfg.
Nº 122 – 12 Pfg.	Nº 123 – 16 Pfg.	Nº 124 – 24 Pfg.
Nº 114 – 30 Pfg.		Nº 126 – 40 Pfg.

<sup>268</sup> Marca d'água – marca do papel inserida quando da confecção do selo, visível somente quando os mesmos são examinados contra a luz ou com auxílio do filigranoscópio e de benzina retificada. Atualmente não é mais usada, foi substituída pela “fosforescência” do papel. Também chamada marca d'água. In: DICIONÁRIO Filatélico. Ibidem.

<sup>269</sup> *Irminsul* (grande pilar) – na mitologia saxônica era um pilar que conectava o céu e a terra, geralmente representado por um carvalho ou pilar de madeira.

<sup>270</sup> LURKER, Ibidem. p. 143.

<sup>271</sup> Idem, Ibidem. p. 143

<sup>272</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 266.

<sup>273</sup> PEREYRA, Ibidem. p. 155.



**Figura 22 – Selo Serviço de nº 116 ao selo nº 126.  
Fonte: Acervo do Autor.**

Com o mesmo motivo, a série foi reemitida no dia 02 de março de 1942 (figura 22), também com onze exemplares e impressos em papel sem filigrana (marca d'água). Novamente podemos observar a reprodução das colunas, no período dos imperadores romanos erguidas como emblemas do Estado<sup>274</sup>, aqui sustentando a base das ideias nacional-socialistas representadas por seus principais símbolos: a águia e a suástica.

Observemos que em alguns selos a águia aparece estampada com a cabeça voltada para a direita e em outros para a esquerda.

Mas, dentre todos os selos relacionados, um dos que mais sobressaem se tornando emblemático devido à evidente propaganda político-ideológica, foi o selo comemorativo emitido em 09 de novembro de 1944, em alusão ao 21º Aniversário do *Putsch* de Munique (figura 23).



**Figura 23 – Selo Comemorativo nº 784 - 12 p. + 8 p.  
Fonte: Acervo do Autor.**

Este selo nos remete a fase inicial do nacional-socialismo, que se utilizava de figuras zoomórficas na representação do partido e de seus inimigos, todos associados aos judeus, evocando as sensações de repugnância por parte de seus receptores, motivando-os a lutarem

<sup>274</sup> LURKER, Ibidem. p. 143.

contra este perigo. Representando uma *Adler im Kampf mit 3 Schlangen* (Águia em batalha com 3 cobras), os nazistas, então heróis do Golpe da Cervejaria, aparecem representados pela *Adler* (Águia) do partido, atacando os males que afligiam a Alemanha. É comum também eles virem representados pela Hidra, animal da mitologia grega que, neste caso, se apresenta com três cabeças de serpente e corpo de dragão. “É figuração dos vícios múltiplos (tanto sob forma de aspiração imaginativamente exaltada quanto de ambição banalmente ativa)”<sup>275</sup>, refletindo na “visão de mundo”<sup>276</sup> nazista, na qual cada cabeça representava um elemento destruidor ou opressor da raça ariana.

As figuras quimeras, criadas pela imaginação popular ou pela fantasia dos poetas, eram representadas em fábulas, mitos e lendas desde a Antiguidade Greco-romana. No folclore medieval estavam materializadas em determinadas figuras como a de um dragão, “ser mítico, híbrido de serpente, sáurio, ave, às vezes também leão”<sup>277</sup>, inicialmente um guardião de tesouros. Figura religiosa recorrente no imaginário europeu desde o medievo aparece como animal repugnante e inimigo das divindades e, se associado à serpente, é um “símbolo demoníaco”<sup>278</sup>. A propaganda nacional-socialista serviu-se dessas figuras para representar os perigos incessantemente renovados: o judaísmo, o marxismo e o capitalismo, evitando imprecisões na compreensão por parte do receptor, situando-o na ancestral doutrina maniqueísta que se apoiava na dualidade entre o “bem” e o “mal” e sua eterna luta.

O imaginário anticomunista, [...] de maneira recorrente associava o bolchevismo a figuras de animais, notadamente à serpente. [...] parece referir-se a um dos símbolos mais fortes do imaginário cristão, o monstro do Apocalipse, descrito na visão de São João [...].  
[...] A criatura horrenda, tal como o comunismo, pretendia destruir o bem, que é representado na terra pelos homens fiéis a Deus<sup>279</sup>.

A exclamação na parte superior: *GEDENKE DES 9.NOVEMBER.1923!* (Lembre-se de 9 de novembro de 1923!), é carregada de forte sentido político pois foi quando, em defesa da causa nacional-socialista, tombaram os primeiros heróis de sangue do Reich. Adolf Hitler os homenageou dedicando seu livro *Mein Kampf* (Minha Luta)<sup>280</sup>, para aqueles que “no dia 9 de novembro de 1923, na firme crença da ressurreição do seu povo, às 12 horas e 30 minutos

<sup>275</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 492.

<sup>276</sup> KERSHAW, Ibidem. p. 181.

<sup>277</sup> LURKER, Ibidem. p. 214.

<sup>278</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 349.

<sup>279</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “Perigo Vermelho”*: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002. (Estudos, nº 180). p. 100-101.

<sup>280</sup> Em 1936 foi publicada uma versão em braile de *Mein Kampf*. In: KERSHAW, Ibidem. p. 181.

da tarde, tomaram diante do quartel general assim como no pátio do antigo Ministério da Guerra de Munique”<sup>281</sup>. Reparemos também a inscrição *GROSSDEUTSHES REICH* (Grande Império Alemão), na parte de baixo do selo, representando a suposta concretização da união dos povos germânicos em uma só nação pura.

A vitória do bolchevismo em 1917 gerou novos medos, principalmente entre a elite conservadora e a classe média, que provocaram a transformação dos “movimentos de crítica ao capitalismo” em “movimentos contrarrevolucionários”. A aversão ao marxismo, assim, foi somada à aversão ao capitalismo liberal, que já era parte da estrutura ideológica das doutrinas fascistas. As duas ideologias foram identificadas como criações de uma mesma figura maléfica e corrompedora, o judeu. Assim, para os nacional-socialistas seu ministério estava claramente definido: a destruição do “bolchevismo judeu”.

Dessa maneira, se colocados no contexto da época do Golpe da Cervejaria, cada uma das cabeças poderiam ser consideradas como a representação da tríade de inimigos sorrateiros, subterrâneos, conspiratórios e mortais do nacional-socialismo e dos arianos, “raça que foi e é o expoente do desenvolvimento cultural da Humanidade”<sup>282</sup>. A ideologia da supremacia da raça ariana, assim, representaria os valores que deveriam ser intrínsecos a qualquer membro ou representação ideológica da cultura política nacional-socialista. Nas palavras de Luz:

Os marxistas e os capitalistas são identificados à mesma figura maléfica [...] sobre o corpo da serpente, conhecido símbolo bíblico para o mal, amaldiçoado por ter tentado Adão e Eva a comer do fruto da árvore da sabedoria. No primeiro livro da Bíblia lê-se: “Então o Senhor Deus disse à serpente: Porquanto fizeste isso, maldita serás tu dentre todos os animais domésticos, e dentre todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias da tua vida” (Gn, 3:14). A identificação praticamente paradoxal entre marxistas e capitalistas é construída através da associação de ambos os grupos com os judeus.

[...]

Assim, o judeu é visto como o denominador comum das atividades dos comunistas e dos capitalistas, atividades bastante distintas e teoricamente voltadas uma contra a outra, mas que objetivavam destruir a Alemanha. Portanto, seria necessário que os alemães tomassem medidas “defensivas” contra estes ataques, da mesma maneira como uma pessoa que mata uma serpente que o ameaça age por legítima defesa<sup>283</sup>.

<sup>281</sup> HITLER, Adolf. *Minha luta - Mein Kampf*. São Paulo: Centauro, 2001.

<sup>282</sup> HITLER, Ibidem. p. 218.

<sup>283</sup> LUZ, Enrique. “*O Eterno Judeu*”: Anti-Semitismo e Antibolchevismo nos Cartazes de Propaganda Política Nacional-Socialista (1919-1945). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História, UFMG, Belo Horizonte, 2006. p. 76-77.

No entanto, se levarmos em conta a conotação da época do lançamento do selo, ou seja, o ano de 1944, quando no dia 17 de janeiro ocorreu o início da Batalha de Monte Cassino, palco de importantes combates em solo italiano; no dia 04 de junho, a entrada dos aliados em Roma; e no dia 06 de junho, os aliados desembarcam na Normandia, mais conhecido como “Dia D”, outra possibilidade seria destas cabeças de serpente serem a projeção, a representação alegórica dos então “maiores inimigos do *Reich*”: Roosevelt, Churchill e seu antigo aliado, Stalin.

A *suástica* (do sânscrito: *sva ati ka* ou vida feliz) que, de simples insígnia representativa de um partido sem expressão, com a chegada dos nazistas ao poder passou a figurar entre os símbolos nacionais da Alemanha é uma...

Cruz com as hastes de mesmo tamanho, formando quatro ângulos retos [...]; como motivo de redemoinho indicando movimento semelhante à roda e ao tríscele [com três pernas]. [Na mitologia nórdica é associada ao martelo de Thor]. Entre os germanos, a suástica era um motivo decorativo apreciado, em ritos mágicos tinha também significado apotropaico<sup>284</sup>. [...] Na primeira metade do século XX é Símbolo de movimentos nacionais-revolucionários: em papel-moeda do governo Kerenski, como “cruz báltica” em ordens finlandesas e letãs, como distintivos de ligas antissemitas<sup>285</sup>.

Para Chevalier & Gheerbrant:

[...] A suástica é um dos símbolos mais difundidos e antigos. É encontrado do Extremo Oriente à América Central, passando pela Mongólia, pela Índia e pelo norte da Europa. Foi conhecido dos celtas, dos etruscos, da Grécia antiga; o ornamento chamado grega deriva da suástica. Alguns quiseram remontá-lo aos atlantes, o que é uma maneira de indicar sua remota antiguidade. [...] a suástica, por seu próprio grafismo, indica manifestamente um movimento de rotação em torno do centro, imóvel, que pode ser o ego ou o pólo. É portanto símbolo de ação, de manifestação, de ciclo e de perpétua regeneração. [...] A simbólica dos números ajuda a compreender melhor o sentido de força totalizadora desse emblema: a suástica é feita de uma cruz, cujas hastes - como nas orientações vetoriais que definem um sentido giratório e em seguida o enviam de volta ao centro - são quadruplicadas. O seu valor numérico é, portanto, de quatro vezes quatro, i.e., dezesseis. É o desenvolvimento da força da Realidade, ou do universo. [...] associa-se a essas grandes figuras criadoras ou redentoras invocadas acima; como desenvolvimento de um poder secular, o que explica as suas atribuições históricas, de Carlos Magno a Hitler. Aqui, o sentido de sua rotação intervirá, igualmente, do sentido direto astronômico, cósmico e, portanto

<sup>284</sup> Apotropaico – que supostamente evita malefícios, capazes de evitar desgraças.

<sup>285</sup> LURKER, Ibidem. p. 695-696.

ligado ao transcendente - é a suástica de Carlos Magno; ou do sentido inverso, dos ponteiros de um relógio, querendo colocar a infinitude e o sagrado no temporal e no profano - é a suástica hitleriana<sup>286</sup>.

Assim, símbolo antigo de forma geométrica simples e, ao mesmo tempo, hipnotizante, a suástica não foi criada por Adolf Hitler ou seu *Propagandaminister* (ministro da Propaganda), Paul Joseph Goebbels, mas com certeza foi a insígnia que marcou o movimento nazista, sendo lembrada até os dias atuais. Segundo Szniter:

O ornamento chamado grega, de reconhecida profusão em inúmeras culturas, deriva desse símbolo. Na religião hindu do jainismo seus quatro braços representavam os diversos planos da existência: o mundo dos deuses, o dos homens, o dos animais e o mundo inferior<sup>287</sup>.

Como nos lembra Dietrich,

A suástica, um dos mais conhecidos símbolos da ideologia nazista, tem origem hindu e encontra-se reproduzida em documentos de diversas civilizações, sugerindo movimentos circulares como o da roda. Associada ao nazismo, serviu para invocar o poder nazista, o terror e os sentimentos nacionalistas, além de representar o antissemitismo<sup>288</sup>.

Entre o século XVIII e XIX, a descoberta e ampliação do grupo linguístico indo-europeu<sup>289</sup> provocou um alvoroço na arqueologia, por possibilitar a realização de uma genealogia dos grupos europeus pré-históricos, estabelecendo suas origens nos povos indo-arianos. Posteriormente, o arqueólogo alemão Heirinch Schliemann<sup>290</sup> descobriu suásticas nos restos de Tróia. Após consultar um especialista em sânscrito e estabelecer uma conexão com antigos vasos encontrados na região da Escandinávia e nas adjacências do Rio Oder, na Alemanha, concluiu que a suástica era um símbolo específico indo-europeu e, assim traçou seu elo com os antigos povos gregos.

<sup>286</sup> CHEVALIER, GHEERBRANT. p. 852-853.

<sup>287</sup> SZNITER, Célia. *A Dimensão Visual da Propaganda Nazista: as imagens do judeu e do ariano*. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 1996.

<sup>288</sup> DIETRICH, Ana Maria. *Caça às Suásticas: O Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Fapesp, 2007.

<sup>289</sup> O termo “indo-europeu” foi usado pela primeira vez em 1813, por Thomas Young, em matéria publicada na *London Quarterly Review*, apesar não haver consenso sobre a nomeação da família de idioma recentemente descoberta.

<sup>290</sup> Heinrich Schliemann (1822-1890) foi um empresário alemão e pioneiro da Arqueologia de campo. Escavador das ruínas das antigas cidades de Tróia e Micenas.

Ao se apropriarem da suástica, teóricos nacional-socialistas como Alfred Rosenberg<sup>291</sup>, um dos primeiros seguidores de Hitler, integraram-na ao movimento *Völkisch* (Nacionalista)<sup>292</sup> nazista e passaram a utilizá-la como símbolo de sua “identidade antepassada ariana”. Corrompido seu significado original, emblema de boa-sorte, assumiu a representação de uma raça superior, predestinada à grandeza, a qual todas as outras raças inferiores no mundo deveriam se subordinar. Assim,

Em pleno verão de 1920, o novo pavilhão apareceu, pela primeira vez, em público. Adaptava-se, admiravelmente, ao nosso movimento incipiente. Partido e bandeira distinguiam-se pela novidade. Nunca tinham sido vistos antes. Seu efeito, naquele momento, foi o de uma tocha incendiada. [...] No vermelho, vemos a ideia socialista do movimento, no branco, a ideia nacional, na cruz suástica a missão da luta pela vitória do homem ariano, simultaneamente com a vitória da nossa missão renovadora que foi e será eternamente antissemítica<sup>293</sup>.

No dia 1º de setembro de 1934, foi emitida uma série em comemoração ao 6ª Convenção Nacional Partidária de Nuremberg (figura 24), também chamado de *Reichsparteitag der Einheit und Stärke* (Convenção Nacional Partidária da Unidade e Força) ou *Reichsparteitag der Macht* (Convenção Nacional Partidária do Poder). Nessa ocasião, foram realizadas as filmagens do que viria a ser o filme *Triumph des Willens* (Triunfo da Vontade), também da cineasta Leni Riefenstahl, lançado em 1935. As Convenções, encenadas na cidade de Nuremberg a partir de 1927, simbolizavam a sintonia entre o povo alemão e o NSDAP. Neles, aparece o sol (a suástica) que se projeta por detrás, ou elevando-se acima do *Kaiserburg Nürnberg* (Castelo Imperial de Nuremberg), local de onde se tem uma visão de comando sobre a cidade. Dessa maneira, a imagem desta convenção nas estampas passou a assumir uma representatividade semelhante a dos selos aéreos de 1934 (figura 14).

Speer reforçou a tendência neoclássica nos planos de construção dos gigantescos auditórios e praças de armas para os congressos do partido, em Nuremberg, [...] apesar de inequivocamente neoclássico, encontra-se também influenciado pelas composições de formas abstratas dos anos 20<sup>294</sup>.

---

<sup>291</sup> GOLDENSOHN, Leon. *As Entrevistas de Nuremberg: conversas de um psiquiatra com os réus e as testemunhas*. Organização e introdução de Robert Gallately. Tradução de Ivo Korytowski. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 242.

<sup>292</sup> *Völkisch* – ideologia que encerra em si tanto ideias nacionalistas quanto racistas, fundadas no pseudocientificismo da época (informação verbal). Dado fornecido pelo Professor Dr. Élcio Loureiro Cornelsen na Defesa da Dissertação, em Belo Horizonte, em 28 de maio de 2014.

<sup>293</sup> HITLER, Ibidem.p. 210-211.

<sup>294</sup> LENHARO, Ibidem. p. 50.



Figura 24 – Selo nº 511 - 6 Pfg. e Selo nº 512 - 12 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

Num primeiro momento, esta série de selos poderia pertencer à categoria Arquitetura e Arte. No entanto, o principal nela não é a construção em si, mas a suástica que se desponha ao fundo, como um símbolo da renovação não só da Alemanha, mas também de todos os antigos e tradicionais povos germânicos. Podemos extrapolar esta análise, colocando como o surgimento de um novo mundo, erguido sob a égide nacional-socialista e apoiado nos tradicionais alicerces culturais arianos, representados aqui pela solidez das bases do castelo, que, mesmo nos turbulentos períodos de trevas, sempre esteve pronta a iluminar o caminho a ser trilhado pela Grande Alemanha e seus filhos. Mas por seu isolamento, o que ele encerra dentro de suas paredes adquire um aspecto longínquo, fazendo com que o castelo se transforme num símbolo de transcendência<sup>295</sup>.

A cidade de Nuremberg, não por acaso, também ficou conhecida por ter sido o palco dos “Julgamentos de Nuremberg”<sup>296</sup>, realizados após a Segunda Guerra Mundial, com o intuito de julgar os criminosos de guerra nazistas.

A suástica aparece no selo lançado no dia 26 de abril de 1935, para divulgação do *Reichsberufswettkampf 1935* (Concurso Profissional da Juventude Operária de 1935 – figura 25)<sup>297</sup>. O conjunto dispõe de uma mão, segurando uma coroa de vitória e a suástica em segundo plano. No cristianismo, a mão aparece como a representação do poder criador, condutor e punitivo de Deus (Gênesis 9:2<sup>298</sup>; Êxodo 3:20<sup>299</sup>; Salmos 104:28<sup>300</sup>), que criou o céu e a terra com sua mão (Isaías 66: 2)<sup>301</sup>. E ainda, a *dextera Dei* (mão direita de Deus)

<sup>295</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 199.

<sup>296</sup> GOLDENSOHN, Ibidem.

<sup>297</sup> Ver mais detalhes na análise da figura 16 deste subcapítulo.

<sup>298</sup> “E o temor de vós e o pavor de vós virão sobre todo o animal da terra, e sobre toda a ave dos céus; tudo o que se move sobre a terra, e todos os peixes do mar, nas vossas mãos são entregues.” Gênesis 9:2.

<sup>299</sup> “Porque eu estenderei a minha mão, e ferirei ao Egito com todas as minhas maravilhas que farei no meio dele; depois vos deixará ir”. Êxodo 3:20.

<sup>300</sup> “Dando-lho tu, eles o recolhem; abres a tua mão, e se enchem de bens”. Salmos 104:28.

<sup>301</sup> “Porque a minha mão fez todas estas coisas, e assim todas elas foram feitas, diz o Senhor; mas para esse olharei, para o pobre e abatido de espírito, e que treme da minha palavra”. Isaías 66: 2.



“símbolo mais antigo de Deus Pai”<sup>302</sup>. “Como símbolo do poder, a mão pode ser também sinal de soberania [...]. A mão pode conceder felicidade, força e bênção (cf. a imposição das mãos na Crisma e na Confirmação)”<sup>303</sup>. Na simbologia política encontramos gestos como o punho cerrado se desdobra dentro os “Símbolos Comunistas-Marxistas”<sup>304</sup>.



Figura 25 – Selo nº 530 - 6 Pfg. e Selo nº 531 - 12 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

A suástica aparece também em dois selos, exemplos da propaganda nacional-socialista relacionada *Anschluß* (Anexação político-militar) da Áustria pela Alemanha (figura 26). Ambos foram lançados em 08 de abril de 1938. Na bandeira agitada pelos dois representantes germânicos aparece apenas a insígnia nazista e, para exaltar sua unificação, apresentava um dos *slogans* da propaganda nazista: *EIN VOLK, EIN REICH, EIN FÜHRER* (Um Povo, Um Reino, Um Líder), “união” esta defendida por Adolf Hitler desde seus dias de agitador político no *Deutsche Arbeiterpartei* – DAP (Partido dos Trabalhadores Alemães), em Munique.



Figura 26 – Selo nº 605 - 6 Pfg. e Selo nº 606 - 6 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

<sup>302</sup> LURKER, Ibidem. p. 416.

<sup>303</sup> Ibidem, Ibidem. p. 417.

<sup>304</sup> Idem, Ibidem. p. 289.

A bandeira, utilizada pela primeira vez no verão de 1920<sup>305</sup>, cujo “[...] efeito, naquele momento, foi o de uma tocha toda incendiada”<sup>306</sup>, aparece como símbolo de proteção, concedida ou implorada. O portador de uma bandeira ou de um estandarte ergue-o acima de sua cabeça. De certo modo, lança um apelo ao céu, cria um elo entre o alto (o *Reich* salvador) e o baixo (a Áustria solícita)<sup>307</sup>. Os dois homens podem estar em primeiro plano, mas é a suástica na bandeira, a primeira a chamar a atenção do observador, que complementa o significado dando sentido à cena. Notemos que a bandeira assume o contorno geográfico da Alemanha, Áustria, Tchecoslováquia e parte da Polônia. Numa outra possibilidade, seria a representação quase perfeita dos territórios anteriormente ocupados pelo Segundo Império Alemão, formado em 1871, e o Império Austro-Húngaro, formada em 1867. Apesar da cena de confraternização e sentimento de igualdade, a anexação da Áustria significou a sua subjugação político-militar à Alemanha que a transformou em mais um Estado administrado pelo Terceiro *Reich*, como parte dos planos de expansão de Hitler na Europa.

Os dois selos, que apresentavam tamanhos diferentes, foram emitidos simultaneamente na Alemanha e na Áustria, sendo o selo de nº 605, pertencente à tiragem disponibilizada em Berlim, e o selo de nº 606, pertencente à tiragem disponibilizada em Viena. Muitos outros *souvenirs* filatéticos, como cartões postais e carimbos comemorativos, relacionados à questão foram emitidos à época.



**Figura 27 – Selo nº742 - 6 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.**

O selo acima foi emitido em 08 de agosto de 1942 (figura 27), para comemorar a Jornada Esportiva das SA ou *Wehrkampfstage der SA* (Dias da Luta de Defesa das SA). Este

<sup>305</sup> KERSHAW, Ibidem. p. 122.

<sup>306</sup> HITLER, Ibidem. p. 370.

<sup>307</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 118.

exemplar filatélico foi baseado no distintivo militar de esportes adotado pelas SA e emitido para o evento de proficiência bélico especial realizado neste ano nomeadamente. Esta homenagem demonstra o alto valor atribuído à organização desde seu surgimento, no início dos anos 1920, até seu colapso, em junho de 1934, quando ocorreu a “Noite das Facas Longas”, na qual os principais líderes das SA foram eliminados por ordem de Adolf Hitler.

Nascidas com o próprio nazismo, as SA sempre se constituíram no modelo de sacrifício, de heroísmo, mas também de agressividade — a conjugação do “espírito com a força bruta”, como queria Hitler.

[...]

Todo o esquema da propaganda do partido, em sua etapa de crescimento, esteve conjugado à imagem do uniforme marrom dos soldados SA. Essas imagens bem-sucedidas é que animariam Tchakhotine a propor que se pusessem a serviço do socialismo os métodos da propaganda nazi. Já que as pesquisas mostravam que a maioria da população se deixava condicionar passivamente, impunha-se disputar com os nazistas a guerra dos símbolos visuais e sonoros para chegar à vitória eleitoral<sup>308</sup>.

A imagem das SA sempre esteve ligada à força da juventude, associada com a imagem particular do herói ariano, loiro e atlético, um soldado pronto a sacrificar sua vida em nome da Alemanha e do *Führer*.

Após o desmantelamento das SA em 1934, somente no ano seguinte ocorreu a reorganização destas forças e seus membros, com idade entre 18 e 35 anos, foram enviados para o serviço ativo nas forças armadas alemãs. Os homens com idade entre 35 e 45 anos foram colocados nas forças de reserva e poderiam ser aproveitados para o policiamento ostensivo e manutenção da ordem pública. Aqueles que possuíssem idade superior a 45 anos, foram designados para as milícias locais.

Mesmo assim, somente os membros das SA participavam da jornada esportiva, existindo três níveis de condecorações, com fornecimento de três tipos distintos de condecorações. Os distintivos de Bronze, para os soldados com idade abaixo de 35 anos e que passassem nos testes no período de um ano; de Prata, para homens de 35 a 40 anos e que passassem no teste anual, ou homens abaixo de 35 anos que passassem por cinco testes anuais; e o distintivo de Ouro, destinado a homens acima de 40 anos que passassem no teste anual, ou que possuíssem o distintivo de Prata e que tivessem passado nos testes anuais por mais de 6 anos.

---

<sup>308</sup> LENHARO, Ibidem. p. 64-65.

O selo apresentava uma espada no estilo romano em primeiro plano, seguida pela suástica e a coroa de louros, emblema fornecido aos participantes dos testes que consistiam em três grupos: exercícios físicos, exercícios de defesa e exercícios de campo.

O primeiro grupo, Exercício Físico, era composto pelas seguintes modalidades: corrida de 100 jardas; salto em distância; arremesso de peso; arremesso de longa distância com granada falsa; e corrida de 3000 metros. No segundo grupo, *Wehrsport* (Exercício de Defesa): marcha de 25 quilômetros transportando 27,5 lb de equipamentos; tiro com armas de fogo de pequeno calibre; arremesso de granada; corrida de 200 metros usando máscara de gás, sobre quatro obstáculos um reduzido “trajeto de assalto”; teste de velocidade de natação ou ciclismo; e teste de técnicas elementares de primeiros socorros. E no terceiro grupo, *Geländedienst* (Serviço de Campo): leitura de mapa; análise do terreno e estimativa de intervalos; sinalização; e exercício de reconhecimento.

A espada era considerada “portadora de forças misteriosas, relacionada ao fogo, relâmpago, sol, algumas vezes também à lua em forma de foice”<sup>309</sup>. Poderia possuir um nome, como a espada de Siegfried, Balmung. No cristianismo a espada nas mãos do Arcanjo Miguel simboliza a superação do mal e é também uma arma nobre que pertence aos cavaleiros e aos heróis cristãos. Na Roma antiga representava a *ius gladii* (direito da espada), o direito sobre a vida e a morte e como símbolo do poder aparece como insígnia dos impérios. No caso de sua associação a imagem das SA, “a espada pode ter um sentido fálico [representação da masculinidade] (como na interpretação psicanalítica)”<sup>310</sup>.

Anterior aos exemplos da águia nazista (figura 21 e figura 22), o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães emitiu, em 18 de janeiro de 1934, a primeira série de selos de serviço composta por doze selos, com o intuito de serem utilizados nas correspondências oficiais dos órgãos governamentais. O conjunto apresentava na sua iconografia a suástica em um fundo branco com uma coroa de flores ao seu redor (figura 28), e impresso em papel com marca d'água suástica.

Nº 93 – 3 Pfg.	Nº 94 – 4 Pfg	Nº 95 – 5 Pfg
Nº 96 – 6 Pfg	Nº 97 – 8 Pfg	Nº 98 – 10 Pfg
Nº 99 – 12 Pfg	Nº 100 – 15 Pfg	Nº 101 – 20 Pfg
Nº 102 – 30 Pfg	Nº 103 – 40 Pfg	Nº 104 – 50 Pfg

<sup>309</sup> LURKER, Ibidem. p. 416.

<sup>310</sup> Idem, Ibidem. p. 237.



**Figura 28 – Selos de Serviço do nº 93 ao selo nº 104.  
Fonte: Acervo do Autor.**

Entre 1942 e 1944, os selos oficiais foram reemitidos, com novas cores e impressos em papel sem marca d'água (figura 29).

Nº 127 – 3 Pfg.	Nº 128 – 4 Pfg
Nº 129 – 6 Pfg	Nº 130 – 8 Pfg
Nº 131 – 12 Pfg	Nº 132 – 15 Pfg
Nº 133 – 30 Pfg	Nº 134 – 40 Pfg
Nº 135 – 30 Pfg	Nº 136 – 40 Pfg
Nº 137 – 30 Pfg	Nº 138 – 40 Pfg



**Figura 29 – Selos de Serviço do nº 127 ao selo nº 138.  
Fonte: Acervo do Autor.**

Assim como a águia, a suástica nazista está relacionada com o poder secular, no seu movimento há a ideia de perpetuação do poder, uma eterna regeneração que manteria o *Reich* sempre jovem e, não envelhecendo jamais, duraria mil anos. A força gerada por seu movimento significa domínio e pretende demonstrar certeza de seus objetivos e capacidade de alcançá-los e concretizar o que nenhum outro partido conseguira realizar na Alemanha: alcançar os mais diversos grupos sociais, seduzir os mais diversos simpatizantes.



Figura 30 – Selo nº 580 - 6 Pfg. e Selo nº 581 - 12 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

O selo acima foi emitido em 03 de setembro de 1936, para divulgação do 8ª Convenção Nacional-Socialista de Nuremberg (figura 30). As estampas trazem uma gigantesca suástica que irradia luz, como se iluminasse os participantes com as mãos levantadas em saudação. Através de sua iconografia entramos na terceira e última das simbologias abordadas neste subcapítulo, a *Deutscher Gruß* (saudação alemã), a *Saudação Nazista*<sup>311</sup> ou *Hitlergruß* (saudação de Hitler). Uma das formas utilizadas pelos regimes ditatoriais no ocidente, como o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, a exemplo da saudação romana com o punhal empregada entre os fascistas na Itália, era considerada um sinal da lealdade e, acima de tudo, do culto à personalidade do *Führer*, que foi ganhando importância à medida que Hitler ascendia ao poder. Segundo Lurker:

Um significado simbólico primitivo deve ser atribuído à assim chamada saudação fascista na Itália, Alemanha e Espanha. Trata-se, provavelmente, de uma referência consciente ao gesto dos imperadores romanos, encontrado em vários monumentos a partir do séc. III: a mão direita aberta, erguida, dirige-se para o sol – invocação de forças solares; comparem-se as palavras que acompanham o gesto, exclamadas pelos nacional-socialistas, “*Heil Hitler*”<sup>312</sup>.

Além do gesto empregado desde 1925 como saudação dentro do partido nacional-socialista, havia o apelativo sonoro, uma adaptação da expressão *Sieg Heil* (Salve a Vitória), utilizado principalmente nas reuniões e, sobretudo, após os longos discursos proferidos por Adolf Hitler, pode ser comparado aos “gritos de guerra”<sup>313</sup> que se produziam nos combates desde a Antiguidade. Um dos primeiros a usar a saudação foi Joseph Goebbels, futuro ministro da Propaganda. Somando-se a saudação e ao grito, a suástica, como o sol do qual

<sup>311</sup> SHIRER, William L. *Ascensão e Queda do III Reich*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. 4 v.

<sup>312</sup> LURKER, Ibidem. p. 671.

<sup>313</sup> PEREYRA, Ibidem. p. 128.

irradiam as forças condutoras do Império que, uma vez assimiladas, são confirmadas e retransmitidas aos outros “companheiros” na forma de um brado que ecoaria por toda eternidade. O gesto, “movimento de expressão”<sup>314</sup>, que possui significados próprios na religião, no costume e na magia.

“Particularmente expressivas são as posições e os movimentos com as mãos. [...] a mão erguida do soberano e do orador [...] pode transformar-se em gesto de bênção, [...]. Também na simbologia política encontram-se gestos, como a mão direita erguida (Símbolos Nazifascistas) [...]”<sup>315</sup>.

Entre os anos de 1933 e 1945 a saudação, além de significar uma atitude político-ideológica, um modo de identificar aqueles participantes ou simpatizantes do regime político, passou a ser um cumprimento alemão habitual, uma forma de expressão de compromisso, polidez e educação, como o aperto de mãos. Assim, torna-se ao mesmo tempo um comportamento individual, a pessoa toma para si uma atitude, e coletivo, já que é um indicativo de pertencimento social. Símbolo de pertencimento ou exclusão, a saudação era difundida dentro e foras dos lares, no contexto familiar e social, passando a ser um cumprimento como um simples apertar de mãos. Como função social, o ato passou a ser considerado um gesto natural de uma sociedade em seu tempo e espaço, além de identificar disposições de ânimos e sentimentos, de uma faceta de sua personalidade, todas as bases nacionais, sociais e educacionais que se desenvolveram desde as tentativas de tomada do poder pelo NSDAP.

As consequências dos métodos de propaganda político-ideológico empregados pelos nazistas para a dominação global repercutem até os dias de hoje e exercem grande influência no imaginário popular mundial. Àquele tempo, representavam o “Líder”, predestinado ao poder, que os guiaria no árduo caminho rumo a um novo *Reich* que restauraria as glórias do passado. Atualmente refletem o nacionalismo exacerbado, o expansionismo militar, a propaganda como forma de legitimação do poder, o combate ao comunismo, o antissemitismo e a defesa da superioridade da raça ariana e ainda provocam polêmica.

---

<sup>314</sup> LURKER, Ibidem. p. 289.

<sup>315</sup> Idem, Ibidem.

### 3.3 OS SELOS DO *REICH* - Adolf Hitler

Ein Volk,  
Ein Reich,  
Ein Führer!<sup>316</sup>

No final da década de 1930, a Alemanha já se tornara uma superpotência. Segundo a propaganda nacional-socialista, o responsável por este processo, Adolf Hitler, reuniu-se com o primeiro-ministro britânico Chamberlain em 1938 para discutir sobre a manutenção da paz na Europa. Alguns consideraram que a “política de apaziguamento” de “Chamberlain salvou Hitler”<sup>317</sup>. Neste contexto, a popularidade e o prestígio do *Führer* alcançaram seus níveis mais altos. Uma das revistas norte-americanas mais influente do mundo, a *Times*, em sua edição da primeira semana de janeiro de 1939, elegeu Adolf Hitler como o homem do ano de 1938, mas com a ressalva de que, apesar da deferência de homem do ano anterior, não significava que apoiassem suas ações.

Em meio a esta escolha da revista *Times*, um membro do parlamento sueco E.G.C. Brandt chegou a propor o nome de Adolf Hitler para o Prêmio Nobel da Paz<sup>318</sup>. Para muitos, uma atitude inexplicável, uma vez que Hitler já expunha sua faceta racista antes mesmo de publicar seu livro *Mein Kampf* (Minha Luta), escrito na prisão, um manual antisemita no qual pregava que somente através de um governo forte a Alemanha poderia reassumir seu

---

<sup>316</sup> “Um povo. Um Império. Um Líder!” – um dos principais e mais repetidos *slogans* políticos do nazismo.

<sup>317</sup> KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 478.

<sup>318</sup> THE NOMINATION DATABASE for the Nobel Prize in Peace, 1901-1956. Disponível em: <[http://www.nobelprize.org/nobel\\_prizes/peace/nomination/nomination.php?action=show&showid=2609](http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/peace/nomination/nomination.php?action=show&showid=2609)>. Acesso em: 18 nov. 2012.



posto de potência mundial. A nomeação foi retirada por meio de carta datada de 1º de fevereiro de 1939, alguns meses antes do início da Segunda Guerra Mundial<sup>319</sup>.

Dentre os temas mais presentes nas emissões filatélicas efetivadas pelo Terceiro *Reich*, o que possivelmente alcançou maior êxito como forma de difusão da propaganda ideológica do regime nacional-socialista através dos selos foram as impressões contendo a efígie de Adolf Hitler. Além da propaganda interna, estas imagens possibilitaram a difusão da ideia nazista do “grande salvador” da Alemanha para além das fronteiras germânicas e europeias. O *Führer* era apresentado como aquele que, com sua devoção incontestável, afastou as sombras das humilhações passadas, representadas pelos “castigos” impostos pelo Tratado de Versalhes, conduzindo seu povo rumo ao futuro, ao seu lugar de direito acima de todos os outros povos do mundo.

Essas emissões atingiam seus picos com os selos em celebração aos aniversários de Hitler e do regime nacional-socialista, estes correspondem, quantitativamente, a mais da metade dos selos emitidos e que serão apresentados no decorrer deste trabalho. Uma relação, em ordem cronológica, relacionada ao lançamento dos selos pode ser encontrada na TABELA 01 - Retratos de Adolf Hitler em selos, por ordem cronológica de emissão, no final deste tópico, com a indicação da data da emissão, valor facial, tipo (selo ou bloco) e o número correspondente no Catálogo Yvert. A última coluna indica o artista (*designer*) responsável pela confecção da iconografia estampada.

Devido às suas peculiaridades, é imprescindível uma análise mais acurada de todo o material afeito ao tema, com ênfase às especificidades de cada emissão que explora a imagem e o carisma do *Führer* que, através da propaganda nazista foram vinculados deliberadamente ao projeto político do partido, se transformou no melhor “garoto propaganda” que o Império Alemão poderia dispor no momento. Devemos observar as cores nas quais foram impressos estes selos. Uma quantidade considerável foi impressa em vermelho – símbolo do sangue derramando –, ou apresenta esta cor na sua composição. Além disso, é importante destacar que no cristianismo o vermelho representa a cor da Paixão de Jesus Cristo.

No dia 12 de setembro de 1919, após a Primeira Grande Guerra e ainda no Exército, o cabo Hitler foi designado por seus superiores para se infiltrar e investigar os encontros realizados por um grupo de nacionalistas que se autodenominava *Deutsche Arbeiterpartei* – DAP (Partido dos Trabalhadores Alemães). No decurso de sua missão, participou de debates

---

<sup>319</sup> A invasão tipo *blitzkrieg* à Polônia, em 1º de setembro de 1939.

acalorados, se destacando a tal ponto que Anton Drexler<sup>320</sup>, então presidente do partido, notou de imediato à força hipnótica que suas palavras exerciam sobre a plateia, reconhecendo todo o potencial que aquele orador de origem popular poderia exercer sobre as multidões.

Adolf Hitler foi convidado a ingressar nas fileiras do partido e, em 1920, já dispensado do Exército, deu início a uma atuação mais ativa nos comícios. O reflexo nas reuniões e no partido foi imediato, pois resultou em um substancial crescimento no número de participantes e filiados, incluindo oficiais e praças veteranos do Exército. Seus discursos provocavam, entre os participantes mais exaltados, verdadeiras demonstrações de histeria coletiva.

Sua visão de um partido político estruturado militarmente era evidente. Hitler certa vez se referiu aos veteranos de guerra que aderiram ao partido (alguns alcançando altos postos dentro do mesmo), como indivíduos inaproveitáveis em tempos de paz, mas extremamente úteis em períodos turbulentos.

Ainda em 1920, o nome do partido foi alterado para *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* – NSDAP (Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães). Hitler concebia o partido como seu exército particular e acreditava que as transformações pelas quais ele passara eram fruto do seu carisma. Dessa maneira, confiante no seu poder de persuasão, em 1921 ele afastou Drexler da direção e se tornou o líder do NSDAP, que não prevendo este ato, acusou Hitler à época de ser ávido pelo poder e de possuir grande ambição pessoal<sup>321</sup>. É neste característico contexto pós-Primeira Guerra, composto por um sentimento de humilhação conferido pelo Tratado de Versalhes e pelo grande entusiasmo nacionalista, que devemos nos perguntar o que significou o lançamento destes selos contendo o rosto do ditador.

A temática “Adolf Hitler” foi apresentada pela primeira vez na forma de selo postal em 1937, quando o *Führer* já se encontrava no poder. Segundo nossas observações, o fato de o primeiro selo com efígie ter sido emitido apenas em 1937 não quer dizer que o *Reich* tenha demorado a se interessar pelos selos para efeitos de propaganda, visto as emissões anteriores repletas de simbolismos político-ideológicos. No entanto, foi nesse período que o carisma de Hitler ultrapassou as fronteiras do continente europeu e se despontou no cenário mundial com a construção de sua imagem de “reconhecido paladino do anticomunismo na Alemanha e no

---

<sup>320</sup> Anton Drexler – ferramenteiro alemão que juntamente com o jornalista Karl Harrer, em 5 de junho de 1919, fundou o Partido dos Trabalhadores Alemães, sendo eleito presidente.

<sup>321</sup> FEST, Joachim C. *Hitler*. Tradução de Analúcia Teixeira Ribeiro e outros. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1991.

mundo”<sup>322</sup>. A consolidação desta imagem o levou a assumir uma posição de destaque no campo da política externa. Assim, o ano de 1937 está incluído num período de ascensão espantosamente bem-sucedida, que se encerrou em 1939, com o início da guerra<sup>323</sup>.

Os selos emitidos pela Alemanha neste período são ricos de conteúdo simbólico para seus contemporâneos, uma vez que o próprio *Reich* alemão é personificado na figura do *Führer*. Os modelos iconográficos utilizados como base para a confecção destes selos foram as fotografias originais de Adolf Hitler, trabalhadas até chegarem à concepção apresentada nas estampas. Esses selos, assim como seus pares, transmitiam uma forte mensagem política e social, e foram produzidos para registrar acontecimentos históricos importantes que tiveram a figura do ditador como protagonista, além de exaltar suas conquistas.

Para a confecção dos selos, foram utilizadas fotografias tiradas pelo fotógrafo Heinrich Hoffmann (1885-1957). Hoffmann iniciou suas atividades na área da fotografia em 1908, quando começou a trabalhar na loja de seu pai em Munique. Publicou suas primeiras fotos em 1919. Seu trabalho ia ao encontro das aspirações propagandistas dos nazistas, atingindo o efeito desejado nas massas. Isto o aproximou cada vez mais do partido, ao qual se filiou no início dos anos de 1920, sendo designado ao cargo de responsável por registrar os acontecimentos mais importantes vinculados ao NSDAP. Tornou-se amigo próximo e dedicado de Hitler que o designou seu fotógrafo pessoal. Foi posteriormente empossado consultor de arte oficial de Hitler e, em 1938, foi nomeado Professor. Desempenhou papel decisivo no desenvolvimento e expansão da propaganda nazista, com suas fotografias e publicações contribuiu para o desenvolvimento da imagem carismática do ditador. Segundo Magalhães-Ruether:

Hoffmann não era apenas um fotógrafo. Ele encenava as imagens que fotografava, tendo ajudado o futuro ditador a se tornar um fenômeno capaz de atrair as massas, criando com as suas fotos o mesmo efeito atingido mais tarde com os documentários de Leni Riefenstahl sobre os congressos do partido nazista<sup>324</sup>.

Além de selos, as fotos de Hoffmann se transformaram em cartazes, cartões postais e livros ilustrados. Estes últimos se tornaram verdadeiros *best-sellers*, por meio deles, difundiu-

<sup>322</sup> LUKACS, John. *O Hitler da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 108.

<sup>323</sup> Idem, *Ibidem*. p. 99.

<sup>324</sup> MAGALHÃES-RUETHER, Graça. *As fotos proibidas de Hitler*. In: *O Globo*, ago. 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/historia/as-fotos-proibidas-de-hitler-9337456>>. Acesso em: 27 ago. 2013.

se as ideias nazistas e Hitler, “de simples político desconhecido” foi convertido em “salvador nacional”<sup>325</sup>.

As fotografias de Hoffmann, posteriormente trabalhadas pelo professor Richard Klein<sup>326</sup>, de Munique, se transformaram numa das principais bases iconográficas do *Reich*, por servirem de modelo para a maioria das emissões de selos com efígies de Hitler. Artista alemão, como Hoffmann, e também conhecido principalmente por seus trabalhos ligados ao regime nazista, Klein produziu, além dos selos postais, cartazes, medalhas comemorativas, troféus e esculturas utilizadas pelo regime. Algumas de suas obras foram publicadas em revistas especializadas. Klein foi, ainda, diretor da Escola de Artes Aplicadas de Munique e um dos pintores favoritos de Hitler<sup>327</sup>.

Iniciando a análise destes selos, podemos dividi-los em dois subgrupos. O primeiro subgrupo reúne as estampas que fazem alusão à figura do ditador. Nelas, em geral, predomina sua efígie, sozinho e sempre de perfil. Assim, neste subgrupo se destaca a simbologia do rosto considerado “um desvendamento, incompleto e passageiro, da pessoa”<sup>328</sup>, representação de grande relevância se empregada à figura de Hitler, personagem histórico que ainda hoje suscita várias teorias a seu respeito, muitas deixando mais perguntas que respostas. Nenhuma pessoa jamais viu seu próprio rosto diretamente, nem mesmo o *Führer*, pois só é possível reconhecê-lo através de um espelho, que gera uma “imagem invertida da realidade”<sup>329</sup>. A própria imagem refletida, assim, pode ser considerada uma ilusão ou uma miragem, que proporciona a visão e a interpretação de algo de uma determinada forma, sem reproduzir a verdadeira realidade. De sua parte encontramos o rosto como a representação do mistério, como uma “‘porta para o invisível’, cuja chave se perdeu”<sup>330</sup>.

A primeira imagem de Adolf Hitler presente na filatelia<sup>331</sup> fora emitida na forma de um bloco comemorativo em 05 de abril de 1937 (figura 31), fazendo alusão ao 48º aniversário

<sup>325</sup> USMBOOKS. Disponível em: <<http://usmbooks.com/hoffmann.html>>. Acesso em: 04 fev. 2013.

<sup>326</sup> Idem. Disponível em: <[http://www.usmbooks.com/kunst\\_dritten\\_reich\\_1937\\_2.html](http://www.usmbooks.com/kunst_dritten_reich_1937_2.html)>. Acesso em: 10 nov. 2012.

<sup>327</sup> MICHAUD, Eric. *The Cult of Art in Nazi Germany*. Translated by Janet Lloyd. Stanford, CA: Stanford University Press, 2004.

<sup>328</sup> CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2009. p. 790.

<sup>329</sup> Idem, *Ibidem*. p. 394.

<sup>330</sup> Idem, *Ibidem*. p. 791.

<sup>331</sup> A imagem de Adolf Hitler há muito tempo já aparecia na propaganda do partido desde 1920, como forma de angariar novos adeptos.

do “Líder”<sup>332</sup>, ação que foi repetida ano após ano até 1944, homenageando o próprio Hitler e o Império. A folha especial contém quatro selos picotados com valor facial de 6 Pfg. Cada um dos selos contém a inscrição *Deutsches Reich* (Império Alemão) na parte inferior. A margem inferior do bloco apresenta a inscrição em letras góticas: *WER EIN VOLK RETTEN WILL, KANN NUR HEROISCH DENKEN* (Quem quer salvar um povo, só pode pensar como um herói). De grande valor cívico, os blocos foram adquiridos principalmente por colecionadores e empresas. Muitas vezes foram utilizados como emblema patriótico ou lembrança em solenidades comemorativas públicas e privadas durante todo o ano de 1937, como forma de apoiar o governo. Em 16 de abril de 1937, foi emitido o bloco nº 09 (figura 32). Quase idêntico ao anterior, diferencia-se deste por não apresentar picotagem. Foi emitido para ser utilizado na divulgação da 1ª Exposição Nacional de Filatelia, realizada entre os dias 16 a 18 de junho do mesmo ano, cujo tema foi *Die Deutschen Briefmarke* (Os Selos Postais Alemães), em Berlim.



Figura 31 – Bloco nº 08.



Figura 32 – Bloco nº 09.

Fonte: Acervo do Autor.

No dia 10 de junho foi lançado o bloco nº 10 (figura 33) em benefício do *Kulturfonds des Führers* (Fundo Cultural do Líder). Os selos eram idênticos àqueles emitidos em abril e continham a inscrição: *25 Rpf. einschließlich Kulturspender* (incluindo Doadores para a Cultura) ao lado de cada selo. E no dia 03 de setembro, esta folha comemorativa foi reeditada. O quarto bloco comemorativo (figura 34) apresenta sobrecarga com a inscrição: *REICHSPARTEITAG/NÜRNBERG 1937* (Convenção Nacional do Partido/Nuremberg 1937), nas laterais de cada selo, alterando a finalidade original da emissão, sendo esta versão destinada à promoção da 9ª Convenção Nacional do Partido Nazista em Nuremberg, realizado no ano de 1937 e chamada de “Convenção Nacional Partidária do Trabalho”, que teve como principal objetivo exaltar as realizações mais

<sup>332</sup> Adolf Hitler nasceu em Braunau am Inn/Áustria, no dia 20 de abril de 1889. Os selos anuais emitidos em comemoração ao seu aniversário eram lançados em datas próximas à ocasião.

importantes da época alcançada após a chegada de Hitler ao poder, como a redução da taxa de desemprego.



Figura 33 – Bloco nº 10.



Figura 34 – Bloco nº 11.

Fonte: Acervo do Autor.

No ano de 1938, dois selos alemães idênticos foram emitidos apresentando o retrato de Adolf Hitler: o selo nº 607 (figura 35), lançado em 13 de abril, em comemoração ao 49º aniversário de Hitler e o selo nº 613 (figura 36), emitido em 1º de setembro, para divulgar a 10ª Convenção Nacional do Partido Nazista em Nuremberg. Este consistiu no maior e no último dos congressos, chamada de *Reichsparteitag Großdeutschland* (Convenção Nacional Partidária da Grande Alemanha) devido à *Anschluß Österreichs*<sup>333</sup> (anexação político-militar da Áustria) ao *Reich* alemão, em março de 1938.



Figura 35 – Selo nº 607 – 12 Pfg. + 18 Pfg.



Figura 36 – Selo nº 613 – 6 Pfg. + 19.

Fonte: Acervo do Autor.

Em 1941, após nove anos em uso, o Terceiro Reich resolveu substituir os selos postais regulares<sup>334</sup>, que apresentavam como estampa o Medalhão de Hindenburg, por outra

<sup>333</sup> *Österreichs* (Reino Oriental) – nome da *Republik Österreich* (República da Áustria - 1919-1938) antes de sua anexação político-militar à Alemanha.

<sup>334</sup> Selos regulares ou selos ordinários são selos que compõem uma série corrente, não comemorativa, de tiragem elevada, com prazo de utilização indefinido, geralmente por um período de tempo relativamente longo. In: DICIONÁRIO Filatélico. *Associação Brasileira de Filatelia Temática* – ABRAFITE, São Paulo. Disponível em: <<http://www.abrafite.com.br/dicionario.htm>>. Acesso em: 22 nov. 2012.

série com nova estampa. Os primeiros selos com a efígie de Hindenburg datam de 1927 e se destinavam à comemoração do 80º aniversário do herói da Primeira Guerra Mundial e então presidente, sendo as sobretaxas destes selos revertidas em benefício das vítimas da guerra. Naquele contexto, necessitavam de uma figura que representasse o *Reich* e estivesse à altura do grande herói prussiano, com uma vida e realizações dedicadas à Alemanha. Apresentado como o modelo a ser seguido, representante e único capaz de perpetuar a moral prussiana presente na política e na vida alemã desde von Hindenburg, a nova série foi emitida pelo *Reichspost* (Correio do Império) em 1º de agosto de 1941 e, como não era de se estranhar, apresentava a efígie de ninguém menos que o próprio Adolf Hitler, com o cabelo separado de lado, uma camisa branca com colarinho brilhante, gravata e um terno escuro. O *Führer* sempre era apresentado como uma figura austera e comedida, avesso à bebida, ao luxo até mesmo ao casamento. Conforme afirmou Lenharo, o próprio “Hitler teria dito que não se casara para melhor poder se dedicar à Alemanha [...]”<sup>335 336</sup>.

Estes selos circularam até 1943 e foram emitidos, inicialmente, em 18 valores diferentes (figura 37), sendo eles:

Nº 705 – 1 Pfg.	Nº 706 – 3 Pfg.	Nº 707 – 4 Pfg.	Nº 708 – 5 Pfg.	Nº 709 – 6 Pfg.
Nº 710 – 8 Pfg.	Nº 711 – 10 Pfg.	Nº 712 – 12 Pfg.	Nº 713 – 15 Pfg.	Nº 714 – 16 Pfg.
Nº 715 – 20 Pfg.	Nº 716 – 24 Pfg.	Nº 717 – 25 Pfg.	Nº 718 – 30 Pfg.	Nº 719 – 40 Pfg.
Nº 720 – 50 Pfg.	Nº 721 – 60 Pfg.	Nº 722 – 80 Pfg.		



**Figura 37 – Selos Regulares de nº 705 ao nº 722.**  
Fonte: Acervo do Autor.

Em dezembro de 1942, as despesas com a guerra e a inflação já se faziam sentir na Alemanha. Por este motivo, ainda naquele mês, os selos de 10 Pfg. (figura 38) e 12 Pfg. (figura 39), foram reemitidos para substituir os dois previamente gravados no mesmo valor. O

<sup>335</sup> LENHARO, Ibidem. p. 63.

<sup>336</sup> “A impressão que teve Reinhold Hanish, um conhecido da época [por volta de 1908], foi que ‘Hitler tinha pouco respeito pelo sexo feminino, mas ideias muito austeras sobre as relações entre homens e mulheres. Com frequência dizia que, se os homens quisessem, poderiam adotar um modo de viver rigorosamente moral’”. In: KERSHAW, Ibidem. p. 56.

processo de impressão gráfica foi alterado para reduzir os custos para sua emissão. Tais selos receberam os números 710 A e 710 B, respectivamente.



Figura 38 – Selo n° 710A.



Figura 39 – Selo n° 710B.

Fonte: Acervo do Autor.

Com o mesmo motivo e algumas diferenças, foram gravados e impressos em formato maior que os anteriores, com valores mais altos e com o padrão monetário em *Reichsmark*. A primeira edição destes selos foi impressa em 20 de março de 1942, em quatro valores: 1, 2, 3 e 5 *Reichsmark* (figura 40 a figura 43).



Figura 40 – Selo n° 723 - 1 RM.



Figura 41 – Selo n° 724 - 2 RM.



Figura 42 – Selo n° 725 - 3 RM.



Figura 43 – Selo n° 726 - 5 RM.

Fonte: Acervo do Autor.

Os mesmos selos e valores foram novamente emitidos no ano de 1944, mas com perfuração diferente, que representavam variações que, atualmente, fizeram subir os valores pagos por estes exemplares por filatelistas.

Estes selos também foram obras do Professor Richard Klein, que fez o *design*, baseado numa fotografia do consultor de imagem do *Reich*, Professor Heinrich Hoffmann. Esses selos foram impressos na Tipografia do *Reich*, em Berlim.



O selo nº 811 (figura 44), com valor facial de 42 Pfg., apresenta a inscrição: *GROSSDEUTSCHES REICH* (Grande Império Alemão) e foi emitido no ano de 1944.

Ao final da Segunda Guerra Mundial as tropas alemãs enfrentaram muitas agruras, não apenas pelas sucessivas derrotas como devido a dificuldades materiais causadas pelo declínio econômico do Reich. No inverno de 1944, um dos mais severos do período, as tropas alemãs na frente oriental foram detidas pelos russos e não tinham roupas adequadas para utilizarem nas baixas temperaturas. Para contribuir com o esforço de guerra e minorar a situação dos soldados, o cidadão comum alemão foi encorajado a enviar qualquer roupa de inverno de que dispusesse para a linha de frente oriental. Para fortalecer a campanha, foi lançado um selo em edição especial destinada exclusivamente ao envio dessas roupas de inverno às tropas na frente russa.



Figura 44 – Selo nº 811.



Figura 45 – Selo de Franquia Militar nº 04.

Fonte: Acervo do Autor.

Emitido no dia 24 de novembro de 1944, o selo de franquia militar apresentava como diferença uma sobrecarga em duas linhas (figura 45) que, com a inscrição *FELDPOST/2 kg* (CORREIO MILITAR/2 kg), alterava a finalidade original da emissão do selo regular com a efígie de Adolf Hitler nº 719, para uso como certificação da *Feldpostpäckchen* (Caixinha de encomenda postal), pacotes de encomendas enviadas aos militares e que pesavam entre 100 gramas até 2 kg.

Esta série regular foi, certamente, uma das mais difundidas representações de Hitler, uma vez que, a julgar pelas informações contidas nos catálogos, foram milhares de selos emitidos que circularam pelo mundo até a rendição alemã em 1945. A representação do ditador alemão contida nestes selos, ainda na atualidade, é a imagem mais conhecida, aquela que imortalizou sua figura. Este é outro dos motivos pelos quais as emissões de selos com a

efígie de Hitler foram, logicamente, as que obtiveram maior êxito filatélico acima de outras representações que eram, automaticamente, reconhecidas como símbolos do nacional-socialismo, como a águia e a suástica, largamente utilizados nos territórios ocupados pela Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial. Em relação a estes últimos, em geral era impressa uma sobrecarga com o nome ou designação do respectivo território ocupado, tal como o Escritório Alemão do *Reichskommissariat Ostland* - RKO (Reich Comissariado para os Países do Leste), conhecido inicialmente como *Reichskommissariat Baltenland* (Comissário do Reich dos Países Bálticos - Estônia, Letônia, Lituânia, parte nordeste da Polônia e da República Socialista Soviética Bielorrussa – RSSB), entre 04 de novembro de 1941 e 1943 (figura 46).



Figura 46 – Selos *OSTLAND*. Fonte: Acervo do Autor.

Após a rendição da Alemanha, curiosamente, a necessidade de retomar o fluxo de correio, a falta de material filatélico além do excesso desses selos, fizeram com que as tropas de ocupação aliadas os utilizassem na Alemanha e na Áustria, com sobrecargas<sup>337</sup> específicas.

Na evolução das imagens de Hitler podemos observar o segundo subgrupo, no qual aparecem cenas de sua vida política ou particular que dividem espaço com outros atores políticos e sociais. Todos os selos da época são emissões postais destinadas a prestar homenagem a Hitler ou a seus feitos e fazem referência a acontecimentos relevantes. Estes selos ainda apresentam, como característica principal, o ditador usando quepe, com ou sem sobretudo e rodeado por símbolos nazistas.

O selo nº 634 (Figura 47) foi emitido em 13 de abril de 1939 para comemorar o aniversário de 50 anos de Hitler, mas a iconografia nele representada transcende este significado, pois alcança contornos políticos então extremamente relevantes.

<sup>337</sup> Sobrecarga – Imagem ou legenda impressa sobre o selo, podendo ou não alterar a finalidade original da emissão. In: DICIONÁRIO Filatélico. Ibidem. Disponível em: <<http://www.abrafite.com.br/dicionario.htm>>. Acesso em: 22 nov. 2012.

Na parte superior está estampada a inscrição: *DER FÜHRER IN SEINER GEBURTSTADT BRAUNAU* (O Líder na sua cidade natal Braunau<sup>338</sup>), com a data: 12-3-38, como a própria inscrição diz, a imagem representa o *Führer* quando de sua visita à Braunau am Inn/Áustria, em 12 de março de 1938, imediatamente após a implementação da sua política de *Anschluß*, ou anexação político-militar da Áustria ao Império nazista.

No referido selo aparecem as fachadas de alguns prédios históricos localizados no “lado oeste” da praça principal da cidade com bandeiras<sup>339</sup> nazistas fixadas em suas janelas tremulando ao vento<sup>340</sup>, ao fundo, está presente a torre da Igreja da Paroquial de Santo Estevão, onde seus pais, Alois Hitler e Klara Pölzl, se casaram e ele foi batizado. A própria torre da igreja erguendo-se para o céu, pode ser interpretada como a representação da guia e da ligação entre o mundo terreno com o mundo superior<sup>341</sup>. Esta última alegoria pode ser analisada como uma aproximação do segmento católico germânico o que demonstra um possível apoio da Igreja Católica Apostólica Romana ao regime nazista que teria contribuído para a validação do aparato ideológico do Estado e da classe governante, além de criar condições para seu próprio crescimento e difusão, além da fervorosa luta antissemita. É importante lembrar, ainda, que foi por meio do Tratado de São João de Latrão ou simplesmente Tratado de Latrão, assinado por Benito Mussolini, *il Duce* (o Líder), e pelo então secretário de Estado da Santa Sé cardeal Pietro Gasparri, em fevereiro de 1929 que foi criado o Estado soberano do Vaticano, dando ao bispo de Roma as prerrogativas de chefe-de-estado.

Este selo se enquadra no item 24 da plataforma política lançada em 1920<sup>342</sup> e defendida pelo Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães. Neste item constava que:

Exigimos liberdade para todas as doutrinas religiosas no estado, na medida em que não coloquem em risco e nem entrem em conflito com os costumes e o sentimento moral da raça germânica. O partido como tal representa o ponto de vista de um cristianismo positivo, sem ligar-se a um credo particular. Ele combate o espírito do materialismo judeu dentro e fora de nós, e está convencido de que uma recuperação duradoura do nosso *Volk* só pode

<sup>338</sup> KERSHAW, Ibidem. p. 37.

<sup>339</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no subcapítulo 3.2 OS SELOS DO REICH – Simbologia Geral - Águia, Suástica, Saudação...

<sup>340</sup> Ver mais detalhes na análise da figura 55 deste subcapítulo.

<sup>341</sup> LURKER, Manfred. *Dicionário de Simbologia*. Tradução de Mário Krauss e Vera Barkow. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 727.

<sup>342</sup> Pontos do Partido Nacional-Socialista Alemão. Disponível em: <<http://hitlerrenazismo.blogspot.com.br/view/classic>>. Acesso em: 29 jan. 2013.

acontecer a partir do interior, baseada no seguinte princípio: a necessidade pública vem antes da ganância privada [*Gemeinnutz geht vor Eigennutz*]<sup>343</sup>.



Figura 47 – Selo nº 634 – 12 Pfg. + 38 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

Em 1933, uma das principais ordens do ditador, baseadas na política de aproximação do fascismo de Mussolini com o Vaticano, foi determinar o ajuste das relações com a Igreja Católica, pois, “apesar das contínuas perseguições ao clero católico e outros ultrajes cometido pelos radicais nazistas contra a igreja e suas organizações, o Vaticano mostrava-se ansioso para chegar a um acordo com o novo governo”<sup>344</sup>. Ainda em julho deste mesmo ano, Hitler concluiu a concordata<sup>345</sup> com a Igreja<sup>346</sup>. Vários artifícios foram utilizados para consolidar esta aproximação a tal ponto que...

[...] em dezembro, o Natal, que, apesar da oposição de Himmler e Rosenberg, manteve o caráter cristão; a dificuldade em comemorar o nascimento de um judeu foi contornada através das dúvidas lançadas sobre as origens judaicas de Cristo, e sua possível posição política, contrária aos interesses do judaísmo<sup>347</sup>.

Mas, o verdadeiro objetivo dos nacional-socialistas era, por meio do aprimoramento de um autoritarismo religioso nascido na época do *Kaiserreich*<sup>348</sup>, a elevação do nazismo a

<sup>343</sup> ISTEIGMANN-GALL, Richard. *O Santo Reich: concepções nazistas do cristianismo - 1919-1945*. Rio de Janeiro: Imago, 2004. p. 34.

<sup>344</sup> KERSHAW, Ibidem. p. 327.

<sup>345</sup> Sob o pontificado do Papa Pio XI, e com a supervisão do então Cardeal romano Eugenio Maria Giuseppe Giovanni Pacelli, foi assinada com grande pompa e circunstância em Roma, em 20 de julho de 1933, a *Reichskonkordat* (Concordata com o *Reich*). Sob o pretexto de proteger os católicos, a concordata propiciou ao *Führer* e ao regime nazista a legitimação externa de que tanto necessitavam, tirando-os do isolamento diplomático no qual se encontravam nos primeiros momentos de sua ascensão ao poder. O Terceiro Reich tirava grande proveito do reconhecimento internacional obtido graças ao acordo com a Igreja Católica Apostólica Romana. Disponível em: <<http://www.aarffsa.com.br/noticias4/17031225.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2013.

<sup>346</sup> LENHARO, Ibidem, 2001. p. 29.

<sup>347</sup> Idem, Ibidem. p. 38.

<sup>348</sup> ISTEIGMANN-GALL, Richard. *O Santo Reich: concepções nazistas do cristianismo - 1919-1945*. Rio de Janeiro: Imago, 2004. p. 23.

uma religião universal seguida devotamente por todos os arianos e tendo na figura de Hitler a personificação do “salvador”, no poder por Vontade de Deus. Segundo Isteigmann-Gall: “dentro da estrutura conceitual da ‘religião política’, Michael Burleigh reproduz essa perspectiva quando afirma que ‘os princípios fundamentais do cristianismo foram arrancados, mas a sentimentalidade religiosa difusa remanescente tem suas aplicações’”<sup>349</sup>. As ideias de uma “religião nacional popular” já haviam se formado no seio dos intelectuais e teólogos na Alemanha protestante, tendo suas origens nas “guerras de libertação”<sup>350</sup>.

Por ocasião do 34º aniversário de Hitler, em 20 de abril de 1923, Göring “chamou-o de ‘amado líder do movimento da liberdade alemã’”, demonstrando a evidência do culto à personalidade de Hitler. Goebbels explicitou o sentimento alemão ao escrever em seu diário, em 4 de julho de 1924, que “a Alemanha anseia pelo homem, assim como a terra sob o sol anseia pela chuva... senhor, mostre um milagre ao povo alemão! Um milagre! Um homem”<sup>351</sup>. Hitler se apresentou como este guia que a Alemanha esperava.

A qualificação de “providência”, atribuída à pessoa de Hitler, vem de encontro à imagem da política incapaz em si mesma de capturar e dirigir os destinos do país, necessitando do domínio de um homem forte que a conduza pela arte e pelo poder... A partir dessa visão é que se torna mais compreensível o esforço de Hitler e dos nazistas em familiarizar os assuntos políticos, teatralizá-los, musicá-los, firmá-los, atraindo-os para o domínio do delírio e da embriaguez idólatra<sup>352</sup>.

Esta crença já era defendida por alguns de seus seguidores na Alemanha.

“Este homem guiará o povo alemão sem preocupar-se com as influências terrestres”, afirma Hess. “Sua vontade é efetivamente a vontade de Deus”, dirá Darré. É o “novo Redentor”, assegura Róhm. Em tom de oração, Goebbels assim se dirige ao Führer:

“Em nossa profunda desesperação temos encontrado em vós o que mostra o caminho da verdadeira fé... Tendes sido para nós a realização de um misterioso desejo. Tendes curado nossa angústia com palavras de liberação. Tendes forjado nossa confiança no milagre que virá”.

O culto da personalidade de Hitler assume traços de pura idolatria. Robert Ley aprecia-o como o único homem que jamais havia se enganado. O poeta Hans Frank o vê solitário como Deus Pai. A teatralização agressiva dos grandes encontros apanhava-o como o ponto central do cenário feito de luz, de multidão e de ordem. Cercado da maior solidão em meio à massa, a liturgia teatral realça sua condição de Führer, posto acima de todos,

<sup>349</sup> Idem, Ibidem.

<sup>350</sup> Idem, Ibidem.

<sup>351</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. O nazismo e a produção da guerra. In: *Revista USP*, São Paulo, n. 26, jun./ago. 1995.

<sup>352</sup> LENHARO, Ibidem. p. 38.

inatingível. Não por acaso, comentam Guyot e Restellini, Hitler tinha por costume chegar aos locais das festividades de avião. Sobrevoava lentamente sobre a esplanada para aparecer aos olhos de seus fiéis “como um Deus descendo sobre a Terra”<sup>353</sup>.

“Já na primavera de 1933, o culto da personalidade em torno dele florescia e provocava manifestações extraordinárias. ‘Poemas’ – em geral versos melosos, às vezes em tom pseudorreligioso – foram escritos em sua honra”<sup>354</sup>. Na “religião nacional-socialista”, foi estabelecida uma *ordo sacerdotum*<sup>355</sup> comparável à antiga tradição romana e, devido a sacralização de sua imagem, na oração principal o nome de Hitler seria citado antes dos demais “deuses” nazistas pelo sacerdote de Hitler – “sempre um patrício – [e] como ‘*rex sacrorum*’ em primeiro lugar na hierarquia sacerdotal”<sup>356</sup>.

O selo nº 635 (figura 48) foi emitido, em 28 de abril de 1939, para comemorar o discurso pronunciado por Hitler por ocasião do Dia Nacional do Trabalho, no 1º maio daquele ano. Segundo a plataforma política e econômica lançada em 1920 pelo Partido Nazista, todo alemão tinha o direito e o dever ao trabalho. Podemos observar que,

O 1º de Maio e os rituais trabalhistas semelhantes situam-se entre as tradições “políticas” e “sociais”, pertencendo ao grupo das primeiras através de sua associação com as organizações de massas e partidos que podiam - e de fato visavam - tornar-se regimes e estados; e ao grupo das segundas porque manifestavam de forma autêntica a consciência que os trabalhadores tinham de serem uma classe a parte, visto que esta consciência era inseparável das organizações correspondentes<sup>357</sup>.

Havia um sentido ritualístico nazista em tudo, os cartazes conclamando para os comícios do NSDAP nos anos 1920, eram confeccionados num tom de vermelho vivo, com o objetivo de provocar o comparecimento da esquerda e, conseqüentemente, o enfrentamento com este grupo, o que levaria o partido a ter visibilidade. E, posteriormente...

Hitler, com seu agudo senso de simbolismo, houve por bem não só adotar a cor vermelha da bandeira dos trabalhadores, mas também o 1º de Maio,

<sup>353</sup> Idem, Ibidem. p. 46.

<sup>354</sup> KERSHAW, Ibidem. p. 324.

<sup>355</sup> *Ordo sacerdotum* – ordem de precedência religiosa na Roma antiga, em geral, incluído o *Rex Sacrorum*, *Flamines Maiores* e o *Pontifex Maximus*. In: DUMÉZIL, Georges. *La religion romaine archaïque*. Paris: Payot, 2000. (Coleção Bibliothèque Historique Payot).

<sup>356</sup> LURKER, Ibidem. p. 362.

<sup>357</sup> HOBBSAWM, E. J.; RANGER, T. (Orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 294.

convertendo-o num “dia oficial nacional do trabalho”, em 1933, e mais tarde atenuando suas relações com o proletariado<sup>358</sup>.

O referido selo retrata o ditador em pé fazendo um de seus longos discursos em um pódio, apresentando no braço esquerdo a braçadeira característica com a suástica. Segundo o cristianismo o esquerdo simboliza os danados, pois “o Diabo marca ‘no olho esquerdo com a ponta de um dos seus chifres os meninos que lhe são consagrados (GRIA)’”<sup>359</sup>. Marcando seus adeptos com sua garra abaixo da pálpebra do lado esquerdo, Satanás os torna “cegos à luz divina”, fazendo com que visualizem apenas “a sua luz”<sup>360</sup>. Assim Hitler também marcava seus seguidores, quem não ostentasse sua insígnia deveria exibir outra identificação, a dos não escolhidos ou rejeitados como os ciganos, os judeus e outros considerados párias aos olhos do nacional-socialismo<sup>361</sup>. O lado esquerdo é onde se esconde o sol e quando as trevas surgem e instituem seu reinado temporário de sombra e destruição, que numa disputa de precedência (diurno-noturno), se alternando com o dia que traz de volta todo poder regenerador do Sol.

“Em política, a esquerda [simbolizaria] a insatisfação, [a revolução]<sup>362</sup>, a reivindicação, o movimento, a busca da justiça social, de maior progresso, a liberdade, a inovação e o risco”<sup>363</sup>. Isto posto com ressalvas, pois Chevalier & Gheerbrant nos alertam para o fato de que, apesar destas representações estarem estreitamente ligadas ao “real” na política, elas correspondem única e absolutamente senão a mitos, a símbolos mobilizadores que agem no estado de espírito dos eleitores.

A imagem tinha como objetivo apresentar o líder do partido e da Alemanha nazista à comunidade internacional como um grande estadista. O selo retrata o ditador na sua pose circunspecta, com seu tradicional uniforme militar e a insígnia suástica no braço, imagem perpetuada pela iconografia do regime nacional-socialista. Existem relatos que desde jovem, Adolf Hitler já manifestava uma de suas características marcantes, o talento para a oratória. Segundo August Kubizek<sup>364</sup>, amigo de juventude e admirador de Hitler, o que cativava não eram as coisas que ele dizia, mas o modo como dizia. Gustl era “filho de um tapeceiro, que sonhava em se tornar um grande músico. [...] era muito impressionável; Adolf estava em

<sup>358</sup> Idem, Ibidem.

<sup>359</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 342.

<sup>360</sup> Idem, Ibidem

<sup>361</sup> Os nazistas utilizaram o triângulo aplicado sobre a manga ou sobre o peito para identificar seus opositores: os judeus eram obrigados a usar um triângulo amarelo; os criminosos, negro; os presos políticos recebiam triângulo vermelho; os ladrões, verde; os ciganos, marrom; os prisioneiros homossexuais recebiam um triângulo rosa; e as Testemunhas de Jeová usavam o mesmo triângulo na cor violeta. In: LENHARO, Ibidem. p. 80.

<sup>362</sup> LURKER, Ibidem. p. 206.

<sup>363</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 344.

<sup>364</sup> FEST, Ibidem.

busca de alguém para impressionar. Gustl era submisso, de vontade fraca, subordinado; Adolf era superior, determinante, dominante<sup>365</sup>.



Figura 48 – Selo nº 635.



Figura 49 – Selo nº 636.

Fonte: Acervo do Autor.

Observando atentamente, podemos visualizar no seu peito a cruz de ferro<sup>366</sup>, condecoração recebida duas vezes por coragem em ação<sup>367</sup> durante a Primeira Guerra Mundial, o que lhe atribuía o título de herói da Alemanha. Os dois apresentam o valor facial de 6 Pfg. + 19 Pfg.

O púlpito ou tribuna era onde os oradores sagrados com sua eloquência pregavam a palavra divina nos templos<sup>368</sup>. Podemos comparar o púlpito no qual vemos Hitler a um verdadeiro altar que na sua origem latina significa “*altare*, de *altus*, alto, e *ara*”<sup>369</sup> ou mesa de sacrifício. Assim, essa imagem caracterizaria a um só tempo elevação e sacrifício do líder: se no altar eram realizados os cultos às divindades e os sacrifícios, nele, o *Führer* não apenas seria alçado à mesma condição dos deuses como também se apresentaria disposto a se imolar pela Alemanha. Se para o fiel o altar é “uma espécie de centro vital, símbolo do centro do mundo”, o próprio Hitler seria para seus seguidores o representante do “altíssimo” na terra e ao qual deveria ser oferecido todo apoio na sua escalada até o altar, durante a qual os degraus galgados para que chegasse ao altar representavam as virtudes que o conduziam a Deus<sup>370</sup>.

Em 25 de agosto de 1939, foi emitido o selo nº 636 (figura 49), idêntico ao que o antecedeu, mas impresso por ocasião do Dia Nacional do Trabalho, e com uma história

<sup>365</sup> Segundo KERSHAW, deve se ter grande atenção ao se utilizar suas memórias de Gustl, pois, mesmo tendo sido editadas após a Segunda Grande Guerra, foram originalmente encomendadas pelo próprio partido nazista. In: KERSHAW, *Ibidem*. p. 45.

<sup>366</sup> Instituída pelo rei prussiano Frederico Guilherme III (1770 – 1840), sendo concedida pela primeira vez em 1813.

<sup>367</sup> A primeira condecoração recebida foi em dezembro de 1914, a Cruz de Ferro de Segunda Classe. Em agosto de 1918, mesmo não sendo cidadão alemão e oficial, recebeu a Cruz de Ferro de Primeira Classe.

<sup>368</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, *Ibidem*. p. 40.

<sup>369</sup> LURKER, *Ibidem*. p. 20.

<sup>370</sup> *Idem*, *Ibidem*.



bastante singular. Diferente do anterior, por possuir a inscrição suplementar *REICHSPARTEITAG 1939* (Convenção Nacional Partidária 1939), foi produzido para divulgação da 11ª Convenção Nacional do Partido Nazista de 1939 em Nuremberg, com a denominação *der Reichsparteitag des Friedens* (a Convenção Nacional Partidária da Paz), o que, no entanto, não ocorreu, pois, a Segunda Guerra Mundial eclodiu pouco antes da data programada para o início do evento em setembro, com a invasão da Polônia pela Alemanha.

O selo nº 668 (figura 50) foi emitido em 10 de abril de 1940 para comemorar o aniversário de 51 anos do *Führer*. Ele retrata uma imagem de Adolf Hitler sendo saudado por uma menina, que lhe entrega um presente e flores, o que demonstra o apoio e a confiança que o povo alemão depositava em seu líder.



**Figura 50 – Selo nº 668 – 12 Pfg. + 38 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.**

Nos cultos e mitos da Antiguidade “a criança divina sobressai-se religiosa ou mitologicamente, na maioria das vezes, junto com o culto a sua mãe”<sup>371</sup>. Assim como Hitler, que se destacou na oratória desde cedo, hipnotizando seus ouvintes, pregando o culto à Grande Alemanha, mãe de todos os povos de origem germânica e que em cujos seios ele os reconduziria com o advento do Terceiro *Reich*.

Como parte do projeto de fortalecimento de sua política externa alemã, em 30 de janeiro de 1941, a Alemanha lançou o selo nº 687 (figura 51), concebido como material de propaganda relacionado à formação do Eixo Roma-Berlim. Assinado pela Alemanha nazista e a Itália fascista no dia 25 de outubro de 1936, o tratado visava reforçar os laços de amizade e colaboração entre as duas nações e se opor à Liga das Nações. A Alemanha nazista havia se retirado da Liga das Nações em outubro de 1933, abandonando as negociações sobre

<sup>371</sup> LURKER, *Ibidem*. p. 166.

desarmamento que vinham sendo realizadas em Genebra. Este fato provocou o isolamento dos dois países no cenário mundial. Posteriormente, o Japão aderiu ao pacto, gerando o Eixo Roma-Berlim-Tóquio.

O selo retrata de um lado um *fascis lictoris* romano e de outro um estandarte, com o emblema nazista: a águia pousada numa suástica. No centro está uma fotogravura de Benito Mussolini ou *il Dulce* (o Líder) italiano, de que Hitler era grande admirador, em segundo plano, e Adolf Hitler, em primeiro plano. Apresenta em sua parte superior a inscrição: *ZWEI VÖLKER UND EIN KAMPF* (Dois povos e uma luta).

Os *faces*, [compostos por] um feixe de hastes ou varas com um machado no meio, serviam como símbolo iconográfico do fascismo – na Roma antiga eram levados por lictores diante das principais autoridades (ditadores, cônsules, pretores) como sinal do cargo e de dignidade e valiam como símbolo do poder sobre a vida e a morte. As hastes, mantidas juntas por uma faixa comum, foram interpretadas como uma exortação simbólica à união nacional [...]<sup>372</sup>

O próprio Benito Mussolini designava o feixe dos lictores como o símbolo da unidade, da força e da justiça, elevando-o a símbolo nacional no ano de 1926.



**Figura 51 – Selo nº 687 – 12 Pfg. + 38 Pfg**  
**Fonte: Acervo do Autor.**

Os selos seguintes apresentam, dentre as características principais, a imagem do ditador de terno, com seu característico quepe com a águia e a suástica. Ele pode estar retratado com ou sem casaco (sobretudo). Em geral, são estampas emitidas em comemoração à sua data de nascimento. O selo nº 696 (figura 52) foi emitido em 17 de abril de 1941 para comemorar o aniversário de 52 anos de Adolf Hitler.

O selo nº 737 (figura 53), mostrado abaixo, foi emitido em 13 de abril de 1942, em comemoração ao 53º aniversário de Adolf Hitler.

<sup>372</sup> Idem, Ibidem. p. 670.



Figura 52 – Selo n° 696 – 12 Pfg. + 38 Pfg



Figura 53 – Selo n° 737 – 12 Pfg. + 38 Pfg.

Fonte: Acervo do Autor.

Já o conjunto abaixo, composto por seis selos, foi emitido em 13 de abril de 1943 para comemorar o aniversário de 54 anos de Adolf Hitler (figura 54). Nele aparecem cronologicamente:

N° 763 – 3 Pfg. + 7 Pfg.	N°764 – 6 Pfg. + 14 Pfg.	N° 765 – 8 Pfg. + 22 Pfg.
N°766 – 12 Pfg. + 38 Pfg.	N°767 – 24 Pfg. + 76 Pfg.	N° 768 – 40 Pfg. + 160 Pfg.



Figura 54 – Selo n° 763 ao selo n° 768.

Fonte: Acervo do Autor.

Na série surge, novamente, o círculo central com a figura de Hitler. Do lado esquerdo: uma tocha, a suástica<sup>373</sup> e uma pena. A tocha pode ser interpretada como representação simbólica do fogo que por sua vez representa um agente purificador e defensor contra os demônios. No cristianismo, a tocha representa “Cristo, como luz do mundo (*sibila líbia*)”<sup>374</sup>, no contexto aqui estudado, representa o nazismo. Assim, Hitler seria como a luz espiritual que guiava o “povo escolhido” rumo à liberdade, outra de suas representações. E a pena ou pluma “é, com efeito, símbolo de um poder aéreo, liberado dos pesos deste mundo”, assim, simboliza os seres predestinados, detentores de uma autoridade celeste. No Egito antigo, a pluma pode ser vista como símbolo da justiça, a qual era pesada contra o coração (alma) do morto no julgamento de Osíris. Alguns estudiosos viam a pluma como um símbolo

<sup>373</sup> A iconografia referente à águia, à suástica e aos outros elementos presentes nestes selos poderá ser revisitada no subcapítulo 3.2 OS SELOS DO REICH - Simbologia Geral: Águia, Suástica, Saudação...

<sup>374</sup> LURKER, Ibidem. p. 724-725.

do sacrifício, pois ficavam expostas em torno do altar após os sacrifícios dos animais emplumados, atestando “que o rito tinha sido bem realizado”<sup>375</sup>.

Do lado direito: uma espada com a águia e a suástica a seus pés. A espada é relacionada ao fogo. Portadora de forças misteriosas, uma espada como a de Siegfried<sup>376</sup> (o prefixo *Sieg* significa vitória) é personificada e recebe um nome, Gram (ou Balmung). Como símbolo do poder, pertence às insígnias do império e é atributo da Justiça. Entre os romanos representava o direito sobre a vida e a morte, chamado de *ius gladii* (direito da espada)<sup>377</sup>.

O círculo dentro do qual sua efígie está inserida poderia ser entendido como uma auréola, presente na Antiguidade e na arte oriental. Aqui, a auréola não aparece como uma mandorla ou um invólucro de luz<sup>378</sup> em forma de amêndoa que envolve todo o corpo da pessoa representado simbolizando “a luz da imagem de Deus [...]”<sup>379</sup>; mas em forma circular como um nimbo que como “uma coroa de raios circulares ao redor da cabeça de uma divindade ou de um homem próximo a Deus”<sup>380</sup> (imperador romano; mártir; santo). Assim, o nimbo que envolvia a figura do *Führer* o associava à claridade e à luz divina, originada do poder e da glória do próprio Deus que, conforme a imagem pretende sugerir, emanaria do ser escolhido. Essa representação contribuiu para a evocação de um conteúdo sagrado à sua personalidade.

Em 1944 o Terceiro Reich completou onze anos. Para comemorar esta data, uma emissão comemorativa de selos destacava o principal responsável pela sua existência. Assim, no dia 29 de janeiro daquele ano, foi lançado o selo nº 785 (figura 55), celebrando o 11º aniversário do Regime Nacional-Socialista ou da chegada dos nazistas ao poder. O selo retratava os símbolos nacionais do Terceiro *Reich*: o emblema, a bandeira e a suástica ao lado de Adolf Hitler. Apresentava impresso, na parte superior, a data: 30, JANUAR, 1944, referente ao nascimento do Império e o ano vigente. Na parte inferior havia estampada a inscrição: *GROSSDEUTSCHES REICH* (Grande Império Alemão).

Se de um lado há que se destacar a recorrência das imagens da águia, da suástica e da espada, não podemos deixar de notar o detalhe da representação da bandeira esvoaçante, que não era comum nos selos anteriores, mas que possui um significado na tradição iconográfica.

<sup>375</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, *Ibidem*. p. 725.

<sup>376</sup> Presente nas Óperas *Siegfried* e *Götterdämmerung* do compositor Richard Wagner.

<sup>377</sup> LURKER, *Ibidem*, 2003. p. 237.

<sup>378</sup> No antigo Egito os nomes dos reis e das rainhas eram sempre “escritos” dentro de molduras ovais que simbolizavam o poder de governante sobre “tudo o que o sol envolve”.

<sup>379</sup> LURKER, *Ibidem*. p. 414.

<sup>380</sup> *Idem*, *Ibidem*. p. 483.

A própria bandeira vermelha já se fazia presente na Idade Média, “a *vexillum sanguineum* (bandeira de sangue) era a expressão do poder legal do senhor feudal sobre a vida e a morte”<sup>381</sup>. O vento, personalizado entre os germanos como Odin, era considerado nas sociedades primitivas como a “respiração da terra”<sup>382</sup> e associado no Novo Testamento à presença do Espírito Santo.

Já a “bandeira tremulando é símbolo da investida da prontidão e da vitória em movimentos revolucionários” como na ideologia comunista<sup>383</sup>, e Hitler considerava o nazismo como um movimento revolucionário vencedor. Neste ponto, a bandeira nazista ao vento pode representar o espírito de luta do povo alemão que, guiado por Hitler, alcançaria sua liberdade e a glória eterna. “[...] o simbolismo da bandeira agitada pelo vento: na Índia, [...] é associado à ideia de mobilidade [...]”<sup>384</sup>, sendo *Vayu* (vento) o princípio do “movimento” e da locomoção, responsável por toda forma que naturalmente se produz na matéria em movimento, o “sopro cósmico e o Verbo”<sup>385</sup>.



**Figura 55 – Selo n° 785 – 54 Pfg.+ 96 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.**

Um dos últimos exemplares emitidos por ocasião do aniversário de Adolf Hitler foi o lançado em 14 de abril de 1944 (figura 56) e apresentava o *Führer* dentro de um círculo de *laurus* (louro)<sup>386</sup>,

Símbolo do estar-fechado-em-si-mesmo, perfeito, eterno. Para os povos antigos, a forma esférica era uma indicação do mundo ordenado por Deus... O clipeus da Antiguidade (escudo redondo) [escudo circular romano]<sup>387</sup> com a imagem do deus celeste ou do sol, mais tarde também do imperador endeusado, tinha originalmente o significado de disco celeste... sem ponto

<sup>381</sup> Idem, Ibidem. p. 72.

<sup>382</sup> Idem, Ibidem. p. 746.

<sup>383</sup> Idem, Ibidem.

<sup>384</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 402.

<sup>385</sup> Idem, Ibidem. p. 935.

<sup>386</sup> Geralmente representada como símbolo da vitória, da própria paz e, quando verde, da imortalidade.

<sup>387</sup> LURKER, Ibidem. p. 759.

inicial ou final, o círculo também é símbolo da eternidade, a bíblica “coroa da vida” (Ap. 2,10) é uma imagem da vida eterna...<sup>388</sup>



Figura 56 – Selo nº 804– 54 Pfg.+ 96 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

Se compararmos o círculo no qual Hitler está inserido a um halo ou círculo de luz, este assume os sentidos vistos anteriormente, e podem simbolizar a santidade ou a irradiação da luz de Deus. A presença do círculo contribui para que a imagem seja revestida por algo de divino, como “o escolhido”<sup>389</sup>, significando, ainda, a santificação do próprio ditador. Hitler está inserido dentro de um círculo protetor, que garante a proteção do usuário enquanto permanecer dentro de seus limites. Representando o “próprio céu torna-se o símbolo do mundo espiritual, invisível e transcendente”<sup>390</sup>, encontra-se inserida em um quadrado (como no estandarte pessoal de Adolf Hitler<sup>391</sup>), este simbolizando a terra em oposição ao céu (o círculo), em cujos cantos identificamos quatro águias, representando os quatro extremos da terra, os quatro pontos cardeais, onde se encontra ancorado<sup>392</sup>, passando a ideia de equilíbrio. Podendo ainda representar “sinais de divisão, organização e cultura humana”<sup>393</sup>. Na cabala, o círculo inscrito num quadrado “representa a centelha do fogo divino oculta na matéria, e que anima esta matéria com o fogo da vida [...]”<sup>394</sup>, assim o *Führer* representaria a centelha que faria arder no fogo germânico os inimigos da nação ariana. Este estandarte em particular é o emblema do próprio chefe, a bandeira vitoriosa que levada à frente da tropa pode ser entendida como uma forma de proteção contra forças maléficas, podendo ainda conter o espírito e a virtude<sup>395</sup> do *Führer*.

<sup>388</sup> Idem, Ibidem, 2003. p. 138-139.

<sup>389</sup> GHARIB, G. *Os Ícones de Cristo: História e Culto*. São Paulo: Ed. Paulus, 1997.

<sup>390</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 250.

<sup>391</sup> Idem, Ibidem. p. 402.

<sup>392</sup> Idem, Ibidem. p. 750.

<sup>393</sup> LURKER, Ibidem. p. 581.

<sup>394</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 252.

<sup>395</sup> Idem, Ibidem. p. 402.

O selo apresenta impresso na parte inferior do círculo, a data: 20, APRIL, 1944, referente ao 55º aniversário do *Führer* e o ano da emissão, e na sua parte inferior a inscrição: *GROSSDEUTSCHES REICH* (Grande Império Alemão), fechando o círculo de proteção com o dia e o mês de nascimento do “salvador”.

Os quatro ângulos com as quatro águias podem se referir aos pontos cardeais ou “as quatro direções do espaço, Norte, Sul, Leste, Oeste, às quais convém acrescentar a direção vertical zênite-nadir e a dimensão interior, centro [Hitler]”<sup>396</sup>. Muitas culturas possuem mitos de criação da vida que se articulam “em torno dos eixos, cruzados em forma de cruz, Norte-Sul, Leste-Oeste, que constituem com o eixo zênite-nadir, a esfera total do espaço cósmico e, simbolicamente, do destino humano”<sup>397</sup>, aqui Hitler é o eixo central que direciona o destino alemão e o quadrado no qual eles estão envoltos representa o espaço no qual o mundo saído do caos se organiza; o local de onde emanam todas as forças.

Todos os meios de circulação de informações que utilizaram a imagem do ditador, o *Reichspost* teve que pagar uma compensação a Hitler, sobre todo o material filatélico emitido com sua efígie, a título de direitos pelo uso de sua imagem. O ditador chegou a acumular grande fortuna decorrente dos direitos ao uso de sua imagem e, principalmente, dos direitos autorais do seu livro *Mein Kampf* (Minha Luta)<sup>398</sup>.

Para concluirmos, devemos nos ater à questão da propaganda político-ideológica e à propaganda vinculando a imagem do líder como grande estadista e salvador, difundida pelos nazistas. Além disso, é importante considerarmos o modo como ela foi manipulada e como as instituições e doutrinas introduziram como fator estratégico a crença que Hitler era o único a entender a Alemanha e suas aspirações e que, no final das contas, foi o responsável pela ascensão germânica. O que, contudo, foi omitido pela propaganda nazista foi o fato de que seu sucesso foi em razão do poder gerado pela ideologia nacional-socialista, no plano da sujeição integral.

Os nazistas aprimoraram a propaganda na história política, uma vez que o poder não depende somente da razão para se fundamentar no seio de uma nação, mas do enraizamento de motivações mais subjetivas, quase míticas, quando se consegue contrair<sup>399</sup> obediência e apoio, através da introspecção de crenças passadas que foram atualizadas e dissimuladas nos contornos de sua realidade.

---

<sup>396</sup> LURKER, Ibidem. p. 731.

<sup>397</sup> Idem, Ibidem.

<sup>398</sup> KERSHAW, Ibidem. p. 181.

<sup>399</sup> Nota do Autor: No sentido mesmo de uma infecção, de uma epidemia que extrapolou as adjacências de um continente, alcançando os contornos de uma pandemia.

**TABELA 01 - Retratos de Adolf Hitler em selos, por ordem cronológica de emissão:**

	ANO/MÊS/DIA	FACIAL	TIPO	Nº YVERT	DESIGNER <sup>400</sup>
1.	1937/abril/05	6 Pfg.	Bloco	08	Professor Richard Klein
2.	1937/abril/16	6 Pfg.	Bloco	09	Professor Richard Klein
3.	1937/junho/10	6 Pfg.	Bloco	10	Professor Richard Klein
4.	1937/setembro/03	6 Pfg.	Bloco	11	Professor Richard Klein
5.	1938/abril/13	12 Pfg. + 38 Pfg.	Selo	607	Professor Richard Klein
6.	1938/setembro/01	6 Pfg. + 19 Pfg.	Selo	613	Professor Richard Klein
7.	1939/abril/13	12 Pfg. + 38 Pfg.	Selo	634	Professor Richard Klein
8.	1939/abril/28	6 Pfg. + 19 Pfg.	Selo	635	Não informado
9.	1939/agosto/25	6 Pfg. + 19 Pfg.	Selo	636	Não informado
10.	1940/abril/10	12 Pfg. + 38 Pfg.	Selo	668	Professor Richard Klein
11.	1941/janeiro/30	12 Pfg. + 38 Pfg.	Selo	687	Gottfried Klein <sup>401</sup>
12.	1941/abril/17	12 Pfg. + 38 Pfg.	Selo	696	Ernst Rudolf Vogenauer <sup>402</sup>
13.	1941/agosto/01 até 1943	18 valores diferentes	Selo	705/722	Professor Richard Klein
14.	1942/março/ 20 até 1944	1 RM, 2 RM, 3 RM e 5 RM	Selo	723/726	Professor Wilhelm Dachauer
15.	1942/abril/13	12 Pfg. + 38 Pfg.	Selo	737	Ernst Rudolf Vogenauer
16.	1942/dezembro	10 Pfg. e 12 Pfg.	Selo	710A e 710B	Professor Richard Klein
17.	1943/abril/13	06 valores diferentes	Selo	763/768	Gottfried Klein
18.	1944/janeiro/29	54 Pfg. + 96 Pfg.	Selo	785	Gottfried Klein
19.	1944/abril/14	54 Pfg. + 96 Pfg.	Selo	804	Gottfried Klein
20.	1944	42 Pfg.	Selo	811	Professor Richard Klein
21.	1944/novembro/24	FELDPOST 2 kg	Selo	04 Franquia Militar	Professor Richard Klein

Fonte: *Catalogue Yvert et Tellier de Timbres-Poste.*

<sup>400</sup> Fonte: *Michel Briefmarken-Katalog Deutschland 1987/88.* Munique: Schwaneberger Verlag, 1987.

<sup>401</sup> Gottfried Klein atuou como designer de selos e postais alemães, criador de um estilo próprio que o caracterizou.

<sup>402</sup> Ernst Rudolf Vogenauer foi um designer gráfico, ilustrador e pintor alemão.



### 3.4 OS SELOS DO REICH - Arquitetura e Arte

O nazismo apresentou um projeto de embelezamento do mundo através da erradicação do feio, sujo, maléfico, impuro. Beleza, pureza e harmonia representam ideias da nossa cultura, mas em nome deles se impôs a estetização do ódio, da violência, da destruição e da morte<sup>403</sup>.

No campo das artes, a arquitetura e o cinema foram duas das manifestações mais estimuladas pelos nazistas. A propaganda política caminhou de braços dados com o cinema. Este assumiu “o papel de esclarecer, preparar e orientar a cultura de massa, tornando-se um ‘aparelho vivaz, de grande alcance, dotado de um forte poder de irradiação’”<sup>404</sup>, parte inseparável das manifestações artísticas do *Volk* (povo) nazista<sup>405</sup>, e do aparato repressor<sup>406</sup> do Estado Nacional-Socialista. O cinema não será diretamente abordado neste trabalho, visto a não referência direta nos selos. Esta lacuna poderá ser preenchida pelos ótimos trabalhos realizados por especialistas na área que se encontram disponíveis e ao alcance dos interessados<sup>407</sup>.

Na arquitetura ou “espaço configurado pelo ser humano”<sup>408</sup>, o uso como propaganda política ocorreu com a mesma intensidade.

---

<sup>403</sup> MEZAN, Renato. Palestra sobre o documentário: Arquitetura de Destruição. Museu Lasar Segall, 14 mar. 1995. In: CAPELATO, Maria Helena Rolim. O nazismo e a produção da guerra. In: *Revista USP*, São Paulo, n. 26, jun./ago. 1995. P. 85.

<sup>404</sup> DIETRICH, Ana Maria. *Caça às Suásticas: O Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Fapesp, 2007. p. 35

<sup>405</sup> Utilizo o termo nazista e não alemão por terem sido extremamente direcionados os investimentos em torno das produções cinematográficas, se sobressaindo às voltadas à propaganda política nacional-socialista.

<sup>406</sup> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 33 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

<sup>407</sup> Como, por exemplo, o trabalho de Wagner Pinheiro Pereira: *O Poder Das Imagens - Cinema e Política Nos Governos de Adolf Hitler e Franklin D. Roosevelt (1933-1945)*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2012.

<sup>408</sup> LURKER, Manfred. *Dicionário de Simbologia*. Tradução de Mário Krauss e Vera Barkow. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 49.

Os edifícios e monumentos eram a forma mais visível de estabelecer uma nova interpretação da história alemã, ou antes uma fusão entre a “tradição inventada” mais velha e romântica do nacionalismo alemão pré-1848 e o novo regime [no nosso caso, o nazista]: os símbolos mais potentes foram os que conseguiram a fusão<sup>409</sup>.

Suas megaconstruções são, sem sombra de dúvidas, uma das maiores características da mentalidade nazista vigente. As construções edificadas pelo governo nazista apresentam um enorme valor simbólico, tanto pela sua monumentalidade, quanto pela quantidade, tempo e atenção despendida ao tema, tanto na vida real quanto nos selos, tornando-as referências arquitetônicas nacionais e internacionais. Os nacional-socialistas, em seus delírios e alucinações pelo poder, viam na arquitetura um dos meios pelos quais as ideias do Partido seriam assimiladas por outras nações e, seu maior projeto, “Berlim, a capital do grandioso império que cobriria a Europa, da Itália à Noruega, deveria ser dotada de uma arquitetura megalomaniaca, que espelhasse o esplendor e o poderio da força alemã”<sup>410</sup>. Para Hitler, a arquitetura alemã teria que ser clara. Para atingir tal objetivo elementos considerados unificadores deveriam se fazer presentes, dentre eles a apresentação de linhas retilíneas rígidas, fileiras de janelas inseridas em paredes pesadas, uma obsessão com a simetria e com a repetição e, sobretudo, a simplicidade<sup>411</sup>.

As novas estruturas construídas em toda a Alemanha foram inspiradas na arquitetura Greco-dórico-romana e mesclavam características modernas com a arquitetura antiga. Buscava-se elevar a simplicidade ao máximo e criar a partir de um olhar contemporâneo e sem mostrar uma ruptura com o clássico e o neoclássico. Mas, como bem observou o estudioso da arte nazista Peter Adam, o...

Neoclassicismo tem sido a língua do poder político. Não era todavia, exclusiva para a Alemanha ou para outros sistemas totalitários. Era o estilo oficial de muitos países. França, Rússia, Itália e Estados Unidos usavam-no nas prefeituras, bibliotecas públicas, universidades, estações ferroviárias e museus. No século XIX, um sistema de códigos foi inventado por arquitetos e teóricos da arquitetura e este soava como a nostalgia de um mundo estável, um mundo de continuidade histórica. [...]<sup>412</sup>

<sup>409</sup> HOBBSAWM, Eric J.; RANGER, Terence. (Orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 282.

<sup>410</sup> LENHARO, Alcir. *Nazismo: “O triunfo da vontade”*. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2001. p. 49.

<sup>411</sup> Para uma abordagem mais detalhada sobre os elementos estilísticos da arquitetura nacional-socialista ver: ADAM, Peter. *Art of the Third Reich*. New York: Harry N. Abrams, Incorporated, 1992. p. 225-227.

<sup>412</sup> ADAM, Ibidem.

Na verdade, a grande maioria dos prédios governamentais construídos em vários países antes de 1920, foi modelada em um estilo clássico<sup>413</sup>, dentre eles a “República dos Estados Unidos do Brasil”. Erguidas com a finalidade de personificar as vitórias, o orgulho e o poder nacional alemão, para que fossem lembrados por toda eternidade. Esta era uma das forças motrizes do Império que deveria durar mil anos.

Como veremos a seguir, os “Edifícios podem tornar-se símbolos de Estado devido a determinadas associações: monumento de batalha dos Povos (pela libertação da Alemanha, séc. XIX), Portal de Brandenburg (pela unidade alemã, depois de 1945), [...]”<sup>414</sup>.

Inicialmente, devemos recordar brevemente o conceito de romantismo alemão<sup>415</sup> para os nacional-socialistas. Segundo Martín-Barbero:

O Romantismo alemão, numa visão nazista, seria um processo de fuga dianteira das aberrações violentas geradas pela crescente sociedade capitalista, sendo uma reação, um rompante de lucidez e crítica ao racionalismo ilustrado e sua legitimação dos “novos horrores”<sup>416</sup>.

Hitler era o maior crítico deste racionalismo e tornou-se incentivador do que defendia ser a verdadeira arte, aquela originalmente germânica. O regime nazista baseado no romantismo alemão deflagrou um movimento reacionário que tinha por objetivo combater a arte “real”. Suas ações eram pautadas numa revalorização exacerbada de sentimentos como o antissemitismo e o racismo, presentes no imaginário germânico e europeu de longa data<sup>417</sup>, conferindo valores acima daqueles já estabelecidos à arte germânica.

Por meio de uma manipulação de elementos presentes na realidade, os nacional-socialistas conseguiram edificar um novo imaginário coletivo inicialmente na sociedade alemã, no qual, o tema que não remetesse diretamente ao arianismo não seria merecedor de adquirir o *status* de legítima *germanische Kultur* (cultura germânica), ou aquela proveniente do “povo puro”.

---

<sup>413</sup> GOODSSELL, Charles T. *The Social Meaning of Civic Space: Studying Political Authority through Architecture*. Lawrence, KS: University of Kansas Press, 1988. p. 53-54.

<sup>414</sup> CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2009. p. 244.

<sup>415</sup> Ver mais detalhes sobre o romantismo alemão na análise realizada no subcapítulo 3.10 OS SELOS DO REICH - Música e Poesia.

<sup>416</sup> MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Prefácio de Néstor García Canclini; Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. p. 33.

<sup>417</sup> POLIAKOV, Léon. *O mito ariano: ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos*. São Paulo: Editora Perspectiva: USP, 1974. (Estudos, 34).

Porque para os nazis a arte moderna é degeneração, à qual só se pode fazer frente resgatando as essências da verdadeira arte que permanece na tradição popular. O moderno não seria arte porque renega sua origem étnica e sua relação com o nacional. Seu cosmopolitismo é para Goebbels o mais claro sinal de sua decomposição<sup>418</sup>.

Em outras palavras, na concepção dos artistas nazistas...

[...] na arte grega, as funções vitais do ser humano aparecem em toda a integridade: a mulher é mãe e o homem é viril, guerreiro. Ademais, a arte grega mantivera-se imune à ação corruptora do comércio judeu e não sofrera contato com as artes inferiores: a africana e dos movimentos de vanguarda tais como o expressionismo, o cubismo e o dadaísmo<sup>419</sup>.

Para os nacional-socialistas a arte moderna era essencialmente impopular porque se erguia contra os preceitos com os quais se identificava o bom povo alemão. De acordo com eles, a arte moderna produzia obras repugnantes, degeneradas, na medida em que perdiam toda a harmonia e beleza alcançada pelo romantismo alemão. Mas, “Hitler não era um ator solitário nessa história. [...] O regime dialoga, permanentemente, com os seus parceiros: a cultura alemã e o indivíduo”<sup>420</sup>. Assim, os nazistas, defensores do arcabouço artístico e cultural da Alemanha, sentiam-se na obrigação de agir com toda a força no sentido de promoverem a purificação das artes, expurgando da convivência germânica tudo o que não se enquadrasse em sua definição de arte. Este foi mais “[...] um flagrante do que é chamado por Norbert Elias de ‘abuso do monopólio físico e legítimo da violência’”<sup>421</sup>.

Muitos dos projetos arquitetônicos levados a cabo durante o período nazista foram rascunhados antes mesmo da chegada dos nazistas ao poder, já vislumbrando a realização de uma “[...] apologia da cultura alemã contra o ‘terrorismo da política racionalista e ocidental’”<sup>422</sup>. O próprio Hitler, artista frustrado por ter sido rejeitado na adolescência duas vezes pela Academia de Belas-Artes de Viena/Áustria<sup>423</sup>, uma de suas grandes mágoas, pregava que a arquitetura:

<sup>418</sup> MARTÍN-BARBERO, *Ibidem*. p. 64.

<sup>419</sup> LENHARO, *Ibidem*. p. 51.

<sup>420</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. O nazismo e a produção da guerra. In: *Revista USP*, São Paulo, n. 26, jun./ago. 1995. p. 86.

<sup>421</sup> Os nazistas abandonaram a ideia de tomada do poder pela força, se arquitetando e conseguindo alcançá-lo pelas vias legais, pelo voto. In: DIETRICH, Ana Maria. *Caça às Suásticas: O Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Fapesp, 2007. p. 52.

<sup>422</sup> LENHARO, *Ibidem*. p. 38.

<sup>423</sup> FEST, Joachim C. *Hitler*. Tradução de Analúcia Teixeira Ribeiro e outros. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1991; KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 48-49.

[...] deveria expressar a grandeza de um regime, de uma época, de um povo, de uma raça; no entanto, a arquitetura não viria apenas expressar a unidade e o poder alcançados pela nação; ela poderia também criá-los. As grandes construções despertariam a consciência nacional, reforçariam a unidade política e incrementariam o orgulho de se sentir alemão<sup>424</sup>.

Na visão do *Führer* e, conseqüentemente, do nacional-socialismo a arte moderna era a representação da vulgaridade, o contrário do que o nazismo pregava como autêntica arte da raça ariana. Deste modo, toda a força política, econômica e cultural do novo *Reich* deveria ser utilizada para salvaguardar a verdadeira cultura, aquela produzida pelos representantes do povo germânico.

A arquitetura nazista era voltada para criar os monumentos sagrados, os símbolos de mármore de uma civilização. Além disso, havia a preocupação em se preparar as futuras ruínas do império, outra base da arquitetura nazista que, fundamentada na teoria do “valor das ruínas de um edifício”, desenvolvida por Albert Speer, especificava que todos os novos edifícios do Terceiro *Reich* deveriam ser construídos de modo a adquirirem uma estética agradável quando se transformassem em ruínas, daqui a mil anos, pois estas ruínas seriam o testemunho da grandeza alcançada pelo Império Alemão, assim como as ruínas gregas e romanas simbolizam a grandeza destas civilizações.

Deste modo,

A arquitetura moderna, por sua técnica, e pelos materiais empregados, não inspiraria os sentimentos de orgulho e de heroísmo que deveriam ser repassados às gerações futuras. Lembrando-se das construções greco-romanas, Speer preconizava a utilização de materiais capazes de resistir ao desgaste causado pelo tempo. Somente a pedra e o tijolo poderiam levar a construções que não deveriam ser pensadas em função do ano 1940, nem mesmo do ano 2000, mas que deveriam se erigir, semelhantes às catedrais do passado, até os milênios futuros, conforme declarou Hitler. Mesmo que o nazismo fosse reduzido ao silêncio, suas construções haveriam de falar por si e continuar a espantar os homens por muitos milênios<sup>425</sup>.

Os nacional-socialistas apresentavam o que Jeffrey Herf chamou de “modernismo reacionário”<sup>426</sup> ou um violento conflito dentro da cultura moderna alemã que associava valores antimodernos com um grande fascínio pela tecnologia, necessária para a industrialização e, conseqüentemente, para o rearmamento que Hitler planejava. Condenavam

---

<sup>424</sup> LENHARO, Ibidem. p. 49.

<sup>425</sup> Idem, Ibidem.

<sup>426</sup> HERF, Jeffrey. *O Modernismo Reacionário: tecnologia, cultura e política em Weimar e no Terceiro Reich*. São Paulo: Ensaio/Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

vigorosamente certos aspectos do modernismo: como não estavam interessados em promover uma modernização *por si só*, mas de forma seletiva, ajustaram algumas de suas características de modo a se adequassem a sua arcaica “cultura guerreira”.

Numa linha que glorificava as façanhas arquitetônicas nazistas, uma das grandes paixões de Hitler, entre os dias 21 de setembro e 02 de novembro de 1936, foi emitida a série composta por um conjunto de nove selos postais destinados ao *Winterhilfswerk* (Obra de Assistência de Inverno). As estampas apresentadas tinham por finalidade a divulgação das *Moderne Bauten* (Construções Modernas) do Terceiro Reich (figura 57 a figura 65). O imposto presente em cada selo foi revertido para instituições de “caridade” para ajuda aos necessitados no inverno. Os selos retratam:

FIGURA	SELO	VALOR	ESTAMPA
57	582	3 Pfg. + 2 Pfg.	<i>Reichsautobahn - Landesgrenze</i> (Autoestrada do Império - Fronteira), em Munique
58	583	4 Pfg. + 3 Pfg.	<i>Reichsluftfahrtministerium</i> (Ministério da Aviação do Reich), em Berlim
59	584	5 Pfg. + 3 Pfg.	<i>Ehrenmal in Nürnberg</i> (Memorial em Nuremberg)
60	585	6 Pfg. + 4 Pfg.	<i>Saalebrücke</i> (Ponte sobre o Saale), na Saxônia
61	586	8 Pfg. + 4 Pfg.	<i>Deutschlandhalle</i> (Casa da Alemanha), em Berlim
62	587	12 Pfg. + 6 Pfg.	<i>Deutsche Alpenstraße am Mauthäusl</i> (Estrada Alpina no Mauthäus)
63	588	15 Pfg. + 10 Pfg.	<i>Führerhaus</i> (Casa do Führer), em Munique
64	589	25 Pfg. + 15 Pfg.	<i>Mangfallbrücke</i> (Ponte sobre a Mangfall)
65	590	40 Pfg. + 35 Pfg.	<i>Haus der Deutschen Kunst</i> (Casa da Arte Alemã), em Munique



Figura 57 – Selo nº 582



Figura 58 – Selo nº 583



Figura 59 – Selo nº 584



Figura 60 – Selo nº 585



Figura 61 – Selo nº 586



Figura 62 – Selo nº 587



Figura 63 – Selo nº 588



Figura 64 – Selo nº 589



**Figura 65 – Selo nº 590**  
**Fonte: Acervo do Autor.**

O primeiro selo, nº 582 (figura 57), faz referência à *Reichsautobahn - Landesgrenze* (Autoestrada do Império - Fronteira), próximo a Munique. As *Autobahnen* (autoestradas) tiveram seu planejamento e construção iniciada ainda no período da República de Weimar, mas com a crise econômica ficaram estagnadas. Somente com a ascensão de Hitler ao poder, em 1933, é que tiveram sua expansão acelerada e hoje compõem a rede de autoestradas alemãs.

A propaganda nazista desde cedo transmitia a ideia de que elas seriam necessárias à mobilidade, visto os incentivos à construção de um carro que fosse acessível a todos os trabalhadores, e ao escoamento da produção que seria alcançada com o desenvolvimento do emprego ligado diretamente à produção industrial, estimulada pelo Estado. As autoestradas seriam os “fios condutores” necessários ao escoamento de parte da “energia alemã”, ou seja, o tráfego de veículos automotores.

No imaginário coletivo antigo, os caminhos, neste caso as *Autobahnen*, representariam um constante movimento, um “estar a caminho”<sup>427</sup>, algumas religiões como a cristã indicam o caminho correto a ser seguido em vida para se alcançar a salvação. Assim, no discurso nazista, a construção das *Reichsautobahnen* e outras grandes obras viárias – como a construção de pontes e outras estruturas –, proporcionariam um caminho para tirar a Alemanha da crise em que se instalou no país, a abertura de novas frentes de trabalho proporcionariam um grande incremento na produção de empregos, amenizando os efeitos da crise econômica mundial iniciada em 1929, com a queda da Bolsa de Nova Iorque, que prejudicou a entrada de investimentos estrangeiros no *Reich*.

No aspecto da propaganda, Hitler pensou que a construção destas autoestradas como estratégia política exerceria um efeito psicológico muito forte sobre a população e, consequentemente, um incremento da confiança no Estado, o que considerava como de extrema importância para a proteção do *Reich*, no início de sua administração em 1933.

<sup>427</sup> LURKER, Ibidem. p. 111.

*Slogans*, difundindo que estas grandes autoestradas foram “criadas na emoção do líder Adolf Hitler” para combater o desemprego e promover a indústria automobilística, ecoavam nos meios de comunicação.

Os investimentos na construção das *Reichsautobahnen* tinham outra finalidade implícita: faziam parte dos planos político-econômico-sociais estabelecidos logo após a nomeação de Hitler, no sentido de inserir a Alemanha numa economia de guerra<sup>428</sup>. Política que previa a reorganização da *Wehrmacht* (Força de Defesa, composta pela *Kriegsmarine* (Marinha), *Heer* (Exército) e *Luftwaffe* (Força Aérea), um dos pré-requisitos mais importantes para a recuperação do poderio alemão na Europa e no mundo. Além disso, era capaz de suprir a mão-de-obra capacitada necessária em várias áreas do conhecimento bélico, como da engenharia militar caracterizada por atuar em tempo de paz contribuindo para a solução de problemas de infraestrutura para o desenvolvimento interno dos países e em tempos de guerra como apoio ao combate, construindo campos minados, pontes, estradas, etc.

Seguindo nos caminhos das *Autobahnen*, propaganda máxima da engenharia de construção de autoestradas, tivemos o selo nº 585 (Figura 60), com a representação da *Saalebrücke* (Ponte sobre o Saale) que foi considerada na sua época fundamental para a expansão das rodovias alemãs. A estrutura, localizada na rodovia *Vogtland* e com aproximadamente 39m de altura e 377m de comprimento, começou a ser erguida em 1937, tendo sua conclusão e entrega ao tráfego acontecido em 1940. Em 1945, durante a guerra, foi danificada por uma explosão, sendo reconstruída e duplicada posteriormente. A estrutura de concreto era revestida com pedras de granito de diferentes dimensões. Com o objetivo de liberar a mão de obra alemã para processos mais sofisticados e reduzir os custos na produção, o uso de mão de obra “escrava” foi largamente difundido dentro do *Reich*. Deste modo, o granito para a construção da Ponte sobre o Saale foi extraído por prisioneiros que se encontravam confinados no Campo de Concentração de Mauthausen<sup>429</sup> e no Campo de

<sup>428</sup> Economia de guerra – processo no qual a produção civil é relevada a segundo plano sem prejuízo da produção militar, considerada mais cara. O planejamento econômico se volta para a produção de itens de consumo e armamento, atendendo às necessidades militares do Estado. In: NASS, Daniel Perdigão. A guerra e a economia. In: *Revista Eletrônica de Ciências*, número 18, abr. 2003.

<sup>429</sup> O Complexo de Campos de Concentração *Mauthausen-Gusen* foi construído na Áustria, pelos nazistas, a cerca de 20 km da Linz. Sua edificação foi iniciada em agosto de 1938 e, mesmo pertencente ao Estado nazista, foi administrado como uma empresa privada, tendo seu diretor, o oficial da *Schutzstaffel* (SS) Oswald Pohl, adquirido pedreiras no entorno da cidade, com o objetivo econômico de extrair granito utilizando o trabalho escravo dos “internos”. In: BASCOMB, Neal. *Caçando Eichman*. Tradução de Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2010.



Concentração de Flossenbürg<sup>430</sup>. Em 1941, Hitler afirmou que a reconstrução da Alemanha seria realizada “pela mão de obra forçada dos povos derrotados. Destacou que os prisioneiros de guerra estavam agora sendo plenamente empregados na economia de guerra. era assim desde a Antiguidade, dando origem, em primeiro lugar, ao trabalho escravo”<sup>431</sup>.

No selo nº 589 (figura 64), temos a *Mangfallbrücke* (Ponte sobre a Mangfall) como motivo que, assim como a *Saalebrücke*, fazia parte da *Reichsautobahn*. Edificada sobre grandes pilares, possuía aproximadamente 288m de comprimento, sua construção se iniciou em março de 1934 e foi aberta ao tráfego de veículos em janeiro de 1936. Em 1945 foi demolida, devido a problemas na estrutura de um dos seus pilares. Segundo o discurso nazista, todas as *Autobahnen*, com suas estruturas adjacentes, apresentavam a característica de seguirem preceitos rígidos que levavam em conta a realização das mínimas intervenções necessárias no seu entorno, para causar o menor impacto possível na paisagem rural, considerada fonte de grande inspiração da cultura germânica. Este esforço para preservar a paisagem da destruição pela moderna Engenharia encontrou respaldo por toda a Europa, o que teria atraído arquitetos não nazistas para participarem do projeto<sup>432</sup>.

As pontes representam a ligação entre duas regiões separadas; “aquilo que permite passar de uma margem à outra”<sup>433</sup>. Segundo uma antiga lenda finlandesa “uma ponte, construída unicamente de um fio delgado, atravessa o rio da morte”. Na Idade Média, cabia ao pontífice<sup>434</sup> a construção de ponte “[...] uma designação que mais tarde foi assumida pelo Papa enquanto ‘construtor de ponte’ entre esse lado e o além”<sup>435</sup>. Encarada como a passagem da terra ao céu, o *Führer* simbolizaria a ponte mística, ou “o mediador entre o céu e a terra”<sup>436</sup>, que conectaria a Alemanha ao *Großdeutsches Reich* (Grande Império Alemão), puro e sem vícios, levando-se em conta o caráter perigoso dessa passagem pela qual cruzariam todos os “arianos”.

---

<sup>430</sup> O *Konzentrationslager* (Campo de Concentração) de Flossenbürg foi construído em maio de 1938 pela SS, também nas proximidades de uma pedreira, com o objetivo econômico principal de extrair pedras para serem utilizadas nas construções nazistas, onde os prisioneiros, em sua maioria não judia, eram obrigados a executar trabalhos forçados. In: HEIGL, Peter. *Konzentrationslager Flossenbürg: in Geschichte und Gegenwart. Bilder und Dokumente gegen das zweite Vergessen*. Regensburg: Mittelbayerische Druckerei- und Verlags-Gesellschaft, 1989.

<sup>431</sup> KERSHAW, Ibidem. p. 696.

<sup>432</sup> TAYLOR, Robert R. *The Word in Stone: The Role of Architecture in the National Socialist Ideology*. Berkeley, CA: University of California Press, 1974. p. 202.

<sup>433</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 729.

<sup>434</sup> *Pontífex* (pontífice) – título atribuído aos imperadores romanos e que atualmente permanece sendo o do Papa, significando ao mesmo tempo o construtor e a própria ponte.

<sup>435</sup> LURKER, Ibidem. p. 558-559.

<sup>436</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 729.

Retornando ao selo de nº 587 (Figura 62), este trazia a representação da *Deutsche Alpenstraße am Mauthäusl* (Estrada Alpina em Mauthäus), via (estrada, caminho) considerada a mais antiga rodovia turística da Alemanha que se estendia por cerca de 450 km quase unicamente através dos Alpes bávaros. Idealizada nos anos 20, mais precisamente em 1927, numa época em que as grandes distâncias intercontinentais eram percorridas em imensos transatlânticos, foi concluída na década de 1930 e ainda hoje exhibe seu traçado quase original. Uma via considerada romântica, devido à sua paisagem bucólica e ao acesso a vários locais de lazer e descanso na região, passeio estimulado pelos nazistas.

Von Schirach, chefe da Juventude Hitlerista, e Ley, da Frente do Trabalho, defendiam a adoção de um estilo mais moderno e funcional. Entretanto, os muitos albergues da juventude e as acomodações da Frente do Trabalho receberam a marca do “estilo folclórico”, concebido na crença do lema “sangue e terra”, que pregava a regeneração do homem urbano pelo reencontro com as raízes rurais. A propaganda arquitetônica nazista insistia na dimensão ideológica desses empreendimentos, visíveis também nos hotéis à beira das famosas autopistas e nas sedes dos correios. Visava-se, [...] criar uma impressão de vida rural exatamente onde ela não existia<sup>437</sup>.

Também por este motivo, uma tendência ruralista que tinha por objetivo motivar a volta dos moradores das metrópoles ao campo, muitos nazistas tinham aversão pela vida nos grandes centros urbanos, se referindo aos mesmos como responsáveis pela “morte da nação”. Consideravam que a volta ao campo proporcionaria o fortalecimento da raça alemã, visto que a vida nas cidades afastava o desejo das famílias alemãs de terem filhos. A autopista seria o caminho que facilitaria este retorno.

Assim, nenhuma outra construção do Terceiro Império foi tão “badalada” como a *Autobahn*. Desde o início, quando ainda era apenas um projeto, já se começava a construir um mito em torno da obra. Cada etapa da construção da autoestrada foi acompanhada de perto pela imprensa nazista e todo o processo foi utilizado como forma de propaganda das modernas construções patrocinadas pelo *Reich*. No discurso da propaganda nazista, tais obras eram capazes de proporcionar a conciliação do progresso tecnológico com a harmonia social, além da unidade dos preceitos nacional-socialistas com a natureza, se tornando um símbolo da grandiosidade da Alemanha no presente e preparando-a para o futuro.

Além dos selos, como forma de divulgar a *Autobahn*, houve publicações de revistas exclusivamente dedicadas a esse tema; poemas, cartazes e pinturas foram produzidos; o desempenho dos operários foi registrado em filmes; novelas foram editadas em sua

---

<sup>437</sup> LENHARO, Ibidem. p. 51-52.

homenagem. A própria alegação de que a ideia da construção da *Reichsautobahn* havia sido nazista e de que sua construção muito havia contribuído para a eliminação do desemprego e desenvolvimento do *Reich* foi maciçamente difundida através da propaganda nacional-socialista. O aparelho de publicidade do Partido, ao longo dos anos, contribuiu para o estabelecimento e perpetuação do mito. Muito mais que formar um mito, conseguiram edificar a *Reichsautobahn* como a representação física e duradoura de uma Era<sup>438</sup>. Como exemplo, temos o fato de que na “cerimônia de inauguração de uma seção perto de Dresden em 26 de junho de 1937, Hitler disse que a *Autobahn* ainda estaria em atividade dali a mil anos, [...]”<sup>439</sup>.

Como pudemos observar, após sua ascensão, os nazistas iniciaram uma série de obras em toda a Alemanha, com o objetivo de perpetuar sua marca arquitetônica para a posteridade. Algumas urbes foram escolhidas para serem agraciadas com o título honorífico nazista de *Führerstädten* (Cidades do Líder)<sup>440</sup>, como:

- Berlim – *Welthauptstadt Germania* (Capital Mundial Germânia);
- Hamburgo: “Capital de navegação alemã”;
- Linz: *Deutsches Budapest* (Budapeste Alemã).
- Munique: *Hauptstadt der Bewegung* (Capital do Movimento)<sup>441</sup>;
- Nuremberg: “Cidade dos Comícios do Partido”;

Landsberg am Lech não figurava como *Führerstädten*, mas Hitler tinha pela cidade grande estima, pois foi nesta localidade que quando preso escreveu seu livro *Mein Kampf*<sup>442</sup>, e por ter sido o berço da Juventude Hitlerista, se referindo a ela como a “Cidade da Juventude”. Cidades que em comum possuíam não só uma presença regular de Hitler, como também o fato de fazerem parte dos planos pessoais de desenvolvimento de seus traçados urbanísticos.

---

<sup>438</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>439</sup> *At the inaugural ceremony of a section near Dresden on 26 June 1937, Hitler said that the autobahn would still be standing in a thousand years, see Kasseler Post, 27 June 1937, Stadtarchiv Kassel.* Nota de Rodapé. In: VAHRENKAMP, Richard. *The German Autobahn, 1920-1945: Hafraba Visions and Mega Projects*. Lohmar: Eul Verlag, 2010.

<sup>440</sup> GIORDANO, Ralph. *Wenn Hitler den Krieg gewonnen hätte: Die Pläne der Nazis nach dem Endsieg*. Köln: Kiepenheuer & Witsch, 1990.

<sup>441</sup> Munique recebeu este título como recompensa por ser a cidade que, na década de 1920, acolheu o NSDAP então incipiente, se tornando palco dos mais importantes eventos políticos que ocorreram durante o Terceiro *Reich*.

<sup>442</sup> VITKINE, Antoine. *Mein Kampf: A história do livro*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

Estes foram os principais palcos onde se executaram os planos de remodelação arquitetônica e urbana de grandes proporções do *Führer*. Várias edificações nestas localidades serviram de fachada para a propaganda nacional-socialista. Na sequência destas emissões em benefício ao *Winterhilfswerk* (Obra de Assistência de Inverno), tivemos representados em selo exemplos da moderna arquitetura nazista, como o prédio do *Reichsluftfahrtministerium* (Ministério da Aviação do *Reich*), em Berlim, selo nº 583 (figura 58); do *Ehrenmal in Nürnberg* (Memorial em Nuremberg), selo nº 584 (figura 59); da *Deutschlandhalle* (Casa da Alemanha), em Berlim, selo nº 586 (figura 61); da *Führerhaus* (Casa do Líder), em Munique, selo nº 588 (figura 63) e da *Haus der Deutschen Kunst* (Casa da Arte Alemã), em Munique, selo nº 590 (figura 65), estrutura importante tanto em termos de tamanho quanto em simbolismo.

#### Segundo Lenharo:

Antes de Speer, Paul Troosr já havia oficializado com Hitler o “neoclássico monumental” como o estilo identificado com o regime. A Casa de Arte Alemã, construída em Munique, abria espaço para exposições de pinturas e esculturas. Nela, [...] já se nota a combinação do neoclássico com traços modernistas. A pedra aparece como material de superfície, assim como se adota a clássica colunata dórica na fachada do museu. Mas também aparecem as superfícies lisas, livres de ornamentos, à exceção de pequenos adornos, além da orientação horizontal aplicada a todo o edifício<sup>443</sup>.

Ação executada pelos nazistas no sentido de rearmar a Alemanha, sobrepujando as barreiras impostas pelo Tratado de Versalhes, no qual as forças armadas alemãs tinham seu efetivo e armas limitados, foi formado no dia 27 de abril de 1933 o *Reichsluftfahrtministerium* – RLM (Ministério da Aviação do Reich - figura 58). Inicialmente havia sido designado *Reichskommissariat für die Luftfahrt* (Comissariado do Reich para a Aviação), que fora criado pelo *Verordnung über den Reichskommissar für die Luftfahrt* (Regulamento sobre o Comissário do Reich para a Aviação), de 02 de fevereiro do mesmo ano<sup>444</sup>. Um dos primeiros atos do ministro Hermann Goering foi assumir todas as patentes da empresa Junkers & Co., de forma ilegal, principalmente os direitos para fabricação do Junkers Ju-52. Em maio de 1933, foi incorporado ao RLM o *Luftschutzamt* – LA (Departamento de Aviação Militar do Exército). Esta ação foi considerada como a criação da *Luftwaffe*, visto que pela primeira vez na história alemã, um grande Departamento de Defesa ficaria fora do controle do Exército ou

<sup>443</sup> LENHARO, Ibidem. p. 50.

<sup>444</sup> DOCUMENTARCHIV.DE. Disponível em: <<http://www.documentarchiv.de/ns/rkmsr-luftf.html>>. Acesso em: 19 abr. 2013.

da Marinha. O RLM passou a atuar em duas frentes, na militar: *Luftschutzamt* – LA e na administração da aviação civil: *Allgemeines Luftamt* – LB (Escritório Geral de Aviação).

É importante destacar que o prédio do *Reichsluftfahrtministerium* existe ainda hoje em Berlim, uma das “Cidades Líder” e uma das localidades onde os nacional-socialistas tiveram um dos mais baixos resultados nas eleições de 1932/33. Em sintonia com seu colaborador, confidente e arquiteto chefe do Terceiro *Reich*, Albert Speer, Hitler deu vazão a seus delírios megalomânicos. O concreto por definição edificaria a Germânia, a Capital do Mundo, nome dado à renovação que se daria em Berlim, cuja magnitude só seria comparada às estruturas encontradas na Babilônia, no Egito Antigo ou em Roma. Na maquete original, o próprio *Brandenburger Tor* (Portão de Brandemburgo)<sup>445</sup> pareceria diminuto visto a grandiosidade das construções que seriam erguidas em Berlim. Grande parte da história arquitetônica da cidade teria sido demolida se não tivessem surgido outras prioridades com o prolongamento da guerra em 1939<sup>446</sup>. Para atingir seus objetivos teriam que transferir todas as pessoas que residissem no entorno a fim de se realizar as necessárias adaptações estruturais para a construção de Germânia. Os indesejados judeus foram deportados para campos de concentração, enquanto os não-judeus foram alocados em outras localidades<sup>447</sup>.

Para abrigar o novo ministério foi erigido um edifício de escritórios de proporções monumentais, como convinha a todas as construções do *Reich*. Com 56.000 metros quadrados e 2.000 salas e localizado no centro de Berlim, naquela época o maior prédio da cidade, foi pouco avariado durante a guerra, visto o desejo nazista de conseguir a imortalidade através de sua arquitetura, cujos projetos visavam à edificação de construções que durariam por toda a eternidade. O imponente prédio continua em pé e em uso até os dias de hoje. Através do projeto da *Welthauptstadt* (Capital Mundial), Hitler provavelmente canalizou toda sua antipatia contra os berlinenses planejando a construção de Germânia. Hoje, sedia o *Bundesministerium der Finanzen* (Ministério Federal das Finanças Alemão).

O *Ehrenmal in Nürnberg* (Memorial em Nuremberg – figura 59) construído em Luitpoldhain/Nürnberg, em 1919, representava a “casa dos mortos”, assim como “as mais antigas construções de pedra eram túmulos no antigo Egito”. Contudo, tanto os monumentos egípcios, quanto o Memorial em Nuremberg, buscavam a representação simbólica de uma

---

<sup>445</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.2 OS SELOS DO *REICH* – Simbologia Geral: Águia, Suástica, Saudação...

<sup>446</sup> GLANCEY, Jonathan. *A História da Arquitetura*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

<sup>447</sup> SPEER, Albert. *Por Dentro do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Artenova, 1971.

morte que não era total. Um túmulo que lembra o simbolismo da montanha<sup>448</sup>, “uma réplica modesta dos montes sagrados, reservatórios da vida. Afirma a perenidade da vida, através das suas transformações”<sup>449</sup>. O *Ehrenmal* é um túmulo em memória aos soldados que tombaram na Grande Guerra. A recordação aos heróis de guerra era recorrente ao Terceiro *Reich*, composto por grandes exponenciais da Primeira Guerra Mundial, principalmente como forma de lembrar as consequências do Tratado de Versalhes para a Alemanha e para o povo alemão. Este tipo de construção constituiu uma das várias formas de manifestação do sentimento e do comportamento nazista diante da morte, diretamente relacionado com o seu modo de vida. Numa alusão aos saberes oriundos de aprendizado beligerante, sublimavam a dor e reverenciavam a partida dos que tombaram em nome da pátria. Os mortos se mantinham vivos na lembrança dos que ficaram e serviam de estímulo aos que se preparavam para mais uma batalha, que salientavam seus atributos e qualidades, aos quais se juntariam brevemente no panteão dos heróis nacionais. Posteriormente, o memorial foi também dedicado às vítimas que caíram na Segunda Guerra Mundial, apresentando em seu interior a inscrição: “O SACRIFÍCIO DAS GUERRAS - 1914 ATÉ 1918 + 1939 ATÉ 1945 - E A TIRANIA 1933 ATÉ 1945 - A CIDADE DE NUREMBERGUE”<sup>450</sup>. “A glória inerente à morte heroica pode tornar-se um fenômeno substitutivo para a crença na imortalidade”<sup>451</sup>.

Inaugurado no dia 29 de novembro 1935, em Berlim, pelo próprio Adolf Hitler, o edifício da *Deutschlandhalle* (Casa da Alemanha - figura 61) foi idealizado para ser o maior centro de eventos do mundo, com capacidade para 8.764 pessoas. Foi construído para os Jogos Olímpicos de 1936, com o objetivo de acolher as competições de levantamento de peso, boxe e luta livre<sup>452</sup>. Na arena interior, no dia 19 de fevereiro de 1938, a piloto Hanna Reitsch<sup>453</sup> realizou o primeiro voo em ambiente fechado a bordo de um helicóptero Focke-

<sup>448</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.4 OS SELOS DO REICH - Arquitetura e Arte.

<sup>449</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, *Ibidem*. p. 915.

<sup>450</sup> *DEN OPFERN DER KRIEGE - 1914 BIS 1918 + 1939 BIS 1945 - UND DER GEWALTHERRSCHAFT - 1933 BIS 1945 - DIE STADT NURNBERG*.

<sup>451</sup> LURKER, *Ibidem*. p. 453.

<sup>452</sup> RICHTER, Friedrich (Ed.). *The XI<sup>TH</sup> Olympic Games - Berlin, 1936*. Official Report. Berlin: Wilhelm Limpert-Verlag, 1937. 2 v.

<sup>453</sup> Hanna Reitsch (1912 – 1979) – aviadora alemã famosa por bater vários recordes na década de 1930, atuou Segunda Guerra Mundial sendo a única mulher a receber a Cruz de Ferro de Primeira Classe e o Emblema Combinado de Piloto-Observador da *Luftwaffe* de ouro e diamantes, por serviços grandes prestados durante a Segunda Guerra Mundial. Participou de competições e exibições aéreas, tendo vindo ao Brasil em 1934, sendo a única mulher no grupo de pilotos alemães. In: REITSCH, Hanna. *The Sky my Kingdom: Memoirs of the Famous German War II Test-Pilot*. Translated by Lawrence Wilson. Philadelphia: Casemate, 2009.

Wulf Fw 61<sup>454</sup>. Em 1943, a cidade sofreu um ataque aéreo e o edifício foi fortemente danificado. Entre 1970 e 1980, foi reconstruído e passou a funcionar como uma área multiuso. No dia 3 de dezembro de 2011, o prédio foi demolido para dar lugar a um grande centro de convenções, desagradando parte dos cidadãos alemães que o consideravam uma representação inseparável da memória do país.

Em 1913, um pintor austríaco frustrado se transferiu para Munique, fugindo do recrutamento para o exército austríaco<sup>455</sup>. Anos mais tarde, em 29 de junho de 1921, se tornou o chefe do partido nazista e, como primeiras medidas, iniciou um programa de expansão no qual o partido nazista se transformou numa organização radical e revolucionária, utilizando medo e a intimidação como armas. Neste início, a “cabeça” da organização nazista se encontrada em Munique. Em 1923, tentou tomar o poder através do “*Putsch (Golpe) da Cervejaria*”, que foi debelado pelas autoridades, com várias baixas. Em 1933, deixou a cidade sendo democraticamente eleito chanceler da Alemanha.

Exercendo uma grande influência sobre o ditador e devido à sua importância política para o Partido, em 1934, a cidade foi palco de uma série de obras que alteraram sua configuração. Entre 1934 e 1935 foi construído um edifício em estilo neoclássico para ser usado como sede do NSDAP<sup>456</sup>. Era também a casa do *Führer* em Munique, a *Führerhaus* (Casa do Líder) ou *Führerbau* (Edifício do Líder - figura 63). Construído para o NSDAP com o objetivo puramente administrativo, a *Führerhaus* concentrava os escritórios do *Führer* e Chanceler em Munique, próximo ao *Verwaltungsbau* (Edifício Administrativo), sede do próprio partido na cidade e também conhecido como a *Braunes Haus* (Casa Marrom ou Casa Parda). Foi na *Führerhaus* que em 1938, Adolf Hitler, Benito Mussolini, Édouard Daladier e Neville Chamberlain<sup>457</sup> assinaram o Acordo de Munique<sup>458</sup>, proporcionando a Hitler o título de homem do ano de 1938 da revista *Times* e a indicação ao Nobel da Paz. Seu escritório, no segundo andar acima da porta de entrada, pouco mudou desde que o edifício foi construído.

---

<sup>454</sup> Focke-Wulf Fw 61 ou Fa 61 – considerado o primeiro helicóptero funcional da história, realizou seu primeiro voo em 1936. In: DONALD, David. *The Complete Encyclopedia of World Aircraft*. New York: Barnes & Noble Books, 1997.

<sup>455</sup> FEST, *Ibidem*.

<sup>456</sup> LEHRER, Steven. *The Reich Chancellery and Führerbunker Complex: An Illustrated History of the Seat of the Nazi Regime*. Jefferson: McFarland & Company Incorporated Pub, 2006. pp. 117, 119.

<sup>457</sup> Como parte da “política de apaziguamento”, defendida por Arthur Neville Chamberlain (1869 – 1940), político conservador que serviu como primeiro-ministro britânico, entre os anos de 1937 e 1940, o Acordo de Munique foi assinado em 1938 e reconhecia os direitos alemães sobre a região de Sudetos da Tchecoslováquia que os cedia à Alemanha. No dia 03 de setembro de 1939, com a invasão da Polônia, a Grã-Bretanha declarou guerra à Alemanha.

<sup>458</sup> KERSHAW, *Ibidem*. p. 476-478.

Ainda em Munique, foi inaugurada no dia 18 de Julho de 1937, a *Haus der Deutschen Kunst* (Casa da Arte Alemã – figura 65). Localizada no limite sul do *Englischer Garten* (Jardim Inglês) em Munique, populares na época e em substituição aos Jardins Franceses, era um parque público urbano com mais de quatro quilômetros quadrados de área. Ali, as famílias alemãs poderiam realizar seus passeios e desfrutar de um local que os remetesse ao campo. Vale recordar que, no discurso nazista, a vida bucólica estava associada à verdadeira cultura alemã. O mesmo jardim que na Antiguidade representava uma dádiva divina, numa alusão ao Paraíso bíblico na terra<sup>459</sup>. Considerado uma das primeiras representações da monumental arquitetura do Terceiro *Reich*, foi um marco na propaganda nazista. Sua inauguração, realizada posteriormente à emissão do selo, aconteceu em uma cerimônia durante a *Große Deutsche Kunstausstellung* (Grande Exposição de Arte Alemã), que se destinava a evidenciar o contraste entre a verdadeira arte alemã e a *Entartete Kunst* (Arte Degenerada), título da própria exposição, sendo as obras de Arte Moderna, intencionalmente, colocadas de forma desordenada e com “legendas” pejorativas, caracterizando-as como obras não-germânicas ou de natureza “judaico-bolchevista”.

Deste modo...

Hitler empresta à produção artística sob o jugo nazista um sentido idealizado de beleza e harmonia presente em manifestações artísticas da Antiguidade grega e opõe ao tipo do atleta olímpico as representações do corpo humano nas manifestações artísticas de vanguarda, sobretudo do Expressionismo, onde prevalecia a estética do feio e do dissonante<sup>460</sup>.

Milhares de visitantes prontamente atenderam ao chamado do *Führer*, que compareceu pessoalmente ao evento com seu alto-escalão, participando das comemorações de um dos acontecimentos oficiais ligados à arte mais importantes realizados durante a ditadura nazista. O primeiro dia foi nomeado *Tag der Deutschen Kunst* (Dia da Arte Alemã), e celebrava “2.000 anos de cultura germânica”. Em oposição à *Entartete Kunst*, foram expostas esculturas e pinturas que exaltavam valores que giravam em torno da pureza racial, em temas como: “sangue e solo”, “militarismo” e “obediência ao regime nazista”.

---

<sup>459</sup> LURKER, Ibidem. p. 362.

<sup>460</sup> CORNELSEN, Élcio Loureiro. Olímpia a serviço de Germânia: a recepção da arte e da tradição olímpica da Grécia antiga no contexto dos Jogos Olímpicos de Berlim. In: *Clássica* – Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, São Paulo, v. 19.2, jul./dez. 2006. p. 214.



No dia 21 de junho de 1938, foi lançada outra série de selos exaltando as construções nazistas. Este conjunto foi emitido em comemoração à *16ª Deutsches Turn- und Sportfest* (16ª Celebração Alemã da Ginástica e do Esporte – figura 66 a figura 69), em essência, um dos eventos de maior repercussão dentro da propaganda nazista. Foi realizado entre 24 e 31 de julho, e organizado pela *Nationalsozialistischer Reichsbund für Leibesübungen – NSRL* (Liga Nacional-Socialista do Reich para Educação Física), em Breslau (atual Wroclaw), a mais importante cidade da Silésia (atualmente na Polônia)<sup>461</sup>.

FIGURA	SELO	VALOR	ESTAMPA
66	608	3 Pfg.	<i>Dominsel</i> (Ilha da Catedral)
67	609	6 Pfg.	<i>Herman Goering Sportfeld</i> (Campo Desportivo (Ginásio) Herman Goering)
68	610	12 Pfg.	<i>Rathaus</i> (Casa do Conselho/Câmara Municipal - Prefeitura)
69	611	15 Pfg.	<i>Jahrhunderthalle</i> (Salão do Centenário)



Figura 66 – Selo n° 608    Figura 67 – Selo n° 609    Figura 68 – Selo n° 610    Figura 69 – Selo n° 611  
 Fonte: Acervo do Autor.

O próprio Adolf Hitler veio a Breslau para participar da abertura de festividades esportivas de tão alto valor dentro do *Reich*, e para a propaganda nazista. O Estádio Hermann Goering, hoje *Olimpijski Stadium* (Estádio Olímpico), adiante abordado, foi tomado por alemães de todo o mundo, que tinham por objetivo apresentar ao atento *Führer* as habilidades germânicas, em consonância com a ideologia nazista. Este encontro foi posteriormente lançado por uma editora de Munique em forma de álbum comemorativo, contendo oitenta páginas e mais de uma centena de fotografias<sup>462</sup>.

O primeiro selo que compõe esta série é o de n° 608 (figura 66), que apresenta a imagem da *Dominsel* (Ilha da Catedral). Nele aparece a Catedral de São João Batista, um dos edifícios mais emblemático de Breslau, localizada no distrito de *Ostrów Tumski* (Ilha da Catedral), parte mais antiga de Wroclaw, uma ilha situada no rio Oder onde, há séculos,

<sup>461</sup> LUR, Andreas. *Der Deutsche Turnverband in der Ersten Tschechoslowakischen Republik: vom völkischen Vereinsbetrieb zur volkspolitischen Bewegung*. Munich: R. Oldenbourg Verlag, 1988. (Veröffentlichungen des Collegium Carolinum, Band 62).

<sup>462</sup> HOFFMAN, Heinrich. *Hitler bei dem Deutsches Turn- und Sportfest in Breslau – 1938*. München: Verlag Heinrich Hoffman, 1938.

começou a história da cidade. Em estilo gótico, com a adição posterior do chamado estilo neogótico, a catedral atual é a quarta igreja construída no local, sendo que suas origens remontam ao século X, e a atual caracterização data do século XIII, quando foi concluída. Devido a um incêndio, no ano de 1945, foi quase totalmente destruída, sendo reerguida durante as décadas de 1970 e 1980, recuperando sua antiga glória. Dezenas de milhares de judeus e “indesejados” foram presos e alocados numa rede de campos de trabalho forçado e campos de concentração estabelecida em torno de Breslau, para atender a demanda de mão de obra para industriais como: Fahrzeug- und Motoren-Werke GmbH - FAMO, Junkers e Krupp<sup>463</sup>.

O segundo selo, de nº 609 (figura 67), apresenta a imagem do *Herman Goering Sportfeld* (Campo Desportivo (Ginásio) Herman Goering), mais tarde *Stadion Olimpijski* (polonês: Estádio Olímpico), representante do imponente estilo arquitetônico nazista voltado para os esportes do corpo.

Esta arquitetura é associada aos...

[...] ornamentos que simbolizam os regimentos (figurativização do sacrifício heroico, marco de um dado momento histórico e, sobretudo, símbolo visual que remete à guerra e à estrutura militar, valorizados no discurso nazista), [...] são traços que, juntos, emprestam aos eventos esportivos a ideia de prontidão ao sacrifício como momento glorioso e objeto de veneração. Com isso, revelam-se aspectos da visão de mundo segundo os nazistas, transportados por seu discurso que abriga o estereótipo de um comportamento humano, valorizado positivamente: o sacrifício heroico do indivíduo em prol da nação<sup>464</sup>.

O selo nº 610 (figura 68), o terceiro da série, retrata a *Rathaus* (Casa do Conselho/Câmara Municipal - Prefeitura) de Breslau, a sede do governo local. Grande representante da arquitetura gótica e renascentista, por si só oferece um espetáculo inesquecível. Sua construção se iniciou no século XIII e, no passar dos anos, sofreu várias alterações em seu projeto, apresentando vestígios neogóticos em sua estrutura. A edificação foi danificada durante a Segunda Guerra Mundial e restaurada entre os anos de 1949 e 1953. Constitui um exemplo da arquitetura germânica.

<sup>463</sup> MOORHOUSE, Roger. *Concentration Camps in and around Breslau 1940-1945*. Disponível em: <[http://www.rogermoorhouse.com/index.php?option=com\\_k2&view=item&id=35:concentration-camps-in-and-around-breslau-1940-1945&Itemid=30](http://www.rogermoorhouse.com/index.php?option=com_k2&view=item&id=35:concentration-camps-in-and-around-breslau-1940-1945&Itemid=30)>. Acesso em: 26 abr. 2013.

<sup>464</sup> CORNELSEN, Ibidem. p. 204.

E o quarto selo, de nº 611, representa o *Jahrhunderthalle* (Salão do Centenário - figura 69), edificação erguida entre os anos de 1911 e 1913, quando a cidade pertencia ao Império Alemão. O selo fez parte dos preparativos de uma exposição comemorativa o 100º aniversário da Batalha das Nações<sup>465</sup>. Após as festividades, o prédio e suas dependências passaram a ser utilizados como área de lazer. Em 1930, seis semanas antes das eleições, cerca de 20 mil e 25 mil pessoas lotaram o *Jahrhunderthalle* para ouvir o discurso de Hitler.

Esta emissão destinada a retratar um evento desportivo exacerbadamente nacionalista, oficialmente comemorava o 125º aniversário da Batalha das Nações e o nascimento da condecoração militar do Reino da Prússia, depois do Império Alemão e, posteriormente, do Terceiro *Reich*, conhecida como a *Eisernes Kreuz* (Cruz de Ferro), instituída pelo rei Frederico Guilherme III e concedida pela primeira vez em 10 de março de 1813, em Breslau. Não podemos deixar de notar a presença da suástica num dos cantos inferiores do selo, imagem de forte poder aglutinador germânico que, somada a uma grande encenação patriótica e expansionista, exaltava os valores nacional-socialistas voltados para a criação de um *Grossdeutsches Reich* (Grande Império Alemão). Evento altamente político, a presença de muitos oficiais nazistas do alto escalão alemão, além do investimento em pessoal, tempo e dinheiro, reflete a importância dada à época a tais acontecimentos. Reunidos sobre a bandeira nazista, atletas “alemães” provenientes de várias partes do mundo, como, por exemplo, da África do Sul, dos EUA e da Europa Oriental, além da Argentina, emissários das minorias étnicas alemãs, motivados pela propaganda nazista se apresentavam organizados em filas ou, mais precisamente, em procissões. Vestidos com trajes folclóricos típicos representando as diferentes regiões alemãs interpretavam fervorosamente seus papéis transmitindo ao público presente ou não a ideia nazista de unidade da “raça pura”, onde quer que estivessem.

Estes desfiles “militares” (aqui novamente a referência ao caminho, à estrada, à via relacionada ao movimento e às mudanças), travestidos de competições desportivas, por terem envolvidos civis e militares, extrapolavam os limites dos ginásios e se estendiam pelas principais ruas de Wroclaw, ecoando pela Grande Alemanha e pelo mundo. Festivais públicos como este tinham a intenção de representar simbolicamente a comunhão entre o mito nazista e a comunidade ariana.

---

<sup>465</sup> Batalha das Nações ou Batalha de Leipzig - combate ocorrido no ano de 1813, em Leipzig/Alemanha, no qual se embateu o exército de Napoleão Bonaparte e os exércitos da Áustria, Prússia, Rússia e Suécia. A pugna terminou com a derrota do exército de Napoleão.

Na realidade este evento, conduzido pelo ministro do interior Wilhelm Frick<sup>466</sup> entre os anos de 1933 e 1943, e considerado um dos responsáveis pelo rearmamento da Alemanha, representava uma clara violação do Tratado de Versalhes, simbolizando a preparação para um ambiente propício para o que culminaria, no ano seguinte, na invasão da Polônia.

Outros dois exemplares da arquitetura nazista foram impressos em selos. No dia 09 de outubro de 1938, foi emitido um conjunto de selos em comemoração à Inauguração do Teatro de Saarpfalz, em Saarbrücken capital do estado do Saar (figura 70). As estampas retratavam uma visão geral do teatro – representação de “um sentimento de dependência do ser humano em relação aos seres superiores”<sup>467</sup> – refletido num lago. O evento de inauguração foi largamente alardeado pela propaganda de Estado como a chegada da cultura a todos os recantos germânicos, passando a ideia de povo culto e esclarecido. Através do teatro, os nazistas podiam imprimir na sociedade alemã sua ideologia e, com ela, suas manifestações racistas. A passagem abaixo é exemplo deste tipo de ação:

#### COMPATRIOTA, O TEU TEATRO!

A revolução nacional-socialista desfez uma antiga ordem social e abriu ao povo trabalhador as portas dos teatros, das salas de concêrto e dos museus, e facultou a todos os alemães a verdadeira arte alemã, em lugar das suas formas. Os alemães, onde quer que vivem ou trabalhem no Grande *Reich*, podem sempre tomar parte pessoalmente na vida cultural e espiritual da nação.

Comboios móveis com teatros proporcionam aos trabalhadores alemães, mesmo nas menores aldeias, alegria e diversões.<sup>468</sup>

E todo este processo...

[...] reside em uma transposição simbólica da situação realmente vivida pelo sujeito, mas inexpressa e sempre inconsciente, ao nível de uma situação imaginária, em que não há mais razões para haver freios, em que a espontaneidade se dá livremente, em que, conseqüentemente, o inconsciente se desvenda pouco a pouco e o complexo se esclarece. Se o símbolo desempenhou plenamente seu papel de indutor, uma espécie de libertação (catarse) se operou a alguma parte das profundezas do inconsciente pôde chegara a luz da expressão”<sup>469</sup>.

<sup>466</sup> GOLDENSOHN, Leon. *As Entrevistas de Nuremberg*: conversas de um psiquiatra com os réus e as testemunhas. Organização e introdução de Robert Gallately. Tradução de Ivo Korytowski. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 77.

<sup>467</sup> LURKER, Ibidem. p. 707.

<sup>468</sup> *A Alemanha Social*. São Paulo: Empresa Editora Aurora Alemã Ltda., 1941. p. 48-49.

<sup>469</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 872.

Construído entre 1937 e 1938 em estilo neoclássico, foi erguido como forma de agradecimento pelo expressivo número de votos alcançado pelos nazistas no ano de 1935, referente ao Plebiscito realizado no dia 13 de janeiro daquele ano, na região do Saar, que por maioria absoluta decidiu a incorporação da região do Saar ao *Reich* alemão.



Figura 70 – Selo nº 614- 6 Pfg. + 4 Pfg. e Selo nº 615 - 12 Pfg. + 8 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

Inaugurado por Adolf Hitler, a primeira peça a ser encenada em seu palco foi a *Romantische Oper in drei Aufzügen* (Ópera Romântica em Três Atos) ou *Der Fliegende Holländer* (O Holandês Voador) de Richard Wagner. Devido aos bombardeios na região ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial, o prédio foi avariado algumas vezes, sendo restaurado após cada passagem. Após 1942, só tornou a ser reerguido sob os auspícios das tropas de ocupação francesas.

Para a promoção dos grandes acontecimentos realizados na Alemanha, como forma de propaganda utilizada pelo Terceiro *Reich*, no dia 22 de abril de 1939 foram lançados dois selos para a divulgação da Exposição de Horticultura do Império, realizada em Stuttgart, nos quais estavam retratados o pavilhão da exposição e o brasão de armas do Stuttgart. Os selos de nº 632 e nº 633 (figura 71). A série com selos idênticos apresentava a inscrição: *REICHSGARTENSCHAU-STUTTART 1939 / STADT DER AUSLANDSDEUTSCHEN* (Exposição de Horticultura do Império - Stuttgart 1939/Cidade dos Alemães do Exterior).

Realizada entre 22 de abril e 01 setembro 1939, a Exposição de Horticultura do Império, cujo planejamento foi iniciado no ano de 1935 e a construção da infraestrutura em 1937, foi aberta com toda a paixão e pompa características do estilo de propaganda utilizada pelo nacional-socialismo no seu tempo. Numa demonstração da organização do *Reich*, superou as expectativas mais otimistas, alcançando um número de aproximadamente 4,5 milhões de visitantes e rendendo uma imagem extremamente positiva ao NSDAP. As colunas

e pilastras<sup>470</sup> pertencem às mais altas expressões de poder e nobreza. Devido ao seu contexto, as grandes colunas presentes nos selos simbolizam “palmas sagradas, numa função cosmológica, como sustentáculo do céu. [...] os alicerces e os muros de sustentação significam a terra, e telhados ou cúpulas, o céu. [...] o firmamento, a residências dos deuses”<sup>471</sup>.



Figura 71 – Selo nº 632 - 6 Pfg. + 4 Pfg. e Selo nº 633 - 15 Pfg. + 5 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

Cercada de grandes dificuldades, como o terreno acidentado, as obras na área de Killesberg ficaram a cargo do *Reichsarbeitsdienst* – RAD (Serviço de Trabalho do Reich) do distrito de Stuttgart e “cidadãos judeus recrutados”. O parque onde fora realizada a exposição, posteriormente, se transformou num local de concentração de judeus antes de sua deportação para os campos de trabalho forçado ou de extermínio. Estes selos são dos poucos que não apresentam a borda delineada.

Continuando com exemplos da exploração dos eventos internacionais como forma de propaganda pelo Terceiro *Reich*, os quais difundiam a grandiosidade do Império, foram também impressos duas séries para divulgação da *Leipziger Messe* (Feira de Leipzig – figura 72 a figura 75). A primeira série, composta pelos quatro abaixo relacionados, foi emitida no dia 3 de março, como dissemos, com o objetivo de divulgar a *Leipziger Messe* (Feira de Leipzig) de 1940.

SELO	VALOR	ESTAMPA
663	3 Pfg..	<i>Deutsche Bücherei in Leipzig und Büste von Johannes Gutenberg</i> (Biblioteca alemã em Leipzig e Busto de Johannes Gutenberg)
664	6 Pfg.	<i>Krochhochhaus am Augustusplatz in Leipzig</i> ( <i>Krochhochhaus</i> na Praça Augusto, em Leipzig)
665	12 Pfg.	<i>Marktplatz und Altes Rathaus in Leipzig</i> (Praça do Mercado e a antiga Câmara Municipal, em Leipzig)

<sup>470</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.2 OS SELOS DO *REICH* - Simbologia Geral: Águia, Suástica, Saudação...

<sup>471</sup> LURKER, Ibidem. p. 49.

666	25 Pfg.	<i>Messegelände in Leipzig</i> (Centro de Exposições de Leipzig - vista aérea)
-----	---------	--



Figura 72 – Selo nº 663    Figura 73 – Selo nº 664    Figura 74 – Selo nº 665    Figura 75 – Selo nº 666  
 Fonte: Acervo do Autor.

Nestes selos aparecem algumas cenas da cidade de Leipzig. A Feira anual de Leipzig remonta ao século XII, sendo uma das mais importantes para o comércio em toda a Europa. Durante a Segunda Grande Guerra, a área onde funcionava a feira técnica foi utilizada para a produção militar tendo sido parcialmente destruída pelos bombardeios aliados. O símbolo da feira, o MM ou dois M mutuamente sobrepostos, foi desenhado em 1917.

O segundo conjunto de selos foi emitido em 1º de março de 1941, também para divulgar da então *Reichsmesse Leipzig* (Feira Imperial de Leipzig - figura 76 a figura 79). Os quatro selos retratam:

SELO	VALOR	ESTAMPA
688	3 Pfg..	Casa das Nações, em Leipzig
689	6 Pfg.	Salão de Concertos, em Leipzig
690	12 Pfg.	Escritório da Feira Imperial de Leipzig
691	25 Pfg.	Terminal Ferroviário de Leipzig



Figura 76 – Selo nº 688    Figura 77 – Selo nº 689    Figura 78 – Selo nº 670    Figura 79 – Selo nº 671  
 Fonte: Acervo do Autor.

Somando-se ao sucesso da Feira de Leipzig, foi emitido no dia 08 de março do mesmo ano outro conjunto composto de quatro selos, para divulgar a *Wiener Frühjahrsmesse* (Feira da Primavera de Viena - figura 80 a figura 83). Eles representam:

SELO	VALOR	ESTAMPA
692	3 Pfg.	Alegoria da Moda
693	6 Pfg.	Atributos e Escritório da feira de Viena
694	12 Pfg.	Teatro Imperial
695	25 Pfg.	Monumento ao Príncipe Eugênio



Figura 80 – Selo n° 692 Figura 81 – Selo n° 693 Figura 82 – Selo n° 694 Figura 83 – Selo n° 695  
Fonte: Acervo do Autor.

A exemplo da Feira de Leipzig, a Feira de Viena foi uma das economicamente mais importantes da Áustria. Após o incêndio ocorrido no ano de 1937 e a anexação austríaca ao regime fascista do Terceiro *Reich* Alemão as exposições de Viena foram perdendo cada vez mais espaço, sendo interrompidas em 1942. Durante a Segunda Guerra Mundial, os edifícios da feira de exposições (figura 81) e seus arredores foram em grande parte destruídos. Neste mesmo selo vimos representadas as iniciais da feira e a águia bicéfala<sup>472</sup>.

“No classicismo alemão, caracterizado pelo domínio do ideal sobre a razão, onde estetização e idealização determinam o campo do teatro, o uso dos acessórios tem valor simbólico decisivo”. A dança (Figura 80) pode ser compreendida como um ritual, uma tradição cultuada entre os povos primitivos, utilizada como representação da força, da graça e da habilidade dos animais selvagens, “elevadas rítmica e pantomimicamente, ao nível de símbolo pelos atores-dançarinos, por meio de um jogo intenso de gestos e mímica”<sup>473</sup>. Onde as palavras já não satisfazem, a dança intervém<sup>474</sup>.

O Teatro<sup>475</sup> Imperial (Figura 82) ou o Teatro Nacional austríaco faz a ligação entre o presente e as glórias do passado. As máscaras, “símbolo da transformação do homem em outro ego; [...] até hoje [...] símbolo da arte cênica”<sup>476</sup>, mas também utilizada para cultos religiosos e em ritual, desempenham um papel específico dependendo do contexto no qual estiverem sendo utilizadas. Elas ocultam o rosto ou o real e permitem que aqueles que as

<sup>472</sup> Ver análise realizada no subcapítulo 3.2 OS SELOS DO REICH - Simbologia Geral - Águia, Suástica, Saudação...

<sup>473</sup> LURKER, Ibidem. p. 710.

<sup>474</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 319.

<sup>475</sup> Ver análise realizada sobre a figura 70 deste subcapítulo.

<sup>476</sup> LURKER, Ibidem. p. 708.



usam assumam um novo papel social, protegendo-se através do anonimato. E a lira, antigo instrumento de cordas da família, na Grécia antiga era o símbolo de poetas e pensadores.

Na Figura 83, um monumento ou obra de memória, geralmente erguido à memória de uma pessoa ou de um evento, é a representação “viva” de alguém ou algo<sup>477</sup>. Alguns escritores remetem o sentido que utilizamos hoje ao significado de “auxiliar da memória”, podendo ser compreendido num sentido mais amplo como um testemunho da história cultural do passado.

Com o despertar da consciência nacional, surgiu a necessidade de exprimir a honra nacional e a independência simbolicamente por meio de monumentos [...]. Nos monumentos aos tombados nas batalhas surge, ao lado da temática nacional e militar, a meramente humana, especialmente na figura da mãe<sup>478</sup>.

O monumento aqui representa François-Eugène de Savoie-Carignan (1663-1736), ou príncipe Eugène, um dos mais famosos generais da Casa da Áustria, comemorado como responsável por estabelecer as bases do poderio austríaco na Europa. Foi um dos nobres homenageado com o maior número de bustos e estátuas equestres. O que aparece estampado no selo o mais famoso e localiza-se na *Heldenplatz* em Viena. Abaixo do monumento está escrito o lema de Viena: *Wien, Tor zum Südosten* (Viena, Porta do Sudeste), representando a importância da cidade no cenário nacional e internacional europeu.



**Figura 84 – Selo n°790 - 12 p. + 38 p.  
Fonte: Acervo do Autor.**

Na linha do monumento anteriormente mencionado, o selo abaixo (figura 84) foi emitido no dia 11 de março de 1944 em lembrança aos 1.200 anos da cidade de Fulda, que nasceu como um monastério estabelecido na área em 12 de março de 744, sendo considerado

<sup>477</sup> Idem, Ibidem. p. 452.

<sup>478</sup> Idem, Ibidem. p. 453.

o berço do *Althochdeutsch* – Ahd. (alto alemão antigo)<sup>479</sup>. O selo mostra uma estátua de Flora no pátio do castelo e, ao fundo, *Dom zu Fulda* (Catedral de Fulda) considerada a mais antiga igreja da Abadia de Fulda; a *Michaelskirche* (Igreja de São Miguel), estimada como a mais antiga réplica da Igreja do Santo Sepulcro na Alemanha e uma das mais importantes igrejas medievais; e o *Orangerie*<sup>480</sup>.

A fonte e o poço, fontes de água corrente são os símbolos de “fortalecimento e purificação físicos e espirituais. [...] Segundo um mito germânico, sob o freixo do mundo, Yggdrasil, corre a fonte do destino (Urdbrunnen)”<sup>481</sup>. No cristianismo ela surge como a “fonte da vida”. “A água viva que delas corre é, como a chuva, o *sangue divino*, o *sêmen do céu*”<sup>482</sup>. As fontes assumem aspectos divinos, miraculosos, sendo lhes atribuídas as propriedades de curar as feridas e de ressuscitar os guerreiros mortos em combate, apresentando grande simbolismo em uma sociedade extremamente militarizada como a nazista.

O selo abaixo foi emitido no dia 28 de março de 1940 com o objetivo de divulgar a abertura da *Nationale Briefmarken-Ausstellung 1940* (Exposição Nacional de Selo de 1940), realizada entre os dias 28 e 31 de março do mesmo ano em Berlim. Nele aparece o *Hof der neuen Reichskanzlei* (Pátio da nova Chancelaria do Reich – figura 85).



Figura 85 – Selo nº 667 - 24 Pfg. + 76 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

O selo retrata o Salão de Honra no Edifício nova Chancelaria em Berlim, apresentando a típica aparência dos edifícios mais representativos do nazismo. O neoclássico predomina nas grandes construções, uma vez que estava disseminado entre artistas e intelectuais nazistas, que se julgavam os continuadores da tradição clássica da arte grega<sup>483</sup>. A

<sup>479</sup> Ahd. – considerada a referência mais antiga à escrita da língua alemã, desenvolvida no período de 750 a 1050.

<sup>480</sup> Orangerie (laranjal) – é historicamente a designação de um jardim composto por plantas cítricas. Nos séculos XVII e XVIII passou a designar uma “coleção de plantas exóticas” ao ar livre. No próprio século XVIII o termo passou a se referir ao edifício do jardim onde se abrigavam tais coleções.

<sup>481</sup> LURKER, Ibidem. p. 554.

<sup>482</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 445.

<sup>483</sup> LENHARO, Ibidem. p. 50.

nova chancelaria em Berlim não foi diferente, apresentava obras de Arno Breker (1900-1991), o escultor alemão mais conhecido em sua época devido aos seus trabalhos vinculados ao nazismo, considerados por muitos líderes nazistas, especialmente Adolf Hitler, a antítese da *entartete Kunst* (arte degenerada).

A edificação, pela sua monumentalidade, foi largamente utilizada por Hitler como propaganda. As cores de sua fachada eram o bege e o marrom, a cor natural dos materiais utilizados na construção. As janelas emolduradas solidamente marchavam em ordem militar, instaladas numa sequência horizontal, dando ao edifício uma aparência de “organização severa, disciplinada e ordem”. O *Führer* fez com que muitos diplomatas em visita à Alemanha cruzassem por vários de seus longos corredores, antes de adentrarem a porta de seu escritório<sup>484</sup>.

No dia 24 de outubro de 1943, foi emitido o selo em comemoração ao 8º centenário da fundação da cidade hanseática de Lübeck (figura 86). O selo mostra uma visão da antiga arquitetura da cidade e apresentava na parte inferior a inscrição: *GROSSDEUTSCHES REICH* (Grande Império Alemão).



**Figura 86 – Selo nº 781 - 12 p. + 8 p.  
Fonte: Acervo do Autor.**

Fazia parte da famosa Liga Hanseática, aliança estabelecida entre várias cidades mercantis que conservaram o monopólio comercial sobre quase todo o norte da Europa e Báltico, entre os séculos XIII e XVII. Na sua constituição apresentava característica essencialmente econômica, vindo a se transformar em uma promissora aliança política. Podemos observar na gravura presente no selo a representação do centro antigo da cidade, dominado pelas sete torres das principais igrejas da cidade e algumas embarcações. A torre “erguendo-se para o céu, é guia e ligação com o mundo superior<sup>485</sup>”. Neste caso a cidade

<sup>484</sup> TAYLOR, Robert R. *The Word in Stone: The Role of Architecture in the National Socialist Ideology*. Berkeley, CA: University of California Press, 1974. p. 127-137.

<sup>485</sup> LURKER, Ibidem. p. 727.

acompanhou uma antiga tendência em tornar-se uma expressão da procura pelo reino dos céus “na Idade Média (igrejas góticas), do orgulho da nobreza (*donjons* = torres de mensagem de castelos franceses) ou de poder político (construções italianas da Renascença)”<sup>486</sup>. O termo “igreja” pode indicar um conjunto de fiéis que se reúnem para professar sua fé ou o próprio lugar onde é realizado o culto. É interessante associá-la a uma nau, pois a parte central da igreja recebe o nome de “nave”, lembrando um barco, “evoca a ideia de força e de segurança numa travessia”, símbolo da própria Igreja, representando a marcha rumo à vida espiritual e o chamado para a “grande viagem”<sup>487</sup>. Foi o primeiro selo a utilizar a designação *Großdeutsches Reich* (Grande Império Alemão).

Entre 27 de outubro e 09 de novembro de 1939 circularam selos destinados ao Trabalho de Assistência do Inverno daquele ano, com o tema: Castelos e Monumentos (figura 87 a figura 95). Este conjunto, composto por nove selos postais, foi emitido com a intenção de divulgar representações de castelos e cidades medievais germânicas. O imposto, anteriormente revertido para a compra e distribuição de materiais ou dinheiro às famílias que deles necessitassem durante o inverno, passou a ser destinado também para a área bélica e, enquanto a guerra progredia, tornou-se mais um ativo de guerra. Aqui colocamos a simbologia do castelo que...

Na vida real, assim como nos contos e nos sonhos, em geral [...] está situado em lugares altos ou na clareira de uma floresta: é uma construção sólida e de difícil acesso. Dá impressão de segurança (como a casa, geralmente), mas de uma segurança no mais alto grau<sup>488</sup>.

Podemos observar nos selos que, além do castelo, as seguintes representações também constituem elementos simbólicos: montanha, nuvens, casa e floresta. A montanha, considerada a morada dos deuses, representa a ligação entre a terra e o céu. “Para o cristianismo medieval, o monte Calvário (Gólgota) era o centro do mundo”<sup>489</sup>. Semelhante a uma escada, a montanha simboliza a subida, a possibilidade de ascensão espiritual para os seres terrestres, aproximando-os de Deus. No catolicismo, é por onde descem os anjos para intervir na realidade terrestre. Na Idade Média o *Montsalvatsch* (Montanha da Salvação ou Montanha de Cura), a fortaleza do Graal, representa a montanha sagrada. As nuvens podem

---

<sup>486</sup> Idem, Ibidem.

<sup>487</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 632.

<sup>488</sup> Idem, Ibidem. p. 199.

<sup>489</sup> LURKER, Ibidem. p. 451.

ser comparadas a um véu que oculta dos simples mortais a morada dos deuses, só revelada quando a névoa diante de seus olhos é retirada e, quando espiraladas, representam o auxílio divino.

A casa que, respeitada as devidas proporções, assim como a cidade e o templo está no centro do mundo<sup>490</sup>, ela é uma representação do cosmo (microcosmo). “A casa é o centro sagrado, onde o homem está perto de Deus”. No cristianismo, a casa é símbolo da segurança, “a função protetora é acentuada pelos Ornamentos de Frontão”<sup>491</sup>. “Nas leis populares das tribos, em antigo alto alemão, os ornamentos de frontão são o lugar mais importante dos Símbolos do Direito, ao lado de porta e soleira”<sup>492</sup>. E a floresta, adquire a função de fronteira entre o conhecido e o desconhecido presente no mito, nos contos de fada e nas crenças populares. “A floresta sóbria e misteriosa é uma espécie de terra de ninguém, o reino dos espíritos e das bruxas, um espaço mágico”<sup>493</sup>, “um verdadeiro santuário em estado natural”<sup>494</sup>. Entre os celtas e germanos as florestas assumiam a forma de formidáveis santuários. Os próprios nazistas se utilizavam de florestas e bosques para realizar seus “cultos agrários”<sup>495</sup>. A floresta associada à montanha “proporciona-lhe também o poder, pois permite-lhe provocar a chuva, ou seja, os benefícios do Céu”<sup>496</sup>.

A série de 1939, seguindo o valor facial do menor para o maior, retratava:

FIGURA	SELO	VALOR	ESTAMPA
87	654	3 Pfg. + 2 Pfg.	<i>Burg Elbogen a. d. Eger</i> (Castelo de Elbogen em Eger/antiga Tchecoslováquia)
88	655	4 Pfg. + 3 Pfg.	<i>Drachenfels am Rhein</i> (Drachenfels no Reno/Alemanha)
89	656	5 Pfg. + 3 Pfg.	<i>Kaiserpfalz Goslar</i> (Palácio Imperial em Goslar/Alemanha)
90	657	6 Pfg. + 4 Pfg.	<i>Uhrturm Graz</i> (Torre do Relógio em Graz / Áustria)
91	658	8 Pfg. + 4 Pfg.	<i>Römer, Frankfurt a. M.</i> (Romanos em Frankfurt/Alemanha)
92	659	12 Pfg. + 6 Pfg.	<i>Ständehaus, Klagenfurt</i> (Parlamento em Klagenfurt/Áustria)
93	660	15 Pfg. + 10 Pfg.	<i>Burgruine Schreckenstein bei Aussig</i> (Ruínas do Castelo de Schreckenstein em Aussig/Tchecoslováquia)
94	661	25 Pfg. + 15 Pfg.	<i>Feste Salzburg</i> (Fortaleza de Salzburgo/Áustria)
95	662	40 Pfg. + 35 Pfg.	<i>Hohentwiel bei Singen</i> (Castelo de Hohentwiel no Singen/Alemanha)

<sup>490</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 196.

<sup>491</sup> LURKER, Ibidem. p. 119.

<sup>492</sup> Idem, Ibidem. p. 502.

<sup>493</sup> Idem, Ibidem. p. 273.

<sup>494</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 439.

<sup>495</sup> ROSENDORFER, Herbert. *The Night of the Amazons*. London: Secker & Warburg, 1991.

<sup>496</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 438.



Figura 87 – Selo nº 654



Figura 88 – Selo nº 655



Figura 89 – Selo nº 656



Figura 90 – Selo nº 657



Figura 91 – Selo nº 658



Figura 92 – Selo nº 659



Figura 93 – Selo nº 660



Figura 94 – Selo nº 661



Figura 95 – Selo nº 662

Fonte: Acervo do Autor.

Para os nazistas sua arquitetura representava a Alemanha de sua época, grandiosa e eterna. Contudo, a gênese de toda transformação que se via na cidade, residia no campo, sustentáculo do arcabouço racial e cultural germânico. Isto se refletia nas construções que representavam a influência da cultura alemã pela Europa. Tais obras, eram utilizadas como forma de propaganda política na tentativa de se justificar a anexação de algumas regiões ditas sob a influência de maioria germânica, visto a existência de representantes desta comunidade em vários destes locais. Os nacional-socialistas consideravam que as construções germânicas épicas refletiam este discurso, representando a influência da cultura alemã por toda a Europa. Utilizado como forma de propaganda política, este discurso se desdobrava, no mínimo, em outros dois: na questão da *Anschluss* ou anexação político-militar da Áustria pela Alemanha em 1938 e a questão do *Lebensraum* (espaço vital) nazista ou os “espaços de vida” necessários para o desenvolvimento dos “grupos humanos de origem germânica”.

Assim podemos dividir esta série em três subtemas, sendo o primeiro composto por quatro selos que simbolizam a Alemanha e seu povo que, impulsionados pelas forças arianas, resistiram a várias guerras ao longo de sua história e sempre combateram o inimigo comum.

O primeiro é o selo nº 655 (figura 88) e traz a ilustração das ruínas do Castelo de *Drachenfels am Rhein* (Drachenfels no Reno), construído entre 1138 e 1167 e localizado na montanha de mesmo nome. Constitui um símbolo e um dos bastiões nacionais da resistência alemã a invasões e guerras que ocorreram na Antiguidade. Neste selo, como em outras situações em que é representado, o Castelo de *Drachenfels am Rhein* é também um símbolo de proteção.

O segundo selo é o de nº 656 (figura 89) e apresenta a imagem do *Kaiserpfalz Goslar* (Palácio Imperial de Goslar/Alemanha). Construção medieval erguida em Goslar no século XI e residência de verão de vários imperadores, no período nazista ficou conhecida como a Cidade dos Agricultores do Reich, centro da agricultura nórdico-germânica e local onde se realizava anualmente o *Reichsbauerntag* (Dia do Agricultor do Império)<sup>497</sup>, um dos principais eventos na Alemanha nacional-socialista<sup>498</sup>.

O *Kaiserpfalz*, antes pertencente à nobreza, foi um exemplo de como construções tradicionais foram utilizadas pela propaganda nazista na divulgação de eventos de grande repercussão, dando uma aparência de legitimidade ao que declaravam ser uma nova tradição que contava com o apoio e participação da população. O palácio foi o palco da 6ª edição do *Reichsbauerntag*, evento promovido pelo *Reichsnährstand* – RNS (Organização de Alimentos do Reich)<sup>499</sup>, órgão do governo nazista criado em setembro de 1933 com o objetivo de regular a produção e distribuição de alimentos.

---

<sup>497</sup> “Em 1930, Richard Walther Darré, ao proclamar que ‘a unidade do sangue e do solo deve ser restaurada’, transformou o lema romântico em doutrina. O movimento ‘blut und boden’, sangue e solo, esposa, segundo João Almino, ideais ecológicos: ‘o apego ao solo, à natureza [...] a crítica ao progresso, ao mundo industrial e ao artificialismo da tecnologia moderna [...] vai também reforçar a tendência, no plano ideológico, do nazismo de recusar tanto o capitalismo e seu consumismo de mercado, quanto o socialismo’”. In: LAGO, André Aranha Corrêa do. *Estocolmo, Rio, Joanesburgo*. O Brasil e as Três Conferências Ambientais das Nações Unidas. Fundação Alexandre de Gusmão (Funag): Brasília, 2006 p. 122. Disponível em: <<http://www.funag.gov.br/biblioteca/dmdocuments/0356.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2013.

<sup>498</sup> O acontecimento foi realizado entre os anos de 1934 e 1938 e sempre no mês de novembro. A única exceção foi o primeiro *Reichsbauerntag*, que ocorreu nos dias 20 e 21 de janeiro de 1934, na cidade de Weimar. Neste mesmo ano foi realizada a segunda versão do evento, entre os dias 11 a 18 de novembro, desta vez em Goslar.

<sup>499</sup> SPOERER, Mark; STREB, Jochen. *Guns and Butter - but no margarine*: The impact of Nazi economic policies on German food consumption, 1933-38. Paper preparado para o XIV International Economic History Congress, Helsinki, Finland, 21 to 25 August 2006. Disponível em: <<http://www.helsinki.fi/iehc2006/papers3/Spoerer85.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2013.

Em 1938 este evento fora realizado entre os dias 20 e 27 de novembro, quando camponeses locais em seus trajes típicos apresentavam danças e músicas tradicionais, em meio a encontros empresariais sobre agricultura e alimentos, largamente difundidos na mídia escrita da época. Sob a administração do *Reichsnährstand*, a celebração nazista baseada no *Blut und Boden* (Sangue e Solo)<sup>500</sup> – inscrição presente no material difundido para promoção e comemoração da semana em que se celebrava o *Reichsbauerntag* –, se transformou num acontecimento de importância internacional, romperam as fronteiras do *Reich*, chamando a atenção de muitos outros Estados. Fato é que esta celebração foi uma das últimas de seu tipo devido ao início da guerra em 1939<sup>501</sup>.

O selo nº 658 (figura 91), nosso terceiro exemplo, nos remete ao *Römer* (Romanos), Frankfurt am Main, um dos mais importantes marcos históricos da cidade representante de várias fases da arquitetura germânica. Usado como prefeitura e câmara municipal, foi destruído por bombardeios aliados em março de 1944 e reconstruído após a guerra. Foi no seu interior, no grande *Kaisersaal* (Salão do Czar), que vários reis e imperadores do *Heiliges Römisches Reich* (Sacro Império Romano-Germânico) foram coroados. Representa as origens nobres dos germânicos.

Finalmente, analisaremos o quarto selo, de nº 662 (figura 95), *Hohentwiel bei Singen* (Castelo de Hohentwiel no Singen/Alemanha). Localizado na montanha de mesmo nome, é outro exemplo da resistência da Alemanha contra o domínio estrangeiro. As ruínas do Castelo de Hohentwiel, uma das maiores fortalezas alemãs, se devem em grande parte à ação das tropas francesas durante as Guerras Napoleônicas. No século XVIII serviu como uma prisão estadual. Mas, durante a II Guerra Mundial, milhares de mulheres, crianças e homens foram deportadas para Singen para servirem como mão de obra escrava nas fábricas locais, como a empresa suíça Maggi, cuja fábrica nesta localidade passou a ser administrada por Rudolf Weiss<sup>502</sup>, oficial nazista e membro do Partido que serviu no *Führerbunker* (Abrigo do Líder) nos dias finais da guerra, e após um processo de germanização recebeu no ano de 1940 o título de *Nationalsozialistischer Musterbetrieb* (Empresa Modelo Nacional-Socialista)<sup>503</sup>.

<sup>500</sup> *Blut und Boden* – ideologia surgida no final do século XIX, logo assumiu um caráter nacionalista e racista, se transformando num dos componentes centrais da ideologia nacional-socialista.

<sup>501</sup> LOVIN, Clifford R. Agricultural Reorganization in the Third Reich: The Reich Food Corporation (*Reichsnährstand*). *Agricultural History*, Agricultural History Society, v. 43, nº 4, oct. 1969. pp. 447-462.

<sup>502</sup> JOACHIMSTHALER, Anton. *The Last Days of Hitler: The Legends, the Evidence, the Truth*. London: Brockhampton Press, 1999.

<sup>503</sup> Disponível em: <<http://de.efactory.pl/Maggi>>. Acesso em: 30 maio 2013.



O segundo subtema é composto por três selos que retratam a Áustria, país natal de Adolf Hitler, e Estado que como parte integrante do Império Austro-Húngaro, havia se transformado em uma nação multiétnica e multicultural. Em Viena, uma das principais cidades austríacas e onde Hitler viveu parte de sua juventude tentando se estabelecer como artista, ele já havia notado estas características que, a seu ver, enfraqueciam a raça pura germânica<sup>504</sup>. Esbarravam-se pelas suas ruas e avenidas: alemães, tchecos, húngaros, croatas, dentre outros e judeus. Mas, após o final do Império Austro-húngaro, estipulado em 1919 pelo Tratado de Saint-Germain-en-Laye, logo após o término da Primeira Guerra Mundial, que determinava a proibição da união de Áustria com Alemanha, essa coexistência pacífica mediada pelo Estado caiu por terra, não tendo mais espaço numa sociedade marcada pelo revanchismo contra a França e ódio aos judeus e das dificuldades da coexistência racial. Para muitos austríacos, principalmente os de origem germânica, o ideal a seguir era o do *Alldeutsche Bewegung* (Pangermanismo) ou “uma nação, uma língua e uma etnia”.

Antes da ascensão nazista na Alemanha, os nazistas austríacos já vinham tentando tomar o poder e unir as duas nações. Após vários incidentes e um pacto não cumprido, no dia 13 de março de 1938 Hitler anuncia oficialmente a anexação da República Austríaca ao Terceiro *Reich*, que se torna uma província da Alemanha. Em 10 de abril do mesmo ano, um referendo popular aprovou a anexação com 99% de consentimento. A Inglaterra e a França aceitam a *Anschluß* da Áustria, que só retomaria sua soberania após a Segunda Guerra Mundial.

O primeiro selo deste segundo subtema é o n° 657 (figura 90) com a *Uhrturm Graz* (Torre do Relógio em Graz/Áustria), símbolo romântico da cidade de Graz. Sua configuração atual, em formato de torre medieval, data do século XVI e foi construída onde antes existia uma antiga fortaleza, local de refúgio para moradores de Graz em tempos de crise, parcialmente arrasado pelas forças de Napoleão Bonaparte em 1809. Ela foi transformada em um parque público em 1839.

A cidade de Graz, situada em uma localização estratégica, numa fronteira agrícola fértil, foi usada como perímetro defensivo, no qual os camponeses eram adestrados e organizados para o combate no caso de uma invasão como, por exemplo, a realizada pelos húngaros, em 1481, e pelos turco-otomanos, em 1529 e 1532. Em 1797, Graz foi ocupada pelo exército napoleônico. Em 1809, após a derrota da Áustria pelas forças de Napoleão na Batalha de

---

<sup>504</sup> VITKINE, Antoine. *Mein Kampf*: A história do livro. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

Wagram<sup>505</sup>, as fortificações foram demolidas com explosivos, conforme estipulava o tratado de paz assinado à época, sendo a torre do sino e do relógio da torre, poupados da depredação após o povo de Graz ter pagado um resgate para a sua preservação. Em 1938, o próprio *Führer* visitou Graz, prometendo à população da cidade mil anos de prosperidade. Mas, como parte dos planos nazistas para resolver a Questão Judaica, Hitler e seus asseclas destruíram a comunidade judia ali residente.

O próximo é o selo n° 659 (figura 92) retrata uma visão interna do *Ständehaus* (Parlamento) da cidade de Klagenfurt, situada no sul da Áustria. O edifício secular em estilo barroco<sup>506</sup> foi construído no final do século XVI, e constitui um dos mais importantes marcos históricos de Klagenfurt. A cidade também foi ocupada entre 1805 a 1809 pelas forças de Napoleão Bonaparte, cujo exército destruiu quase que totalmente suas muralhas. A partir de 1863, com o progresso econômico gerado pela ferrovia, a cidade se transformou num dos maiores polos culturais da região, se transformou numa das maiores cidades da região. Durante um período esteve sob a influência dos eslavos, mas a maioria austríaca decidiu em um plebiscito, em 1920, por mantê-la como parte da Áustria.

Durante a 2ª Guerra Mundial, milhares de cidadãos morreram nas frentes de combate e muitos outros nos campos de concentração nazistas. Principalmente os pertencentes à comunidade judaica de Klagenfurt, que fora quase completamente exterminada. Na Noite dos Cristais<sup>507</sup>, sua sinagoga foi atacada, apartamentos de judeus foram invadidos e o cemitério judeu destruído. Bens foram confiscados e suas contas bancárias suspensas, tendo o dinheiro revertido para emigração dos judeus. Os que permaneceram em Klagenfurt foram mais tarde presos e enviados para campos de concentração. A cidade foi repetidamente bombardeada e reduzida a escombros, sendo reconstruída com o passar dos anos com a ajuda dos britânicos.

O terceiro selo apresenta uma vista da cidade de Salzburgo, na Áustria, e traz em uma elevação ao fundo a *Feste Salzburg* (Fortaleza de Salzburgo) ou *Festung Hohensalzburg* (Fortaleza de Hohensalzburg), selo n° 661 (figura 94). Sobre as torres em estilo barroco da cidade de Salzburgo, surge na montanha a Fortaleza de Hohensalzburg, construída no ano 1077.

---

<sup>505</sup> LAPOUGE, Gilles. *A Batalha de Wagram*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

<sup>506</sup> O edifício não apresenta um estilo único de arquitetura, tendo sofrido a influência de vários ao longo do tempo.

<sup>507</sup> A *Kristallnacht* (Noite dos Cristais) ou *Reichskristallnacht* (Noite Imperial dos Cristais) foram ações de grande violência organizadas pelo regime nazista, ocorridas na noite do dia 09 para 10 de novembro de 1938, e dirigidas contra os membros da comunidade judaica por todo o Império alemão.

Do alto da *Festungsberg* (Montanha da Fortaleza), a suntuosa e imponente fortaleza se apresenta como uma sentinela vigilante observando a cidade abaixo, guardando sua história, tangível, que salta por trás de suas grossas paredes.

Neste segundo subtema podemos incluir os selos emitidos no dia 18 de novembro de 1938, para o Trabalho de Assistência do Inverno, e o Tema: Paisagens e flores da Áustria (figura 96 a figura 104).

FIGURA	SELO	VALOR	ESTAMPA
96	616	3 Pfg. + 2 Pfg.	Castelo de Forchtenstein e chardon
97	617	4 Pfg. + 3 Pfg.	Flexenstrasse em Voralberg e anémone de primavera
98	618	5 Pfg. + 3 Pfg.	Zell-am-See em Salzburgo e aurículo de primavera
99	619	6 Pfg. + 4 Pfg.	Grossglockner e edelweiss
100	620	8 Pfg. + 4 Pfg.	Ruínas do Castelo de Abbstein (Aggstein) e cyclamen
101	621	12 Pfg. + 6 Pfg.	Monumento ao Príncipe Eugène, em Viena e rosa alpina
102	622	15 Pfg. + 10 Pfg.	Erzberg (Styrie) e rhododendron
103	623	25 Pfg. + 15 Pfg.	Hall (Tyrol) e gentian
104	624	40 Pfg. + 35 Pfg.	Braunau e crocus



Figura 96 – Selo n° 616



Figura 97 – Selo n° 617



Figura 98 – Selo n° 618



Figura 99 – Selo n° 619



Figura 100 – Selo n° 620



Figura 101 – Selo n° 621



Figura 102 – Selo n° 622



Figura 103 – Selo n° 623  
Fonte: Acervo do Autor.



Figura 104 – Selo n° 624

Esta série foi emitida para divulgar o cenário bucólico e as flores da Áustria, então parte integrante do Terceiro Reich. Os campos são a antítese dos infernos, símbolo do Paraíso, ao qual os germânicos, na sua superioridade, já teriam acesso em vida, enquanto os “outros” não teriam acesso nem após a morte. As flores “associadas analogicamente às borboletas, tal como elas, [...] representam muitas vezes as almas dos mortos”<sup>508</sup>. As próprias flores aparecem em mitos, lendas e contos de fadas como “portadoras de almas”<sup>509</sup>. O uso alegórico das flores pode ser infinito, podem representar as qualidades da primavera, da juventude, da aurora, da virtude, etc.

O imposto arrecadado com a venda de selos desta série foi revertido para instituições de caridade de Inverno.

Em 16 de setembro de 1941, em comemoração à Feira de Outono de Viena, foram lançados dois selos mostrando vistas parciais do Palácio Belvedere. O primeiro retrata as edificações da cidade de Viena observadas por uma de suas sacadas (figura 105) e o segundo, uma vista do Jardim Belvedere (figura 106).



Figura 105 – Selo n° 728 – 12 Pfg. + 8 Pfg.



Figura 106 – Selo n° 729 – 15 Pfg. + 10 Pfg.

Fonte: Acervo do Autor.

O Palácio Belvedere (Bela Vista) em Viena foi construído originalmente para ser um palácio de verão da nobreza. Pedido feito pelo já mencionado Príncipe Eugène (1663–1736), em 1714, ao arquiteto Johann Lucas von Hildebrandt. Hoje chamado de *Lower Belvedere* foi concluído em 1716. O jardim<sup>510</sup> é considerado a parte mais antiga do projeto. A janela quadrada, por ser uma abertura para o ar e para a luz simboliza receptividade terrestre, “relativamente ao que é enviado do céu”<sup>511</sup>, estabelece uma ligação entre o terreno e o

<sup>508</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 438.

<sup>509</sup> LURKER, Ibidem. p. 272.

<sup>510</sup> Ver mais detalhes na análise da *Haus der Deutschen Kunst* (Casa da Arte Alemã - figura 65) deste subcapítulo.

<sup>511</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 512.

transcendental. A janela aberta em Viena pode indicar sua relação com a Alemanha nazista, mesmo antes da *Anschluss*, podendo também representar “uma abertura para a morte”<sup>512</sup>, a morte administrativa sofrida pela Áustria.

O terceiro subtema trata da tentativa nazista em justificar a anexação de regiões que lhe foram tomadas pelo Tratado de Versalhes e outras onde diziam residir maiorias germânicas. Assim, estes representantes da comunidade germânica presentes nas mais variadas localidades, e que compunham a Grande Alemanha, não poderiam estar fora do *Reich* alemão.

Um exemplo é o selo nº 654, (figura 87) no qual está a imagem do *Burg Elbogen an der Eger*<sup>513</sup>, localizada em Loket, hoje República Tcheca, pequena e pitoresca cidade medieval. Muito antes das primeiras emissões filatélicas austríacas, a cidade fazia parte do Império austríaco, na Boêmia. O castelo em estilo gótico datado do século XII é um símbolo românico da região, ainda hoje vigilante, fazendo parte da importante história tcheco-germânica.

Como exemplo do discurso de salvaguardar os direitos da população de maioria alemã ao longo das áreas na fronteira com a Áustria e outras regiões europeias, e sob os auspícios da Grã-Bretanha e da França na tentativa de se evitar a guerra, aceitam a ocupação deste território pela *Wehrmacht*, em 30 de Setembro de 1938, pontapé inicial para a invasão de toda a Tchecoslováquia em 1939. Entre 1939-1945 fez parte do *Reichsgau Sudetenland* (Distrito de Sudetos do *Reich*), fazendo parte do distrito administrativo de Eger. No final de maio 1945, a cidade e o castelo foram ocupados por tropas americanas e, posteriormente, por tropas da URSS.

O selo nº 660 (figura 93) nos remete a outra histórica fortaleza, as *Burgruine Schreckenstein bei Aussig* (Ruínas Castelo de Schreckenstein na Aussig Eger), também pertencente à antiga Tchecoslováquia, hoje à República Tcheca assumindo sua posição de comando na região, de onde se pode observar o rio Elba e as montanhas circundantes. Em 21 de Novembro de 1938, o distrito de Elbogen passou formalmente a integrar o Império Alemão, unindo-se à circunscrição administrativa da região dos Sudetos. No ano de 1842, Richard Wagner, o compositor favorito de Adol Hitler, visitou o Castelo de Schreckenstein e o inspirou na composição de sua ópera *Tannhäuser und der Sängerkrieg aus Wartburg*

<sup>512</sup> LURKER, Ibidem. p. 361-362.

<sup>513</sup> OSTERLOH, Jörg. *Nationalsozialistische Judenverfolgung im Reichsgau Sudetenland: 1938-1945*. München: Oldenbourg Wissenschaftsverlag, 2006.

(Tannhäuser e o Torneio de Trovadores de Wartburg). Deste modo, o local deveria atrair a atenção e fascinar o líder nazista, transmitindo todo um sentimento de pertencimento desta localidade ao puro espírito ariano. Não podemos esquecer a metáfora do castelo como símbolo da solidez do poder e sua capacidade de recuperar as glórias do passado, um dos principais alvos da propaganda político-ideológica do Terceiro *Reich*.

Outra série representativa da expansão nazista e que apresentava como base iconográfica os castelos, construções que afirmavam remeter as suas raízes, foi o conjunto lançado em 18 de setembro de 1939, com a inscrição *DANZIG IST DEUTSCH* (Danzig é Alemã) comemorando o retorno de Dantzig, no dia 02 de setembro deste mesmo ano. Um dia após a invasão da Polônia ou Operação *Fall Weiß* (Caso/Plano Branco)<sup>514</sup>. Os selos apresentam estampadas a Igreja de Santa Maria (figura 107) e a Porta<sup>515</sup> da Grua (figura 108).



Figura 107 – Selo nº 652 – 6 Pfg.



Figura 108 – Selo nº 653 – 12 Pfg.

Fonte: Acervo do Autor.

A conquista do poder político interno, na Alemanha, fora o primeiro passo dos nazistas para a realização de seus objetivos. Tinha chegado o momento de por em prática o plano externo, incluso na ideologia nazista através do conceito de “espaço vital”, com a tomada dos territórios ao seu redor.

Também referente a este subtema temos a série lançada em 25 de julho de 1940, comemorando a incorporação do cantão de Eupen-Malmedy ao Terceiro *Reich* (figura 109 e figura 110). Incorporado à Bélgica em 1925, por determinação do Tratado de Versalhes, foi

<sup>514</sup> A *Fall Weiss* foi o nome dado ao plano estratégico da Alemanha nazista de invasão da Polónia. Preparado antes mesmo de 1939, foi colocado em marcha em 1º de setembro de 1939, se tornando a primeira operação militar e o estopim da Segunda Guerra Mundial.

<sup>515</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.2 OS SELOS DO REICH – Simbologia Geral – Águia, Suástica, Saudação...

formado a partir dos antigos distritos prussianos de Malmedy e Eupen, em conjunto com Moresnet ou Moresnet neutro.



Figura 109 – Selo n° 673 - 6 Pfg. + 4 Pfg.



Figura 110 – Selo n° 674 - 15 Pfg. + 10 Pfg.

Fonte: Acervo do Autor.

E os selos lançados em 29 de setembro de 1941, para comemorar a anexação das áreas da Estíria, Caríntia e Carníola ao Terceiro Reich (figura 111 a figura 114).

FIGURA	SELO	VALOR	ESTAMPA
111	730	3 Pfg. + 7 Pfg.	Marburg + Steiermark (Maribor, Stíria)
112	731	6 Pfg. + 9 Pfg.	Veldes + Karnten (Baia de Veldes)
113	732	12 Pfg. + 13 Pfg.	Campanário e teatro de Pettau
114	733	15 Pfg. + Pfg.	Vista do Monte Triglav



Figura 111 – Selo n° 730



Figura 112 – Selo n° 731



Figura 113 – Selo n° 732



Figura 114 – Selo n° 733

Fonte: Acervo do Autor.

A ligação destas regiões com a Alemanha é antiga. Os eslovenos já habitam o atual território desde o século VI de nossa era, quando foram dominados pelos ávaros, povo nômade que habitava a Eurásia e que migrou para a região neste século. Em 748 foram conquistados por Carlos Magno e incorporados ao Império Carolíngio. Durante o século IX foram escravizados pelos germânicos, que a dividiram nas províncias de Caríntia (hoje parte da Áustria), Carníola (hoje pertencente à Eslovênia) e Estíria (hoje integra a Áustria).

Após a invasão da Iugoslávia, em 06 de abril de 1941, as regiões são anexadas ao Terceiro *Reich*, aspiração antiga de Hitler que já havia tentado esta ação por vias menos agressivas anteriormente.

Outra impressão que apresenta a temática do expansionismo foram os nove selos emitidos em 05 de novembro de 1940, voltados para o Trabalho de Assistência do Inverno. Sob o título: Castelos e Monumentos (figura 115 a figura 123), a série tinha como ilustração:

FIGURA	SELO	VALOR	ESTAMPA
115	675	3 Pfg. + 2 Pfg.	Tribunal de Artus em Danzig
116	676	4 Pfg. + 3 Pfg.	Câmara Municipal de Thorn
117	677	5 Pfg. + 3 Pfg.	Palatinado no Reno, em Kaub
118	678	6 Pfg. + 4 Pfg.	Teatro Municipal de Posen
119	679	8 Pfg. + 4 Pfg.	Castelo de Heidelberg
120	680	12 Pfg. + 6 Pfg.	Porta Nigra em Trier
121	681	15 Pfg. + 10 Pfg.	Novo Teatro Alemão, em Praga
122	682	25 Pfg. + 15 Pfg.	Câmara Municipal de Bremen
123	683	40 Pfg. + 35 Pfg.	Câmara Municipal de Münster



Figura 115 – Selo n° 675



Figura 116 – Selo n° 676



Figura 117 – Selo n° 677



Figura 118 – Selo n° 678



Figura 119 – Selo n° 679



Figura 120 – Selo n° 680



Figura 121 – Selo n° 681



Figura 122 – Selo n° 682



Figura 123 – Selo n° 683

Fonte: Acervo do Autor.



Temos nesta área a representação da mentalidade e da formação profissional de Speer, um arquiteto que dedicou a vida a construir templos consagrados ao nazismo, que teve grande capacidade para tratar de questões referentes a temas muitas vezes distantes de sua dedicação habitual, sabendo aplicar todas as técnicas disponíveis, atendendo a todos os pré-requisitos traçados pelo “patrono das artes alemãs”, Adolf Hitler.

Mas, com a derrota alemã na primavera de 1945, o *Reich* milenar que deveria assegurar a perenidade do poderio germânico finalmente se transformou no gigantesco teatro de ruínas desejado pelos nazistas.

Lançando um breve olhar sobre os nazistas, é possível constatar que sempre atribuíram grande valor simbólico ao trabalho manual. A propaganda nacional-socialista convidava a sociedade a um retorno saudosista às guildas, às corporações de ofício e ao artesão do período medieval e associando-as à “potência criativa do ariano”<sup>516</sup>.

Simbolizando as artes manuais germânicas, o conjunto de selos abaixo representados foi emitido, em 08 de agosto de 1942, para comemorar o 10º aniversário de fundação da *Deutsche Gesellschaft für Goldschmiedekunst* (Sociedade Alemã para Ourivesaria), criada em agosto de 1932. Os selos retratam o Leão e a Taça Nupcial de Nuremberg, sendo diferenciados pelas cores: carmim e verde escuro, e pelos valores: 6 Pg. + 4 Pg. e 12 Pg. + 88 Pg. (figura 124), respectivamente. Inscrição: *DEUTSCHE GOLDSCHMIEDE KUNST* (Arte de Ourives Alemão).



Figura 124 – Selo nº 740 e Selo nº 741.  
Fonte: Acervo do Autor.

<sup>516</sup> LUZ, Enrique. “*O Eterno Judeu*”: Anti-Semitismo e Antibolchevismo nos Cartazes de Propaganda Política Nacional-Socialista (1919-1945). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História, UFMG, Belo Horizonte, 2006. p. 72.

O aquamanile é um recipiente para depositar água para lavar as mãos, muito utilizado durante as ações litúrgicas, ou na vida cotidiana. Surgiu no antigo oriente, sendo posteriormente assimilado na Europa, foi muito utilizado em todo o medievo, podendo ser feito em cerâmica, ligas de bronze ou metais preciosos. Usualmente apresentava a forma de animais como o leão, o “rei dos animais; dos seus olhos irradia o fogo do sol com a mesma força animalesca. [...] na simbologia dos elementos o animal é atribuído ao fogo”<sup>517</sup>. Encarnação do “Poder, da Sabedoria, da Justiça”, mas se associado ao excesso de orgulho e confiança em si mesmo (soberba) se transforma na representação do “Pai, Mestre, Soberano que, ofuscado pelo próprio poder, cego pela própria luz, se torna um tirano, crendo-se protetor”<sup>518</sup>. Símbolo do poder imperial, transformou-se em animal presente em inúmeros emblemas e uma das mais apreciadas representações entre os europeus medievais. Os orientais tinham a predileção por representações leoninas em forma mista e aladas, como as quimeras e os grifos.

O aquamanile, também apresenta grande valor simbólico em várias liturgias. Ele nos remete, por exemplo, à outra passagem da história do cristianismo, sequência da anterior quando Jesus Cristo foi levado à presença de *Pontius Pilatus* (Pôncio Pilatos), prefeito da província romana da Judéia que, num gesto altamente simbólico, lavou suas mãos transferindo para a multidão a responsabilidade do destino do prisioneiro. No cotidiano, a lavagem das mãos apresenta tanto um valor simbólico como também higiênico.

Na liturgia o cálice, a concha, o santo graal, a taça, nos enviam a uma das principais passagens da Bíblia cristã, aludindo a última ceia de Cristo com os apóstolos. Constituem o objeto no qual é colocado o vinho que vai ser consagrado e se transformar no sangue do *Khrístós* (Ungido), sendo um memorial à sua pessoa e um momento de fortalecimento dos laços espirituais dentro da Igreja. Representação da salvação e do destino que o homem recebe das mãos de Deus, a taça simboliza o próprio Cristo e a salvação eterna. “A palavra alemã *kopf* (cabeça) é etimologicamente ligada à anglo-saxônica *cuppe* (taça), italiano *copa* (cálice), provençal *coba* (crânio, barril)”<sup>519</sup>. O simbolismo mais marcante da taça a remete ao mito do Santo Graal do período medieval, representa o cálice que recolheu o sangue de Cristo e que guarda “a tradição momentaneamente perdida e a bebida da imortalidade”<sup>520</sup>. Contendo o sangue, representação do princípio da vida ou da própria vida, pode ser comparado ao

---

<sup>517</sup> LURKER, *Ibidem*. p. 382.

<sup>518</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, *Ibidem*. p. 538.

<sup>519</sup> LURKER, *Ibidem*. p. 110.

<sup>520</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, *Ibidem*. p. 858

coração. Na cultura celta, a taça cheia de vinho oferecida a um aspirante a rei é símbolo de soberania.

Na linha da propaganda de incentivo ao trabalho manual, no dia 11 de setembro de 1944, foram lançados dois selos, idênticos, diferindo-se pela coloração e pelo valor facial (figura 125), em comemoração à *Deutsche Goldschmiedekunst* (Corporação dos Ourives Alemães), inscrição que aparece na parte superior dos selos e representando o *GROSSDEUTSCHES REICH* (Grande Império Alemão). Apresentam como ilustração a *Coupe Nautilus* (Taça Nautilus) que, sob a égide nazista, foi exibida em Dresden antes do bombardeio à cidade em 1945.

A *Nautilusgefäß* (Taça Nautilus) é um cálice cerimonial feito com a concha do nautilus e artisticamente desenhado em metais preciosos, principalmente ouro e prata. Provavelmente datada no século XVII na Alemanha, representa objetos de luxo em voga entre os anos 1650 e 1660. Exemplo da maestria dos trabalhos manuais realizados por germânicos aparece em várias pinturas de natureza morta da época.



Figura 125 – Selo nº 812 - 6 Pfg. + 4 Pfg. e Selo nº 813 - 12 Pfg. + 88 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

O Sátiro (fauno na mitologia romana) agachado na base do copo parece resistir com todas as suas forças, sustentando a concha de Nautilus. Com suas costas curvadas suporta a carga do navio (forma da carruagem de Dionísio, Baco entre os romanos, em algumas festividades gregas) representado pela concha, em cuja proa aparecem uvas, uma fujara<sup>521</sup> e uma máscara de Fauno, “a máscara é símbolo do deus do teatro; a partir de danças com máscaras de bode desenvolveu-se a tragédia grega (tragédia = “canto do bode”) [...]. a máscara representa a divindade na sua epifania e indica a sua natureza insondável”<sup>522</sup>. Completando a cena Bacante representada na decoração da taça, temos uma pantera, ou

<sup>521</sup> Fujara – instrumento musical de sopro originário da Eslováquia; flauta grande.

<sup>522</sup> LURKER, Ibidem. p. 205.

leopardo, que aparece no ponto mais alto da peça. A figura do sátiro é relacionada à sua poderosa beleza e alegria de viver, acompanhante inseparável do semideus Pan (Lupércio na Roma antiga) e do deus Dionísio, vagando pelas montanhas e bosques da Grécia antiga. Richard Wagner e Friedrich Nietzsche eternizaram a figura romântica de Dionísio em suas obras, que significaria a contraposição do controlado, racional ao arrebatado, “irracional na vivência do mundo e no conteúdo artístico”<sup>523</sup>.

A lenda da pantera era muito popular ao longo de toda a Idade Média. Era comum aparecer em representações antigas como inimiga mortal do dragão, simbolizando a eterna luta entre as forças da luz e da escuridão. Em algumas culturas antigas, a pantera representa as forças terrestres enquanto a águia, as forças celestes. Na alta Idade Média a pantera foi muitas vezes associada à figura do próprio Jesus Cristo. O leopardo é símbolo da altivez, sob seu aspecto agressivo, aparece como representação da casta real guerreira, mas pode assumir a representação da força repentina e impiedosa numa visão apocalíptica<sup>524</sup>. Já o navio, pode ser compreendido como condutor dos mortos na travessia para a eternidade e, associado a Dionísio, ao início da primavera.

Como pudemos observar, o ideário nazista não se baseava apenas na pureza física ou no culto à beleza. Para os artistas nazistas, a arte grega “era ‘inseparável de uma certa glorificação da crueldade – da escravatura, do militarismo e da afirmação da supremacia da raça ariana sobre os bárbaros’”<sup>525</sup>. Por este motivo, qualquer que tenha sido o estilo adotado, a arquitetura nazista nunca perdeu “de vista a dimensão simbólica. Assim como qualquer outra manifestação cultural, ela era expressão de poder, instrumento de propaganda e de incitamento ideológico”<sup>526</sup>. Estes selos nos servem de testemunhas nada silenciosas da grandiosidade almejada pelos nazistas, para os quais nada deveria ser pequeno, tudo deveria ser grandioso como o próprio *Reich* alemão.

---

<sup>523</sup> Idem, Ibidem.

<sup>524</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 544.

<sup>525</sup> LENHARO, Ibidem. p. 51.

<sup>526</sup> Idem, Ibidem. p. 52.

### 3.5 OS SELOS DO *REICH* - Corpo e Esportes

Construir o super-homem e perseguir a pureza da raça através da eugenia foi uma obstinação de muitas nações. Sob os mais diversos argumentos segregaram, mutilaram e executaram milhares de pessoas em todo o mundo. [...] a ciência e o poder podem se aliar e criar políticas preconceituosas, por vezes genocidas, que sob o discurso da diferença biológica separaram sociedades em classes sociais e confinaram os diferentes — considerados doentes por esses “cientistas” — em guetos, sanatórios prisões e campos de trabalho forçado<sup>527</sup>.

Charles Darwin publicou em 1859 seu trabalho no qual afirma que “a luta pela vida, na qual só os mais bem adaptados sobrevivem, a permanente competição e a conclusão de que os mais bem ‘equipados’ biologicamente têm maiores chances de se perpetuar na natureza”<sup>528</sup>. Baseando-se nos escritos de Darwin, Francis Galton (1822-1911)<sup>529</sup> cria o conceito eugenia, definindo-a como “o estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações seja física ou mentalmente”<sup>530</sup>.

O conceito de eugenia nasceu numa Londres abalada por movimentos de massa formados por representantes das camadas inferiores da sociedade, característicos da Inglaterra do século XIX. As expressões da multidão não eram vistas com bons olhos pela burguesia pelo fato de não ser possível identificar com precisão sua composição, o que gerava uma grande apreensão entre as camadas mais altas da sociedade, que passaram a cobrar uma posição por parte de seus dirigentes, no sentido de solucionar este problema. Com o desenvolvimento desse conceito, tornou-se viável e justificável a implantação de um método de seleção humana através da ciência, fundamentada em fórmulas biológicas consideradas à

---

<sup>527</sup> DIWAN, Pietra. *Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 13.

<sup>528</sup> Idem, *Ibidem*. p. 30

<sup>529</sup> Francis Galton - Antropólogo, matemático e estatístico inglês que ficou conhecido por suas pesquisas sobre eugenia e inteligência humana. Primo de Charles Darwin.

<sup>530</sup> GOLDIM, José Roberto. *Eugenia*. UFRGS, 1998. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/bioetica/eugenia.htm>>. Acesso em: 06 ago. 2013.

época como hipoteticamente verdadeiras, possibilitando “investir no corpo individual, de estimular a ingerência policial e médica na vida conjugal e sexual de cada um”<sup>531</sup>.

Assim como a arte ocidental que sempre buscou respaldo nos padrões de beleza estabelecidos na Grécia antiga, utilizando como modelos para suas obras indivíduos de ambos os sexos, mas que apresentassem uma perfeição anatômica incomparável, ou seja, que possuíssem proporções físicas perfeitas; a eugenia moderna retomou os mesmos conceitos clássicos de culto à perfeição associando-a ao culto espartano à força dos exércitos e os mesclou com as regras de higiene<sup>532</sup> e profilaxia dos hebreus. Inspiraram-se no ritual de purificação da própria raça realizado pelos anciãos que condenavam a serem lançados do monte Taigeto os recém-nascidos que não tivessem boa saúde ou que apresentassem alguma anormalidade física ou mental<sup>533</sup>. Os recém-nascidos “aprovados” eram considerados propriedade do Estado e permaneciam com pais até os sete anos, idade na qual os garotos eram enviados para o aprimoramento militar. Dos hebreus, podemos citar o exemplo da circuncisão como prevenção às doenças.

De formas distintas, que variam de acordo com especificidades históricas, a relação entre raça e superioridade é uma temática recorrente na história da humanidade. No medievo surgiu vinculada aos rígidos preceitos religiosos, força motivadora das cruzadas<sup>534</sup>. Segundo a ideologia vigente à época, os cristãos por sua fé seriam superiores aos pagãos, estes considerados indignos da misericórdia divina e deveriam livrar a Terra Santa da influência dos mesmos.

Também o darwinismo social, resultado da aplicação político-econômica da teoria de Darwin à sociedade humana ao qual foram associadas ideias racistas ao difundirem a noção da superioridade de algumas raças em detrimentos de outras, muito contribuiu para a formação das ideias eugênicas de Galton. Afinal, mesmo após três décadas divulgando a eugenia, ele ainda não havia convencido os legisladores ingleses da necessidade de

---

<sup>531</sup> DIWAN, Ibidem. p. 16.

<sup>532</sup> “A higiene era um dos elementos formadores do ‘novo homem’, pois a limpeza pessoal contribuía para manter o corpo saudável e preparado para a guerra. Um soldado doente se torna um estorvo desestruturando o sistema tático bélico, pois faltava ao fronte e desviava para seus cuidados médicos e enfermeiros”. In: ROSA, Cristina Souza da. Pequenos soldados do Fascismo: a educação militar durante o governo de Mussolini. In: *Antíteses* – Revista do Programa de Pós-Graduação em História Social da UEL, Londrina, vol. 2, n. 4, jul./dez. de 2009. p. 627.

<sup>533</sup> Em fevereiro de 1939, foram realizadas discussões entre médicos simpatizantes com a ideia da eutanásia de recém-nascidos “gravemente deficientes” e “que acabou por criar uma organização camuflada que ganhou o título de Comitê do *Reich* para o Registro Científico de Graves Sofrimentos Hereditários e Congênitos. Estima-se que, sob a sua égide, entre 5 e 8 mil crianças foram mortas, principalmente com injeção do barbitúrico luminal”. In: KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 565-566.

<sup>534</sup> POLIAKOV, Léon. *O mito ariano: ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos*. São Paulo: Editora Perspectiva: USP, 1974. (Coleção Estudos, nº 34).

transformar suas ideias em leis. Mas, sua obra já ecoava entre profissionais de várias especialidades biológicas que acreditavam na necessidade de se compor um estoque de pessoas que contribuíssem para o nascimento de cidadãos melhor adaptados ao convívio social. Entre os anos de 1905 e 1935, instituições e governos se empenharam no aperfeiçoamento humano, empregando métodos compulsórios e totalitários.

Os primeiros resultados oficiais da aplicação da eugenia por parte de Estados democráticos se fizeram sentir na primeira década do século XX, antes mesmo da ascensão do nazismo ao poder na Alemanha, sendo introduzida em países de forma legal através da elaboração de um conjunto de leis que abordavam a matéria. Coube aos Estados Unidos da América<sup>535</sup>, em 1907, o pioneirismo na implementação de medidas destinadas à esterilização de indivíduos no sentido de barrar o enfraquecimento da raça<sup>536</sup>. Segundo Haldane, que se fundamentou em documentos oficiais do Tribunal Municipal de Chicago datados de 1922, as características dos indivíduos que não possuíam ou não demonstravam capacidade e/ou aptidão para o convívio social e que, conseqüentemente, deveriam ser encaminhados para a esterilização, eram definidas da seguinte forma:

É socialmente inapto toda pessoa que, por seu próprio esforço, é incapaz de fazer o mesmo, por comparação, que as pessoas normais, não sendo um membro útil da vida social e organizada do Estado. [...] As classes sociais de inaptos são as seguintes: 1° os débeis mentais; 2° os loucos (e os psicopatas); 3° os criminosos (e delinquentes); 4 os epiléticos; 5° os alcoólatras (e todos os tipos de viciados); 6° os doentes (tuberculosos, sífilíticos, leprosos e todos com doenças crônicas e infecciosas); 7° os cegos; 8° os surdos; 9° os disformes; 10° os indivíduos marginais (órfãos, vagabundos, moradores de rua e indigentes)<sup>537</sup>.

Os EUA também estabeleceram restrições à imigração asiática e à segregação racial dos afrodescendentes, sendo considerado como verdadeiro cidadão americano apenas o “anglo-saxão, branco, protestante, saudável e produtivo”<sup>538</sup>. Na década de 1920 foram aprovadas leis autorizando a esterilização com o objetivo de impedir o “suicídio da raça”.

<sup>535</sup> Cronologicamente temos: “A fundação do Comitê de Eugenia na Associação Americana de Reprodução (1905), nos Estados Unidos, da Sociedade Alemã para Higiene Racial (1905), na Alemanha, e, finalmente da Sociedade de Educação Eugenista (1905), na Inglaterra, inaugurou o ciclo de formação de comitês, grupos e instituições na Escandinávia, na Europa e na América Latina. Muitas dessas instituições estão ativas até os dias de hoje com nomes diferentes; foram ‘rebatizadas’, a fim de apagar sua relação histórica com a eugenia”. In: DIWAN, Ibidem. p. 48

<sup>536</sup> Idem, Ibidem. p. 47.

<sup>537</sup> HALDANE, J. B. *Heradité et Politique*. Paris: PUF, 1938. p. 02-03. In: DIWAN, Ibidem. p. 54.

<sup>538</sup> DIWAN, Ibidem. p. 54.

Empresas como a Fundação Rockefeller financiaram um gigantesco aparato institucional para a divulgação da eugenia ao redor do mundo, incluindo países como a Alemanha e a França<sup>539</sup>.

O surgimento da eugenia na Alemanha remonta a publicação do livro de Darwin que, junto com o imperialismo do século XIX, influenciou seu desenvolvimento de maneira bem peculiar. Os primeiros profissionais a discutirem o assunto foram dois médicos considerados os pais da *Rassenhygiene* (Higiene racial): Wilhelm Schallmayer (1857 - 1919)<sup>540</sup>, em 1891, e Alfred Ploetz (1860 - 1940)<sup>541</sup>, em 1895, tendo este ido mais além ao delinear os caminhos para se realizar a “limpeza racial”. Mas foi outro trabalho de Schallmayer, intitulado *Vererbung und Aulese in Lebenslauf der Völker* (Hereditariedade e Seleção na História das Nações) e publicado em 1903, que definitivamente lançou as bases para a eugenia germânica.

Evolutivamente, o discurso da supremacia ariana surgiu após o aparecimento do conceito de “raça nórdica”, instituído no ano de 1900, pelo naturalista e antropólogo francês Joseph Deniker (1852 - 1918)<sup>542</sup>, que atribuiu aos nórdicos o título de “‘raça superior’ da região Norte da Europa e, entre suas principais características, estavam a energia, a capacidade de julgamento, a força para enfrentar os desafios da civilização”<sup>543</sup>. Quem desenvolveu e popularizou o conceito de “raça ariana” foi o “pesquisador da raça alemã” e eugenista Hans Friedrich Karl Günther (1891 - 1968), durante a República de Weimar. A partir daí, ele se transformou num dos principais teóricos do nacional-socialismo que lhe conferiram o título de “o orgulho do NSDAP”.

Ainda no início dos anos 1920, os alemães desejavam descobrir um novo caminho que lhes garantisse o fornecimento de matéria-prima sob o amparo do conceito de *Lebensraum* (Espaço Vital). Além disso, buscavam uma base espiritual que resguardasse os valores da “alma alemã”, declarado em termos como *Deutsche Kultur* (Cultura Alemã), ou até mesmo da ideologia *völkisch* (nacionalista)<sup>544</sup>. Ou seja, a associação...

---

<sup>539</sup> Idem, Ibidem. p. 63.

<sup>540</sup> WEISS, Sheila Faith. *Race Hygiene and National Efficiency: The Eugenics of Wilhelm Schallmayer*. Berkeley: University of California Press, c1987, 1987. Disponível em: <<http://ark.cdlib.org/ark:/13030/ft596nb3v2/>>. Acesso em: 13 ago. 2013.

<sup>541</sup> Adepto da eugenia positiva Alfred Ploetz fundou a Sociedade Alemã para Higiene Racial, em 1905, com o intuito de aprimorar a saúde e a eficiência do povo alemão.

<sup>542</sup> Joseph Deniker ficou mais conhecido pelo seu racismo científico, ou seja, a utilização de hipóteses e técnicas supostamente científicas para amparar ou justificar a crença da inferioridade de algumas raças ou superioridade racial de outras. Realizou amplos trabalhos, inclusive de mapeamento e fluxo migratório, classificando indivíduos de diferentes fenótipos em raças ou etnias distintas.

<sup>543</sup> DIWAN, Ibidem. p. 65.

<sup>544</sup> HERF, Jeffrey. *O Modernismo Reacionário: tecnologia, cultura e política em Weimar e no Terceiro Reich*. São Paulo: Ensaio/Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.



[...] entre os conceitos de povo e espaço foram elaborados a partir de uma série de mitos, como o da *Deutschtum* (germanidade), cuja radicalização expressou-se em outro mito: o do sangue e solo (*Blut und Boden*), resultante da ligação íntima entre raça e espaço, que fomentou uma forma de racismo, aceito como científico, e incluído de algum modo em algumas disciplinas universitárias na Alemanha<sup>545</sup>.

No pós-Grande Guerra havia, de um lado, uma Alemanha intensamente industrializada e em crise, mas que tentava se reerguer, e, do outro, uma Alemanha rural, considerada detentora do material genético e espiritual da raça germânica. Essas duas partes, até então antagônicas, ansiavam por um reconhecimento mesmo que tardio de seus valores. Esta situação fez com que muitos cidadãos, das mais variadas camadas da sociedade, apoiassem um regime que parecia atender aos anseios da população. Em primeiro lugar, prometia reduzir as taxas de desemprego e inflação que assolavam a nação, promovendo o crescimento econômico através de uma nova onda de nacionalismo. Em segundo lugar, pregava a união entre a sociedade industrial e as tradições seculares alemãs, intensamente presentes no imaginário camponês, promovendo a integração de todas as comunidades de origem germânica. Essa integração era defendida num discurso que se baseava na ideia de luta contra as humilhações impostas à Alemanha, com a assinatura do “Tratado de Paz” em Versalhes, em 1919 que resolveu artificialmente as divergências entre as potências europeias. A situação da Alemanha após a Primeira Guerra foi agravada, de um lado, pela desilusão democrática decorrente das desastrosas decisões tomadas pelos governantes na República de Weimar, presidida entre os anos de 1925 e 1933 pelo herói de guerra von Hindenburg, ineficiente no seu objetivo de produzir desenvolvimento e gerar coesão dentro da sociedade alemã. Além disso, foi afetada também pela grande depressão econômica iniciada 1929 que atingiu toda a Europa quando, com a proliferação de ideologias de direita, surgiram líderes fascistas. Contudo, em nenhum destes países foi conduzido um projeto como o implantado na Alemanha.

Assim, aproveitando este contexto, aparece Adolf Hitler que institui suas metas, as quais seriam atingidas afastando do imaginário alemão as dúvidas que pairavam no ar, estabelecendo uma ordem nazista, fundadas em “verdades” embasadas na bélica herança histórica estabelecida desde von Bismarck, “incentivador” da unidade alemã.

---

<sup>545</sup> SILVA, Altiva Barbosa da. A Geopolítica Alemã na República de Weimar: o Surgimento da Revista de Geopolítica. In: *Estudos Geográficos*, Rio Claro, 1 (2), dez. 2003, p. 5. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm>>. Acesso em: 11 dez. 2013.

Entretanto, o [que o] nazismo [realmente] oferecia, mais do que tudo, [era] um ideal revolucionário cuja base é a comunidade racial germânica. Hitler acreditava que o principal papel do Estado era promover a “higiene racial” e evitar a mistura racial. A revolução prometia a criação do Homem Novo - ariano - contra seus corruptores: os judeus e [muitos] outros. Estes seriam os bodes expiatórios que sofreriam a convergência de ódios e rancores que possibilitariam um apaziguamento da sociedade<sup>546</sup>.

Os nazistas viram a possibilidade de empregarem os conceitos de “raça nórdica” e de “higiene racial” em seu discurso, utilizando como um dos alicerces de sua ideologia a defesa do “sangue puro ariano”. A utopia do corpo saudável e belo, largamente explorada pela propaganda nazista ao mesmo tempo em que se contrapunha a realidade alemã, encontrava respaldo em uma população marcada no elevado número de combatentes mutilados na Primeira Guerra Mundial. Estas ideias estavam em sintonia com as ciências biológicas da época e eram consideradas essenciais para a saída da crise econômica e da instabilidade social nas quais a nação se encontrava mergulhada. Assim, podemos também observar que a *eugenia* “na Alemanha está diretamente ligada à ascensão de Hitler ao poder, em 1933. No entanto, não é verdadeiro dizer que as ideias eugênicas pertencem exclusivamente à ideologia nazista”<sup>547</sup>. A difusão do conceito de eugenia na Alemanha apresenta no outro extremo, característico do discurso nacional-socialista, “o antissemitismo, mas isso não quer dizer que a eugenia seja antissemita”<sup>548</sup>.

Num contexto de “institucionalização do antissemitismo”, a presença do judeu era vista como danosa à ideia nazista de formação de raça pura e povo homogêneo e o mesmo se aplica ao estrangeiro, ou àquele que não tem sangue alemão.

Hitler, segundo observações de Erich Fromm, padecia de um “complexo necrófilo”, ao qual associava a pessoa do judeu. Temia a sífilis, a tuberculose, o veneno, a sujeira, o perigo de ser contaminado. Os judeus envenenariam o sangue e a alma dos alemães; eles vinham de fora, e o que é forasteiro é venenoso, penetra sub-repticiamente, como a sífilis. Não havia outra medida senão extirpá-los<sup>549</sup>.

Com o objetivo de implantar uma nova ordem biológica, social e espiritual, o antissemitismo se transformou em política de Estado, e a sociedade alemã, influenciada pelos mitos medievais, não se preocupou com o que ocorria. Assim, já no poder, no ano de 1933 o

---

<sup>546</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. O nazismo e a produção da guerra. In: *Revista USP*, São Paulo, n. 26, jun./jul./ago. 1995.

<sup>547</sup> DIWAN, Ibidem. p. 63.

<sup>548</sup> Idem, Ibidem. p. 65.

<sup>549</sup> LENHARO, Alcir. *Nazismo: “O triunfo da vontade”*. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2001. p. 86-87.

próprio *Führer* em seu programa de reerguimento da Alemanha enviado ao parlamento, empregava expressões como: a construção de *eine wirkliche Volksgemeinschaft* (uma verdadeira comunidade popular) e *eine durchgreifende moralische Sanierung des Volkskörpers* (saneamento moral drástico do corpo social)<sup>550</sup>, numa clara evidência da influência de ideias eugenistas em seu governo<sup>551</sup>. Segundo Szklarz:

O historiador inglês Norman Cohn, da Universidade de Sussex, constatou isso ao ler interrogatórios de ex-membros das SS, as tropas de repressão nazistas. O genocídio dos judeus foi motivado pela ideia de que eles eram conspiradores decididos a dominar a humanidade - uma versão secularizada da ideia de feiticeiros empregados por Satanás, afirma Cohn no livro *Conspiração Mundial dos Judeus: Mito ou Realidade?*<sup>552</sup>

[...]

No discurso de alguns ideólogos nazistas, era uma medida sanitária. Quase como exterminar ratos<sup>553</sup>.

O que dizer das feições de Paul Joseph Goebbels? O próprio Ministro da Propaganda do Reich, de 1933 a 1945, possuía cabelos castanhos, estatura baixa e corpo franzino, além de manco, pois, como ele próprio explicou, teria sido atacado pela osteomielite quando criança; não se sabe se poderia trazer um dos reprováveis “defeitos de nascença”. Mas, o fato é que, durante o período nazista, “centenas de milhares de pessoas foram esterilizadas compulsoriamente e mais de seis milhões perderam suas vidas em nome da higiene da raça, não somente na Alemanha, mas em todos os territórios ocupados durante a Segunda Guerra Mundial”<sup>554</sup>.

Seguindo os preceitos motivadores do desenvolvimento do físico em detrimento do intelecto, com o objetivo de demonstrar ao mundo a superioridade da raça nórdica, e consequentemente a ariana, no dia 25 de novembro de 1935 foi emitida uma série para a divulgação dos 4º Jogos Olímpicos de Inverno, em Garmish-Partenkirchen/Alemanha, que seriam realizados entre os dias 6 e 16 de fevereiro de 1936 (figura 126 a figura 128).

<sup>550</sup> Hitler sempre utilizava terminologias biológicas ao se referir aos judeus, associando-os a falta de higiene, a sujeira e a doenças, além da prostituição. In: KERSHAW, Ibidem. pp. 72-712.

<sup>551</sup> GELLATELY, Robert. Hingeschaut und weggesehen: Hitler und sein Volk. p. 27. In: LUZ, Enrique. “O Eterno Judeu”: Anti-Semitismo e Antibolchevismo nos Cartazes de Propaganda Política Nacional-Socialista (1919-1945). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História, UFMG, Belo Horizonte, 2006.

<sup>552</sup> COHN, Norman. *A Conspiração Mundial dos Judeus: Mito ou Realidade?* Análise dos protocolos e outros documentos. São Paulo: Ibrasa, 1969.

<sup>553</sup> SZKLARZ, E. O fascínio do nazismo. In: *Super Interessante*. São Paulo: Abril Cultural, ed. 215, p. 36-46, jul. 2005.

<sup>554</sup> DIWAN, Ibidem. p. 64.



Figura 126 – Selos n° 559 - 6 Pfg. + 4 Pfg.  
Eisschnellläufer (patinadora no gelo)



Figura 127 – Selos n° 560 - 12 Pfg. + 6 Pfg.  
Schispringer (saltador de esqui)



Figura 128 – Selos n° 561 - 25 Pfg. + 15 Pfg.  
Bobfahrer (equipe de bobsled de quatro homens)  
Fonte: Acervo do Autor

Filatelicamente falando, esta demonstração de força não ficou apenas na emissão desta série composta por três selos, outros selos postais foram emitidos no dia 9 de maio de 1936, para divulgação dos XI Jogos Olímpicos de verão (figura 129 a figura 136), realizada em Berlim, entre os dias 01 e 16 de agosto de 1936.

Purificar a raça. Aperfeiçoar o homem. Evoluir a cada geração. Se superar. Ser saudável. Ser belo. Ser forte. Todas as afirmativas anteriores estão contidas na concepção de eugenia. Para ser o melhor, o mais apto, o mais adaptado é necessário competir e derrotar o mais fraco pela concorrência. Luta de raças<sup>555</sup>.

As Olimpíadas de Inverno e os Jogos Olímpicos foram a oportunidade perfeita para o Terceiro Reich mostrar o trabalho de depuração da raça ariana levado a cabo pelo Estado, apresentando seu novo país nascido após a Primeira Guerra Mundial. O esporte, relacionado às festividades, era encarado como aglutinador social e uma oportunidade de reunir as pessoas em torno de suas ideias, principalmente no que se refere ao seu emprego como ferramenta moral. Transformava-se, assim, “num veículo para a política e a propaganda como jamais fora. A estética do poder nazista nunca teria uma plateia tão ampla”<sup>556</sup>.

<sup>555</sup> DIWAN, Ibidem. p. 21.

<sup>556</sup> KERSHAW, Ibidem. p. 391.

Mas o preço social pago pelos cidadãos alemães foi enorme, muitos considerados não desejados perderam tudo em nome da propaganda nazista. A tal ponto que...

Os arredores de Berlim foram limpos, tirando ciganos, judeus e qualquer tipo de presença, sinal ou costume não-ariano. Houve uma camuflagem da Alemanha e por algumas semanas, apesar de toda a repressão, tentou-se passar a imagem de que todos eram respeitados, independente de sua etnia e raça<sup>557</sup>.



Figura 129 – Selos nº 565 - 3 Pfg. + 2 Pfg.  
(Barra horizontal)



Figura 130 – Selos nº 566 - 4 Pfg. + 3 Pfg.  
(Salto Ornamental)



Selos nº 567 - 6 Pfg p. + 4 Pfg.  
(Futebol)



Figura 131 –  
Figura 132 – Selos nº 568 - 8 Pfg. + 4 Pfg.  
(Arremesso de dardo)



Figura 133 – Selos nº 569 - 12 Pfg. + 6 Pfg.  
(Corrida da tocha)



Figura 134 – Selos nº 570 - 15 Pfg. + 10 Pfg.  
(Esgrima)



Figura 135 – Selos nº 571 - 25 Pfg p. + 15 Pfg.  
(Remo)



Figura 136 – Selos nº 572 - 40 Pfg. + 35 Pfg.  
(Hipismo)

Fonte: Acervo do Autor.

<sup>557</sup> MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. Jogos Olímpicos de Berlim 1936: o uso do esporte para fins nada esportivos. In: *LOGOS: Comunicação & Universidade* - Faculdade de Comunicação Social - UERJ, Rio de Janeiro, edição nº 36, v. 19, nº 01, 1º semestre 2012. p. 102.

Estes selos, devido a suas características comemorativas e por serem colecionáveis, ficaram disponíveis nas agências dos correios em quase todos os locais de eventos esportivos, durante os Jogos Olímpicos de verão. O interessante deste evento esportivo internacional foi o fato de ter sido um dos primeiros a ter cobertura televisiva e ao vivo, sendo criadas vinte e cinco salas especiais de televisão para visualização das disputas em Berlim, permitindo o acompanhamento das festividades e dos jogos pelos moradores gratuitamente.

Subsequentemente, foram lançados dois blocos também para comemorar os XI Jogos Olímpicos de 1936 (figura 137 e figura 138). Em suas margens estavam gravados como filigrana (marca d'água): *XI OLYMPISCHE SPIELE* (XI Jogos Olímpicos) e *BERLIN 1936*, acima e abaixo dos selos, respectivamente. Foram emitidos pelo Terceiro Reich em 1º de agosto de 1935, o dia da abertura dos Jogos Olímpicos de verão em Berlim e incluíram as oito imagens emitidas em maio, no formato de selos denteados.



Figura 137 – Bloco nº 4



Figura 138 – Bloco nº 5

Fonte: Acervo do Autor.

“Mas os jogos, desprovidos de finalidade, podem associar-se a determinados fins e objetivos”<sup>558</sup>. Extremamente explorados politicamente, desde o início os nazistas ritualizaram os Jogos Olímpicos de tal maneira que o transformaram em sinônimo de pompa e modernidade. O próprio Adolf Hitler oficializou sua abertura. Apesar de suas tentativas de passar a ideia da realização de uma das maiores olimpíadas da história, símbolo da fraternidade universal entre os povos, “as cerimônias, os desfiles e os uniformes deixavam a impressão militar e belicosa aparentes”<sup>559</sup>. Nos dizeres de Hermann Goering, os:

Jogos Olímpicos são terrenos férteis para testes o espírito de competição, que não é somente o alicerce da felicidade e a segurança das Nações, mas do

<sup>558</sup> LURKER, Ibidem. *Dicionário de Simbologia*. Tradução de Mário Krauss e Vera Barkow. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 363.

<sup>559</sup> SIGOLI, Mário André; DE ROSE JUNIOR, Dante. A história do uso político do esporte. In: *Revista Brasileira de Ciência e Movimento* - UCB, Brasília, DF, v. 12, nº 2, jun. 2004. p 111-119.

desenvolvimento humano de uma maneira geral. Além da demonstração de bravura, auto-sacrifício e perseverança que pertencem à nobreza<sup>560</sup>.

Um dos eventos mais explorados foi o traslado da tocha olímpica, receptáculo do...

[...] “Fogo Sagrado”, aceso desde a Olimpíada de Amsterdã, em 1928, tinha agora como fonte Olímpia, o berço dos Jogos. A cerimônia de transmissão da chama olímpica iniciou-se em Olímpia em 20 de julho de 1936. Após percorrer sete países, contando com a participação de mais de 3.000 corredores, a chama olímpica chegou a Berlim em 1º de agosto de 1936, dia da abertura dos Jogos. O sucesso foi tão grande que o evento encontrou ressonância no âmbito internacional e se tornou, a partir de então, parte integrante do conjunto de cerimônias protocolares dos Jogos Olímpicos, [mas] mantido graças a uma reinterpretação que possibilitou à tocha olímpica adquirir status de símbolo da fraternidade universal<sup>561</sup>.

Envolta em grande pompa, pela primeira vez na história uma equipe de corrida de revezamento conduziu a tocha olímpica de Olímpia na Grécia, até a Vila Olímpica na Alemanha. Realizava-se, assim a “sacralização” do espaço destinado aos Jogos, que passava a ser revestido de um caráter ritualístico e místico.

Se Adolf Hitler queria estes Jogos Olímpicos para demonstrar a “superioridade” dos atletas do Terceiro Reich, pode se dizer que alcançou tal objetivo. No entanto, os jogos não transcorreram sem polêmicas, houve algumas repercussões negativas. Considerado por alguns como um presságio dos terríveis acontecimentos ligados ao antissemitismo que viriam a ocorrer, a atleta detentora do recorde nacional alemão no salto em altura, Gretel Bergmann ou Margaret Bergmann-Lambert<sup>562</sup>, foi informada duas semanas antes dos Jogos Olímpicos começaram, por funcionários alemães, que por ser judia havia sido excluída da equipe olímpica feminina. Este ato tirou a possibilidade alemã de conquistar a medalha de ouro na modalidade.

Mas não só os nazistas retiraram atletas das competições por eles serem judeus, os norte-americanos afastaram da equipe de revezamento 4x100, os velocistas Sam Stoller e Marty Glickman. Foi divulgado à época que os dirigentes da equipe dos EUA não desejavam

<sup>560</sup> GOERING, Hermann. “*Olympic Games are the testing grounds for the competitive spirit, which is not only the foundation of happiness and the security of nations, but of human progress in general. To the courageous, self-sacrificing and persevering belongs the crown*”. In: RICHTER, Friedrich (Ed.). *The XITH Olympic Games - Berlin, 1936*. Official Report. BERLIN: Wilhelm Limpert-Verlag, 1937. v. 2.

<sup>561</sup> CORNELSEN, Élcio Loureiro. Olímpia a serviço de Alemanha: a recepção da arte e da tradição olímpica da Grécia antiga no contexto dos Jogos Olímpicos de Berlim. In: *Clássica – Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos*, São Paulo, v. 19.2, jul./dez. 2006. p. 215.

<sup>562</sup> UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Disponível em: <[http://www.ushmm.org/museum/exhibit/online/olympics/detail.php?content=jewish\\_athletes&lang=en](http://www.ushmm.org/museum/exhibit/online/olympics/detail.php?content=jewish_athletes&lang=en)>. Acesso em: 12 ago. 2013.

que os dois atletas judeus causassem embaraços ao *Führer* com possíveis vitórias, o que podemos considerar como estranho, pois, permitiram que o atleta afro-americano Jesse Owens participasse. Este fato sim gerou um estrondoso embaraço ao líder nazista que, para não cumprimentá-lo, resolveu não assistir a mais nenhuma das apresentações que se seguiram, incluindo as vitórias de Owens, que sobrepujou os superatletas arianos.

Neste clima de caça às bruxas ou de perseguição aos judeus, “dois dias após o final dos Jogos Olímpicos, o Capitão Wolfgang Fuerstner, chefe da Vila Olímpica, suicidou-se ao saber que havia sido demitido dos serviços militares por ser de origem judaica”<sup>563</sup>.

[...] A “limpeza étnica” nazista tomou como base os impulsos purificadores da medicina e da saúde pública do século XX, na ânsia dos eugenista em erradicar os defeitos e os impuros, a estética do corpo perfeito e uma racionalidade científica que rejeitava os critérios morais. Já foi sugerido que os antiquados *pogroms* teriam levado duzentos anos para completar o que a tecnologia avançada atingiu em três anos de Holocausto<sup>564</sup>.

Não só na Alemanha, como em outras partes do mundo, a eugenia estabeleceu preceitos a serem seguidos também pela educação, educação física, educação sexual e higiene, além do controle da imigração, estabelecimento de legislação específica, e controle genético do cruzamento de pessoas consideradas prejudiciais à sociedade, tudo isto amparado pelo discurso do melhoramento da “raça humana”. A influência desses preceitos pode ser observado no selo abaixo. Emitido em 28 de janeiro de 1938, esta série foi emitida em comemoração ao 5º aniversário do Regime Nacional-Socialista (figura 139), nele aparecia a inscrição: *zum 30 Januar* (para o 30 de janeiro), data da posse de Adolf Hitler como chanceler de Hindenburg em 1933.



Figura 139 – Selo nº 603 - 6 Pfg. + 4 Pfg. e Selo nº 604 - 12 Pfg. + 8 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor

<sup>563</sup> Idem. <<http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005680>>. Acesso em: 12 ago. 2013.

<sup>564</sup> PAXTON, Robert Owen. *A Anatomia do Fascismo*. Tradução de Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 33.



Os dois selos foram emitidos pelo Terceiro *Reich* para comemorar o quinto aniversário da tomada do poder pelos nazistas. É visível a influência grega clássica do culto ao corpo<sup>565</sup>, por meio de uma figura que combinava o padrão de beleza antigo com as dimensões do padrão estético que norteava o imaginário do nazismo, ou seja: jovem, viril, branco, loiro, olhos claros e o físico mostrando todos os contornos característicos presentes no discurso eugenista nacional-socialista. Exemplo da exaltação à beleza clássica, à perfeição, ao vigor e à pureza racial, a figura estampada no selo faz uma ligação entre a Antiguidade clássica grega e o “presente” nazista, materializado na representação do atleta alemão, que o filme “Olympia” transforma em “[...] um hino à perfeição, [fazendo] claras referências a uma juventude sadia e forte que ocupará um importante papel não só nos campos de provas, mas nas fábricas e nos fronts de guerra”<sup>566</sup>.

O jovem alemão segura em uma das mãos uma tocha e na outra, ramos de louro. O significado simbólico da tocha está ligado “ao poder do fogo de purificar e defender contra os demônios”<sup>567</sup>. A purificação da raça ariana, predestinada ao domínio de todas as outras raças e ao mesmo tempo à aniquilação dos “demônios”, os que se infiltraram dentro da sociedade germânica e maculavam seu sangue, os judeus; e os que haviam apunhalado a Alemanha pelas costas, os comunistas, que em algumas ocasiões poderia ser a mesma “pessoa”. A corrida com a tocha percorrendo os campos simbolizaria a fertilidade. O louro<sup>568</sup>, o “símbolo da vitória, da Paz e (como planta sempre verde) da imortalidade”<sup>569</sup>. No período clássico greco-romano, atletas, artistas e generais eram engrandecidos com uma coroa de louros<sup>570</sup>, que simbolizava “as virtudes apolíneas, a participação nessas virtudes pelo contato com a planta sagrada e, em consequência, uma relação particular com o deus, que assegurava sua proteção e transmitia uma parte de seus poderes”<sup>571</sup>.

---

<sup>565</sup> O próprio partido nazista, organizado dentro de uma lógica militar, possuiu seção de esporte e ginástica que preparou suas tropas de elite, as SA. Cf: CAPELATO, Maria Helena Rolim. O nazismo e a produção da guerra. In: *Revista USP*, São Paulo, n. 26, jun./jul./ago. 1995. p. 88.

<sup>566</sup> MELO, Victor Andrade de. Jogos Olímpicos e Arte: Olympia - LENI RIEFENSTAHL. In: \_\_\_\_\_; PERES, Fabio de Faria (Orgs.). *O esporte vai ao cinema*. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2005.

<sup>567</sup> LURKER, Ibidem. p. 724.

<sup>568</sup> Louro, do latim: *Laurus*.

<sup>569</sup> LURKER, Ibidem. p. 400.

<sup>570</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.2 OS SELOS DO REICH - Simbologia Geral - Águia, Suástica, Saudação...

<sup>571</sup> CHEVALIER; GHEERBRANT, Idem, Ibidem. p 561.

Os cavalos ao fundo, atrelados a uma biga<sup>572</sup>, se no sentido de transmitir movimento e se associados à tocha, podem assumir também uma ação fertilizadora, representada pela corrida com a tocha pelos campos<sup>573</sup>. Assim, a coroação do ser supremo, símbolo da beleza máxima e da fertilidade ariana, digno do reconhecimento mundial. A apropriação dos ideais greco-romanos, muito contribuiu para legitimação político-ideológica dos nazistas.

“Na convicção de que só as pessoas sadias podem produzir resultados máximos em todos os empreendimentos, são os trabalhadores, de ambos os sexos, frequentemente examinados por médicos e médicas especialmente contratados para esse fim, os quais, se necessário, ordenam as medidas indispensáveis (mudança do lugar de trabalho, férias especiais, internamento numa estação de repouso, etc.)<sup>574</sup> .

Com imagens filmadas nos asilos, o “Escritório Político e Racial Nacional-Socialista produziu cinco filmes mudos [...] entre 1935 e 1937”<sup>575</sup>, com o objetivo de chocar a opinião pública e convencê-la da necessidade de eliminar as vidas “inúteis” que consumiam grande quantidade de recursos que poderiam ser revertidos para o “bem” do povo alemão. No ano seguinte a esta emissão, 1939, Hitler iniciou a execução de seu plano de eliminação dos seres considerados inferiores, a *Aktion-T4* (Ação-T4)<sup>576</sup>, com a colaboração de profissionais da Liga dos Médicos Nacional-Socialistas<sup>577</sup> e simpatizantes, as *lebensunwertes Leben* (Vida indigna da vida; “Vidas que não valem a pena viver”)<sup>578</sup>, que abrangiam deficientes físicos e mentais, doentes incuráveis e velhos começaram a ser exterminados em nome da pureza racial.

[...] Coincidentemente [ou não], o decreto que determinava o assassinato dos doentes incuráveis foi emitido no mesmo dia em que a guerra foi declarada. Vale lembrar também como, a par dos campos de batalha, o nazismo aperfeiçoou a máquina de morte e destruição em outros campos - os de concentração -, na sanha de chegar à “solução final”. [...] Os campos [de concentração] serviam como laboratório, espaços sociais de experimentação

<sup>572</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.2 OS SELOS DO REICH - Simbologia Geral - Águia, Suástica, Saudação...

<sup>573</sup> LURKER, Ibidem. p. 725.

<sup>574</sup> *A Alemanha Social*. São Paulo: Empresa Editora Aurora Alemã Ltda., 1941. p. 15.

<sup>575</sup> KERSHAW, Ibidem. p. 564.

<sup>576</sup> A *Aktion-T4* foi criada em 1939 para o “programa de eutanásia” nazista que, devido ao número considerável de “elegíveis” (por estimativa dos próprios médicos as cifras giravam em torno de 60 mil pacientes), necessitava de instituições de fachada para que fosse colocado em prática sem chamar a atenção. Assim, foram criadas a Associação dos Asilos do *Reich*, destinada ao levantamento real destes pacientes; a Fundação Comunitária de Pacientes, com o intuito de “cuidar de questões de pessoal e finanças” e o Transporte Comunitário de Pacientes, para cuidar do traslado. Sua sede ficava numa casa simples em “Berlim-Charlottenburg, na Tiergartenstrasse, nº 4, de onde toda a ‘ação de eutanásia’ tirou seu codinome ‘T4’”. In: KERSHAW, Ibidem. p. 567.

<sup>577</sup> KERSHAW, Ibidem. p. 562.

<sup>578</sup> Idem, Ibidem.

de um modelo perfeito para um regime de domínio total a ser aplicado em larga escala<sup>579</sup>.

Pois, Hitler já havia se manifestado em iniciar seus “planos de promover a eutanásia” na eventualidade de uma guerra. Segundo Kershaw “estima-se que em meados de 1940”, somente no *Reichsgau*<sup>580</sup> de Posen na Polônia anexada, as ações dos *SS-Sonderkommando Lange*<sup>581</sup> (SS- Comando Especial Lange)<sup>582</sup> “já haviam tirado a vida de 10 mil vítimas [na sua maioria doentes mentais]”, sendo utilizados neste local “protótipos de vans de gás móvel”<sup>583</sup>. Em decorrência da pressão nacional e internacional, os planos de eutanásia nazista foram alterados no ano de 1941, as “eliminações” realizadas por desnutrição decorrente da diminuição e/ou empobrecimento da dieta alimentar dos pacientes que foi substituída pelo “assassinato por incineração”. Com o pretexto da necessidade de transferência de instituição médica, muitas vezes ocorridas durante a noite, pais desesperados nunca mais souberam do paradeiro de seus filhos antes internados.

Na primeira fase foram mortos, aproximadamente, 60 mil pacientes. Ao completar 10 mil incinerações, houve celebração, até hoje, parentes das vítimas se perguntam o que ocorreu com seus familiares que desapareceram dos hospitais sem conhecimento da família<sup>584</sup>.

Assim, em agosto de 1941, quando a *Aktion-T4* (Ação-T4) foi suspensa, “a quantidade-alvo estabelecida pelos médicos no verão anterior havia sido superada. Até essa data, somente no âmbito da Ação-T4 calcula-se que entre 70 e 90 mil pacientes foram vítimas do ‘programa de eutanásia’ de Hitler”<sup>585</sup>. Ao contrário do procedimento de extermínio de ciganos, comunistas, eslavos, judeus, homossexuais, etc., o “programa de eutanásia” nazista não foi muito difundido dentro e fora da Alemanha após o final da guerra.

<sup>579</sup> LENHARO, Ibidem. p. 77-78.

<sup>580</sup> O termo *Reichsgau* se refere à subdivisão administrativa criada em uma série de áreas anexas pelos nacional-socialistas à Alemanha entre os anos de 1938 e 1945.

<sup>581</sup> O *Sonderkommando Lange* ou *Kommando Lange* recebeu esta designação por ter sido comandado por Herbert Lange (1909-1945), oficial das SS alemã que, como membro da Gestapo, liderava a força-tarefa epônima já em 1939. Em dezembro de 1941, foi designado comandante do Campo de Extermínio de Chelmnô, o primeiro em território polonês, onde permaneceu no posto até abril de 1942, gerenciando a construção e a operação da primeira câmara de gás nazista.

<sup>582</sup> No início de 1940, a *Sonderkommando Lange*, subordinado diretamente ao RSHA em Berlim, recebeu a tarefa de exterminar os doentes mentais na *Reichsgau* Posen, posteriormente chamada *Reichsgau Wartheland*, sendo equipadas com “caminhões de gás”, percorrendo os hospitais e matando os pacientes utilizando o monóxido de carbono.

<sup>583</sup> KERSHAW, Ibidem. p. 568.

<sup>584</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. O nazismo e a produção da guerra. In: *Revista USP*, São Paulo, n. 26, jun./jul./ago. 1995.

<sup>585</sup> KERSHAW, Ibidem. p. 568.

### 3.6 OS SELOS DO *REICH* - Grande *Derby*

Símbolos que remetem à figura de um cavalo estão presentes na história da humanidade antes mesmo do aparecimento da escrita. Em algumas culturas, é atribuída ao cavalo (da mesma maneira como em outras se atribui à água) a capacidade de prever o futuro. Entre os povos indo-europeus estava associado à alma em ascensão<sup>586</sup>. A corrida de cavalos é um dos mais antigos esportes de que se tem notícia na história da humanidade. “Da Antiguidade conhecemos corridas de cavalos e competições por ocasião da celebração dos mortos e dos cultos aos deuses Delfos e Olímpia: também aqui visava-se, originalmente, a uma ação simbólica mágico-cultural [...]”<sup>587</sup>. No final do século XVIII e início do século XIX tornou-se um dos passatempos mais populares da Europa, quando os Hipódromos ficavam repletos de fãs e de *jokeys*, extremamente assediados.

A temática do cavalo poderia ser analisada dentro da categoria “Corpo e Esportes, Antissemitismo e Racismo”. No entanto, devido à sua peculiaridade e importância com relação às emissões, decidimos analisá-la à parte, por ser um assunto ligado, também, à depuração de uma raça superior de equinos pelos que se consideravam a raça superior dos humanos.

Inicialmente, devemos analisar o que é um *Derby*. Uma das vertentes que explicam a origem do termo nos remete às corridas de cavalo criadas por Edward Smith-Stanley, 12º conde de Derby. Estes eventos já vinham ocorrendo por volta de 1780, na pista de Epsom Downs, na localidade de Epsom, Inglaterra. Logo, ficaram conhecidos internacionalmente como o *Derby* de Epsom e se transformaram em um grande acontecimento social. Com o

---

<sup>586</sup> LURKER, Manfred. *Dicionário de Simbologia*. Tradução de Mário Krauss e Vera Barkow. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 123.

<sup>587</sup> Idem, *Ibidem*. p. 365.

passar do tempo, o termo passou a se referir a qualquer corrida de cavalo que ocorresse com certa frequência, e serviu até mesmo para designar partidas de futebol.

Devido à sua crescente popularidade, os hipódromos a cada evento atraíam mais participantes e entusiastas e se tornaram um local de pompa e lazer onde se reuniam as classes dominantes. Além disso, eram pontos de encontro para inúmeros espectadores, principalmente apostadores e amantes dos cavalos. No ano de 1868 foi criado em Viena o *Derby* Austríaco e em 1869 foi criado em Hamburgo o originalmente chamado de *Norddeutsches Derby* (Derby do Norte da Alemanha), renomeado em 1889 para *Deutsches Derby* (Derby da Alemanha), apresentado como o equivalente alemão ao *Derby* inglês. Nele, eram conferidas faixas azuis aos vencedores, também conhecida como *Blaues Band* (Fita Azul). Durante a Segunda Guerra Mundial foi novamente renomeado, passando a ser conhecido como *Grosser Deutschlandpreis der Dreijährigen* (Grande Prêmio da Alemanha de Três Anos de Idade) e somente em 1945, o *Derby* não foi realizado<sup>588</sup>. Notemos que os todos os selos referentes ao *Hamburger Derby* foram impressos na cor azul.

O primeiro selo em homenagem ao *Derby* de Hamburgo foi emitido em 18 de junho de 1939, em comemoração ao 70º aniversário do prêmio. O selo nº 637 (figura 140) apresenta a alegoria de um jóquei devidamente paramentado montado em seu cavalo e a inscrição na parte superior: *70 JAHRE DEUTSCHE DERBY* (70 Anos do Derby Alemão), e as datas: 1869-1939.



**Figura 140 – Selo nº 637 - 25 Pfg. + 50 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.**

O segundo selo em homenagem à “Fita Azul” foi lançado no dia 22 de junho de 1940, para divulgar o *Deutsches Derby* (Derby da Alemanha), em Hamburgo, no dia 30 de junho de 1940 (figura 141). A alegoria apresentada faz referência a membros do Terceiro

<sup>588</sup> SIEGERN GROßER GALOPPRENNEN. Disponível em:  
<<http://www.galopp-sieger.de/galoppsieger/sieger?rennkz=DD&backlink=0>>. Acesso em: 10 jun. 2013.

Império Alemão. O jóquei está paramentado com o que parece ser o uniforme e o quepe característico dos nazistas e não com os trajes típicos de um *Reiter* (guia) típico, como no selo anterior. Clara propaganda referente ao Partido, que queria demonstrar a habilidade e profissionalismo de seu corpo de cavalaria. Apresenta na parte superior a inscrição: *GROSSER DEUTSCHLANDPREIS DER DREIJÄHRIGEN* (Grande Prémio da Alemanha de Três Anos de Idade) e *HAMBURG/30.06.1940*, referente ao local e data de sua realização na parte inferior.



Figura 141 – Selo nº 671 - 25 Pfg. + 100 Pfg.



Figura 142 – Selo nº 703 - 25 Pfg. + 100 Pfg.

Fonte: Acervo do Autor.

Para a divulgação da Corrida da Fita Azul em Hamburgo – evento que ocorreu no dia 29 de junho de 1941 – foi lançado no dia 20 de junho o selo nº 703 (figura 142). Apresenta a mesma inscrição do selo anterior: *GROSSER DEUTSCHLANDPREIS DER DREIJÄHRIGEN* (Grande Prémio da Alemanha de Três Anos de Idade) e retrata a figura de um equino com cabresto, representando os animais de raça pura que faziam parte do *show* proporcionado nestes eventos. Abaixo do desenho do animal, apresentava o local e a data em que fora realizado o evento: *Hamburg/29.6.1941*.

O selo do ano de 1941 foi lançado no dia 09 de setembro do mesmo ano, o selo nº 727 (figura 143), em homenagem a Berlim foi realizado o *GROSSER PREIS DER REICHSHAUPTSTADT – 1941* (Grande Prêmio da Capital do Império - 1941), importante centro social e político para a elite germânica. Em 1943 e 1944, o *Deutsches Derby* foi realizado no Hipódromo de Hoppegarten<sup>589</sup>, nos arredores de Berlim, devido aos bombardeios que assolaram Hamburgo neste período.

<sup>589</sup> Idem. Disponível em: < <http://www.galopp-sieger.de/galoppsieger/sieger?rennkz=DD&backlink=0>>. Acesso em: 10 jun. 2013.



Figura 143 – Selo nº 727 - 25 Pfg. + 50 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

O selo apresenta o desenho do *Brandenburger Tor* (Portão de Brandemburgo)<sup>590</sup> em Berlim, obra prima da arquitetura alemã, pórtico<sup>591</sup> monumental com suas cinco passagens entre seis colunas dóricas inspiradas na estrutura de entrada da Acrópole de Atenas, o *Propileu*. Sua passagem principal no centro era reservada somente ao rei e seus convidados. Construído entre os anos de 1788 e 1791, o monumento de arenito em estilo neoclássico é considerado uma das maiores e mais belas criações do classicismo e principal símbolo da capital e da unidade alemã.

Está presente nesta seção não só em decorrência do motivo pelo qual foi emitido, mas também pela presença de um de seus principais ornamentos, a estátua da Quadriga da Vitória<sup>592</sup>, com a *Friedensgöttin Eirene* (Deusa da Paz Irene). A peça foi apoderada por Napoleão que, após a derrota da Prússia em 1806, a enviou para Paris como troféu de guerra. E por Adolf Hitler que, quando no poder em 1933, como prova de seu poder e carisma, fez com que as *Sturmabteilung – SA* (Divisões de Assalto) marchassem através do portão.



Figura 144 – Selo nº 728 - 25 Pfg. + 50 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

<sup>590</sup> DW. Disponível em: <<http://www.dw.de/1791-abertura-do-port%C3%A3o-de-brandemburgo/a-604274>>. <<http://www.berlin.de/orte/sehenswuerdigkeiten/brandenburger-tor/>>. Acesso em: 27 maio 2013.

<sup>591</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.2 OS SELOS DO REICH - Simbologia Geral - Águia, Suástica, Saudação...

<sup>592</sup> Quadriga – carro de duas rodas puxado por quatro cavalos que na mitologia grega aparece como a carruagem dos deuses e heróis. Na Roma antiga os triunfadores romanos utilizavam a quadriga em sua triunfal entrada na terra conquistada. Também foi utilizada como carruagem de corrida em competições, como as que aconteciam no Coliseu.

O selo acima (figura 144) foi emitido no dia 16 de junho de 1942 para divulgação do *Grosser Deutschlandpreis der Dreijährigen um das Blaue Band in Hamburg* (Grande Prêmio da Alemanha de Três Anos para a Faixa Azul em Hamburgo) ou 73º Derby de Hamburgo, realizado em 28 de junho do referido ano. O selo retrata um jóquei devidamente paramentado com sua vestimenta característica cavalcando um cavalo de corrida de três anos de idade.

Como vimos acima, a corrida para cavalos de três anos de idade foi iniciada em 1868. Entre 1940 e 1944 a versão do *Deutsches Derby* (Derby da Alemanha) realizado na Áustria recebeu o nome de *Grosser Preis von Wien* (Grande Prêmio de Viena), no *Galopprennbahn Freudenau* (Hipódromo de Freudenau), inaugurado em 1839 e localizado na cidade de Viena, Áustria.

No dia 14 de agosto do ano de 1943, nas vésperas do prêmio, foram lançados dois selos nº 777 e nº 778 (figura 145) divulgando a que viria a ser a penúltima edição do evento, realizado pouco antes do colapso do Terceiro *Reich*. Apresentavam, na parte superior, a inscrição: *GROSSER PREIS VON WIEN / 1943 / FREUDENAU* (Grande Prêmio de Viena / 1943 / Freudenau). No ano de 1943 o evento foi realizado no dia 15 de agosto.



Figura 145 – Selo nº 777 - 6 Pfg. + 4 Pfg. e Selo nº 778 - 12 Pfg. + 88 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

No mês de agosto de 1944 foi emitido o conjunto mostrado abaixo, para divulgação do Grande Prêmio do Freudenau ou Grande Prêmio Hípico de Viena (figura 146). Os selos desta série apresentam a ilustração da cabeça de um cavalo de corrida dentro de uma coroa de carvalho, com a inscrição: *GROSSER PREIS VON WIEN / 1943* (Grande Prêmio de Viena / 1943) na parte superior.





Figura 146 – Selo nº 822 - 6 Pfg. + 4 Pfg. e Selo nº 823 - 12 Pfg. + 88 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

Notemos que, na primeira série de Viena, aparece a inscrição: *DEUTSCHES REICH* (Império Alemão) na parte inferior dos selos e, na segunda série, a inscrição: *GROSSDEUTSCHES REICH* (Grande Império Alemão), alusão ao sonho de Hitler referente à instituição de um Estado que reunisse todos os povos de origem germânica e que duraria mil anos.

A *Braune Band von Deutschland* (Fita Marrom da Alemanha) foi uma corrida de cavalos de três a quatro anos de idade idealizada pelos nacional-socialistas em 1933, primeiro ano do governo de Adolf Hitler, realizado no *Galopprennbahn Riem* (Hipódromo de Riem), em Munique. Foi criada como uma “contraprova” para o Grande Prêmio de Baden, um das mais importantes corridas de cavalos da Alemanha, reconhecido internacionalmente, pois o NSDAP não conseguiu se apropriar do *Internationale Club* (Clube Internacional) organizador da corrida de Baden, dominado pela nobreza.

Hitler não poupou esforços na promoção de sua ditadura. A Fita Marrom da Alemanha, largamente utilizada pela propaganda nazista como forma de divulgação da ideologia nazista, contribuiu imensamente para a promoção da “glória” do regime, tanto nacional como internacionalmente. Foi declarada competição nacional e, na ocasião das corridas, eram emitidos selos e blocos comemorativos, além de carimbos especiais. A partir de sua criação, as corridas foram doravante chamadas *Das Braune Band* fazendo referência à cor regulamentar do uniforme do Partido Nazista. Note-se que os selos referentes ao *Braune Band* apresentam a coloração marrom.

Em comemoração à corrida patrocinada pelos nazistas, no dia 22 de junho de 1936 são lançados um selo e um bloco que celebram a *3. Rennen um “Das Braune Band” in München - Riem* (3ª Corrida “da Fita Marrom” em Munique - Riem). Este selo, de número 579 (figura 147), foi emitido no valor de 42 Pfg.. Apresentava estampada a figura de três

jóqueis em seus cavalos durante uma corrida numa representação da competitividade na qual venceria o melhor, que, neste caso, significaria também o representante mais puro da raça ariana.

Na mesma ocasião foi lançado o bloco comemorativo nº 06 (figura 148), impresso em uma folha de 148x104mm, cujas margens possuem a filigrana *MÜNCHEN / RIEM* e 1936.



Figura 147 – Selo nº 579 - 42 Pfg.



Figura 148 – Bloco nº 06.

Fonte: Acervo do Autor.

Seguindo as comemorações anuais da Fita Marrom, no dia 1º de agosto de 1937, o Terceiro *Reich* reemitiu o bloco comemorativo nº 07, lançado no ano anterior sobrepondo no selo um carimbo com a inscrição: *1. AUGUST / 1937 / MÜNCHEN – RIEM* (1º AGOSTO / 1937 / MUNIQUE – RIEM), na cor vermelha<sup>593</sup> (figura 149). Este reimpressão fazia parte das comemorações da *4. Rennen um das Braune Band von München - Riem* (4ª Corrida da Fita Marrom de Munique, em Riem).



Figura 149 – Bloco nº 07. Fonte: Acervo do Autor.

Em 1938 foi realizada a *5. DAS BRAUNE BAND VON DEUTSCHLAND* (5ª Fita Marrom da Alemanha) e em sua comemoração foi lançado um selo no dia 20 de julho (figura 150). Este selo postal retrata a alegoria da *unbekleidete Siegesgöttin mit Siegerkranz auf*

<sup>593</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Capítulo 1 OS SELOS POSTAIS COMO FONTE HISTÓRICA - USOS E METODOLOGIA

*einem Pferd* (Deusa da Vitória nua com coroa de flores em um cavalo) montada em um cavalo, com uma coroa de louros na mão esquerda<sup>594</sup>. Vitória, a deusa romana da vitória (correspondente à Nike na mitologia grega), era frequentemente representada segurando a coroa de louros. “Num sentido mais amplo, Nike era, de modo geral, deusa da competição e personificava o espírito competitivo”<sup>595</sup>. Na arte sepulcral (esculturas, lápides, inscrições, epitáfios, etc.) as imagens das Vitórias representam o triunfo sobre a morte, imagem muito cara aos nazistas em sua incessante busca por heróis e no desejo de se perpetuarem no poder.



Figura 150 – Selo nº 612 - 42 Pfg. + 108 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

No dia 12 de julho de 1939, em comemoração a 6. *DAS BRAUNE BAND VON DEUTSCHLAND*, foi lançado o selo nº 639 (figura 151), no qual aparece um *Pferdebändiger mit 2 Pferden* (Domador de cavalos com 2 cavalos) rompantes (em posição de combate) seguros no cabresto.



Figura 151 – Selo nº 639 - 42 Pfg. + 108 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

O selo nº 670 (figura 152) mostrado abaixo foi emitido pelo Terceiro *Reich* em 20 de julho de 1940, para comemorar o acontecimento anual da 7. *DAS BRAUNE BAND VON*

<sup>594</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.2 OS SELOS DO REICH - Simbologia Geral - Águia, Suástica, Saudação...

<sup>595</sup> LURKER, Ibidem. p. 759.

*DEUTSCHLAND*. Retrata um *Kampfwagen des Altertums* (Carro de Combate da Antiguidade). O condutor, em uma das mãos, segura as rédeas que guiam os três cavalos que puxam sua biga<sup>596</sup>, e, na outra, traz uma coroa de louros. O “atleta, o campeão” apresenta entorno de sua cabeça uma auréola<sup>597</sup> de onde saem raios, como uma alegoria do sol irradiando sua luminosidade em volta. Na atualidade, os jóqueis passaram a assumir uma posição semelhante a dos condutores de carros da Antiguidade, a imagem do domínio para domar e conduzir os cavalos, simbolizando o instinto, a paixão.



**Figura 152 – Selo nº 670 - 42 Pfg. + 108 Pfg.**  
**Fonte: Acervo do Autor.**

Para a 8. *DAS BRAUNE BAND VON DEUTSCHLAND*, famosa corrida anual de cavalos, foi emitido no dia 20 de julho de 1941 o selo nº 704 (figura 153), abaixo. Apresentava a alegoria de *Zwei unbekleidete Amazonen* (Duas Amazonas nuas), conduzindo seus cavalos como em uma disputa de destreza. Em uma das mãos seguravam lanças e, na outra, escudos.



**Figura 153 – Selo nº 704 - 42 Pfg. + 108 Pfg.**  
**Fonte: Acervo do Autor.**

Segundo o mito grego, as Amazonas seriam mulheres que, após serem abandonadas por um antigo grupo de guerreiros, se juntam para formar uma nação de guerreiras na qual o

<sup>596</sup> Biga – carro de guerra com duas rodas, levado geralmente por dois cavalos, usado durante as idades do Bronze e do Ferro em combate. Existiam versões para transporte, jogos e cortejos. Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.2 OS SELOS DO REICH - Simbologia Geral: Águia, Suástica, Saudação...

<sup>597</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo - 3.3 OS SELOS DO REICH - Adolf Hitler.

número de homens é drasticamente reduzido, de forma a prevenir que eles reconquistem o poder. Ferozes saqueadoras eram frequentemente representadas em batalhas contra guerreiros gregos, nas chamadas amazonomaquias ou “retratos artísticos” que narravam suas lendárias batalhas contra os antigos gregos e que, como figuras estrangeiras, sempre sucumbiam em combate representando a vitória das civilizações helênicas sobre os povos bárbaros. Foram revisitadas no período medieval e renascentista e citadas em vários livros de viajantes que acrescentaram características masculinas ao grupo, dentre as quais a adoção de machados em suas armas de batalha.

Os escudos, armas defensivas extremamente antigas destinadas a proteger de golpes inimigos, são símbolos de invulnerabilidade e segurança atribuídas a divindades guerreiras e de proteção, muitas vezes associadas a forças mágicas. No cristianismo, a fé é comparada a um escudo, contra o qual nenhuma arma maligna consegue romper<sup>598</sup>. Os escudos redondos remetem ao clipeus romano, “símbolo da invulnerabilidade e de segurança”<sup>599</sup>; qualidade específica das divindades guerreiras e de proteção, como Palas Atena na Grécia e Marte em Roma. O gesto de levantar o escudo repetido especificamente pelos novos imperadores da cidade de Bizâncio, na antiga Grécia, era associado à ideia do “nascer do sol” do soberano<sup>600</sup>. Durante o período renascentista, o escudo passou a ser o atributo da força, da vitória e da castidade<sup>601</sup>.

A lança, juntamente com o dardo, também era considerada uma arma mágica que, assim como a espada, poderia receber um nome característico como o dardo de Wotan, Gungnir, e era “frequentemente relacionados aos raios do sol. [...] Em Roma a lança (*hasta*) era símbolo de Marte, deus da guerra. entre os germanos, o dardo erguido no centro da praça de assembleia era venerado como símbolo da justiça”<sup>602</sup>. Seu uso data de períodos pré-históricos e requer grande destreza em seu manuseio. A mais famosa lança no cristianismo é a pertencente ao centurião romano Longinus, que perfurou o tórax de Cristo durante a crucificação e que, a partir de então, teria adquirido a virtude de curar as feridas que havia causado<sup>603</sup>. Com a popularização das armas de fogo, seu uso em combate quase foi extinto, mas ainda foi utilizada na Segunda Guerra Mundial pelas unidades de lanceiros presentes no

---

<sup>598</sup> CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2009. p. 387.

<sup>599</sup> LURKER, Ibidem. p. 233.

<sup>600</sup> Idem, Ibidem. p. 234.

<sup>601</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 388.

<sup>602</sup> LURKER, Ibidem. p.381.

<sup>603</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 535.

Exército Polonês. Se comparadas às “ninfas do palácio de Vótan”<sup>604</sup> (as Valquírias), as Amazonas “passam de uma à outra conduzindo o herói morto na luta ao Paraíso de seus sonhos”<sup>605</sup>, uma das maiores aspirações dos “guerreiros” nacional-socialistas.



**Figura 154 – Selo nº 739 - 42 Pfg. + 108 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.**

O selo nº 739 (figura 154) mostrado acima foi emitido no dia 14 de julho de 1942 para divulgar a realização da 9ª Fita Marrom em Munique, no Hipódromo de Reim. Apresenta a figura de *3 Pferde und Schleifenband mit Inschrift* (3 Cavalos e a fita com a inscrição): *DAS BRAUNE BAND VON DEUTSCHLAND* e a data de lançamento do selo.

O selo nº 775 (figura 155) foi emitido no dia 27 de julho de 1943, para divulgação da *10. DAS BRAUNE BAND VON DEUTSCHLAND 1943*. Apresenta a figura de um *Jagdreiter* (Guia de Caça) tipicamente trajado, em cima de sua montaria e com sua trompa natural (trompa de caça) característica<sup>606</sup>. “O significado apotropaico de soprar a corneta (como em Heimdall<sup>607</sup>) está relacionado com a luz que vence as trevas”<sup>608</sup>.



**Figura 155 – Selo nº 775 - 42 Pfg. + 108 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.**

<sup>604</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, *Ibidem*. p. 929. Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.10 OS SELOS DO REICH - Música e Poesia.

<sup>605</sup> *Idem*, *Ibidem*. p. 928.

<sup>606</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.1 OS SELOS DO REICH – Selos.

<sup>607</sup> Heimdall – deus da mitologia nórdica responsável por guardar a ponte Bifrost ou ponte do Arco-íris, que leva ao mundo dos Aesir, Asgard. Seria o responsável por tocar sua corneta, *Gjallarhorn*, se qualquer inimigo se aproximasse e também para avisar aos deuses o início do *Ragnaröke*.

<sup>608</sup> LURKER, *Ibidem*. p. 155-156.

E o selo nº 821 (figura 156), destinado ao *11. DAS BRAUNE BAND VON DEUTSCHLAND*, de 1944, foi emitido no dia 23 de julho e apresenta o desenho de uma *Stute mit Fohlen* (Égua com Potro), provavelmente uma referência ao aprimoramento genético incentivado pelos nazistas, o qual, visto os princípios da eugenia<sup>609</sup>, não se limitaram aos “animais irracionais”.



Figura 156 – Selo nº 821 - 42 Pfg. + 108 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

Durante a semana na qual se realizava *DAS BRAUNE BAND VON DEUTSCHLAND*, em Munique, advinham solenidades como o *Internationale Kongress für Vollblutzucht und Galoppsport* (Congresso Internacional para Reprodutores de Raça Pura e Hipismo) e festejos como a *Nacht der Amazonen* (Noite das Amazonas), de 1936 a 1939.

A *Nacht der Amazonen* (A Noite das Amazonas) consistia num grandioso espetáculo realizado nos jardins do Palácio Nymphenburg, local que fora apropriado pelos nazistas após sua ascensão ao poder. Na Noite das Amazonas eram realizadas apresentações de dança e números com cavalos, chegando a contar com 2.500 participantes e 700 cavalos. Segundo Christian Weber<sup>610</sup>, presidente do *Kuratorium für das Braune Band von Deutschland* (Conselho de Curadores da Faixa Marrom da Alemanha), a presença dos cavalos teria por objetivo trazer a harmonia do folclore, dos desportos equestres e da sociedade nacional. Na programação estavam ainda incluídos passeios pela região, visita de museus e performance teatral para os seletos visitantes. Esses eventos tiveram uma importância tal na cultura alemã deste período que, tanto as noites das amazonas, quanto a figura de Weber, serviram de inspiração para romances, tais como *The Night of the Amazons*, de Herbert Rosendorfer<sup>611</sup>.

<sup>609</sup> DIWAN, Pietra. *Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2007.

<sup>610</sup> Christian Weber (1883 - 1945) - oficial do NSDAP, pertencente a *SS-Brigadeführer e Mitglied des Reichstages* – MdR (Membro do Reichstag).

<sup>611</sup> ROSENDORFER, Herbert. *The Night of the Amazons*. London: Secker & Warburg, 1991.

### 3.7 OS SELOS DO REICH - Mãe Alemanha

A mãe e a criança são dignificadas na nova Alemanha e encontram pronto auxílio da parte da comunidade nacional<sup>612</sup>.

Nos mais diferentes grupos sociais e desde o período da pré-história a figura da “mãe” sempre foi carregada de forte conteúdo simbólico. Dentre as diversas representações presentes no arquétipo materno<sup>613</sup> prevalece aquela que a relaciona a uma ideia de proteção e segurança. Assim, para o caçador pré-histórico, a caverna assumia a função de mãe que, “como lactante, lhe proporcionava calor e proteção das intempéries”. Na sua posterior fase de agricultor era a terra quem supria sua carência materna e que, “fertilizada pelo orvalho e pela chuva”, lhe fornecia o sustento, sendo um exemplo desta relação a *tellus-mater* (mãe terra), reverenciada na Roma antiga “colocando-se o recém-nascido sobre a terra nua”<sup>614</sup>. A terra, assim como o mar, está relacionada à origem da vida e, também de maneira análoga ao mar, pode ser tanto a “representação do corpo materno”, como assumir um significado destrutivo.

“Ele é destrutivo na medida em que é a origem de todos os instintos... a totalidade de todos os arquétipos... o resíduo de tudo o que os homens viveram desde os mais remotos inícios, o lugar da experiência supra-individual”<sup>615</sup>.

<sup>612</sup> *A Alemanha Social*. São Paulo: Empresa Editora Aurora Alemã Ltda., 1941. p.33.

<sup>613</sup> Cf. JUNG, Carl Gustav (Org.). *O Homem e seus Símbolos*. Tradução de Maria Lúcia Pinho. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1967.

<sup>614</sup> LURKER, Manfred. *Dicionário de Simbologia*. Tradução de Mário Krauss e Vera Barkow. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 408.

<sup>615</sup> CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2009. p. 580.



Na dualidade masculino-feminino, histórica e socialmente construída, este último tendeu a ser colocado numa posição secundária, a exemplo da crença judaico-cristã na qual “Adão foi o primeiro ser humano, de quem Eva foi criada, como segundo”. Nesta concepção, o homem apresenta como símbolos armas e ferramentas, “com as quais forma o mundo”, o masculino emite a força da vida que está sujeito à morte<sup>616</sup>; os símbolos femininos “indicam tarefas de cuidar e proteger”<sup>617</sup>, a fêmea é portadora de vida, ela anima. Nesta perspectiva, Eva, saída de Adão, representa o elemento espiritual que está além do elemento vital<sup>618</sup>.

Já mencionamos em nosso capítulo essa questão referente às representações de gênero: apesar da importância das mulheres na sociedade nazista, nenhuma mulher alemã, nem mesmo austríaca, foi homenageada nos selos postais emitidos pelo Terceiro *Reich*. A figura feminina está presente apenas como representação abstrata da “grande mãe”, a mãe “Mãe Alemanha”. Essa constatação oferece campo à argumentação de Martins et al., ao afirmarem que “usualmente não se valorizam significativamente as contribuições femininas”<sup>619</sup>. Apesar da menor visibilidade social no início do século XX, algumas mulheres se destacaram em diferentes atividades na sociedade alemã. Exemplo disso foi a já mencionada Hanna Reitsch (1912–1979)<sup>620</sup>. Porém, apesar do enorme sucesso que teve numa área dominada exclusivamente pelos homens, chegando a representar a Alemanha internacionalmente, não há nenhuma menção a Hanna Reitsch na filatelia nacional-socialista. Na concepção político-social da Alemanha nazista, o papel feminino só era considerado importante se estivesse relacionado à maternidade. Como nas sociedades patriarcais, a condição social feminina era relegada a um plano secundário e subalterno. Mesmo a exaltação da maternidade muitas vezes não significava uma valorização efetiva das mulheres-mães, pois a maternidade enaltecida aqui era uma abstração: a Grande-Mãe Alemanha. Nas páginas a seguir levantaremos algumas considerações a este respeito.

Na concepção nazista, a mulher ideal era caracterizada por traços que se relacionavam à descendência ariana, dentre eles: dever, desprendimento, lealdade, resistência e sacrifício. Seu dever em nome da *Volksgemeinschaft* (Comunidade do povo ou nacional)<sup>621</sup>

<sup>616</sup> Idem, *Ibidem*. p. 598.

<sup>617</sup> LURKER, *Ibidem*. p. 425-426.

<sup>618</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, *Ibidem*.

<sup>619</sup> MARTINS, Roberto de Andrade; SILVA, Cibele Celestino; FERREIRA, Juliana Mesquita Hidalgo; MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira (Orgs.). *Filosofia e História da Ciência no Cone Sul*: Seleção de Trabalhos do 5º Encontro. Campinas: Associação de Filosofia e História da Ciência do Cone Sul (AFHIC), 2008.

<sup>620</sup> REITSCH, Hanna. *The Sky My Kingdom*: Memoirs of the Famous German World War II Test Pilot. Drexel Hill, Pa: Casemate Publishers, 2009.

<sup>621</sup> KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 215.

estava restrito à função da maternidade. Com relação a todas outras manifestações, incluindo as políticas, não lhe foi concedido o direito à palavra, que permaneceu sendo exclusividade do homem. A *NS-Frauenschaft* (Comunidade de Mulheres Nacional-Socialistas) e a *Deutsches Frauenwerk der NSDAP - DFW* (Trabalho da Mulher Alemã do NSDAP) eram as únicas organizações femininas reconhecidas pelo Terceiro *Reich*, assimilando ou controlando outras associações femininas existentes. Tinham por objetivo atender às mulheres alemãs, enquanto as jovens estavam vinculadas à ala feminina da HJ, a *Bund Deutscher Mädel* – BDM (Federação das Moças Alemãs, Liga das Moças Alemãs ou Liga das Jovens Alemãs).

Deste modo, no contexto familiar, a propaganda nacional-socialista destacava as mulheres como perfeitas mães, dispostas a se sacrificar pela família maior, o Império alemão. Seguindo os preceitos de subserviência e ajuda ao próximo, foram lançados no dia 29 de novembro de 1933, o bloco comemorativo nº 02 (figura 157), com quatro selos, que foram também lançados individualmente, compondo uma série de quatro selos que traziam como ilustração motivos da “vida de Santa Elizabeth”. Todos os selos, inclusive os do bloco, apresentam uma sobrecarga: 1923-1933, e foram emitidos em comemoração aos 10º aniversário da *Deutsche Nothilfe* (Ajuda de Emergência Alemã – Auxílio de Emergência Alemã – Ajuda aos Necessitados Alemães). O projeto do bloco e dos selos é idêntico ao utilizado para a impressão realizada no dia 25 de fevereiro de 1924, exceto pela sobreposição das datas 1923-1933, já referida acima. Na área do bloco externa aos selos encontramos uma marca d'água com as inscrições: *10 JAHRE DEUTSCHE NOTHILFE 1923- 1933* (10 anos da Ajuda de Emergência Alemã 1923- 1933). As cenas de Santa Elizabeth presentes nos selos foram baseados na obra de Moritz Ludwig von Schwind (1804 - 1871) pintor e desenhista austríaco, que retratou momentos da história da Turíngia, Alemanha e, em particular, Elisabeth da Turíngia.



**Figura 157 – Bloco Comemorativo nº 02.**  
**Fonte: Acervo do Autor.**

Estavam retratadas nos selos as “obras de misericórdia”, representadas nas seguintes cenas: O selo nº 479 (figura 158) apresenta como tema: *Die Hungrigen speisen* (Alimentar os famintos); o selo nº 480 (figura 159): *Die Durstigen tranken* (Saciar os sedentos); o selo nº 481 (figura 160): *Die Nackten kleiden* (Vestir os necessitados) e o selo nº 482 (figura 161): *Die Kranken pflegen* (Cuidar dos doentes).

Duas rosas aparecem na parte de baixo de todos os selos. Rosas que na Antiguidade representavam dedicação aos mortos. Na religião cristã, durante o período da Idade Média era símbolo das virgens e evocava a figura de Maria, da alma, do coração e do amor. Representa a taça da vida, podendo ser considerada como um centro místico<sup>622</sup>. Esta imagem na parte debaixo dos selos se refere a um dos milagres atribuidos  Santa, no qual pães se transformam em rosas. Segundo é relatado, um dia Ludovico a encontrou enquanto corria pelas ruas, com o seu avental cheio de pães para serem distribuidos entre os pobres. Quando seu marido lhe perguntou o que estava carregando deixou cair o avental e, ao invés de pães, apareceram rosas<sup>623</sup>.

Selo n 479 – 5 Pfg. + 15 Pfg.	Selo n 480. – 10 Pfg. + 30 Pfg.
Selo n 481 – 20 Pfg. + 60 Pfg.	Selo n 482. – 50 Pfg. + 1.50 M.



Figura 158 – Selo n 479. Figura 159 – Selo n 480. Figura 160 – Selo n 481. Figura 161 – Selo n 482.  
Fonte: Acervo do Autor.

As folhas de bloco foram vendidas  época como *souvenirs* (lembrancas) pela quantia de 3,50 Reichsmarks, sendo impressas para esta finalidade por volta de 64.000 (sessenta e quatro mil) exemplares. Trata-se, atualmente, de um exemplar raro.

Prosseguindo em nossa análise, o programa político-econômico-ideológico do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães foi lançado em 1920 numa sociedade desestruturada pela guerra. Havia milhões de famintos e desempregados e fervilhavam ideias

<sup>622</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, *Ibidem*, p. 788.

<sup>623</sup> RATZINGER, Joseph. *Homilias sobre os santos*. Tradução de Roberto Vidal da Silva Martins. São Paulo: Quadrante, 2007.

como o racismo, antissemitismo e a questão do *Lebensraum* (espaço vital), um dos pretextos para a eclosão da Segunda Guerra Mundial. Posteriormente, estas mesmas ideias formaram a espinha dorsal do livro de Hitler: *Mein Kampf* (Minha Luta). Dentro deste destacaremos o item 21, que se relaciona ao tema abordado nesta seção: a proteção da mãe e da criança (arianas). É importante destacar que o individualismo não era aceito pelo nacional-socialismo e a única forma de se combatê-lo seria fortalecer a ideia de comunidade ou povo. Este objetivo seria alcançado por meio de suas leis e de sua moral. Apoiados na ideia de raça e, sobretudo, no conceito de *Volksgemeinschaft* (Comunidade do povo) – indivíduos que não possuíssem sangue ariano eram considerados *Untermenschen* (Subumanos).

Os nacional-socialistas incorporaram ideias de vários pensadores e as adaptaram à sua ideologia. Exemplo disso é o pensamento de Friedrich Nietzsche<sup>624</sup>, que exerceu extraordinária influência sobre a consciência de sua época. O interesse nazista por Nietzsche manifestou-se, em primeiro lugar, numa busca pela utópica criação de um “super-homem”. “A visão de Nietzsche sobre o futuro da humanidade completa-se na imagem simbólica chocante da ‘besta loira’. Como educador do super-homem, que lhe transmite a ‘ciência alegre’, curadora e renovadora [...]”<sup>625</sup>. E, em segundo lugar, os nazistas se apropriando desta teoria e associando-a a doutrina eugenista, acreditavam que esta “besta-loira” deveria guiar a educação deste “ser supremo”, voltada para o aperfeiçoamento da condição humana. Isso seria conquistado pela luta e pelo enfrentamento do perigo, meios pelos quais o corpo e a alma aprenderiam a obedecer e a vontade se subordinaria à disciplina. O homem superior deveria dar prosseguimento ao desenvolvimento da raça superior e não apenas à sua reprodução<sup>626</sup>. Os objetivos do partido eram muitos, mas o principal deles era a adesão de toda a comunidade alemã, não só na Europa, mas também a espalhada pelo mundo, em torno da causa do Terceiro *Reich*, chamando todos os arianos a formarem a *Volksgemeinschaft*<sup>627</sup>.

Para o Terceiro *Reich*, 1935 foi um ano de muitas conquistas, em especial, o mês de Janeiro quando os habitantes do Sarre votaram esmagadoramente a favor da anexação do território ao Império. Atendendo diretamente à proposta propagandista nazista, um conjunto

---

<sup>624</sup> Como lembra Montinari, apesar de ter sido visitado pelo nacional-socialismo, Nietzsche “era praticamente estranho à esfera ideal, por assim dizer, dos fundadores do nazismo. [...] Hitler, por sua conta, certamente não se formou a partir das obras de Nietzsche (cito, para todas, uma das últimas monografias, a de J. Fest), e é até discutível que ele a tenha realmente lido algum dia.” MONTINARI, Mazzino. *Interpretações nazistas*. Trad. Dion Davi Macedo. *Cadernos Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial, nº 7, 1999, p. 56.

<sup>625</sup> LURKER, *Ibidem*. p. 482-483.

<sup>626</sup> DURANT, Will. *A filosofia de Nietzsche*. Tradução de Maria Theresa Miranda. Rio de Janeiro: Ediouro, 1965. (Os Grandes Filósofos).

<sup>627</sup> DIETRICH, Ana Maria. *Caça às Suásticas: O Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Fapesp, 2007. p. 74.

composto por quatro selos idênticos (figura 162) foi emitido no dia 16 de janeiro deste mesmo ano, poucos dias após a realização do Plebiscito de Saare, com a inscrição *die Saar kehrt heim* (O Retorno do Sarre) na parte superior, para comemorar este “retorno” à Alemanha. O Sarre era uma região de mineração de carvão<sup>628</sup> de importância estratégica para a Alemanha, e que havia sido passada para as mãos dos franceses por imposição do Tratado de Versalhes.

Na simbologia presente nos selos temos uma reprodução alegórica na qual o Sarre, representado por uma criança, se encontra amparada nos braços da mãe Alemanha coroada com louros. Notemos também o sol<sup>629</sup>, radiante, atrás das duas figuras femininas, aumentando ainda mais o sentimento de felicidade por ter alcançada a tamanha glória de ter novamente a seu lado um “ente” tão querido e que fora dolorosamente arrancado de seu colo.

Selo nº 524 - 3 Pfg.	Selo nº 525 - 6 Pfg.
Selo nº 526 - 12 Pfg.	Selo nº 527 - 25 Pfg.



Figura 162 – Selo nº 524 ao selo nº 527. Fonte: Acervo do Autor.

Este plebiscito, marcado pela tática nazista da ameaça, foi mais um dos múltiplos sinais que indicavam a intenção alemã de levar a cabo sua agressiva política expansionista. O fato é que, a despeito das limitações impostas pelo Tratado de Versalhes, Hitler já havia iniciado o rearmamento da *Wehrmacht* (Forças Armadas Alemãs) no ano de 1934. Ações como estas no Sarre fortaleceram as aspirações nazistas baseadas no conceito de *Lebensraum* (espaço vital) alemão. Tal noção mais tarde foi oficialmente incorporada à ideologia nacional-socialista<sup>630</sup>, que defendia o direito da raça alemã de se expandir por toda a Europa<sup>631</sup>, retornando às fronteiras existentes no período do Sacro Império Romano, que haviam sido divididas e, segundo os nazistas, eram suas por direito. Isso aumentou as tensões tanto nos

<sup>628</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.12 OS SELOS DO REICH - Trabalho.

<sup>629</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo - 3.2 OS SELOS DO REICH - Simbologia Geral: Águia, Suástica, Saudação...

<sup>630</sup> HITLER, Adolf. *Minha luta* - Mein Kampf. São Paulo: Centauro, 2001.

<sup>631</sup> “A guerra contra a União Soviética – a luta pelo ‘espaço vital’ da Alemanha – seria, na sua visão [de Hitler], inevitável em algum momento”. In: KERSHAW, *Ibidem*. p. 394.

Estados fronteiriços à Alemanha, quanto nos que haviam sido contemplados pelo Tratado de Versalhes com territórios “germânicos”, como a França.

Como vimos acima, a propaganda político-ideológica, instrumento de afirmação e orientação da ideologia nacional-socialista, tinha como um de seus objetivos a união dos povos de origem germânica, formando a Grande Alemanha. Um exemplo encontrado na análise das adaptações empregadas pelos nazistas como recurso de propaganda para atingir diferentes “tipos” de cidadãos, e sua adequação à filatelia, foi a utilização de temas folclóricos, com a presença de motivos como vestimentas características, cujas representações remetiam a um imaginário comum presente nos povos de língua e cultura germânicos.

No dia 04 de outubro de 1935, foi emitida uma série composta por 10 (dez) selos que tinham como tema Costumes Nacionais (figura 163). A receita arrecadada com sua comercialização foi revertida em benefício do fundo denominado de *Deutsche Nothilfe* (Ajuda de Emergência Alemã – Auxílio de Emergência Alemã – Ajuda aos Necessitados Alemães), composto por organizações de caridade e originalmente criado pelo governo de Weimar, no turbulento ano de 1923, período assolado por uma grande inflação. É interessante salientarmos que estes foram alguns dos últimos selos destinados à *Deutsche Nothilfe*, uma vez que ela foi substituída no ano seguinte pela sobretaxa *Winterhilfswerk* – WHW (Obra de Assistência de Inverno), pois até o final da guerra os nazistas estavam gastando mais com armas do que com manteiga. “A roupa [o traje] externa reflete algo do interior do homem”<sup>632</sup> e cada traje típico representava uma região tradicional da comunidade germânica.

O conjunto de selos retratava apenas mulheres em vários *Volkstrachten* (trajes tradicionais populares – Trajes regionais – Trajes folclóricos)<sup>633</sup> ao redor de Alemanha, incluindo as regiões ocupadas e “perdidas”, dentre elas regiões como:

Selo nº 547 - 3 Pfg. + 2 Pfg.: Prússia Oriental - cidade de Malbork, no norte da Polônia.	Selo nº 548 - 4 Pfg. + 3 Pfg.: Alta Silésia - Roßberg bei Beuthen, no sul da Polônia.
Selo nº 549 - 5 Pfg. + 3 Pfg.: Renânia - vinhedos de Rüdeshimer Berg.	Selo nº 550 - 6 Pfg. + 4 Pfg.: Baixa Saxônia - antigo Estado de Schaumburg-Lippe (1870).
Selo nº 551 - 8 Pfg. + 4 Pfg.: Kurmark - Heinersbrück im Spreewald, Baixa Lusácia	Selo nº 552 - 12 Pfg. + 6 Pfg.: Floresta Negra – Vale do rio Gutach e Casa da Floresta Negra
Selo nº 553 - 15 Pfg. + 10 Pfg.: Hesse -	Selo nº 554 - 25 Pfg. + 15 Pfg.: Alta Baviera

<sup>632</sup> LURKER, Ibidem. p. 615.

<sup>633</sup> O termo *Trachten* (trajes tradicionais) é geralmente utilizado para se referir a uma roupa tradicional e histórica característica de uma determinada região, país, ou de grupos de determinada população, tais como grupos étnicos ou grupos profissionais.

traje de Marburger, aldeia de Niederasphe.	- traje do Festival de Miesbacher, em Bayrischzell.
Selo n° 555 - 30 Pfg. + 20 Pfg.: Frísia, Ilha de Föhr.	Selo n° 556 - 40 Pfg. + 35 Pfg.: Alta Francônia - Effeltrich, dama de honra.



Figura 163 – Selo n° 547 ao selo n° 556. Fonte: Acervo do Autor.

“A roupa – própria do homem, já que nenhum outro animal a usa – é um dos primeiros indícios de uma consciência da nudez, de uma consciência de si mesmo, da consciência moral”<sup>634</sup>. No contexto utilizado nos selos a intenção do ilustrador poderia indicar sua associação a um grupo específico – a mulher germânica –, que possuía uma missão – de salvar a raça ariana da miscigenação – e um mérito – ser nacional-socialista.

Heinrich Himmler, um “aluno” do geopolítico alemão Karl Haushofer<sup>635</sup>, dentre os nazistas foi quem mais se preocupou com um tipo específico de política demográfica. Nesse sentido, outro ponto relacionado à questão da mulher no universo nazista se destaca:

A partir de 1935, [quando] o regime chegou a particularizar sua política demográfica, através da criação das *Lebensborn*, ligadas às atividades dos soldados SS. [...], as *Lebensborn*, autênticas “fontes da vida”, funcionavam num estágio intermediário entre maternidades e haras humanos. Seu objetivo geral era o de incrementar a expansão da raça ariana através do controle

<sup>634</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, *Ibidem*. p. 949.

<sup>635</sup> Karl Haushofer (1869-1946), geopolítico alemão, foi professor de Rudolf Heß(Hess), seus ensinamentos influenciaram o desenvolvimento das estratégias expansionistas de Adolf Hitler, como a teoria do *Lebensraum* (espaço vital) alemão. Após a publicação das chamadas Leis de Nuremberg, a esposa e os filhos de Haushofer foram classificados como *Mischlinge* (mestiços), termo surgido no século XIX e usado pelos nazistas para assinalar indivíduos alemães que não possuíssem ascendência puramente ariana. Aplicado à zoologia, desde o início possuía conotação de inferioridade e degeneração. Com a ajuda de Hess, Haushofer conseguiu um *Deutschblütigkeitserklärung* (Certificado de Sangue Alemão) para seu filho, Albrecht.

biológico da concepção e da procriação, além da subsequente educação das chamadas “crianças SS”.

No princípio, as *Lebensborn* funcionavam como creches e maternidades para os filhos e esposas dos soldados SS. As mães solteiras que quisessem dar à luz em segredo, e oferecer seu filho à instituição, seriam também aceitas, conquanto passassem pelas exigências raciais. Existem indícios de que, aos poucos, as maternidades/creches se transformaram em verdadeiras haras humanas: as moças se deixavam engravidar pelos SS e se profissionalizavam como prostitutas-reprodutoras<sup>636</sup>.

Deste modo, as mulheres nazistas eram representadas como o sustentáculo da raça ariana, mas eram educadas apenas para se preparar para a maternidade. Himmler incentivou a pesquisa de biólogos e cientistas no sentido de obterem os meios necessários para a previsão do sexo das crianças, a fim de que fosse estimulada a geração de meninos. Assim...

Para o Terceiro Reich de Hitler, [...] a “pureza racial” é o maior desejo, e neste contexto a mulher tem importância como produtora de novos arianos, sendo vista como a guardiã da “raça ariana”, sendo assim, ela era preparada para a maternidade e nada mais, o chamado lema K - *Kinder* (criança), *Kirche* (igreja), *Küche* (cozinha). [...] são criadas as *Lebensborn*, onde a reprodução humana ocorre em escala industrial, com objetivo de expandir a “raça ariana” através do controle biológico e da educação das chamadas “crianças SS”<sup>637</sup>.

Com este objetivo, o *Reichsführer-SS*, Himmler, juntamente com Richard Walther Darré<sup>638</sup> criaram, em 1931, um escritório dentro das SS que quatro anos depois viria a ser o *Rasse - und Siedlungshauptamt-SS* - RuSHA (Escritório Principal de Controle Racial). Organização estatal criada inicialmente para supervisionar as “decisões matrimoniais dos homens solteiros” das SS e fornecer uma licença de casamento, que deveria ser solicitada com no mínimo três meses de antecedência para que fossem realizadas diligências no sentido de garantir a pureza racial das noivas. Assim, em dezembro de 1935, Himmler ordenou a RuSHA o estabelecimento da rede de *Lebensborn* de “casas maternidade”, cujo objetivo era acomodar e cuidar de gestantes racial e geneticamente valiosas.

<sup>636</sup> LENHARO, Alcir. *Nazismo: “O triunfo da vontade”*. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2001. p. 71-72.

<sup>637</sup> NEVES, Márcia. *A violência contra a mulher no mercado de trabalho*. Rio de Janeiro: E-papers, 2009. p. 31.

<sup>638</sup> Richard Walter Darré - Ministro da Agricultura e da Alimentação do *Reich* entre 1933-1942 e um dos principais ideólogos da doutrina *Blut und Boden* (Sangue e Solo) nazista, escrevendo *Blut und Boden - Ein Grundgedanke des Nationalsozialismus* (Sangue e Solo – Um Fundamento Básico do Nacional-Socialismo). Alemão naturalizado, nasceu em Buenos Aires e foi educado na Inglaterra, foi recrutado pelas SS para comandar o *Rasse- und Siedlungshauptamt-SS* - RuSHA (Escritório Principal de Controle Racial), responsável por “salvaguardar a pureza racial das SS” dentro da Alemanha nazista.



No dia 03 de junho de 1936, foi lançada uma série composta por quatro selos iguais, para divulgação do *VI Internationaler Gemeindegkongress 1936* (6º Congresso Internacional de Municípios 1936 - figura 164), a ser realizado em Berlim e em Munique entre os dias 07 a 13 de junho daquele ano.



Figura 164 – Selo n.º 573 ao selo n.º 576. Fonte: Acervo do Autor.

Neles podemos observar novamente uma alegoria representativa da mãe Alemanha que zelosamente observa seus filhos, que se divertem distraidamente, sem se preocupar com o que poderia lhes acontecer. Isto, na segurança de seus lares, representada pelos muros fortificados com portões de acesso que nos remetem a uma cidade medieval<sup>639</sup>.

Imagem semelhante a essa está presente no selo lançado em 1º de setembro de 1943, em comemoração ao *10 JAHRE WHW* (10º aniversário da fundação do Trabalho de Assistência do Inverno – figura 165). Novamente, encontramos a alegoria da mãe carinhosa e fértil que cuida de sua “escadinha” de filhos, pois obteve êxito nos planos de maternidade incentivados pelo governo alemão.



Figura 165 – Selo 776 - 12 Pfg. + 38 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

Mas, esta não era a realidade, de tal modo que...

<sup>639</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.2 OS SELOS DO REICH - Simbologia Geral: Águia, Suástica, Saudação...

Já que seu plano de procriação, em massa, de crianças loiras filhas de mães nórdicas, “mais frígidas e menos frívolas que as mulheres de qualidade racial inferior”, não alcançou a abrangência esperada, como compensação, acabou por recorrer, durante a guerra, ao sequestro de crianças estrangeiras que apresentassem traços arianos bem evidentes<sup>640</sup>.

Outro agravante foi que, a partir de 1941, com o prolongamento da guerra, as mulheres passaram a ser recrutadas para trabalhar nas indústrias, provocando uma revisão dos planos de “procriação” germânicos.

No dia 02 de março de 1944, foram lançados 04 (quatro) selos para comemorar os *10 Jahre Hilfswerk Mutter und Kind - Hilfswerk MuK* (10 Anos do Trabalho de Assistência da Mãe e da Criança – figura 166 a figura 169). As estampas retratam cenas idealizadas de mulheres que cumprem seus deveres maternos, cuidam de seus filhos e se dedicam a tarefas domésticas, tais como a costura. Reparemos a inscrição *GROSSDEUTSCHES REICH* (Grande Alemanha) na parte de baixo do selo, provavelmente no sentido de propagandear a universalidade dos serviços para toda a “raça ariana”.

Selo nº 786 - 3 Pfg. + 2 Pfg. - Berçário	Selo nº 787 - 6 Pfg. + 4 Pfg. – Enfermeira do distrito visitando uma família
Selo nº 788 - 12 Pfg. + 8 Pfg. - Médico examinando uma criança	Selo nº 789 - 15 Pfg. + 10 Pfg. - Casa de repouso para as mães



Figura 166 – Selo 786. Figura 167 – Selo 787. Figura 168 – Selo 788. Figura 169 – Selo 789.  
Fonte: Acervo do Autor.

O *Hilfswerk Mutter und Kind - Hilfswerk MuK* (Programa de Assistência da Mãe e da Criança), vinculado a *Nationalsozialistische Volkswohlfahrt* – NSV (Assistência Popular Nacional-Socialista), foi fundado no ano de 1934 e atuou por meio das *Heim Mutter und Kind* (Casa “Mãe e filho”), com o objetivo de servir como base da “raça ariana”, assistindo às mulheres grávidas, mães solteiras e seus filhos. A organização estava sob a supervisão do

<sup>640</sup> LENHARO, Alcir. *Nazismo: “O triunfo da vontade”*. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2001. p. 72.

*Hauptamt für Volkswohlfahrt* (Escritório Principal para o Bem-Estar do Povo), diretamente subordinado à liderança do Partido Nazista.

Sua missão se baseava na ajuda à família alemã, alcançada através de organizações como a *NS-Schwesterschaft* (Irmandade Nacional-Socialista), que incluía médicos e enfermeiras qualificadas (figura 166 e figura 168) operando em centros comunitários (creches) oferecendo assistência à gestante, ao trabalhador e à mãe solteira. Estes “postos de auxílio”<sup>641</sup> foram criados em todas as cidades e aldeias; em casa (figura 167) e no local de trabalho. Nas creches eram oferecidos cursos voltados para educação e saúde às mães que tinham à sua disposição locais para repouso, além de uma alimentação balanceada às crianças. Casas de repouso (figura 169) para as mães e gestantes “foram construídos nos lugares em que as paisagens campestres são mais encantadoras”<sup>642</sup>.

A Irmandade Nacional-Socialista baseava suas ações na doutrina racista e eugênica nazista. Além disso, era uma organização voltada para promover o assistencialismo entre a massa de trabalhadores alemães, prática que reforçava a condição subalterna e dependente dessa população em relação aos serviços prestados pelo Estado. Elas viabilizaram, mesmo que parcialmente, a política racista nazista, que mantinha as mulheres afastadas da vida pública, realçando o seu papel como mãe e educadora, com o objetivo principal de aumentar a taxa de natalidade, cumprindo, dessa maneira, um dos objetivos da ideologia nacional-socialista. Com o aparecimento e a progressão da guerra, as mulheres foram convocadas para reforçar o exército de trabalhadores que produziam na economia de guerra, reduzindo o número de “mães” assistidas pela Irmandade.



**Figura 170 – Selo n° 638 - 6 Pfg. + 19 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.**

<sup>641</sup> *A Alemanha Social*. São Paulo: Empresa Editora Aurora Alemã Ltda., 1941. p. 35.

<sup>642</sup> *Idem*, *Ibidem*.

Personificação da mulher nas artes, mais especificamente, algo representativamente germânico, um exemplo da arte clássica do Norte genuinamente ariana defendida pelos nazistas, foi lançado no dia 12 de julho de 1939 um selo em comemoração ao *Tag der Deutschen Kunst* 1939 (Dia da Arte Alemã). Nele, era reproduzida uma pintura realizada em 1505 por Albrecht Dürer der Jüngere<sup>643</sup> – *Bildnis einer jungen Venezianerin* (Retrato de uma jovem Veneziana – figura 170).

---

<sup>643</sup> Albrecht Dürer, o Mais Novo ou Dürer (1471-1528) – artista e matemático alemão de Nuremberg, de grande projeção na Europa de seu tempo, devido à sua influência do Renascimento.

### 3.8 OS SELOS DO *REICH* - Meios de Transporte e Tecnologia

Com seus incontestáveis conhecimentos sobre o alcance da propaganda como forma de afirmar a legitimação e divulgação do poder, o governo nazista emitiu grandes séries filatélicas temáticas no intuito de demonstrar o apoio do governo à ciência e à tecnologia. Essa era uma forma de valorizar a nação e reforçar a ideia da superioridade alemã no campo da tecnologia de ponta, incluindo os setores dos transportes aéreos, marítimos e terrestres, áreas nas quais as empresas ligadas aos nazistas alcançaram vultosos lucros.

Antes de prosseguirmos, devemos fazer uma ressalva e apontar o que Paxton considera como uma contradição entre a retórica e a prática fascista com relação...

[...] à modernidade: a passagem do rural ao urbano, do artesanato à indústria, a divisão do trabalho, as sociedades seculares e a racionalização tecnológica. Os fascistas muitas vezes vituperavam contra as cidades sem rosto e contra o secularismo material, exaltando uma utopia agrária livre do desenraizamento, dos conflitos e da imoralidade da vida urbana. E, no entanto, os líderes adoravam seus carros, aviões velozes e difundiam sua mensagem usando técnicas de propaganda e de cenografia fulgurantemente modernas. Tendo chegado ao poder, eles aceleram o ritmo industrial a fim de rearmar o país [observação que poderemos confirmar nas linhas a seguir]. Por essa razão, é difícil postular que a essência do fascismo se reduza a uma reação antimodernista ou a uma ditadura da modernização<sup>644</sup>.

A partir do século XIX, quando o aço<sup>645</sup> passou a ser sinônimo de progresso e empregado em larga escala, ocorriam disputas entre as nações europeias para se determinar o país com o parque industrial e militarmente mais desenvolvido. No contexto desta corrida tecnológica e bélica desenfreada, iniciada na virada do século XIX para o século XX,

---

<sup>644</sup> PAXTON, Robert Owen. *A Anatomia do Fascismo*. Tradução de Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 29-30.

<sup>645</sup> Hitler necessitou de vultosos suprimentos de aço para suas Forças Armadas. In: KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 419.

Ferdinand von Zeppelin<sup>646</sup> já se dedicava à pesquisa e à produção de dirigíveis que, segundo visionários como o próprio militar, revolucionariam as viagens no futuro tornando-as mais seguras, confortáveis e rápidas, principalmente as transoceânicas. Após vários fracassos e quase falido, no ano de 1908 von Zeppelin conseguiu um financiamento do governo alemão para continuar suas pesquisas. Assim, antes mesmo da Primeira Guerra Mundial, o Exército já possuía sete dirigíveis Zeppelin, utilizados inicialmente como plataformas de observação. Estas aeronaves, preparadas para o uso militar, apresentavam como característica a possibilidade de chegar à velocidade máxima de 136 km/h e alcançar a altitude de 4.250 metros.

Com o início da Grande Guerra, em agosto de 1914, a fabricação de dirigíveis de von Zeppelin “decolou” e suas aeronaves foram preparadas belicamente com suporte para carregar bombas, alcançando a capacidade para transportar até 4.400 libras (2.000 kg) desses artefatos, que foram usados para bombardear a Bélgica, a França e a Inglaterra<sup>647</sup>. Por sua característica de atingir grandes altitudes, os dirigíveis não eram alcançados pelos aviões da época enviados para interceptá-los, muito menos pela artilharia antiaérea. Contudo, este quadro se alterou no decurso da guerra quando, com a evolução e conseqüente aproximação dos aviões, as tripulações dos dirigíveis receberam metralhadoras como armamento de defesa. Devido às numerosas baixas oriundas destes embates, em 1917, o exército alemão decidiu empregá-los apenas para o transporte de cargas e suprimentos.

Com o fim da Primeira Guerra Mundial e a derrota alemã, o Tratado de Versalhes, imposto pelos aliados, produziu um radical processo de desarmamento e limitação das forças armadas neste país. O tratado estabelecia, na sua Parte V - Cláusulas Militares, Navais e Aéreas, Seção III - Cláusulas do Ar, que as forças militares da Alemanha não poderiam ter aviação militar e naval, e que nenhum dirigível militar, como aqueles muitas vezes utilizados nos bombardeios à França e à Inglaterra, poderia ser mantido em poder alemão. Ficava proibido, em todo o território alemão, fabricar e importar aeronaves, assim como partes, motores ou peças de motores para aviões e aeronaves. E o mais importante, estipulava a entrega de vários materiais que estiveram em uso na guerra ou teriam sido projetados para fins bélicos aos Aliados como indenização, estando inclusos os dirigíveis em fabricação, em reparo ou em montagem; e os instrumentos, instalações e equipamentos para uso em

---

<sup>646</sup> Ferdinand Adolf Heinrich August Graf von Zeppelin (1838 —1917) foi um nobre e oficial de cavalaria alemão, estudioso da aeronáutica e fundador da Companhia de Dirigíveis Zeppelin.

<sup>647</sup> AIRSHIPS: THE HINDENBURG AND OTHER ZEPPELINS. Disponível em: <<http://www.airships.net/captain-ernst-lehmann>>. Acesso em: 02 mar. 2013.

aeronaves. Além disso, foi proibida a manutenção de equipamentos para produção de hidrogênio para uso em aeronaves ainda em seu poder.

Contudo, o desenvolvimento de tais aeronaves prosseguiu. Em 1926, a empresa de von Zeppelin, começou a construir o *Deutsches Luftschiff Graf Zeppelin # 127* (Dirigível Alemão Conde Zeppelin nº 127) ou D-LZ 127, considerado uma maravilha tecnológica. Em 1928, quando os Aliados cederam às solicitações e admitiram a volta das aeronaves alemãs, realizou-se o voo inaugural D-LZ 127 de Frankfurt a Nova York. O trajeto foi feito em 112 horas, um marco para a época, pois a travessia transoceânica por navio poderia durar semanas. A partir de então, os dirigíveis passaram a ser utilizados na aviação comercial que ligava longas distâncias. Tornou-se uma alternativa de transporte para a alta sociedade da época e forte concorrência para os navios e aviões. Em 1929, o D-LZ 127 foi o primeiro aparelho aéreo a dar a volta ao mundo, jornada que durou 21 dias, considerada um orgulho nacional.

Acompanhando as ideias da época e aproveitando as mesmas estampas utilizadas para as emissões realizadas durante a *Weimarer Republik* (República de Weimar) nos anos de 1928, 1930 e 1931, no dia 25 de setembro de 1933, foi emitido um novo conjunto filatélico para postagem aérea<sup>648</sup> em comemoração à Viagem do Graf Zeppelin à Chicago/USA. Os novos selos foram oferecidos em três cores e com valores distintos cada uma (figura 171 a figura 173). Do lado esquerdo exibia-se sobrecarga na cor preta com a inscrição: *Chicagofahrt/Weltausstellung/1933* (Viagem a Chicago/Feira Mundial/1933). Em seu entorno, a inscrição: *AMERIKA/DEUTSCHE LUFTPOST/EUROPA* (América/Correio Aéreo Alemão/Europa). Os selos representavam a travessia do Oceano Atlântico pelo dirigível Graf Zeppelin e sua visita, no dia 26 de outubro, à Feira Mundial realizada em Chicago.

Selo Aéreo nº 42A - 1 RM (Reichsmark)	Selo Aéreo nº 42B - 2 RM	Selo Aéreo nº 42C - 4 RM
---------------------------------------	--------------------------	--------------------------



Figura 171 – Selo Aéreo nº 42<sup>a</sup>.



Figura 172 – Selo Aéreo nº 42B.  
Fonte: Acervo do Autor.



Figura 173 – Selo Aéreo nº 42C.

<sup>648</sup> Os selos para postagem aérea ou selo aéreo são os destinados ao pagamento do valor correspondente ao envio da correspondência por via aérea. No Brasil, os primeiros selos aéreos foram emitidos em 1927. In: DICIONÁRIO Filatélico. *Associação Brasileira de Filatelia Temática* – ABRAFITE, São Paulo. Disponível em: <<http://www.abrafite.com.br/dicionario.htm>>. Acesso em: 21 out. 2012.

Seguindo os preceitos do início do século, que exaltavam os avanços tecnológicos alcançados pelo homem, a Feira de Chicago de 1933 teve como objeto as inovações tecnológicas e fez parte das comemorações do 100º aniversário da cidade. Tinha como *slogan* “Um Século de Progresso”. Considerado um dos pontos máximos do evento, a presença do dirigível, comandado por Hugo Eckener<sup>649</sup>, levantou alvoroço por sua aparência e aerodinâmica, que estavam em perfeita sintonia com a feira. Pois, ao invés de focalizar a energia na arquitetura, tendência explorada na época, a feira voltou seus olhos para o progresso científico e tecnológico e os processos de produção realizados por trás deles. Antes de sua descida, o Comandante Eckener<sup>650</sup>, conduziu a aeronave sobre a cidade de Chicago com o intuito de exibi-la aos seus moradores. Porém, por ser um antinazista e sabedor da propaganda política que a suástica representava, tomou todo o cuidado em suas manobras e adotou um padrão de voo em que os habitantes da cidade só puderam enxergar a bandeira da República de Weimar a estibordo, e não as duas suásticas pintadas na cauda da aeronave.

O comandante Eckener considerava o dirigível um ícone da integração e cooperação entre as nações. Essa visão, contudo, não era compartilhada pelos nazistas, que viam a aeronave como um símbolo estritamente alemão. Para eles, sob os auspícios do *Luftschiffbau Zeppelin Gesellschaft mit beschränkter Haftung* - LZ (Companhia de Construção de Dirigíveis Zeppelin Sociedade Limitada), o zepelim iria transmitir os mais altos preceitos nacional-socialistas e desencadear um forte sentimento de pertencimento em todo homem de origem germânica. O dirigível passaria a ideia de que, independente de onde o cidadão germânico estivesse, o *Reich* alemão estaria com ele. O Graf Zeppelin teve uma carreira duradoura, realizou voos regulares de transporte de passageiros, tanto para a América do Norte quanto para a América do Sul. No ano de 1931, fez uma viagem ao Ártico, quando se encontrou com o navio quebra-gelo soviético Malygin<sup>651</sup>, que se encontrava na região.

---

<sup>649</sup> Hugo Eckener (1868 - 1954), gerente de construção dos dirigíveis Zeppelin no período entre guerras, foi o comandante do dirigível *Graf Zeppelin* à época. Foi ele quem esteve à frente de seu comando durante os recordes estabelecidos pela aeronave, incluído o de primeiro dirigível a dar a volta ao redor da Terra. Com isso, tornou-se o comandante do dirigível de maior sucesso na história. Era um antinazista declarado, por sua insistente oposição ao uso das aeronaves como propaganda para o regime nazista. Em maio de 1937 foi substituído pelo Comandante Lehmann que, embora não fosse filiado ao Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, era um de seus incentivadores.

<sup>650</sup> Devido ao seu papel de destaque em acontecimento considerados de grande relevância em seu tempo, Eckener foi capa da revista norte-americana *Time*, em 16 de setembro de 1929. Disponível em: <<http://www.time.com/time/covers/0,16641,19290916,00.html>>. Acessado em 02 mar. 2013.

<sup>651</sup> A embarcação foi construída em 1912 e vendida à Rússia em 1915. Em 1921, foi rebatizado, recebendo o nome do explorador russo Stepan Gavrilovich Malygin, falecido em 1º de agosto de 1764.



A *Deutsche Zeppelin-Reederei* – DZR (Companhia de Transporte Zeppelin) foi criada no dia 22 de março de 1935. Tinha como objetivo operar as aeronaves de passageiros, ficando a cargo da *Luftschiffbau Zeppelin Gesellschaft mit beschränkter Haftung* - LZ (Companhia de Construção de Dirigíveis Zeppelin Sociedade Limitada), a construção das aeronaves. Foi uma das formas encontradas pelos nazistas para diminuir a influência de Eckener, crítico severo do regime nacional-socialista, nos assuntos relacionados à aviação comercial. O Graf Zeppelin entrou em inatividade em 1937, após o desastre do Hindenburg em Lakehurst, nos EUA. No dia 06 de maio deste mesmo ano, passou a ficar em exposição num museu. Em 1940, foi desmontado por ordem do comandante-em-chefe da Força Aérea Hermann Wilhelm Goering<sup>652</sup>, para que seu alumínio fosse reaproveitado na fabricação de aviões de combate.

O sucesso dos dirigíveis era tamanho que, em 1931, os alemães decidiram estabelecer uma linha regular entre Frankfurt e Rio de Janeiro<sup>653</sup>, com escala em Recife. Essa linha entrou em funcionamento em 1937. No ano anterior na Alemanha, em 16 de março de 1936, foi lançado outro conjunto de selos, desta vez em homenagem ao primeiro voo do Zeppelin versão *D-LZ 129 Hindenburg*, à América do Norte (figura 174). Os selos mostram o dirigível, a maior aeronave até então fabricada, sobrevoando o oceano Atlântico em direção ao EUA. Estes selos eram igualmente utilizados na Alemanha para circulação interna e porte internacional.



**Figura 174 – Selo aéreo n° 55 – 50 Pfg. e Selo aéreo n° 56 – 75 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.**

<sup>652</sup> GOLDENSOHN, Leon. *As Entrevistas de Nuremberg: conversas de um psiquiatra com os réus e as testemunhas*. Organização e introdução de Robert Gallately. Tradução de Ivo Korytowski. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 142.

<sup>653</sup> Hangar dos Zeppelins – considerado um dos últimos e mais bem conservados hangares destinados ao abrigo de dirigíveis ainda existentes no mundo. Está localizado na Base Aérea de Santa Cruz, na cidade do Rio de Janeiro, possuindo a inscrição de tombamento n° 550 junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), de 03 de dezembro de 1998, Disponível em: <[http://www.iphan.gov.br/ans.net/tema\\_consulta.asp?Linha=tc\\_hist.gif&Cod=2626](http://www.iphan.gov.br/ans.net/tema_consulta.asp?Linha=tc_hist.gif&Cod=2626)>. Acesso em: 04 mar. 2013.

O D-LZ 129 recebeu o nome de batismo de Hindenburg em homenagem ao Marechal de Campo Paul von Hindenburg (1847-1934), presidente da Alemanha entre 1925 e 1934, que antecedeu a Adolf Hitler no poder. O projeto estrutural e a montagem foram concretizados pela *Luftschiffbau Zeppelin Gesellschaft mit beschränkter Haftung* – LZ (Companhia de Construção de Dirigíveis Zeppelin Sociedade Limitada) em Friedrichshafen, entrando em serviço em março de 1936<sup>654</sup>. O voo inaugural do D-LZ 129 para o Brasil teve como comandante Ernst Lehmann<sup>655</sup> e decolou para a cidade do Rio de Janeiro em 31 de março de 1936. Em decorrência de suas responsabilidades à frente da Superintendência de Educação Musical e Artística (SEMA), vinculada à Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, em abril de 1936, o maestro Villa-Lobos embarcou no Hindenburg em direção à Europa, com a finalidade de representar o Brasil no Congresso de Educação Musical em Praga, na República Checa.

Como já mencionado neste tópico, o dirigível Hindenburg foi destruído em um acidente em Lakehurst, New Jersey, nos EUA, em 06 de maio de 1937, quando trinta e seis pessoas morreram carbonizadas, sendo um dos mortos membro da tripulação de solo. Alguns não consideram o fato um acidente, mas como tendo sido provocado. Em decorrência do desastre, a credibilidade dos dirigíveis como meio de transporte seguro entrou em xeque. Isso contribuiu para a empresa Zeppelin parar a fabricação de suas aeronaves em 1938 e suas operações em 1940. No outono de 1941, a empresa assinou vários contratos com o governo nazista para a produção de tanques de combustível e de seções de fuselagem para os foguetes V-2<sup>656</sup>.

Devido à sua grande importância e opulência, o Hindenburg foi utilizado várias vezes como instrumento de propaganda. Um dos pontos culminantes deste tipo de utilização ocorreu no dia 1º de agosto de 1936 quando, para a admiração de todos os espectadores, o dirigível sobrevoou o Estádio Olímpico de Berlim, durante a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Verão<sup>657</sup>, transportando pendente em sua gôndola a bandeira olímpica<sup>658</sup>.

---

<sup>654</sup> DICK, Harold G.; ROBINSON, Douglas H. *The Golden Age of the Great Passenger Airships: Graf Zeppelin and Hindenburg*. Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press, 1992.

<sup>655</sup> Ernst August Lehmann (1886 - 1937), por questões políticas já havia sucedido à Eckener no comando dos dirigíveis. Faleceu em decorrência de ferimentos adquiridos no famoso acidente do dirigível D-LZ 129 Hindenburg.

<sup>656</sup> NEUFELD, Michael J. *The Rocket and the Reich: Peenemünde and the Coming of the Ballistic Missile Era*. New York: The Free Press, 1995.

<sup>657</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.5 OS SELOS DO REICH - Corpo e Esportes.

<sup>658</sup> BIRCHALL, Frederick. 100,000 Hail Hitler; US Athletes Avoid Nazi Salute to Him. *The New York Times*, New York: August 1, 1936. p. 1. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/learning/general/onthisday/big/0801.html>>. Acesso em: 03 abr. 2013.

Um fato interessante sobre estes selos é que, assim como o bloco filatélico OSTROPA lançado em 1934<sup>659</sup>, a goma utilizada continha ácido sulfúrico, material que com o passar do tempo poderia fazer com que o papel utilizado para a impressão dos selos adquirisse uma coloração castanho escuro e, eventualmente, se desintegrasse. Por este motivo, os colecionadores são alertados que o referido material filatélico não deve ser adquirido com a goma original e, caso aconteça, a goma deve ser removida para sua preservação.

Nas comemorações do Centenário do Nascimento do Conde Ferdinand von Zeppelin (1838-1917), inventor do dirigível e construtor das aeronaves, foram lançados dois selos para postagem aérea. O conjunto de selos foi emitido em 05 de julho de 1938 (figura 175 e figura 176).



Figura 175 – Selo aéreo nº 57 - 25 Pfg. Figura 176 - Selo aéreo nº 58 - 50 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

O primeiro selo foi emitido na cor azul, apresentando a efígie do *Graf* (Conde) Zeppelin apoiado no parapeito de uma gôndola. O segundo selo, emitido na cor verde, retrata uma gôndola do dirigível, uma espécie de cabine de avião que poderia alcançar dimensões maiores que as de um vagão de trem, onde piloto e passageiros embarcavam, e onde ficavam acoplados os motores do dirigível. Na gôndola também ficavam instalados os equipamentos de filmagem e fotografia destinados à confecção de material de propaganda para o *Reich*. Notemos os esquemas das aeronaves de perfil na parte de baixo e as suásticas, uma de cada lado na parte superior dos selos. Segundo Jung: “Atualmente, vemos com frequência que os automóveis e aviões substituem, nos sonhos contemporâneos, os animais fabulosos e os monstros dos tempos remotos”<sup>660</sup>. O avião não simboliza o cavalo, mas o próprio Pégaso, associado à velocidade e às tempestades, exprime na sua decolagem “uma aspiração

<sup>659</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no subcapítulo 3.1 OS SELOS DO REICH – Selos.

<sup>660</sup> JUNG, C. G. apud CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2009. p. 104.

espiritual, a da liberação do seu ego terreno através do acesso purificador a alturas celestes<sup>661</sup>.

Prosseguindo em nossa análise, no ano de 1932...

Crescera ainda mais a adesão dos militares e industriais ao nazismo. Após as eleições de novembro, 38 signatários da grande indústria, encabeçados por Thyssen, Krupp, Bosh, Siemens, Schacht e von Schröder, apelam para Hindenburg para que nomeie Hitler primeiro-ministro. A 29 de janeiro de 1933, o presidente demite Schleicher, que sucedera a von Papen por dois meses, e nomeia Hitler chanceler. Empossado no dia seguinte, Hitler foi saudado durante toda a noite pela população de Berlim, com uma procissão de tochas acesas, cantos, luzes e cruzeiros gamadas<sup>662</sup>.

Grande incentivador das indústrias de grande porte, o governo nazista não sufocou a iniciativa privada com seu discurso socializador. Antes, buscou estabelecer uma complexa relação mutualmente vantajosa, na qual, tanto o governo quanto o setor privado eram beneficiados.

“A perfeição do produto é um auxílio seguro para a potência das alas fascistas”<sup>663</sup>. Era assim que a *Magneti Marelli*, empresa do segmento de peças automobilísticas, anunciava seus produtos na Itália fascista. Sua propaganda ia ao encontro dos preceitos do regime de Benito Mussolini. Todos os produtos eram revestidos de um valor político, o que fez com que, em tempos de guerra, levassem o *front* para dentro dos lares.

Assim como na Itália, o governo alemão ouvia os grandes grupos industriais antes de tomar decisões econômicas importantes e, ao mesmo tempo, o setor privado legitimava a autoridade estatal. As megaempresas como a *Interessengemeinschaft Farbenindustrie Aktiengesellschaft* – IG-Farben (Associação de Interesse da Indústria de Tintas S.A.)<sup>664 665</sup>, a Volkswagen<sup>666</sup>, Mannesmann<sup>667</sup> e a Thyssen<sup>668</sup>, participavam de decisões de estado, enquanto que as indústrias de menor porte sofriam as consequências da ingerência pública.

<sup>661</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, *ibidem*.

<sup>662</sup> LENHARO, Alcir. *Nazismo: “O triunfo da vontade”*. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2001. p. 28.

<sup>663</sup> PIGNOTTI, Lamberto. *La Super-Nada: Ideologia y Lenguaje de la Publicidad*. Valência: Fernando Torres Editor, 1976.

<sup>664</sup> KERSHAW, *ibidem*. p. 398.

<sup>665</sup> Empresa multinacional alemã do segmento petroquímico criada em 1925, com a junção de várias empresas químicas, com o objetivo de compensar a queda da importação de produtos derivados deste setor ocorrida durante o entre guerras. Durante seu apogeu a IG-Farben foi a quarta maior empresa do mundo, depois da General Motors, U.S. Steel e Standard Oil Company.

<sup>666</sup> Hitler visitou o local de construção da fábrica da Volkswagen em Fallersleben, no ano de 1938, com o objetivo de “colocar a pedra fundamental”. In: KERSHAW, *ibidem*. p. 522.

<sup>667</sup> KERSHAW, *ibidem*. p. 484.

<sup>668</sup> Idem, *ibidem*. p. 226.

Krupp<sup>669</sup>, por exemplo, industrial do aço e presidente do Sindicato Patronal Alemão, quando da tomada do poder pelos nazistas, afirmou claramente que os industriais precisavam ser dirigidos por uma “mão forte e dura” e por um sistema que “funcionasse bem”, para que se pudesse trabalhar tranquilamente. Quanto à questão judaica, dizia, sem receios, desconhecer que houvesse matança, mesmo porque, “a cavalo dado não se olha os dentes”<sup>670</sup>.

Segundo Lenharo, “Auschwitz criou um complexo industrial, dirigido pelas SS. Com o apoio de empresas como a IG-Farben<sup>671</sup>, trinta e nove outros campos de trabalho eram-lhe dependentes. Os campos eram plurifuncionais, mas guardavam designações outras”<sup>672</sup>. Em 1933, “um Conselho Geral da Economia formado de grandes nomes da indústria e das finanças, passa a assessorar a ditadura nazista”<sup>673</sup>. Otto Ohlendorf<sup>674</sup>, consultor econômico do Terceiro *Reich*, caracterizou a economia nazista como sendo uma economia de concorrência imperfeita que favorecia as grandes firmas<sup>675</sup>.

O progresso e as ferrovias eram considerados eventos inseparáveis no século XIX. Praticamente todo o escoamento da produção industrial, assim como o transporte de passageiros, foi ampliado e deslocado para os grandes centros consumidores através do transporte ferroviário. Na evolução tecnológica, a Alemanha se despontava. Nesse contexto, em 10 de julho de 1935 foram lançados selos em comemoração e divulgação das festas do Centenário das Estradas de Ferro Alemãs. Três trens foram escolhidos para demonstrar o desenvolvimento de um dos maiores e mais utilizados meios de transporte na Europa, até a

---

<sup>669</sup> No início do governo de Hitler, “Gustav Krupp von Bohlen und Halbach – chefe da poderosa companhia de ferro e aço Krupp e presidente da Associação da Indústria Alemã – e outros industriais importantes foram convidados para reuniões na residência de Göring”. No mês de maio do mesmo ano, a então poderosa Associação de Krupp foi dissolvida e “substituída pelo nazificado Estado Imperial da Indústria Alemã (*Reichsstand der Deutschen Industrie*)”, com o objetivo “de demitir empregados judeus e retirar os empresários judeus” de suas posições representativas na indústria e no comércio alemão. In: KERSHAW, Ibidem. pp. 226, 300 e 301.

<sup>670</sup> LENHARO, Ibidem. p. 10.

<sup>671</sup> PAXTON, Ibidem. p. 338.

<sup>672</sup> Idem, Ibidem. p. 81.

<sup>673</sup> Idem, Ibidem. p. 29.

<sup>674</sup> Otto Ohlendorf (1907-1951) se filiou ao partido nazista em 1925. Membro da *SS-Gruppenführer*, chegou a chefe de inteligência e segurança do Reich e comandante da *Einsatzgruppe D* no front oriental. Condenado à morte em Nuremberg em abril de 1948, foi enforcado em 08 de junho 1951. Fonte: GOLDENSOHN, Leon. *As Entrevistas de Nuremberg: conversas de um psiquiatra com os réus e as testemunhas*. Organização e introdução de Robert Gallately. Tradução de Ivo Korytowski. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 442.

<sup>675</sup> GRUNBERGER, R. *A História da SS*. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 1970.

atualidade. Todos trazem na parte superior a inscrição: *100 Jahre Deutsche Eisenbahn* (100 Anos da Ferrovia Alemã) e *Deutsches Reich* (Império Alemão), na parte inferior.

O primeiro selo trazia estampada a figura da locomotiva a vapor *Adler* (Águia), impresso na cor verde (figura 177). Construída em Newcastle, na Inglaterra, pela empresa *Robert Stephenson and Company* (Robert Stephenson e Companhia). A *Adler* entrou em funcionamento no dia 7 de dezembro de 1835, na primeira estrada de ferro economicamente viável da Alemanha, a estrada de ferro de Nuremberg-Fürth, e permaneceu em atividade por vinte e dois anos. Uma réplica em tamanho natural se encontra exposta no *Verkehrsmuseum Nürnberg* (Museu do Transporte de Nuremberg)<sup>676</sup>, onde ainda hoje existem trens históricos também em exposições, uma vez que a primeira linha ferroviária da Alemanha foi construída a partir de Nuremberg. A *Adler* encabeçou a série sendo acompanhada por três locomotivas “modernas” da época que representavam o nível de desenvolvimento obtido pela Alemanha nazista.

Selo n° 539 - 6 Pfg. - Locomotiva a Vapor <i>Adler</i>	Selo n° 540 - 12 Pfg. - <i>Dampflokomotiven Baureihe 03</i> (Locomotiva a Vapor Série 03)
Selo n° 541 - 25 Pfg. - <i>Fliegender Hamburger</i> (Hamburgo Voador)	Selo n° 542 - 40 Pfg. - Locomotiva Expressa Série 05 001



Figura 177 – Selo n° 539



Figura 178 – Selo n° 540



Figura 179 – Selo n° 541



Figura 180 – Selo n° 542

Fonte: Acervo do Autor.

<sup>676</sup>Disponível em:

<[http://www.deutschebahn.com/site/dbmuseum/de/fahrzeugsammlung/fahrzeughalle\\_\\_eins/fahrzeughalle\\_\\_einht ml](http://www.deutschebahn.com/site/dbmuseum/de/fahrzeugsammlung/fahrzeughalle__eins/fahrzeughalle__einht ml)>. Acesso em: 05 mar. 2013.

O segundo selo traz impressa a imagem da que foi a primeira das locomotivas chamadas modernas, uma *Dampflokomotiven Baureihe 03* (Locomotiva a Vapor Série 03 - figura 178). Construídas entre 1930 e 1938, eram locomotivas expresso padrão, adotadas pela *Deutsche Reichsbahn – DR* (Ferrovia do *Reich* Alemão)<sup>677</sup> para o transporte de cargas. Comparada às suas antecessoras, apresentavam baixo consumo de carvão, utilizado para alimentar as caldeiras para a produção de vapor<sup>678</sup> e que durante a expansão da DR e do próprio *Reich*, em Março de 1935, foi incorporada a malha ferroviária do Saar.

O terceiro selo da série apresentava estampada a locomotiva chamada de *Fliegender Hamburger* (Hamburgo Voador) e foi impresso na cor azul (figura 179). A DR 877 ou DB Série VT 04.0 foi a primeira locomotiva a diesel adotada pela DR e entrou em operação em 1933. Destinava-se ao serviço de transporte ferroviário de passageiros em alta velocidade entre Berlim e Hamburgo. Atingindo a velocidade de 150 km/h, tornou-se, àquela época, o meio de transporte mais rápido do mundo<sup>679</sup>.

O quarto e último selo da série apresentava a figura de uma locomotiva expressa Série 05 001 e foi impresso na cor vinho (figura 180). Fabricada pela *Borsig Lokomotiv Werke GmbH*, foi colocada pela DF em operação em 8 de Março 1935, fato que foi largamente veiculado pela mídia da época por ter sido considerado um grande evento. Devido à sua tecnologia, foi levado à Nuremberg e colocado em exibição na exposição concretizada por ocasião das comemorações do já citado Centenário da Ferrovia Alemã, realizado entre os dias 14 de julho a 13 de outubro de 1935, quando os selos também foram colocados à venda. A locomotiva também participou do desfile ferroviário realizado em 08 de dezembro de 1935. Por ocasião dos Jogos Olímpicos de Verão de 1936, no dia 14 de maio de 1936, foi utilizada nos comboios rápidos para Berlim. Durante o período dos Jogos, os anéis olímpicos foram pintados em sua fuselagem.

A mesma tecnologia utilizada para promover o progresso e o desenvolvimento da comunidade alemã foi empregada para acelerar ações relacionadas à “Solução Final da Questão Judaica”. Com este objetivo, na década de quarenta:

---

<sup>677</sup> Fundada em 1920, sob o nome de *Deutsche Reichseisenbahnen*, durante a República de Weimar, formalmente chamada de *Deutsches Reich* (Reich Alemão), surgindo desta especificidade o uso da palavra Reich no nome da ferrovia, este assumiu o controle nacional das ferrovias alemãs, anteriormente executado pelos Estados alemães. Em 1937, em pleno Terceiro Reich, foi novamente reorganizada, recebendo o nome de *Deutsche Reichsbahn – DR* ou DRB. Após a *Anschluß*, anexação da Áustria ao Império Alemão ocorrida em 1938, a DR assumiu o controle da *Bundesbahn Österreich – BBÖ* (Ferroviária Federal da Áustria).

<sup>678</sup> TROCHE, Horst. *Die Baureihe 03: Die leichte Einheits-Schnellzuglokomotive der Deutschen Reichsbahn-Gesellschaft*. Freiburg: EK-Verlag, 2006.

<sup>679</sup>Disponível em:

<[http://www.deutschebahn.com/site/dbmuseum/de/fahrzeugsammlung/fahrzeughalle\\_\\_zwei/fahrzeughalle\\_\\_zwei.html](http://www.deutschebahn.com/site/dbmuseum/de/fahrzeugsammlung/fahrzeughalle__zwei/fahrzeughalle__zwei.html)>. Acesso em: 06 mar. 2012.

A rede ferroviária europeia teve um papel crucial na implementação da “Solução Final”. Judeus da Alemanha e da Europa ocupada pelos alemães foram deportados por via férrea para os centros de extermínio na Polónia ocupada. Os alemães tentaram disfarçar suas intenções mortais, referindo-se a estas deportações como “reassentamento no leste”. As vítimas disseram que eles estavam sendo levados para campos de trabalho, mas na realidade, a partir de 1942, a deportação para a maioria dos judeus significava trânsito para campos de extermínio<sup>680</sup>.

Segundo Clarke:

Os planos para lançar os judeus da Europa Ocidental, e em qualquer outra parte em que pudessem ser agarrados, foram formulados numa conferência em Gross Wannsee<sup>681</sup>, a 20 de janeiro de 1942. [...]

Dentro de seis semanas, Eichmann já fizera o levantamento de áreas para as primeiras prisões em massa e estabelecera, com o seu oficial de ligação em transportes, o Capitão do S.S. Kurt Nowak, horários detalhados para seus trens de morte. [...]

O quarto item tratava da capacidade dos trens. E esse respeito Eichmann observou que não se deviam ser poupados esforços para economizar o material rodante. “Os trens de judeus tem capacidade para 700 passageiros, mas pode-se colocar mil em cada um”, disse ele a seus homens. E acrescentou como um aparte: “Por uma questão de aparência, meus amigos, esses *transportes*, como os chamaremos, por enquanto não devem incluir pessoas idosas [...]”<sup>682</sup>.

Os campos de concentração e os campos de extermínio foram intencionalmente edificadas junto às vias férreas para facilitar o transporte. Com esta medida, o transporte em massa foi utilizado para que fosse realizado o assassinato em massa de milhões homens, mulheres e crianças. Lenharo apresenta-nos uma descrição mais detalhada da participação popular nestes “cortejos fúnebres”:

O escritor protestante Ernest Wiechart descreve com clareza a participação popular contra os prisioneiros que eram levados para Buchenwald. O trem parava em todas as estações e as pessoas se acozavam para insultar os

<sup>680</sup> *The European rail network played a crucial role in the implementation of the "Final Solution." Jews from Germany and German-occupied Europe were deported by rail to the killing centers in occupied Poland. The Germans attempted to disguise their deadly intentions, referring to these deportations as "resettlement to the east." The victims were told they were being taken to labor camps, but in reality, from 1942, deportation for most Jews meant transit to extermination camps.* In: USHMM.ORG. Disponível em: <http://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10005445>>. Acesso em: 06 mar. 2013.

<sup>681</sup> A Conferência de Wannsee foi uma reunião realizada numa mansão na Villa Wannsee, no sudoeste de Berlim, onde um grupo de oficiais nazis discutiu a implementação da *Endlösung der Judenfrage* (Solução Final da Questão Judaica). In: ROSEMAN, Mark. *Os nazistas e a solução final: a conspiração de Wannsee: do assassinato em massa ao genocídio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

<sup>682</sup> CLARKE, Comer. *Eichmann: o assassino de milhões*. Tradução de Tati de Moraes. Rio de Janeiro: Editora do Autor. 1961. p. 133.



deportados e cuspir neles – se estavam sendo transportados para um campo de concentração, eram merecedores de tal castigo<sup>683</sup>.

De acordo com Lenharo:

Em Chelmno, somente em dezembro de 1941, em vagões que disfarçavam câmaras de gás, as SS assassinaram 150 mil judeus, obrigando comandos, formados inclusive por judeus, a realizar o serviço sujo. Em seguida, esses judeus eram também executados. Em Lublin, métodos semelhantes foram utilizados<sup>684</sup>.

Com os avanços tecnológicos na área da aviação, o transporte de passageiros se desenvolveu a tal ponto que começaram a surgir os primeiros voos regulares para o transporte de pessoas e cargas. Na Alemanha, em 1926 foi criada a *Deutsche Luft Hansa Aktiengesellschaft* (Companhia Aérea Alemã Sociedade Anônima), que atuou entre os anos de e 1945, quando foi proibida de operar. No ano de 1933, em Berlim, devido à necessidade da existência de uma empresa de aviação que estivesse à altura de representar o Terceiro Reich no exterior, foi renomeada para *Deutsche Lufthansa*. No dia 06 de janeiro de 1936, foi lançado um selo comemorativo alusivo ao 10º aniversário da Companhia Aérea Lufthansa (figura 181). Impresso na cor azul, trazia na parte de baixo, logo acima da inscrição – *Deutsches Reich* – os dizeres *10 Jahre Lufthansa 1926-1936*.



**Figura 181 – Selo aéreo nº 54 - 40 Pfg.**  
**Fonte: Acervo do Autor.**

No selo havia o desenho de um avião Heinkel He 70 *Blitz* (Relâmpago)<sup>685</sup>, utilizado década de 1930 pelo Correio Aéreo Alemão e pela *Deutsche Luft Hansa*, para transportar

<sup>683</sup> LENHARO, Ibidem. p. 08.

<sup>684</sup> Idem, Ibidem. p. 80.

<sup>685</sup> Foi concebido em resposta a uma demanda da *Deutsche Luft Hansa*, que necessitava de uma aeronave que empreendesse velocidades maiores que as aeronaves modelos *Lockheed Vega* (*Vega Aircraft Corporation*, subsidiária da *Lockheed Aircraft Corporation*) e *Orion* (*Lockheed Aircraft Corporation*), para emprego em linhas aéreas curtas.

passageiros. Entre os anos de 1934 e 1936, setenta unidades foram utilizadas em voos internacionais, como a linha estabelecida entre as cidades de Stuttgart e Sevilha. A rota de Stuttgart fazia parte do trajeto que integrava a rota da América do Sul (Alemanha-Brasil), na qual a *Luft Hansa* era a responsável também pelo serviço de correio aéreo, quando eram utilizados aviões Junkers Ju-52/3M e hidroaviões Dornier Wal (whale – baleia)<sup>686</sup>. Outras setenta unidades foram operadas em voos domésticos, entre 1934 e 1937, como as linhas ligando as cidades de Berlim à Frankfurt e Hamburgo à Colônia. Mas, por seu tamanho reduzido foi gradualmente substituído na *Deutsche Luft Hansa* por aviões de maior porte.

A aeronave chamou a atenção por apresentar um *design* revolucionário para a época. Exibia uma característica considerada nova na Alemanha: um trem de pouso retrátil e especialmente adaptado para atender os requisitos de velocidade. Utilizava motor BMW VI V-12, substituindo o refrigerado a água pela refrigeração a etilenoglicol. Isso permitia a redução do tamanho do radiador que seria utilizado nas aeronaves, contribuindo para a redução do arrasto. Devido às suas peculiaridades, acumulou oito recordes mundiais de velocidade/distância e atingindo a velocidade máxima de 377 km/h<sup>687</sup>. Em 1937, as aeronaves ainda em uso foram transferidas para a *Luftwaffe* (Força Aérea Alemã).

No dia 20 de abril de 1942, foi lançado um selo como forma de pagamento de franquia para os serviços postais militares. Antes da emissão deste exemplar, as cartas e pacotes militares recebiam apenas marcas postais, não eram franqueados por selos postais.

Emitido na cor azul, apresentava na parte superior a inscrição: *LUFTFELDPOST* (Correio Aéreo Militar), retratando uma aeronave de transporte Junkers Ju-52 (figura 182). O Junkers Ju-52 foi um avião trimotor alemão, fabricado entre os anos de 1932 e 1945 que, devido à sua extrema versatilidade, foi utilizado tanto como aeronave militar para a condução de tropas e cargas, quanto civil, voando pelas empresas *Swissair* e pela *Deutsche Luft Hansa*, transportando passageiros e mercadorias.

No cinema, os aviões também desempenharam papel crucial na propaganda nazista:

Nas primeiras sequências de *O triunfo da vontade*, Hitler chega de avião como um esperado Messias. O bimotor plaina sobre as nuvens que se abrem

<sup>686</sup> BROWN, Raymond J. (Ed.). *Popular Science*. New York: Popular Science Publishing Co., february, 1933. p.13. Volume 122, number 2. Disponível em: <[http://books.google.com.br/books?id=pigDAAAAMBAJ&pg=PA13&dq=Popular+Science+1931+plane&hl=en&ei=q78LTaeBEcyTnQf\\_5cHUDQ&sa=X&oi=book\\_result&ct=result&redir\\_esc=y#v=onepage&q=Popular%20Science%201931%20plane&f=false](http://books.google.com.br/books?id=pigDAAAAMBAJ&pg=PA13&dq=Popular+Science+1931+plane&hl=en&ei=q78LTaeBEcyTnQf_5cHUDQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&redir_esc=y#v=onepage&q=Popular%20Science%201931%20plane&f=false)>. Acesso em: 08 mar. 2013.

<sup>687</sup> DONALD, David (Ed.). *The Encyclopedia of Civil Aircraft: Profiles and specifications for civil aircraft from the 1920s to the present day*. London: Aurum Publishing, 1999. 816 p.

à medida que ele desce sobre a cidade. A propósito dessa cena, a cineasta [Riefenstahl] escreveria: “O sol desapareceu atrás das nuvens. Mas quando o Führer chega, os raios de sol cortam o céu, o céu hitleriano”<sup>688</sup>.



**Figura 182 – Selo de franquia militar nº 01.  
Fonte: Acervo do Autor.**

Adolf Hitler usou um Junkers Ju-52 da *Deutsche Luft Hansa* como transporte durante sua campanha eleitoral em 1932 porque preferia esse meio de transporte ao ferroviário. Em fevereiro de 1933, já Chanceler alemão, recebeu um Ju-52/3mfe, batizado de Immelmann<sup>689</sup>, para ser usado como *Führermaschine* (Máquina do Líder), ou *Führer-Ju*<sup>690</sup>. Em fevereiro de 1935, foi adquirido um Ju-52/3mge para ser usado como novo *Regierungsflugzeug* (Avião do Governo), batizado de Immelmann II<sup>691</sup>, usado como seu avião pessoal. A partir de 1939<sup>692</sup>, parte dos integrantes do *Regierungsstafel* (Esquadrão do Governo), responsável pelo transporte aéreo do *Führer*, foi lotada no recém-criado *Fliegerstaffel des Führers* - F.d.F (Esquadrão de Aviação do Führer).

Cabe ressaltar que, assim como as linhas férreas foram desenvolvidas visando o uso bélico, desde o começo, as aeronaves foram idealizadas com motivação militar. Em novembro de 1936, vinte e oito aviões Heinkel He-70 foram enviados com a *Legion Condor* (Legião Condor) para a Espanha, para atuarem como aeronaves de reconhecimento, apoiando as tropas terrestres do General Franco<sup>693</sup> durante a Guerra Civil Espanhola<sup>694</sup>. Pelo menos vinte

<sup>688</sup> LENHARO, Ibidem. p. 60-61.

<sup>689</sup> Em homenagem a Max Immelmann, famoso Ás da aviação alemã e herói da Primeira Guerra Mundial.

<sup>690</sup> SWEETING, C. G. *O Piloto de Hitler*. A vida e a época de Hans Baur. Tradução de Elvira Serapicos. São Paulo: Jardim dos Livros, 2011. p. 89.

<sup>691</sup> Idem. *Hitler's Squadron: the Fuehrer's personal aircraft and transport unit. 1933-45*. Washington, D.C.: Brassey's, 2001.

<sup>692</sup> Idem. *O Piloto de Hitler*. p. 90.

<sup>693</sup> Francisco Paulino Hermenegildo Teódulo Franco y Bahamonde (1892-1975), militar e ditador espanhol, ficou no poder de outubro de 1939 até sua morte, em 20 de novembro de 1975. In: ELLWOOD, Sheelagh M. *Franco*. Portugal: Editorial Inquérito, 1998.

<sup>694</sup> Conflito bélico teve início no ano de 1936 e terminou 1939, findo o qual militares espanhóis instauraram um regime ditatorial com características fascista, liderado pelo então General Franco. In: BEEVOR, Anthony. *A Batalha da Espanha: A guerra civil espanhola – 1936-1939*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

Junkers Ju-52 foram utilizados, em algumas ocasiões, como bombardeiros de médio porte<sup>695</sup>. A intenção era observar como a força aérea alemã se comportava nas batalhas, além de realizar os ajustes necessários e prepará-las para atuarem na *Blitzkrieg* (Guerra Relâmpago)<sup>696</sup>.

Seguindo as comemorações relacionadas à postagem aérea, no dia 11 de fevereiro de 1944, foram emitidos três selos em homenagem aos 25 Anos do Serviço Postal Aéreo Alemão.



Figura 183 – Selo n° 59.



Figura 184 – Selo n° 60.  
Fonte: Acervo do Autor.



Figura 185 – Selo n° 61.

Além da inscrição *GROSSDEUTSCHES REICH* (Grande Império Alemão), os três selos apresentam imagens distintas. O primeiro selo traz o desenho de um Focke-Wulf FW 200 “Condor” (figura 183) em voo, observado do que parece ser um aeroporto. Emitido na cor verde, apresenta o valor facial de 6 Pfg., mais sobretaxa de 4 Pfg. Construído pela *Focke-Wulf Flugzeugbau AG*, a V2 foi entregue para a *Lufthansa* e a V3 era o avião pessoal de Hitler, substituindo o Ju-52/3mge Immelmann II, como *Regierungsflugzeug* (Avião do Governo), ficando este como segunda opção<sup>697</sup>. Apresenta o símbolo da *Lufthansa* do lado esquerdo e de uma trombeta com asas do lado direito, símbolo dos Correios em toda a Europa.

Mesmo tendo sido recusado pelas Forças Armadas alemãs por não atender a concepção da tática de *Blitzkrieg*, o FW 200 “Condor” se tornou, nos anos de 1930, um dos mais importantes meios de transporte utilizados na aviação mundial. Dois exemplares da aeronave foram entregues ao Sindicato Aéreo do Condor, subsidiária da *Lufthansa* no Brasil

<sup>695</sup> Bombardeiro médio – aeronave projetada para transportar aproximadamente 4.000 libras (1.8 toneladas) de explosivos, com alcance útil entre 1.500 a 2.000 milhas (2.400 a 3.200 quilômetros).

<sup>696</sup> *Blitzkrieg* – tática que emprega a agilidade dos blindados associada à manobrabilidade da infantaria, associadas a um maciço apoio aéreo.

<sup>697</sup> SWEETING, Ibidem.

com sede no Rio de Janeiro<sup>698</sup>. A empresa utilizava, além dos Fokker, outras aeronaves alemãs como os Junkers e Dornier, alguns já vistos acima e outros que veremos a seguir.

O segundo selo apresenta o desenho de um hidroavião Blohm & Voss BV 138 *Seedrache* (Dragão do Mar - figura 184). Devido à sua silhueta ficou mais conhecido por *Der Fliegende Holzschuh* (O Tamanco Voador). Exibe o emblema da *Lufthansa* na cauda. Emitido na cor carmim, apresenta o valor facial de 12 Pfg. + 8 Pfg. Os BV 138 foram fabricados pela *Abteilung Flugzeugbau der Schiffswerft Blohm & Voss* (Departamento de Construção de Aeronaves do Estaleiro Blohm & Voss), subsidiária da empresa *Blohm & Voss*, especializada na construção naval. Produzido entre os anos de 1938 e 1943, foi utilizado pela *Lufthansa* e pela *Luftwaffe*<sup>699</sup> principalmente como avião marítimo de reconhecimento de longo alcance.

O terceiro e último selo da série traz o desenho de um Junkers Ju-90 (figura 185) visto de cima e o emblema *Lufthansa*. Este avião foi desenvolvido e utilizado para o transporte de passageiros pouco antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial. Emitido na cor azul, apresenta o valor facial de 42 Pfg. + 108 Pfg. A *Luftwaffe* utilizou uma de suas várias versões para o transporte de suas tropas e reconhecimento aéreo.

Passemos, a seguir, para a análise dos automóveis. Em comemoração ao *Internationale Automobil-Ausstellung* (Exposição Internacional do Automóvel), realizado em Berlim entre os dias 17 de fevereiro e 05 de março de 1939, no primeiro dia do evento foi lançada uma série composta por três selos, fazendo menção à evolução tecnológica do automóvel, desenvolvida por alemães.



Figura 186 – Selo nº 627.



Figura 187 – Selo nº 628 .  
Fonte: Acervo do Autor.



Figura 188 – Selo nº 629.

<sup>698</sup> Em 1930, foram emitidos os selos ZEPPELIN, destinados ao pagamento do porte aéreo das correspondências transportadas pelos dirigíveis.

<sup>699</sup> *Luftwaffe* – divisão aérea da *Wehrmacht*.

O primeiro selo (figura 186), emitido na cor verde, apresenta valor facial de 6 Pfg. + 4 Pfg. Nele, vemos o intuito do regime nazista em promover a exposição, realizando a propaganda dos primeiros motores de quatro tempos movidos a combustão interna e que utilizavam gasolina como combustível. Foram construídos na Alemanha no ano de 1885 por Carl Benz; e também por Gottlieb Daimler que, juntamente com Wilherm Maybach, criaram, no mesmo ano, a primeira motocicleta e, em 1886, a primeira carruagem motorizada. Mas, o que realmente queriam promover era a ideia da superioridade alemã em todos os segmentos tecnológicos ligados ao automobilismo. Afinal, o automóvel era considerado o símbolo “da evolução em marcha e suas peripécias”<sup>700</sup>.

O segundo selo (figura 187) faz referência à velocidade que, ligada diretamente à tecnologia, outro grande entusiasmo do ser humano, compunham algumas das grandes paixões exploradas pelo regime nacional-socialista. O selo foi emitido na cor vermelha apresentando valor facial de 12 Pfg. + 8 Pfg. Sua ilustração tenta transmitir toda a potência e velocidade alcançadas pelos carros de corrida da Auto Union e Mercedes-Benz.

A Auto Union foi uma empresa automobilística alemã fundada no período da Grande Depressão, em 1932, resultante da associação de outras quatro fábricas: a Audi, a Horch, a DKW e a Wanderer, com o objetivo de rivalizar com a Mercedes-Benz, criada no ano de 1924 com a união da Benz & Cia e a Daimler. Seu símbolo se compõe de quatro anéis entrelaçados em uma linha horizontal representando cada um das firmas originais. Com razoável autonomia, de modo que a utilizaram suas próprias marcas comerciais, a logomarca da Auto Union foi primeiramente empregada nas pistas de corrida. As quatro argolas sobreviveram aos tempos e atualmente constituem o símbolo da empresa Audi.

A estrela de três pontas utilizada pela Mercedes-Benz, desenhada por Gottlieb Daimler, numa referência a imagens esotéricas, representa o ar, a terra e o mar. Com isso, pretendia-se demonstrar que seus motores estavam adaptados para atuar em qualquer um dos ambientes. O círculo em volta da estrela foi agregado à marca por Karl Benz e adotado a partir de 1937.

Com o terceiro selo (figura 188), que traz estampada a figura de um automóvel trafegando por uma das várias autoestradas, analisaremos aquilo que constituiu um dos maiores “carros-chefe” da propaganda política nazista na indústria automobilística: a construção do *Volkswagen* (Carro do Povo). Considerado como uma encomenda do próprio Hitler, foi uma das mais revolucionárias propagandas de todos os tempos. Afinal, tratava-se

---

<sup>700</sup> CHEVALIER, Ibidem. p. 101.

de um automóvel fabricado por trabalhadores e ao alcance de qualquer trabalhador alemão, pois era acessível às diferentes classes sociais. O lançamento do *Volkswagen* contribuiu muito para a boa imagem de Hitler, pois, até os anos de 1930 a indústria automobilística alemã estava voltada para a fabricação de carro de luxo, não acessíveis a maioria das famílias de classe média.

Não nos ateremos muito aos méritos da questão por existir ótima literatura dedicada ao tema. Contudo, abordaremos superficialmente uma das vertentes difundidas sobre a origem do desenho do primeiro *Volkswagen*, que atribui ao próprio Adolf Hitler<sup>701</sup> sua concepção. A ideia inicial teria surgido durante um almoço em Munique, em 1932, em meio aos planos nazistas de se chegar ao poder e reduzir o desemprego que assolava o país. Neste encontro, traçavam-se as linhas dos programas de obras públicas que envolviam a construção de enormes estradas, as *Autobahnen* (autoestradas)<sup>702</sup> que, ao mesmo tempo, forneceriam ao *Reich* uma moderna infraestrutura necessária ao escoamento da produção civil e bélica. Em 23 de dezembro de 1933, Hitler improvisa um desenho<sup>703</sup> e o confia a um dos futuros membros do Conselho da Daimler-Benz AG<sup>704</sup>, Jakob Werlin<sup>705</sup>, com a seguinte recomendação: “[...] leve com você e fale com pessoas que entendem mais sobre o assunto do que eu. Mas não se esqueça. Eu quero ouvir de você em breve, sobre os detalhes técnicos”<sup>706</sup>.

Se este fato realmente aconteceu ou se é uma versão romanceada, não é questão que cabe discutirmos aqui. A menção a essa história, que teve ampla circulação, é relevante na medida em que, real ou fictícia, demonstra o quanto a construção do “carro do povo” esteve associada à figura do *Führer*. O certo é que, em visita o Salão Internacional do Automóvel de Berlim em 1933, Hitler se ateu ao conceito do *Volkswagen* e viu no carro do povo uma forma eficiente de propaganda nazista, passando a defender a ideia como se fosse sua. O veículo foi desenvolvido na década de 1920, pelos engenheiros judeus Josef Ganz e Edmund

<sup>701</sup> A origem do esboço do primeiro Fusca (como é conhecido no Brasil) ainda é questionada assim como esta vertente.

<sup>702</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.4 OS SELOS DO REICH - Arquitetura e Arte

<sup>703</sup> SCHILPEROORD, Paul. *A Verdadeira História do Fusca* - Como Hitler se apropriou da invenção de um gênio judeu. Tradução de Juliana Moura Bueno. São Paulo: Editora Alaúde, 2010. p. 223.

<sup>704</sup> Idem, Ibidem. p. 222.

<sup>705</sup> Jakob Werlin (1886 - 1965) – vendedor de carros austríaco e colaborador nazista. Foi designado pelo próprio Adolf Hitler como *SS-Ehrenführer* (Líder de Honra SS), *Generalinspektor des Führers für das Kraftfahrwesen* (Inspetor Geral do Führer para a Engenharia Automotiva) e influenciou sua indicação para membro do conselho administrativo da Daimler-Benz, com o objetivo de encobrir a participação do engenheiro automobilístico Josef Ganz no desenvolvimento do Volkswagen. In: SCHILPEROORD, Ibidem.

<sup>706</sup> “Take it with you and speak with people who understand more about it than I do. But don't forget it. I want to hear from you soon, about the technical details”. In: RETRORAMBLING.WORDPRESS.COM. Disponível em: <<http://retrorambling.wordpress.com/articles/european-car-history/the-kdf-wagen-turns-75/>>. Acesso em: 15 out. 2012.

Rumpler<sup>707</sup>, cogitados para conduzir o projeto nazista, mas, por serem judeus, foram em seguida rejeitados<sup>708</sup>, passando a direção do grupo de *designers* para as mãos de Ferdinand Porsche<sup>709</sup>.

O automóvel apresentava motor de quatro cilindros refrigerado a ar, montado na traseira e silhueta similar a do futuro Fusca, cujo prótótipo foi chamado de *Kraft durch Freude-Wagen - KdF-Wagen* (Carro da Força pela Alegria), um dos refrãos do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães. Em maio de 1938, a *Deutsche Arbeitsfront* – DAF (Frente Alemã do Trabalho) assumiu a responsabilidade pela construção da fábrica e iniciou os trabalhos em Wolfsburg, primeiramente chamada de *Stadt des KdF-Wagen* (Cidade dos Carros KdF), onde o carro foi montado. Logo após sua montagem, ele foi imortalizado em um selo emitido em sua homenagem. Lembremos que a *Kraft durch Freude* (Força pela Alegria) era o aparato estatal destinado a administrar o tempo livre dos trabalhadores da *Deutsche Arbeitsfront* – DAF (Frente Alemã do Trabalho) e esta, que se tornou uma das maiores organizações corporativas do *Reich*, foi a responsável pela construção da fábrica onde o “Hitler Volkswagen” foi posteriormente produzido.

Os nazistas esperavam que os trabalhadores se submetessem docilmente às suas estratégias de envolvimento e participação. Em 1938, por exemplo, uma campanha publicitária ofereceu o automóvel Volkswagen – “um carro do povo” –, para a massa de trabalhadores. Centenas de milhares deles fizeram sua reserva em dinheiro. O carro não saiu, já que a produção estava exclusivamente voltada para veículos de guerra. Pior que essa mentira eram os salários achatados desde o início do governo nazista<sup>710</sup>.

Conforme as intenções anunciadas por Hitler: “Depois da guerra, cada alemão tinha que ter a chance de ver os territórios conquistados com seu ‘carro do povo’ (*Volkswagen*), uma vez que teria de ‘estar pronto, se necessário, para lutar por eles’”<sup>711</sup>. Mas, com o advento da Segunda Guerra Mundial, sua produção foi adaptada para a construção de veículos militares, como o jipe *Kübelwagen* (Carro conversível), o modelo *Schwimmwagen* (Carro Anfíbio) e o *Kommandeurwagen* (Carro do Comando/Comandante), inspirados no Fusca.

<sup>707</sup> Edmund Rumpler (1872 - 1940) – austríaco, projetista de aeronaves e automóveis, foi preso após a chegada de Hitler ao poder em 1933. Apesar de sua libertação ter sido rápida, teve sua carreira arrasada e seus arquivos destruídos.

<sup>708</sup> SCHILPEROORD, Paul. *A Verdadeira História do Fusca - Como Hitler se apropriou da invenção de um gênio judeu*. Tradução de Juliana Moura Bueno. São Paulo: Editora Alaúde, 2010.

<sup>709</sup> Ferdinand Porsche (1875-1952) - engenheiro e construtor automobilístico austríaco. Cf. SCHILPEROORD, *Ibidem*.

<sup>710</sup> LENHARO, *Ibidem*. p. 34-35.

<sup>711</sup> KERSHAW, *Ibidem*. p. 662.



Os mesmos selos destinados ao Salão Internacional do Automóvel, em Berlim, foram relançados no dia 18 de maio de 1939 (figura 189 a figura 191).



Figura 189 – Selo nº 629 A.

Figura 190 – Selo nº 629 B.

Figura 191 – Selo nº 629 C.

Fonte: Acervo do Autor.

Os três selos acima apresentam como diferencial a sobrecarga *Nürburgring Rennen* (Corrida do Anel de Nürburg). Foram emitidos em 18 de maio do mesmo ano e tinham por objetivo a divulgação, como o próprio nome já especifica, das corridas automobilísticas realizadas no circuito da cidade de Nürburg, na Alemanha, entre os dias 21 de maio e 23 de julho do mesmo ano. A construção do Autódromo de Nürburgring foi iniciada em setembro de 1925 e as primeiras corridas aconteceram em 18 de junho de 1927. Em 1939, com a guerra, o autódromo foi usado pela última vez. As sobretaxas destes selos foram revertidas para o *Kulturfonds des Führers* (Fundo Cultural do Líder).

No mar a conjuntura não era diferente. O estímulo tanto para a construção quanto para a utilização de embarcações para fins comerciais e turísticos partia do próprio Estado nazista.

Viagens de férias da “Fôrça pela Alegria” nos território do *Reich*  
 Milhões de trabalhadores alemães participam anualmente, com grande alegria, nas lindíssimas viagens terrestres e marítimas da organização de recreios “Fôrça pela Alegria”. [...]  
 Viagens de férias da “Fôrça pela Alegria” ao estrangeiro  
 Uma semana de férias nos fiordes noruegueses. Preço: 45 marcos, incluindo viagem e pensão completa.  
 Os alemães em férias viajam hoje, com orgulho e alegria, em vapores próprios para países estrangeiros, aprendendo aí não só em conhecer as belezas e originalidades do país, como também os costumes dos seus povos<sup>712</sup>.

<sup>712</sup> A *Alemanha Social*. São Paulo: Empresa Editora Aurora Alemã Ltda., 1941. pp. 52-54.

A construção de embarcações, como forma de ter acesso ao mar e garantir a própria subsistência está presente em várias sociedades, desde tempos mais remotos. Tradicionais nações mercantes se desenvolveram economicamente, expandindo seu território e influência através da vela. Com o passar dos tempos e o aperfeiçoamento de novas tecnologias, a navegação que utilizava o vento como modo propulsor foi sendo suplantada pela navegação a motores movimentados a vapor que, mais tarde, foram superados por turbinas. Esta evolução foi representada nos selos alemães lançados no dia 04 de novembro de 1937 (figura 192 a figura 200).

O uso da propaganda – política – da tecnologia não se resumia apenas ao setor aéreo e automobilista alemão. A produção naval também refletia o grau de desenvolvimento técnico-científico de um país. O conjunto composto por nove selos emitidos pelo Terceiro Reich foi destinado à divulgação dos navios do Império.

Selo n° 594 – 3 Pfg. + 2 Pfg.- Barco de Salvamento “Bremen”
Selo n° 595 - 4 Pfg. + 3 Pfg. - Barco-guia “Elbe I”
Selo n° 596 - 5 Pfg. + 3 Pfg. - Barco de pesca da Prússia oriental
Selo n° 597 – 6 Pfg. + 4 Pfg. - “Wilhelm Gustloff” em Madeira
Selo n° 598 - 8 Pfg. + 4 Pfg. - Navio a Vela-escola “Pommern”
Selo n° 599 - 12 Pfg. + 6 Pfg. - Vapor “Tannenberg”
Selo n° 600 - 15 Pfg. + 10 Pfg. - Ferry-boat “Schwerin”
Selo n° 601 - 25 Pfg. + 15 Pfg. - Transatlântico “SS Hamburg”
Selo n° 602 - 40 Pfg. + 35 Pfg. - Transatlântico “SS Bremen”/“SS Europa”



Figura 192 – Selo n° 594



Figura 193 – Selo n° 595



Figura 194 – Selo n° 596



Figura 195 – Selo n° 597



Figura 196 – Selo n° 598



Figura 197 – Selo n° 599



Figura 198 – Selo n° 600



Figura 199 – Selo n° 601

Fonte: Acervo do Autor.



Figura 200 – Selo n° 602

Num período que a economia mundial ainda era movida por grandes embarcações, o transporte de passageiros girava em torno de grandes empresas navegadoras, com seus luxuosos transatlânticos, o que demandava uma infraestrutura tecnológica, econômica e social na área náutica enorme. Isto se refletia na área da segurança e resgate. O primeiro selo, de n° 594 (figura 192), retrata a ação de membros da *Deutsche Gesellschaft zur Rettung Schiffbrüchiger* - DGzRS (Sociedade Alemã para Salvação de Náufragos) embarcados no *Rettungsboot* (Barco de Salvamento) “Bremen”, dirigindo-se a um navio que, supostamente, se encontra avariado num mar revolto. A agilidade neste tipo de socorro é de extrema importância.

Ainda neste segmento, temos o segundo selo, de n° 595 (figura 193) que apresenta a imagem do *Feuerschiff* (Barco-Guia, Barco-Farol) “Elbe 1”. Este tipo de navio, equipado com um farol e que pode atuar com ou sem tripulação, era utilizado, muitas vezes, ancorado em uma localização específica fazendo a vez de um farol, alertando sobre perigos iminentes e ajudando a navegação marítima.

De industrialização tardia, surgindo no período da chamada segunda revolução industrial, a Alemanha unificada era essencialmente um país agrícola e não marítimo. Dotada de grande empenho, a nação germânica se destacaria no início do século XX como um país dotado de grandes marinheiros, navegando com navios mercantes que utilizavam vela. A Alemanha fez questão de conservar a tradição da vela.

A pesca também foi uma atividade contemplada pelos selos. O selo n° 596 (figura 194), apresenta estampado um Barco de pesca da Prússia Oriental, movido a vela que desempenhava eficientemente suas funções.

O navio Wilhelm Gustloff aparece no Selo n° 597 (Figura 195). Foi batizado em homenagem de líder nacional-socialista suíço, assassinado por um antinazista. O navio foi

construído pela Empresa de Estaleiros Blohm & Voss<sup>713</sup> em Hamburgo, para a *Kraft durch Freude* (Força pela Alegria), organização nazista responsável pelas atividades culturais e sociais (recreativas) para as classes de trabalhadores alemães. Operou como navio-hospital praticamente por todo o período da guerra. Foi afundado no mar Báltico pelo submarino soviético S-13, no dia 30 de janeiro de 1945, quando evacuava cidadãos alemães que fugiam da ofensiva soviética. O selo faz alusão à passagem do transatlântico pela Ilha da Madeira, na costa da África, local apreciado por muitos alemães em férias pela Força pela Alegria.

Interessante notarmos a imagem da planta Aloe Vera L. ou Babosa medicinal presente no selo. Da família *Liliaceae*, é originária da região do Mediterrâneo, Ilha da Madeira e Ilhas Canárias. É uma planta destinada ao uso terapêutico, principalmente cicatrizante, ação estimada em um país de tradição beligerante.

Para formarem as futuras gerações de marítimos, utilizavam-se navios-escola mercantes impulsionados à vela, como o Navio-Escola *Pommern* (Pomerânia) (Figura 196 – Selo nº 598), embarcação que apresentava quatro mastros construída em 1903, em Glasgow/Escócia. O *Pommern* foi inicialmente um navio mercante destinado ao transporte de grãos da Oceania para portos em Inglaterra ou Irlanda. Após a Segunda Guerra Mundial, foi doado para a cidade de Mariehamn como navio-museu. Atualmente, pertence ao Museu marítimo em Mariehamn/Finlândia.

O Selo nº 599 (Figura 197) apresenta a figura do navio balsa Tannenberg, que compunha o serviço naval do Ministério dos Transportes do Reich. Lançado em 16 de Março 1935, considerado o navio mais rápido de sua linha na Prússia oriental, atuou no transporte de passageiros e carga, com a capacidade de transportar 2.000 passageiros e cerca de 100 automóveis. Em setembro 1939, foi apreendido pela Kriegsmarine (Marinha de Guerra alemã) e convertido em navio de guerra, atuando como *Minenleger* (Lança-minas) no mar Báltico até 1940. Afundou numa barreira de minas suecas perto de Öland, em 1941. Em 1952 seus destroços foram localizados e, posteriormente, recuperados.

No transporte de carga o selo nº 600 (figura 198) é a referência. Trata-se da imagem da Balsa *Schwerin*, que atuava na linha marítima Warnemünd – Gjedser, ligando a Alemanha à Dinamarca. Lançado ao mar no dia 1º de abril de 1926, já no início da campanha contra a Polônia, foi requisitado pela marinha alemã para atuar no transporte das tropas, mas logo retornou ao seu serviço de balsa. Foi utilizado pela *Wehrmacht* durante a campanha de ocupação da Dinamarca, em 9 de Abril 1940 (Operação Weserübung). Atuou em outras

---

<sup>713</sup> A Blohm & Voss também foi atuante no ramo da aviação, como na construção do Blohm & Voss BV 138 *Seedrache* (ver acima).

missões e, em 20 de Fevereiro de 1944, quando estava ancorado no estaleiro Neptum, em Rostok, foi severamente danificado durante um ataque aéreo à cidade, afundando. Embora tenha sido recuperado, não passou por reparos e foi desmontado em 1949.

O Navio a Vapor Rápido SS *Hamburgo* (Figura 199) foi um transatlântico alemão também construído pela Empresa Blohm & Voss. De propriedade da *Hamburg Amerikanische Paketfahrt Actien-Gesellschaft* – HAPAG (Companhia Turística Hamburgo América) foi lançado ao mar no ano de 1926. Em 1940, foi utilizado como navio-dormitório pela Marinha alemã. Afundou em 1945, após atingir uma mina submersa, quando participava da evacuação das forças alemãs na frente oriental. Resgatado em 1950 pela URSS, operou como navio-mãe baleeiro na década de 1960, sendo desmontado em 1977.

Antes de prosseguirmos, faremos uma observação quanto ao nome da embarcação presente na ilustração do selo nº 602 (figura 200). Segundo o Catálogo Yvert, o selo indica o SS *Bremen* como o escolhido para a imagem da ilustração, mas, no entanto, o catálogo *Michel* o apresenta como sendo o navio irmão do *Bremen*, o SS *Europa*. De qualquer forma, iremos descrever simultaneamente os navios considerados mais modernos de seu tempo, visto que as características que nos interessam são as mesmas, ou seja, a representatividade internacional alcançada pelos dois transatlânticos como forma de propaganda pelo mundo.

O SS *Bremen* e o SS *Europa* foram transatlânticos, ou navios a vapor expressos, alemães, construídos para serem utilizados pela Companhia *Norddeutscher Lloyd* – NDL (Norte da Alemanha Lloyd), firma fundada em 1857. As duas embarcações alemãs provocaram uma competição internacional na construção de grandes e rápidos transatlânticos de luxo, sendo considerados símbolos nacionais e pontos de prestígio durante os anos 1930.

Foram construídos através de moderna tecnologia, de modo que, só no *Bremen*, o aço de alta resistência utilizado proporcionou uma redução de cerca de 800 toneladas de peso sobre sua estrutura. Foi também o primeiro navio comercial a apresentar a proa de bulbo (bulbo) o que contribuiu para o aumento de sua velocidade. O *Bremen* foi lançado em 16 de agosto de 1928, pelo então presidente alemão Paul von Hindenburg, um dia depois do lançamento do *Europa*. As embarcações foram projetadas para alcançar uma velocidade de cruzeiro de 27,5 nós, equipadas com motores de turbinas a vapor movidas a óleo combustível ao invés de carvão; e proa em forma de bulbo, que propiciava uma ótima aerodinâmica, cortando a água. Estas inovações, associadas ao luxo e ao conforto das embarcações, permitiam que se realizasse a travessia do Atlântico em cinco dias. Ambos alcançaram

velocidade média de 27,9 nós<sup>714</sup>, tendo conquistado a *Blue Riband* (Fita Azul) pela travessia mais rápida do Atlântico<sup>715</sup>, alcançando 27,83 nós em 1929 e 27,91 nós em 1933, respectivamente<sup>716</sup>.

Apresentavam como inovação e característica marcante a presença de uma catapulta instalada em seu convés superior entre dois funis-chaminés, de onde um pequeno hidroavião era lançado horas antes da chegada do navio, acelerando em direção a Blexen/Alemanha. Este hidroavião realizava, inclusive, os serviços de correio. Esta tecnologia foi posteriormente removida dos navios por ser complexa e cara. O *Europa* permaneceu inativo durante grande parte guerra. Em 1945 foi capturado pelos aliados e usado para o transporte de tropas, tendo sido rebatizado como USS *Europa*<sup>717</sup>. No caso do *Bremen*, foi utilizado de várias formas, sendo uma delas como navio dormitório para tropa de marinheiros, cujas embarcações houvessem sido extremamente danificadas ou afundadas. Em 1941, foi incendiado por um membro da tripulação como vingança contra os proprietários do navio. Posteriormente, foi desmontado e seu aço utilizado na produção de munições.

Um exemplo da representatividade alcançada pelos navios, com a ascensão dos nacional-socialistas ao poder na Alemanha, tanto o *Bremen* quanto o seu cais instalado em Nova York, eram frequentemente locais utilizados para manifestações de grupos contrários ao regime nazista.

---

<sup>714</sup> Nó – unidade de medida de velocidade correspondente a uma milha náutica por hora, ou seja, 1.852 m/h.

<sup>715</sup> JACKSON, Kenneth T.. *The Encyclopedia of New York City*. Second Edition. New Haven: Yale University Press, 2010.

<sup>716</sup> Fita Azul – prêmio concedido ao navio de passageiros de empresas que mantivessem um serviço regular de travessia do Oceano Atlântico com a maior velocidade de gravação. O termo *Blue Riband* foi copiado dos famosos prêmios europeus de corridas de cavalos de sua época. In: KLUDAS, Arnold. *Record breakers of the North Atlantic: Blue Riband Liners 1838–1952*. London: Chatham. 2000.

<sup>717</sup> BRAYNARD, Frank; MILLER, William. *Fifty Famous Liners*. London: Patrick Stephens Limited, 1982.

### 3.9 OS SELOS DO REICH - Militarismo e o Mito do Herói

Os soldados estavam expostos à artilharia pesada, metralhadoras, gases químicos, ratos, piolhos e pulgas. Os civis enfrentaram a carestia, impostos excessivos, a dor da perda de entes queridos e, nas regiões envolvidas nos combates, estupros, saques, bombas e represálias dos ocupantes. Num conflito que exigia toda a participação das populações, manter o moral elevado era uma preocupação constante dos estados-maiores. A propaganda de guerra foi intensa e a imagem [...] teve um grande papel na manutenção do apoio à guerra<sup>718</sup>.

Tão logo assumiu o posto de chanceler, Adolf Hitler propôs a emissão de um selo especial em comemoração ao *Nationale Erhebung* (Levante Nacional)<sup>719</sup> de 30 de janeiro de 1933. O Ministro dos Correios, o general von Eltz-Rübenach<sup>720</sup> ao tomar conhecimento desta proposta a recusou, respondendo ao futuro *Führer* que, em 1º de outubro de 1932, já havia sido decidido o cronograma das emissões para o ano de 1933. Inicialmente, teriam sido autorizadas as impressões da série contendo o Medalhão de Hindenburg (figura 202) e do selo

<sup>718</sup> ARGUELHES, Delmo de Oliveira. Os pilotos de caça da Grande Guerra de 1914-18 e o retorno dos embates cavaleirescos: breves apontamentos sobre a autobiografia do Barão Vermelho. In: *Universitas Humanas*, UniCEUB, Brasília, v. 6, nº 1, p. 59-75, jan./jun. 2009. Disponível em: <[http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=5&cad=rja&ved=0CE4QFjAE&url=http%3A%2F%2Fwww.publicacoesacademicas.uniceub.br%2Findex.php%2Funiversitashumanas%2Farticle%2Fdownload%2F853%2F696&ei=GoBMUo7\\_F4jc8wTgt4D4Ag&usg=AFQjCNFEUOPUwp9723BQ13YfTp0ji458tg&bvm=bv.53371865,d.eWU](http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=5&cad=rja&ved=0CE4QFjAE&url=http%3A%2F%2Fwww.publicacoesacademicas.uniceub.br%2Findex.php%2Funiversitashumanas%2Farticle%2Fdownload%2F853%2F696&ei=GoBMUo7_F4jc8wTgt4D4Ag&usg=AFQjCNFEUOPUwp9723BQ13YfTp0ji458tg&bvm=bv.53371865,d.eWU)>. Acesso em: 02 out. 2013.

<sup>719</sup> O termo *Nationale Erhebung* (Levante Nacional) foi utilizado pelos próprios nazistas no intuito de associar sua ascensão ao poder a uma revolução nacional e como alternativa a expressão *Machtergreifung* (Tomada do Poder). Esta última foi considerada forte por expressar genericamente uma “tomada violenta do poder”. As expressões foram usadas especificamente para se referir à concessão de poderes governamentais por parte da República de Weimar para o partido nazista e seus aliados em 30 de janeiro de 1933 (*Tag der Machtergreifung*), dia no qual o presidente do partido Adolf Hitler foi empossado pelo presidente Hindenburg como Chanceler da Alemanha, dando início ao processo que culminaria com a implantação do regime totalitário nazista na Alemanha ou Terceiro *Reich*, cujo ápice ocorreu em 1935 com a união dos símbolos nacionais alemães com os nacional-socialistas e posteriormente declarado feriado oficial. Outro termo utilizado seria *Gleichschaltung*, que pode ser traduzido como “coordenação forçada”. In: EVANS, Richard J. *A Chegada do Terceiro Reich*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

<sup>720</sup> O General Peter Paul Freiherr von Eltz-Rübenach (1875-1943) foi Ministro dos Transportes e dos Correios na República de Weimar e a início da Alemanha nazista.

emitido com o retrato de Frederico, o Grande (figura 201), em homenagem à abertura do novo *Reichstag* em Potsdam. Por motivos financeiros, o projeto não comportaria alterações, como a adição de novas emissões além das já especificadas.

Não por influência direta dos Nacional-Socialistas, mas com certeza baseado no arquétipo<sup>721</sup> do herói prussiano, a primeira emissão filatélica do período nazista foi a série composta por três selos impressos em cores e valores diferenciados contendo a imagem de Frederico II<sup>722</sup>, também conhecido como “o Grande” ou “o Único”, rei da Prússia entre os anos de 1740 e 1786. A série foi lançada no dia 12 de abril de 1933 em comemoração à *Eröffnungssitzung des neuen Reichstages* (Sessão de abertura do novo *Reichstag* - figura 201), ocorrida no dia 21 de Março deste mesmo ano, na *Garnisonkirche* (Igreja da Guarnição)/Potsdam<sup>723</sup>. Este data foi utilizada por Hitler como forma de propaganda e passou a ser conhecida também como o “Dia de Potsdam”, no qual, diante da grande plateia que assistia às festividades, o *Führer* se dirigiu humildemente ao presidente von Hindenburg, cumprimentando-o, não por educação, pois este não o havia nomeado chanceler por iniciativa própria, mas com a intenção de passar a imagem de que existia uma unidade entre o movimento nacional-socialista, o presidente e as elites e militares prussianos.

Estes selos remontam a fatos anteriores. Inicialmente, ao incêndio criminoso que destruiu o prédio do *Reichstag* (Parlamento Alemão), no dia 27 de fevereiro de 1933, numa Berlim agitada pela campanha eleitoral. Considerado um artilho nacional-socialista, estes atribuíram o incidente aos agitadores bolchevistas e, através de prisões arbitrárias, manobras políticas e pressão sobre o presidente von Hindenburg, iniciam uma perseguição aos líderes e deputados comunistas, aos quais atribuíam também uma suposta tentativa de golpe. Inimigos mortais do *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* – NSDAP (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães), segundo o próprio Hitler: “Os partidos marxistas e os seus aliados tiveram quatorze anos para testar sua capacidade. E o resultado é um campo cheio de escombros [...]”<sup>724</sup>. Neste interim, Hitler já havia convencido o presidente

<sup>721</sup> De acordo com Jung, arquétipos seriam “comportamentos psíquicos típicos, inatos ao ser humano”, manifestados, primeiramente, por gestos e imagens, utilizadas “de forma destrutiva por várias ideologias e movimentos de massa psicóticos”. In: LURKER, Manfred. *Dicionário de Simbologia*. Tradução de Mário Krauss e Vera Barkow. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 48.

<sup>722</sup> Frederico II da Prússia (1712 – 1786), rei na Prússia entre 1740 e 1772. Com a Partição da Polônia e anexação da Prússia polonesa, em 1772, mudou seu título de “rei na Prússia” para “rei da Prússia”, por isto denominado o primeiro rei da Prússia.

<sup>723</sup> SHIRER, William L. *Ascensão e Queda do III Reich*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. 4 v.

<sup>724</sup> FEST, Joachim C. *Hitler*. Tradução de Analúcia Teixeira Ribeiro e outros. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1991. p. 459.



Hindenburg a declarar estado de emergência, suspendendo diversas liberdades civis alcançadas com a Constituição de Weimar.

Na sequência, no dia 05 março de 1933, ocorreram as eleições para a escolha do novo parlamento alemão e os nazistas, mesmo com o emprego de práticas como o terror e as intimidações durante a campanha eleitoral, não conseguiram a maioria desejada neste pleito. Com os membros do *Kommunistische Partei Deutschlands* - KPD (Partido Comunista da Alemanha) presos e impedidos de tomar seu lugar nos assentos no *Reichstag*, apoiados pelo Partido Popular Nacional Alemão e por meio de subornos e ameaças aos demais partidos, os nacional-socialistas conseguiram aprovar um conjunto de leis que, dentre outras coisas, permitiram que Hitler governasse por decreto, sem que fosse submetido à votação no parlamento alemão.



Figura 201 – Selos nº 467 - 6 Pfg., Selo nº 468 - 12 Pfg. e Selo nº 469 - 25 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

Nem a data da reunião do considerado primeiro *Reichstag* nazista, nem o local da celebração de abertura foram escolhidos a esmo, pois a Prússia, num contexto histórico abrangente, sempre desempenhou grande influência sobre a história da Alemanha e da Europa. A última capital da Prússia foi Berlim e seu soberano fora da Dinastia von Hohenzollern, descendentes diretos da Ordem dos Cavaleiros Teutônicos. Com relação à Igreja da Guarnição, de grande importância simbólica, era o local onde estavam enterrados os restos dos reis da Prússia Frederico Guilherme I e Frederico II, da Dinastia von Hohenzollern.

Frederico II especificamente muito inspirava Hitler, que o considerava um déspota esclarecido e um dos maiores chefes militares europeus que em muito contribuiu para a criação e o fortalecimento da Prússia no continente. Hitler tinha em Frederico II o seu herói pessoal e alegava ter lido tudo o que sobre ele havia sido escrito<sup>725</sup>.

Nestes selos, podemos observar o que se tornou praxe na composição dos filmes de propaganda nacional-socialistas, realizados posteriormente, a presença do...

<sup>725</sup> KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 131.

[...] *Führer* como referência aberta, ou não. Mesmo quando não é citado, somente através de sua pessoa é que a exposição se explicita. Filmes históricos sobre Bismarck e Frederico, o Grande, tinham o *Führer* na mira. Em *O grande rei* (1942), Varlan presta homenagem a Hitler através das atividades guerreiras de Frederico II. Nas palavras do próprio Varlan, ele havia pensado numa espécie de alegoria sobre a grandeza e a solidão de Hitler<sup>726</sup>.

Representando esta época temos o Marechal de Campo Paul Ludwig Hans Anton von Beneckendorff und von Hindenburg (1847-1934), considerado um dos maiores heróis alemães da Grande Guerra, eleito presidente da República de Weimar, em 1925. Apontado como o único adversário capaz de conter o avanço do NSDAP, disputou as eleições presidenciais de 1932. Mesmo saindo vitorioso, após várias manobras políticas de Hitler, foi obrigado a indicá-lo ao cargo de Chanceler alemão, em 1933.

O primeiro selo em homenagem a Hindenburg apresenta o seu busto estampado e foi emitido pela primeira vez em 1927 e ,posteriormente, nos anos de 1928, 1930, 1931, e 1932<sup>727</sup>. Entre os meses de abril a agosto de 1933 foi impressa uma segunda série composta por 14 (quatorze) selos regulares<sup>728</sup> contendo o *Hindenburg-Medaillon* (Medalhão de Hindenburg – Figura 202), idêntico à série de 07 (sete) selos emitida em 1º de outubro de 1932, em comemoração ao 85º aniversário do Marechal Hindenburg.



Figura 202 – Selo Regular nº 441 ao selo Regular nº 461. Fonte: Acervo do Autor.

<sup>726</sup> LENHARO, Alcir. *Nazismo: “O triunfo da vontade”*. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2001. p. 60.

<sup>727</sup> A série de 1932, emitida sob a República de Weimar, foi a primeira a utilizar Medalhão de Hindenburg como tema. As anteriores apresentavam o busto de Hindenburg e não somente o perfil de seu rosto.

<sup>728</sup> Selos regulares ou selos ordinários são selos que compõem uma série corrente, não comemorativa, de tiragem elevada, com prazo de utilização indefinido, geralmente por um período de tempo relativamente longo. In: DICIONÁRIO Filatélico. *Associação Brasileira de Filatelia Temática – ABRAFITE*, São Paulo. Disponível em: <<http://www.abrafite.com.br/dicionario.htm>>. Acesso em: 22 nov. 2012.

A temática foi novamente utilizada entre os anos de 1933 e 1936, formando a 3ª série de selos em homenagem ao 2º *Reichspräsident* (Presidente do Império) Hindenburg (figura 203), composta por 17 (dezesete) selos que apresentavam novas cores e valores adicionais.



Figura 203 – Selo Regular nº 483 ao Selo Regular nº 498. Fonte: Acervo do Autor.

Esta foi também a última emissão regular que apresentou a efígie de Hindenburg e estes exemplares constituem os únicos que permaneceram válidos e em circulação durante todo o período de duração do Terceiro *Reich*, ou seja, por doze anos. Falsificações de selos nacional-socialistas foram realizadas pelas forças aliadas à época da guerra, para serem utilizados na propaganda antinazista por eles distribuída na Alemanha e países ocupados. Um exemplo foi o selo de 12 Pfg., reproduzido em 1940 na Inglaterra. Foram empregadas sobrecargas para que estas séries de selos regulares pudessem circular nos territórios ocupados.

No intervalo correspondente às emissões da série de selos regulares anterior, em 1934, ocorreu o falecimento de Hindenburg. Aproveitando politicamente o fato, Hitler, que já havia “conquistado” a maioria no *Reichstag* e conseguira, assim, poderes para legislar, combinou as funções de presidente e chanceler do *Reich* assumindo o título de *Führer*. Tornou-se, então, ditador absoluto. No dia 04 de setembro deste mesmo ano foi emitida uma série “comemorativa” composta por 06 (seis) selos e intitulada *zum Toden Hindenburg* (a Morte de Hindenburg – figura 204), que apresentavam como diferença bordas negras sobrepostas aos selos. Esta cor, tradicionalmente associada ao luto, representou uma homenagem da nação alemã a tão distinto dignitário.

O descontentamento contra o poder constituído – a República de Weimar – que reconhecera no Tratado a independência e a impossibilidade de nova união com a Áustria, ganhou as ruas das principais cidades alemãs. Um anseio por uma revanche contra a França e o Reino Unido exaltou os ânimos nacionalistas alemães, quadro que foi largamente explorado pelos nacional-socialistas e favoreceu a ascensão deste grupo ao poder, em 1933. O presidente

Hindenburg, falecido em agosto de 1934, representava o “trono, altar e tradição militar” prussiana, além um dos últimos vestígios da “antiga” República de Weimar. Sua figura simbolizava a ligação entre o passado e o presente. “Hitler marcava o presente e o futuro”<sup>729</sup>, representação explorada pelo serviço de propaganda do Terceiro *Reich* a seu favor. Hitler já expressava isto em seu livro, registrando que:



Figura 204 – Selo Regular nº 503 ao nº 508. Fonte: Acervo do Autor.

Quando, no ano de 1919, o tratado de paz foi imposto ao povo alemão, podia-se ter motivo de esperar que, justamente esse instrumento de opressão, deveria ter sido aproveitado para auxiliar o movimento da libertação da Alemanha. Tratados de paz cujas condições caem sobre os povos como chicotadas, não raras vezes são o primeiro toque de reunir para o ressurgimento nacional. [...]

Cada artigo do tratado devia ter sido impresso no cérebro e no coração do povo, até que finalmente a vergonha sentida por todos e o ódio de todos se transformasse, em sessenta milhões de homens e de mulheres, em um mar de labaredas, de cujas almas se levantaria uma vontade férrea de clamar: “Queremos de novo nos armar!”<sup>730</sup>

Em seu discurso de despedida, Hitler exaltou o presidente então falecido, cujo nome seria lembrado por toda a eternidade na memória de cada alemão, “mesmo quando o derradeiro fragmento de seu corpo mortal tiver sido extinto”, e concluiu com esta frase: ‘Vós, general morto, entrais agora no Walhalla!’<sup>731</sup>.

<sup>729</sup> KERSHAW, Ibidem. p. 312.

<sup>730</sup> HITLER, Adolf. *Minha luta - Mein Kampf*. São Paulo: Centauro, 2001. p. 469.

<sup>731</sup> FEST, Ibidem. p. 567.

Ainda no contexto da guerra, os nazistas exploraram ao máximo o mito do herói. Composto em sua maioria por ex-combatentes e, conseqüentemente, heróis da Primeira Guerra Mundial, Hitler e seu partido se apresentaram como os únicos capazes de fazer renascer no meio da sociedade alemã um sentimento nacionalista. Deste modo, o líder nazista lançou mão de dois elementos fundamentais presentes na cultura política alemã – o amor comum à Alemanha e o ódio aos inimigos da raça germânica – para estreitar seus laços com a multidão. Em seu discurso, ele próprio seria o herói que subjugaria os demônios causadores da desgraça de seu povo e libertaria a população por meio de seu poder regenerador.

É nesta conjuntura que, em 15 de março de 1935, os nazistas emitem uma série composta por 02 (dois) selos iguais, em homenagem ao Dia da Memória em Honra aos Soldados Alemães Mortos durante a Primeira Guerra Mundial (figura 205).



Figura 205 – Selo n° 528 – 6 Pfg. e selo n° 529 – 15 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

Os selos mostram um soldado alemão da Primeira Guerra Mundial usando seu capacete, símbolo mitológico “de invisibilidade, de invulnerabilidade, de potência”<sup>732</sup>. O capacete, o elmo, pode possuir as mais variadas formas. Muitos mitos os apresentam como parte integrante dos grandes heróis, como é o caso do *Aegishjalmr*, o elmo de ouro de Odin. A partir do momento em que tem um nome, o elmo como que adquire personalidade própria, uma individualidade que seria moldada pelo ferreiro e absorvida pelos materiais enquanto ele toma forma.

O elmo e o capacete se tornam uma antítese da morte, na medida em que simbolizam o desejo de escapar à sua vigilância incessante e invisível. A mesma morte que fora iconologicamente representada desde os princípios dos tempos de várias formas como, por

<sup>732</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. O nazismo e a produção da guerra. In: *Revista USP*, São Paulo, n° 26, jun./ago. 1995. p. 184.

exemplo, um túmulo, uma jovem nua, um ser empunhando uma foice ou com a pele negra<sup>733</sup>, um cavaleiro, um esqueleto, uma dança macabra<sup>734</sup>, dentre outras. Contudo, em meio às várias representações, na atualidade, a própria suástica nazista passou a ser um dos símbolos da morte. Através de sua personificação pelos nacional-socialistas, o espectro destrutivo da vida se transforma numa amiga e companheira “com a qual é possível dialogar”<sup>735</sup>. A morte, ao ressurgir no nível espiritual, revela a seus seguidores “os campos da luz”<sup>736</sup>. Mas, segundo Hannah Arendt, com o desenrolar da guerra...

[...] os campos de concentração já haviam tornado anônima a própria morte e haviam roubado dela o significado de desdobramento natural da vida. “Em certo sentido”, diz, “roubaram a própria morte do indivíduo, provando que, doravante, nada - nem a morte - lhe pertencia e que ele não pertencia a ninguém. A morte apenas selava o fato de que ele jamais havia existido”<sup>737</sup>.

No selo, a inscrição *Heldengedenktag 1935* (Dia da Lembrança dos Heróis 1935)<sup>738</sup>, fazia alusão ao originalmente proposto pela *Volksbund Deutsche Kriegsgräberfürsorge* - VDK (Associação Nacional Alemã para Sepulturas da Guerra)<sup>739</sup>, fundada em 16 de dezembro de 1919, como o que viria a ser o *Volkstrauertag* (Dia da Lembrança) dos Soldados Alemães da Primeira Guerra Mundial. Em 05 de março de 1922, a VDK anunciou sua primeira chamada para a participação em uma cerimônia comemorativa para homenagear os caídos no *Reichstag*, em Berlim. Após este evento, uma cerimônia comemorativa em nível nacional passou a ser realizada anualmente e, a partir de 1924, a VDK passou a promover eventos paralelos por toda a Alemanha, pois não via o *Volkstrauertag* apenas como um ato de comemoração, mas como um meio de “curar” as divergências no seio do *Volk* alemão.

Assim, o VDK sempre insistira em um dia de comemoração para simbolizar um evento unificador para todos os alemães. Enfatizava-se a diferença entre a morte em circunstâncias “normais” e a morte “honrosa”, que ocorria na guerra. E nada melhor que um encontro na primavera para simbolizar a ressurreição da nação alemã depois de sua derrota. Deste modo, o *Volkstrauertag* passou a ser realizado no *Invocavit* (o primeiro domingo da

<sup>733</sup> LURKER, Ibidem. p. 456.

<sup>734</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 622.

<sup>735</sup> LURKER, Ibidem. p. 455.

<sup>736</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 621.

<sup>737</sup> LENHARO, Ibidem. p. 87.

<sup>738</sup> KAISER, Alexandra. *Of heroes and victims: a history of the Volkstrauertags*. Frankfurt am Main: Campus Verlag, 2010. (Historische Studien, Bd. 56).

<sup>739</sup> *Volksbund Deutsche Kriegsgräberfürsorge* (Associação Nacional Alemã para Sepulturas da Guerra), uma associação sem fins lucrativos fundada em 16 de dezembro de 1919 e registrada com missão humanitária, dedicada a receber e sepultar as vítimas alemãs da guerra e da tirania do exterior.

Quaresma ou sexto domingo antes da Páscoa). Por pressão de algumas religiões, em 1926, decidiu-se realizá-lo regularmente no *Reminiscere* (o segundo domingo de Quaresma ou quinto domingo antes da Páscoa). Com isso, reforçava-se a imagem dos caídos como “heróis” que sacrificaram suas vidas por um futuro melhor para a Alemanha. Mas, na República de Weimar, o Dia da Lembrança ainda não era uma data oficial.

Essa interpretação alimentava o princípio da continuidade, que tinha como base a história nacional alemã, discurso que ia ao encontro dos interesses dos nacional-socialistas, pois de acordo com a ideologia nazista, o “sacrifício” dos caídos havia cumprido seu propósito com a ascensão do Terceiro *Reich*, que tornara assim seu herdeiro. Deste modo, em 1934 a data foi transformada em feriado nacional e passou a ser chamada de *Heldengedenktag* (Dia da Lembrança dos Heróis) através de uma lei sancionada neste mesmo ano. Seu significado foi completamente alterado: o herói passou a ser o foco, não mais as comemorações. A responsabilidade para sua organização foi delegada para o Ministério da Propaganda e o Ministério do Interior. Em 1939, o dia de comemoração foi separado do ano eclesiástico, mas ainda na primavera, num domingo de março. E, em 1940, começaram a ser introduzidas nas comemorações que faziam referências também aos “heróis caídos” da Segunda Guerra Mundial.

Antes, o *Held* (herói) era o pastor dos tempos primitivos que arriscava a própria vida para proteger o rebanho “contra animais selvagens e homens. [...] designação do lutador corajoso e cômico de seu dever, [...]”<sup>740</sup>. Herdando da Antiguidade um passado coberto por glórias, posteriormente o herói passou a ser simbolizado pelo combatente da justiça, que lutava contra a desordem, representada no imaginário coletivo inicialmente como um dragão, um demônio, ou por invasores que devastavam a país e ameaçavam sua cultura, sendo sempre associados novos valores a sua figura, principalmente no período da Idade Média. Através do mito do herói os nazistas resgatavam também o mito da unidade nacional. Nas palavras de Balandier:

O mito da unidade, expresso pela raça, pelo povo ou pelas massas torna-se o cenário da teatralização política. Ele mobiliza e recebe sua aplicação mais espetacular na festa que põe a nação inteira em situação cerimonial. Durante um curto período, uma sociedade imaginária, e, conforme a ideologia dominante, pode ver e viver. O imaginário ‘oficial’ mascara a realidade e faz sua metamorfose. A festa nazista, à qual não faltam nem mesmo os poderosos simbolismos cósmicos, é a ilustração lembrada com mais frequência. Ela apaga as discriminações sociais, ela elimina o discurso em proveito do sortilégio, é quase uma comunhão, ela leva quase à alienação.

<sup>740</sup> LURKER, *Ibidem*. p. 311.

[...] ela transforma um povo inteiro em uma multidão de figurantes fascinados pelo drama em que os envolve o senhor absoluto do poder<sup>741</sup>.

Dentre os ritos e as sagrações mais importantes do regime nazi-fascista “encontramos o culto aos mortos. Este consistia em parte importante da liturgia fascista, pois era utilizado como instrumento de exaltação da nação, do próprio Fascismo e como espaço formativo do cidadão”<sup>742</sup>. Era nos rituais fúnebres noturnos estilizados pelos nazistas que a teatralização política e ideológica alcançava seus resultados mais extasiantes. Estas cerimônias celebravam os mortos, partindo da sublimação “estética da morte. Archotes, fogueira, círculos de chamas, desfiles, sequências sombrias de músicas de Wagner, compunham o cenário da exaltação dos feitos grandiosos do teatro do regime, canalizador dos imperativos da política”<sup>743</sup>. Em 1939 o *Heldengedenktag* foi transferido para o dia 16 de março, dia da reintrodução do serviço militar obrigatório alemão ocorrido em 1935, sendo celebrado pela última vez em 1945.

Nestes rituais, Hitler ou Siegfried (Sigurd), eram considerados como...

Encarnação mítica do jovem herói ignorante e violento, ávido de façanhas e prazeres, inebriado de juventude descuidada, que desafia as lições do passado e as dificuldades do futuro, acreditando apenas na prova das armas, sentindo-se invencível e invulnerável, desejando apenas satisfazer todos os seus desejos até o dia fatal de sua morte, que ele sabe já estar marcada pelo destino e que aceita<sup>744</sup>.

Na mitologia teutônica<sup>745</sup> Sigurd é reconhecido como lendário herói, personagem de incríveis aventuras e feitos extraordinários, que livra seu povo da desgraça cuja narrativa se passa no século IV d.C. Neste período deuses, valquírias e dragões etc., pululavam no imaginário dos povos que habitavam o Norte da Europa originando mitos e lendas, muitas vezes ligados a famílias e heróis da Idade Média, que apresentavam como função primordial a preservação de sua história e a perpetuação de uma tradição, antes transmitida oralmente. Segundo Lurker: “Com o despertar da consciência nacional, o herói imaculado, várias vezes

<sup>741</sup> BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Tradução de Luiz Tupy Caldas de Moura. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982. (Coleção Pensamento Político, nº 46). p. 8.

<sup>742</sup> ROSA, Cristina Souza da. Pequenos soldados do Fascismo: a educação militar durante o governo de Mussolini. *Antíteses* – Revista do Programa de Pós-Graduação em História Social da UEL, Londrina, vol. 2, n. 4, jul./dez. 2009. p.630.

<sup>743</sup> LENHARO, Ibidem. p. 43.

<sup>744</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 833.

<sup>745</sup> O mito teutônico, conjunto de lendas provenientes da Escandinávia e da Alemanha, é às vezes chamado de mitologia *nórdica*, derivados nórdicos que viveram a região da Escandinávia durante a Idade Média.



comparado ao deus da luz, Baldre, ou mesmo a Odin, serviu como personificação de supostos valores especificamente germânico-alemães<sup>746</sup>.

Nada mais apropriado no imaginário nacional-socialista do que associar o *Führer*<sup>747</sup> e seus cavaleiros à ressurreição da figura do herói aguerrido que se sacrifica em defesa do seu povo e combate incansavelmente as forças do mal – o capitalismo, o bolchevismo, o liberalismo nas suas mais diversas manifestações e o judaísmo –, que corrompem a sociedade alemã. O grande herói era o responsável por resgatar a integridade moral, ideológica e racial dos germânicos. E, para perpetuar suas façanhas, sustentadas por sua lealdade e prudência, a mais exaltada Ordem que Deus criou<sup>748</sup>, eles, os Cavaleiros, almejavam ter suas proezas registradas em *chansons de geste* (canções de gesta)<sup>749</sup>. Tais canções, para Bakhtin, constituem o primeiro tipo bibliográfico básico, ou “aventura-heroica” (situada na época do Renascimento; do *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto); do nietzscheísmo), que apresentam como base: “1) a vontade de ser herói, de ter importância no mundo dos outros, 2) a vontade de ser amado, e, finalmente, 3) a vontade de viver o acontecer romanesco, a diversidade da vida interior e exterior”<sup>750</sup>. Em suma, o cavaleiro nazista aspirava “ser um herói na vida, [...] ter importância no mundo dos outros, [...] atingir a glória”<sup>751</sup> e, assim como os cavaleiros medievais, teriam a função de manter a ordem na terra.

Para difundir o caráter inelutável da guerra do mundo germânico contra os eslavos, Hitler recebeu a colaboração de artistas alemães que o retrataram como um cavaleiro teutônico, de armadura e bandeira com cruz gamada na mão direita. Justo ele que jamais havia montado a cavalo [...] <sup>752</sup>

A pintura *Der Bannerträger* (O Porta-Bandeira), também conhecida como *Der Schirmherr in der Deutschen Kunst* (O Patrono das Artes Alemãs), foi realizada entre os anos de 1933-1934 pelo austríaco Hubert Lanzinger (1880-1950). Nela, Hitler, montado a cavalo, enverga uma armadura reluzente e segura na mão direita a bandeira nazista e, na esquerda, as rédeas de sua montaria, apesar de nunca ter montado a cavalo (figura 206 – direita). O quadro

<sup>746</sup> LURKER, Ibidem. p. 647.

<sup>747</sup> O próprio Hitler aparece na propaganda nazista como a simbiose de dois mitos: o do messias (Cristo - Ungido) e o do herói medieval (Siegfried).

<sup>748</sup> DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou o Melhor Cavaleiro do Mundo*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

<sup>749</sup> As canções de gesta são um conjunto de poemas épicos surgidos na literatura francesa, entre os séculos XI e XIII, e difundido por toda a Europa, com a intenção de perpetuar as dignas façanhas dos nobres cavaleiros.

<sup>750</sup> BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior).

<sup>751</sup> Idem, Ibidem.

<sup>752</sup> LENHARO, Ibidem. p. 76.

foi exibido ao público alemão em 1937, na primeira exposição da Casa da Arte Alemã<sup>753</sup> em Munique, organizada pelo fotógrafo oficial de Hitler, Heinrich Hoffmann, quando foi premiada. A pintura, por meio de elementos que remetem ao passado medieval, eleva o “Líder” ao *status* de herói. Trata-se, portanto, de um claro exemplo de culto à personalidade do *Führer*.

Embora os nacional-socialistas tenham se esforçado ao máximo para que seus feitos fossem registrados em canções, foi por meio de outros veículos utilizados pela propaganda político-ideológica nazista que eles expressaram seus supostos predicados ao longo dos tempos. Na filatelia, podemos notar esta exaltação aos heróis do passado em uma emissão em especial, uma série composta pelos selos nº 779 e nº 780 (figura 206 – esquerda), lançada em 1º de outubro de 1943, em homenagem às corporações de ofício, neste caso, a Sociedade Alemã de Ourivesaria. Os selos retratam uma estatueta equestre de ouro de São Jorge matando o dragão, confeccionada pela Sociedade Alemã de Ourivesaria. Apresentavam a inscrição: *DEUTSCHE GOLDSCHMIEDEKUNST* (Arte da Ourivesaria Alemã).



Figura 206 – Selo nº 779 - 6 Pfg. + 4 Pfg.; Selo nº 780 - 12 Pfg. + 88 Pfg. e *Der Bannerträger*<sup>754</sup>  
 Fonte: Acervo do Autor.

De novo temos retratada a figura zoomórfica do dragão<sup>755</sup>, combinando as características dos quatro elementos: água, ar, fogo e terra. Ser alado que expira o fogo e aparece em alguns mitos como guardião de uma caverna onde se esconde um grande tesouro, o dragão simboliza a luz e as trevas, o sol e a lua, os dois gêneros e a união subjacente entre essas forças opostas. Na Europa pré-cristã e no Oriente, o dragão era considerado amistoso e gentil. Temática recorrente do imaginário cristão medieval, neste contexto ele passou a

<sup>753</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.4 OS SELOS DO REICH - Arquitetura e Arte.

<sup>754</sup> ADAM, Peter. *Art of the Third Reich*. New York: Harry N. Abrams, Incorporated, 1992. p. 18.

<sup>755</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.2 OS SELOS DO REICH - Simbologia Geral: Águia, Suástica, Saudação...

assumir um significado maligno e era geralmente associado à desgraça, pois, acreditava-se que, sempre que um dragão aparecia, conflitos e episódios de infertilidade se sucederiam. Passando a ser malévolo, espiritualmente simbolizava a destruição e o caos interior. Retratado com as escamas da serpente, o dragão passa a ser representado como a perdição, numa referência à figura bíblica que teria tentado Eva. O animal subjugado no selo parece possuir as quatro patas, se representado apenas com as duas patas inferiores com garras e os membros superiores como asas simbolizaria o próprio Satanás.

As narrativas dos sonhos do Rei Arthur são repletas de dragões e serpentes, simbolizando o seu fim e de seu reino de modo que como símbolo da infertilidade, o primeiro deve ser particularmente preocupante para o rei, considerado o símbolo da fertilidade de seu povo e de suas terras. “Nas religiões e mitos do Oriente Próximo e da Europa, a vitória sobre o dragão significa a superação do caos, das trevas, do mal”<sup>756</sup>.

A espada na Europa medieval era o símbolo da “guerra santa” e a representação da “guerra interior” travada pelos cavaleiros e heróis cristãos<sup>757</sup>. Exemplo emblemático disso é a história de Siegfried (Sigurd) que relataremos resumidamente. Regin, tutor de Sigurd, construiu para ele uma espada com os fragmentos daquela antiga que fora deixada por Sigmund, pai de Siegfried. Conforme relato presente na Saga dos Volsungos, Siegfried surge do interior de sua forja com a espada Gram (Balmung) e, para testar sua resistência, consegue destruir uma bigorna. No imaginário medieval, a espada também é revestida de um caráter místico, como a renomada Excalibur, pertencente ao Rei Arthur ou como as espadas de São Jorge (ou São Miguel), em combate com o dragão (demônio). A espada é muitas vezes mencionada nas canções de gesta<sup>758</sup>.

Sigurd sai à procura do dragão, neste caso o Fafnir irmão de Regin transformado, o mata e, banhando-se em seu sangue, obtém a invulnerabilidade. Regin pede a Sigurd o coração de Fafnir, e Sigurd que adquire a habilidade de entender a língua dos pássaros ao beber um pouco do sangue do dragão. Os pássaros o alertam sobre a intenção de seu tutor de matá-lo e, antes que o outro agisse, mata Regin e come o coração de Fafnir, recebendo o dom da sabedoria. Mas, ao matar este ser mitológico, este se torna fonte de toda uma simbologia, pois ao se banhar em seu sangue se torna invencível; ao comer seu coração obtém o dom da sabedoria e ao beber o seu sangue, adquire a mística língua utilizada pelos pássaros para se comunicar com os iniciados, dom que é postulado pela mitologia, está presente na literatura

---

<sup>756</sup> LURKER, *Ibidem*. p. 214.

<sup>757</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, *Ibidem*. p. 392.

<sup>758</sup> *Idem*, *Ibidem*. p. 393.

medieval e é perseguido no ocultismo. Em algumas religiões pagãs, a língua dos pássaros é a língua mística dos anjos, mensageiros da vontade divina. No próprio cristianismo, São Francisco de Assis não pregava aos pássaros? Não podemos nos esquecer de *Beowulf*<sup>759</sup>, que na esfera terrena também lutou contra um dragão despertado de seu sono secular (guardião severo de um tesouro<sup>760</sup> como Fafnir), e veio a morrer das feridas decorrentes desta batalha. “O *Matador do dragão* é o sacrificador, que *aplaça* a potência divina e com ela se identifica”<sup>761</sup>.

Duas emissões constituem exemplo filatélico da lúgubre teatralização nacional-socialista e do culto ao heroísmo. Em primeiro lugar, os selos emitidos em 05 de novembro de 1935 em comemoração ao 12º aniversário da manifestação de 09 de novembro de 1923 (figura 207). Também conhecido como o *Putsch* (Golpe) da Cervejaria<sup>762</sup>, foi uma manobra política realizada por Hitler e seus seguidores, no intuito de derrubar o governo da região alemã da Baviera e, ao mesmo tempo, uma tentativa de conclamar as massas para uma revolução nacional.



Figura 207 – Selo nº 557 – 3 Pfg. e selo nº 558 – 12 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

Em segundo lugar, o selo nº 782 (figura 208), emitido em 05 de novembro de 1943, um dia antes dos soviéticos libertarem a cidade de Kiev, ocupada pelos alemães durante dois anos. Com a chegada dos nazistas ao poder, os dias 09 de outubro eram considerados feriados nacionais, sendo chamados de *Gedenktag für die Gefallenen der Bewegung* (Dia da Lembrança dos que Caíram pelo Movimento), em memória dos militantes do NSDAP mortos durante o *Putsch* de 23.

<sup>759</sup> *Beowulf* - poema épico escrito na língua anglo-saxã e considerado um marco da literatura medieval.

<sup>760</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Idem, Ibidem. p. 349.

<sup>761</sup> Idem, Ibidem. p. 350.

<sup>762</sup> Nos moldes da marcha sobre Roma realizada por Mussolini, Hitler tinha por objetivo maior encenar uma marcha sobre Berlim, conclamando a população alemã a realizar uma revolução nacional.



Figura 208 – Selo nº 782 – 24 Pfg. + 24 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

Impresso em comemoração ao 20º Aniversário do Levante Nacional-Socialista, os selos da Figura 207 retratam um porta-bandeira membro das SA segurando uma bandeira com o emblema nazista (suástica) a frente do *Feldherrnhalle* (Salão dos Marechais de Campo)<sup>763</sup> em Munique, local onde, em 09 de novembro de 1923, após uma breve troca de tiros, partidários nazistas foram mortos. A partir desta data, o *Feldherrnhalle* tornou-se um dos locais mais emblemáticos do nacional-socialismo e permaneceu vigiado por uma guarda de honra das SS até o ano de 1945. Chegou, inclusive, a figurar no reverso da medalha da *Blutorden* (Ordem de Sangue) nazista, instituída em março de 1934 e que é oficialmente conhecida como a *Medaille zur Erinnerung an den 9. November 1923* (Medalha em Memória ao 09 de novembro de 1923). Neste mesmo dia, ano após ano, o NSDAP realizava uma cerimônia para homenagear os “caídos” no *Putsch* de Munique de 1923.

Símbolo presente em todas as sociedades organizadas, o estandarte significa um indício de guerra e de reunião de tropas, pois quando fincado no alqueire das sociedades secretas – assim como o próprio nazismo cujas tropas de elite passavam por verdadeiras iniciações –, são instrumentos de chamamento à ação guerreira ou espiritual, ao mesmo tempo em que são “um signo do comando e o emblema do próprio chefe”<sup>764</sup>. E como as sociedades secretas, suas tropas se originaram de um “Salvador, que se manifesta como ordenador do mundo [Adolf Hitler] ou herói civilizador [Ernst Röhm], [...]”<sup>765</sup>. Nestes selos aparece a inscrição: *Bedenke des 9. November. 1923!* (Lembre o 9 de novembro de 1923!), numa clara alusão...

<sup>763</sup> FEST, *Ibidem.* p. 459.

<sup>764</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.3 OS SELOS DO REICH - Adolf Hitler.

<sup>765</sup> LURKER, *Ibidem.* p. 683.

A lenda criada em torno do *Putsch* de 1923 [que] conta a história do porta-estandarte mortalmente ferido, cujo sangue glorioso se espalha pelo estandarte, miraculosamente conservado. Essa relíquia era usada no batismo de novatos da SA ou SS. A morte simbolizava sacrifício à glória da nova humanidade<sup>766</sup>.

Após o acontecimento, os sobreviventes formaram cortejos que, conduzindo seus mortos nas costas, “desfilaram desarmados por toda a cidade, numa marcha de adeus silenciosa. Em seguida se dispersaram”<sup>767</sup>. A simbologia presente nestes selos ia mais além, fazia parte do que Hitler instituiu como as comemorações oficiais em tributo aos “heróis” do *Putsch* de Munique de 1923. Lenharo nos descreve todo o ritual que se desenrolava durante as “festividades”:

Dois templos de bronze, construídos em praça pública, serviriam para abrigar os restos mortais dos “mártires do movimento”, em sarcófagos de bronze. Os ataúdes já haviam sido expostos ao público, à noite, cobertos de faixas marrons e ladeados de tochas ardentes. Hitler percorreu toda a cidade, em direção ao local onde se encontravam os restos dos “heróis”. Todo o percurso havia sido isolado pelas tropas das SA e SS, cujos archotes iluminavam o trajeto. Ao chegar, deteve-se diante dos ataúdes para um “diálogo mudo”. Depois dele, sessenta mil militares desfilaram em silêncio, acompanhando seu gesto.

Na manhã do dia 9 teve início a procissão comemorativa, que repetiu o trajeto do dia do *Putsch*, e manteve a mesma posição das autoridades, vestidas como naquela oportunidade. Esse era um recurso teatral bastante utilizado pelos nazistas: “exorcizavam” acontecimentos de forma a corrigi-los “historicamente”, impregnando de significado “puro” e “original” aquilo que se dera fora dos desejos nazistas. Em todo o percurso, os alto-falantes tocaram sem parar o Horst Wessel Lied; pilares cobertos de panos vermelhos portavam o nome dos “mártires” em letras de ouro. Representantes das forças armadas avançaram então até a Feldherrnhalle, local em que o cortejo fora detido pelo tiroteio que pusera fim ao *Putsch*, em 1923. Todo esse esforço visava expurgar simbolicamente o passado. Dezesesseis tiros espocaram então sobre a cidade. Em silêncio, Hitler depositou a coroa de flores sobre a placa comemorativa. Enquanto a multidão tirava os chapéus em respeito aos mortos, a comitiva, aos acordes do hino nacional, marchou definitivamente para a Königsplatz. Cada “herói” recebeu então sua última chamada, acompanhada da resposta simbólica “Presente”, dita pela multidão. Depois disso, deu-se início a sua “guarda eterna”<sup>768</sup>.

<sup>766</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. O nazismo e a produção da guerra. In: *Revista USP*, São Paulo, n. 26, jun./ago. 1995. p. 91.

<sup>767</sup> FEST, *Ibidem*. p. 233.

<sup>768</sup> LENHARO, *Ibidem*. p. 43-44.

Se cada “bandeira individual é um símbolo concreto”, ela também possui ritos correspondentes <sup>769</sup>, como no caso de outra lenda criada em torno do golpe e que se tornou um verdadeiro ritual: a instituição dos juramentos realizados a “Bandeira de Sangue”, que ocorriam durante todo o ano, com maior frequência durante os congressos anuais do partido em Nuremberg, quando a veneração à morte se personificava no decorrer do cerimonial.

Segundo essa lenda, o porta-bandeira Andreas Banrield caíra mortalmente atingido quando do Putsch de Munique, e seu sangue escorrera sobre o estandarte que carregava. Conservado como relíquia, o estandarte passou então a ser utilizado para batizar as bandeiras das novas unidades das SA e SS. Segundo a descrição de um observador, Hitler tomava em uma de suas mãos a bandeira-relíquia, e na outra as novas bandeiras a consagrar. Com sua intermediação circulava um fluido desconhecido e a bênção dos “mártires” se estendia daquele momento em diante aos novos símbolos da pátria alemã. Para esse observador, aquilo não era pura simbologia. O ritual se referia a uma “transusão mística”, semelhante à da bênção da água e à transformação eucarística do catolicismo. “Quem não vê na consagração das bandeiras o análogo da consagração do pão, uma espécie de sacramento alemão, corre o risco de não compreender nada do hitlerismo”<sup>770</sup>.

Se observarmos atentamente os selos podemos ainda constatar na frente de *Feldherrnhalle*, um templo dedicado à guerra, a presença da figura de leões<sup>771</sup>. “Pertencente ao reino da luz, o leão possui caráter apotropaico<sup>772</sup> e atua como guardião em templos e túmulos”<sup>773</sup>. Na linguagem heráldica o leão personifica vigilância, autoridade, magnanimidade e soberania. Remetendo à figura de Alexandre Magno, que usava uma cabeça de leão como adorno para indicar ser um monarca possuidor de uma missão que estaria sempre de prontidão e com o ânimo aguerrido<sup>774</sup>.

O selo da Figura 208, novamente apresenta o desenho de um porta-bandeira nazista das SA na frente do *Feldherrenhalle*, local que em 09 de novembro de 1923, alguns nazistas foram abatidos enquanto marcharam em direção ao centro da cidade de Munique. Em 1939, os nacional-socialistas tinham imaginado conduzir uma guerra de curta duração.

Tentando levantar o moral alemão, o estandarte em conjunto com os emblemas nazistas (águia e suástica), apresentava a inscrição: *UND IHR HABT DOCH GESIEGT*, que pode ser traduzida como: “E apesar de tudo, vocês foram vitoriosos”. Presente no reverso da

<sup>769</sup> LURKER, Ibidem. p. 72.

<sup>770</sup> LENHARO, Ibidem. p. 44.

<sup>771</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.4 OS SELOS DO REICH - Arquitetura e Arte.

<sup>772</sup> Apotropaico – que supostamente evita malefícios, capazes de evitar desgraças.

<sup>773</sup> LURKER, Ibidem. p. 382.

<sup>774</sup> PEREYRA, Alejandro de Armengol y de. *Heráldica*. 2. ed. rev. y ampl. Barcelona: Editorial Labor, 1947. (Colección Labor). p. 86.

medalha da Ordem de Sangue, a inscrição dividia espaço com a suástica e o *Feldherrenhalle*, uma clara alusão à “revolução armada” desencadeada com o *Putsch* de 1923, através da força bruta. Ideia abandonada posteriormente por Hitler que, após sair da prisão de Landsberg e iniciar uma campanha pelo poder político, foi coroado com a chegada do poder em 1933, através da “Revolução Legal”<sup>775</sup>. É interessante nos atermos a uma afirmação de Lurker, segundo o qual: “Frequentemente não se dá suficiente atenção na linguagem ao fato de que, ao contrário da bandeira, o estandarte possui apenas caráter de sinal, e pode ser substituído a qualquer momento”<sup>776</sup>, por isto o uso do temo porta-bandeira e não porta-estandarte.

Outro exemplo do culto à morte e aos heróis está presente no selo lançado em 10 de março de 1942 (figura 209), um “belo” modelo da arte do Terceiro *Reich*. Em comemoração ao *Heldengedenktag 1942* (Dia da Lembrança dos Heróis 1942). Considerando que, para enviar a carta o remetente precisava dispor de apenas de 12 Pfg., a estampilha foi emitida com uma sobretaxa elevada, no valor de 38 Pfg, revertida para o esforço de guerra. Este selo retrata a cabeça de um soldado caído e seu capacete de aço e, entre os dois, o que parecem ser folhas de carvalho<sup>777</sup>. “O *Eiche* (carvalho) representa a liberdade e a força. Porém, o sentido que os nazistas atribuíam ao ‘carvalho’ parece ter suas raízes na tradição germânica como a árvore mais venerada, por exemplo, no culto ao deus Thor, [...]”<sup>778</sup>.



Figura 209 – Selo nº 736 – 12 Pfg. + 38 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

Logo após o sucesso das primeiras campanhas militares realizadas pela Alemanha, entre 1939 e 1940, foi observada a necessidade da criação de mais um nível na condecoração

<sup>775</sup> FEST, *Ibidem*. p. 457.

<sup>776</sup> LURKER, *Ibidem*. p. 72.

<sup>777</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.2 OS SELOS DO *REICH* - Simbologia Geral: Águia, Suástica, Saudação...

<sup>778</sup> CORNELSEN, Élcio Loureiro. Olímpia a serviço de Germânia: a recepção da arte e da tradição olímpica da Grécia antiga no contexto dos Jogos Olímpicos de Berlim. In: *Clássica* - Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, São Paulo, v. 19.2, jul./dez. 2006. p. 206.



denominada *Eiserne Kreuz* (Cruz de Ferro)<sup>779</sup>, a mais alta condecoração por bravura conferida pela Alemanha. Devido à sua importância simbólica para os germânicos, em 03 de Junho de 1940, Hitler instituiu as *Eichenlaube* - EL (Folhas de Carvalho), que deveria ser adicionada à argola de suspensão das *Ritterkreuz des Eisernen Kreuzes* - RK (Cruz de Cavaleiro da Cruz de Ferro). O capacete, o elmo, é uma proteção, utilizado numa batalha com a finalidade de proteger a caixa craniana do soldado, faz parte do equipamento individual dos combatentes antes mesmo da Antiguidade clássica.

Embora a Alemanha possuísse seu *Reichswehr* (Exército regular), os nazistas contavam também com suas próprias tropas regulares. Neste contexto beligerante, mesmo com a grande crise que se abateu sobre a Alemanha durante a República de Weimar, laboratórios de pesquisa e cientistas alemães continuaram a desenvolver projetos em várias áreas do conhecimento, tais como química, medicina, etc. Quando assumiu o poder, em 1933, Hitler iniciou seu expansionismo militar em etapas, recuperou as tecnologias desenvolvidas até então e investiu no desenvolvimento de novas tecnologias, principalmente na área bélica alemã. Em pouco tempo a nação veio a se destacar novamente no campo militar. O arsenal bélico alemão foi ampliado consideravelmente, tanto em qualidade quanto em quantidade nos seis anos que separam a sua ascensão ao poder e a eclosão da Segunda Guerra Mundial, com a invasão do território da Polónia. De uma força armada reduzida, restringida pelas imposições do Tratado de Versalhes, transformou-se no exército mais preparado e equipado de toda a Europa e, possivelmente, de todo o mundo em sua época.

A propaganda nazista também se fez presente na divulgação da superioridade militar, tanto tecnológica quanto humana, da *Wehrmacht* (Forças Armadas). Neste sentido, duas séries, objeto de nosso estudo e que apresentaram grande repercussão filatélica, foram impressas com o objetivo de promover o Dia da *Wehrmacht* e do Dia da Lembrança dos Heróis. O primeiro conjunto foi emitido no dia 21 de março de 1943 (figura 210), intitulado Dia da Lembrança dos Heróis (I); e o segundo no dia 11 de março de 1944 (figura 211), intitulado Dia da Lembrança dos Heróis (II). Estes selos apresentavam autêntico valor iconográfico, pois, ao invés de abordarem o tema da morte, concentraram-se na divulgação de imagens dos soldados em batalha. Com isso, passavam a ideia de que seriam capazes de um bom desempenho na luta em defesa do *Reich*, independente de onde estivessem. A escolha da

---

<sup>779</sup> Cruz de Ferro - medalha militar instituída pelo rei Friedrich Wilhelm III (1770-1840) da Prússia, visava o reconhecimento dos atos de bravura realizados pelo soldado em campo de batalha, além de servir de estímulo na Guerra pela Libertação.

forma como as armas e as forças militares são representadas não foi feita ao acaso. Todos os temas exaltam a eficiência em ação, a coragem frente ao perigo e o desprendimento em combate, características atribuídas pelo nacional-socialismo aos verdadeiros heróis arianos.

Selo nº 748 - 3 Pfg. + 2 Pfg. - <i>U-Boot (Submarino) vom Typ VII A</i>	Selo nº 749 - 4 Pfg. + 3 Pfg. - <i>Seção de Metralhadoras da SS</i>	Selo nº 750 - 5 Pfg. + 4 Pfg. - <i>Motociclistas e atiradores</i>
Selo nº 751 - 6 Pfg. + 9 Pfg. - <i>Tropas de Telecomunicações</i>	Selo nº 752 - 8 Pfg. + 7 Pfg. - <i>Corpo de Engenharia</i>	Selo nº 753 - 12 Pfg. + 8 Pfg. - <i>Infantaria (ataque de granadas)</i>
Selo nº 754 - 15 Pfg. + 10 Pfg. - <i>Artilharia Pesada</i>	Selo nº 755 - 20 Pfg. + 14 Pfg. - <i>Defesa Antiaérea</i>	Selo nº 756 - 25 Pfg. + 15 Pfg. - <i>Stuka Junkers Ju-87</i>
Selo nº 757 - 30 Pfg. + 30 Pfg. - <i>Tropa de Paraquedistas</i>	Selo nº 758 - 40 Pfg. + 40 Pfg. - <i>Blindados</i>	Selo nº 759 - 50 Pfg. + 50 Pfg. - <i>Lancha de Assalto</i>



Figura 210 – Selo nº 748 ao selo nº 759. Fonte: Acervo do Autor.

Esta primeira série composta pelos 12 (doze) selos mostrados acima juntamente com o segundo conjunto composto pelos 13 (treze) selos abaixo enumerados, foram com certeza umas das emissões de maior êxito filatélico deste tema. Estes selos apresentavam à população todo o potencial bélico do país e, por meio da propaganda de seu poderio militar, tinham por objetivo solidificar a confiança no Império, *fator moral decisivo para a vitória*<sup>780</sup>. Mas, numa análise mais detalhada da segunda série, podemos observar algo inusitado, a ausência de qualquer referência à capacidade bélica da *Luftwaffe* (Força Aérea Alemã). Esta, até então havia desempenhado seu papel, mas aos poucos foi sendo superada pelas Forças Aéreas norte-americana e britânica e transformou-se num dos maiores constrangimentos do Terceiro *Reich* devido à sua ineficiência em barrar os constantes bombardeios que partiam dos aliados contra alvos no coração da própria Alemanha.

<sup>780</sup> MAGALHÃES, Agamenon. Defesa Nacional. In: *Folha da Manhã*, 30 dez. 1942. Ed. Matutina. p. 03.



As taxas cobradas nos selos continuavam contribuindo para o esforço de guerra, ou seja, eram revertidas para o auxílio do custeio dos gastos com a máquina bélica.



Figura 212 – Selo nº 825 e selo nº 826 – ambos no valor de 12 Pfg. + 8 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor

Em meados de abril de 1945, a cidade estava completamente cercada por forças do exército soviético, a maioria dos berlinenses já havia evadido ou se escondia nos escombros para não serem mortos. Mesmo assim, no dia 20 de abril de 1945, foram realizadas emissões composta por dois selos, o primeiro em Homenagem às SA e o segundo às SS (figura 212). Última emissão filatélica realizada pelo Terceiro *Reich*, ela foi disponibilizada apenas em Berlim e a venda foi mantida em apenas 09 agências postais por cerca de uma semana, quase coincidindo com a rendição do *Reich* alemão. A maioria destas agências foi fechada, abandonada ou colocada fora de circulação em um ou dois dias após o recebimento da última remessa destes selos, isto pouco antes do exército soviético tomar definitivamente a cidade. Na batalha que se seguia, Berlim foi quase completamente destruída. O selo nº 825 retrata um soldado das *Sturmabteilung* – SA (Divisões de Assalto)<sup>783</sup> e o selo nº 826, um soldado *Schutzstaffel* – SS (Tropas de Proteção).

As *Sturmabteilung* – SA (Divisões de Assalto) também eram conhecidas como “camisas pardas” – semelhante aos *Camicie nere* (camisas negras) de Mussolini –, devido à cor amarronzada dos uniformes adquiridos a preços baixos, pois pertenciam a um lote de fardamento que deveria ter sido entregue às tropas imperiais da Alemanha na África durante a Primeira Guerra Mundial, mas não chegaram a seu destino na antiga colônia da Tanzânia.

<sup>783</sup> O termo *Sturmabteilung* é anterior à fundação do *Deutsche Arbeiterpartei* – DAP (Partido dos Trabalhadores Alemães) em 1919. Suas origens remontam às tropas de assalto especializadas do Império Alemão, organizadas em pequenos esquadrões, ao invés de grandes efetivos. Utilizadas pela primeira vez em março de 1915, foram formadas com a finalidade de testar armas experimentais e desenvolver táticas que poderiam ser utilizadas em combate.

Imbuídos de realizar a segurança dos comícios do partido, desempenharam um papel fundamental na política de ascensão ao poder de Adolf Hitler nas décadas de 1920 e 1930. Em 1922, o partido nazista instituiu uma secção de juventude, posteriormente denominada *Hitlerjugend* – HJ (Juventude Hitlerista), e que permaneceu sob o comando das SA até o mês de maio de 1932. Outras de suas funções seria a disseminação da violência nas reuniões de seus oponentes, chegando muitas vezes ao enfrentamento físico contra unidades paramilitares rivais e ações que visassem intimidar judeus.

Seu comandante-em-chefe, Ernest Röhm, sonhava com um Estado “militar” e acima da política e se irritou ao ver que a “revolução nazista” se transformara em algo burocrático. No mês de outubro de 1933, quando ocupou um assento no Conselho de Defesa Nacional, havia enviado uma carta ameaçadora a Walther von Reichenau, oficial de ligação entre o Exército alemão e o partido nazista, advertindo-o no final que a verdadeira revolução ainda estava por vir<sup>784</sup>. Isto enfureceu o comando do *Reichswehr*, então limitado pelo Tratado de Versalhes ao efetivo de 100.000 homens, pois já sabiam das intenções de Röhm que pretendia “incorporá-la na massa do exército pardo e criar uma milícia nacional-socialista”<sup>785</sup>, já então composta por mais de 4,5 milhões de homens<sup>786</sup>, elevando as tensões já existentes no alto escalão do partido que viam nas SA como uma ameaça à liderança do NSDAP<sup>787</sup>.

Em 1934, enquanto o exército privado de Röhm conquistavam as ruas para Hitler, o chanceler da Alemanha tinha um novo círculo de influência e, em seus planos, as Tropas de Assalto não seriam mais necessárias. Denúncias de corrupção e conduta homossexual envolvendo Röhm e alguns de seus oficiais<sup>788</sup> acabaram levando à prisão e ao assassinato vários membros da SA, inclusive algumas de suas lideranças. Isso ocorreu na noite do dia 30 de junho para 1º de julho de 1934 no episódio que ficou conhecido como *de Nacht der Langen Messer* (a Noite das Facas Longas)<sup>789</sup>. A “Limpeza de Sangue” foi ordenada pelo próprio *Führer* que considerava que a influência político-militar dentro do partido estava excessivamente concentrada nas mãos de uns poucos. Com isso, abriu-se espaço para a ascensão das SS, sob o comando de Heinrich Himmler, em grande parte para reduzir a influência das *Sturmabteilung* e seus líderes, que até então estivera na sombra das SA.

---

<sup>784</sup> ALFORD, Kenneth D.; SAVAS, Theodore P. *Nazi Millionaires: The Allied search for hidden SS Gold*. Havertown, PA: Casemate, 2002. p. 5.

<sup>785</sup> FEST, Ibidem. p. 538.

<sup>786</sup> KERSHAW, Ibidem. p. 335.

<sup>787</sup> Idem, Ibidem. p. 333-341.

<sup>788</sup> FEST, Ibidem. p. 556.

<sup>789</sup> No dia 02 de julho de 1934, Röhm levou um tiro à queima-roupa após lhe ser dada uma pistola e dez minutos para que reconhecesse “a enormidade de suas ações por meio do suicídio”. In: Kershaw, Ibidem. p. 345.

Após este acontecimento, as SA foram sobrepujadas pelas forças das SS e, em 1939, já não tinham uma grande representatividade dentro do partido nazista. Com o começo da Segunda Guerra Mundial, em setembro deste mesmo ano, a maioria dos membros das SA foi designada para prestar serviços na *Wehrmacht* (Forças Armadas)<sup>790</sup>. A concorrência entre as duas organizações militares era fortemente alimentada pelas rivalidades pessoais existentes entre os comandantes das forças em questão. Porém, havia um agravante sócio-econômico fundamental entre as duas tropas: as exigências para o ingresso nas SA eram menores que no caso das SS, o que refletia numa diferente composição de seus quadros. Os membros das SS, uma “tropa de elite”, geralmente pertenciam à classe média alemã, possuíam um “perfil ariano”<sup>791</sup> e não podiam apresentar em sua “árvore genealógica” um antepassado negro, asiático, cigano e, principalmente, judeu até a quarta geração. Os membros das SA, por sua vez, vinham de camadas consideradas subalternas, compostas principalmente por desempregados e pela classe trabalhadora.

As SS se autoproclamavam como parte da mais alta casta ariana. Apresentavam como lema: *Meine Ehre heißt Treue* (Minha honra chama-se lealdade) e, nutridos por uma liturgia medieval, avocaram para si a guarda da fé nazista. “Como um dever religioso, eles cumpririam cegamente todas as ordens recebidas, mesmo que isso custasse a destruição de toda a humanidade”<sup>792</sup>. Devido às suas peculiaridades, de suas fileiras surgiram: a *Waffen-SS* (Armas-SS), uma tropa totalmente independente da *Wehrmacht* (Forças Armadas Alemã); o *Reichssicherheitshauptamt* – RSHA (Escritório Central de Segurança do Reich), órgão controlador de todas as polícias e forças de segurança, incluindo a *Geheime Staatspolizei* - *GESTAPO* (Polícia Secreta do Estado); as *SS-Totenkopfverbände* (Unidades da Caveiras), que faziam a segurança dos *Nationalsozialistische Konzentrationslager* (Campos de Concentração nazistas); o *Sicherheitsdienst* – SD (Serviço de Segurança), vinculado ao *Reichssicherheitshauptamt*, englobava a agência de inteligência responsável pela espionagem ideológica do partido também nos países e regiões ocupadas; e as *Einsatzgruppen* (Forças-Tarefa ou Grupos de Intervenção), formadas para acelerar a *Endlösung der Judenfrage* (Solução Final da Questão Judaica) nos territórios ocupados.

---

<sup>790</sup> MCNAB, Chris. *The SS - 1923-45: The Essential Facts and Figures for Himmler's Stormtroopers*. London: Amber Books, 2009.

<sup>791</sup> Os “voluntários” habituavam passar por procedimentos que se destinavam a conferir suas características físicas fundamentadas na frenologia (medição do crânio) e na antropometria (mensuração do corpo humano ou de suas partes) com objetivo de confirmar a relação entre suas características físicas, sua capacidade mental e comprovar sua origem ariana pura.

<sup>792</sup> LENHARO, Ibidem. p. 66.

As runas são “sinais de escrita germânicos que passaram ser usados no começo da nossa era [...]”<sup>793</sup>. A runa *Sigel* (*Sowellu*, *Sowelo*, *Saewelô* ou *Sig*) representada por uma linha em zigue-zague, era parte integrante do imaginário das SS. Presentes no seu emblema militar na forma de dois esses, estes simbolizavam o poder do sol<sup>794</sup>, cuja energia pode ser usada tanto para as causas construtivas quanto para as destrutivas. Desse modo, o símbolo em si não é positivo ou negativo, depende da maneira como é utilizado.

O [mesmo] sol imortal nasce toda manhã e *se põe toda noite no reino dos mortos; portanto, pode levar com ele os homens e, ao se por, dar-lhes a morte; mas, ao mesmo tempo, pode guiar as almas pelas regiões infernais e trazê-las de volta à luz do dia seguinte.* [...] Analogamente, o Sol é um símbolo universal do rei, *coração* do império. [...]”<sup>795</sup>

Como pudemos perceber ao logo deste trabalho, o *Sigel* somava-se aos diversos signos utilizados pelos nazistas ligados a este corpo celeste, mas só poderia ser ostentado por quem fizesse parte da tropa. O aspirante passava por um ritual de iniciação<sup>796</sup>, caracterizado por um “fazer morrer, provocar a morte”<sup>797</sup>. Neste ritual, derramavam o próprio sangue, pois sabiam através “[...] da *Edda* que as runas eram frequentemente tingidas com sangue para aumentar seu poder”<sup>798</sup> mágico-religioso. Assim as SS se ligavam ao poder do sol, centrando-se na “virtude” de Tito Lívio, que significava essencialmente o valor militar. Sua energia voltava-se para a destruição e não para a reconstrução, pois apresentava o poder de carregar consigo os homens para a morte, simbolizado pelo pôr-do-sol.

Parte integrante dos 25 pontos que compunham a plataforma política original dos nazistas em 1920, no item nº 22 exigia a abolição do exército regular e a criação de um exército nacional (popular). Quando chegaram ao poder e na sua preparação para a guerra que

<sup>793</sup> LURKER, Ibidem. p. 616.

<sup>794</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.2 OS SELOS DO *REICH* - Simbologia Geral: Águia, Suástica, Saudação...

<sup>795</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 836-837.

<sup>796</sup> Nascido numa família católica apostólica romana devota, Himmler se inspirou na liturgia jesuíta para estruturar as SS, compondo internamente um grupo de “sacerdotes”. Empregando datas de grande importância para o Nacional-Socialismo, a “Ordem Negra” conduzia os rituais de inicialização de seus “noviços”. No dia 9 de novembro, aniversário do *Putsch* (Golpe), os aspirantes com 18 anos eram aceitos na SS como *postulante* (pretendente), e iniciavam sua “catequização nazista”, sendo-lhe facultado o uso do uniforme das SS sem as insígnias, que deveriam ser conquistadas. No dia 30 de janeiro, *Tag der Machtergreifung* (Dia da Tomada do Poder), tornavam-se cadetes, recebendo a carteira provisória de oficial. No dia 20 de abril, *Führergeburtstag* (Dia do Aniversário do *Führer*), o cadete recebia suas insígnias e a carteira definitiva das SS, ao prestar o juramento: “Eu juro lealdade e bravura a ti, Adolf Hitler, como *Führer* e Chanceler do Reich alemão. Juro a ti e aos superiores a mim apontados obediência até a morte, e que Deus me ajude”.

<sup>797</sup> LURKER, Ibidem. p. 348.

<sup>798</sup> Idem, Ibidem. p. 616.

viria, os nazistas realizaram pequenos movimentos político-militares no sentido de, aos poucos, realizarem uma lenta e gradual “militarização da população alemã”. Isso era feito por meio de grandes exposições marciais e com uma sutil dose propagandística, tais como as presentes nos selos emitidos em 03 de março de 1937, em homenagem à *Luftschutz* (Força de Defesa Antiaérea - figura 213).



Figura 213 – Selo nº 591 – 3 Pfg., Selo nº 592 – 6 Pfg. e Selo nº 593 – 12 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

Este conjunto de selos demonstra claramente a preparação do Terceiro *Reich* para “se proteger” de eventuais ataques em caso de guerra. Por meio destes selos, a população civil era alertada para a criação de um programa de treinamento para a proteção contra ataques aéreos *Luftschutz*, através dos *Luftschutzregimenter* – RLB (Regimentos de Artilharia Antiaérea). Notemos o escudo com o distintivo (logotipo) da artilharia antiaérea, utilizado durante a Segunda Guerra Mundial para identificar esta organização.

Estes selos foram baseados num desenho de um dos representantes mais proeminentes e icônicos da publicidade artística do período nazista, o pintor, arquiteto e artista de cartaz Ludwig Hohlwein (1874-1949)<sup>799</sup>, que ingressou no NSDAP em 1933 e realizou inúmeros trabalhos antes mesmo dos nazistas chegarem ao poder. A importância de seus cartazes para a propaganda visual do Terceiro *Reich* se assemelhava ao valor das fotografias de Heinrich Hoffmann<sup>800</sup>, merecendo destaque os anúncios destinados à divulgação dos Jogos Olímpicos de 1936. O tema apresentado nos selos acima foi inspirado em um de seus cartazes.

Foi através da inserção de um cotidiano voltado para a guerra, da banalização da violência mergulhada nos exercícios de defesa e da efervescência de anseios revanchistas

<sup>799</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Capítulo 1 O SELO COMO FONTE HISTÓRICA: USOS E METODOLOGIA.

<sup>800</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.3 OS SELOS DO REICH - Adolf Hitler.



populares, que o Terceiro *Reich* procurou associar o espírito combativo alemão aos interesses do regime nacional-socialista.

Também exemplo de subterfúgio utilizado pelos nazistas voltado para a formação de uma reserva tática para as Forças Armadas, cujo efetivo era limitado pelo Tratado de Versalhes, desde cedo os nazistas aproveitaram os existentes e incentivaram a formação de novos clubes de tiros e a promoção de competições de tiro. Com este objetivo, no dia 07 de julho de 1944 foram emitidos dois selos com a mesma estampa destinados à divulgação dos 7. *LANDESSCHIESSEN-INNSBRUCK-JULI 1944* (7º Jogos Nacional de Tiro – Innsbruck – Julho 1944) na Áustria. Os selos apresentavam a figura de um soldado moderno lado-a-lado com um tradicional atirador da região do Tirol – onde o esporte do tiro era característico – com seu armamento ao ombro (figura 214). Podemos considerar os selos como a representação do cidadão germânico, caracterizado com traje típico tirolês que, sob os auspícios do sistema nazista, se transforma num soldado<sup>801</sup>.

Os selos apresentam a inscrição característica do período: *GROSSDEUTSCHES REICH* (Grande Império Alemão) e a taxa adicional presente no selo foi revertida para o esforço de guerra.



Figura 214 – Selo nº 817 – 6 Pfg. + 4 Pfg. e selo nº 818 – 12 Pfg. + 8 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

Nesta questão incluímos ainda o selo emitido em fevereiro de 1945 (figura 215), impresso em comemoração à Proclamação da *Volkssturm* (Exército do Povo), conclamados para garantir a paz e salvar o futuro da Alemanha e seus aliados na Europa, para lutar contra os invasores. Este selo em particular reflete um enorme esforço de cunho propagandístico

<sup>801</sup> Soldado – o termo *solidus* (soldo) se originou de *solidum numus* (dinheiro sólido – moedas), mais especificamente de uma antiga moeda de ouro criada por Constantino em 309 d.C., que circulou por um longo período no Império Romano e com a qual seus soldados eram pagos. Soldado se refere ao militar que recebe o pagamento por seus serviços, independente de seu posto ou graduação.

nacional-socialista, pois surgiu apenas três meses antes da derrocada do Terceiro *Reich*. Foi o último esforço no sentido de barrar o avanço do exército vermelho e das tropas anglo-americanas que chegava aos portões de Berlim, o que contribuía para o baixo moral dentro das fileiras da *Volkssturm*. Muitos dos “recrutados” optaram por desertar ou se render quando chegasse a hora. No selo vemos retratados em primeiro plano um soldado da *Wehrmacht*, ladeado por um “velho”, que se encontra no meio, e um jovem na outra extremidade, todos guardados pela águia do regime nazista, então em colapso iminente. O lema estampado no selo diz: *EIN VOLK STEHT AUF* (Um Povo se Levanta).



Figura 215 – Selo nº 824 – 12 Pfg. + 8 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

A fim de mobilizar rapidamente os últimos recursos humanos disponíveis para complementar a defesa de Berlim durante os derradeiros dias da Segunda Guerra Mundial, Adolf Hitler conclamou, no dia 18 de outubro de 1944, a todos os homens (e algumas mulheres) com idade entre 16 e 60 e que não estavam servindo em alguma unidade militar a pegarem em armas e defender a nação alemã, a se alistarem no *Volkssturm*<sup>802</sup> (Exército do Povo). Demonstrando a gravidade em que se encontrava o *Reich*, para tal ação nenhum exame médico era necessário, o “voluntário” deveria estar fisicamente apto para empunhar uma arma. Assim, a criação da *Volkssturm* teve por objetivo principal, reforçar a defesa do *Reich* com a formação de um contingente armado que apoiaria as tropas da *Wehrmacht*, recebendo missões de defesa local. Como objetivo secundário, a *Volkssturm* pretendia manter grande parte da população sob o controle dos militares a fim de evitar qualquer manifestação em desfavor do Império alemão. Organização e grupos diretamente supervisionados pelo partido, como a *Deutsche Arbeiterfront* (Frente Alemã de Trabalho), induziram os trabalhadores das

<sup>802</sup> O termo *Volkssturm* literalmente traduzido significa: Tempestade do povo.

fábricas e empresas a se alistarem “voluntariamente” em um dos grupamentos da *Volkssturm*<sup>803</sup>.

Os homens da *Volkssturm* eram geralmente empregados em tarefas junto as *Luftschutzregimenter* – RLB (Regimentos de Artilharia Antiaérea), durante um ataque aéreo; como membro da *Stadtwacht* (Guarda da Cidade), na patrulha de rotas preestabelecidas; e parte da *Wehrmacht*, atuando como soldado de infantaria quando sua área fosse atacada por forças terrestres inimigas. Embora a idade mínima fosse de dezesseis anos, membros da *Hitlerjugend* – HJ (Juventude Hitlerista) também foram utilizados.

Outro aspecto importante na formação de uma reserva militar tática e que poderia ser empregada no momento certo foi a *Hitlerjugend* – HJ (Juventude Hitlerista)<sup>804</sup>. Desde o século XIX já existiam diversos movimentos e associações juvenis conduzidos por dirigentes que transmitiam aos jovens as ideologias das instituições que representavam e que abrangiam elementos sociais e morais. Em 1907, surge na Inglaterra o Escotismo, um movimento de caráter mundial, educacional, voluntário, sem pretensões políticas e sem fins lucrativos, e que logo se espalhou pelo globo. Seu objetivo principal consistia em estimular os jovens a se desenvolverem físico, moral e intelectualmente através de princípios que valorizavam a honra, fundamentados na Promessa e na Lei escoteira por meio do exercício do trabalho em equipe e da vida ao ar livre.

O primeiro trabalho realizado pelo Estado com os jovens ocorreu entre 1911 e 1913 na Prússia, através de reformas que causaram grande impacto no modelo assistencial até então adotado. As atividades eram desenvolvidas por grupos de professores especialmente treinados, compostos em grande parte por artesãos, oficiais e clérigos que destinavam seu tempo livre para o trabalho com os jovens. O discurso estatal girava em torno da necessidade de se proteger os jovens das ameaças como o declínio moral e físico, através de atividades culturais, jogos bélicos e outras ocupações, obtendo ampla aceitação entre os jovens das classes médias, mas enfrentando muitas dificuldades para alcançar os jovens pobres e marginalizados, devido a seu estilo de vida.

Na primeira metade do século XX, vários países da Europa passaram a ser governados por regimes autoritários. Estes Estados ditatoriais tentaram se apropriar das

---

<sup>803</sup> MILITARY INTELLIGENCE DIVISION. The German Volkssturm. In: *Intelligence Bulletin*, War Department, Washington/D. C., v. 03, nº 06, February 1945. Disponível em: <<http://archive.org/details/1945-02IntelligenceBulletinVol03No06>>. Acesso em: 20 set. 2013.

<sup>804</sup> A *Jugendbund der NSDAP* (Liga da Juventude do NSDAP) foi criada em março de 1922 em Munique, por iniciativa de Adolf Lenk, com o intuito de preparar os jovens para integrarem o corpo das SA, quando completassem a idade exigida. Era dividida em *Jungmannschaften* (com jovens de 14 a 16 anos) e *Jungsturm Adolf Hitler* (com jovens de 16 a 18 anos).

organizações que trabalhavam com os jovens, como o escotismo, com o objetivo de dar a elas uma finalidade de formação militar. Assim, os princípios internos dessas organizações passariam a estar a serviço da militarização dos jovens. Um exemplo de assimilação bem sucedida ocorreu em 1926 na Itália de Benito Mussolini, quando a prática do escotismo foi substituída pelos grupos da *Opera Nazionale Balilla* – ONB. Os grupos funcionavam como um complemento ao projeto fascista de educação escolar. Eram dirigidos aos jovens com idades entre oito e quatorze anos, “com o objetivo de educar moralmente, psicologicamente e fisicamente os futuros fascistas”<sup>805</sup>, organizando o tempo ocioso da juventude, mantendo-a, a todo o momento, sob seu controle. Condenavam a individualidade e impunham a ideia de coletividade e hierarquia, bem como o culto à personalidade do próprio *il Duce* (o Líder). As organizações de escoteiros foram proibidas, não pelo fato de serem incompatíveis com as formas de governo autoritários, pois eram vistas com bons olhos por estes Estados nacionalistas, que planejavam unificar toda a sociedade em prol de seus objetivos estratégicos de poder. Esta proibição foi apenas mais uma etapa para a estatização e burocratização organizada da nação: consideradas como concorrentes, essas organizações passaram para o controle efetivo do Estado, que se empenhou em aprimorar as informações e os procedimentos existentes com o objetivo de estabelecer a nulidade de todos os direitos e individualidades nos movimentos juvenis.

Deste cedo, os nacional-socialistas desenvolveram várias estratégias para, inicialmente, ludibriar o controle imposto pelo Tratado de Versalhes e formar o corpo daquele que seria o exército mais profissional e temido de toda Europa. Uma destas táticas foi apostar na educação dos que viriam a formar o seu contingente operacional. Indivíduos que no tempo certo estariam habilitados nos mais diversos assuntos como: atletismo, acampamento e história nazificada<sup>806</sup>. Ideias disseminadas pelo país e colocadas estrategicamente em prática, que despertavam um sentimento de pertencimento, gerado por uma forte ideologia que prometia mudar os rumos da nação e orientar a juventude pelo caminho certo. Em suma, “o nazismo formou uma geração para a morte”<sup>807</sup>.

---

<sup>805</sup> ROSA, Cristina Souza da. Pequenos soldados do Fascismo: a educação militar durante o governo de Mussolini. *Antíteses* – Revista do Programa de Pós-Graduação em História Social da UEL, Londrina, vol. 2, n. 4, jul./dez. de 2009, pp. 621-648. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>>. Acesso em 02 dez. 2012.

<sup>806</sup> Especificamente na Alemanha, em 1924 os escoteiros ainda não haviam conseguido o devido reconhecimento de sua organização pelo Escritório Internacional dos Escoteiros por este órgão considerá-los excessivamente militarizados e por realizarem ingerências em assuntos de Estados vizinhos, especificamente o austríaco, tendo em vista que o escotismo alemão tentava incorporá-lo ao seu.

<sup>807</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. O nazismo e a produção da guerra. In: *Revista USP*, São Paulo, n. 26, jun./ago. 1995. p. 86.

Deste modo, visto o seu potencial, desde cedo os nacional-socialistas identificaram os jovens de ambos os sexos como mensageiros ideais para a difusão de sua ideologia. Segundo os planos nazistas, quando chegassem ao poder colocariam em prática os 25 itens norteadores de seu projeto político-econômico, lançados no dia 24 de fevereiro de 1920. Dentre estes itens, o número 20 nos é especificamente caro, já que delineava uma reestruturação na educação, alcançada através de uma ampla reforma no sistema de ensino alemão tradicional, introduzindo preceitos nacional-socialistas nos currículos escolares. Este item especificava que:

20. A fim de tornar possível para todos os alemães capazes e industriais obter educação mais elevada, e assim a oportunidade de alcançar posições de liderança, o Estado deve assumir a responsabilidade de reorganizar completamente todo o sistema cultural do povo. Os currículos de todos os estabelecimentos educacionais serão adaptados para a vida prática. A concepção da ideia do Estado (ciência de cidadania) deve ser ensinada nas escolas desde o início. Nós exigimos que a educação de crianças especialmente talentosas de pais pobres, qualquer que seja sua classe social ou ocupação, seja à custa do Estado<sup>808</sup>.

A partir de 1933, com o *Reichskanzler* (Chanceler do Império) da Alemanha no poder de forma legítima e à frente do *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* – NSDAP (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães), grande parte das associações de jovens existentes foi declarada ilegal ou forçosamente integrada à estrutura do partido através da *Hitlerjugend* - HJ (Juventude Hitlerista), destinada a acolher os meninos e sua similar feminina, a *Bund Deutscher Mädel* – BDM (Federação das Moças Alemãs, Liga das Moças Alemãs ou Liga das Jovens Alemãs). Essa duas organizações foram criadas com o objetivo de formar uma juventude nacional-socialista, de maneira a incutir nos jovens, desde cedo, os princípios da doutrina nazista.

Deste modo, mesmo antes do movimento nacional-socialista ter coordenado e integrado as mais distintas formas de movimentos juvenis na Alemanha, convertendo milhões de...

---

<sup>808</sup> 20. *With the aim of opening to every capable and industrious German the possibility of higher education and consequent advancement to leading positions, the State must consider a thorough reconstruction of our national system of education. The curriculum of all educational establishments must be brought into line with the requirements of practical life. Directly the mind begins to develop the schools must aim at teaching the pupil to understand the idea of the State (State sociology). We demand the education of specially gifted children of poor parents, whatever their class or occupation, at the expense of the State.* In: STORMFRONT.ORG. Disponível em: <<http://www4.stormfront.org/posterity/ns/25pts.html>>. Acessado em: 04 jun. 2013.

Meninos e meninas, reunidos pela crise, pelo medo e por uma desesperada crença no futuro da pátria; mas devemos também recordar as vítimas, os inocentes; e a perversa utilização do idealismo e do espírito de autosacrifício da mocidade; merecedora de uma causa melhor do que a já oferecida pelo *führer* à juventude de sua Alemanha; sua juventude: a juventude Hitlerista<sup>809</sup>.

Em uma juventude que, voluntária ou involuntariamente, já vinha sendo instruída diuturnamente dentro de um contexto espiritual, esportivo e pré-militar, que os estimulava ao sacrifício da própria vida à Alemanha e ao culto ao *Führer*, líder incontestável. Assim, a estatização dos movimentos escoteiros alemães tornou-se mero protocolo. Como descreve Kershaw: “Esse grau de culto ao herói jamais fora testemunhado na Alemanha. Nem mesmo o culto a Bismarck, nos últimos anos do fundador do *Reich* chegava perto disso”<sup>810</sup>.

Assim, destacando a importância da formação da juventude no Terceiro *Reich* para a construção de um novo mundo, manifestando seu descrédito com relação à competência do sistema de educação tradicional em alcançar o objetivo de nazificar os jovens e, no intuito de preparar as gerações mais jovens, com idade entre dez e dezoito anos, para a guerra, em 1º de dezembro de 1936, foi promulgada a *Gesetz über die Hitlerjugend* (Lei da Juventude Hitlerista). A lei estipulava no seu segundo parágrafo que:

Toda a juventude alemã do Reich está organizada nos quadros da Juventude Hitlerista. A juventude alemã, além de ser educada na família e nas escolas, será forjada física, intelectual e moralmente no espírito do nacional-socialismo ao serviço do Povo e para a Comunidade<sup>811</sup>.

O terceiro parágrafo determinava que a tarefa de educar os jovens alemães na juventude de Hitler seria de responsabilidade do líder da Juventude do *Reich* Alemão que estaria diretamente subordinado ao *Führer*<sup>812</sup>.

Não satisfeito com os resultados obtidos, em março de 1939, o regime autoritário nazista emitiu a lei que determinou o serviço obrigatório da juventude, a partir daí, todos os jovens deviam ser convocados para a HJ, de forma análoga à maneira realizada para o ingresso nos quadros do exército. No caso de recusa por parte dos pais, estes deveriam ser

<sup>809</sup> BARTOLETTI, Suzan Campbell. *A Juventude Hitlerista: história dos meninos e meninas nazistas e dos que resistiram*. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 2006.

<sup>810</sup> KERSHAW, Ibidem. p. 324.

<sup>811</sup> Disponível em: <<http://www.dhm.de/lemo/html/dokumente/hjgesetz/>>. Acesso em: 15 nov. 2013.

<sup>812</sup> DEUTSCHES HISTORISCHES MUSEUM. Disponível em:

<<http://www.dhm.de/lemo/html/dokumente/hjgesetz/>>. Acessado em: 29 jul. 2013.

punidos com austeras penas de prisão, ou terem seus filhos encaminhados a orfanatos ou outros locais<sup>813</sup>. Nenhum segmento juvenil deveria ser deixado de fora<sup>814</sup>.

Junto às qualidades estéticas dos jovens, que eram tidos como futuros representantes da raça superior que dominaria todas as outras consideradas inferiores, os nazistas davam ênfase ao desenvolvimento da coragem, da violência e da força, cabendo a esta juventude o papel de renovar a raça ariana.

Adolf Hitler, orador hábil, usando os pontos fracos da população alemã em seus discursos para manipular as massas, conseguiu alcançar uma repercussão positiva em todas as camadas sociais e faixas etárias, principalmente entre os jovens, chamados de futuro da nação e, mais especificamente, o futuro do nazismo. Em várias passagens de seus vários discursos, Hitler utilizava frases de efeito como: “Dirijo-me à juventude alemã, nas mãos das quais repousa o futuro de nossa nação”. Recorrendo a uma linguagem figurada, dizia aos jovens que para garantir seu futuro, deveriam “ser espertos como raposas, ligeiros como o vento e duros como aço”. Segundo Clarke:

Grupos da Juventude Hitlerista - meninos de doze anos para cima – recebiam crianças russas para brincar e eram encorajadas a esmurrá-las e torturá-las. Essas cenas tremendas foram perpetradas na Rússia inteira e nos Estados Bálticos, não em casos esporádicos, mas sim em muitas centenas, em maior ou menor escala. Durante toda a ocupação alemã. Nunca cessaram<sup>815</sup>.

Devido à sua importância para a concretização e o fortalecimento da ideologia nazista, as escolas foram um dos principais alvos de ação do governo. Eram consideradas como o sustentáculo da cultura alemã e perpetuadora da identidade cultural entre os povos de origem germânica e seus descendentes. A *Nationalsozialistischer Lehrerbund* - NSLB (Associação Nacional-Socialista dos Professores) fortalecia os pontos de vista político-ideológicos do nazismo, na medida em que vigiava os professores, que deveriam se filiar a essa instituição e ensinar de acordo com a cartilha nazista. Além disso, os professores também eram obrigados a participar de cursos de educação continuada e eventos que os orientavam

<sup>813</sup> SHIPER, William L. *Ascensão e Queda do III Reich*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. 4 v.

<sup>814</sup> Em 1933, o Estatuto de Editores proibia a todos os editores, dentre outras coisas, até mesmo o anúncio de Encontros de agremiações católicas. Ao mesmo tempo em que definia o que era considerado propaganda contra o Estado, desferia um golpe mortal na ampla e próspera imprensa católica. [...] O Estado queria forçar os jovens católicos a entrar na Juventude Hitlerista; as escolas e os sindicatos católicos foram desmantelados, o clero condenado à perseguição e ao cárcere. In: BETTENCOURT, D. Estevão. *O Nazismo e a Igreja de 1933 a 1939*. In: CLERUS.ORG. Disponível em: <<http://www.clerus.org/clerus/dati/2007-11/23-13/05NazismoIgreja.html>>. Acessado em: 29 jul. 2013.

<sup>815</sup> CLARKE, Comer. *Eichmann: o assassino de milhões*. Tradução de Tati de Moraes. Rio de Janeiro: Editora do Autor. 1961. p 101.

quanto ao conteúdo ideológico que deveriam ser ministrados aos alunos. O material didático, incluindo os planos de aula, abrangia disciplinas como Alemão, Biologia e História, que foram adequadas à visão racial dos nacional-socialistas do mundo. As atividades voltadas para a educação física eram direcionadas à preparação militar e assumiram papel fundamental no dia-a-dia da escola. Livros sobre Esparta ou estórias de homens nórdicos em combate, exaltando a vitória pelo sacrifício, faziam parte do material escolar. “Esta consciência de vitória também seria sugerida pela runa da vitória, colocada nas bandeiras e flâmulas da Juventude Alemã e que, na sua duplicação (SS), se tornou o sinal das SS”<sup>816</sup>.

Ideias como estas apareceram em vários momentos nos discursos proferidos por Hitler e, na filatelia, tivemos exemplos como o conjunto emitido no dia 25 de julho de 1935, por ocasião da Instalação do Campo da Juventude Hitlerista, apresentando a inscrição: *Welttreffen der Hitlerjugend* (Encontro Mundial da Juventude Hitlerista – figura 216).



Figura 216 – Selos nº 543 - 6 Pfg. e selo nº 544 - 15 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor

Os selos apresentam a figura de um jovem corneteiro da fanfarra do *Deutsche Jungvolk* – DJ (Jovens Camaradas Alemães), destinada a meninos com idade entre dez e quatorze anos, e parte integrante da Juventude Hitlerista. O estandarte ou *Fanfarentuch* (Pano de fanfarra) é característico da *Fanfarenkorps des Jungvolkes* (Corpo de Fanfarra dos Jovens Camaradas) com a runa da *Sieg* (vitória), o logotipo de HJ, estampada no corpo do pano.

A reunião inaugural do Primeiro Acampamento Internacional da Juventude Hitlerista ou Grande Concentração de *Kuhlmühle*, foi realizada na localidade de *Kuhlmühle* no antigo município de Dranse, onde, em solidariedade ao evento, membros da juventude fascista de todo o mundo participaram, inclusive representantes dos Estados Unidos. Os congressos assumiram grandes proporções. Realizados anualmente entre os anos de 1935 e 1938, só foram interrompidos com o início da Segunda Guerra Mundial.

<sup>816</sup> LURKER, Ibidem. p. 670-671.



No dia 26 de março de 1943 foi emitido um selo em comemoração ao juramento prestado pela Juventude Hitlerista no *TAG DER VERPFLICHTUNG DER JUGEND/1943* (Dia do Compromisso da Juventude/1943). O selo (figura 217) retrata um garoto da *Hitlerjugend* – HJ (Juventude Hitlerista) e uma garota da *Bund Deutscher Mädel* – BDM (Federação das Moças Alemãs, Liga das Moças Alemãs ou Liga das Jovens Alemãs) à frente da bandeira nazista que tremula ao vento.



Figura 217 - Selo nº 760 - 6 Pfg. + 4 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor

Basicamente, no Dia do Compromisso da Juventude ocorriam festividades nas quais os jovens, dispostos em fileiras, juravam sua lealdade ao *Führer* e ao *Reich*, constituindo verdadeiros ritos de passagem. Estes grupos nazistas para jovens tinham por objetivo comum “assegurar a passagem de uma pessoa para um novo estágio na vida”<sup>817</sup>. Eram rituais de purificação que faziam a ligação do jovem, ainda em fase de formação de caráter, com o futuro cidadão-soldado. Com um arranjo que mais parecia o de um exército, a HJ possuía uniformes, bandas de música, distintivos, armas, heróis a quem cultuar e bandeiras. Enfim, é possível observar em sua estrutura o que Lurker apresenta como estágios comuns aos ritos: “exclusão dos não iniciados, isolamento do candidato, celebração de uma festa, vestidura e unção, atribuição de um novo nome, luta simbólica entre as forças da vida e da morte, etc.”<sup>818</sup>, todos presentes no decurso de sua “formação”.

Como um modo de domínio, toda a parte intelectual era relegada a um segundo plano. A prática tinha prioridade no aprendizado: exercício físico acima do intelectual. Os jovens foram também incentivados incessantemente a assumir uma atitude favorável ao

<sup>817</sup> DIETRICH, Ana Maria. *Caça às Suásticas: O Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Fapesp, 2007. p. 92.

<sup>818</sup> LURKER, *Ibidem*. p. 604.

projeto político-ideológico do *Reich* alemão por meio de um policiamento deles próprios e dos colegas pertencentes ao seu grupo, e de uma postura de vigilância na escola e no lar. O objetivo, com isso, era moldar uma geração que não conheceria classe nem casta, obediente, corajosa e desprendida de qualquer interesse onde quer que fosse e que, por reconhecer no *Führer* um guia fiel, estaria disposta a segui-lo fielmente. Uma geração capaz de se sacrificar em nome da nação, e levá-la, unida em uma só coluna, a um novo tempo. Ou, se em momentos de privações nada mais restasse da Alemanha, levantariam o pavilhão e se ergueriam do nada.

Em seu texto, Nascimento afirma que:

A doutrina escoteira objetivava formar crianças e jovens num ideário que valorizava, de forma acentuada, o sentimento de pertencimento à Nação. A integração do cidadão ao Estado era o cerne da doutrina, e durante as atividades cotidianas do Movimento propunham-se o enaltecimento dos símbolos nacionais e o respeito à ordem e à disciplina social<sup>819</sup>.

Podemos perceber as conexões ideológicas entre o nacionalismo exaltado e o militarismo, associados a uma pedagogia que visava atividades extraescolares junto à natureza e à prática de exercícios físicos em locais ao ar livre e voltado para moldar o caráter, ampliar o senso de responsabilidade e a capacidade de tomar decisões em prol de seu povo e, acima de tudo, desenvolver a forma física, visando “corpos saudáveis”; sendo o desenvolvimento intelectual e científico um objetivo secundário.

Mas, nem todos os jovens que adentraram na Juventude Hitlerista eram voluntários, já que muitas famílias se viram obrigadas a entregar seus filhos a tais estabelecimentos para não serem perseguidas. Assim, todos os que participaram de alguma maneira foram manipulados. Os jovens em sua grande maioria não percebiam esta manipulação, sendo atraídos para a Juventude Hitlerista através de propagandas que refletiam o que o partido nazista considerava ser o ideal para a educação de uma criança alemã.

Assim como no Escotismo, ao ingressar na Juventude Hitlerista, o jovem passava por rituais de iniciação que incluíam, dentre outras coisas, prestar o juramento diante da chamada “Bandeira de Sangue”:

Na presença desta Bandeira de Sangue, que representa o nosso *Führer*, juro dedicar todas as minhas energias e minhas forças ao Salvador de nosso país,

---

<sup>819</sup> NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. Movimento Escoteiro e cultura política nacionalista no Brasil na primeira metade do século XX. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Org.). *Culturas Políticas na História: novos estudos*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009. p. 39.

Adolf Hitler. Aceito e estou disposto a dar minha vida por ele, com a ajuda de Deus.

Além do juramento, cada integrante deveria demonstrar seus conhecimentos, em prova escrita, sobre a ideologia então dominante sobre política e raça. Tinham que comprovar sua ascendência, apresentar documentação que ratificava que seus antepassados, começando por seus pais, eram todos de origem ariana. Deste modo, somente os “puros de sangue” poderiam ingressar na organização. Assim, Judeus, Testemunhas de Jeová, homossexuais, ciganos e outras minorias eram excluídas deste sistema social. Os cidadãos que apresentassem algum grau de deficiência física, podiam ingressar e participar da seção especial HJ, e os deficientes visuais e/ou auditivos deveriam apresentar comprovação de que sua deficiência não era hereditária e, aos deficientes mentais, era terminantemente proibido o seu acesso a Juventude.

Deste modo, os rapazes recebiam o treinamento militar que os preparava para esta referida carreira, enquanto as moças eram preparadas para serem boas mães e donas de casa.

### 3.10 OS SELOS DO REICH - Música e Poesia

Citamos os seguintes pontos essenciais do conjunto dos objetivos do socialismo alemão:

[...]

#### 5. A Arte para o Povo

A Arte e a Cultura pertencem ao Povo.

A nova Alemanha abriu amplamente as portas dos teatros, das salas de concerto e dos museus precisamente aos trabalhadores. Grupos móveis motorizados, teatrais, musicais e de variedades vencem o tempo e o espaço, levando, com a sua arte, o contentamento às oficinas mais recônditas, às menores cidades e às aldeias mais longínquas. O trabalho e a alegria são inseparáveis<sup>820</sup>.

O Romantismo surgiu na Europa nas últimas décadas do século XVIII e foi um movimento que englobou as artes, a filosofia e, sobretudo, a política. Persistiu por grande parte do século XIX e, em seu corpo alemão, continha uma *Weltanschauung* (Visão de mundo)<sup>821</sup> contrária às ideias do racionalismo, da busca pelo equilíbrio entre a estrutura formal e a expressividade do Classicismo e da razão iluminista<sup>822</sup>. Em oposição a esses princípios, o Romantismo representou um esforço no sentido de justificar o nacionalismo, o historicismo e o *Volksgeist* (Espírito da nação) que viria a ser a mola propulsora da consolidação dos Estados Nacionais europeus. Ele se baseou principalmente na existência de “uma identidade entre natureza e espírito, ambos linguagens ou escritas de origem divina, e que há uma analogia entre homem e cosmos (microcosmo-macroantropo)”, que só podem ser

<sup>820</sup> *A Alemanha Social*. São Paulo: Empresa Editora Aurora Alemã Ltda., 1941. p. 12-13.

<sup>821</sup> *Weltanschauung* - consiste numa concepção abrangente (valores fundamentais, existenciais e normativos) ou filosófica de um indivíduo ou de toda uma sociedade.

<sup>822</sup> A apropriação de ideias românticas por parte de ideólogos nazistas apresenta-se como um anacronismo (informação verbal). Dado fornecido pelo Professor Dr. Élcio Loureiro Cornelsen na Defesa da Dissertação, em Belo Horizonte, em 28 de maio de 2014.

reproduzidas através das “imagens poéticas” ou recriadas pela “imaginação produtiva, pela fantasia criadora”<sup>823</sup>.

O movimento se caracterizava pela valorização de todas as formas de religião ou cultos e em suas manifestações incorporou-se toda espécie de credence popular; de mitologia, sendo ela grega, nórdica ou germânica; de ocultismo ou mesmo de feitiçaria. Por este motivo foi considerado uma forma de reação contrária ao Iluminismo, bem como ao classicismo francês, fundado nos princípios do racionalismo, do cientificismo, do progresso e da estética. Na Alemanha, pouco a pouco o Romantismo, com sua tendência irracional<sup>824</sup>, foi ganhando adeptos e seus valores começaram a se inserir na sociedade, como muitos acreditam, afetando negativamente a vida de milhões de pessoas na primeira metade do século XX, atingindo seu máximo em desenvolvimento na Alemanha hitlerista, onde Nietzsche<sup>825</sup>, Wagner, de quem Hitler era “admirador fanático”<sup>826</sup>, e muitas outras personalidades do romantismo alemão foram copiosamente exaltadas. Na literatura...

Muitos dos escritores alemães, egressos do expressionismo, acabaram por abraçar as cores políticas do nacional-socialismo, por sinal de maneira conflituosa, e vieram a contribuir, de uma maneira ou outra, para a configuração do *ethos* nazista. [...] A história fora substituída pelo mito. Não admira, pois, encontrarmos entre os historiadores nazistas a mesma propensão pessimista e imobilizadora. Não haveria muito que fazer senão detectar o “inconsciente popular” que tudo inspira e que se encontra *naturalmente dado*. O fascismo, dirá Horkheimer em 1943, é anti-histórico, exatamente pelo tipo de exaltação que faz do passado; as leis eternas que o regem asseguram a imobilidade do mando dos poderosos. Quando os fascistas dizem “história”, eles na verdade estão dizendo o contrário: mitologia [...]”<sup>827</sup>.

Assim, “o impulso através dos símbolos típicos do romantismo alemão, juntamente com os mitos populares davam ao povo o sentimento de sua identidade”<sup>828</sup>. E, também através das artes...

<sup>823</sup> LURKER, Manfred. *Dicionário de Simbologia*. Tradução de Mário Krauss e Vera Barkow. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 611.

<sup>824</sup> KLEMPERER, Victor. *LTI: A linguagem do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

<sup>825</sup> Lido por Hitler enquanto esteve preso em prisão em Landsberg, sua “universidade paga pelo Estado”. In: KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 178.

<sup>826</sup> KERSHAW, Ibidem. p. 45-46.

<sup>827</sup> LENHARO, Alcir. *Nazismo: “O triunfo da vontade”*. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2001. p. 85.

<sup>828</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. O nazismo e a produção da guerra. In: *Revista USP*, São Paulo, n. 26, jun./ago. 1995. p. 87.

[...] O nazismo se embrenhou na carne e no sangue das massas por meio de palavras, expressões e frases que foram impostas pela repetição, milhares de vezes, e foram aceitas inconscientes e mecanicamente<sup>829</sup>.

No campo da propaganda nazista, a semântica foi de extrema importância. Palavras como *folk*, *Volk* e *peuple*, a primeira vista pareciam possuir o mesmo significado, porém, no momento de suas traduções, é possível constatar que apresentam sentidos diferentes se analisadas juntamente com os diversos tipos de imaginários que podem vir a mobilizar. Em sua obra, Martín-Barbero explicita que...

[...] enquanto *folk* tenderá a recortar-se sobre um topos cronológico, *Volk* o fará sobre um geológico e *peuple*, sobre um sociopolítico. *Folklore* capta antes de tudo um movimento de separação e coexistência entre dois “mundos” culturais: o rural, configurado pela oralidade, as crenças e a arte ingênua, e o urbano, configurado pela escritura, a secularização e a arte refinada: quer dizer, nomeia a dimensão do tempo na cultura, a relação na ordem *das práticas* entre tradição e modernidade, sua oposição e às vezes sua mistura. *Volkskunde* capta a relação - superposição - entre dois *extratos* ou *níveis* na configuração “geológica” da sociedade: um exterior, superficial, visível, formado pela diversidade, a dispersão e a inautenticidade, tudo isto resultado das *mudanças* históricas; e outro interior, situado debaixo, na profundidade e formado pela estabilidade e pela unidade orgânica da etnia, da raça<sup>830</sup>.

Prosseguindo em sua análise ele especifica que...

Nos usos românticos, enquanto *folklore* tenderia a significar antes de tudo a presença perseguida e ambígua da tradição na modernidade, *Volk* significaria basicamente a matriz telúrica da unidade nacional “perdida” e por recuperar. Entre o povo-tradição e o povo-raça não deixará de haver, no transcurso histórico, laços e tramas que os aproximam e confundem, mas de todo modo estes dois imaginários nos permitem diferenciar o idealismo histórico, o historicismo que situa no passado a verdade do presente, de um racismo-nacionalismo telúrico em sua negação da história. E frente a estes dois imaginários, o uso romântico de *peuple* — de Hugo a Michelet — fala antes de tudo da outra face da sociedade constituída. Campesinato e massas operárias formam o universo do povo enquanto universo de sofrimento e de miséria [...] <sup>831</sup>.

O Romantismo...

<sup>829</sup> KLEMPERER, Ibidem. p. 55.

<sup>830</sup> MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Prefácio de Néstor García Canclini; Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. pp. 38-39.

<sup>831</sup> Idem, Ibidem. p. 39.

[...] atribuiu à música o carácter elevado do intangível sublime e considera-a mesmo como a *arte romântica* por excelência.

A arte moderna e a arte contemporânea vieram, de facto, colocar a questão no centro do debate, não só em relação à música, mas também a todas as artes, atravessadas por uma fractura essencial que criou um diferendo entre *poética e estética*, um abismo entre a esfera da arte e a instância da recepção e interpretação<sup>832</sup>.

Representação maior do romantismo no âmbito da música na Alemanha, Richard Wagner seria uma das grandes fixações de Hitler, segundo o qual somente entenderia o Nacional-Socialismo aquele que realmente conhecesse a obra wagneriana. Posteriormente, o ditador relatou que foi ao assistir pela primeira vez a ópera *Rienzi, der Letzte der Tribunen* (Rienzi, o Último dos Tribunos) em Viena nos primeiros anos do século XX que suas ideias políticas para o futuro da Alemanha começaram a tomar forma.

Wagner, “artista criativo e político em uma só pessoa”, ocupa um lugar especial na mente do jovem: suas concepções ideológicas e a noção de arte para uma nova civilização darão contorno à visão de Hitler sobre o mundo. “E o artista príncipe, nascido do povo, unirá vida e arte, anunciando o Estado Novo”. Pois, segundo palavras do *Führer*, “foi naquela hora que tudo começou”<sup>833</sup>.

Hitler certa vez afirmou que:

“Quando ouço Wagner, parece-me que ouço ritmos de um mundo antigo”. Tratava-se de um mundo mítico germânico, de grande drama e espetáculo maravilhoso, de deuses e heróis, de luta titânica e redenção, de vitória e de morte<sup>834</sup>.

Não por acaso, o Terceiro *Reich* publicou no dia 1º de novembro de 1933, uma das emissões mais representativas para o *Führer* (figura 218), uma série intitulada: *Obra musical de Richard Wagner*<sup>835</sup> (1813-1883). Foi a primeira a ser emitida no período nazista para a *Deutsche Nothilfe* (Ajuda de Emergência Alemã – Auxílio de Emergência Alemã – Ajuda aos Necessitados Alemães). O compositor dedicou seu tempo na música “quase exclusivamente à ópera, que leva da *Grand Opéra da França*, (*Rienzi*), passando pelo romantismo alemão

<sup>832</sup> LOPES, José Júlio. *O artista filósofo*. A música nas querelas da modernidade. Comunicação apresentada no colóquio “A Estética a partir da Música”, promovido pela Associação de Professores de Filosofia, Câmara Municipal de Matosinhos, Lisboa, abr. 2002. p. 01. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em: 09 out. 2012.

<sup>833</sup> KURTZ, Adriana Schryver. Holocausto Judeu e Estética Nazista: Hitler e a Arquitetura da Destruição. *XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Recife, GT 23 História e Comunicação, 1998.

<sup>834</sup> KERSHAW, Ibidem. p. 55.

<sup>835</sup> LURKER, Ibidem. p. 709.

(*Holandês Voador, Tannhäuser*), até a ‘obra de arte completa’ dominada pelo mito (*O anel dos Nibelungos, Parsifal*)<sup>836</sup>, influenciando o simbolismo tanto na Alemanha quanto na França. Nestes selos está estampada toda a representatividade do que Hitler e o Nacional-Socialismo chamavam de legítima *germanische kultur* (cultura germânica), ou a antítese da *entartete kunst* (arte degenerada), apresentando respectivamente:

SELO	VALOR	ESTAMPA
470	3 Rpg. + 2 Rpg.	<i>Tannhäuser</i> (1843-1845) <sup>837</sup>
471	4 Rpg. + 2 Rpg.	<i>Der fliegende Holländer</i> (O Holandês Voador; ou Le Vaisseau Fantôme, O Navio Fantasma - 1840-1841) <sup>838</sup>
472	5 Rpg. + 2 Rpg.	<i>Das Rheingold</i> (O Ouro do Reno) (1853-1854)
473	6 Rpg. + 4 Rpg.	<i>Die Meistersinger von Nürnberg</i> (Os Mestres Cantores de Nuremberg - 1862-1867)
474	8 Rpg. + 4 Rpg.	<i>Die Walküre</i> (A Valquíria - 1854-1856)
475	12 Rpg. + 3 Rpg.	<i>Siegfried</i> (1856-1857 e 1864-1871) <sup>839</sup>
476	20 Rpg. + 10 Rpg.	<i>Tristan und Isolde</i> (Tristão e Isolda - 1857-1859)
477	25 Rpg. + 15 Rpg.	<i>Lohengrin</i> (1846-1848)
478	40 Rpg. + 35 Rpg.	<i>Parsifal</i> (1877-1882)



Figura 218 – Selo nº 470 ao Selo nº 478. Fonte: Acervo do Autor.

<sup>836</sup> Idem, Ibidem. p. 761.

<sup>837</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.4 OS SELOS DO REICH - Arquitetura e Arte.

<sup>838</sup> Idem, Ibidem.

<sup>839</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.9 OS SELOS DO REICH - Militarismo e o Mito do Herói.



Dentre seus trabalhos, podemos elencar alguns que mais influenciaram o nacional-socialismo. Em primeiro lugar, *Der fliegende Holländer* (O Holandês Voador – selo nº 471)...

[...] velha lenda nórdica na qual Wagner inspirou-se para uma ópera, simboliza a busca pela fidelidade eterna no amor e o naufrágio deste ideal, que mostra não passar de um fantasma. O Holandês errante pelos mares procura desesperadamente encontrar a *mulher eternamente fiel*; Senta, por sua vez, se exalta e assumindo este mesmo ideal jura fidelidade até a morte ao Holandês. Mas, ao fazê-lo, é infiel ao seu noivo, Brik, sendo arrastada na mesma condenação que o Holandês, que ela queria salvar. Este então foge do seu barco, em meio a cantos sinistros; Senta o persegue, saltando de rocha em rocha, enquanto o barco afunda. Entretanto, os dois reaparecem à superfície das ondas apaziguadas, transfigurados e salvos por seu sacrifício. A salvação não está no sonho ideal impossível, mas na corajosa aceitação da realidade. O navio fantasma simboliza os sonhos, de inspiração nobre mas irrealizáveis, do ideal impossível [o sonho de uma Grande Alemanha?]<sup>840</sup>.

Em segundo lugar, podemos apontar *Die Walküre* (A Valquíria – selo nº 474)<sup>841</sup>, as ninfas do palácio de Vótan<sup>842</sup> (Wotan ou Odin), responsável por “conduzir o herói morto na luta ao Paraíso de seu sonho”<sup>843</sup>. Finalmente, o Valhala, o “*Paraíso dos heróis*” e “imaginado segundo o modelo dos locais de combate, em que se afirma um extravasamento de energia em virtudes guerreiras amorosas”<sup>844</sup>. Representação simbólica de um paraíso situado num outro plano de existência no qual o herói iria usufruir a vida que havia sonhado neste mundo, prêmio maior que os “guerreiros” das SS sonhavam em vida alcançar na morte. Assim como *Siegfried*<sup>845</sup>, influência cristã num mito pagão, que ora se unem, ora se repelem. Podemos observar na figura impressa no selo que “Siegfried o violento transforma-se na figura do Cristo”<sup>846</sup>, do “Salvador”, do “Guia”, do “*Führer*”<sup>847</sup>.

Wagner também registrou em alguns ensaios sua opinião antissemita e que ficou associada à veneração de Hitler por sua obra<sup>848</sup>. Sua figura foi ofuscada pelo nacional-socialismo que, ao transformá-lo no modelo da superioridade da música e do espírito alemão, elevou, com sua obra, o Romantismo alemão e, principalmente, os princípios que a ele se relacionavam e que serviram à ideologia nazista. No ano de 1850, publicou *Das Judentum in*

<sup>840</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT Ibidem. p. 632.

<sup>841</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.6 OS SELOS DO REICH - Grande Derby.

<sup>842</sup> Idem, Ibidem. p. 929.

<sup>843</sup> Idem, Ibidem. p. 928.

<sup>844</sup> Idem, Ibidem. p. 928-929.

<sup>845</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.9 OS SELOS DO REICH - Militarismo e o Mito do Herói.

<sup>846</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, Ibidem. p. 833.

<sup>847</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.3 OS SELOS DO REICH - Adolf Hitler.

<sup>848</sup> FEST, Joachim C. *Hitler*. Tradução de Analúcia Teixeira Ribeiro e outros. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1991. p. 23.

*der Musik* (O Judaísmo na Música), no qual atacava intensamente a influência de judeus na cultura e na arte alemã e especificamente na música. Em sua brochura delineia o perfil dos judeus como “ex-canibais, agora treinados para ser agentes de negócios da sociedade”. Na música...

O projecto romântico de Wagner na retomada da ideia de *obra de arte total* (o drama musical), fará uso de uma mecânica de paixões ao serviço de uma música que tem como objetivo mover as almas (e os espíritos, na acepção retórica) e que, ela própria, verá aceder ao plano do drama (do sentido e da fala) as suas duas dimensões mais visíveis: a melodia e a harmonia.

A hipótese de uma síntese romântica retomará forçosamente a ideia da obra-de-arte-total, empreendendo um novo esforço de agregação de artes separadas. O processo, teorizado e realizado por Wagner, fará uso de todos os recursos disponíveis para permitir ao homem falar as suas paixões e o seu coração, desta vez a partir de uma visão do mundo sustentada por algo que se acreditava estar nos fundamentos e na origem arcaica dos povos: o mito.

A introdução de narrativas que se encontram no *fundo da cultura*, de forma menos alegórica, e sem o objectivo expresso de divertir, corresponde a uma estratégia de síntese, cujo objectivo seria o de concentrar no drama musical todos os recursos comunicativos, quer racionais, quer irracionais, a que a arte (necessariamente total) poderia lançar mão. Mas, também a música, cujo desregramento terá começado precisamente com Wagner e a sua necessidade de fazer a música aceder ao plano do drama<sup>849</sup>.

No poder, o nacional-socialismo utilizou as obras do compositor como instrumento para atingir seus fins. Segundo Lenharo, a obra de Wagner, nas artes alemãs nazistas, servia como forma de justificar a ideia de “grande guerra das raças” que, juntamente com as outras artes, contribuíram “para o enaltecimento do espírito guerreiro e patriótico alemão e propagação dos pontos fracos do inimigo”<sup>850</sup>. No decurso da criação de seu trabalho *Der Ring des Nibelungen* (O anel dos Nibelungos), Wagner revelaria que: “No drama, como na obra de arte de modo geral, trata-se de agir não através da exposição de intenções, mas da representação do involuntário”<sup>851</sup>.

Ao abordar a música como uma linguagem universal, um conjunto de símbolos utilizados desde os primórdios da civilização humana como meio de comunicação, Wagner conseguiu reviver pela sua obra musical todo o simbolismo da tragédia grega. O compositor proveu um “espírito à música”, enquanto o nazismo o equipou com um “corpo”. De acordo

<sup>849</sup> LOPES, José Júlio. *O artista filósofo*. A música nas querelas da modernidade. Comunicação apresentada no colóquio “A Estética a partir da Música”, promovido pela Associação de Professores de Filosofia, Câmara Municipal de Matosinhos, Lisboa, abr. 2002. p. 13. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em: 09 out. 2012.

<sup>850</sup> LENHARO, Ibidem. p. 76-77.

<sup>851</sup> LURKER, Ibidem. 762.

com Fest, os nazistas fizeram ressurgir a ideia de redenção pela arte. Noção que segundo o autor...

[...] surgiu já no romantismo como postulado na íntima penetração da política e da poesia. Schopenhauer deu-lhe uma forma subjetiva, sobretudo trazendo através da música uma solução para as trágicas complicações da luta pela vida. Depois essa ideia chegou ao apogeu com Richard Wagner, graças à renovação do teatro nos domínios culturais do “fim da política e começo da humanidade”. A política deve tornar-se um grande espetáculo, o Estado uma obra de arte, o artista deve tomar o lugar do homem de Estado, pedia ele; a arte é mistério, seu templo<sup>852</sup>.

Wagner, “a encarnação do triunfo da estética e da supremacia da arte”, o artista supremo que Hitler sonhava ser principalmente após sua rejeição pela Academia de Belas-Artes<sup>853</sup>.

O ano de 1933 também ficou marcado como o 10 ° aniversário dos primeiros selos alemães da *Deutsche Nothilfe*, lançados no ano de 1923, e emitidos para prover uma “ajuda de emergência” às vítimas das cheias na região do Reno-Ruhr naquele ano.

Também exemplo relacionado à música, foi emitido em 21 de junho de 1935, uma série (figura 219) dedicada à comemoração do 350° Aniversário de Nascimento do Compositor Heinrich Schütz (1585-1672) e ao 250° ano de Nascimento de Johann-Sebastian Bach (1685-1750) e Georg Friedrich Haendel (1685-1759).



Figura 219 – Selo nº 532 - 6 Pfg.; Selo nº 533 - 12 Pfg. e Selo nº 534 - 25 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

O conjunto emitido em celebração de famosos músicos alemães foi colocado à venda no dia 21 de junho, na Feira de Bach, realizada em Leipzig. No dia 23 de junho, estes mesmos

<sup>852</sup> FEST, Ibidem. p. 447.

<sup>853</sup> KERSHAW, Ibidem. p. 55.

selos também foram inicialmente colocados à venda na *Osteuropäische Briefmarken-Ausstellung* – OSTROPA (Exposição Filatélica do Leste Europeu), realizada em Königsberg, de 23 de junho a 03 de julho de 1935; e a partir do dia 24 de junho ao público em geral.

O selo lançado em 28 de novembro de 1941 (figura 220) foi dedicado ao 150º Aniversário da Morte de Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791), músico que manteve estreita ligação com a simbologia de seu tempo, dono de um estilo próprio que incorporou influências de suas “ligações familiares, conhecimento histórico da obra, influências da tradição, Maçonaria. Na teoria e na prática”<sup>854</sup>. A simbologia utilizada por Mozart foi influenciada principalmente pelo Barroco e, em grande parte, pelas obras de Johann-Sebastian Bach e Georg Friedrich Haendel.



Figura 220 – Selo nº 734 - 6 Pfg. + 4 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

Em sua obra *Don Giovanni* utilizou como motivo motriz a simbologia da dor e da morte, “mas também como ironia do antigo tipo de ópera séria (*Le Nozze di Figaro*). Segundo Schenck, podem-se constatar na ópera *Figaro* princípios da temática do *Leitmotiv* e da simbologia temática relacionada a pessoas, desenvolvida mais tarde por Wagner”<sup>855</sup>. Em *Don Giovanni* e em *Idomeneo*, utilizou-se dos sons de instrumentos musicais como trombones e fagotes para remeter o espectador ao mundo sobrenatural, mas esses sons também poderiam transmitir a solenidade de cenas sacras, como em a “Flauta Mágica”.

No selo a efígie de Mozart aparece envolta num círculo ou auréola floral, apresentando-o como que um receptáculo que acomodava em seu interior uma inspiração de procedências divina, os nazistas conseguiram invocar todo o conteúdo sobrenatural de sua obra.

<sup>854</sup> LURKER, Ibidem. p. 460.

<sup>855</sup> Idem, Ibidem.

Além dos compositores acima homenageados, Ludwig van Beethoven figurava como um dos músicos favoritos de Hitler, mas “Wagner, evidentemente, era *hours concours*”<sup>856</sup>.

Entre as décadas de 1760 e 1780, nos países de língua germânica, surgiu um movimento literário ligado ao Romantismo alemão que ficou conhecido como *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto). Um de seus principais representantes foi Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), que estruturou no simbólico sua “visão de mundo da poesia e estética, observação e ciência da natureza, metafísica e ética”<sup>857</sup>.

Em afirmações como, “tudo que acontece é símbolo, e ao representar-se a si mesmo de forma perfeita, indica o resto” ou “isto é a verdadeira simbologia, onde o especial representa o geral, não como sonho e sombra, mas como revelação viva e instantânea do insondável”, demonstra-se o pensamento em imagens da analogia e da identidade, que Goethe amalgamou produtivamente a partir de muitas fontes (platonismo, correntes místicas, mágicas, alquimistas, pansóficas<sup>858</sup>, incluindo Antiguidade e ciências naturais modernas)<sup>859</sup>.



Figura 221 – Selo nº 522 - 6 Pfg. e Selo nº 523 - 12 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor

Outro representante do *Sturm und Drang* foi Johann Christoph Friedrich von Schiller, homenageado no dia 05 de novembro de 1934, com uma emissão em comemoração ao seu 175º Aniversário (1759–1805)<sup>860</sup>. Foi considerado um dos grandes “homens de letras” da Alemanha do século XVIII (figura 221). No selo em sua homenagem, temos a efígie de Schiller dentro de um círculo, por sua vez envolto numa coroa de louros, o que para os nazistas representaria sua condição espiritual elevada, sua sabedoria unida a ousadia do

<sup>856</sup> KERSHAW, Ibidem. p. 54

<sup>857</sup> LURKER, Ibidem. p. 293.

<sup>858</sup> Pasofia – Ciência do saber humano; sabedoria universal; ciência universal.

<sup>859</sup> Idem, Ibidem.

<sup>860</sup> Idem, Ibidem. p. 709.

movimento romântico, semelhante a várias representações simbólicas encontradas nos selos de Hitler.

A influência de Schiller perpassou pela poesia, filosofia, história e dramaturgia alemã. Uma de suas principais obras foi *Über die ästhetische Erziehung des Menschen Inn einer Reihe von Briefen* (Série de Cartas sobre a Educação Estética do Homem), editada pela primeira vez em 1794 e considerada uma crítica ao *Terror* ocorrido na Revolução Francesa e aos rumos tomados por esta, que teria levado à violência e a uma série de governos inábeis. Um dos pontos principais na carta e que vemos como influência do nacional-socialismo são as afirmações presentes em seus poemas, como no *Die Künstler* (Os Artistas),

Somente através do portão da beleza da manhã  
A terra do conhecimento se encontra.  
Para merecer um destino mais glorioso,  
Nas suas graças treina a mente.  
O que o emociona e trêmulo se torna abençoado,  
Quando se depara com as Musas varre-se o acorde,  
Esse poder criado no teu peito,  
Que é para o poderoso espírito que vai se elevar.

Ou seja, somente tocando a alma de um povo com a beleza poder-se-ia elevar o seu caráter moral e reestabelecer uma nova unidade.

Outro exemplo de homenagens na literatura são dois selos emitidos em 27 de julho de 1943 (figura 222), comemorando o Centenário de Nascimento de Peter Rosegger (1843-1918), *Volksschriftsteller und Heimatdichter* (escritor popular e poeta da terra natal) austríaco.

Seus escritos exaltam o “sangue e solo” e foram particularmente atraentes para os nazistas, em especial aqueles pertencentes ao círculo Darré-Himmler. Walter Darré<sup>861</sup> e Heinrich Himmler<sup>862</sup> eram oficiais Nazistas de alta patente que, assim como Rudolf Hess<sup>863</sup>, eram conhecidos pelo profundo interesse pelo misticismo e esoterismo, na tentativa de se desenvolver e implantar um regime mundial de supremacia branca sob o domínio alemão, por meio de medidas político-sociais eugênicas e militares. No entendimento racista de Darré, do

<sup>861</sup> Richard Walter Darré – Ministro da Agricultura e da Alimentação do *Reich* entre 1933-1942 e um dos principais ideólogos da doutrina *Blut und Boden* (Sangue e Solo) nazista. Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.7 OS SELOS DO REICH - Mãe Alemanha.

<sup>862</sup> Heinrich Luitpold Himmler - *Reichsführer* das *Schutzstaffel* - SS), e um dos principais líderes do NSDAP da Alemanha nazista.

<sup>863</sup> Rudolf Walter Richard Hess (ou Heß) – o *Stellvertreter des Führers* (Delegado ou Adjunto do Führer), político de destaque da Alemanha nazista, vice-presidente do NSDA.

ponto de vista do sangue, o homem do campo seria sempre o único alicerce confiável do povo alemão.



Figura 222 – Selo nº 773 - 6 Pfg. + 4 Pfg. e Selo nº 774 - 12 Pfg. + 8 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor

Rosegger era filho de um fazendeiro e cresceu nas florestas e campos, teve uma educação limitada, pois a pequena vila onde nascera não possuía uma escola, por isso, para estudar, precisou se deslocar para uma vila vizinha. Seu primeiro livro *Geschichten kompa Steiermark* (Contos da Estíria), foi lançado em 1871 e apresenta uma forte carga sentimental ligada a seus países de origem e ao seu ambiente rural. Ele escreve sobre a vida comum no campo e tradições germânicas. Em 1876, começou a escrever artigos e histórias sobre seu povo em uma revista mensal, além de ter recebido grandes honrarias em seu tempo, sendo considerado um verdadeiro herói nacional.

Estes são alguns dos motivos pelos quais foi homenageado durante o período nazista com estes selos postais. O Selo nº 773 retratava explicitamente sua origem camponesa, ao apresentar estampada a casa onde vivera quando criança nos Alpes da *Steiermark* (Estíria) na Áustria, que foi transformada em um museu.

Numa de suas falas durante a “tomada de poder, no dia 21 de março, por ocasião do dia de Potsdam”<sup>864</sup>, Hitler formulou o contexto da “impotência política, do sonho compensador e da salvação pela arte”:

O alemão, debilitado, desagregado, com o espírito o espírito dilacerado, a vontade aniquilada, incapaz de agir, perde toda sua energia para afirmar sua própria vida. Sonha com o direito às estrelas e o chão foge aos seus pés... Afinal, só restava aos alemães o caminho da vida interior. Esse povo de cantores, de poetas, de pensadores sonhava com um mundo onde viviam os

<sup>864</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.9 OS SELOS DO REICH – Militarismo e o Mito do Herói.

outros, e foi preciso que a dor [expressa na obra de Mozart] e a miséria o atingissem de modo desumano para que a arte gerasse o desejo de um novo levante, de um império novo [o Terceiro *Reich*] e também de uma nova vida<sup>865</sup>.

Neste exemplo podemos observar como as artes foram chamadas às “armas” para exprimir a ideologia, o domínio e a autoridade exercida por um regime totalitário e que, ao lado da propaganda político-ideológica, promoveu a alienação da sociedade alemã que os colocou no poder de forma constitucional e lhes outorgou seu apoio incondicional.

Deste modo...

Depois do nazismo não podemos mais ser inocentes a respeito da literatura, linguagem, educação porque não ignoramos que se pode ler Goethe, Rilke, ouvir Bach, Schubert e no dia seguinte construir campos de concentração<sup>866</sup>.

---

<sup>865</sup> FEST, *Ibidem*. p. 449.

<sup>866</sup> STEINER, George. In: CAPELATO, Maria Helena Rolim. O nazismo e a produção da guerra. In: *Revista USP*, São Paulo, n. 26, jun./ago. 1995. p. 91.



### 3.11 OS SELOS DO *REICH* - Personalidades Germânicas

O nacionalismo firmou-se baseado na *Volk*, vista como uma entidade unida sustentada por mitos e símbolos históricos; através dos mitos que já indicavam a superioridade da raça germânica, buscava-se criar a totalidade do mundo e restaurar um sentimento de comunidade na fragmentada nação. Os mitos tornaram-se operacionais através do uso de símbolos visíveis que estimularam a participação popular nos espetáculos (comemorações patrióticas, festivais). [...]

O culto nacional, distante dos sistemas lógicos, racionais, se baseou numa estrutura teológica onde os ritos e liturgias são centrais e parte integrante da política. O nacionalismo constituiu-se como movimento de massa, orientado por fervorosa crença que se tornou a forma maior do movimento<sup>867</sup>.

A temática do nacionalismo, presente no discurso da superioridade racial se encontrava amparada na questão do *Lebensraum* (Espaço Natural ou Espaço Vital)<sup>868</sup>, que para os historiadores nazistas representava uma das forças motrizes da história, ou seja, quando um povo se expande numericamente necessita de um habitat físico maior e, nessa necessidade de expansão territorial, desencadeiam-se as guerras. Assim...

A própria filosofia da História entre os nazistas aponta para uma lei fundamental, que seria o motor da História e das sociedades humanas: a desigualdade das raças e a disputa pelo espaço vital. Enquanto os instintos vitais de conservação e de reprodução são ilimitados, diz Hitler em *Mein Kampf*, o espaço é limitado, e a guerra se torna inevitável<sup>869</sup>.

Teoria sedimentada no imaginário coletivo alemão...

<sup>867</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. O nazismo e a produção da guerra. In: *Revista USP*, São Paulo, n. 26, jun./ago. 1995. p. 87.

<sup>868</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.7 OS SELOS DO REICH - Mãe Alemanha.

<sup>869</sup> LENHARO, Alcir. *Nazismo: "O triunfo da vontade"*. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2001. p. 73.

[...] pelo conceito de um inimigo secular nacional contra o qual o povo alemão havia definido sua identidade, lutando para obter a unidade como Estado; e pelo conceito de conquista ou supremacia cultural, política e militar, pelo qual a nação alemã, espalhada por grandes partes de outros países, principalmente na Europa central e oriental, podia reivindicar o direito de unir-se num Estado Maior alemão<sup>870</sup>.

Os nazistas se serviram muito bem destes pretextos para saciar sua sede por reaver regiões perdidas anteriormente e conquistar novos territórios.

Ambos [conceitos] baseavam-se na exploração da pessoa real, com ou sem ancestrais dinásticos, em ocasiões rituais elaboradas a que se associavam atividades de propaganda e uma ampla participação do povo, também através do público cativo disponível para doutrinação oficial no sistema educacional. Ambos faziam do governante o foco da unidade de seus povos ou seu povo, o representante simbólico da glória e grandeza nacional, de todo o seu passado e continuidade num presente em transformação<sup>871</sup>.

Como exemplifica Szklarz:

[...] as noções de espaço e raça vinham do século 19 e simbolizavam o vínculo entre a natureza, a terra e o homem, como cantavam os poetas do romantismo. Hitler queria expandir o território e dar à história alemã seu verdadeiro sentido, devolvendo ao povo seu espaço vital<sup>872</sup>.

Antes de 1871, a Alemanha encontrava-se fragmentada de tal forma que parecia mais uma colcha de retalhos. Foi preciso uma manobra política do então chanceler prussiano Otto von Bismarck para que surgisse uma identidade germânica que contribuiu para a unificação territorial e que levou à fundação da Confederação Alemã do Norte. Com isso, Bismarck conseguiu juntar forças e vencer um de seus maiores inimigos, senão o maior, a França que, assustada com o poderio militar da nova nação foi derrotada na Guerra Franco-Prussiana (1870-1871). Surgiu nesse contexto o Segundo *Reich*. Vitoriosa, a Alemanha se lançou ao imperialismo tardio, disputando territórios na África e Oceania. Suas ações se pautavam no “darwinismo social”, por meio do qual se fundamentava a superioridade racial dos germânicos sobre os africanos e asiáticos, justificando assim seu direito de dominá-los.

---

<sup>870</sup> HOBBSAWM, Eric J.; RANGER, Terence. (Orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 282.

<sup>871</sup> Idem, *Ibidem*. p. 290.

<sup>872</sup> SZKLARZ, E. O fascínio do nazismo. In: *Super Interessante*. São Paulo: Abril Cultural, ed. 215, p. 36-46, jul. 2005.

No dia 30 de junho de 1934, foi emitida uma série composta por quatro selos (figura 223) em comemoração ao cinquentenário do estabelecimento do império colonial alemão ou *Kolonialgedenkjahr* (Ano da Lembrança Colonial). As estampas apresentavam as efígies de Governadores das Colônias Alemãs na África, considerados pelos nazistas heróis nacionais. Estes selos, que balizam a perda das possessões coloniais alemãs após o fim da Primeira Guerra Mundial, simbolizam o início da propaganda nazista para o *lebensraum*, uma das questões que conduzem ao início da Segunda Guerra Mundial. Neles estão retratados respectivamente:

Selo nº 499 - Franz Adolf Eduard Lüderitz	Selo nº 500 - Gustav Nachtigal
Selo nº 501 - Karl Peters	Selo nº 4502 - Hermann von Wissmann



Figura 223 – Selo nº 499 - 3 Pfg.; Selo nº 500 - 6 Pfg.; Selo nº 501 - 12 Pfg. e Selo nº 502 - 25 Pfg.

Fonte: Acervo do Autor.

Devido à sua unificação tardia em 1871, a Alemanha estabeleceu colônias no continente africano apenas em 1884 e, assim mesmo, foram perdidas em 1919, confiscadas e divididas pelas potências europeias vitoriosas. O primeiro governante colonial alemão presente nos selos foi Franz Adolf Eduard Lüderitz (1834-1886), comerciante de tabaco fundador da primeira colônia alemã na África, o *Deutsch-Südwestafrika* (Sudoeste Africano Alemão). O segundo foi Gustav Nachtigal (1834-1885), “explorador” da região do Saara e Comissário do Império alemão, que auxiliou a Alemanha na obtenção de protetorados no oeste da África equatorial, hoje Togo e Camarões. O terceiro foi Karl Peters (1856-1918), viajante que fundou a Sociedade Alemã da África Oriental, considerado o fundador da *Kolonie Deutsch-Ostafrika* (Colônia da África Oriental Alemã). E, finalmente, o quarto, Hermann von Wissmann (1853-1905), “explorador”, diretor e administrador colonial que ajudou na Fundação do Congo belga e da África Oriental Alemã.

É interessante abordarmos neste momento a figura de Heinrich Ernst Göring (1839-1913), que “havia sido governador de colônias alemãs [*Deutsch-Südwestafrika*] na África”<sup>873</sup>. Pai de cinco filhos, o único que não nasceu na África e com certeza o mais conhecido foi Hermann Göring (Goering), importante liderança nazista e comandante-em-chefe da *Luftwaffe*<sup>874</sup>.

Como podemos observar, os nacional-socialistas rapidamente aprenderam o valor da propaganda impressa em selos postais, não só para mostrar as maravilhas de seu país, mas também para divulgar suas ideias políticas, sociais e culturais e, a partir do ano de 1934, o Terceiro *Reich* incrementou suas emoções filatélicas lançando séries comemorativas. Somada a esta propaganda e visando reaver suas colônias na África<sup>875</sup>, usando de todas as instituições para exercer o seu poder de persuasão, nunca deixaram de estimular a presença alemã naquele continente, mesmo que disfarçado em atividades de turismo.

Assim, dentro da política nazista do “sangue e solo” havia a promessa de reconquista e recolonização não só da Europa, mas de todas as possessões ultramarinas arrancadas abruptamente das mãos da Alemanha.

Retornando a 1919, a República de Weimar (1919-1933) se apresentou neste ano como sucessora da monarquia prussiana que havia levado a Alemanha à guerra. O sentimento de humilhação causado pelo Tratado de Versalhes somado à sensação de ameaça motivada pelos movimentos de esquerda consolidados pelo ideário da Revolução Russa de 1917 e a desunião, fizeram surgir em solo germânico uma série de instituições com características nacionalistas, como: Pátria Nova, *Siegfriedring* (Anel de Siegfried), etc., cujos membros pertenciam à camada pequeno-burguesa da sociedade<sup>876</sup>.

Seguindo este mesmo preceito e aproveitando o retorno da crise provocada pela queda da Bolsa de Nova Iorque em 1929, Adolf Hitler canalizou o descontrole das massas sociais por parte dos governantes em benefício do partido e, como Bismarck fizera, explorou

---

<sup>873</sup> GOLDENSOHN, Leon. *As Entrevistas de Nuremberg*: conversas de um psiquiatra com os réus e as testemunhas. Organização e introdução de Robert Gallately. Tradução de Ivo Korytowski. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 146.

<sup>874</sup> Idem, *Ibidem*. p. 142.

<sup>875</sup> Com o discurso de que os trabalhadores alemães deveriam adquirir um profundo conhecimento sobre “regiões” dentro e fora da Alemanha, através da organização “Força pela Alegria”, o próprio Estado nazista promovia viagens terrestres e marítimas ao continente africano. In: *A Alemanha Social*. São Paulo: Empresa Editora Aurora Alemã Ltda., 1941. p. 13.

<sup>876</sup> BREPOHL, Marionilde Dias. *A Alemanha no Brasil durante a Segunda Guerra*. In: COGGIOLA, Osvaldo (Org). *Segunda Guerra Mundial*: um balanço histórico. São Paulo: Xamã, 1995.

o nacionalismo exaltado do povo alemão. A utopia hitlerista se baseava em três erres: *Reich* (império), *Raum* (espaço) e *Rasse* (raça). Assim...

A trilogia dos erres se encaixou na velha ideologia *völkisch* (“do povo”), arraigada na Alemanha antes da chegada do nazismo. Segundo ela, um povo só floresce se todas suas partes estão saudáveis. É aí que entra a interpretação nazista do socialismo. Afinal, você já deve ter se perguntado por que o partido de Hitler (o Nacional-Socialista) tinha socialismo no nome, se era absolutamente anticomunista. “Para Hitler, o socialismo era a ciência da prosperidade coletiva e nada tinha a ver com marxismo”, afirma Marlis. O “socialismo” dos nazistas tinha esse nome porque supostamente colocava o coletivo (social) acima do indivíduo<sup>877</sup>.

O nacional-socialismo pregava uma unidade sectária baseada no sangue, na raça e na língua única<sup>878</sup>. As massas se viram representadas pela ideologia nazista, principalmente por que estes se identificaram com uma questão de grande relevância presente na “alma coletiva”, no inconsciente coletivo: a questão da “raça pura”. Os nazistas exploraram essa ideia e chegaram a um alto grau de excelência, alcançada com o tema da “fidelidade ao sangue e a terra”, atrelada à “compreensão da moral nazista, enquanto diretamente marcada pelo cientificismo demográfico e biológico”<sup>879</sup>. Deste modo, para muitos alemães uma matança seria justificada em nome da nação e do interesse coletivo. Já para outros, a crença de que o objetivo final é o bem comum alemão, seria uma maneira mais fácil de aceitar as injustiças praticadas contra outros indivíduos<sup>880</sup>. Neste processo...

Cada alemão passa então a ter preocupação com sua árvore genealógica; para alguém militar no partido ou nas organizações nazistas, todo seu passado individual era vasculhado. Desse modo, o antisemitismo nazi levava o cidadão comum a sair dos limites da mera opinião para adotar um princípio de definição pessoal - isto em momentos psicológicos cruciais, em que indivíduos massificados estavam à busca de identificação e de recuperação da própria dignidade pessoal<sup>881</sup>.

Ao lado da bandeira nacional, do hino nacional e das armas nacionais, escolhidos cuidadosamente para proclamar a identidade e soberania de seu país, os nazistas apresentaram na filatelia personalidades célebres como que para complementar estes símbolos, presentes no imaginário coletivo e que representavam o que havia de melhor no pensamento e na cultura da

<sup>877</sup> SZKLARZ, Ibidem.

<sup>878</sup> DIETRICH, Ana Maria. Caça às Suásticas: O Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Fapesp, 2007. p. 69.

<sup>879</sup> LENHARO, Alcir. *Nazismo: “O triunfo da vontade”*. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2001. p. 73

<sup>880</sup> SZKLARZ, Ibidem.

<sup>881</sup> LENHARO, Alcir. *Nazismo: “O triunfo da vontade”*. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2001. p. 83.

nação germânica no cenário internacional. O que observamos nessa série de estampas é que havia um grande esforço do governo no sentido de associar velhas tradições e antigos costumes a inovações, como o regime totalitário alemão.

Na questão dos avanços tecnológicos, o automobilismo<sup>882</sup> sempre foi mundialmente reconhecido e a disputa pela construção do veículo mais luxuoso ou mais veloz foi incentivada pelo Estado nazista, associado a vários segmentos industriais na Alemanha. No dia 15 de fevereiro de 1936 foram impressos dois selos, ambos em comemoração aos *50 Jahre Deutsche Kraftwagen* (50 anos do Automóvel Alemão) e promoção da *Internationale Automobil-und-Motorrad-Ausstellung* – IAMA (Exposição Internacional do Automóvel e da Motocicleta) deste mesmo ano em Berlim, quando foram colocados à venda. É interessante frisarmos que estes selos só foram disponibilizados para a venda fora do evento no dia seguinte.



Figura 224 – Selo n° 562 – 6 Pfg. e Selo n° 563 – 12 Pfg.

Fonte: Acervo do Autor.

A série apresenta a efígie dos pioneiros da indústria automobilística na Alemanha: o primeiro selo traz a efígie de Gottlieb Daimler (1834-1900), e o segundo selo a figura de Carl Benz (1844-1929)<sup>883</sup> (figura 224), considerados os inventores do motor de combustão interna movido à gasolina moderno. Aproveitando todas as oportunidades nas quais poderia realizar a propaganda política do partido, no dia 11 de fevereiro de 1933, o então chanceler da Alemanha Adolf Hitler, anunciou na abertura do IAMA juntamente com sua nova política automobilística, que incluía a construção de estradas. Em seu discurso de abertura observou que: “Como em épocas anteriores, quando foram feitas estradas para cavalos e carruagens, e

<sup>882</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.8 OS SELOS DO REICH - Meios de Transporte e Tecnologia.

<sup>883</sup> Idem, Ibidem.

faixas estabelecidas para estradas de ferro, agora estradas devem ser construídas para automóveis”<sup>884</sup>.

Em 1926, foi fundada a empresa Daimler-Benz com a finalidade de atuar na fabricação de automóveis e motores para veículos, mas não atuou apenas no ramo automobilístico, ela também operou na área da aviação e desenvolveu uma nova geração de motores considerados como “tecnologia de ponta alemã”, como o Daimler-Benz DB 600 refrigerado a líquido. Os diversos modelos desenvolvidos equiparam várias das versões dos aviões Heinkel He 111, Messerschmitt Bf 110 e Junkers Ju-90, utilizados pela *Luftwaffe*.



Figura 225 – Selo nº 564 – 6 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

Em nosso *corpus* documental, encontramos outros exemplos emblemáticos da utilização de personalidades para a promoção político-ideológica do Terceiro *Reich*. Por ocasião do 250º Aniversário da morte de Otto von Guericke (1602-1686) – físico e político alemão inventor da bomba de vácuo – foi emitido, em 04 de maio de 1936 (figura 225), um selo em sua homenagem. De aparência simples, o que não era comum na propaganda político-ideológica nazista, o exemplar apresenta a figura de Guericke dentro de uma forma oval onde aparece escrito seu nome e a data de sua morte, † 11.5.1686. Se observarmos atentamente o círculo<sup>885</sup> podemos notar quatro setas estilizadas saindo de seu contorno e apontando para os cantos do selo, numa analogia com seus experimentos no campo da eletrostática e a repulsão ou, mais precisamente, em seus estudos sobre a “física do vácuo”. Essas formas podem ser associadas ao experimento que apresentou em 1654, conhecido mundialmente como o “trabalho com os hemisférios de Magdeburg”, no qual após construir dois hemisférios

<sup>884</sup> *As in earlier times, when roads had been made for horse and wagon, and tracks laid for railroads, now roads must be built for automobiles.* In: TAYLOR, Blayne. *Hitler's Engineers: Fritz Todt and Albert Speer - Master Builders of the Third Reich.* Havertown: Casemate Publishers, 2010. p. 30.

<sup>885</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.3 OS SELOS DO REICH - Adolf Hitler.

metálicos que se encaixavam perfeitamente e ao remover o ar do interior da esfera formada, com o auxílio de uma bomba, os hemisférios se mantiveram unidos, não sendo possível separá-los nem com o esforço de diversos cavalos atrelados a cada um desses hemisférios. Neste momento foi observado que, mesmo com a força realizada pelos animais para separar seus dois hemisférios, a esfera permaneceu incólume, corroborando basicamente a ideia de que o vácuo formado no interior da estrutura esférica estava sendo forçado efetivamente pela pressão do ar no seu exterior, fornecendo a primeira evidência experimental da existência de um espaço vazio.

Assim, apesar dos hercúleos esforços dos inimigos da raça germânica de tentarem enfraquecê-la e dividi-la, sua superioridade racial e a eterna luta pelo *Lebensraum* a manteria unida.

Em 29 de agosto de 1942 foi lançado outro selo, em homenagem ao 4º centenário da morte de Peter Henlein (1479/80-1542), serralheiro, relojoeiro e inventor do relógio de bolso (figura 226). Nele, aparece o Monumento de Henlein, localizado em Nuremberg, onde se pode ver o inventor com a perna direita apoiada sobre uma pilha de pesos de relógios antigos, uma relíquia dos “velhos” tempos. Com a mão esquerda, segura sua criação, o erroneamente chamado *Nürnberg Ei* (Ovo de Nuremberg), num formato cíclico como o movimento giratório do próprio tempo<sup>886</sup>, mas usado para designar o primeiro *Taschenuhr* (relógio de bolso). Construídos por Henlein no início do século XVI, foram pequenos relógios ornamentais que às vezes eram usados como pingentes em roupas, motivos por serem considerados os primeiros relógios de bolso.



**Figura 226 – Selo nº 743 - 6 Pfg. + 24 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.**

<sup>886</sup> CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2009. p. 876.



O relógio a partir da Idade Moderna foi apresentado nas artes como símbolo do tempo<sup>887</sup>. Mas, para exorcizar a angústia e o efêmero da linha do tempo,

[...] a relojoaria contemporânea não encontrou nada melhor, inconscientemente, que dar ao relógio e aos despertadores uma forma quadrada em lugar da arredondada, simbolizando, assim, a ilusão humana de escapar à roda inexorável e de dominar a terra, impondo-lhe a sua medida [desejo do nacional-socialismo]<sup>888</sup>.

No ramo da medicina, temos dois exemplos que revolucionaram a área da saúde em seus respectivos períodos. Em 26 de novembro de 1940, foram lançados dois selos em comemoração ao cinquentenário da descoberta descobridor do soro contra a difteria (antitoxina diftérica) por Emil Adolf von Behring (1854-1917), bacteriologista alemão vencedor do primeiro prêmio Nobel de Medicina em 1901 (figura 227).



Figura 227 – Selo nº 684 – 6 Pfg. + 4 Pfg. e Selo nº 685 – 25 Pfg. + 10 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.



Figura 228 – Selo nº 783 - 12 Pfg. + 38 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

E em 11 de dezembro de 1943 (figura 228) foi lançado um selo em comemoração ao centenário do nascimento do Dr. Robert Koch (1843-1910), microbiologista e médico alemão

<sup>887</sup> LURKER, Manfred. *Dicionário de Simbologia*. Tradução de Mário Krauss e Vera Barkow. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 713.

<sup>888</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT; *Ibidem*.

que, em 1876, descobriu o agente causador do antraz (*Bacillus anthracis*), cultivando-o fora de um organismo e descrevendo seu ciclo de vida. Em 1882, descobriu o agente causador da tuberculose (*Mycobacterium tuberculosis*) e, posteriormente, desenvolveu a sua cura. Foi outro alemão que por seu destaque e contribuição na área da saúde recebeu o Nobel de Medicina em 1905. Dr. Koch é considerado um dos fundadores da microbiologia moderna.

Segundo Kurtz, Hitler referia a si mesmo como...

[...] o homem da ciência, o sanitarista à frente de uma potência industrial e militar: “Sinto-me como o Robert Koch da política. Ele descobriu um micróbio e mudou a medicina. Eu expus o judeu como o micróbio que destrói a sociedade”, dizia o Führer<sup>889</sup>. Em 1942, outro pronunciamento repisa esta noção. “A descoberta do micróbio dos judeus é revolucionário. (...) Inúmeras doenças têm uma só causa: o judeu! Seremos saudáveis quando eliminarmos os judeus”<sup>890</sup>.

Sob maciça propaganda ideológica, os alemães acolheram o caráter popular da *Anschluss* da Áustria, dos Sudetos tchecos e, posteriormente, de Dantzig na Polônia como uma resposta às ofensas que lhes foram imputadas pelo Tratado de Paz de Versalhes. E, como exemplo da divulgação das ideias e da soberania política e territorial do *Reich*, foi emitido em 09 de agosto de 1940 um selo em comemoração ao Cinquentenário da soberania alemã sobre a Ilha de Helgoland, “personificada” por duas ilhas afastadas do continente, cujos paredões rochosos aparecem estampados.



Figura 229 – Selo nº 672 - 6 Pfg. + 94 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

<sup>889</sup> Fato também presente no livro de Kersaw, segundo o qual Hitler confidenciou este seu sentimento a Himmler, em 10 de julho de 1941. In: KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 712.

<sup>890</sup> KURTZ, Adriana Schryver. *Holocausto Judeu e Estética Nazista: Hitler e a Arquitetura da Destruição*. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/d5764722059b8eb42e3af88c53489a7c.PDF>>. Acesso em: 19 nov. 2013.

Helgoland (figura 229), situada no Mar do Norte, sempre foi símbolo da tradição e cultura germânica, principalmente ao ser incorporada à Alemanha em 1890. Isso ocorreu após ser cedida pelos ingleses em conformidade com os termos do *Helgoland-Sansibar-Vertrag* (Tratado de Helgoland-Zanzibar) ou “Acordo Anglo-Germânico de 1890”, assinado em 1º de julho deste mesmo ano pelo Reino Unido e pelo Império Alemão, em defesa de seus interesses na África<sup>891</sup>. Para oficializar a data da assinatura do tratado, no dia 10 de agosto foi realizada uma “Cerimônia de transferência” militar em Helgoland. Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o litoral de Helgoland estava bem protegido, sendo a ilha pesadamente fortificada. No período nazista, a ilha foi transformada num importante porto naval, o que em parte justificou a dimensão arrasadora dos bombardeios aliados, sua posterior ocupação e, depois da guerra, sua utilização como alvo para testes bélicos ingleses.

Em 06 de janeiro de 1945 foi lançado o selo em comemoração ao *600. JAHRE STADTRECHT GAUHAUPTSTADT OLDENBURG* (600º Aniversário da Autonomia da Capital do Distrito de Oldenbourg – figura 230). A estampa retrata o *Graf* (Conde) Anton Günther (1583-1667), conhecido por sua política de neutralidade, que manteve suas possessões fora da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), conflito que devastou todos os outros principados circundantes. Como um amante e criador de cavalos fundou a *Oldenburger Pferdezucht* (Criação de Cavalos de Oldenbourg). Foi apelidado de *Stallmeister des Heiligen Römischen Reiches* (Palafrenero<sup>892</sup> do Sacro Império Romano).



**Figura 230 – Selo nº 814 - 6 Pfg. + 14 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.**

<sup>891</sup> GERMAN HISTORY IN DOCUMENTS AND IMAGES. Disponível em: <[http://germanhistorydocs.ghi-dc.org/pdf/eng/606\\_Anglo-German%20Treaty\\_110.pdf](http://germanhistorydocs.ghi-dc.org/pdf/eng/606_Anglo-German%20Treaty_110.pdf)>. Acesso em: 19 nov. 2013.

<sup>892</sup> Nota do Autor: Na Idade Média, significava ministro ou encarregado de cuidar dos cavalos dos reis e nobres.

Parte integrante das emissões comemorativas do Terceiro Reich em 1945, foi um dos poucos selos lançados neste ano a circular normalmente pelo *GROSSDEUTSCHES REICH* (Grande Império Alemão).

Diferenças de educação e de conhecimentos científicos foram muitas vezes as causas duma cisão nacional em castas e classes. A exigência solidária do socialismo alemão desenvolveu por isso uma vasta obra de formação nacional, que dá a todos a possibilidade de adestramento em todos os ramos do saber<sup>893</sup>.

Em 02 de julho de 1944 foi emitido um selo em homenagem ao 4º Centenário da Fundação da *Albertus Universität* (Universidade Albertus), em *Königsberg (PR) - 1544-1944*. O selo apresenta a figura de Albrecht Margrave de Brandemburgo-Ansbach (1490-1568) Duque<sup>894</sup> da Prússia empunhando sua espada e escudo (figura 231).



Figura 231 – Selo nº 816 - 6 Pfg. + 4 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

O Ducado da Prússia ou Prússia Ducal foi um feudo localizado na costa do Mar Báltico, entre os anos de 1525 e 1657. Surgiu como resultado de uma guerra (1454-1466) entre a Polônia e a Ordem Teutônica, da qual passou a ser vassalo. Seu nome se destinou a diferenciá-la da Prússia Real, outro feudo localizado mais ao sudoeste e subordinado à coroa polonesa. Em 1525, Albrecht, Grão-Mestre dos Cavaleiros Teutônicos desde 1511, se juntou à

<sup>893</sup> *A Alemanha Social*, Ibidem. p. 13.

<sup>894</sup> Duque – título que pode ser nobiliárquico ou não e que corresponde ao chefe de Estado de um ducado, cuja provável origem está no termo latino *duce* (chefe) ou *dux* (o que conduz), este último utilizado no período do Império Romano para designar um comandante militar. Sendo o mais alto lugar da hierarquia nobiliárquica, os primeiros a instituírem tal título foram os monarcas germânicos da Idade Média.

Reforma Protestante<sup>895</sup>, e transformou o estado da ordem no Ducado da Prússia, convertendo-se ao luteranismo. No ano 1544, o Duque Albrecht I fundou a Universidade Albertina em Königsberg, sua capital, que se tornou a principal instituição de ensino para os pastores e teólogos luteranos da Prússia<sup>896</sup>.

Em 1701, a Prússia Ducal e a Prússia Real foram unidas ao recém-criado Reino da Prússia, no que seria a província de Ostpreußen (Prússia Oriental), a maior unidade administrativa e territorial pertencente ao Império Alemão<sup>897</sup>, à República de Weimar e ao Terceiro Reich. No ano de 1934, os nazistas *de facto* (na prática) cancelaram a autonomia dos estados alemães, incluindo a Prússia.

No calor dos acontecimentos que se sucederam, após o final da Segunda Guerra Mundial, na ânsia de extinguir todos os vestígios do terceiro Reich e acreditando ser ela a máxima personificação do militarismo alemão, os Aliados extinguiram a Prússia *de iure* (pela lei) em 1947. Desde esta data, o termo Prússia passou a ser utilizado nos contextos históricos, geográficos e culturais<sup>898</sup>.

---

<sup>895</sup> Apesar das reformas de caráter simbólico na liturgia realizada por Lutero, o protestantismo “jamais deixou de ter formas de comunicação de maior ou menor importância simbólica (Goldammer)” como o cristianismo. In: LURKER, Ibidem. p. 569.

<sup>896</sup> DWYER, Philip G. (Ed.). *The Rise of Prussia: 1700-1830*. New York: Longman, 2000.; YOUNG, William. *German Diplomatic Relations 1871-1945: The Wilhelmstrasse and the Formulation of Foreign Policy*. Lincoln, NE: iUniverse, 2006.

<sup>897</sup> O “Império de Bismarck” foi o Estado mais poderoso no continente europeu em seu tempo. A autoridade da Prússia sobre o novo império formado em 1871 foi quase tão absoluta como o era no período da *Norddeutscher Bund* (Confederação da Alemanha do Norte – 1867-1871).

<sup>898</sup> CLARK, Christopher Munro. *Iron Kingdom: The Rise and Downfall of Prussia, 1600-1947*. Cambridge, Mass: Belknap Press of Harvard University Press, 2006.

### 3.12 OS SELOS DO REICH – Trabalho

Só existe na Alemanha uma nobreza: a do Trabalho!  
[...]  
A Alemanha é feliz por possuir no seu Povo unido  
16.200.000 de crianças e 65.000.000 de trabalhadores  
intelectuais e manuais<sup>899</sup>.

A decisão por criarmos uma categoria temática referente ao Trabalho em nossa análise se deve ao fato deste ter sido um dos assuntos mais abordados e defendidos pelos nacional-socialistas em suas campanhas. A propaganda nazista voltada à valorização do trabalho tornou-se intensa a ponto de valer-se de estratégias criativas para propagar suas ideias. Desde o início, o discurso dos nacional-socialistas era de que o trabalhador alemão deveria ter prioridades asseguradas pelo Estado, gozando de prerrogativas em relação às outras raças que migraram para a sociedade germânica, por ser considerado elemento original da “raça ariana”. Era o tipo de publicidade que agradava aos nazistas e penetrava profundamente no imaginário da população alemã, faminta e desempregada, desestruturada pela derrota na Primeira Guerra Mundial e que se sentia humilhada pelo Tratado de Versalhes<sup>900</sup>, situação agravada pela Quebra da Bolsa de Nova Iorque em 1929.

As bases orientadoras do material publicitário nazista podem ser encontradas no “Programa dos 25 pontos” do plano político-econômico que compunha a base da agenda

---

<sup>899</sup> *A Alemanha Social*. São Paulo: Empresa Editora Aurora Alemã Ltda., 1941. p. 10-11.

<sup>900</sup> ISTEIGMANN-GALL, Richard. *O Santo Reich: concepções nazistas do cristianismo - 1919-1945*. Rio de Janeiro: Imago, 2004. p. 33.

política do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães<sup>901</sup>, onde podemos encontrar a questão do trabalho em destaque nos itens abaixo relacionados, que constituíam exigências do NSDAP para as autoridades e, indiretamente, atingiam as classes trabalhadoras, a mais afetada no pós-Grande Guerra, seduzindo-as e conseguindo seu apoio à causa máxima. Eram elas:

Item 6) O direito de escolher o governo e determinar as leis do Estado pertencerá somente aos cidadãos<sup>902</sup>. Nós, portanto exigimos que nenhuma repartição pública, de qualquer natureza, seja no governo central, na província, ou na municipalidade, seja ocupada por qualquer um que não seja um cidadão.

Nós combatemos a administração parlamentar corrupta pela qual homens são indicados para vagas por favor do partido, não importando caráter e aptidão;

Item 7) Nós exigimos que o Estado especialmente se encarregará de garantir que todos os cidadãos tenham a possibilidade de viver decentemente e recebam um sustento. Se não puder ser possível alimentar toda a população, então os estrangeiros (não cidadãos) devem ser expulsos do Reich;

Item 8) Qualquer imigração adicional de não-alemães deve ser prevenida. Nós exigimos que todos os não alemães que entraram no país desde 2 de Agosto de 1914 sejam forçados a deixar o Reich imediatamente;

Item 9) Todos os cidadãos devem possuir iguais direitos e deveres;

Item 10) O primeiro dever de todo cidadão deve ser trabalhar mental ou fisicamente. Nenhum indivíduo fará qualquer trabalho que atente contra o interesse da comunidade para o benefício de todos.

Portanto, nós exigimos:

Item 11) Que toda renda não merecida, e toda renda que não venha de trabalho, seja abolida. Quebrando as Algemas do Interesse;

Item 12) Como cada guerra impõe sobre o povo sacrifícios em sangue e bens valiosos, todo lucro pessoal proveniente da guerra deve ser tratado como traição ao povo.

Nós portanto exigimos o confisco total de todos os lucros de guerra;

Item 13) Nós exigimos a nacionalização de todos os grupos investidores;

Item 14) Nós exigimos participação dos lucros em grandes indústrias;

Item 15) Nós exigimos um aumento generoso em pensões para idade avançada;

Item 16) Nós exigimos a criação e manutenção de uma classe média sadia, a imediata socialização de grandes depósitos que serão vendidos a baixo custo para pequenos varejistas, e a consideração mais forte deve ser dada para

<sup>901</sup> Não nos esqueçamos de que, no dia 07 de março de 1918, Anton Drexler fundou o *Freier Ausschuss für einen Deutschen Arbeiterfrieden* (Comitê Livre para uma Paz dos Trabalhadores Alemães). Em 1919, juntamente com Gottfried Feder, Dietrich Eckart e Karl Harrer, alteraram o nome para *Deutsche Arbeiterpartei* - DAP (Partido dos Trabalhadores Alemães) e em 24 de fevereiro de 1920, mesmo dia de lançamento dos 25 pontos, seu nome foi alterado por seu então presidente Adolf Hitler, para *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* - NSDAP (Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães).

<sup>902</sup> A questão da “pureza racial” estava prevista nas *Nürnberger Gesetze* (Leis de Nuremberg), compostas por três textos adotados pelo *Reichstag* sob iniciativa de Adolf Hitler, numa sessão extraordinária realizada em Nuremberg por ocasião do 7º *Reichsparteitag* (Congresso Anual do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães), em 15 de setembro de 1935, composto pela: *Reichsflaggengesetz* (Lei da Bandeira do Reich); *Reichsbürgergesetz* (Lei da Cidadania do Reich); e *Gesetz zum Schutze des Deutschen Blutes und der Deutschen Ehre* (Lei da Proteção do Sangue e Honra Alemães).

assegurar que pequenos vendedores entreguem os suprimentos necessários aos Estado, às províncias e municipalidades;

Item 17) Nós exigimos uma reforma agrária de acordo com nossas necessidades nacionais, e a oficialização de uma lei para expropriar os proprietários sem compensação de quaisquer terras necessárias para propósito comum. A abolição de arrendamentos de terra, e a proibição de toda especulação na terra;

Item 18) Nós exigimos que uma guerra dura seja travada contra aqueles que trabalham para o prejuízo do bem-estar comum. Traidores, usurários, aproveitadores, etc., serão punidos com morte, independente de credo ou raça;

Item 21) O Estado tem o dever de ajudar a elevar o padrão de saúde nacional fornecendo centros de bem-estar maternal, proibindo trabalho infantil, aumentando aptidão física através da introdução de jogos compulsórios e ginástica, e pelo maior encorajamento possível de associações relacionadas com a educação física do jovem;

Item 25) A fim de executar este programa, nós exigimos: a criação de uma autoridade central forte no Estado, a autoridade incondicional pelo parlamento político central de todo o Estado e todas as suas organizações.

Os líderes do partido assumem a responsabilidade de promover a execução dos pontos agora mencionados a todo custo, se necessário com o sacrifício de suas próprias vidas<sup>903</sup>.

Assim, a partir de 1933, o governo nazista passou a orientar suas ações política e econômica para a recuperação da nação alemã. Essa orientação passaria, necessariamente, pela diminuição do número de desempregados, que girava em torno de 6 milhões e atingia 1 em cada 3 trabalhadores alemães<sup>904</sup>. Sua propaganda política ainda difundia que o socialismo alemão abraçava toda a comunidade e o cidadão deveria cumprir todas as normas impostas pelo Estado:

Todos os que têm oportunidade para observar sabem que o *Führer* só pode, com grande dificuldade, ordenar de cima tudo o que pretende realizar mais cedo ou mais tarde. Ao contrário, até agora cada um trabalhou melhor na nova Alemanha se, por assim dizer, trabalhou para o *Führer*<sup>905</sup>.

Os Planos Quadrienais, caracterizados por uma política intervencionista em oposição à experiência liberal da República de Weimar, foram importantes para a recuperação econômica, o estímulo ao trabalho e a preparação para uma posterior economia de guerra. O Primeiro Plano Quadrienal (1933/1936) deu ênfase à geração de emprego. A política nazista incentivou esta ação com o objetivo de acabar com o déficit gerado pelas sucessivas crises internas. Foram investidos vultosos recursos na construção civil e indústria de bens de

<sup>903</sup> ORDEM NACIONAL.WORDPRESS. Disponível em: <<http://ordemnacional.wordpress.com/2009/12/18/25-pontos-do-partido-nacional-socialista-alemao/>>. Acesso em: 29 jan. 2013.

<sup>904</sup> SCHACHT, Hjalmar. *Setenta e seis anos de minha vida*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

<sup>905</sup> KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 352.



consumo. Neste início, os programas militares ocuparam uma posição secundária, a criação de empregos foi financiada pelo *Reichsbank* (Banco do Império)<sup>906</sup>, então sob a gestão Hjalmar Schacht<sup>907</sup>.

Dentre os estímulos criados para a geração de empregos adotados no período, destacam-se: o congelamento dos salários; proibição de todos os sindicatos; a construção de autoestradas; edificações industriais; remodelamentos de cidades<sup>908</sup>, com ênfase para a construção de moradias, de 3 a 4 quartos, para os trabalhadores alemães; construção de colônias e construção da *Siegfriedstellung* (Linha Siegfried) para os Aliados da Segunda Grande Guerra, ou *Westwall* (Parede Oeste ou Ocidental)<sup>909</sup> para os alemães.

O Segundo Plano Quadrienal (1937/1940) intensificou os mecanismos de controle já existentes ao mesmo tempo em que instituiu novos instrumentos de intervenção por parte do Estado nazista. Foi dirigido por Hermann Göring que, juntamente com os chefes do Plano Quadrienal e os dirigentes das indústrias siderúrgicas, ansiava por tomar posse “dos depósitos de minério de ferro e outras fontes de matérias-primas escassas da Áustria”, com o claro objetivo de abastecer a Alemanha com os recursos necessários para uma economia de guerra.

Na mídia impressa, por apresentar uma natureza política bem evidente, os jornais recebiam especial atenção pelos órgãos de controle estatal. Neles, eram noticiados os discursos oficiais e divulgadas informações vinculadas às principais realizações do governo que, ao mesmo tempo, exercia a censura e realizava sua propaganda política. Mas, como já visto anteriormente, a propaganda nazista também se fazia diretamente, por meio de folhetins, revistas e almanaques.

Deste modo, com o objetivo de seduzir e atrair seguidores, a propaganda política nazista voltada para a valorização do trabalho também foi utilizada no exterior, mostrando ao mundo os supostos avanços e transformações trabalhistas promovidos na Alemanha desde a chegada de Hitler ao poder. Por meio desse discurso, que ressaltava a melhoria na condição do trabalho alemão, incentivava-se a filiação ao partido. No Brasil, os filiados ao Partido Nazista eram, “na sua grande maioria, operários especializados e não especializados, de

---

<sup>906</sup> *Reichsbank* – fundado em 1º de janeiro de 1876, foi o nome dado ao Banco Central da Alemanha alguns anos após a unificação alemã e que existiu até o ano de 1948, quando ocorreu a divisão da Alemanha.

<sup>907</sup> Horace Greeley Hjalmar Schacht, ou o “Banqueiro de Hitler”, foi o economista que arquitetou e executou as recuperações econômicas alemãs das décadas de 1920 e 1930. Foi presidente do *Reichsbank* e Ministro da Economia entre os anos de 1934 e 1937.

<sup>908</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.4 OS SELOS DO REICH - Arquitetura e Arte.

<sup>909</sup> *Westwall* – Construída para fazer oposição à francesa Linha Maginot, que servia de escudo contra possíveis invasões alemãs.

grandes e pequenos comerciantes, industriais, técnicos e agricultores”<sup>910</sup>. Mas, não podemos nos esquecer que somente alemães “puros”<sup>911</sup> seriam aceitos como membros do partido. Assim como na Alemanha:

[...] o partido teria como objetivo, portanto, despertar o alemão para a ideologia nazista e convidá-lo a participar da *Volksgemeinschaft* (Comunidade Nacional) de Adolf Hitler, mantendo um vínculo entre os alemães radicados no exterior e a Pátria Mãe. A atividade da propaganda, no entanto, não seria exclusividade do partido. Representações diplomáticas e diversas agências espalhadas pelo Brasil também a desempenhavam<sup>912</sup>.

Para os nazistas, a preocupação com a saúde e o bem-estar dos trabalhadores deveria ser levada até as últimas consequências, pelo menos na propaganda. A mídia da época divulgava que as fábricas, os escritórios e as repartições públicas alemãs eram a referência a ser seguida pelo resto do mundo, por serem locais bem iluminados, arejados e arranjados de acordo com sua finalidade<sup>913</sup>.

Além disso, o nacional-socialismo alardeava que todos os trabalhadores possuíam belas e amplas moradias, o direito a férias regulamentares e orientação gratuita em todas as questões jurídicas relacionadas ao trabalho. A propaganda nazista passava a mensagem de que todo trabalhador por estar inserido na construção de uma grande Alemanha, possuía direitos e deveres e, portanto, tinha o compromisso de participar com seu trabalho nesta empreitada.

O homem trabalhador passa, dia por dia, muitas horas no local da sua atividade profissional. Compreende-se, por isto, que tanto o espírito que nesse local prevalece, o modo e sistema de trabalhar, as condições do local e o ambiente exercem uma influência decisiva sobre a sua conduta básica espiritual e sobre a ação formadora e mantenedora de sua vida<sup>914</sup>.

Para orientá-los nesta caminhada, continuava a propaganda, o Estado criou em 10 de maio de 1933 a *Deutsche Arbeiterfront* (Frente Alemã de Trabalho) em substituição aos

<sup>910</sup> DIETRICH, Ana Maria. Caça às Suásticas: O Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Fapesp, 2007. p. 70.

<sup>911</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.5 – Corpo e Esporte.

<sup>912</sup> DIETRICH, Ibidem. p. 71.

<sup>913</sup> LENHARO, Ibidem. p. 34

<sup>914</sup> *A Alemanha Social*, Ibidem. p. 25.

sindicatos e às outras instituições de classe<sup>915</sup>. Em questão de dias, todos os trabalhadores foram incorporados a ela<sup>916</sup>. Seu objetivo era implantar instalações especiais destinadas a aparelhar adequadamente os locais de trabalho e os recintos utilizados e frequentados pelos funcionários. No entanto, a função dos agentes da Frente Alemã de Trabalho era o controle e manipulação dos operários. Para tanto, agiam dentro das empresas, difundindo a ideologia nazista e buscavam a adesão dos trabalhadores. Para auxiliar a Frente Alemã do Trabalho e...

Dentro do quadro de uma cooperação ativa das organizações do Estado alemão novo, coube à comunidade nacional-socialista “Kraft durch Freude” (Força pela Alegria) a incumbência de, mediante o aproveitamento engenhoso das horas de atividade e das de folga, fortalecer a capacidade espiritual e física do homem trabalhador, assim como desenvolver nele o culto do que é belo, do que dá prazer, para que redunde num ditoso viver dentro da comunidade<sup>917</sup>.

A *Kraft durch Freude* era subsidiada pela Frente Alemã do Trabalho, ou seja, pelo trabalhador alemão e tinha por finalidade proporcionar viagens a preços acessíveis a classe trabalhadora, além de oferecer opções nas horas de folga. Em um discurso proferido no *Reichstag*, em 20 de fevereiro de 1938, o *Führer* enfatizou que os esforços multilaterais despendidos por tais organizações no intuito de proporcionar ao trabalhador alemão um emprego digno das “horas de trabalho e das de folga” foram alcançados, e o que antes havia sido desperdiçado “em greves e em lutas políticas internas”, agora proporcionava o engrandecimento da Alemanha.

Dados provenientes do governo autoritário alemão, com informações quantitativas referentes às obras realizadas na Alemanha também podem ser encontrados nas revistas editadas exclusivamente com o fim de promover a propaganda político-ideológica nazista, cujos exemplos podem ser encontrados no transcorrer deste tópico.

Dando prosseguimento a análise do trabalho sob a supervisão nazista, no dia 26 de agosto de 1934 foram lançados dois selos (figura 232) com o objetivo de divulgar o Plebiscito no *Saar* (Sarre), localizado no sudoeste do país, tem como capital Saarbrücken faz divisa com a França ao sul e com Luxemburgo a oeste, região originalmente povoada por tribos celtas. Palco de várias batalhas, o Sarre fez parte do Império Romano entre os séculos I a.C. e V de

---

<sup>915</sup> Com esta ação, os nazistas conseguiram destruir o “maior movimento sindical do mundo”. In: KERSHAW, *Ibidem*. p. 321.

<sup>916</sup> LENHARO, *Ibidem*. p. 89.

<sup>917</sup> *A Alemanha Social*, *Ibidem*. p. 26.

nossa era, quando perderam estas possessões para os franconianos que as dividiram em regiões que, com o passar do tempo, adquiriram certo grau de independência. Em 1792 o Sarre foi conquistado pelos franceses durante a Revolução Francesa. Com a derrota de Napoleão Bonaparte, em 1815, foi dividido entre a Província Prussiana do Reno, o Reino da Baviera e o Ducado de Oldenburg. Em 1870, a invasão da capital do Sarre, Saarbrücken, por tropas francesas foi o estopim para a Guerra Franco-Prussiana. Em 1871, com o fim da guerra, foi incorporada ao então fundado Império Alemão. Com a derrota da alemã na Primeira Guerra Mundial foi determinado pelo Tratado de Versalhes que o Sarre, densamente industrializado, seria administrado por um período de quinze anos pela Liga das Nações e suas ricas minas de carvão cedidas à França.



Figura 232 – Selo n° 509 – 6 Pfg. e Selo n° 510 – 12 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

Único estado alemão ainda fora do alcance do Terceiro Reich, a região foi procurada por um número significativo de alemães antinazistas que para lá se transferiram após 1933. Mas, em 1935, através de um plebiscito que teve como principal plataforma o sentimento revanchista contra a França, 90,73% dos residentes no Sarre votaram a favor de que fosse devolvido à Alemanha.

O selo n° 509, acima à esquerda, representa duas mãos segurando o Sarre, transmitindo a mensagem de que o “Saar é um precioso bem que pertencia à Alemanha e a esta deveria retornar”. Se lembrarmos da questão industrial e das minas de carvão, podemos associar o Sarre a um pedaço de *Kohle* (carvão) “símbolo do fogo escondido, da energia oculta; força do sol furtada pela terra”<sup>918</sup> e que se encontra escondido em seu seio, ou seja, roubado da Alemanha através do Tratado de Versalhes e entregue ao seu maior rival a França. O mesmo carvão que, como fonte de calor, movia a indústria da Alemanha antes de lhe ser arrancado bruscamente e, agora, era extraído à custa do suor do trabalhador alemão. Este

<sup>918</sup> CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2009. p. 196.

recurso deveria servir novamente ao desenvolvimento da “Mãe Alemanha”<sup>919</sup>, e não ficar nas mãos bastardas dos inimigos da “raça ariana”<sup>920</sup>.

No selo nº 510, acima à direita, podemos observar a tradicional *Reichsadler* (Águia Imperial) alemã com a palavra SAAR à sua frente, como que erguendo uma suástica fulgurante como o sol, do qual saem raios de luz, iluminando o caminho a ser seguido pelos eleitores no Sarre. “A ‘política’ numa Alemanha ‘coordenada’ equivalia ao que Hitler considerava desde o começo dos anos 1920 seu único objetivo: a ‘nacionalização das massas’ em preparação para a grande e inevitável luta contra os inimigos externos”<sup>921</sup>. Com representações características da tradicional iconografia nazista<sup>922</sup>, o conjunto emitido para a divulgação do Plebiscito do Saar que se aproximava apresentava toda a persuasão psicológica que vinha sendo utilizada pelos nacional-socialistas em suas campanhas publicitárias no ano anterior e até mesmo antes de sua ascensão ao poder.

Dirijo a luta pelos milhões das massas do nosso  
Povo honesto, diligente, trabalhador e produtivo.  
Adolf Hitler<sup>923</sup>

É num contexto de formação de uma “família nacional” que em 05 de novembro de 1934 são lançados nove selos postais voltados para a *Deutsche Nothilfe* (Ajuda de Emergência Alemã – Auxílio de Emergência Alemã – Ajuda aos Necessitados Alemães). Os valores arrecadados com a sobretaxa recolhida com a venda dos selos foram destinados para organizações de caridade ou para financiar programas nacionais. De grande carga nacionalista, o tema abordado nos selos são as profissões consideradas básicas para o crescimento da nação e que deveriam ser desempenhadas exclusivamente por alemães (figura 233), sendo do menor para o maior valor facial, respectivamente:

<sup>919</sup> Ver mais detalhes na análise da figura 162 no Subcapítulo 3.7 OS SELOS DO REICH - Mãe Alemanha.

<sup>920</sup> A ocupação do território do Sarre por tropas coloniais francesas e sua incorporação econômica à área aduaneira e a moeda francesa, incentivou o revanchismo alemão contra a França e o desejo de retornar ao *Reich* alemão.

<sup>921</sup> KERSHAW, *Ibidem*. p. 355.

<sup>922</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.2 OS SELOS DO REICH - Simbologia Geral - Águia, Suástica, Saudação...

<sup>923</sup> Estas palavras aparecem sozinhas numa das primeiras páginas da revista *A Alemanha Social*, edição brasileira. A página anterior apresenta uma fotografia do ditador, em pé e com seu tradicional uniforme nazista, com um alfinete contendo uma águia e suástica espetado em sua gravata. Entre as páginas temos um papel de seda, que ao ser passada seria como se estivéssemos dissipando uma névoa que encobria a Alemanha e começássemos a conhecer a verdadeira História da Alemanha, agora guiada por Adolf Hitler. In: *A Alemanha Social*. São Paulo: Empresa Editora Aurora Alemã Ltda., 1941. p. 07.

Selo nº 513 – 3 Pfg. + 2 Pfg. - Empresário	Selo nº 514 – 4 Pfg. + 2 Pfg. - Ferreiro	Selo nº 515 – 5 Pfg. + 2 Pfg. - Pedreiro
Selo nº 516 – 6 Pfg. + 4 Pfg. - Mineiro	Selo nº 517 – 8 Pfg. + 4 Pfg. - Arquiteto	Selo nº 518 – 12 Pfg. + 3 Pfg. - Fazendeiro
Selo nº 519 – 20 Pfg. + 10 Pfg. - Químico	Selo nº 520 – 25 Pfg. + 15 Pfg. - Escultor	Selo nº 521 – 40 Pfg. + 35 Pfg. - Juiz



Figura 233 – Selo nº 519 ao Selo nº 521  
Fonte: Acervo do Autor.

Segundo a propaganda nazista:

Uma escolha e uma formação profissionais juntas são as condições primordiais de uma maneira de viver satisfatória e suscetível de crescente progresso. O socialismo alemão tem por lema: “Caminho livre para os competentes”, amparando e orientando a formação profissional e individual e fazendo a seleção de valores, processada anualmente, dando a cada um de per si, como também às comunidades de trabalho de todas as oficinas, ensejo para medir e provar a sua competência e a sua capacidade por meio de uma competição legal<sup>924</sup>.

No fundo estes selos se referem às condições particulares de dominação (como se alcança e se exerce o poder) do “regime” nazista em todos os segmentos sociais. O nazismo atuou na sociedade alemã por meio de uma instituição – o Estado – internacionalmente reconhecida e legitimada, relativamente permanente e por meio da qual quem detém o poder o exerce sobre um dado grupo e dentro de determinado território, incluindo além do executivo, o legislativo e o judiciário, com respectivas agências e burocracias subordinadas.

<sup>924</sup> *A Alemanha Social*, Ibidem. p. 13.

Deste modo, no dia 30 de junho de 1936, dois selos postais idênticos foram lançados como forma de divulgação do Congresso Mundial de Lazer e Recreação (figura 234) ocorrido em Hamburgo. Apresentam a inscrição: *WELTKONGRESS FÜR FREIZEIT UND ERHOLUNG - HAMBURG* (Congresso Mundial de Lazer e Recreação - Hamburgo) e são diferenciados pelas cores verde-escuro e carmim e pelos seus respectivos valores. Os selos mostram uma representação alegórica do “Trabalho e Recreação”, com um homem segurando e apoiando uma marreta em seu ombro e uma figura feminina, em cujas mãos estendidas se encontra pousada (ou prestes a alçar voo) uma pomba com um ramo no bico. Esta alegoria nos remete ao mito da Arca de Noé “a navegar sobre as águas do dilúvio, contendo todos os elementos necessários à restauração cíclica”<sup>925</sup>. A estampa, dessa forma, simboliza a perfeita integração entre trabalho e lazer existente entre todos os trabalhadores da Alemanha.



Figura 234 – Selo nº 577 - 6 Pfg. e Selo nº 578 - 15 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

A pomba, símbolo judaico-cristão, representa a pureza e a felicidade recuperada<sup>926</sup>, nada mais útil a uma sociedade chamada *Kraft durch Freude* (Força pela Alegria), para representar a alma alegre do povo alemão. Se extrapolarmos a representação feminina, a mão sobre a qual a pomba se encontra pode ser análoga a um púlpito e, neste caso, simbolizaria a transmissão da verdade e da sabedoria de Deus (o Nazismo) através do Espírito Santo (a própria Força pela Alegria). Para os cristãos, representava o Espírito Santo, para os godos, representava o “pássaro da alma”, possuindo o nome de *hraiwa dubo* (pomba dos cadáveres)<sup>927</sup>.

De acordo com a propaganda nazista, os congressos mundiais da comunidade nacional-socialista *Kraft durch Freude* (Força pela Alegria) eram realizados de dois em dois anos em Hamburgo e contavam...

<sup>925</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, *Ibidem*. p. 73.

<sup>926</sup> *Idem*, *Ibidem*. p. 728.

<sup>927</sup> LURKER, Manfred. *Dicionário de Simbologia*. Tradução de Mário Krauss e Vera Barkow. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 558.

[...] entre os seus assistentes delegados de todos os países civilizados do globo, países esses que chegam não raras vezes a mandar participar das solenidades e organizações festivas dos congressos grupos étnicos em seus trajes caraterísticos<sup>928</sup>.

Deste modo, transmitiam os valores de perfeição racial germânica de maneira igual para além das próprias...

[...] fronteiras do Reich, no cumprimento de uma tarefa de suma importância política, caraterizada pelas palavras dedicadas, por um líder germânico, ao Congresso Mundial de Folga e Recreio, em 1936:  
 “A formação eficiente das horas de folga do homem criador é um pressuposto essencial não somente para a paz social interna dos povos, mas também para a paz política entre as nações”<sup>929</sup>.

Como levantado anteriormente, parte da literatura nazista se dedicava ao tema da volta à mãe terra<sup>930</sup> e da glorificação do modo de vida camponês que, juntamente com sua terra, era considerado o sustentáculo da força e do caráter do povo alemão. Antagônica à questão da industrialização, esta glorificação da vida rural...

[...] abarca um tom romântico anticapitalista que se mostra avesso à industrialização e à vida nas cidades, com o fim de exaltar a pureza dos costumes rurais.  
 Os camponeses são glorificados como a reserva moral da Alemanha, seu elemento sadio e regenerador. Eles são os responsáveis pela manutenção da tradição, da pureza da raça e dos costumes, graças ao contato permanente com a terra e ao fato de terem vivido alheios às influências estrangeiras<sup>931</sup>.

O camponês – a reserva racial pura e saudável –, e o solo – o lugar ancestral que deveria ser purificado. Da combinação entre esses dois elementos se baseia a ideia do “sangue e solo”.

No dia 02 de dezembro de 1938, foram lançados dois selos (figura 235) para divulgação do *Volksabstimmung im Sudetenland* (Plebiscito nos Sudetos), ocorrido em 04 de dezembro de 1938, no qual 97.32% da população adulta votou a favor do NSDAP e a

---

<sup>928</sup> Idem, Ibidem. p. 27.

<sup>929</sup> Idem, Ibidem.

<sup>930</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.7 OS SELOS DO REICH - Mãe Alemanha.

<sup>931</sup> LENHARO, Ibidem. p. 67.



anexação dos Sudetos tchecos pelo Terceiro Reich. Os selos retratam um casal de trabalhadores característicos desta região.



Figura 235 – Selo nº 625 - 6 Pfg. + 4 Pfg. e Selo nº 626 - 12 Pfg. + 8 Pfg.  
Fonte: Acervo do Autor.

Hitler havia advertido anteriormente às nações europeias de que, se fosse preciso, iniciaria uma guerra contra a Tchecoslováquia por causa da repressão e da discriminação sofrida pela população de etnia alemã nas mãos dos tchecos. De acordo com o Pacto de Munique, assinado em setembro de 1938 pelos países Alemanha, Itália, França e Grã-Bretanha, era permitido à Alemanha a anexação dos Sudetos, onde vivia uma considerável população de etnia alemã, pois a França e a Grã-Bretanha não desejavam uma nova guerra neste momento. As sobretaxas cobradas nos selos foram revertidas para o *Kulturfonds des Führers* (Fundo Cultural do Líder).

Eis os objetivos de nossa luta: devemos assegurar a permanência da nossa raça e de nosso povo, o alimento de nossos filhos, preservar a pureza do sangue, a liberdade e independência da pátria, para que o nosso povo amadureça e consiga realizar a missão confiada também a ele pelo criador do universo<sup>932</sup>.

Os trabalhadores alemães e camponeses alemães são soldados. Membro do Serviço do Trabalho; Membro da SA (Seção de Assalto); Membro da SS (Seção de Proteção do NSDAP). Saberão defender o seu socialismo contra qualquer inimigo<sup>933</sup>.

O selo nº 669 (figura 236 – esquerda), mostrado abaixo, foi emitido em 30 de Abril de 1940 para comemorar o dia 1º de Maio e poderia estar no Subcapítulo 3.9 OS SELOS DO REICH – Militarismo e o Mito do Herói. Porém, devido à sua especificidade, consideramos mais pertinente inseri-lo nesta seção.

<sup>932</sup> DIETRICH, Ana Maria. Caça às Suásticas: O Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Fapesp, 2007. p. 293.

<sup>933</sup> *A Alemanha Social*, Ibidem. p. 66-67.



Figura 236 – Selo nº 669 – 6 Pfg. + 4 Pfg. e Cartaz Goslar 1936.  
Fonte: Acervo do Autor.

O selo apresenta a alegoria de um guerreiro (ou cavaleiro) medieval com a suástica no peito e armado com espada e elmo. Ele está alerta e pronto para fazer uso de seu armamento na menor presença de uma ameaça e defender a base da raça ariana, representada pelo agricultor sob suas pernas abertas, que conduz despreocupadamente um arado puxado por um cavalo, representando a proteção da *Wehrmacht*<sup>934</sup> sobre a nação. O selo se assemelha muito a cartazes de propaganda confeccionados para divulgação do *Reichsbauerntag* (Dia do Agricultor do Império) de 1936 (figura 236 – direita) e de comícios realizados na *Reichsbauernstadt* (Cidade Imperial da Agricultura) de Goslar sob os cuidados do *Reichsnährstand* – RNS (Ministério da Alimentação e Agricultura do *Reich*). A imagem presente no selo expressa uma acirrada declaração de guerra contra o mundo judaico-bolchevista, uma grande necessidade de autoafirmação e uma chamada à comunidade agrícola a lutar pela procura da autosuficiência na produção, uma verdadeira cruzada em busca de uma fonte de alimentação independente e em conformidade com o Plano Quadrienal de 1933-1936. “Símbolo da fertilização [...]. Passar o arado no solo é unir o homem e a mulher, o céu e a terra”<sup>935</sup>, e o nascimento decorrente desta ação é representado pela colheita. “Embora a sociedade céltica, sacerdotal e militar por excelência, não comporte classe agrícola (fecundidade), o arado participa, entretanto, do simbolismo do começo do mundo, da abertura de um sulco”<sup>936</sup>. O selo é uma convocação à grande batalha da produção, necessária para garantir a liberdade agrícola e permitir ao *Führer* realizar os anseios do povo alemão. Ao fundo, podemos observar uma zona industrializada, o que representa o apoio da *deutsche*

<sup>934</sup> *Wehrmacht* – nome das Forças Armadas da Alemanha durante o Terceiro *Reich*, entre 1935 e 1945. Abarcava o *Heer* (Exército), a *Kriegsmarine* (Marinha de Guerra), a *Luftwaffe* (Força Aérea) e tropas da *Waffen-SS*.

<sup>935</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, *Ibidem*. p.70.

<sup>936</sup> *Idem*, *Ibidem*.

*Volksgemeinschaft* (Comunidade do Povo) alemão, conceito tão difundido durante o período nazista<sup>937</sup>, à comunidade rural alemã, que vinha se esforçando para ganhar a estima dos trabalhadores nas cidades e se tornar uma parte valiosa daquela comunidade, ganhando o respeito do próprio Hitler.

Assim como o *Reichsbauerntag* é carregado com grande carga simbólica no ritual de festejos do calendário nazista, a principal finalidade deste selo foi a promoção dos festejos do dia 1º de maio, largamente comemorada pela comunidade germânica dentro e fora da Alemanha.

Nesse dia, os funcionários das firmas alemãs eram convocados a participar de uma espécie de comício aos moldes do Terceiro Reich, com desfile de bandeiras suásticas, discursos políticos em que se ressaltavam os sentimentos de obediência e disciplina ao Führer e a necessidade de a Alemanha reaver as suas antigas colônias. As festividades da comunidade, a modelo do Reich, faziam com que se difundisse o ideal nazista na coletividade, favorável a um germanismo exacerbado, [...] <sup>938</sup>.

Como vimos acima, mesmo antes do ano de 1933, Hitler e seus aliados já pensavam em um modo de atrelar o rearmamento de seu exército aos programas estatais de criação de emprego. Deste modo, resolveriam a principal máxima econômica e, ao mesmo tempo, ampliariam o poderio bélico alemão. No entanto, a orientação do presidente do *Reichsbank*, Hjalmar Schacht, e do ministro do trabalho, Franz Seldte<sup>939</sup>, era de que inicialmente se deveria dar mais ênfase à criação de empregos voltados ao desenvolvimento econômico do que a empregos voltados para a indústria bélica. Segundo o próprio Schacht: “De fato, havia poucos projetos militares com grande efeito na criação de vagas de trabalho”<sup>940</sup>. Isso não significa que a questão da militarização do trabalhador alemão tenha sido relegada a um segundo plano. Lenharo chama a atenção para o fato de que:

---

<sup>937</sup> Nota do autor: Durante o período nazista, a utopia de uma sociedade sem classes foi abandonada. Uma nova ideia foi difundida entre os alemães e passou a nortear seu comportamento, o conceito de uma futura comunidade do povo alemão que dominaria o mundo.

<sup>938</sup> DIETRICH, Ana Maria. *Caça às Suásticas: O Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Fapesp, 2007. pp 94-95.

<sup>939</sup> Franz Seldte (1882 - 1947) – oficial durante a Primeira Guerra Mundial quando perdeu seu braço esquerdo. Foi condecorado com a Cruz de Ferro de 2ª e 1ª Classe. Após a Guerra, ajudou a fundar a organização paramilitar *Stahlhelm, Bund der Frontsoldaten* (Capacete de Aço, Liga dos Soldados da Linha de Frente), efetivamente integrada às forças nazistas em 1934. Chegou a ocupar o cargo de ministro do trabalho do Reich alemão.

<sup>940</sup> SCHACHT, Ibidem.

Dentro da Frente do Trabalho são criadas organizações novas, como a Força para a Alegria e a Beleza do Trabalho. Esta última, segundo Robert Ley, da Frente do Trabalho, deveria aprimorar fisicamente o trabalhador alemão, por meio do culto da musculatura e da eliminação da gordura supérflua. Visava-se tanto dotar o trabalhador de condições físicas para suportar o trem de produção da economia de guerra, quanto prepará-lo para a própria guerra, ampliando suas qualificações de “soldado do trabalho”. [...] Visava-se não somente edulcorar o dia-a-dia do trabalho, mas também permitir ao trabalhador ressarcir suas energias e, acima de tudo, sentir-se como cidadão integrado à comunidade nacional dos iguais<sup>941</sup>.

Seguindo a linha deste raciocínio, no dia 26 de junho de 1943 foram lançados quatro selos em comemoração ao 9º Aniversário da Fundação do Exército do Trabalho (figura 237). Os selos apresentam os *Arbeitsmänner im Dienst* (Trabalhadores em serviço). Todos uniformizados, o primeiro aparece em posição de saudação, segurando uma pá; o segundo representa o trabalhador no campo, está sem camisa e amola uma foice; o terceiro trabalhador segura o cabo do que pode ser uma picareta e o quarto, com sua ferramenta de sapa<sup>942</sup> ao ombro (uma pá e uma picareta), apresenta um fuzil em bandoleira transversal a sua frente.

Selo n° 769 – 3 Pfg. + 7 Pfg.	Selo n° 770 – 5 Pfg. + 10 Pfg.
Selo n° 771 – 6 Pfg. + 14 Pfg.	Selo n° 772 – 12 Pfg. + 18 Pfg.



Figura 237 – Selo n° 769 ao Selo n° 772. Fonte: Acervo do Autor.

A série explicitava a ideia mais completa do que o nazismo considerava como um trabalhador cidadão: aquele que integrava perfeitamente a vida civil e a militar, disposto a se sacrificar e a sua família, que sempre acatava as ordens do *Führer* e defendia a nação até as últimas consequências. O *Reichsarbeitsdienst* - RAD (Serviço do Trabalho do Império) foi uma instituição criada em 1934 pelo regime nazista com o objetivo de reduzir o desemprego que assolava o país. Constava na Lei do Serviço do Trabalho do *Reich*, de 26 de junho de

<sup>941</sup> LENHARO, Ibidem. p. 34.

<sup>942</sup> Sapador-mineiro – denominação dos soldados da Arma de Engenharia das subunidades de apoio da Arma de Infantaria ou Cavalaria que realizam trabalhos de engenharia, principalmente na área das fortificações. O termo Sapa tem origem na característica pá metálica com a qual realizam trabalhos na construção das mais variadas estruturas.

1935 que: § 1º - (1) O *Reichsarbeitsdienst* é um serviço honroso para o povo alemão. (2) Todos os jovens alemães de ambos os sexos são obrigados a servir o seu povo no *Reichsarbeitsdienst*. (3) O *Reichsarbeitsdienst* para educar a juventude alemã, no espírito do nacional-socialismo para a Comunidade e para o trabalho sério considera principalmente o devido respeito ao trabalho manual. (4) O *Reichsarbeitsdienst* determina-se à realização de obras de caridade<sup>943</sup>.

Considerado por Hitler como um instrumento imprescindível no processo de rearmamento da Alemanha, os membros da RAD prestavam vários tipos de serviços, dentre eles, na construção civil, na área militar e em “projetos cívicos”. Serviam por um período de aproximadamente oito meses e com o início da guerra se transformaram em forças de reserva do exército. A partir de 1939, a centralização da mão de obra em serviços de importância militar, voltados para o esforço de guerra, gerou uma redução das forças operárias em outros setores de produção, o que acarretou na indisponibilidade de bens de consumo e de bens de serviço, voltados à população em geral.



Figura 238 – Selo nº 819 – 6 Pfg. + 4 Pfg.



Figura 239 – Selo nº 820 – 12 Pfg. + 8 Pfg.

Fonte: Acervo do Autor.

Em junho de 1944 temos o lançamento de dois selos em comemoração ao 10º Aniversário do Serviço do Trabalho do *Reich* e realizar uma *Ausstellung des Arbeitsdienstes* (Exposição do Serviço de Trabalho). O selo nº 819 (figura 238), assim como o nº 820 (figura 239), apresenta na sua parte inferior esquerda ou direita as letras RAD, em referência ao *Reichsarbeitsdienst*, e logo abaixo a inscrição: *GROSSDEUTSCHES REICH* (Grande Império Alemão). Nele, aparece a figura de uma trabalhadora uniformizada, representando a

<sup>943</sup> § 1. (1) *Der Reichsarbeitsdienst ist Ehrendienst am Deutschen Volke.* (2) *Alle jungen Deutschen beiderlei Geschlechts sind verpflichtet, ihrem Volk im Reichsarbeitsdienst zu dienen.* (3) *Der Reichsarbeitsdienst soll die deutsche Jugend im Geiste des Nationalsozialismus zur Volksgemeinschaft und zur wahren Arbeitsauffassung, vor allem zur gebührenden Achtung der Handarbeit erziehen.* (4) *Der Reichsarbeitsdienst ist zur Durchführung gemeinnütziger Arbeiten bestimmt.* In: VERFASSUNGEN.DE. Disponível em: <<http://www.verfassungen.de/de/de33-45/reichsarbeitsdienst35.html>>. Acesso em: 12/04/2013.

*Weiblicher Arbeitsdienst* – RADwJ (Serviço do Trabalho Feminina) com um rastelo ao ombro. Ela ainda apresenta ao peito um camafeu no qual ostenta uma suástica.

No segundo selo aparece a figura de um homem uniformizado que segura uma pá ao ombro, bem característico do trabalhador manual, a quem o sistema dedicava grande parte se sua propaganda. O trabalho entre a juventude era também motivado, num estrato da Lei de Proteção à Juventude, de 30 de abril de 1938:

É intenção do Governo do *Reich* proteger e estimular a juventude alemã para assim aumentar a sua capacidade de trabalho. – Para este fim se destina a execução das seguintes ideias fundamentais:

O trabalho infantil é proibido por princípio.

Os jovens são protegidos da fadiga exagerada pela limitação do tempo de trabalho e pela proibição do trabalho noturno. O tempo livre necessário para o desenvolvimento profissional ulterior, para o fortalecimento físico, para a formação da personalidade e para a educação política está assegurado. São garantidas as férias aos jovens, assim como o aproveitamento compensador da mesma.

Se o trabalhador, o agricultor, o jovem ou, simplificando, todo cidadão alemão é um soldado, apresentamos agora três séries comemorativas emitidas que a nosso ver abrangem a propaganda político-ideológica do terceiro Reich vista até o momento, mas principalmente no tocante ao tema do trabalho. Os conjuntos são abrangentes, sendo que muitas de suas representações já foram analisadas acima, visto que levantaremos apenas algumas especificidades na apresentação de cada série. Assim, em 15 de setembro de 1939, foram emitidos os primeiros doze selos para o tema: *Kameradschaftsblock der Deutschen Reichspost* (Bloco de Camaradagem dos Correios do Império Alemão), voltados para arrecadar verbas para o *Kulturfonds des Führers* (Fundo Cultural do Líder) e o Fundo dos Empregados dos Correios, ou Federação Nacional dos Carteiros Alemães (figura 240). Neles aparecem, respectivamente:

SELO	VALOR	ESTAMPA
640	3 Pfg. + 2 Pfg.	<i>Großkundgebung in der Deutschlandhalle in Berlin</i> (Grande Comício no Salão da Alemanha em Berlim)
641	4 Pfg. + 3 Pfg.	Post-und Telegraphenwissenschaft. Woche in Wien (Semana dos Funcionários dos Correios e Telégrafos em Viena)
642	5 Pfg. + 3 Pfg.	<i>Reichsberufswettkampf</i> (Concurso Profissional ou Competição Vocacional do Reich) <sup>944</sup>
643	6 Pfg. + 4 Pfg.	<i>Nachwuchslager in Zeesen</i> (Acampamento da Juventude em Zeenen)

<sup>944</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.2 OS SELOS DO REICH - Simbologia Geral: Águia, Suástica, Saudação...

644	8 Pfg. + 4 Pfg.	<i>Leistungswettkampf Goldene Fahne 1938-1939</i> (Competição de Performance Bandeira Dourada 1938-1939) <sup>945</sup>
645	10 Pfg. + 5 Pfg.	<i>Begabtenauslese</i> (Premiação dos Talentos)
646	12 Pfg. + 6 Pfg.	<i>Geländefahrer</i> (Corredor de Off-Road) <sup>946</sup>
647	15 Pfg. + 10 Pfg.	<i>Postsport</i> (Esporte dos Correios e Telégrafos) <sup>947</sup>
648	16 Pfg. + 10 Pfg.	<i>Postschutz</i> (Seção de Proteção Postal - Polícia Postal)
649	20 Pfg. + 10 Pfg.	<i>100 Segelflugwerkstätten</i> (100 Oficina de Construção de Planadores)
650	24 Pfg. + 10 Pfg.	<i>Postkutsche</i> (Antiga Diligência Postal)
651	25 Pfg. + 15 Pfg.	<i>Erholungsheim in Königstein im Taunus</i> (Casa de Férias em Königstein in Taunus)



Figura 240 – Selo n° 640 ao Selo n° 651.  
Fonte: Acervo do Autor.

A segunda série sobre o tema *Kameradschaftsblock der Deutschen Reichspost*, com denominações adicionais para serem somadas ao conjunto acima representado, foi emitida no dia 16 de maio de 1941 (figura 241). Apresentam seis estampas já emitidas no ano de 1939, sendo eles:

<sup>945</sup> Idem, Ibidem.

<sup>946</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.8 OS SELOS DO REICH - Meios de Transporte e Tecnologia.

<sup>947</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.5 OS SELOS DO REICH - Corpo e Esportes.

SELO	VALOR	ESTAMPA
697	6 Pfg. + 9 Pfg.	<i>Nachwuchslager in Zeesen</i> (Acampamento da Juventude, em Zeenen)
698	8 Pfg. + 12 Pfg.	<i>Leistungswettkampf Goldene Fahne 1938-1939</i> (Competição de Performance Bandeira Dourada 1938-1939)
699	12 Pfg. + 18 Pfg.	<i>Geländefahrer</i> (Corredor de Off-Road)
700	16 Pfg. + 24 Pfg.	<i>Postschutz</i> (Seção de Proteção Postal - Polícia Postal)
701	20 Pfg. + 30 Pfg.	<i>100 Segelflugwerkstätten</i> (100 Oficina de Construção de Planadores)
702	24 Pfg. + 36 Pfg.	<i>Postkutsche</i> (Antiga Diligência Postal)



Figura 241 – Selo n° 697 ao Selo n° 702.

Fonte: Acervo do Autor.

Como o próprio nome já diz, os conjuntos mostrados acima foram emitidos para divulgar a camaradagem dos Trabalhadores Postais do Terceiro *Reich*. Alguns dos motivos foram reproduzidos outras duas vezes, também em 1941 e 1944, apresentando outros valores e cores. A cidade de Zeesen, representada nos selos n° 643 e 697 – O *Nachwuchslager in Zeesen* (Acampamento da Juventude, em Zeenen) – foi de importância estratégica para o Terceiro *Reich*. Nela foi construído, em 1931, um dos primeiros transmissores de radiodifusão em onda curta da Alemanha, cuja antena alcançava setenta metros de altura. Em 1939, a torre anteriormente construída em madeira foi substituída por uma de aço. Com o final da guerra, em 1945, ela foi desmontada.

Nos primeiros anos do automóvel, estradas pavimentadas eram uma exceção. Além disso, todos os veículos possuíam uma distância do solo que evitava que fossem danificados por pedras, galhos e outros objetos que porventura aparecessem no trajeto. Os selos n° 646, 699 e 808 - *Geländefahrer* (Corredor de Off-Road), retratam dois veículos competindo em um terreno acidentado. O primeiro veículo *off-road* especial foi um misto de tanque com rodas normais na parte dianteira, associadas na parte traseira com uma chassi especialmente adaptado para suportar esteiras no lugar de rodas.



Com o discurso da necessidade de se proteger as instalações de transporte do *Reichspost* contra as invasões e rebeliões comunistas e a incapacidade da polícia e das *Reichswehr* (Forças Armadas do *Reich*, Defesa do Império ou Defesa da Nação) de realizar tal serviço, no dia 7 de março de 1933, o Ministro do *Reich* Freiherr von Eltz Bliescastel<sup>948</sup> ordenou o estabelecimento de uma força de proteção armada denominada *Postschutz* (Seção de Proteção Postal - Polícia Postal - selos nº 648, 700 e 809).

Devido a sua importância bélica, o envio ininterrupto de correspondência e de informações via linhas de transmissão dos telégrafos necessitava de constante vigilância para se evitar a sabotagem por parte dos antinazistas. Em junho de 1933, novas instruções foram baixadas e as funções de proteção foram expandidas para soldados pertencentes às SA ou SS, autorizados como força policial auxiliar. A partir de então, esses soldados poderiam ser usados para a proteção do sistema postal alemão. Apesar de uma “iminente ameaça comunista” ter sido excluída, em setembro do mesmo ano, manteve-se a estrutura da *Postschutz* e a proteção do *Reichspost*, chegando, em dezembro de 1933, a ter em seus quadros cerca de 26.000 homens.

Um planador é uma aeronave<sup>949</sup> sem motor e projetada para planar, sendo necessário um avião de apoio (reboque) que o conduza até a altitude necessária. Com o final da Primeira Guerra Mundial, o Tratado de Versalhes restringiu a utilização e limitou a quantidade de aeronaves com motor que poderiam operar na Alemanha. Isso, contudo, não impediu que se criassem os clubes de planadores, sendo que a maioria de seus associados eram ex-pilotos da Grande Guerra e que já dominavam o manuseio de um avião. Incentivado pelo nacional-socialismo, até o início da Segunda Guerra Mundial, estavam espalhadas por toda a Alemanha um considerável número de escolas de planadores, utilizadas pelos nazistas para promover um treinamento para jovens pilotos que seriam a base de uma *Luftwaffe* (Força Aérea) jovem. Os Selos nº 649, 701 e 810 - *100 Segelflugwerkstätten* (100ª Oficina de Construção de Planadores) retratam os investimentos promovidos pelo Terceiro Reich neste tipo de atividade voltada, também, para a área bélica.

---

<sup>948</sup> Peter Paul Freiherr (Barão) von Eltz-Rübenach (1875-1943), *Reichspostminister* (Ministro dos Correios do Reich) e *Reichsminister für Verkehr* (Ministro dos Transportes do Reich) entre 1932 e 1937. Católico fervoroso, em uma reunião de gabinete em 30 de janeiro de 1937 rejeitou o distintivo dourado oferecido pessoalmente por Hitler e se demitiu, passando a se considerado “pessoa suspeita” e monitorado de perto pela Gestapo, sendo sua pensão do Estado temporariamente revogada. O termo Freiherr de seu nome é um título de nobreza traduzido como Barão, não um nome ou parte de sobrenome.

<sup>949</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.8 OS SELOS DO REICH - Meios de Transporte e Tecnologia.

Os selos n° 650, 702 e 806 retratam uma diligência que utilizava cavalos como animais de tração. Este tipo de carruagem que foi utilizada até o início do século XX pelos serviços de correios, para transporte de encomendas postais e, ao mesmo tempo, passageiros.

A terceira série em benefício da Federação Nacional dos Carteiros Alemães foi emitida em 03 de maio de 1944 (figura 242). Este conjunto foi lançado, principalmente, para comemorar a contribuição do *Reichspost* para o esforço de guerra, selo n° 805 - *Briefträgerin* (Carteira) e selo n° 807 - *Feldpost im Osten* (Correio Militar no Oriente) e, em segundo lugar, para arrecadar fundos para o empregado na previdência dos carteiros alemães.

SELO	VALOR	ESTAMPA
805	6 Pfg. + 9 Pfg.	<i>Briefträgerin</i> (Carteira – “Mulher Portadora”)
806	8 Pfg. + 12 Pfg.	<i>Postkutsche</i> (Antiga Diligência Postal)
807	12 Pfg. + 18 Pfg.	<i>Feldpost im Osten</i> (Correio Militar no Oriente)
808	16 Pfg. + 24 Pfg.	<i>Geländefahrer</i> (Corredor de Off-Road)
809	20 Pfg. + 30 Pfg.	<i>Postschutz</i> (Seção de Proteção Postal - Polícia Postal)
810	24 Pfg. + 36 Pfg.	<i>100 Segelflugwerkstätten</i> (100 Oficina de Construção de Planadores)



Figura 242 – Selo n° 805 ao Selo n° 810. Fonte: Acervo do Autor.

O selo n° 805 – *Briefträgerin* (Carteira) pode vir a representar a força feminina que, com o passar do tempo o prolongamento da guerra, principalmente no *front* russo, passou a ser convocada para as mais diversas atividades, devido à necessidade de se liberar a mão-de-obra masculina para o ingresso nas Forças Armadas e milícias regionais<sup>950</sup>. O selo n° 807 – *Feldpost im Osten* (Correio Militar no Oriente) apresenta um carteiro militar com um saco para transporte de correspondência e tem ao fundo um ônibus do *Feldpost*, Correio Militar, ou

serviço postal das unidades militares realizado por soldados treinados sob o nome de funcionários dos correios do campo militar. O Serviço Postal Militar conectava “a casa e as tropas” no campo de batalha.

Mesmo com a maciça propaganda política de incentivo ao trabalho e o controle estatal sobre os salários, estabelecido desde o início pelos nazistas ao assumirem o Estado, as necessidades básicas dos operários e suas famílias se sobressaíam em relação às necessidades do *Reich* de Hitler. Apesar de todo o esforço realizado pelos nazistas, no sentido de controlarem suas ações...

Os trabalhadores responderam com desinteresse no trabalho, absentéismo, baixa produtividade, em suma, resistência passiva. Mason informa que os operários das indústrias de material de guerra receberam recompensas salariais para aumentar a produtividade. Em vão. O nazismo não conseguiu cativar os operários para o trabalho. Sinal eloquente de que a pretendida ordem totalitária dos nazistas encontrava sérios obstáculos a seu acabamento<sup>951</sup>.

---

<sup>950</sup> Ver mais detalhes na análise realizada no Subcapítulo 3.7 OS SELOS DO REICH - Mãe Alemanha.

<sup>951</sup> LENHARO, *Ibidem*. p. 35.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os selos postais, em geral, não têm grande visibilidade social, exceto entre os filatelistas. No entanto, são portadores de discursos políticos e valores culturais extremamente expressivos. A análise iconográfica dos selos em uma pesquisa histórica permite entrever aspectos do poder político que, noutras fontes, não se apresentam de forma tão explícita. Além disso, não há dúvidas de que...

O seu processo de construção tem um início, meio e fim. Além de um valor ou função social atribuído pelo Estado, é ele quem indica a tarifa corrente às comunicações postais. Mas não apenas isso. É um artefato documental que percorre o mesmo sistema de produção capitalista como qualquer outro objeto tecnológico, provenientes dos regimes sócio-político-econômicos trazidos à tona no pretérito europeu.

O Estado, ao produzir selos postais comemorativos, contribui para a possibilidade de que ocorra um processo de assujeitamento. Os sujeitos que constituem o tecido social, particularmente aquele de interação com o regime de informação do selo postal, assumem os discursos institucionais possíveis conforme o seu trânsito. Mas, percebemos esses sujeitos como elementos participativos e atuantes do processo comunicativo. Agentes partícipes do processo discursivo<sup>952</sup>.

Este processo discursivo é organizado por símbolos e, no caso da nossa pesquisa, difundido por uma estrutura estatal extremamente aparelhada e eficiente que penetrou nas mais diversas instituições e camadas sociais, contribuindo para que o “público” se sobressaísse sobre o “privado”. Deste modo,

O nazismo consagrou um estilo político que foi se configurando ao longo do século XIX para expressar a unidade do coletivo através de mitos e símbolos da nação. No início desse século, desenvolveu-se uma liturgia que permitia a

---

<sup>952</sup> GOMES, Isaltina Maria de A. Mello; SALCEDO, Diego Andres. A comunicação pública da ciência por meio dos selos postais: o caso do Brasil no século XX. In: *Revista de Estudios para el Desarrollo Social de la Comunicación* - Redes.Com, n° 7, 2013. p. 119.

participação do povo em cada culto e por esse caminho se deu a transformação da “multidão caótica” em movimento de massa organizado<sup>953</sup>.

A proposta inicial dessa dissertação consistia em chamar a atenção para a contribuição da filatelia para a difusão da cultura política nacional-socialista na Alemanha e no mundo. Partimos do pressuposto de que a produção e emissão dos selos na Alemanha nazista se inseriam numa propaganda político-ideológica particular, composta por elementos difusos da cultura germânica e que se encontravam dispostos num discurso de coerente, mas que dirigia seu apelo muito mais à emoção que à razão.

Como pudemos observar ao longo de nosso trabalho, os selos fizeram parte do suporte necessário para a legitimação do regime totalitário, apresentando um conjunto de elementos verbo-visuais que lhes permitiram ir além da circulação dos mitos e ritos. As emissões filatélicas nazistas apresentaram uma evolução em relação ao volume de selos emitidos, mas também uma queda quantitativa significativa no ano de 1945, devido à derrocada do regime. Sua intensificação foi acontecendo ao longo dos anos, na medida em que o Nazismo se consolidava no poder e inseria sua propaganda político-ideológica no dia-a-dia dos cidadãos.

Como parte de um contexto maior, os selos tinham por objetivo oferecer uma orientação física, moral, social e psicológica aos alemães. Contribuíam para dar “vida” a um sistema que se preocupava em transformar trabalhadores em soldados, por meio de ações dissimuladas e difundidas principalmente sob a forma de projetos recreativos e esportivos.

Os símbolos analisados tiveram seus significados construídos principalmente a partir da Idade Média e aparecem ainda hoje inseridos no imaginário político-social. No caso do nacional-socialismo, foi dada precedência às manifestações relacionadas à sacralização da morte que, sujeita às variações e adequações realizadas dentro do contexto social, histórico e imaginário de sua elaboração, apresentavam estreita relação com a aceitação do regime totalitário nazista que, em grande parte, se deve ao poder de sua propaganda.

O trabalho com imagens em pesquisas históricas, que tradicionalmente não eram consideradas documentos, possibilitou a realização de estudos voltados à filatelia, o que abriu uma nova perspectiva historiográfica. Por meio dessa nova abordagem, o estudo dos selos é integrado aos discursos sobre memória/esquecimento e visto como parte do jogo de imagens que acessa dispositivos na memória do observador e, perpassando pelo recurso da escrita,

---

<sup>953</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. O nazismo e a produção da guerra. In: *Revista USP*, São Paulo, n. 26, jun./ago. 1995. p. 86.

refaz o movimento da memória. Estes registros verbo-visuais contribuíram na atualidade para que os acontecimentos passados não caíssem no esquecimento.

Neste trabalho, examinamos a dinâmica dos elementos verbais e visuais utilizados nos selos e os valores que veiculavam. Além disso, analisamos a vasta simbologia presentes nas estampas. Simbologia esta que, junto com a propaganda de massa nas suas várias formas (cinema, exposições de arte e de fotos e mesmo os cortejos militares e congressos promovidos pelo nacional-socialismo), contribuiu para a introjeção de normas de conduta e padrões de comportamento determinantes para a constante renovação e manutenção do apoio de grande parte da população alemã à organização político-social proposta pelo NSDAP. Motivos que por si só justificam o imprescindível trabalho com elementos verbo-visuais – fotografias, filmes, cartazes, selos – quando se estuda o nazismo.

O desenho, mais do que a fotografia, torna a assimilação e, conseqüentemente, a manipulação do receptor, mais fácil. Por meio de “uma incontável variedade de signos” desenhados e reunidos num reduzido espaço, os selos “[...] deixaram de ser apenas signos e [foram] transformados em veículos de transmissão de verdades estabelecidas, de significações de mundo e de sentidos socialmente construídos”<sup>954</sup>. Os nacional-socialistas, com os selos, conseguiram que seus mitos e ritos circulassem amplamente entre a população alemã e fossem assimilados sem deixar margem para ambigüidade. Tais representações deixavam transparecer um cenário “ideal”, no qual a radicalização político-ideológica era camuflada por um discurso de união nacional e pela sacralização da imagem do “Líder” em torno da criação de uma Grande Alemanha.

Conforme apresentamos no início deste trabalho, a figura de Adolf Hitler foi crucial para a legitimação do poderio nazista, já que ele era retratado como o “salvador” da Alemanha em crise. Contudo, não se fazia referência direta à sua política autoritária ou à implantação de seu regime baseado num totalitarismo que também interferia nos assuntos religiosos. Mas, não se pretende aqui discutir em detalhes a construção da imagem do *Führer*; não é este nosso foco.

Nosso objeto são as representações iconográficas e elas são imprescindíveis para nossas análises, pois ajudam na elaboração de uma imagem mais precisa sobre o regime nazista e o modo como as pessoas o viram na época, nos seus mais variados contextos. Falta, ainda, um estudo mais acurado sobre seu alcance, embora nossa pesquisa tenha demonstrado haver indícios claros de que a produção filatélica teve impacto significativo na propaganda

---

<sup>954</sup> Idem, Ibidem. p. 119-120.

político-ideológica, visto os diversos selos lançados e vendidos em ocasiões especiais, como forma de divulgação de eventos que também vieram a ser utilizados como forma de difusão dos interesses nacional-socialistas.

Reflexo disto foi o fato de que os profissionais que se dedicaram à ilustração dos selos procuraram se adequar à propaganda nazista e adotar uma linguagem popular já utilizada em outras peças de publicidade, canalizando sua percepção de maneira a permitir ao público a compreensão do seu discurso. Estas estruturas foram arranjadas de modo a massificar conceitos como o de *Gemeinschaft* (Comunidade) e *Volk* (Povo, nação ou raça) através de desenhos<sup>955</sup>. Esses termos, que num primeiro momento pareciam inócuos, quando associados à ideologia nacional-socialista tornavam-se menos inofensivos. A cultura política nacional-socialista tinha por objetivo primordial a construção de uma comunhão espiritual entre todos os “arianos”, vivos e mortos, acima e abaixo do solo sagrado no qual haviam sido criados.

Por fim, as emissões filatélicas alemãs do período estudado ao se adaptarem ao autoritarismo do nacional-socialismo acabaram servindo como mais uma fonte de legitimação de seu poder. Com isso, contribuíram diretamente para a continuidade do regime, cooperando para a construção de uma parte da memória sobre o período, trabalhando a favor e ao mesmo tempo contra o regime, contribuindo para a formação de outro tipo de memória sobre o nazismo e impedindo a ocorrência do esquecimento.

---

<sup>955</sup> BENDERSKY, Joseph W. *A History of Nazi Germany*. 2. ed. Chicago, IL: Burnham Inc., 2000.

**Fontes:**

*A Alemanha Social*. São Paulo: Empresa Editora Aurora Alemã Ltda., 1941.

Acervo filatélico particular do autor.

MEYER, Peter; MEYER, Holf Harald. *Guia de Preços dos Selos do Brasil: de 1843 a 2004*. 55. ed. São Paulo: Editora RHM Ltda., 2005.

YVERT ET TELLIER. *Catalogue de Timbres-Poste*. Cent Septième Année: Tome III – Europe de L`Ouest (1<sup>a</sup> Partie Allemagne à Grèce) - 2003. Laval, France: IMAYE, 2002.

MICHEL Briefmarken-Katalog Deutschland 1987/88. Munique: Schwaneberger Verlag, 1987.



**Bibliografia:**

ABRAHAM, Bem. *Segunda Guerra Mundial: síntese*. São Paulo: Sherit Hapleita do Brasil, 1985.

ADAM, Peter. *Art of the Third Reich*. New York: Harry N. Abrams, /Incorporated, 1992.

ALFORD, Kenneth D.; SAVAS, Theodore P. *Nazi Millionaires: The Allied search for hidden SS Gold*. Havertown, PA: Casemate, 2002.

ALMEIDA, Ângela Mendes de. *A República de Weimar e a Ascensão do Nazismo*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1999. (Coleção Tudo é História, nº 58).

ALMEIDA, Cícero Antônio F. de; VASQUEZ, Pedro Karp. *Selos postais do Brasil*. São Paulo: Metalivros, 2003.

ARENDT, Hannah. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

\_\_\_\_\_. *As Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

ARGUELHES, Delmo de Oliveira. *Sob o Céu das Valquírias: as concepções de heroísmo e honra dos pilotos de caça na Grande Guerra (1914-18)*. Curitiba: Editora CRV, 2013.

\_\_\_\_\_. Os pilotos de caça da Grande Guerra de 1914-18 e o retorno dos embates cavalheirescos: breves apontamentos sobre a autobiografia do Barão Vermelho. In: *Universitas Humanas*, UniCEUB, Brasília, v. 6, n. 1, p. 59-75, jan./jun. 2009.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE FILATELIA TEMÁTICA – ABRAFITE. *Dicionário Filatélico*. São Paulo. Disponível em: <<http://www.abrafite.com.br/dicionario1.htm>>.

AZEVEDO, Antônio Carlos do Amaral. *Dicionário de Nomes, Termos e Conceitos Históricos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

AZEVEDO, Luiz Antônio Duff; FEVEREIRO, José Luís de Sampaio Torresn; VICTOR, Mônica Lofgren. *Selos, viagens & envelopes: selos comemorativos do Brasil de 1900 a 1942: um capítulo da história postal brasileira*. São Paulo: L.A.D. Azevedo, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior).

BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Tradução de Luiz Tupy Caldas de Moura. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982. (Coleção Pensamento Político, nº 46).

BARNETT, Correlli (Org.). *Os Generais de Hitler*. São Paulo: Editora Três, 1974.

BARTOLETTI, Suzan Campbell. *A Juventude Hitlerista: história dos meninos e meninas nazistas e dos que resistiram*. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 2006.

BEEVOR, Anthony. *A Batalha da Espanha: A guerra civil espanhola – 1936-1939*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

BENDERSKY, Joseph W. *A History of Nazi Germany*. 2. ed. Chicago, IL: Burnham Inc., 2000.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (org.). *Para uma história cultural*. Tradução: Ana Moura. Lisboa: Estampa, 1998.

BETTENCOURT, d. Estevão. O Nazismo e a Igreja de 1933 a 1939. Disponível em: <<http://www.clerus.org/clerus/dati/2007-11/23-13/05NazismoIgreja.html>>.

BEZIMENSKI, L. *O Militarismo Alemão Com/Sem Hitler*. Rio de Janeiro: Saga, 1967. 2 v.

BIRCHALL, Frederick. 100,000 Hail Hitler; US Athletes Avoid Nazi Salute to Him. *The New York Times*, New York: August 1, 1936. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/learning/general/onthisday/big/0801.html>>.

BLACK, Edwin. *IBM e o Holocausto*. A aliança estratégica entre a Alemanha nazista e mais poderosa empresa americana. Rio de Janeiro: Editora, 2001.

BLOCH, Marc. *A Estranha Derrota*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BLOND, Georges. *A Agonia da Alemanha: 1944-1945*. Tradução de Augusto Souza. 4. ed. São Paulo: Flamboyant.

BRANT, Joseph E. *Segredos da Guerra Psicológica: Reminiscências da Segunda Guerra Mundial*. Editora Difusora Cultural, 1967. Edição Ridendo Castigat Mores. (Versão para e-Book). Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/guerrap.html>>.

BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II*. São Paulo: Martins Fontes, 1984. 2 v.

\_\_\_\_\_. *Escritos sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

\_\_\_\_\_. *Uma Lição de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

BRAYNARD, Frank; MILLER, William. *Fifty Famous Liners*. London: Patrick Stephens Limited, 1982.

BREPOHL, Marionilde Dias. A Alemanha no Brasil durante a Segunda Guerra. In: COGGIOLA, Osvaldo (Org). *Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico*. São Paulo: Xamã, 1995.

BROWN, Raymond J. (Ed.). *Popular Science*. New York: Popular Science Publishing Co., v. 122, number 2, p. 13, february, 1933. Disponível em: <[http://books.google.com.br/books?id=pigDAAAAMBAJ&pg=PA13&dq=Popular+Science+1931+plane&hl=en&ei=q78LTaeBEcyTnQf\\_5cHUDQ&sa=X&oi=book\\_result&ct=result&redir\\_esc=y#v=onepage&q=Popular%20Science%201931%20plane&f=false](http://books.google.com.br/books?id=pigDAAAAMBAJ&pg=PA13&dq=Popular+Science+1931+plane&hl=en&ei=q78LTaeBEcyTnQf_5cHUDQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&redir_esc=y#v=onepage&q=Popular%20Science%201931%20plane&f=false)>.

BRUIT, Héctor Herman. *O Imperialismo*. 2. ed. São Paulo: Atual/Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1987. (Discutindo a História).

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. São Paulo: EDUSC, 2004.

CALIL, Gilberto Grassi. *O Integralismo no Pós-Guerra: a formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. (Coleção História; vol. 39).

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. São Paulo, Campinas. FAPESP/Papirus. 1998.

\_\_\_\_\_. O nazismo e a produção da guerra. In: *Revista USP*, São Paulo, n. 26, jun./jul./ago. 1995.

\_\_\_\_\_. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999. p. 167-178.

CHAUÍ, Marilena. *O que é Ideologia*. 11. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos).

\_\_\_\_\_. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2000.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2009.

CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Centauro, 2007.

CLARK, Christopher Munro. *Iron Kingdom: The Rise and Downfall of Prussia, 1600-1947*. Cambridge, Mass: Belknap Press of Harvard University Press, 2006.

CLARKE, Comer. *Eichmann: o assassino de milhões*. Tradução de Tati de Moraes. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1961.

CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da Guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

COELHO, Teixeira. *Dicionário Crítico de Política Cultural*. São Paulo: Editora Iluminuras, 1997.

COHN, Norman. *A Conspiração Mundial dos Judeus: Mito ou Realidade? Análise dos protocolos e outros documentos*. São Paulo: Ibrasa, 1969.

CONTE, Arthur. *Yalta ou a Partilha do Mundo*. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1986.

CORES, Pablo Jimenez. *A Estratégia de Hitler: Raízes Ocultas do Nacionalismo/Socialismo*. São Paulo: Madras, 2006.

CORNELSEN, Élcio Loureiro. Olímpia a serviço de Germânia: a recepção da arte e da tradição olímpica da Grécia antiga no contexto dos Jogos Olímpicos de Berlim. In: *Clássica - Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos*, São Paulo, v. 19.2, jul./dez. 2006. p. 196-223.

CORNWELL, John. *O Papa de Hitler: a história secreta de Pio XII*. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.

COUTO, Sérgio Pereira. *Dossiê Hitler*. São Paulo: Universo dos Livros, 2010.

DAVIS, Brian L. *Germany Army: Uniforms and Insignia 1933-1945*. London: Arms and Armour Press, 1992.

DE GRAND, Alexander J. *Itália Fascistas e Alemanha Nazista: o Estilo "Fascista" de Governar*. São Paulo: Madras, 2005.

DICK, Harold G.; ROBINSON, Douglas H. *The Golden Age of the Great Passenger Airships: Graf Zeppelin and Hindenburg*. Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press, 1992.

DIEHL, Astor Antônio. Clio e seus artífices: repensando o fazer histórico. *OPSIS*, Departamento de História e Ciências Sociais da UFG, Unidade Acadêmica de Catalão da



DWYER, Philip G. (Ed.). *The Rise of Prussia: 1700-1830*. New York: Longman, 2000.

EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. Tradução de Luís Carlos Borges Silvana Vieira. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997.

EBERLE, Henrik; UHL, Matthias (Orgs.). *Dossiê Hitler: o Führer segundo as investigações secretas de Stalin*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Cartas para Hitler*. A história da ascensão e queda do Terceiro Reich contada de um ponto de vista inusitado. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

ELLWOOD, Sheelagh M. *Franco*. Portugal: Editorial Inquérito, 1998.

EVANS, Richard J. *A Chegada do Terceiro Reich*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

\_\_\_\_\_. *O Terceiro Reich no Poder*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

\_\_\_\_\_. *O Terceiro Reich em Guerra*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2012.

FARRAR-HOCKLEY, A. H. *Para-Quedistas Alemães: a supertropa*. Rio de Janeiro: Editora Renes Ltda., 1975.

FERREIRA, Luis Eugénio. *Um Certo Olhar pela Filatelia*. 2 ed. Edições Húmus, 2006. Disponível em: <[http://www.fep.up.pt/docentes/cpimenta/lazer/html/ebook/bfd002\\_p.pdf](http://www.fep.up.pt/docentes/cpimenta/lazer/html/ebook/bfd002_p.pdf)>.

FEST, Joachim C. *Hitler*. Tradução de Analúcia Teixeira Ribeiro e outros. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1991.

\_\_\_\_\_. *No Bunker de Hitler: os últimos dias do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

FO, Jacopo; TOMAT, Sergio; MALUCELLI, Laura. *O Livro Negro do Cristianismo: dois mil anos de crimes em nome de Deus*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

FORD, Brian. *Armas secretas alemãs: plataforma para morte*. Rio de Janeiro: Editora Renes Ltda., 1973.

FOUCAULT, Michel . *Vigiar e Punir*. 33 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

FREITAS, Ana Paula Nazaré de. *Imagens do Nazismo. Ensaio sobre uma política cultural totalitária.* In: *IX Encontro de Pós-Graduação e Pesquisa Universidade de Fortaleza*, Fortaleza, 19 e 20 de out. 2009.

GAMBINI, Roberto. *O Duplo Jogo de Getúlio Vargas.* Edições Símbolo, 1977. (Coleção Ensaio e Memória, nº 4).

GARCIA, Nelson Jahr. *O que é propaganda ideológica.* 8. ed. São Paulo; Editora Brasiliense, 1989.

GELLATELY, Robert. *Lenin, Stalin e Hitler: a era da Catástrofe Social.* Tradução de Vitor Paolozzi. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2010.

\_\_\_\_\_. *Apoiando Hitler: consentimento e coerção na Alemanha Nazista.* Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2011.

GHARIB, G. *Os Ícones de Cristo: História e Culto.* São Paulo: Ed. Paulus, 1997.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História.* São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GIORDANO, Ralph. *Wenn Hitler den Krieg gewonnen hätte: Die Pläne der Nazis nach dem Endsieg.* Köln: Kiepenheuer & Witsch, 1990.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas.* Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GLANCEY, Jonathan. *A História da Arquitetura.* São Paulo: Edições Loyola, 2007.

GLASMAN, Gabriel. *Objetivo: Caçar o Lobo.* A história real dos complôs e atentados para matar Hitler. São Paulo: Madras, 2007.

GOEBBELS, Joseph. *Diário: Últimas Anotações – 1945.* Tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1978.

GOLDENSOHN, Leon. *As Entrevistas de Nuremberg: conversas de um psiquiatra com os réus e as testemunhas.* Organização e introdução de Robert Gallately. Tradução de Ivo Korytowski. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GOLDHAGEN, Daniel Jonah. *Os carrascos voluntários de Hitler: o povo alemão e o holocausto.* São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 655p.

GOMES, Isaltina Maria de A. Mello; SALCEDO, Diego Andres. A comunicação pública da ciência por meio dos selos postais: o caso do Brasil no século XX. In: *Revista de Estudios para el Desarrollo Social de la Comunicación - Redes.Com*, nº 7, 2013. Disponível em: <<http://www.revista-redes.com/index.php/revista-redes/article/download/247/234>>.

GOODSELL, Charles T. *The Social Meaning of Civic Space: Studying Political Authority through Architecture*. Lawrence, KS: University of Kansas Press, 1988.

GOODSPEED, Donald James. *Ludendorff: Soldado: Ditador: Revolucionário*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1968.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. v. 1.

\_\_\_\_\_. *Cadernos do Cárcere*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. v. 2.

GRUNBERGER, R. *A História da SS*. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1970.

GUN, Nerin E. *Dachau: testemunho de um sobrevivente*. Tradução de Belchior Cornelio da Silva. São Paulo: Record, 1970.

GUNSTON, Bill. *Bombardeiros da 2ª Guerra Mundial*. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

\_\_\_\_\_. *Caças do eixo*. São Paulo: Nova cultural, 1991.

HAYWOOD, John. Colônia: Könnemann, 2001.

HEIGL, Peter. *Konzentrationslager Flossenbürg: in Geschichte und Gegenwart. Bilder und Dokumente gegen das zweite Vergessen*. Regensburg: Mittelbayerische Druckerei- und Verlags-Gesellschaft, 1989.

HERF, Jeffrey. *O Modernismo Reacionário: tecnologia, cultura e política em Weimar e no Terceiro Reich*. São Paulo: Ensaio/Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

HILLS, Ken. *A Primeira Guerra Mundial*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

HITLER, Adolf. *Minha luta - Mein Kampf*. São Paulo: Centauro, 2001.

HOBBSBAWM, Eric J. *A Era das Revoluções: Europa 1789-1848*. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.



\_\_\_\_\_; RANGER, Terence. (Orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOFFMAN, Heinrich. *Hitler bei dem Deutsches Turn- und Sportfest in Breslau – 1938*. München: Verlag Heinrich Hoffman, 1938.

HOPKINS, Claude. *A ciência da propaganda*. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1987.

HUNTINGTON, Samuel P. *O Soldado e o Estado: teoria e políticas das relações entre civis e militares*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército. 1996.

ISTEIGMANN-GALL, Richard. *O Santo Reich: concepções nazistas do cristianismo - 1919-1945*. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

JACKSON, Kenneth T.. *The Encyclopedia of New York City*. Second Edition. New Haven, CT: Yale University Press, 2010.

JOACHIMSTHALER, Anton. *The Last Days of Hitler: The Legends, the Evidence, the Truth*. London: Brockhampton Press, 1999.

JORGE, Fernando. *Hitler*. Retrato de uma tirania. São Paulo: Geração Editorial, 2012.

JUNG, Carl Gustav (Org.). *O Homem e seus Símbolos*. Tradução de Maria Lúcia Pinho. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1967.

KAISER, Alexandra. *Of heroes and victims: a history of the Volkstrauertags*. Frankfurt am Main: Campus Verlag, 2010. (Historische Studien, Bd. 56).

KATER, Michael H. The Reich Vocational Contest and Students of Higher Learning in Nazi Germany. In: *Central European History*, Cambridge University Press, v. 7, nº 3, sep. 1974. pp. 225-261.

KEEGAN, John. *Uma história da guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. *Waffen-SS: soldados da morte*. Rio de Janeiro: Editora Renes Ltda., 1973.

KLEMPERER, Victor. *LTI: A linguagem do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. *Hitler: um perfil do poder*. Tradução de Vera Riveiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

KINDER, Hermann; HILGEMANN, Werner; MENZE, Ernest A. *The Anchor Atlas of World History: From the French Revolution to the American Bicentennial*. 1978. v. 2.

KLADSTRUP, Don; KLADSTRUP, Petie. *Vinho e Guerra: os franceses, os nazistas e a batalha pelo maior tesouro da França*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

KLUDAS, Arnold. *Record breakers of the North Atlantic: Blue Riband Liners 1838–1952*. London: Chatham. 2000.

KURTZ, Adriana Schryver. Holocausto Judeu e Estética Nazista: Hitler e a Arquitetura da Destruição. *XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Recife, GT 23 História e Comunicação, 1998.

KUSCHNIR, Karina; CARNEIRO, Leandro Piquet. “As dimensões subjetivas da Política: cultura política e antropologia da política”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 13, n. 24, 1999.

LACOUÉ-LABARTHE, Philippe; NANCY, Jean-Luc. *O mito nazista*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

LAGO, André Aranha Corrêa do. *Estocolmo, Rio, Joanesburgo*. O Brasil e as Três Conferências Ambientais das Nações Unidas. Fundação Alexandre de Gusmão (Funag): Brasília, 2006, p. 122. Disponível em: <<http://www.funag.gov.br/biblioteca/dmdocuments/0356.pdf>>.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana S. *O que é imaginário*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2003. (Coleção Primeiros Passos, 309).

LAPOUGE, Gilles. *A Batalha de Wagram*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um Conceito Antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1997.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: UNICAMP, 2006.

LEIVA, Ricardo Jorge. *La filatelia al alcance de todos*. Buenos Aires: Editorial Hobby, 1955.

LENHARO, Alcir. *Nazismo: “O triunfo da vontade”*. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2001.

LEHRER, Steven. *The Reich Chancellery and Führerbunker Complex: An Illustrated History of the Seat of the Nazi Regime*. Jefferson: McFarland & Company Incorporated Pub, 2006.

LEVENSON, Thomas. *Einstein em Berlim*. Tradução de Sérgio Duarte. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

LOPES, José Júlio. *O artista filósofo*. A música nas querelas da modernidade. Comunicação apresentada no colóquio “A Estética a partir da Música”, promovido pela Associação de Professores de Filosofia, Câmara Municipal de Matosinhos, Lisboa, abr. 2002.

LOUREIRO, Isabel. *A Revolução Alemã (1918-1923)*. São Paulo: Editora UNESP, 2005. (Revoluções do Século 20).

LOVIN, Clifford R. Agricultural Reorganization in the Third Reich: The Reich Food Corporation (Reichsnährstand). *Agricultural History*, Agricultural History Society, v. 43, nº 4, pp. 447-462, oct. 1969.

LUKACS, John. *O Hitler da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LUR, Andreas. *Der Deutsche Turnverband in der Ersten Tschechoslowakischen Republik: vom völkischen Vereinsbetrieb zur volkspolitischen Bewegung*. Munich: R. Oldenbourg Verlag, 1988. (Veröffentlichungen des Collegium Carolinum, Band 62).

LURKER, Manfred. *Dicionário de Simbologia*. Tradução de Mário Krauss e Vera Barkow. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUZ, Enrique. “*O Eterno Judeu*”: Anti-Semitismo e Antibolchevismo nos Cartazes de Propaganda Política Nacional-Socialista (1919-1945). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História, UFMG, Belo Horizonte, 2006.

MACHTAN, Lothar. *O Segredo de Hitler: a vida dupla de um ditador*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACKAY, James. *Philatelic Terms Illustrated*. 4 ed. London: Stanley Gibbons, 2003. (Stamp Collecting Series).

MCNAB, Chris. *The SS - 1923-45: The Essential Facts and Figures for Himmler's Stormtroopers*. London: Amber Books, 2009.

MANVELL, Roger; FRAENKEL, Heinrich. *Göring*. Tradução de Paulo Násser. Rio de Janeiro: Record, 1962.

MARABINI, Jean. *Berlim no tempo de Hitler*. São Paulo: Cia das Letras, 1985.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Prefácio de Néstor García Canclini; Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MARTINS, Roberto de Andrade; SILVA, Cibele Celestino; FERREIRA, Juliana Mesquita Hidalgo; MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira (Orgs.). *Filosofia e História da Ciência no Cone Sul: Seleção de Trabalhos do 5º Encontro*. Campinas: Associação de Filosofia e História da Ciência do Cone Sul (AFHIC), 2008.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. . *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Centauro, 2002.

MAXIMIANO, C.C.; BONALUME, N. *Brazilian Expeditionary Force in World War II*. Oxford, UK/Long Island City, NY: Osprey Publishing Ltda., 2011.

MELO, Victor Andrade de; PERES, Fabio de Faria (Orgs.). *O esporte vai ao cinema*. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2005.

MICHAUD, Eric. *The Cult of Art in Nazi Germany*. Translated by Janet Lloyd. Stanford, CA: Stanford University Press, 2004.

MINERBI, Alessandra. *A História Ilustrada do Nazismo*. Tradução de Ciro Mioranza. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.

MISCH, Rochus. *Eu fui guarda-costas de Hitler - 1940-1945*. Tradução de Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

MONTINARI, Mazzino. Interpretações nazistas. Trad. Dion Davi Macedo. *Cadernos Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial, nº 7, 1999, p. 55-77.

MOORE, Albert L. *Postal Propaganda of the Third Reich*. Atglen, PA: Schiffer Publishing, 2003. (A Schiffer Military History Book).

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. Jogos Olímpicos de Berlim 1936: o uso do esporte para fins nada esportivos. In: *LOGOS: Comunicação & Universidade - Faculdade de Comunicação Social - UERJ*, Rio de Janeiro, edição nº 36, v. 19, nº 01, 1º semestre 2012.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A história política e o conceito de cultura política. In: *Anais do X Encontro Regional de História: Minas, Trezentos Anos: um balanço historiográfico*". Mariana: UFOP, 1996.

\_\_\_\_\_. O mito da conspiração judaico-comunista. In: *Revista de História*. Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, n.138, pp. 93-105, 1998.

\_\_\_\_\_. *Em guarda contra o “Perigo Vermelho”*: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002. (Estudos, nº 180).

\_\_\_\_\_. *Jango e o golpe de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Culturas Políticas na História: novos estudos*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

NASS, Daniel Perdigão. A guerra e a economia. In: *Revista Eletrônica de Ciências*, número 18, abril de 2003.

NAZÁRIO, Luiz. Reflexões Sobre a Estética Nazista. In: *Revista Cultura Vozes*. Petrópolis: Vozes, vol. 90, nº 3, 1996. p. 33-51.

\_\_\_\_\_. O eterno retorno de Leni Riefenstahl. In: *Revista Cultura Vozes*, Petrópolis: Vozes, vol. 94, nº 04, 2000. p. 9-45.

NEVES, Márcia. *A violência contra a mulher no mercado de trabalho*. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

NEUFELD, Michael J. *The Rocket and the Reich: Peenemünde and the Coming of the Ballistic Missile Era*. New York: The Free Press, 1995.

NEUMAN, Robert; KOPPEL, Helga. *The Pictorial History of the Third Reich*. New York/London/Toronto: Bantam Books, 1971.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *Assim Falou Zaratustra*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

*Os Protocolos do Sábio de Sião*. 3. ed. Tradução e Comentários Gustavo Barroso. São Paulo: Agência Minerva, 1937.

*O III Reich e o Brasil: documentos autênticos capturados na II Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Laudes, 1968. 2 v.

OBREGÓN, Emilio. *Filatelia: timbres, sellos y estampillas*. Mexico: UTEHA, 1964. 2 v.

OSTERLOH, Jörg. *Nationalsozialistische Judenverfolgung im Reichsgau Sudetenland: 1938-1945*. München: Oldenbourg Wissenschaftsverlag, 2006.

PAIVA, Marcelo Whately (Org.). *Hitler: por ele mesmo*. São Paulo: Martin Claret, 1990.

PANOFSKY, Erwin. *Significado nas Artes Visuais*. Tradução de Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009. (Coleção Debates, nº 99).

PAXTON, Robert Owen. *A Anatomia do Fascismo*. Tradução de Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. 5.ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005. (Coleção Estudos, nº 46).

PENNICK, Nigel. *As ciências secretas de Hitler*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. Cinema e Propaganda Política no Fascismo, Nazismo, Salazarismo e Franquismo. In: *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 38, p. 101-131, 2003. Editora UFPR.

PEREYRA, Alejandro de Armengol y de. *Heráldica*. 2. ed. rev. y ampl. Barcelona: Editorial Labor, 1947. (Colección Labor).

PIA, Jack. *Insígnias nazistas*. Rio de Janeiro: Renes Ltda., 1976.

PIETROFORTE, Antônio Vicente. *Semiótica visual: os percursos do olhar*, São Paulo: Contexto, 2004.

PIGNOTTI, Lamberto. *La Super-Nada: Ideologia y Lenguaje de la Publicidad*. Valência: Fernando Torres Editor, 1976.

POLIAKOV, Léon. *O mito ariano: ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos*. São Paulo: Editora Perspectiva: USP, 1974. (Coleção Estudos, nº 34).

QUEIROZ, Raymundo Galvão de. *O que é filatelia*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

RATZINGER, Joseph. *Homilias sobre os santos*. Tradução de Roberto Vidal da Silva Martins. São Paulo: Quadrante, 2007.

REES, Laurence. *Stálin, os Nazistas e o Ocidente*. A Segunda Guerra Mundial entre quatro paredes. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.

REMÒND, René (Org.). *Por uma História Política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

REVILLA, Federico. *Diccionario de iconografía y simbología*. 2. ed. corregida y aumentada. Madrid: Cátedra, 1995.

REITSCH, Hanna. *The Sky My Kingdom: Memoirs of the Famous German World War II Test Pilot*. Drexel Hill, Pa: Casemate Publishers, 2009.

RIBEIRO JÚNIOR, João. *O que é nazismo*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

RICHTER, Friedrich (Ed.). *The XITH Olympic Games - Berlin, 1936*. Official Report. Berlin: Wilhelm Limpert-Verlag, 1937. 2 v.

ROGERS, Fairman. *A manual of coaching*. Philadelphia: JB Lippincott Company, 1900.

ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Vil (Orgs.). *A Construção Social dos Regimes Autoritários*. Legitimidade, consenso e consentimento no século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. 3 v.

ROMAÑA, José Miguel. *Armas Secretas de Hitler*. Tradução de Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Madras, 2010.

ROSA, Cristina Souza da. Pequenos soldados do Fascismo: a educação militar durante o governo de Mussolini. *Antíteses – Revista do Programa de Pós-Graduação em História Social da UEL, Londrina*, vol. 2, n. 4, jul./dez. 2009, pp. 621-648.

ROSEMAN, Mark. *Os nazistas e a solução final: a conspiração de Wannsee: do assassinato em massa ao genocídio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

ROSENBAUM, Ron. *Para Entender Hitler: a busca das origens do mal*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

ROSENBERG, Alfred. *The Myth of the 20th Century*. Disponível em: <[http://www.whitehonor.com/alfred\\_rosenberg\\_the\\_myth\\_of\\_the\\_twentieth\\_century.pdf](http://www.whitehonor.com/alfred_rosenberg_the_myth_of_the_twentieth_century.pdf)>.

ROSENDORFER, Herbert. *The Night of the Amazons*. London: Secker & Warburg, 1991.

SAYER, Ian; BOTTING, Douglas. *Hitler e as Mulheres: a Vida Amorosa de Adolf Hitler*. Campinas: Verus, 2005.

SCHACHT, Hjalmar. *Setenta e seis anos de minha vida*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

SCHILPEROORD, Paul. *A Verdadeira História do Fusca: como Hitler se apropriou da invenção de um gênio judeu*. Tradução de Juliana Moura Bueno. São Paulo: Editora Alaúde, 2010.

SCHULTZE, Mary. *O Vaticano e a União Europeia*. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/88807869/4/Capitulo-4>>.

SCHÜTZ, Erhard & GRUBER, Eckhard. *Mythos Reichsautobahn: Bau und Inszenierung der "Straßen des Führers" 1933-1941*. Berlin: Links, 1996.

SCHWARTZ, Tony. *Mídia: o segundo deus*. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

SERENY, Gitta. *O Trauma Alemão: experiências e reflexões - 1938-2000*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

SILVA, Altiva Barbosa da. A Geopolítica Alemã na República de Weimar: o Surgimento da Revista de Geopolítica. In: *Estudos Geográficos*, Rio Claro, 1 (2), p. 1-15, dez. 2003.

SILVERMAN, Dan P. *Hitler's Economy: Nazi Work Creation Programs, 1933-1936*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1988.

SPEER, Albert. *Por dentro do III Reich: os anos de glória*. 3. ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1971.

\_\_\_\_\_. *Por dentro do III Reich: a derrocada*. 2. ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1971.

SHIRER, William L. *Ascensão e Queda do III Reich*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. 4 v.

SIGOLI, Mário André; DE ROSE JUNIOR, Dante. A história do uso político do esporte. In: *Revista Brasileira de Ciência e Movimento - UCB*, Brasília, DF, v. 12, nº 2, jun. 2004. p 111-119.

SNYDER, Louis L. *Encyclopedia of the Third Reich*. New York: Marlowe & Company, 1976.

SPOERER, Mark; STREB, Jochen. *Guns and Butter - but no margarine: The impact of Nazi economic policies on German food consumption, 1933-38*. Paper preparado para o XIV International Economic History Congress, Helsinki, Finland, 21 to 25 aug. 2006. Disponível em: <<http://www.helsinki.fi/iehc2006/papers3/Spoerer85.pdf>>.

SWEETING, C. G. *O Piloto de Hitler*. A vida e a época de Hans Baur. Tradução de Elvira Serapicos. São Paulo: Jardim dos Livros, 2011.



\_\_\_\_\_. *Hitler's Squadron: the Fuehrer's personal aircraft and transport unit. 1933-45.* Washington, D.C.: Brassey's, 2001.

SZKLARZ, E. O fascínio do nazismo. In: *Super Interessante*. São Paulo: Abril Cultural, ed. 215, p. 36-46, jul. 2005.

TAYLOR, Blayne. *Hitler's Engineers: Fritz Todt and Albert Speer - Master Builders of the Third Reich*. Havertown: Casemate Publishers, 2010.

TAYLOR, James; SHAW, Warren. *The Third Reich Almanac*. New York: World Almanac, 1987.

TAYLOR, Robert R. *The Word in Stone: The Role of Architecture in the National Socialist Ideology*. Berkeley, CA: University of California Press, 1974.

TCHAKHOTINE, Serge. *A mistificação das massas pela propaganda política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

TOLSTOY, Nikolay. *A Noite das Longas Facas*. Rio de Janeiro: Editora Renes Ltda., 1972.

TREVOR-ROPER, H. R. *Os últimos dias de Hitler*. Tradução de José B. Mari. 3. ed. São Paulo: Flamboyant.

TROCHE, Horst. *Die Baureihe 03: Die leichte Einheits-Schnellzuglokomotive der Deutschen Reichsbahn-Gesellschaft*. Freiburg: EK-Verlag, 2006.

VAHRENKAMP, Richard. *The German Autobahn, 1920-1945: Hafraba Visions and Mega Projects*. Lohmar: Eul Verlag, 2010.

VINCENT, Andrew. *Ideologias políticas modernas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

VIRILIO, Paul. *Guerra e Cinema*. São Paulo: Página Aberta, 1993.

VITKINE, Antoine. *Mein Kampf: A história do livro*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

WEBER, Max. *Ciência e Política: duas vocações*. São Paulo: Martin Claret Editora, 2001. (A Obra-Prima de Cada Autor).

\_\_\_\_\_. *Economia e sociedade*. Brasília: Editora da UNB, 2009. 2 v.

WEISS, Sheila Faith. *Race Hygiene and National Efficiency: The Eugenics of Wilhelm Schallmayer*. Berkeley: University of California Press, 1987. Disponível em: <<http://ark.cdlib.org/ark:/13030/ft596nb3v2/>>.

WEIGLEY, Russell F. *Novas Dimensões da História Militar*. Rio de Janeiro: BIBLIX, 1982. 2 v.

WHALEY, Joachim. *Germany and the Holy Roman Empire: Volume II: The Peace of Westphalia to the Dissolution of the Reich, 1648-1806*. Oxford University Press, 2011.

WIRES, Richard. *Terminology of the Third Reich*. Muncie, Indiana: Ball State University, 1985.

YOUNG, William. *German Diplomatic Relations 1871-1945: The Wilhelmstrasse and the Formulation of Foreign Policy*. Lincoln, NE: iUniverse, 2006.

*Yvert et Tellier: Cent ans d'histoire*. Amiens: Yvert et Tellier, 1996.

ZIEGLER, Jean. *A Suíça, o Ouro e os Mortos*. Rio de Janeiro: Record, 1999.